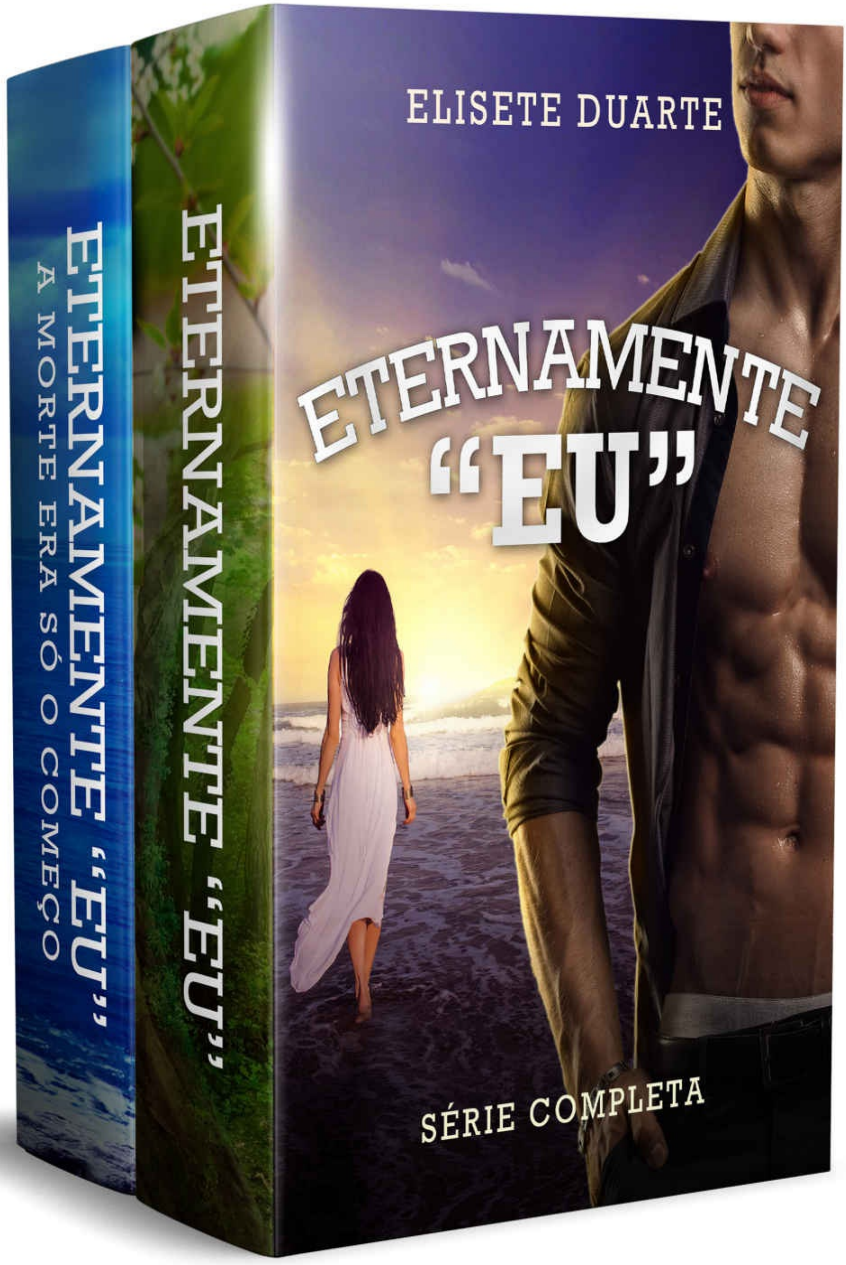

ELISETE DUARTE
ETERNAMENTE "EU"
SÉRIE COMPLETA
ETERNAMENTE "EU"
ETERNAMENTE "EU"
A MORTE ERA SÓ O COMEÇO

Copyright © 2016 Elisete Duarte

ETERNAMENTE EU

Capa: Renato Klisman
Beta Reader: Renata Margaria
Revisão: Sheila Mendonça – 1ª. edição - 2015
Revisão Final e Copidesque: Carla Santos – 2ª. edição – 2016

ETERNAMENTE EU: A MORTE ERA SÓ O COMEÇO

Capa: Thais Lopes
Beta Reader: Renata Margaria
Revisão e Copidesque: Carla Santos

http://www.eliseteduarte.com.br
https://www.facebook.com/eliseteduarte01

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e

acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ele impresso, digital, áudio ou visual, sem a expressa autorização da autora sob penas criminais e ações civis.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Eternamente Eu

- Prólogo
- Capítulo Um
- Capítulo Dois
- Capítulo Três
- Capítulo Quatro
- Capítulo Cinco
- Capítulo Seis
- Capítulo Sete
- Capítulo Oito
- Capítulo Nove
- Capítulo Dez
- Capítulo Onze
- Capítulo Doze
- Capítulo Treze
- Capítulo Quatorze
- Capítulo Quinze
- Capítulo Dezesseis
- Capítulo Dezessete
- Capítulo Dezoito
- Capítulo Dezenove

Eternamente Eu: A Morte era só o Começo

- Prólogo
- Capítulo Um
- Capítulo Dois
- Capítulo Três
- Capítulo Quatro
- Capítulo Cinco
- Capítulo Seis
- Capítulo Sete
- Capítulo Oito
- Capítulo Nove
- Capítulo Dez
- Capítulo Onze
- Capítulo Doze
- Capítulo Treze
- Capítulo Quatorze
- Capítulo Quinze
- Capítulo Dezesseis
- Capítulo Dezessete
- Capítulo Dezoito
- Capítulo Dezenove
- Capítulo Vinte
- Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois
Biografia
Contato
Outras obras

Queridos leitores!

Gostaria de agradecer a cada um de vocês pelos carinhos que venho recebendo.

Com certeza, sem vocês, nada disso teria acontecido.


ETERNAMENTE
"EU"
ELISETE DUARTE

PRÓLOGO

Não sei se é mesmo o destino que tudo comanda em nossa vida, ou se somos nós os únicos responsáveis por ele, cabendo-nos assumir o seu comando. A dúvida ainda persiste, e não sei bem se acredito que ao nascermos recebemos um destino implacavelmente traçado, ou se durante o percurso da vida as nossas atitudes se encarregarão de defini-lo, passo a passo.

Capítulo Um

Fechei meus olhos rapidamente na tentativa de manter o equilíbrio, eu só podia mesmo contar com o tempo, só ele poderia curar a ferida que foi aberta, ciente de que as cicatrizes permaneceriam para sempre.

Levei a xícara de café aos lábios sem levantar a cabeça, eu não estava em condições de encarar os olhares especulativos dos meus pais, pois sabia que ambos estavam acompanhando cada movimento meu na mesa do café. Não me importei com isso, aliás, eu não me importava com mais nada até ouvir os gritos desesperados do Chris me chamando lá fora.

Chris! Fechei os olhos com força e os abri de novo, fitando meus pais para ter certeza se era real ou apenas fruto da minha imaginação. Ambos me olhavam, surpresos. Então fechei os meus olhos enquanto ouvia o desespero do Chris.

— Lucy, abre a porta, eu preciso falar com você... — De súbito levantei da mesa, corri para a sala e parei em frente à porta ofegante, trêmula e nervosa. Fiquei em dúvida pensando se realmente deveria agir daquela

maneira, se seria um caminho correto cair em seus braços sempre que ele me procurasse. Eu não poderia me render novamente, teria que ser forte e dizer adeus de uma vez por todas.

— Fale com ele, filha — pediu minha mãe vindo da cozinha, eu virei a cabeça e fixei o meu olhar nela.

Vi um olhar de apoio me incentivando, diferente do olhar contrariado do meu pai ao seu lado, que balançava a cabeça em sinal negativo. O meu coração agitado gritava por ele, mas eu não queria contrariar o meu pai, mesmo porque ele estava coberto de razão. Então respirei fundo buscando a coragem perdida em algum lugar dentro de mim e não a encontrei. Eu não conseguia mandá-lo embora.

Levantei um pedaço da cortina, ao lado da janela da porta, e pude vê-lo em pé, diante da porta, com as duas mãos na cintura e de cabeça baixa. Estava tão abatido que partiu o meu coração, soltei a cortina e fechei os olhos rapidamente, antes que eu abrisse aquela porta para me jogar em seus braços.

— Por favor, Lucy, abra esta porta! — ele gritava ainda mais alto e minha mãe correu e colocou a mão no trinco, mas eu a impedi.

— Não abra esta porta, mãe. — Acho que ele ouviu a conversa e bateu com força contra a madeira.

— Eu sei que está aí, por favor! Por favor, abra a

porta! Eu preciso falar com você! — O tom triste de sua voz despedaçou meu coração. Voltei a levantar a cortina, ele deslizou a mão para baixo do batente até a campainha e afundou o dedo e, em seguida, o som estridente ecoou por toda a casa.

— Deixe-o entrar, Lucy, senão vai incomodar a vizinhança — pediu meu pai. Tive que me segurar com a porta se abrindo e vê-lo com o rosto pálido, fez o meu coração se torcer em agonia.

— Você não pode sair assim da minha vida, sem uma explicação, sem um por quê. — Ele atravessou a porta e parou em minha frente, olhando no fundo dos meus olhos.

Capítulo Dois

Dois meses antes...

Eu não preguei os olhos a noite inteira, amanheceu e eu permaneci acordada, mesmo com todas as tentativas de tentar pegar no sono. Apaguei a luz e o quarto mergulhou na escuridão. Suspirei profundamente, fechei os olhos, mas o sono não vinha, perdi a conta de quantas vezes me virei de um lado ao outro na cama. Fiz exercícios de respiração, tentei de tudo e nada, eu simplesmente não dormi.

Minha mente era um fio emaranhado de pensamentos e emoções, sentia um medo avassalador que deixou meu coração disparado em meu peito e minha respiração ofegante durante todo o tempo em que estava naquela cama. Eu me sentia apavorada com a prova de matemática, pois eu sabia que não ia conseguir um dez, e qualquer outra nota menor não resolveria o meu problema, me levaria à recuperação e isto significava um ponto-final. E sentia um medo ainda maior do desgosto que ia causar aos meus pais, e de como eu poderia dar-lhes uma

notícia como esta.

Acho que, no fundo, o que eu sentia mesmo era um denso remorso resultante da minha covardia, eu tinha a obrigação de contar a verdade para os meus pais. Eles, mais do que qualquer pessoa nesse mundo, mereciam a minha sinceridade.

Mesmo sabendo que a notícia que eu tinha para lhes dar causaria um enorme choque, ser sincera é o mínimo que eu deveria fazer, já que eles depositaram total confiança em mim e acreditavam que eu havia feito a coisa certa. *Não desta vez.*

Ontem, pela manhã, enquanto tomávamos café juntos, à mesa, antes de sair para o colégio, tive a oportunidade de dizer a verdade e esclarecer de uma vez por todas os tormentos que não me deixavam dormir e me acovardei, me faz sentir um remorso imenso que chega doer o meu coração.

Durante o café, começou o maior falatório. Os meus pais estavam fazendo planos para o meu futuro. A minha mãe particularmente insistiu em me dar uma festa de aniversário de 18 anos que seria a dois dias. Dizer que eu não estava a fim de fazer uma festa, seria mentira, afinal de contas qual era o jovem que, ao ficar maior de idade, não gostaria de reunir os amigos, pelo menos, os mais próximos, e comemorar um dia tão importante, ainda mais diante de uma nova fase?

Eu não estava com cabeça para festas, até havia me esquecido da data. Tanto que foram os meus pais que me lembraram. Tudo o que eu conseguia pensar era na prova, na média alta para me livrar da recuperação.

O aperto em meu peito intensificou à medida que os dois conversavam animadamente sobre a importância dos 18 anos. Enquanto ouvia as palavras deles no intuito de me convencerem, eu oscilava meu olhar entre os dois e, ao mesmo tempo, me remoía, nervosa. O único sentimento dentro de mim naquele momento era o medo do que me aguardava, a recuperação iria mudar totalmente o rumo da minha vida e, de quebra, magoar os dois. Mas estava ali, diante de mim, a chance de me abrir com eles, compartilhar a minha angústia, dizer logo a verdade...

Eu não estava com coragem de contar a eles que o tempo passou por mim tão rápido quanto o vento, que custou a minha percepção e por isso eu não percebi que ele levou todas as oportunidades que tive em organizar as notas.

Sempre foi tão fácil, eu tirava de letra os estudos, tanto que meus pais não me cobravam, mesmo eu sendo uma desordeira, sempre deixava o meu quarto na maior bagunça, mas para os dois os meus estudos eram muito mais importantes do que qualquer outra coisa.

Eu não sabia o que havia acontecido comigo nestes últimos meses. Aliás, eu acho que sabia, tinha que assumir

os meus erros, aprender a ter responsabilidades, pois o tempo me cobrava. Eu fui uma desleixada sim... Relaxei. Não havia dúvida alguma em relação a isso.

Experimentei neste período um vazio profundo, não via sentido na minha vida, comecei a vê-la de uma maneira diferente, era como se os valores que sempre foram importantes para mim, de uma hora para a outra, perdessem o seu peso e quando tentava sair me sentia sufocada, como se estivesse a ponto de explodir por dentro, era difícil de explicar este sentimento, mas era mais ou menos como refletir sobre tudo o que fiz até agora. Que todo o esforço vivido não teve sentido, que nada do que fiz foi necessário, como se não houvesse futuro para mim. Sentir isso era angustiante. Talvez fosse apenas uma fase.

Mas agora eu sentia o peso do meu tropeço, se eu pudesse voltar no tempo alguns meses antes, faria tudo diferente.

O máximo que consegui dizer depois de minha mãe ficar me olhando com os olhos especulativos e esperançosos, tirando-me do momento reflexão, foi afirmar que não era necessário fazer festa, e que nós poderíamos comemorar com uma pizza em família. Mesmo assim, ela insistiu, mergulhada na ilusão de que eu ainda era a melhor filha do mundo, o geniozinho da família, e que soube aproveitar as melhores oportunidades que a vida me deu.

— Por favor, mãe, não insista... — Minha voz saiu baixa com o nó que se formou em minha garganta fazendo os meus olhos encherem de lágrimas. Ela levantou a sobrancelha desapontada e aquilo acabou comigo. Eu sabia que ela e o papai faziam de tudo para me deixar feliz, então antes que as lágrimas explodissem, respirei fundo e me levantei da mesa.

— Tudo bem... — ela disse entredentes ao me levantar, recolheu as xícaras sobre a mesa e se levantou em seguida, rosnando e levando-as até a pia. Percebi sua contrariedade e mesmo assim eu fiquei em silêncio, queria esquecer aquele assunto.

— Eu também não sei por que você não reúne os seus amigos num dia tão especial, Lucy, a gente só completa 18 anos uma vez na vida. Você vai ver, essa fase passa tão rápido e deixa saudade — disse meu pai pegando a maleta sobre a cadeira vazia ao seu lado e beijou minha testa.

Senti um arrepio pelo corpo ao pensar no porquê de não querer a festa, mas eu simplesmente mudei de assunto e ainda bem que encerrou, pois todos nós estávamos em cima da hora.

— Então, eu vou de ônibus hoje, pai?

— Só hoje, meu bem... — Ele saiu em direção à garagem e eu fui para o ponto de ônibus.

O meu pai me levava à escola todas as manhãs, mas ontem em especial ele ia visitar um cliente e o endereço

era no lado oposto ao colégio. Essa visita veio até a calhar porque assim ele esqueceria a história de festa... Pelo menos, por enquanto. Eu não me sentia merecedora, não me esforcei o suficiente durante o ano escolar para que os meus pais gastassem dinheiro comigo com uma festa. Eu precisava encontrar a coragem perdida dentro de mim e contar logo o meu fracasso, embora eu ainda fosse fazer a última prova de matemática, mesmo assim não estava tão confiante que conseguiria passar sem a recuperação. Eu estava muito preocupada e atormentada.

Via a noite lá fora, através da cortina de seda branca transparente, ouvia o coro dos sons que atravessava a janela e quebravam o silêncio da noite... Ao fechar os olhos, eu tinha a impressão de poder tocá-lo. O silêncio deveria ser confortador ou até mesmo solitário, e não perturbador.

Com um suspiro tenso eu me virei e afundei minha cabeça no travesseiro e fiquei ali perdida com o olhar fixo no teto. Eu me sentia um total fracasso. Onde eu conseguiria uma oportunidade dessas novamente? Meus pais sempre sonharam com um futuro brilhante pra mim. Confiaram cegamente em meu potencial e ainda tinham o maior orgulho em dizer aos amigos que eu era uma das primeiras alunas do colégio. Mas isso foi lá atrás... Infelizmente.

Abracei forte o meu travesseiro, pressionando-o sobre o meu peito, o sol já havia nascido e eu fiquei

olhando os seus raios passarem pela cortina. Fechei meus olhos por instantes pensando que não havia saída, eu deveria enfrentar a realidade, dar o máximo de mim, afinal eu ainda tinha mais uma chance. Estava claro que o grau de dificuldade era imenso, considerando o padrão do Colégio Dante Batiston. Mesmo assim, eu deveria considerar que talvez o impossível fosse possível.

Eu não podia omitir algo tão grave assim dos meus pais, eu não tinha esse direito.

O meu coração quase saiu pela minha boca quando saí dos meus devaneios e os meus olhos pousaram sobre o relógio na parede, logo acima da porta. Na mesma hora saltei da cama em direção ao banheiro ao ver marcando 6h35 da manhã, o banho teria que ser *vapt-vupt*. Estava bem atrasada. Embaixo do chuveiro firmei o meu pensamento positivo na nota 10, quem sabe?

Entrei na cozinha recém-reformada por minha mãe, toda a parede foi revestida com piso branco, a bancada era de granito branco, os armários e banquetas também, a mesa era da mesma cor onde minha mãe conversava qualquer coisa relacionada à escola com o Juninho, meu pai não estava à mesa e a porta que dava acesso à garagem estava aberta. Minha mãe levantou a cabeça em minha direção ajeitando os cabelos castanho-escuros na altura do ombro que caíam sobre sua face, seus lindos olhos verde-azulados de felina decorados com cílios enormes sorriam para mim. Eu me orgulhava de ter

nascido com os mesmos olhos dela e a cor dos cabelos, só que os meus cabelos chegavam quase à minha cintura, do meu pai eu puxei os lábios grossos, agora o Juninho é todo o meu pai. Cabelos loiros, olhos castanho-claros, até a pele dos dois é bronzeada, com um dourado lindo, o Juninho ganhou aquele bronzeado das piscinas das casas dos amigos ricos, enquanto meu pai foi trabalhando duro embaixo do sol quente.

O senhor Pablo era um patrão superexigente. Isso chegava a ser exagerado, tinha horário para entrar, mas não para sair. Muitas vezes deixamos até de fazer as refeições à noite em família. E quando o coitado chegava, eu e o Juninho já estávamos dormindo. Perguntei para a minha mãe o que eu já sabia.

— O papai... Onde ele está?

— Esperando a senhorita no carro... — ela ironizou.

Fiquei apavorada e cruzei a cozinha mais que depressa, e minha mãe me fez parar antes de sair:

— Come alguma coisa, menina, não pode sair de casa com o estômago vazio — disse ela em tom de bronca já vindo em minha direção com uma maçã e me entregou. Meu estômago roncou quando meus olhos fixaram na fruta.

— Obrigada, mamãe — agradeci agarrando a fruta lhe dando uma suculenta dentada. — Nossa, estava com fome e não sabia. — Ela sorriu balançando a cabeça levemente.

— Você e esta sua mania de acordar, atrasada — disse enquanto voltava para a mesa.

Eu fiquei ali, parada à porta, apreciando a fruta que me esqueci do meu pai.

— Ainda vai matar o seu pai de nervoso, Lucy.

— Ah, é mesmo! — Virei a cabeça, saindo.

— E vê se come alguma coisa na cantina da escola! — ela gritou quando eu cruzei a porta em direção à garagem. Eu não consegui responder, assim que os meus olhos pousaram no meu pai dentro do carro com a porta do passageiro aberta batucando no volante com os dedos, eu perdi o fôlego. Ele nem olhou para mim e continuou sério com a cara fechada até que eu entrasse no carro.

— Bom dia, pai! — eu falei jogando minha mochila e algumas folhas soltas de anotações no banco traseiro fechando a porta do carro em seguida.

— Bom dia — ele respondeu seco com os olhos fixos na saída, ligou o carro e saiu da garagem com o portão já aberto.

— O que foi, pai? — perguntei, embora já soubesse bem o motivo da carranca, como minha mãe disse, mais uma vez eu havia acordado em cima da hora e, como de costume, ficaria lhe pressionando para que fosse mais rápido. Ele ficava possesso com isso.

— Eu não sei quando a mocinha vai aprender a

acordar mais cedo. Não é possível que todos os dias sejam a mesma coisa. Você precisa ter compromisso...

— Desculpa, pai... — respondi com sinceridade, eu sentia pelo atraso, pela minha omissão, por tudo.

Enquanto ele saía com o carro, eu fiquei ali me perguntando o que deu errado, por que eu tinha deixado chegar até aquele ponto? Senti um aperto no peito misturado ao sentimento forte de medo, de imaginar a reação dele, caso eu não conseguisse uma nota suficiente para me livrar da recuperação. Eu me odiei neste momento ao pensar que eu deveria ter ligado o alarme, ter previsto que com o horário que fui dormir seria humanamente impossível acordar sem a ajuda do despertador. Mais um agravante... Encolhi-me no banco e comecei a rezar para chegar a tempo de entrar na sala, porque, em dias de provas, os professores fechavam a sala dez minutos após o sinal e ninguém mais conseguia entrar.

Eu e o meu irmão de 14 anos, o Juninho, éramos bolsistas na Escola Dante Batiston, uma escola que ficava próxima à Avenida Paulista, em São Paulo. Um colégio só de bacanas, e nós estudávamos lá graças à generosidade do patrão do meu pai, o Senhor Pablo, dono da Construtora Caster. Durante a festa de confraternização da empresa, ele simpatizou muito comigo. Enquanto eu

participava de uma gincana de conhecimentos gerais me destaquei e acertei quase todas as perguntas.

Foi fácil para mim, pois a minha vida sempre foi estudar muito e o que contou muito também foi o fato de eu amar ler. Eu simplesmente lia de tudo: revistas, jornais, além de assistir aos noticiários com o meu pai, enfim, eu estava por dentro de todas as manchetes do dia. O Senhor Pablo ficou encantado, disse que com a minha inteligência e os conhecimentos que eu tinha, eu deveria estudar em um bom colégio. Com o bom relacionamento que tinha com a Escola Dante Batiston, a escola em que o seu filho, Chris Caster, estudava, ele conseguiu duas bolsas de estudos.

Agarrei a oportunidade com força e me dediquei de corpo e alma aos estudos, logo me destaquei nas notas e passei a fazer parte de um grupo seleto de pessoas hiperdotadas, era desse jeito que os professores me chamavam, além de exemplar e brilhante.

Exagero, claro! Eu não tinha nada de aluna superdotada, e sim esforçada. A minha vida era estudarmuito... Não tirava os olhos dos livros, ainda mais com a chance de estudar no colégio dos bacanas em que a elite paulistana era predominante. Claro que eu fazia questão de ser o destaque da turma. A bolsa era semestral e só continuaria com aprovações diretas, ou seja, sem pegar nenhuma recuperação. Esta era a razão de eu temer tanto a recuperação. E justamente agora que eu estava no penúltimo semestre do terceiro ano do ensino médio fui

colocada à prova da minha inteligência. “Burra!”.

A inteligência passou a quilômetros de distância de mim, deixei tudo para a última hora. Isso não deveria ter acontecido comigo, ainda mais conhecendo o grau de dificuldade das disciplinas do Colégio Dante Batiston, que era referência em todo país.

Sentia-me perdida... Estar por um fio de perder a minha tão sonhada bolsa me deixava apavorada. Conforme as normas da bolsa, eu seria convidada a me retirar do colégio e não poderia reclamar, porque, quando meus pais assinaram o documento referente às informações e exigências, estas estavam bem claras e especificadas em cada regra nas cláusulas. E assim, infelizmente, teria que migrar para um colégio público, já que as mensalidades estavam muito, mas muito acima da minha realidade, o meu pai até que não ganhava mal, mas pagar uma mensalidade desse colégio estava fora de cogitação.

Era desanimador pensar em tudo isso...

Olhava a paisagem passar pelo vidro do carro, o dia estava lindo, sem nuvens no céu destacando o azul límpido. Abri o vidro para sentir o leve calor do sol, ainda tímido, e a leve brisa tocou meu rosto refrescando a quentura que sentia subir em minha cabeça. Era lindo ver todas aquelas imagens.

Fiquei imaginando que o dia teria tudo para ser

perfeito se não fosse o aperto que sentia no meu peito causando uma forte emoção. Senti meus olhos marejarem e algumas lágrimas quentes rolarem pelo meu rosto. Olhei para o meu pai de rabo de olho enxugando-as disfarçadamente, ele estava sério, concentrado no trânsito, e eu na mesma sintonia, calada, enquanto o medo terrível tomava conta de mim na expectativa do que me esperava para logo mais.

E para piorar ainda mais o meu estado de espírito, quando entramos no início da Avenida Paulista, uma das ruas mais conhecidas de São Paulo, o meu desespero completou-se. Embora eu quisesse reclamar do trânsito (afinal, quem não reclama?), eu fiquei calada, não tinha coragem de abrir a minha boca, e assim assumia toda a culpa. Então, sofri em silêncio, completamente desanimada, descrente com o trânsito infernal daquela manhã. Carregava em mim um peso, que parecia um caminhão. O meu futuro estava em jogo. Era tudo ou nada.

Estava tudo parado, o que era comum em horários de pico na cidade de São Paulo, mas, dessa vez, o trânsito havia superado todos os outros dias. A poluição sonora causada pelas buzinas insistentes me deixava ainda mais nervosa. Olhei para o relógio em meu pulso e a minha ansiedade aumentava junto com as batidas do meu coração. Já estava quase na hora da temida prova. Meu pai percebeu a minha aflição e explodiu com a sua voz áspera:

— Não adianta reclamar agora, Lucy! — De cantinho pude perceber os vincos em sua testa e afundei-me no banco.

Um tremor tomou conta do meu corpo ao concordar com o silêncio de meu pai, ele estava mais do que certo, eu não tinha o direito de reclamar. Fui eu que procurei toda essa situação e deixei tudo chegar a esse ponto. Fechei os meus olhos rapidamente a fim de encontrar o equilíbrio, mas uma falta de ar repentina levou a uma ardência no meu peito que me fez levar a mão ao tórax. O suor descia por minha testa à medida que eu fazia o exercício de respiração. Respirei fundo uma, duas, três, quatro vezes e, finalmente, a tensão que começou a tomar conta do meu corpo foi cedendo e perdendo suas forças, por fim eu consegui me acalmar.

Percebi que ele olhou para o relógio em seu pulso e, em seguida, desviou o olhar para mim, revirei os olhos em sua direção e me deparei com um olhar reprovador que me fez estremecer com um medo tremendo, pois eu já imaginava que viria uma bronca daquelas, até estava estranhando o silêncio até agora.

— Mas agora vamos falar sério, mocinha. — Ele desviou rapidamente para mim e retornou o olhar para frente. — Eu quero que você prometa que vai levantar quinze minutinhos mais cedo a partir de amanhã — proferiu secamente, embora com ironia. —, conhece bem o trânsito desta cidade. A culpa de a gente estar atrasado,

você sabe exatamente de quem é!

Coitado do meu pai... Acho que ele não aguentava mais me dizer a mesma coisa sempre... Mordi o canto da boca, apavorada, ele tinha toda razão, pisei muito na bola e por esta razão era a única culpada por tudo... Seu olhar ficou distante depois que concordei com a cabeça, deduzi que não era só pelo serviço, que o deixava esgotado, mas também porque ele e minha mãe tinham discutido na noite anterior. Eles achavam que eu e o Juninho não tínhamos ouvido o calor da discussão. Como eles sempre eram discretos quando queriam discutir a relação, ou algo assim, se fechavam no quarto e não mais ouvíamos suas vozes. Acredito que eles achavam que a gente estava cochilando, mal sabiam que a gente estava no corredor e com os ouvidos grudados na porta.

A discussão foi por causa da construtora, sobre a promoção de trabalho do papai. Subiu o cargo, como também a carga horária de serviço. A minha mãe cobrou a ausência dele. Ela nunca reclamou, mas eu sentia que ela estava triste, sempre choramingando pelos cantos da casa. Ela sentia falta do meu pai. Nós realmente tínhamos poucos momentos em família. Papai andava sempre preocupado com seu trabalho e nos deixava em segundo plano.

Dei mais uma olhada para o lado do meu pai, que continuava com o olhar distante, pensando que eu não deveria esconder algo tão importante assim dele. “Então

vamos lá!", pensei. Voltei o olhar para frente, suspirei fundo, contei até dez, ainda estava em pânico, então rezei um pai-nosso e uma ave-maria, trêmula dos pés até a cabeça e fui direto ao ponto. Quando eu decidi abrir a boca para começar o relato, ele virou a cabeça para o meu lado como se pressentisse a minha aflição e abriu um sorriso confortante, me encorajei.

— Pai, eu tenho algo muito chato para te contar... — Ele desviou o olhar em minha direção rapidamente e voltou para frente, seu semblante ficou sério, percebi sua preocupação, mesmo assim fui até o fim. — Se eu não chegar a tempo de entrar na sala, antes do professor fechar a porta, e se eu não conseguir uma nota boa de matemática estou ferrada. — Fechei os olhos quando ouvi a sua respiração ofegante como se tivesse visto um fantasma.

Eu sabia que a respiração significava nervosismo, era bem típico dele, mas, para a minha surpresa, tudo continuou em silêncio dentro do carro, tirando os ruídos pesados de sua respiração e as batidas fortes do meu coração que eu era capaz de ouvir... Abri os olhos devagar, sem levantar a cabeça, e olhei de lado em sua direção dando um pulo quando ele perguntou com a voz exasperada:

— Qual seria exatamente esta nota? — Pensei um pouco e resolvi falar a verdade logo, caso eu não conseguisse já estaria tudo esclarecido.

— Estou em pânico, pai, preciso de *muitaaa* nota na prova de matemática. — Suspirei. — Na verdade, preciso de um dez... — completei, trincando os dentes, enquanto ele continuava me olhando de canto do olho com aquele olhar apavorante de severo que só ele sabia fazer. Mesmo assim me senti aliviada...

— Você está de brincadeira, filha. Só pode ser mentira... — Ele balançou a cabeça decepcionado e voltou a olhar para frente, mas a buzina insistente me salvou.

Ufa! Fechei os olhos com força. Neste momento, meu pai estacionou o carro em frente ao colégio. Em seguida, eu peguei apressada minha mochila no banco de trás, os vários papéis de anotações que ficaram soltos, e abri a porta do carro, mas quando ia descer, ele quase gritou:

— Agora eu entendi porque a senhorita falou ontem que não queria festa de aniversário. — Seu tom de indignação cortou meu coração. Nunca foi minha intenção decepcionar os meus pais, nunca... — Olha lá, hein, Lucy, dá um jeito agora para recuperar a nota, você teve tempo suficiente para deixar as coisas em ordem. Sabe muito bem o que vai te acontecer se você ficar para recuperação, não sabe? — alertou-me com a cara fechada que eu estremeci e concordei com a cabeça.

E como sei!

Em seguida, fechei a porta enquanto ele saiu cantando

com os pneus do carro.

Fiquei muito mal com tudo aquilo, triste em deixá-lo nervoso, eu sabia que poderia refletir no serviço como se já não bastasse a pressão que ele sofria naturalmente por parte do patrão. Mas ele tinha razão, um dos motivos que me levou a não querer comemorar meu aniversário era justamente esta indecisão do meu futuro, da pisada feia na bola que eu dei, e não era só por este motivo. O fato de eu estudar em um colégio onde só tinham alunos ricos me levou também a esta decisão. Apesar de me dar bem com muitos deles, frequentar as mesmas festas, reuniões, viagens, enfim, eu não me sentia confortável em levá-los à minha casa, por achar simples demais diante das mansões que eu frequentava. A não ser a Clarinha, ela era a minha melhor amiga e tanto eu quanto ela frequentávamos a casa uma da outra como amigas inseparáveis. Mas ela era uma pessoa extremamente simples e ficava muito à vontade em minha casa.

Só havia uma entrada no Dante Batiston, era grande e havia uma guarita onde ficavam os inspetores de alunos, e já estava fechado. Acenei para o homem baixo, careca e rechonchudo para abrir o portão. Ele era novato no colégio, por isso eu ainda não sabia o seu nome, ele fez careta para mim. *Só falta ele não querer abrir este portão.* Sorri aliviada quando ele se levantou sério de sua cadeira para abrir o portão, suspirei fundo e agradeci entrando rapidamente.

Capítulo Três

Logo após um pequeno corredor estava o amplo pátio, ao fundo uma escadaria que levava ao andar superior onde estavam as salas de aula. Logo, ao lado esquerdo de quem saía do corredor, ficava a lanchonete e o refeitório da escola, e à direita do corredor os banheiros e a sala da secretária, diretoria e a biblioteca. Uma escola bem ampla e organizada.

Assim que meus pés tocaram o chão sólido de concreto pintado de verde, meus olhos olharam em volta e não vi ninguém, então me desesperei, meu coração quase parou. A ausência de alunos por ali significava que todos já estavam na sala de aula e com as portas trancadas. Parecia que já era o meu fim. O desânimo tomou conta, mas eu não podia esmorecer, tinha grandes batalhas pela frente a vencer. Uma era entrar na sala, a outra era conseguir passar com dez na prova de matemática e assim poder terminar o segundo semestre do terceiro ano do ensino médio por ali mesmo.

Ao me lembrar deste fato acendeu dentro de mim uma chama de esperança, uma força que eu ainda não sabia que

tinha. Isso se apoderou dos meus pensamentos junto com a vontade de provar para mim mesma que eu era capaz. Então, levantei a cabeça e subi as escadas visualizando em minha mente a cara de descontentamento da professora quando eu abrisse a porta, mas dei de ombros convencendo-me de que eu estava pronta para o que desse e viesse, e mergulhei na fé, faria o meu melhor e o resto deixei nas mãos de Deus...

Subi as escadas com pegadas fortes, quando cheguei ao penúltimo degrau precisei parar para respirar, o ar me faltou, era como se os meus pulmões tivessem se fechado de vez. Eu fiquei ali imóvel, com a respiração ofegante, olhando para o último degrau criando forças para subir mais um e, enfim, chegar ao meu destino. Mas novamente veio a ardência no peito, a mesma que senti no carro a caminho do colégio, levei a mão ao peito e pude sentir o meu coração muito acelerado de novo, e gotas de suor descendo pelo meu rosto. Neste instante fiquei assustada com essa reação pelo meu corpo, era algo inusitado que me pegou de surpresa e não havia como controlar, ainda mais quando senti um arrepio percorrer minha espinha que deixou minhas pernas bambas com uma sensação de desmaio, fui perdendo os sentidos e fiquei zonza. Momento impróprio para tudo acontecer, então eu puxei o ar com força na tentativa de encontrar equilíbrio, que veio alguns segundos depois trazendo o alívio.

Respirei fundo sem entender o que acontecia comigo,

mas também não havia tempo para isso. Então juntei força, coragem e subi o último degrau rapidamente, o forte vento ruidoso e gelado repentinamente passou por mim soprando os meus cabelos e eu parei no mesmo instante. Meu corpo todo arrepiou com frio, assustada olhei ao redor avaliando que aquele vento nunca poderia acontecer num lugar fechado, além disso, quando desci do carro, estava calor. Prendi a respiração ao mesmo tempo que o conhecido aperto em meu peito me fez travar. *De novo?*

Fiquei realmente preocupada e, para completar o meu nervosismo, senti uma sensação de vazio dominando todo o meu corpo, foi arrepiante e piorou quando tentei mover os meus pés e não consegui, eles pareciam presos no chão. Em pânico abracei fortemente o livro e olhei em volta de mim, com a leve impressão de estar sendo observada. Não havia ninguém, eu realmente estava sozinha, as vozes dos alunos nas salas com a porta fechada ecoavam no corredor quebrando o silêncio.

Fechei meus olhos e suspirei ao mesmo tempo que balançava a cabeça freneticamente para dissipar o medo. Estava convencida de que precisava sair daquele abismo terrível que me aprisionara, que apesar de segundos pareciam uma eternidade, quando a coragem veio e eu corri pelo corredor.

O corredor fazia um L e a minha sala era a terceira, virando à direita. Eu corria e minha cabeça ainda continuava mergulhada na sensação pavorosa de segundos

atrás, por isso nem percebi ao virar que alguém vinha em minha direção e nos esbarramos feio, espalhando os livros e os papéis que estavam em minhas mãos no chão.

— Merda! — praguejei.

Eu estava tão imersa em meus pensamentos que nem me lembrei de levantar os olhos, simplesmente me abaixei e fui logo pegando tudo. Quando, enfim, levantei um pouco a cabeça me deparei com Chris Caster, o filho do patrão do meu pai, agachado, me ajudando a recolher minhas coisas no chão.

Apesar de estudarmos juntos já há algum tempo eu e o Chris nunca conversamos de fato, ele vivia no seu mundo com os seus amigos, bem distante de mim, era a primeira vez que fiquei tão perto dele de queixo caído.

— Deixa eu te ajudar. — Sua voz doce e penetrante me fez tremer de imediato. Assenti com a cabeça incapaz de dizer algo, e enquanto recolhia as folhas, eu o olhava disfarçadamente por cima dos olhos. *Como ele é lindo!*

Sempre achei o Chris bonito, só não imaginei que fosse tudo aquilo! O cara passou dez vezes na fila da beleza. Embora estivesse me sentindo sem graça, ainda assim não resisti em analisar cada traço do seu rosto, o belo par de olhos castanho-claros, com os cabelos bagunçados e um charme maravilhoso em seu corpo escultural, dava para perceber só pela camiseta preta, um pouco colada no corpo. Por um momento, seus olhos se

encontraram com os meus, eu abaixei os meus rapidamente sentindo um calor subir para o meu rosto, eu sei que corei.

Ele ficou tão nervoso quanto eu quando nos levantamos, por um instante ficamos parados olhando um para o outro. Um sorriso lindo se abriu em seus lábios quebrando um pouco o clima tenso entre nós, e estendeu a mão para me entregar o que recolheu do chão.

— Obrigada, Chris — agradeci pegando as folhas com pressa e foi quando sem querer nossas mãos se esbarraram. Foi como se eu tivesse levado um baita choque elétrico, pois senti um forte tremor pelo corpo.

— Não por isso — ele respondeu enquanto os seus olhos percorriam meu rosto com um sorriso gentil e, ao mesmo tempo, atraente, que me fez engolir em seco.

Eu estranhei a forma como ele estava sendo gentil, surpresa com a sua atitude, jamais poderia esperar que ele perdesse um minuto sequer do seu precioso tempo para me socorrer. Imagina, o Chris! Ele não era, e nunca foi, um cavalheiro, muito pelo contrário, era um *playboy* metido que olhava para todos por cima dos olhos. Alguém que sempre se achou superior, aliás, nunca me dirigiu a palavra, e nem sequer olhou antes em minha cara, embora eu tenha que admitir que ele já ganhou vários suspiros meus, aliás, suspiros de todas as meninas do colégio..

O Chris era um gato, porém, neste dia, eu vi que era

muito mais gato do que eu imaginava. Realmente, ali na minha frente, ele superou todas as minhas expectativas. O cara era lindo demais...

Mas o fato era que mesmo sem ganhar a sua atenção nunca me importei com isso, principalmente porque o seu comportamento sempre foi duvidoso. Eu nunca o tinha visto tratando as pessoas com grosseria, mas a mania que ele tinha de andar de cabeça erguida custava-lhe críticas. Ele também era considerado uma pessoa insuportável pela direção da escola, porque sempre estava aprontando feio. Ele e os seus amigos eram julgados como parte de uma gangue do colégio, os jovens ricos delinquentes. E logo eu fiquei sabendo que tiveram problemas até com a polícia e chegaram a ser presos. Eu preferia manter distância mesmo, por isso nunca me importei com a indiferença dele que, de repente, deu lugar a gentileza.

— Está bem apressada! — ele disse em meio ao sorriso.

— Estou superatrasada! — eu respondi colocando com pressa as folhas entre as páginas do livro tentando disfarçar minhas mãos trêmulas, eu sentia seus olhos estudando cada movimento meu.

A luz do seu sorriso me iluminou, o encanto de seus lindos olhos brilhando fixos em meu rosto, estudando-me com curiosidade, me fascinou a tal ponto de eu me esquecer da prova, fiquei presa nele de uma maneira

inexplicável. Ele também não fazia questão de disfarçar, me devorava.

Ele levou as mãos à sua cabeça passando os dedos esguios por dentro dos cabelos louros-acinzentados para trás da cabeça, como se percebesse que estavam desarrumados, aquele gesto involuntário causou em mim fortes emoções. Ali, naquela situação, eu não conseguia ver o *playboy* que olhava para todos, inclusive para mim em outros tempos, com aquela costumeira indiferença. Parecia outra pessoa, de olhar gentil, e me olhava com amabilidade.

Neste instante que vivia mil sensações percebi que poderia estar dando bandeira e ele acabar vendo o que estava provocando, então tentei respirar calmamente para restaurar o equilíbrio, mas foi em vão e engasguei com o meu próprio nervosismo.

— O-Obrigada, eu vou indo, nem sei se vou conseguir entrar na sala... — eu agradeci com a voz trêmula e mordi meus lábios me sentindo envergonhada com o seu sorriso questionador.

Abaixei os olhos para o chão imaginando o que ele estaria pensando de mim, estava me achando uma idiota, e ao sentir o toque de seus dedos em meu braço tudo mudou e o calor deles em contato com a minha pele serviram como tônico que me acalmou e consegui fitá-lo.

— Não fique nervosa, Lucy, pede com jeitinho que a

professora vai te deixar fazer a prova. — A tranquilidade e a certeza com que ele falou me deixaram surpresa.

— Tomara! Vou seguir o seu conselho, quem sabe dá certo. — Soltei o ar com um sorriso nervoso, eu já não tinha certeza do motivo do nervosismo, se era pela prova ou por ele estar tão lindamente perto. — Eu preciso de muita nota na prova... — Suspirei com pesar e ele riu.

— Então, boa sorte! — falou Chris com um olhar compreensivo.

A conversa foi interrompida quando ele olhou por cima do meu ombro e sorriu, então me virei para ver quem era. Seus amigos vinham em nossa direção, alguns integrantes da gangue. Newton era magro, pele morena e um imbecil que gostava de tirar sarro de todo mundo. Ivan era o loiro fatal, todo malhadinho, tipo músculo em excesso que dependendo da roupa que usava dava a impressão de estar acima do peso. E o Samuel era o *nerd* da turma, pele morena, cabelos negros, magro e óculos enormes, aliás, eu não sei por que o ele andava com aqueles garotos. Eu estranhei quando ele se integrou na gangue sendo um garoto calmo e de poucos amigos. O comentário na escola era de que um dos motivos era porque ajudava os integrantes nas matérias, já que não tinham tempo para se dedicar aos estudos por estarem fazendo arruaças, e o outro motivo é que o sonho dele sempre foi ser popular na escola.

Todos nós estávamos no terceiro ano do ensino médio, mas em salas diferentes, o Samuel ainda estava com 16 anos, não sabia exatamente o dia, mas sabia que ele iria fazer 17 anos no mês de junho; o Chris e o Newton tinham 19 anos e eram repetentes do ensino fundamental, todos eles, exceto eu, é claro, faziam parte da elite de São Paulo. A maioria dos alunos morava no bairro do Morumbi e Jardim América, bairros nobres, e eu morava no bairro da Aclimação, não era nobre, mas era bom, uma região tranquila e segura.

De repente, o Chris mudou a expressão e voltou a ser o de sempre, sem acreditar em sua tamanha versatilidade pensava incrédula na troca de postura, agora seu sorriso era distante, bem diferente do sorrisão lindo que havia aberto pra mim momentos antes. Senti uma dor em meu peito como se uma faca atravessasse o meu coração e perfurasse todos os meus órgãos. Eu me contraí tanto que acabei fechando a cara quando os três se aproximaram ficando ao lado dele. Seus amigos oscilavam os olhares entre mim e o Chris, especulativos e frios. Eu me senti invisível ali, o Chris cumprimentou os amigos e vice-versa, a mim sequer fizeram um aceno.

— E aí, cara, já fez a prova? — perguntou Samuel caminhando.

Paralisada e me sentindo humilhada, um nó se formou em minha garganta me sufocando enquanto eu tentava, pelo menos, digerir o momento nebuloso e, ao mesmo tempo,

constrangedor, mas não era possível fazer nada, a não ser fuzilar a gangue com os olhos cheios de raiva.

Quem esses caras pensam que são? Respirei fundo para dissipar aquele sentimento de ódio de dentro de mim. Eu não entendia o que acontecia ali e nem o porquê me importei tanto. O Chris e sua turminha sempre foram totalmente indiferentes e eu já estava acostumada com este tipo de recepção. "Bem feito para mim, quem mandou dar conversa? Levou um fora merecido!", concluí meu pensamento.

Mergulhada em meus devaneios demorei alguns segundos para esquecer o papel de ridícula que fiz e corri para a sala rezando para conseguir entrar. Pelo menos, a professora estava com a cara boa e sorriu ao me ver. Eu sorri ternamente.

— Perdoe pelo atraso, professora. O trânsito estava caótico — disse meia verdade. Ela apertou os lábios balançando a cabeça negativamente.

— Você não pode entrar, Lucy, me desculpe. Conhece as regras do colégio, em dias de provas não é permitido entrar após o início da prova. — Entrei em estado de choque. Fiz cara de choro, embora quisesse mesmo chorar. — E não me faça essa cara, mocinha, não é nenhuma novidade.

— Abra uma exceção para mim, professora. — Ela hesitou balançando a cabeça se negando veementemente e

foi quando ouvi os gritos dos alunos que vinham de dentro da sala na maior torcida para ela me deixar entrar, estiquei o pescoço para dentro da sala e todos os olhares estavam em direção à porta. — Por favor, me deixe fazer a prova, sabe o quanto eu preciso de nota... — implorei com os olhos cheios de lágrimas. — Por favor. — Ela revirou os olhos e, enfim, abriu a porta.

— Lucy, Lucy... — Apontou para a sua mesa com os olhos fixos nos meus. — Pega a prova em minha mesa — disse calmamente e senti uma emoção forte que tive vontade de abraçá-la, acho que ela percebeu porque colocou o dedo nos lábios me pedindo silêncio.

Entrei rapidamente agradecendo a todos num sussurro pela força e me sentei ao lado de Clarinha, que levantou os olhos aflitos em minha direção, mordiscando o lábio e sorriu, mas em seguida voltou sua atenção à prova sobre a mesa. Eu olhava para a folha e não conseguia me concentrar, o meu foco estava nas teimosas lembranças do que aconteceu no corredor. A cena não saía da minha cabeça, principalmente do olhar frio. *Que mico!* Era claro que o Chris percebeu o meu nervosismo, deveria estar rindo de mim até àquela hora. Eu fui uma boba mesmo... Onde já se viu pensar que o Chris Caster olharia para mim? Ouvi um assobio tirando-me de meus devaneios, olhei para o lado, eu deveria estar fazendo uma cara bem estranha mesmo para chamar a atenção da Clarinha, ela acenou com a cabeça.

— Que cara é essa? — sussurrou entredentes inclinando o corpo levemente para o meu lado no corredor.

A professora percebeu e caminhou em nossa direção ficando entre nós duas por alguns instantes. Disfarcei imediatamente e a Clarinha fez o mesmo voltando nossa atenção para as questões e quando a professora voltava para sua mesa, dei sinal com a mão que a gente falaria depois, afinal de contas eu não queria abusar da professora, já tinha sido bem legal em me deixar fazer a prova.

Estava supernervosa e com as minhas mãos suando. Superinsegura lia e relia o primeiro exercício e não conseguia me concentrar, aqueles cálculos estavam difíceis, faraônicos, impossíveis de realizar. Só nessa hora que entendi a cara aflita da Clarinha quando entrei na sala. Levantei os olhos olhando para ela, mas estava tão atenta que não percebeu que eu a observava, então suspirei tremendamente arrependida pelo meu desleixo nos últimos meses, pensando que não era para eu estar ali, sofrendo daquele jeito, não era... Soltei o ar com força e continuei ali na luta.

Uma luta quase impossível, porque o Chris sorrindo invadia a minha mente de minuto em minuto e fui suspirando o tempo todo até que finalmente venci o obstáculo e terminei a última questão, quer dizer, eu chutei, não todas, mas acho que a maioria. Entreguei no

momento em que o sinal soou e voltei para a carteira desanimada, sem vontade de sair, enquanto os alunos passavam por mim no maior zum-zum-zum. Uns felizes por terem conseguido terminar a prova bem, outros com a expressão preocupada. Enfim, eu não me sentia feliz, porque tinha dúvidas em relação ao resultado e eram muitas. Mas, pelo menos, o desespero maluco que sentia a caminho da escola amenizou um pouco, agora que o meu pai já estava ciente da minha situação.

Eu não entendia o cansaço, a fadiga que tomava o meu corpo, não entendia o que era aquilo e não sabia o que estava acontecendo comigo, nunca tinha passado por aquilo antes, mas também nunca tinha sido tão humilhada em toda a minha vida. A sensação era como se eu carregasse um bloco de concreto. *Será que este estado estaria relacionado ao estresse que passei? Ou ao nervosismo da humilhação do Chris e seus amigos? Não... Não era possível que todo este cansaço pudesse ser justificado pelas emoções fortes, eu confesso, mas não a ponto de me deixarem deste jeito, tão desanimada, mesmo porque eles não mereciam o meu sofrimento.*

O fato era que eu só queria ficar quietinha ali, sozinha, sem conversar com ninguém. Essa não era eu, muito pelo contrário, sempre fui uma pessoa animadona, tinha loucura pelo intervalo por isso era sempre a primeira a sair quando tocava o sinal. Jogar conversa fora me deixava mais leve, descontraída e este meu jeito me

ajudou com a adaptação no colégio também. Passou até pela minha cabeça que seria resultado da TPM, mas logo tirei a ideia da cabeça ao me lembrar de que não era época da minha menstruação.

Voltei ao meu lugar e me sentei pensando que, graças a Deus, escolhi sentar na fileira da janela, pois num momento como aquele só mesmo a paisagem do lado de fora seria capaz de me distrair e mudar o foco triste em que eu me encontrava. Apoiei os cotovelos na mesa, o queixo nas mãos e chorei ao ver aquela árvore linda e maravilhosa, uma paisagem incrível e de tirar o fôlego. Eu amava árvores e achei que o motivo de escolher me sentar à janela foi justamente a atração por ela. Infelizmente a câimbra em minhas mãos me fez esticar os braços sobre a mesa para relaxar e foi um grande alívio, percebi também que a minha cabeça pesava uma tonelada.

Neste instante senti uma emoção forte misturada à certa euforia ao pensar que o Chris bem que podia passar por ali, mas no momento seguinte balancei a cabeça para dissipar a imagem do rosto dele, que povoou meus pensamentos novamente. Ao ouvir o som de passos vindo do corredor se aproximando, mais que depressa me ajeitei na carteira, peguei meu celular que ganhei de presente no último Natal da empresa que o meu pai trabalhava, selecionei uma música qualquer, abaixei o volume e o coloquei próximo ao ouvido para curtir a música.

A Clarinha meigamente levou seus longos cabelos

castanhos e sedosos, que acompanham a linha de sua cintura, para trás e encostou-se ao batente da porta cruzando os braços e ficou com os olhos castanhos bem-humorados fixos nos meus. Abri um sorriso cansado estudando o suor de seu rosto branco com as bochechas rosadas e abaixei meus olhos para as minhas mãos agitadas, uma sobre a outra. Então, balançando a cabeça incrédula, ao me ver ali sentada, era óbvia a minha tristeza, logo ela sorriu e abriu os braços caminhando em minha direção.

— Oh, amiga, que tristeza é essa? Eu te procurei por toda a escola, que bom que você está aqui, pensei que tivesse ido embora... — Segurou em meu braço e apertou se sentando na carteira ao lado da minha, eu sorri. — Por que é que você está com esta carinha triste? Notei quando entrou. — Sua voz soou preocupada.

— Triste? Não. — Sorri forçado tentando ser convincente, seus olhos apertados e as sobrancelhas erguidas me diziam que não consegui. — Resolvi ficar aqui ouvindo música — disse abaixando os olhos enquanto tirava o fone do ouvido para ela não perceber a mentira.

A Clarinha me conhecia muito bem, eu costumava dizer que ela me conhecia muito mais que eu mesma. A sua amizade no colégio foi decisiva para a minha adaptação, afinal não foi nada fácil conviver com pessoas de classe social tão diferentes da minha, e por mais que as

pessoas dissessem que não tinha diferença alguma, com minha experiência descobri que existia sim o preconceito, não querendo generalizar, é claro. Como a Clarinha, meiga, uma pessoa simples e de fácil convivência havia muitas outras. Mas era incrível como a minoria tinha poder. Foram vários e vários momentos que me senti constrangida e com o tempo eu fui criando a minha autodefesa, não levando em conta as críticas de alguns, a postura que adotei para uma boa adaptação deu certo até aqui.

— Quer enganar quem, Lucy? — Olhei por cima dos olhos e me deparei com o olhar especulativo castanho-escuro de Clarinha, ela me olhava com desconfiança, então abaixei novamente os olhos e, para a minha surpresa, um suspiro profundo veio lá do fundo de minha alma explodindo bem no rosto dela, aí não teve jeito. Três anos estudando juntas e sempre grudadas uma na outra, assim não houve como enganá-la. — Desembucha, o que está acontecendo? — insistiu.

Eu balancei a cabeça em sinal negativo enquanto pensava numa desculpa convincente e teria que ser a desculpa! O seu olhar analisador me mostrava o quanto seria difícil esconder algum segredo dela.

— Eu não sei... — disse com o olhar pensativo.

— Não sei? O que você não sabe? — insistiu diante do meu silêncio.

Fechei os olhos por um instante, o suficiente para novamente o Chris povoar a minha mente, e, desta vez, eu vi somente a expressão fria como ele me olhou quando a gangue chegou perto. Não sei se, pelo fato da Clarinha estar ali, eu acabei ficando vulnerável, porque senti novamente o aperto no peito e levei a mão ao tórax massageando.

— Não sei o que está acontecendo, comigo! — Respirei fundo e sorri fraco. — Estou com uma sensação diferente aqui dentro de mim, me sentindo cansada... — limitei as palavras, com a mão no peito, mas não as lágrimas que desceram em abundância enquanto eu falava. — Eu não sei como explicar... — A explicação era que eu me sentia rebaixada, envergonhada e também uma derrotada, fui incapaz de seguir com o meu objetivo, colocando o meu futuro de lado.

Lá no fundo da minha alma, eu sentia a necessidade de desabafar, contar os detalhes sobre tudo o que vinha se passando comigo, inclusive o que aconteceu comigo desde que cheguei ao colégio. Mas eu não sei dizer por que eu não conseguia dizer uma só palavra para Clarinha. E para ela eu poderia contar os meus segredos, como tantos outros que ela conhecia. Mas algo dentro de mim me bloqueava a ponto de aumentar o aperto em meu peito, aperto este que veio acompanhado por uma leve sensação de falta de ar. Respirei fundo antes de chegar à conclusão que o melhor a fazer era superar a manhã, colocar uma

pedra em cima e esquecer o episódio definitivamente.

— Não chora, amiga...

Limpei rapidamente as lágrimas em meu rosto e levantei a cabeça. A minha amiga tinha toda razão, eu não tinha que derrubar nenhuma lágrima e por isso decidi que não ia mais chorar. E daí que o Chris me tratou com indiferença? E daí que eu fiquei invisível diante deles? Eu não preciso dele para a minha vida, ainda mais um cara que muda de personalidade e comportamento tão rápido que nem ele. E daí para tudo... Refleti. Eu precisava era parar de me lamentar e começar a rezar para tudo dar certo com a prova. Porque o meu futuro era muito mais importante do que estes riquinhos metidos a besta, eu era mais eu. E faltava pouco para me ver livres deles, terminaria o curso e seguiria a minha vida bem longe dali.

Eu me endireitei na carteira mais aliviada com a minha conclusão, acreditei que reagindo os sintomas repentinos também iriam desaparecer.

— Você tem razão, Clarinha... Chorando, eu não vou conseguir resolver os meus problemas... — Ela sorriu. — E quer saber? Eu não quero mais falar sobre isso. — Mas curiosa, como sempre, insistiu.

— Pelo menos, me conta como é essa sensação que você está sentindo? — ela pediu com aqueles olhinhos carinhosos e aí a dúvida pairou, mais uma vez, sobre mim, não sabia se contava ou não o episódio com o Chris, mas

por fim resolvi omitir, então acabei usando a desculpa da nota da prova mesmo.

— Acho que é medo. Não sei se eu consegui a nota para passar direto. — Suspirei ao me lembrar das dificuldades das fórmulas. — Também o que foi aquilo? Você viu só como os exercícios estavam difíceis? — Apertei meus lábios lançando um olhar sobre ela que concordou com a cabeça.

— Nossa... Nem me lembre, acho quem nem eu consegui.

— Pois é, amiga, aí é que mora o problema, você ainda pode recuperar a nota nas aulas de recuperação, agora eu não. Vou ter que sair do colégio e terminar em uma escola pública — bufei desanimada. — A mensalidade deste colégio é altíssima, não vai dar para pagar o último semestre. Não vai... — Suspirei com pesar, Clarinha se levantou da cadeira e me puxou pela mão.

— Pare de se lamentar, Lucy, agora você já fez a prova e tem que esperar o resultado — ela falava enquanto me puxava para fora da sala. — Vem, vamos tomar um *refri*, se refrescar, está muito calor aqui dentro desta sala.

Pedi um minuto para pegar a minha mochila, coloquei o meu celular dentro e saímos da sala juntas rumo ao corredor. Havia muitos alunos aglomerados e fomos abrindo espaço entre eles.

— Eu não entendo essa mania do povo ficar enfiado aqui no corredor... — disse num tom divertido quando descíamos as escadas para o pátio.

Capítulo Quatro

— Já sabe da festinha, não sabe, prima? — A Kate perguntou para a Clarinha, me olhando fixamente com aqueles olhos azul-safira e com um sorriso mortal. Assim que entramos na fila da lanchonete para comprar um refrigerante, disfarcei olhando para o outro lado do pátio para me libertar do seu olhar horripilante.

Era assim que eu me sentia todas as vezes que me deparava com o olhar da Kate, aliás, ela fazia parte da minoria que falei. Olhar em seus olhos era como se eu recebesse uma facada em meu coração me fazendo prender a respiração, uma péssima sensação que eu preferia não sentir, então desviava o meu olhar e permanecia distante dela. Era o melhor que eu poderia fazer nestas horas.

— Eu não vou. — A Clarinha garantiu com a voz determinada enquanto pegava sobre o balcão as duas latas de refrigerante e me entregou uma. Saímos da fila e fomos nos sentar no banco ao lado da lanchonete que estava vazio.

A Kate Silver era prima da Clarinha, uma menina

extremamente bonita. Eu diria que era uma das garotas mais lindas do colégio. Ela era loira de olhos azuis, alta, magra e tinha uma pele dourada de causar inveja. Ela parecia até aquelas celebridades internacionais que eram capas de revista. Esbanjava glamour, apesar de não ser nada difícil pra ela, ainda mais com todo o dinheiro que a família tinha. Kate fazia questão de demonstrar que não me suportava. Sempre que tinha a oportunidade me atacava, mesmo que fosse indiretamente. Eu nem ligava porque também não gostava nem um pouco dela e mantinha distância. A sua arrogância não merecia o respeito de ninguém, muito menos da minha parte. Ela era amiga inseparável do Chris, o que a tornava membro da sua gangue. E exatamente como ele, ela era discriminada por professores e diretores do colégio. Na verdade, o que ela tinha de nojenta, tinha de fresca.

Como todo mundo, ela também tinha os seus pontos fracos, e eu conhecia bem cada um deles por ser a melhor amiga da Clarinha e frequentar a sua casa. Acho que era por essa razão que me odiava, pois ela não era tudo que demonstrava ser, dona do próprio nariz, como queria que todos acreditassem. Na verdade, seu pai era severo e controlava seus passos o tempo todo, inclusive nos seus gastos excessivos. Ela era o tipo de pessoa que o seu passatempo predileto, além de causar problemas por aí, era torrar o dinheiro que ganhava do seu pai. Não foi uma e nem duas vezes que o presenciei chamando a sua

atenção. Em uma das discussões na casa da Clarinha envolveu toda a família, ela quase agrediu o pai porque ele negou a aumentar o limite do seu cartão de crédito. Achei aquilo tão ridículo.

Insatisfeita com o não da Clarinha, ela nos seguiu e se sentou ao lado da prima e me ignorou o tempo todo, como se eu fosse invisível.

— Por que não? Eu posso saber? — Kate perguntou com a sobrancelha erguida, olhando para a Clarinha inconformada, quase que em um sussurro para que eu não escutasse.

— Você sabe muito bem que eu não gosto desse tipo de festinhas, Kate, ainda mais sabendo que você só faz questão da minha presença por interesse. Ou acha que eu sou burra? Ou você pensa que eu não sei que o seu pai só vai deixá-la ir se eu for junto? Não sou nenhuma criança inocente, Kate.

Kate revirou os olhos, estava nítida a sua irritação, eu não resisti e olhei meio encabulada vendo que seu rosto estava vermelho que nem um pimentão. Ela não esperava ouvir aquilo naquele instante. Neste momento, ela me olhou rapidamente como se quisesse se atirar sobre mim, ou me matar, pois sabia que estava passando vergonha e talvez porque eu estava ali vendo ela se rebaixar e implorar para a prima ir junto com ela. No fundo, eu não fiquei nem um pouco triste com a cena, na

verdade fiquei até feliz porque a Kate realmente era muito chata e sempre queria se achar.

Ao perceber seus olhos soltando faícas desviei o meu olhar, não estava com a mínima condição de me envolver em mais problemas, os que eu tinha já eram suficientes. Mas da forma que ela me olhava eu até fiquei esperando uma explosão, quando seus lábios entreabriram dando a entender que ainda continuaria a falar. Mas ao contrário do que imaginei, ela me surpreendeu com um tom de voz calmo.

— Tá, eu sei que, às vezes, não colaboro, me desculpa, por favor, se você quebrar o meu galho hoje, eu prometo que farei o que você quiser... — ela disse pegando na mão de Clarinha, que puxou num tranco até que bateu seu ombro no meu. Achei muito engraçada a cena e não consegui me segurar, acabei rindo baixo procurando disfarçar, é claro, mas eu acho que não fui discreta o suficiente quando ouvi a voz áspera da Kate.

— Do que você está rindo? — indagou entredentes. — Não há nada de engraçado por aqui. Fica quietinha no seu lugar, garota.

Eu não disse nada, somente balancei a cabeça num sinal negativo, me levantei e saí de fininho, como quem não queria nada, e antes de me afastar ainda ajeitei o meu cabelo colocando-os atrás da orelha, arrumei a camiseta em meu corpo e pude sentir sua respiração ruidosa,

tamanha era sua fúria, então me afastei com postura. Mas ainda pude ouvir a voz seca da Clarinha:

— Não, não e não...

Antes de me virar, a Kate passou como um relâmpago por mim e acabou se esbarrando em meu braço quase me derrubando.

— Eu ainda mato essa minha prima — murmurou para si se afastando.

Quando voltei a me sentar ao lado da Clarinha, ela rosnava.

— Nossa, que chata... Ela consegue me tirar do sério! — reclamou.

— Olha, você a deixou mesmo irritada... — falei encolhendo meu corpo com o arrepio que desceu de minha espinha. Clarinha revirou os olhos.

— Já perdi a paciência com ela, desde ontem ela está no meu ouvido para ir com ela a uma festa em Alphaville.

— Onde fica Alphaville? — perguntei.

— Alphaville é um bairro nobre com muitos condomínios fechados e fica na cidade de Barueri, a uns 25 km de São Paulo, é bem legal lá.

— E por que você não vai, de repente pode ser legal?

— Eu, hein, aquele povo é estranho, eu já tive a

oportunidade de conhecê-los na casa da Kate na semana passada. E não gostei nada deles. — O tom crítico de sua voz me deixou curiosa.

— Que povo? — perguntei confusa.

— Uns carinhas que a Kate conheceu na balada e levou-os no almoço em família no domingo. Sabe o quanto o meu tio preza estes almoços? — Assenti com a cabeça que sim, inclusive eu mesma já participei de alguns e olha que tirando as agressividades da Kate o resto da família era de pessoas maravilhosas. — E o que deveria ser um dia ótimo e feliz se transformou num clima pesado e cheio de confusões. — Seu olhar triste se perdeu no horizonte como se revivesse aquele momento antes de continuar. — Além de beberem muito, fumavam e falavam alto sem respeito algum, sabe? Achei tudo aquilo muito feio e forçado, aliás todos acharam. Acho que foi o pior almoço de todos os tempos... Imagina um clima pesado... — Fez uma careta repulsiva. — Só a Kate mesmo para arrumar amigos deste tipo!

— Às vezes, eu me pergunto o que leva uma pessoa, que tem de tudo, ter comportamentos como este. — Clarinha deu de ombros.

— É a facilidade, minha amiga... Desde pequena, a Kate foi sem limites, se sente atraída pelas coisas erradas... E o meu tio sempre vive passando a mão na sua cabeça. Aí acontece isso. A Kate não tem respeito por

ninguém e quando ela se aproxima de alguém, sempre é para o seu interesse, e não pela companhia, como agora está sendo comigo. Coitado do meu tio, que tem passado por um bocado de problemas com a Kate — lamentou Clarinha com um suspiro. — Ele até que tenta ajeitar as coisas com ela, fazendo exigências, cortando algumas regalias, enfim... fica meio difícil corrigir, né? Só a deixa mais revoltada. — Inclinou a cabeça e bateu levemente em minha perna. — Deixa a Kate pra lá, ela que se vire...

O dia estava lindo, o sol brilhava no céu limpo e azul-claro, um dia perfeito para pegar uma praia ou piscina, aliás, eu realmente estava precisando de um lazer como este, mas o fato é que era dia de aula e estava difícil de permanecer embaixo do sol quente que tomava todo o pátio, um calor que chegava a beirar o insuportável. Sugeri à Clarinha para a gente procurar um lugar mais fresco. Ela topou na mesma hora passando a mão na testa para secar o suor que descia.

Conversávamos distraídas pelo pátio no momento em que cruzamos com o Chris, ele passou tão perto do meu braço que foi possível sentir o seu perfume que causou em mim um frio gigantesco na minha barriga, na verdade uma avalanche de emoções, meu coração palpitava, minhas mãos tremiam e eu suava frio. Ele inclinou a cabeça em minha direção com um leve sorriso fitando-me intensamente. Me senti uma pilha de nervos quando retribuí com um sorriso tímido antes de virar a lata de

refrigerante na boca que desceu com tudo, rasgando minha garganta. Ao perceber minhas mãos trêmulas me odiei no mesmo instante. Como pude agir de tal forma? Deveria ter me mostrado indiferente, ainda mais com os seus amigos que vinham logo atrás me olhando com cara de interrogação quando perceberam a troca de olhares. Abaixei os olhos imediatamente.

Ouvi risinhos maldosos vindo do Samuel, aquela risada escandalosa era muito fácil de identificar, o garoto tímido que queria aparecer, em seguida o Newton e o Ivan riram também, mas quando ouvi a voz do Diego perguntar para eles o que eles tanto achavam engraçado fiquei inconformada e sem entender por que ele andava com aquela turma. Era um cara legal, como também muito *nerd*, inteligentíssimo como o Samuel. Mas eu não podia julgá-lo, eu conhecia bem a sua ilusão de se tornar popular. Ele era apaixonado pela Valéria, uma garota que mantinha um relacionamento com outro garoto, e depois de se lamentar, ele prometeu que um dia ia deixar de ser invisível e a gangue foi a forma que ele encontrou de se sentir melhor, fazer o quê? Era a escolha dele.

Eu tinha dúvidas se a galera do Chris, na realidade, não se aproveitava dele, o colocando sempre na mira do fogo. Só que ele parecia feliz em segui-los para tudo que era lugar. Cada um sabia a companhia que escolhia ter, quem era eu pra julgar.

A Clarinha discordava de mim, ela dizia que ele

entrou para a turma porque estava apaixonado pela Janette, que estava grudada no braço do Newton. Ela era a baixinha da turma e magra com os cabelos e olhos negros, diria que ela era até uma pessoa simpática, isso quando a Kate não estava por perto. E por essa razão não olhou para mim, a Kate acabava de se juntar a eles.

— Que povinho... — Clara indagou segurando em meu braço.

— Nem me fale... — gelei ao responder, o Chris se afastou um pouco dos amigos e parou ao meu lado com os olhos cravados nos meus.

Eu não entendia todo aquele interesse dele em mim, tanto quanto o meu nele. Eram instantes que a gente nem sabia explicar, e aquele foi um deles. O fato era que os nossos olhares foram contínuos, por mais que eu quisesse não consegui desviar. *Mas o que está acontecendo comigo?*, pensei sem desviar o olhar. *Onde estou me enfiando?*

Por que depois de anos sem ao menos pensar nele, agora eu estava ali com tanta curiosidade? Algo inexplicável até para mim mesma. Passei rapidamente o olhar sobre o seu corpo admirando a sua postura quando ele se distanciou com a turma. Vestia uma calça jeans clara justa, na altura do quadril. Sempre foi um gato, mas naquele dia em especial, estava demais, e ainda mais com um perfume irresistível...

E toda aquela confusão de pensamentos fugiu do meu controle, sem perceber eu comecei a suspirar e, é claro, que não passou despercebido por Clarinha ao meu lado. Ela virou a cabeça e me olhou com olhar especulativo.

— O que significa isso? Que climão foi esse? Está me escondendo alguma coisa? Não minta pra mim, fale a verdade. — Seu olhar questionador me fez corar. Fiquei muito sem jeito com a pergunta dela, e a pressão do seu olhar sobre o meu.

— Que calor é esse, gente?! — Peguei os meus cabelos dando um laço e jogando para trás na tentativa de disfarçar.

Não adiantou, a Clarinha era mesmo terrível.

— Você está disfarçando! O que está acontecendo, amiga? Você sabe, a gente nunca esconde nada uma da outra! — acusou-me com o olhar sentido, me senti culpada.

Eu e a Clarinha não tínhamos segredos, mas contar o que aconteceu comigo e o Chris não me parecia certo, mesmo porque na minha cabeça foi apenas um caso isolado, um esbarrão casual, eu não poderia me deixar levar por aqueles olhos castanho-claros de matar. Eu sorri com o canto da boca. *E agora?*

— Esquece esse cara, que eu vou fazer o mesmo! — solicitei, sorrindo, com um ar de suspense e caminhei entre os alunos em direção à escada para ir à sala de aula,

e ela balançando a cabeça impaciente caminhou ao meu lado, muito ansiosa por uma explicação.

— Aconteceu alguma coisa entre vocês dois, eu não sou boba, Lucy. Vai, me conta logo. — Cutucou-me no braço fazendo beicinho. Eu acabei rindo da sua cara e ela riu também, resisti mais um pouco. — Para de me enrolar... eu reparei na troca de olhares entre vocês... — Acabei cedendo à pressão.

— Que troca de olhares o quê. Você tá ficando louca, Clara? — Olhei para ela como se estivesse louca e ela balançou a cabeça em sinal negativo.

— Pare de mentir... O Chris não ia olhar do jeito que olhou para você gratuitamente não, senhora. Ambas o conhecemos muito bem...

— Não foi nada de mais e...

— Então aconteceu? — ela me interrompeu toda eufórica, como se aquilo fosse a melhor coisa do mundo.

— Quando eu cheguei hoje pela manhã esbarrei no corredor com ele e... — parei, de repente, de falar e de andar ao chegar ao último degrau e antes de entrar no corredor todo o meu corpo arrepiou ao me lembrar do vento sinistro que presenciei ali. Balancei a cabeça para dissipar as lembranças e prossegui: — Ele me ajudou a pegar minhas coisas que caíram no chão. Foi só isso. — E continuei caminhando, mas precisei parar quando ela, suspirando, passou por mim e parou em minha frente

olhando bem fundo nos meus olhos, como se duvidasse de mim.

— Ah, amiga... Eu não acredito que foi só isso que aconteceu não. Deve ter mais coisas nessa história, nem vem. Ele está olhando para você bem diferente... — Ela revirou os olhos, suspirando. — Ah, se fosse comigo... O Chris é um sonho. Um verdadeiro deus grego, isso sim!

Ela nem bem terminou a frase quando o sinal tocou, senti um enorme alívio, eu não queria mais falar sobre esse assunto. Falar eu até podia não querer, mas me esbarrar com ele estava virando rotina. E era algo bom de acontecer. Neste momento entre os vários alunos passando apressados pelo corredor por causa da nova etapa de provas, eis que o Chris surgiu ao meu lado, ele e os seus seguidores. Senti o meu corpo congelar... Diferente dos seus amigos que corriam pelo corredor em direção às suas salas, ele diminuiu o passo e caminhou perto de mim, ficamos lado a lado.

Enquanto o meu coração ficou transtornado dentro do meu peito dificultando a minha respiração, a Clarinha nem sequer tentou disfarçar a emoção que sentia, era um suspiro atrás do outro, era esse tipo de reação que a presença do Chris causava nas mulheres ou meninas, e eu tive até que cutucar seu braço para ela parar com aquilo, mas a danadinha lançou-me um olhar maldoso.

— Olá, garotas! — ele falou com a voz macia e com

aqueles olhos maravilhosos penetrando nos meus, eu não conseguia desviar o olhar, só conseguia pensar. “É lindo... lindo...”.

— Oi — respondeu a Clarinha com voz incrédula. Ele sorriu fitando-me intensamente, minhas pernas ficaram bambas incapaz de segurar o peso do meu corpo.

Ainda bem que cheguei à porta da minha sala. Eu não saberia dizer quanto tempo mais eu suportaria ficar em pé. O Chris me surpreendeu mais uma vez, estava mesmo muito diferente do rapaz que eu conhecia, ele tomou a nossa frente e abriu a porta pra gente, como um perfeito cavalheiro, recuando um passo dando passagem para entrarmos. Ficamos nos olhando profundamente, eu não conseguia desviar meus olhos dos dele, então a Clarinha deu um risinho sem graça oscilando seu olhar entre mim e o Chris, e entrou com passos apressados. Nossos olhos estavam conectados, e eu paralisada, sem conseguir mover um músculo, embora lá no fundo de minha alma eu soubesse que precisava reagir e fugir daquela atração que prendia meus olhos aos dele. Era uma estranha sensação, parecia que tudo fugia ao meu controle.

De repente, toda aquela magia foi quebrada pelos risinhos logo atrás de nós me fazendo despertar para a realidade, havia alunos querendo entrar, corei de vergonha e ameacei ir pra sala de aula quando ele segurou em meu braço puxando-me para o lado para dar passagem.

— Espere um pouco, eu preciso falar com você — pediu.

Eu o olhei inocente, estanhei a intimidade, afinal eu não imaginava sobre o que ele queria falar comigo. Só que, enquanto eu o olhava inocente, o meu coração palpitava e como se ele pudesse perceber comecei a ficar nervosa me achando uma tonta ali com a cabeça erguida, muda, enquanto os seus olhos passeavam pelo meu rosto.

Nervosa e realizada tenho que confessar, eu sempre ficava com água na boca quando via o Chris tão próximo de algumas meninas como estava comigo. Ele tinha mesmo este jeito sedutor de ser.

Eu imaginava como seria olhar ele tão perto e agora eu sabia, era uma emoção diferente que eu sentia, ainda mais vendo o brilho intenso do seu olhar percorrendo cada milímetro do meu rosto. Quando seus olhos se fixaram aos meus lábios eu tive a impressão de que ele ia me beijar, um frio violento na minha barriga me tomou, fiquei trêmula com as batidas fortes do meu coração, o que fazia um calor subir pelas minhas pernas e centralizar em meu rosto. Desviei o olhar imediatamente.

— É estranho, Lucy... — murmurou me fazendo voltar o olhar.

— O que é estranho?

— Sinceramente, eu não entendo por que a gente nunca conversou antes... — Ele passou as costas dos

dedos em meu rosto quente e corado suavemente. Limpei a garganta recuando a uma distância mais segura.

— É engraçado como as coisas acontecem na vida da gente, em um momento você deixa de ser invisível. — Eu não pude deixar de evitar a ironia na minha voz, afinal era a mais pura verdade. Ele ficou sério e franziu a testa. — Me desculpe, eu não queria... — Mordi os lábios arrependida.

Ele avançou os mesmos passos que recuei ficando a um centímetro do meu rosto, era como se tudo ao nosso redor se apagasse, apesar de ouvir as vozes e risos ao fundo. Eu abri um leve sorriso tímido, as palavras ficaram presas em minha garganta. Ele não sorriu, só ficou ali imóvel com a postura elegante. Apesar de ser jovem, o Chris tinha uma postura de homem maduro, ou seja, aparentava mais idade do que tinha.

— O que você que falar comigo? — Assim que terminei a frase, fechei os meus olhos. Uma avalanche desabou sobre mim empurrando-me para baixo, me senti engolida pelo solo, fiquei sem chão ao ouvir a voz irritante da Kate. Quando abri meus olhos, ela já estava ao lado dele pendurada em seu braço e fuzilando-me com os olhos azuis diabólicos.

— Seu fujão, você está aí. — Puxou-o para o corredor pelo braço.

— Até mais Lucy, depois a gente conversa — ele

disse, sorrindo carinhoso, eu me emocionei com a promessa de falar com ele novamente e o seu sorriso maravilhoso, percebi que a Kate não gostou e apertou o seu braço.

Dei de ombros sem me importar com a Kate, eu sentia uma onda tão grande de felicidade em conversar com o Chris, ele se mostrando uma pessoa gentil que até apagou a impressão negativa que fiquei dele hoje pela manhã. Eu respirei fundo e entrei na sala com o sorriso espalhado pelo meu rosto, a sala estava o maior tumulto, alguns riam, outros praguejavam pela dificuldade que foi a prova, enfim... eu estava no mundo da lua, pisando literalmente em ovos, aquilo era muito excitante.

— Nossa, que inveja Lucy. — Clarinha inclinou a cabeça para mim assim que me sentei. — Senti um leve cheirinho de romance no ar... — ela murmurou e eu inclinei a cabeça confusa ficando séria de imediato, ainda sem acreditar no que poderia significar a aproximação dele.

— Você tá louca! — Ela deu aquele sorrisinho irônico que só ela sabia dar, danadinha.

— Ah tá bom, até parece que você não percebeu, desde quando o Chris Caster é cavalheiro, Lucy? — Eu arregalei os olhos assustados com a teoria dela. — E não adianta fazer essa cara de desentendida — repreendeu-me. —, é lógico que a coisa é recíproca, ou você acha que

eu não percebi seu nervosismo quando viu ele? — Eu revirei os olhos sorrindo com os lábios fechados. — Sobre o que vocês falaram? — Balancei a cabeça em sinal negativo.

— Nada... A Kate chegou antes que ele pudesse dizer o que pretendia. — Soltei o ar com pesar e a Clarinha sorriu com o olhar apertado, como quem dizia: eu não falei que você está interessada!

O sorriso dela era realmente demoníaco, que acabei rindo alto, quase uma gargalhada chamando a atenção de todos que desviaram olhando pra gente. Tossi sem graça e me ajeitei na carteira porque o professor acabava de entrar na sala.

Realmente ganhar a atenção de um gato como ele era tudo de bom, mas eu não podia cair nessa. Afinal, a minha vida era outra, bem distante da dele, e estes pensamentos confusos só iriam me arruinar, o certo era me concentrar no que realmente importava em minha vida, que eram os meus estudos e apagar a imagem teimosa do Chris da minha cabeça. Enquanto isso eu me segurei para não olhar para o lado, a Clarinha não tirava o olho de mim, estava louca para conversar...

— Lucyyyy? — ela me chamou com a sua voz baixa insistindo em falar dele.

Eu hesitei por um momento. Não... eu não podia ficar sonhando com o impossível. Era ridículo isso, e tinha

mais, eu precisava ficar bem longe dele, pois o que tinha de bonito também tinha de delinquente. Mas algo lá dentro de mim estava gritando como louco o nome dele. "Que inferno!", me repreendi novamente mergulhada num turbilhão de emoções confusas.

— Por favor, Clarinha, vamos encerrar este assunto, ok? — Embora aquela vontade fosse só minha, e não a do meu coração.

— Você é uma boba, Lucy... — ela murmurou quando o professor olhou em nossa direção novamente. — E vou falar mais uma coisa, se a Kate não tivesse chamado, ele teria beijado você ali na porta — falou lançando-me um sorriso torto. Eu arregalei os olhos para a minha amiga, como se ela tivesse dito algum absurdo e quando a vi com os dentes trincados dei uma risada incrédula.

— Menos Clarinha, bem menos!

— Lucy, ele está encantado com você, vi os olhos dele brilhando. — Eu balancei a cabeça ainda descrente. — Por que você é tão cheia de insegurança? Eu não te entendo, amiga. Você é uma jovem tão forte, independente, linda... mas você não coloca fé em si mesma. Precisa acreditar que tem todas as condições pra pegar esse garanhão!

— Não se trata de colocar fé em mim, Clarinha, e outra, é melhor você parar de falar essas coisas, nós somos de mundos bem diferentes — concluí.

— Aham... Dinheiro não muda o mundo de ninguém, eu posso garantir isso a você. Toda esta gentileza tem um nome minha amiga... Segundas intenções... — falou rindo. Eu encostei-me à cadeira e cruzei as mãos atrás da cabeça, pensando, e ela continuou incitando. — Os olhos dele brilham quando olha para você, parece até outra pessoa, e não o grosseiro e metido a besta que a gente está acostumada.

— Você está delirando... — eu pronunciei incerta enquanto me ajeitei na cadeira. Clarinha torceu a boca quando eu disse isso, então eu ri. — Deixa isso pra lá, não esqueça que tem a sua prima, eles devem namorar, se já não estão, pelo menos ela quer, porque não desgruda dele... — lembrei.

— Esquece aquela idiota! — Clarinha disse revirando os olhos.

Voltei a olhar para o quadro-negro com o olhar distante, perdido dentro de mim pensando que a Clarinha poderia ter mesmo razão, afinal eu não pedi nada para ele e aquilo aconteceu gratuitamente. Foi tudo tão natural, eu não tinha planejado isso. Mas, de repente, eu caí na real, deitei a cabeça na mesa e bufei, tentando esquecer um pouco aquilo. Deveria ser realista e pisar firme no chão, parando de sonhar. Suspirei e não olhei mais para o lado, só assim eu conseguiria despistar a minha amiga insistente que continuava me olhando, e pela sua cara estava louquinha para entrar no assunto novamente.

O meu foco tinha que ser as notas, pois faltava pouco tempo para a conclusão do meu curso. O problema na matéria de matemática já era suficiente. Não queria ficar arranjando ainda mais problemas. E assim foi a aula inteira, fiquei concentrada nas explicações, de vez em quando me distraía com a imagem do Chris povoando a minha mente e quando acontecia balançava a cabeça o expulsando.

Não foi nada fácil fugir dos olhares especulativos da Clarinha e agradeci quando tocou o sinal da saída. Guardei as minhas coisas e me levantei caminhando apressada em direção à porta e foi só neste momento que dei um rápido tchau para ela, como se estivesse me esquecido, ela ainda me chamou, mas fingi que não escutei e cruzei a porta para o corredor.

O que eu mais precisava era ficar sozinha para pensar, refletir sobre tudo o que aconteceu. E nada melhor do que a segurança do meu lar, o meu porto seguro para me proporcionar este momento. Só assim conseguiria organizar as ideias dentro da minha cabeça. Eu corri tanto que parecia até que estava fugindo de algo ou de alguém, no fundo acho que era exatamente isso que estava fazendo, fugindo.

Das especulações da Clarinha, da intragável da Kate e até mesmo do Chris. Mas acho que o destino conspirava contra mim, não era possível... Entre dezenas de pessoas saindo apressadas pelo corredor cruzando comigo,

justamente o Chris surgiu ao meu lado andando no meu passo. *Será que ele está me seguindo?* Se estava eu não sabia, a única coisa que tinha certeza era de que o meu corpo reagia à sua presença, e lá estava o frio novamente em minha barriga, aliás, esse frio vinha toda vez que o via. Sentia uma mistura de sentimento entre alegria e medo.

Porém, tinha que confessar que estava mais para alegria do que medo... O seu perfume era envolvente, excitante, o meu cérebro ao fazer o reconhecimento do aroma criava cenas eróticas entre nós, fazendo-me esquecer dos momentos ruins que tive, da forma fria que ele me tratou pela manhã, quando os seus amigos chegaram no momento em que conversávamos. Gelei ao pensar que ele poderia saber o que se passava em minha cabeça e balancei levemente para dissipar os pensamentos. Apressei meus passos, decidida a fugir da aproximação, mesmo porque logo os seus amigos passariam por ali, levando em consideração que só havia uma saída no Dante Batiston.

Ainda estava ressentida com aquilo e por isso a minha razão pedia cautela para o constrangimento não se repetir. E se eu tivesse juízo poderia evitar aborrecimentos. Mas o meu coração traidor se encheu de alegria ao vê-lo e foi com um sorriso alegre que eu desci os degraus, e para a minha felicidade, ou infelicidade, não sabia ao certo, ele continuou ao meu lado.

— E aí, Lucy, conseguiu fazer a prova? Eu me esqueci de perguntar no intervalo... — ele perguntou com a voz suave e eu virei a cabeça para ele quando me deparei com aquele lindo sorriso.

— Graças a Deus, a professora abriu uma exceção para mim.

— Exceção? — Ele levantou uma sobrancelha.

— Esqueceu que não é permitido entrar atrasado em dias de prova? — respondi seca.

— Tá, eu sei... — ele disse pegando em minha mão e me puxou para o canto assim que descemos o último degrau, me encostou contra a parede e me prendeu em seus braços. Fiquei toda sem jeito com o seu gesto inesperado. — Eu preciso falar com você...

Levantei minha cabeça com o olhar atento, aguardando o assunto que ele queria falar comigo, mas estava difícil permanecer indiferente com os seus braços ao meu redor, com a tempestade dentro de mim deixando ondas de arrepios e tremedeira nas pernas, prendi a respiração para segurar a minha onda. Aquilo tudo parecia um sonho.

Um piscar sereno dos seus olhos lindos castanho-claros brilhando como as estrelas amenizou a tensão pelo meu corpo. O sorriso mais lindo do mundo surgiu em seus lábios mostrando a fileira dos dentes brancos. Aí eu abri um sorriso tímido tentando controlar as batidas furiosas

do meu coração.

De repente, a realidade despertou dentro de mim, com certo medo de toda aquela emoção, eu não podia esquecer que, embora estivesse sendo tão gentil, o Chris Caster não era uma pessoa confiável. Ele poderia estar tirando onda com a minha cara e eu ali me permitindo ser seduzida pelo seu charme. Odiei a minha fraqueza. Mas o que eu poderia fazer se era o traidor do meu coração quem comandava todo o meu corpo, os meus sentidos, e eu não sabia onde foram parar. Tudo era um total descontrole, pernas bambas, suor frio minando dos poros, meu coração então, só por Deus, batia tão rápido e forte que eu podia ouvi-lo.

Era incrível o poder dele sobre mim, ali naquele momento parecia que estávamos em um mundo único somente com dois habitantes, eu e ele, apesar da maior correria dos alunos descendo as escadas com o final das aulas. Sabia que não estávamos sozinhos, mas era como se estivéssemos, ele não dizia nada, mas o brilho do seu olhar sim, todas as suas palavras pareciam sair de seus olhos que passeavam pelo meu rosto me deixando hipnotizada.

De repente, a atmosfera entre nós mudou, mas eu sabia que ele também estava mexido, senão não estaria me olhando com aqueles olhos semicerrados. Ele mordeu o canto da boca e naquele momento senti a energia que vinha dele, e uma corrente elétrica entrou pelo meu corpo

iniciando no local onde ele tocou em meu braço. De imediato suspirei profundamente e joguei levemente minha cabeça para trás, tudo era involuntário, não controlava nada, mas também não queria controlar. Eu me deixei levar...

Ouvimos risinhos de alguns alunos que passavam por nós. Como se quisesse me esconder, o Chris colou totalmente em meu corpo me pressionando contra a parede, me senti flutuar, minha respiração acelerou. *Merda, e agora?* Eu não sabia o que dizer, só esperava seus lábios carnudos, que estavam tão próximos aos meus, e sentia o calor de sua respiração. Então, ele abaixou os olhos até eles e retornou aos meus olhos, seu olhar era terno, diferente, e me deixou totalmente vulnerável. Involuntariamente, fechei os olhos e entreabri os lábios me assustando ao ouvir o som de sua voz me fazendo acordar imediatamente e ver o papel ridículo que eu estava me prestando.

— Eu preciso muito de sua ajuda na matéria de ma-mate-matemática — ele gaguejou e eu nem sei o porquê, mas aquele pedido veio como um balde de água fria sobre mim. *Então era isso que ele precisava tanto falar comigo?* Claro que deveria ter um motivo para ele jogar todo aquele charme, puro interesse. *Que ódio!* Eu me detestei por ter chegado a oferecer os meus lábios para um beijo, imagina só se ele iria me beijar, imagina!

"A garota pobrezinha!", era assim que ele deveria me

chamar e com toda a razão, pois eu era mesmo apenas uma bolsista que, inclusive, só estava ali pela generosidade de seu pai. Estava tão irritada que pensei em lhe dar um tapa na cara, ainda mais que eu o olhava e via que lá estava ele me olhando sério como se nada estivesse acontecendo. Não, mas eu não ia me rebaixar, tinha que dar a volta por cima e fingir que aquela aproximação não significou nada para mim.

— Você só deve estar brincando! — Minha voz saiu incrédula e ele assentiu com a cabeça.

— É sério, eu ficaria muitíssimo agradecido se você me ajudasse e...

— Não sou a pessoa certa para você pedir ajuda. Quem sabe, você pede ajuda para seu grupo de amigos seletos — interrompi e quando ele fez aquela carinha linda de choro, de desapontamento, eu não sei... Eu tive a certeza de que daquele jeito eu não ia resistir, que ele ia fazer bagunça na minha vida, eu não podia ficar perto deste garoto, ele tinha o cheiro do perigo. Era motivo de confusão na certa. A minha razão gritava dentro de mim. *Foge desta armadilha, Lucy.* Enquanto que a minha emoção aconselhava-me a deixar aquele sentimento que tomava meu corpo rolar livremente, eu não sabia a quem ouvir.

Como se percebesse o meu dilema, ele facilitou as coisas para mim, senti seus braços me soltarem para que

eu pudesse me afastar, e o meu juízo fez com que eu caminhasse em direção ao portão de saída. Ele correu em minha direção e segurou o meu braço novamente, mas olhando firme em meus olhos, confundindo-me. Eu via o mesmo brilho de emoção que os meus deveriam ter.

— Espere aí, Lucy, por favor, estou muito mal na matéria. — Era só dizer que não, inventar alguma desculpa. A aproximação com o Chris poderia arruinar o meu coração e eu não estava preparada para isso, como também deixei de ser a aluna exemplar do passado.

Deixa só ele saber que estou na corda bamba!

— Contrate um professor particular, você tem dinheiro de sobra para pagar um. Não sou a melhor pessoa pra te ajudar. — Puxei meu braço com determinação me afastando.

Ele me segurou novamente fazendo com que eu parasse de caminhar e não teve jeito, então virei em sua direção, não deveria ter parado, aquele rosto marcante tinha um olhar triste, pidonho.

— Por favor, como vou explicar para o meu pai que novamente me dei muito mal na prova? Ele vai me matar...

— Pensa que é só você quem tem problemas? Eu também não estou bem em matemática e tive que contar com a minha própria ajuda — falei respirando fundo. — Acontece, Chris, que eu também estou precisando de muita nota em matemática. E veja o meu caso? Sou

bolsista e para não perdê-la no último semestre eu não posso pegar recuperação. — Abaixei os olhos desanimados quando ele pegou em meu queixo e me fez levantar a cabeça. Nossos olhos se encontraram, ficamos nos olhando por alguns segundos em silêncio, eu não consegui controlar, estava hipnotizada. Ele franziu a testa com um sorriso leve nos lábios. *Que charme!* — O que foi?

— Seus olhos verde-azulados são maravilhosos, eu não tinha reparado até hoje pela manhã. — Inclinei a cabeça com os olhos apertados sem acreditar na cara de pau dele, era um verdadeiro ator. Eu já devia esperar uma atitude assim dele, pois já o vi várias vezes flertando com garotas, e este seu jeito sedutor acabava mesmo mexendo com o coração da gente. Só que o problema é que depois que ele conquistava, ele descartava.

— Chris, me poupe, não precisa jogar charme para tentar me convencer. Como eu já falei, também estou precisando de ajuda em matemática. — Afastei-me novamente. Ele me olhava com um sorriso torto e eu rolei os olhos. Quando ele segurou meu pulso, eu puxei. — Chris! — Segurou-me novamente em meu queixo me fazendo olhar para ele.

— Espera, vamos conversar direito, você sempre foi arisca assim?

— Eu não! — Parei de falar e desviei em direção da

voz estridente da Kate. E lá vinha ela em nossa direção rebolando como uma cobra venenosa.

— Chris... Eu estava te procurando... — Ouvir a voz da Kate sempre foi um dissabor para mim, mas neste momento, e ainda mais chorosa, foi um verdadeiro pavor, embrulhou o meu estômago. Ele virou para ela com preguiça e levantou as sobrancelhas, percebi a ironia em seu olhar.

— Agora você me achou.

— Por que você está conversando com esta aí? — perguntou com desdém.

— Lucy... Hellooooo, meu nome é Lucyyyyy, querida! — bufei com raiva.

Ela revirou os olhos e deu de ombros mostrando desinteresse voltando ao Chris, que estava com os olhos focados em mim. “Logo a turma toda dele vinha em nossa direção e eu precisava sair dali, mas não agora”, pensei. Embora em pânico, eu não queria passar a impressão que tinha medo deles, então aguardei os meninos se aproximarem.

— E aí, cara? — Newton cumprimentou Chris e olhou para mim, seu olhar era um tanto desconfiado, eu abaixei os olhos, intimidada.

— Oi, Lucy. — Voltei a olhá-lo assentindo com a cabeça, surpresa com o cumprimento.

— Está rolando algum problema por aqui? — perguntou Ivan sem olhar para mim, parecia simplesmente feliz em me humilhar, aliás, ele fazia parte da minoria que comentei, ele parecia até a alma gêmea da Kate, e como eram parecidos em suas atitudes grotescas!

Eram desrespeitosos com todo mundo. Da turma ali, ele e a Kate eram os piores, o Newton se mantinha neutro na dele. Fingi que não percebi e olhei para o Chris com esperança que ele fosse me defender, ou algo próximo a isso, e me frustrei, lá estava aquele sorriso indiferente de novo em seu rosto. Um nó se formou em minha garganta e, se eu não saísse dali nos próximos segundos, pagaria com certeza o maior mico da minha vida. Meus olhos se enchiam de lágrimas, respirei fundo e prendi a respiração apertando os lábios um sobre o outro segurando o choro, com muito ódio no meu coração, me sentindo desprezada. “Seu idiota, problema aqui é você e não eu...”, pensei no silêncio dos meus pensamentos.

— Claro que não, cara, só estava aqui pedindo uma ajudinha para a Lucy — respondeu e olhou sério para mim, incrédula eu levantei as sobrancelhas. — Ela não pode me ajudar, é uma pena! — completou em seguida e deu as costas em direção à lanchonete, e os outros o seguiram se encontrando no caminho com o resto da corja: Samuel, Diego e a Janette, que virou para mim; engoli a vontade de chorar e fiquei ali parada com cara de boba, e ainda vi quando a Kate sussurrou algo em seu ouvido e as

duas saíram dando altas gargalhadas.

Eu me sentia perdida, desolada, e a culpa era toda e exclusivamente minha, por, mais uma vez, me deixar levar pelo charme do Chris e aquilo já estava passando dos limites, então saí apressada do colégio para ninguém perceber o que se passava comigo.

Capítulo Cinco

A sala estava em absoluto silêncio quando abri a porta. Entrei e o Juninho, como sempre, estava com os fones de ouvido jogando seu game que ganhou de presente na última festa de final de ano na empresa do papai. Seus olhos estavam fixos na tela da TV, superenvolvido, concentrado e digitando furiosamente as teclas do controle. Eu estava exausta, completamente angustiada, mas firme na luta com os meus pensamentos na tentativa de digerir tudo e esquecer, seria o melhor a fazer. Olhei em direção à cozinha procurando minha mãe, o lugar predileto dela, pois adorava inventar pratos novos e também decorá-los, como fazia na casa. Ela tinha um talento enorme para decoração, com pouco dinheiro ela conseguiu deixar todos os ambientes do sobrado com dois pavimentos sofisticados e aconchegantes.

A sala era o ambiente mais espaçoso da casa, e foi o cômodo que a mamãe mais gastou com a decoração de muito bom gosto, um sofá de três lugares em couro marrom, em frente à parede onde havia uma TV no suporte da parede em que o Juninho estava sentado com os olhos vidrados na tela da TV jogando, e parece que nem percebeu a minha presença. Ao lado direito havia um sofá de dois lugares também em couro, havia uma mesinha de centro em madeira escura com alguns adornos coloridos

sobre um confortável tapete marrom com fios beges, na mesma parede que era a porta de saída que passava pela varanda e um maravilhoso jardim. Este era considerado dos sonhos, tudo sempre muito bem-cuidado por minha mãe que amava a natureza, havia também uma imensa janela toda em vidro com cortinas na cor bege que proporcionava um conforto maravilhoso para a nossa casa.

Do lado esquerdo estava a escada para o andar superior com três suítes pequenas e as três decoradas com móveis idênticos. Minha mãe aproveitou a liquidação da loja, e logo após a escada vinha a porta da cozinha. Ao olhar me veio a lembrança de que ela me disse pela manhã qualquer coisa sobre ir ao supermercado, deduzi que ela não estava em casa, mesmo porque o silêncio da cozinha já confirmava isso. Pois se estivesse em casa estaria ouvindo a porta de armários batendo, pois mamãe era barulhenta.

Fixei meus olhos na tela da TV com os pensamentos distantes, arrependida, eu sabia que era tarde para arrependimentos, mesmo assim eu foquei neste sentimento, como se eu precisasse mesmo me punir. Eu havia desperdiçado a grande oportunidade que tive na vida, talvez a única, e eu nem sabia por que eu estava tão indiferente. A Lucy guerreira e preocupada com o futuro deixou de existir de uma hora para outra. A alegria que eu

sentia sempre ao pisar dentro de casa cantarolando e irritando muitas vezes o Juninho, que sempre neste mesmo horário estava jogando seu game, também desapareceu.

Suspirei fundo arrastando-me no sofá para mais perto dele como se precisasse do seu calor, mas soltei um sorriso desanimado ao perceber sua expressão descontente, então para não atrapalhar subi para o meu quarto.

Finalmente senti um pequeno momento de descontração e ao entrar no quarto eu olhei ao redor rindo da minha própria desorganização. O ambiente mais parecia um centro de guerra, tudo estava fora do lugar. Eu precisava dar um jeito naquele quarto. Eu me perguntei como foi que eu consegui tamanha artimanha, em todos os móveis havia objetos fora do lugar. Na cama *king size* tinha roupas sujas do dia anterior misturadas aos lençóis amontoados; em cima do criado-mudo tinha copo com resto de suco de laranja; na poltrona, ao lado da porta do banheiro, o meu lugar predileto para a leitura dos meus livros, havia sutiã e algumas peças de roupas íntimas. Tanto o guarda-roupa, quanto a penteadeira com um espelho grande, estavam com as gavetas abertas. Não foi só com os estudos que eu vacilei, o meu desleixo foi total.

Só se salvou mesmo o quadro na parede acima de minha cama e o relógio decorativo na parede atrás da poltrona, intactos. A luz do sol refletia nas cortinas que dava uma cor meio amarelada ao quarto de móveis bege-

platino e com as paredes pintadas de branco, criando assim uma harmonia que trazia paz, mas com tanta bagunça se tornou um quarto escuro.

Sorri para mim mesma pensando o que estava mudando em mim. Acho que eu estava amadurecendo, só podia ser, desde quando eu reparava em coisas como estas, outras vezes eu não estaria nem aí e me jogaria na cama em cima da bagunça. A minha mãe sempre fez questão de cuidar da casa, ela dizia que eu precisava ocupar meu tempo com os estudos. Respirei fundo e mãos à obra, ainda que estivesse sentindo minhas pernas cansadas, mas comecei a faxina pela minha cama, já era mais do que necessário.

Arrumei todo o quarto e passei o resto da tarde lendo um livro, sentada em minha poltrona. Embora estivesse bem difícil me concentrar nas páginas, e olha que o assunto era superinteressante, mas fiz o possível e o impossível, só que, infelizmente, a imagem do rosto do Chris impregnou em minha cabeça de tal forma que a partir daí não consegui mais continuar com a leitura e parei de insistir comigo mesma, então larguei o livro sobre a pequena mesa de apoio, ao lado da poltrona.

Joguei-me de costas sobre os lençóis com olhos fixos no teto, por alguns minutos, e quando virei a cabeça em direção à janela percebi que caía uma garoa fina deixando pingos sobre a vidraça. Aquelas gotas escorreram diante dos meus olhos enquanto eu pensava nele. *Que inferno!*

Não podia estar tão focada no Chris.

Praguejei com força me peguntando por que será que não o tirava de minha cabeça, ele não deveria estar só nos meus pensamentos, fazendo com que eu me esquecesse de viver a minha vida como era antes. Saltei da cama e fui para o banheiro na esperança de que uma boa chuveirada fosse capaz de lavar meu corpo e a minha alma. Então abri o registro e antes de entrar, me lembrei do cabelo, prendi com uma borrachinha que encontrei na pia do banheiro, entrei embaixo das gotas de água que caíram freneticamente em meus ombros.

Nem a água foi capaz de me purificar, me senti incapaz de reagir e tirar o Chris da minha cabeça, pois sabia que precisava, ele nunca iria me olhar como uma garota normal, quer dizer, como alguém à sua altura. Tinha que conseguir bloquear este sentimento que ameaçava vir com força, antes que fosse tarde demais. “Será que o fato de ele me tratar com indiferença já não era o suficiente para eu cair fora?”, pensava visualizando a forma fria como ele me olhava quando seus amigos se aproximavam e nasceu um ódio dentro de mim, então decidi que se eu conseguisse concentrar nesta única cena seria fácil de esquecê-lo.

Ignorá-lo não seria tão difícil assim, ele fazia isso desde que o conheci. Prometi para mim mesma que não iria mais me permitir ser humilhada novamente. E que aquele dia na escola foi uma exceção, porque eu me

encontrava vulnerável com a preocupação da minha nota. Mas que nunca mais iria se repetir. Fechei os olhos com raiva me lembrando daqueles imbecis rindo da minha cara, incomodada. “Por que me sinto assim? Porque está doendo aqui dentro”, respondi minha indagação. Estava doendo a alma com essas memórias.

Bati o pé no chão com determinação por causa do rumo que os meus pensamentos estavam me levando, não queria me sentir assim, nem ao menos queria chorar de novo sem motivos, eu sempre fui durona com garotos folgados e indiferentes às ironias de alguns naquele colégio e continuarei a ser, ponto-final. Afinal, tinham coisas mais importantes na vida do que ficar chorando pelos cantos. E também tinha o Flávio que era um fofo, um carinha que eu estava ficando já alguns meses, por minha parte nada sério, pois até agora não havia me decidido se namoraria ou não com ele, embora por parte dele este nosso ficar já era um namoro, ele me adorava e me respeitava, e, de repente, assumir este namoro poderia ser uma opção, ele merecia esta chance.

Mas a principal de todas as razões era o meu estudo e prestar vestibular para Medicina na USP; e para isso eu precisava dedicar 100% do meu tempo pensando nos livros, só assim poderia um dia vencer na vida e contribuir com a minha família. O meu pai tinha toda a razão quando me alertava sobre namoros, ele dizia que garotos tiravam a nossa concentração desviando-nos das

prioridades, e agora eu entendia mais do que nunca suas palavras.

Desliguei o chuveiro, perdi a noção do tempo que fiquei ali embaixo da água, e me enrolei na toalha macia com a certeza que da próxima vez que ele viesse com aquela conversa fiada para ajudá-lo com a matemática eu iria mandar ele se danar. Deixa ele pensar que vai conseguir me enrolar jogando seu charme em cima de mim só para salvar a sua pele...

Finalmente me senti melhor, o banho foi restaurador, era tudo o que eu precisava no momento, espantou o cansaço do meu corpo. O quarto se tornou solitário demais enquanto eu me vestia, resolvi então descer para conversar um pouco e preencher minha mente com outras coisas e expulsar os momentos que vivi na escola no dia de hoje. Descia as escadas quando ouvi a porta da sala abrir e fechar.

Mamãe acabou de chegar. Ainda bem, suspirei aliviada, a mamãe era boa de conversa e conseguia entreter a gente, era tudo o que eu precisava, ou seja, uma mudança de foco.

— Oi, mãe — disse ao vê-la com um montão de sacolinhas brancas do supermercado e corri para ajudá-la. O Juninho não estava mais na sala.

— Obrigada — agradeceu me entregando algumas. — O mercado estava um caos hoje, eu me esqueci de que

é dia de pagamento do povo. E como foi na escola? — perguntou quando a gente atravessou a porta da cozinha. Senti um frio na barriga com a pergunta e o meu celular vibrou bem na hora. Senti um aperto no peito, o aparelho celular fez eu me lembrar do Chris. Suspirei enquanto colocava as sacolas sobre a mesa e fui ver quem era.

— Só um minuto, mãe, eu já volto para a gente conversar — falei correndo para a sala. "É o Flávio", pensei enquanto atendia ao telefone.

— Oi, meu amorzão, topa sair hoje à noite comigo? — ele perguntou assim que atendi.

— Oi, Flávio, eu não sei... estou cansadona hoje...

— Você já percebeu que não tem um dia que eu convide você para sair que não fala que está cansada. Será que este cansaço sou eu? — Senti um calor subir pelo meu rosto, corei como se ele estivesse ali na minha frente falando isso.

— Para com esta marcação, Flávio, é sério, hoje o dia não foi nada fácil, você sabe que eu estou correndo atrás de nota.

— Foi mal... Desculpe, esqueci completamente, e como foi a prova? Foi hoje, né?

— Mais ou menos... Tinha várias questões que eu não sabia...

— Vai dar tudo certo, não se preocupe. Quem sabe a

gente possa sair amanhã.

— Pode ser — respondi com os pensamentos distantes.

— Beijos, minha linda, eu desejo muita, muita sorte para você. Estou morrendo de saudades.

O Flávio era sempre tão fofo e compreensivo. Eu, às vezes, até me sentia mal por não gostar dele tanto quanto ele gostava de mim. A verdade era que eu o via como amigo e não conseguia retribuir o carinho que ele me dava. Era uma pena.

— Beijos — falei me despedindo.

Coloquei o celular sobre o sofá e suspirei fundo, ao pensar no que eu perderia se não conseguisse a média. Eu estava realmente muito preocupada com tudo isso. E também me sentia triste pelo Flávio, poxa ele era um cara legal, mas não adiantava, meus pensamentos estavam mesmo no Chris.

Sempre sonhei em me tornar uma médica, e vencer na vida, poder dar uma casa melhor para a minha família, e tentar retribuir todo o esforço que meus pais tiveram comigo. Acho que este sonho tinha a ver com o mundo em que eu vivia, em frequentar as casas dos bacanas, talvez eu estivesse errada em querer ter demais, estava muito boa a vida que a gente levava. Saltei exausta do sofá, mas decidida a não ficar me lamentando mais, se desse, muito bem, se não, paciência.

Entrei na cozinha com o estômago roncando com aquele aroma de alho frito que eu amava. A minha mãe estava uma fofa cozinhando sorrindo, pelo menos isso... A alegria dela me contagiou e me deixou feliz, presumi que ela e o meu pai tivessem feito as pazes.

— Vou preparar um jantar daqueles pra gente! — ela informou servindo um copo de refrigerante. Sorri e senti uma leve palpitação, apesar de leve fiquei um pouco mole e puxei a cadeira para me sentar antes de pegar o copo de sua mão.

— Obrigada, mãe. — Abaixei os olhos enquanto respirava fundo e quando levantei ainda me sentia estranha. Ao perceber, minha mãe puxou a cadeira e se sentou em minha frente segurando minha mão que estava sobre a mesa.

— O que houve, filha? — Sua voz era calma como sempre. — Está estranha, querida.

Pensei em comentar sobre o cansaço repentino, mas desisti ao pensar que deveria mesmo ser causado pelo medo que acelerava o meu coração me deixando cansada como se eu tivesse corrido quilômetros. Não ia preocupar minha mãe com besteiras, então só falei sobre a prova.

— Mãe, eu tenho uma notícia para te dar, não é muito legal. — Desviei os olhos, ela ia ficar triste com certeza.

— Que suspense, menina, fala logo, pelo amor de Deus — disse com os olhos fixos nos meus, ainda pisquei

algumas vezes antes de falar, poxa ela estava feliz e eu ali prestes a arruinar a sua alegria. Fiz uma leve careta quando ela apertou a minha mão. — Ah... Lucy, o que aconteceu? — Sua voz já passou a ser chorosa como se já imaginasse o pior.

— Não estou confiante sobre a prova que fiz hoje, a de matemática. Eu juro, mãe, que eu fiz de tudo, de tudo mesmo... Estudei dias e noites e você é testemunha disso.

Ao me ouvir, ela soltou o ar com força, senti um alívio em sua expressão e aquela atitude me acalmou, acabei ficando mais tranquila ao ver que ela não ficou brava comigo e com nenhum sinal de decepção.

— Ah... minha querida. — Sorriu compreensiva. — Eu sei que você se esforçou, eu entendo que você é muito cobrada por mim e pelo seu pai...

— Não, mãe — eu interrompi. — A culpa é só minha, demorei a acordar e quando vi já estava na corda bamba. — Suspirei com desgosto. — Acho que fiquei um pouco cansada.

— O que é muito normal, você é só uma adolescente e cansou de tanta pressão, minha filha. Todo mundo tem o direito de tirar uma nota vermelha na vida. E você não é santa. Quantas vezes já nos encheu de alegria? Esqueceu? — Abaixou os olhos tristes. — Desculpa pela pressão, querida, a gente só pensou no seu bem e ficamos com medo de você perder a bolsa, foi isso — finalizou se

justificando. Suas palavras não eram novidades para mim, mas soaram doces e eu me arrependi pelo meu descuido.

— Perdão, mãe. — Ela movimentou a cabeça de um lado ao outro com um sorriso terno nos lábios.

— Não é preciso pedir perdão, minha querida, e se eu e o seu pai pudéssemos com certeza pagaríamos pelo curso e você levaria numa boa, mas a nossa situação é outra, infelizmente só depende de você. — Ela me abraçou forte enquanto eu suspirei aliviada e leve. Como se um peso enorme tivesse saído das minhas costas. Conversar com minha mãe sempre me tranquilizava, ela era uma doçura de pessoa. — Todos nós temos limites, e talvez você tenha chegado ao seu, não fique aí se martirizando, caso não tenha dado, paciência, a gente vê como faz... — falou cutucando a ponta do meu nariz com um lindo e encorajador sorriso. Ela conseguiu me deixar confiante. — Coloca um sorriso nesta carinha linda. — Obedeci de imediato, então ela se levantou. — Deixe-me preparar o jantar, seu pai prometeu que viria cedo para casa hoje.

— Então este é o motivo de tanta alegria — disse me levantando e lhe abraçando pela cintura.

— Poderia lavar umas folhas de alface? — pediu dando uma reboladinha. — Vamos ver se agora as coisas mudam, Lucy. — Ela virou a cabeça para mim e suspirou. — Faz tempo que a gente não faz um jantar em família.

— É verdade... — concordei. — Cadê o Juninho? — perguntei.

— Foi à casa do Cleiton, disse que tinha trabalho da escola para fazer.

— Ainda bem que, pelo menos, o Juninho está bem com as notas...

— Não vamos nos precipitar, ainda não sabe como se saiu. — Tocou em meu queixo com um sorriso confiante. — Então reze, querida, a fé é uma grande companheira quando acreditamos.

Ela me passou muito mais que confiança, passou também segurança e calma, que supermulher era a minha mãe. Eu agradecia todos os dias por ser parecida com ela, exceto esta paciência que ela tinha e o poder de ajeitar tudo nos seus devidos lugares.

Como o meu pai prometeu, ele chegou cedo, minha mãe dava pulos de alegria. Tanto que até abriu uma garrafa de vinho, pois queria comemorar.

— Vamos brindar a isso, a uma nova fase em nossas vidas — pronunciou com a garrafa em uma mão e duas taças de cristal na outra. Ele parecia tão feliz nesta noite, não havia nenhum sinal de estresse nele.

— Com certeza vamos sim, minha querida. — Ele a beijou na boca e pegou sua taça, o clima ficou romântico com as trocas de olhares, meus pais eram muitos

apaixonados, eu até pensei em me retirar para deixá-los mais à vontade, mas Juninho abriu a porta falando sem parar. Claro que acabamos rindo das gracinhas dele e ficamos por ali mesmo.

O jantar aconteceu num clima animado, ríamos muito de várias situações engraçadas que o meu pai contava, coisas que aconteciam no seu dia a dia. Nossa, como foi legal aquela noite. Era tudo que eu precisava. E num desses assuntos ele começou a falar do Senhor Pablo, aquilo acendeu uma chama dentro de mim, ansiosa.

— Foi um milagre que o senhor Pablo tenha me dispensado para sair mais cedo. Hoje, ele estava uma pilha de nervos.

— Verdade?

— Aquele filho dele não toma jeito mesmo.

— O Chris? — Minha mãe perguntou curiosa. O meu coração disparou no mesmo instante, o simples nome me trouxe as lembranças da escola, eu tinha esquecido completamente durante o jantar.

— É, ele mesmo, o garoto aprontou de novo e acabou sendo preso na noite passada. Parece que ele e os amigos invadiram um túnel em obras interditado e fizeram rachas ao ponto de acontecer uma tragédia. Este rapaz é muito desajuizado. — Eu engasguei com a comida chamando a atenção dos dois, que me olharam preocupados.

— Estou bem — disse rapidamente, queria ouvir mais.

— É excesso de dinheiro que subiu à cabeça dele — concluiu minha mãe.

— Se eu tivesse o dinheiro que o Chris tem, eu faria tantas coisas boas e não este tipo de idiotice — completou Juninho.

Eu não disse nada, fiquei ali ouvindo e pensando que o Chris deveria estar em pânico mesmo para me pedir ajuda com a matemática, e com aquela conversa eu entendi porque ele não podia pedir dinheiro ao pai para pagar a professora particular. Aprontou à beça...

Nem consegui mais terminar a refeição com a avalanche de lembranças. Torci para que o meu pai não se lembrasse de perguntar sobre a prova, caso perguntasse sabia que a conversa seria longa, queria mesmo era subir para o meu quarto e me jogar na cama, quando pensei em me levantar da mesa a campanhia tocou, eu corri para atender.

— Deixa que eu atendo!

Assim que abri a porta, o Flávio abriu um sorriso terno, embora com o olhar bem sedutor me oferecendo seu ombro. Ele estava tão bonitinho vestido num agasalho branco, e com os cabelos úmidos desalinhados que eu fiquei me perguntando por qual razão eu ainda não havia me apaixonado por ele. Era gentil, carinhoso, fofo, fazia

piada de tudo, muito divertido... Um tipo de garoto que conquistava fácil o coração de qualquer menina, com aquele olhar cinza expressivo e de cabelos castanho-escuros, curtos e bem cortados, só o meu que não. O meu sentimento por ele era simplesmente de respeito. Como se fosse um grande amigo. Ele sorriu tão alegrinho que partiu o meu coração, eu não senti a mínima vontade de convidá-lo a entrar, mas também não precisei, beijou levemente meus lábios e entrou.

— Achei que você não ia me convidar para entrar.

— Claro que ia — respondi enquanto fechava a porta e voltei para ele.

— Não pareceu. — Ele me olhava apertado com as mãos na cintura. — Eu vim aqui para oferecer consolo, você me pareceu tão tristinha ao telefone...

— Pois é — falei desapontada me sentando no sofá. —, estou apavorada mesmo.

— Eu estou aqui, minha linda. — Sentou-se ao meu lado e segurou forte na minha mão. — Sabe que pode contar comigo sempre, você desligou o celular antes que eu pudesse avisar que viria até aqui, aí liguei várias vezes e você não atendeu...

A informação me pegou de sobressalto e me lembrei de que quando fui para a cozinha eu desliguei o aparelho e deixei em algum lugar no sofá, então comecei a tatear, à procura dele. O Flávio estava sentado em cima, liguei

rapidamente e ri enquanto procurava uma desculpa para justificar a minha atitude.

— Acho que desliguei sem querer. — Ele inclinou a cabeça e olhou no visor, rindo animado.

— Está tudo bem... — Ele fez carinha de choro quando disse isso. Comecei a gargalhar alto, e ele também, ele sabia alegrar a gente. — Ah... Para de rir da minha cara. — Ele encostou a cabeça na minha e fechou os olhos.

— Desculpa, Flávio, depois que conversamos eu fiquei na cozinha falando com a minha mãe, esqueci completamente dele. — Afastei-me um pouco do contato, me sentia meio que sufocada com a aproximação. Endireitei o corpo no sofá e ele percebeu fazendo o mesmo. Colocou o braço em meu ombro e me apertou junto a ele.

— Eu estava com tanta saudade... — O toque em meu ombro me deixou desconfortável. Então me levantei ficando em pé à sua frente. Ele me olhou meio que intrigado com a minha reação. — O que eu fiz?

— Só estou preocupada...

— Ah é verdade... — desarmou-se. — Desculpa te pressionar, mas é que você nunca esteve tão distante de mim como está hoje. — Apesar do seu olhar triste que partiu o meu coração, eu queria muito que ele fosse embora...

— Flávio, por que a gente não marca para se ver amanhã? — Ele inclinou a cabeça e olhou para o relógio. — Por quê? — ele perguntou se levantando e se aproximou. — Eu acabei de chegar e não pretendo ir a lugar algum antes de... — Passou o braço ao redor da minha cintura, eu deslizei para o lado não dando a oportunidade de ele finalizar a frase.

— Sabe o que é, Flávio, estou apavorada mesmo, morrendo de medo da reação do meu pai quando souber.

— Ora, Lucy, ele vai ter que entender que não é fácil o colégio que você estuda, ele exige muito dos alunos, aliás, você está de parabéns porque chegou até aqui muito bem. Sempre com notas ótimas e servindo de referência para tantos alunos. Quando vai saber a nota?

— Só na semana que vem — respondi impaciente, na verdade eu não estava muito a fim de conversar e ele não se tocava, mas eu não queria ser deselegante mandando-o embora, seria muito melhor se ele mesmo se tocasse, mas, pelo jeito que me olhava, achei que seria meio difícil isso acontecer, ele avançou alguns passos tirando as minhas esperanças. Eu recuei alguns passos, mas tive que parar e quando ele se aproximou me olhou no fundo dos meus olhos com um sorriso torto, a minha reação foi comprimir os meus lábios.

— Eu gostaria muito de ficar, Lucy... não me mande embora, por favor — pediu com uma voz melosa que tive

até pena, mesmo assim não me convenci, hoje não seria um bom dia para namorar.

— Não me leve a mal, Flávio, eu preciso ficar sozinha para pensar como eu vou falar para o meu pai que eu tenho dúvidas em relação a minha nota. Aliás, eu nem sei por que ele ainda não me perguntou. — Aproveitei o momento e dei as costas para ele e caminhei em direção à porta, e quando me virei deparei com o seu olhar triste, derrotado... Por um momento me senti mal por expulsá-lo daquele jeito.

— Vai mesmo me dispensar assim, na cara dura? — ele reclamou com a cara fechada e cruzou os braços. A sua atitude despertou em mim certa curiosidade que me irritou, de repente me vi analisando o seu porte físico, especificamente os braços bem diferentes dos braços musculosos do Chris e senti um montão de borboletas no estômago. — Você está bem? — ele perguntou tocando no meu braço, este contato com a minha pele me assustou, nem vi que ele tinha vindo até mim e me afastei disfarçadamente, é claro, ele não tinha culpa de nada.

— Lucy! — Juninho entrou gritando na sala, soltei o ar com força agradecendo por ele ter me salvado do momento constrangedor. Olhamos para o meu irmão e ele me entregou um pratinho com um pedaço de bolo com os olhos em Flávio, que sorriu. — Você está aí, Flávio, eu não sabia, vou pegar um pedaço de bolo para você também.

O Flávio abriu um largo sorriso, era a oportunidade que ele tinha para ficar, eu engasguei com a minha própria saliva e comecei a tossir. Quando levantei os olhos, ele estava com a sobrancelha levantada e com o semblante sério.

— Obrigado, Juninho, eu já vou. — Ufa! Finalmente ele se tocou, melhor assim porque eu estava a um fio de mandá-lo embora e estava me segurando para não fazer.

Juninho concordou com a cabeça e voltou correndo para a cozinha e o Flávio se aproximou novamente, colocou os meus cabelos para trás e beijou minha face com carinho. Confesso que a demonstração de carinho me comoveu por um momento e eu quase beijei seu rosto, mas me contive para não dar motivo para ele tentar ficar mais uma vez.

— Espero que você não esteja cansada de mim. — Eu neguei com a cabeça.

— Claro que não, é que hoje é um dia especial e eu preciso me preparar psicologicamente para dar a notícia ao meu pai.

— Não se preocupe, vai dar tudo certo. Eu acho que você está fazendo tempestade em copo d'agua. — O tom de voz do Flávio era otimista. — Eu confio no seu potencial... vai ter uma grande surpresa!

— É... a sua teoria é bem animadora... — Fechei os meus olhos rapidamente respirando fundo, incerta.

Nós nos beijamos, um beijo frio e rápido por minha parte, ele saiu desolado da minha casa, e eu fiquei olhando para ele enquanto se afastava com o coração apertado, pensando que era um carinha legal e não merecia o que eu fazia com ele. Fechei a porta me sentindo uma pessoa má por magoá-lo, mas fazer o quê? Não dava, pois a minha cabeça estava cheia de conflitos e nem sabia mais no que pensar. E me envolver ainda mais com o Flávio nessa história seria pior.

E por um momento comecei a repensar se valia a pena continuar naquele relacionamento, se não seria mais correto comigo, e com o próprio Flávio, terminar o namoro, ou melhor, dizendo, este meio namoro!

A minha consciência gritava para que eu parasse de ficar enganando o garoto, dando esperanças para um amor que dificilmente aconteceria, principalmente depois do que aconteceu ontem, com as novas emoções que experimentei. O fato era que os sentimentos novos me mostraram que eu tinha um grande carinho pelo Flávio, que gostava muito dele, mas como um bom amigo, nada mais.

E não só para parar de enganar o Flávio que minha consciência pedia, mas também para parar de enganar a mim mesma. Às vezes achava que eu era uma pessoa muito complicada, afinal eu mentia para mim dizendo aos meus pais que era feliz, que adorava o colégio em que estudava e que estava no caminho certo para um futuro

brilhante.

Será? Será que este futuro brilhante existe mesmo? O fato de eu estar tendo a oportunidade de ingressar com mais facilidade numa universidade de ponta não era certeza de que eu seria realmente feliz. Estes pensamentos repentinos estavam me desviando do foco, a começar pelo desinteresse em meu futuro de uns meses pra cá. De repente, parei para pensar coisas que nunca tinha feito antes. Como: tirar a semana de folga, sair com amigos no final de semana sem pensar nos livros, e sair daquela obsessão de sempre querer ser a primeira da turma.

Desde quando entrei no Dante Batiston, a minha vida foi de dedicação total, mesmo com as dificuldades de relacionamentos com os alunos no início, o preconceito que sofri foi por ser de classe social diferente, e não foi por parte deles, pois a maioria dos estudantes foi receptiva comigo e com o Juninho. O problema sempre foi comigo, eu tinha vergonha de levá-los em minha casa, por ser muito simples perante as mansões que eles moravam.

Mas eu me adaptei com tudo isso e aprendi com o tempo a lidar com a diferença sem nenhum conflito, porque o meu foco era me formar para um futuro que prometia. Mas agora tudo mudou dentro de mim e, de repente, eu me perguntava, quase que diariamente, se o sonho de estudar num colégio de bom nível seria mesmo o meu ou dos meus pais?

A amizade com a Clarinha foi decisiva para eu chegar até aqui, nos tornamos amigas inseparáveis e isso me ajudou a integrar melhor no colégio e a interagir com todos. E assim a minha vida parecia perfeita, segui em frente, firme e forte, e cada nota alta enchia os meus pais de orgulho. Eles diziam que o meu futuro estaria garantido. Mas que futuro? A palavra futuro fazia parte do dia a dia em minha casa até que comecei a me cansar de ouvi-la, a ficar desanimada, cansada de tudo, pensar se era realmente isso que eu queria. Comecei a sentir o meu futuro distante, como se este privilégio não me pertencesse. Eram sentimentos confusos que me levaram ao desleixo total.

Com um preço alto a pagar, agora eu sabia que era tarde, que o tempo para recuperar o que perdi não seria o suficiente, e isso encheu o meu coração de tristeza. Na verdade, eu deixei me levar, por nenhum momento pensei que poderia perder a bolsa, apesar de saber exatamente o que dizia no contrato. Acho que tive um apagão na memória, só pode ser... Porque, agora com as consequências me rodeando, mergulhada em um mar de confusões, é que percebi a bobeira que dei.

Mas lá no fundo, bem lá no fundo, toda essa minha preocupação era pelos meus pais, porque por mim mesma eu sabia que daria um jeito e que estudar num colégio público não me parecia um bicho de sete cabeças. Mesmo assim, pensava que tinha que fazer o possível para tentar

recuperar o que perdi, sentia como se fosse uma obrigação que devia aos meus pais que sempre acreditaram no meu futuro brilhante. Mas para reparar o meu erro, eu tinha que consertar o presente.

As lembranças do hálito quente do Chris em meu rosto varreram os pensamentos fazendo o meu coração palpitar. Como se não bastassem os problemas que eu já tinha, agora precisava administrar este sentimento que me tirava do meu principal foco. Este envolvimento com o Chris justo agora?

Na verdade eu precisava expulsar este sentimento que se apoderou de mim antes que fosse tarde demais. Bloquear com urgência. Uma paixão pelo Chris Caster nunca passaria de uma paixão platônica cheia de sofrimento e solidão, e o outro motivo era que o meu pai nunca permitiria este relacionamento. *Imagina!* Meu pai sempre o chamou de riquinho marginal.

E ele tinha motivos para isso, o Chris vivia metido em confusões e ontem não foi a primeira vez que foi preso, pelo que me recordava já tinha sido detido pela polícia umas quatro vezes, nada grave, ou de violência, todas as prisões foram somente por desordem.

Perdida em meus pensamentos acabei me esquecendo de que estava em pé na sala, ouvi as vozes dos meus pais e os risos do Juninho vindo da cozinha, e suspirei por não ter ninguém ali me observando. Precisava me concentrar

nos estudos, não ia magoar meu pai, ele trabalhava tanto pra nos dar o melhor, eu não tinha este direito, mesmo que não fosse exatamente o que eu achava melhor pra mim, ia seguir em frente. Mas com a imagem teimosa do Chris invadindo a minha mente, a cada minuto, ficava difícil de me manter firme na decisão de não pensar mais. *Que droga!*

Se, pelo menos, eu não tivesse me esbarrado com ele esta manhã, seguiria a minha vida normalmente, alheia a tudo isso. Mas um simples pensamento levou minha mente ao corredor, a incrível sensação de excitação que experimentei e, em seguida, a sensação do vento frio me arrepiando toda e balancei a cabeça. *Já chega!* Caminhei em direção às escadas para subir para o meu quarto e neste momento vi os meus pais, sorrindo abraçados, e Juninho entrarem na sala.

— Lucy, querida, o Flávio foi embora? — perguntou minha mãe dando uma geral pela sala.

— Foi sim, vou para a cama. Estou muito cansada.

— Eu também, Lucy — confessou meu pai olhando com malícia para a minha mãe, que deu um sorrisinho de safadinha, e eu acabei rindo alto, beijei o rosto deles e do Juninho, que correu para ligar a TV. Eles me abraçaram.

— Durma bem, filha, e profundamente... — disse meu pai, estranhei o tom de voz baixo e meio que diabólico. A minha infalível intuição me dizia que eles estavam loucos

para fazerem as pazes, e eu e o Juninho estávamos empatando. Torci a boca piscando e peguei na mão do Juninho desligando a TV.

— Vamos dormir, garoto... Amanhã vamos acordar cedo.

— Ah... Eu quero ver TV! — protestou contrariado, mas obedeceu, beijou nossos pais e subimos as escadas correndo.

Eu parei na porta do meu quarto e esperei até que o Juninho entrasse em seu quarto e fechasse a porta e entrei fechando a porta logo atrás de mim, encostando-me a ela, por um momento permaneci ali num grande dilema, brigando com o meu coração para ele parar de bater forte todas as vezes que o Chris invadia os meus pensamentos. Ele não me obedecia, continuava lá dentro do meu peito batendo como um louco, como se fosse um bicho enjaulado. E todo este sentimento me causava calafrios, era assustador pensar na possibilidade de me apaixonar por alguém como o Chris, um idiota delinquente. *Lindo demais!* De repente, diante da crítica, surgia o elogio e eu balançava a cabeça para expulsar o elogio, desaprovando de imediato.

Só se eu for burra! Apaixonar-me por alguém como ele, imagina, ele só queria rir de mim como fazia de todos. Respirei fundo e, com o coração na garganta, deitei abraçando o travesseiro. Para espantar os pensamentos

comecei a contar, até o sono chegar. Um, dois, três, quatro, cinco...

Capítulo Seis

Senti uma claridade intensa, que invadia o quarto, bater em meus olhos na manhã seguinte e quando finalmente consegui acordar olhei no relógio na parede e foi aí que me dei conta dos meus sentimentos. Eu me sentia estranha, o meu quarto estava estranho... de repente, não me incomodei em ter que me levantar tão cedo e a claridade tornou o ambiente confortável e relaxante, além de acolhedor.

Ri dos meus pensamentos, afinal eu me surpreendi comigo mesma, pois dois dias antes, ao acordar tão cedo e com aquela claridade toda, eu pularia da cama com um tremendo mau humor e ainda praguejando.

Tudo para mim estava belo e maravilhoso, uma energia diferente, muito boa. Sem contar a expectativa repleta de oportunidade. "Oportunidade de quê?", perguntei-me ao me inclinar para pegar o meu celular sobre o criado-mudo, quando percebi que a luz do aparelho piscava anunciando mensagem do correio de voz. Só quando abri que vi que estava no silencioso e havia mensagens da Clarinha... "Eu vi você e o Chris

conversando ontem, viu?". "Cadê você?". "Não quer falar comigo, por quê?". "Atende...". "Sua chata...".

Chris... O simples fato de ouvir aquele nome me fazia sentir um friozinho na barriga. De novo não... Deletei todas as mensagens no mesmo instante e joguei o celular na cama, decidida que esqueceria toda aquela história que estava começando a confundir a minha cabeça e fui direto para o banheiro.

Tomei um banho rápido. Um banho era sempre a salvação para pensamentos inquietantes. Embora fosse cedo, eu teria alguns minutos extras para ficar debaixo da água morna do chuveiro, mas, como enrolar era o mesmo que deixar os pensamentos rolarem à vontade, eu não queria correr este risco.

O engraçado era que com a pressa do banho veio junto a de ir para o colégio. "Eu, hein!", bufei com a ansiedade involuntária, me vesti rapidamente, aliás, não foi tão rápido assim porque perdi algum tempo escolhendo a roupa e a mudança de comportamento estava começando a me irritar. Mas, mesmo assim, ao invés de vestir a primeira roupa que vi à minha frente, escolhi a minha melhor calça jeans clara e fiquei por alguns minutos analisando a cintura fina destacando o quadril arredondado no cós baixo e meio largo. De um minuto ao outro estava preocupadíssima com a minha aparência. Agora a blusa eu não pude escolher, teria que ser a velha camiseta do uniforme com o timbre do colégio. Estava um

pouco larga e cobria o cós baixo da calça escondendo a forma do meu corpo, aí eu me lembrei de que tinha outra com um número menor que usei há dois anos. Achei na última gaveta da cômoda e vesti. Perfeita! Justa e na altura do cós, assim mostrando um pouco da minha pele e depois passei uma maquiagem básica, meus olhos já eram expressivos demais, se eu exagerasse ficava muita informação. Dessa forma me sentia segura e preparada para ir ao colégio.

Fiquei por um momento diante do espelho pensando e analisando o meu perfil, eu não podia deixar aquilo acontecer, me deixar levar por uma atração absurda. Mas também não tinha nada de mais me arrumar um pouquinho. Analisando melhor, vi que deveria ter acordado mais cedo pra me produzir com mais tempo, levando em conta que as meninas estavam sempre muito bem-arrumadas e dentro da moda, a camiseta com o timbre se tornava apenas um detalhe. Desci correndo até a cozinha para tomar o café da manhã.

Meu pai estava na mesa, embora com o jornal aberto diante dos olhos, percebi exatamente onde se concentravam por cima dos óculos de leitura, acompanhavam o bumbum de minha mãe em movimentos enquanto ela deslizava de lá pra cá na cozinha. E quando parou na pia para lavar as xícaras, ele fez um biquinho ruidoso. Eu não consegui me conter e dei uma risadinha maldosa. *A noite foi boa!*

Quando ele viu que dava bandeira endireitou o corpo na cadeira totalmente constrangido. Beijei seu rosto e o da mamãe, que sorriu com tamanha felicidade, me contagiando, me sentei respirando fundo para sentir o delicioso aroma do café e do bolo sobre a mesa acordando o meu estômago que roncou de fome.

— Que bolo cheiroso! — Suspirei enquanto cortava uma fatia generosa.

— A sua mãe tem uma mão maravilhosa para massas — ele elogiou com malícia na voz lançando um olhar em direção a ela, que voltou a cabeça fazendo uma careta totalmente corada, ele levantou uma das sobrancelhas e deu de ombros voltando ao jornal em suas mãos.

Para não deixá-la mais constrangida do que já estava, eu me fingi de desentendida, o amor entre eles sempre me emocionou. E era exatamente o que eu sonhava para mim, um amor como o deles, intenso e tranquilo. Eu comia rapidamente o bolo e bebericava na mesma rapidez da xícara de café quando, então, levantei os olhos e me deparei com o olhar indignado do papai.

— Por que você está com pressa, está adiantada esta manhã. Aleluia! — brincou levantando as mãos para o alto. Eu fiz uma careta.

— Engraçadinho... — eu disse enquanto pensava no que ele tinha me dito, nem eu sabia o porquê da minha pressa, ou sabia, sei lá! Fiquei em silêncio analisando

quando gelei ao ouvir a sua pergunta.

— Você não me contou como foi a prova ontem. — *E agora, o que vou dizer?* Algo acendeu dentro de mim, uma coragem que eu nem sabia que existia e resolvi acabar logo com o sofrimento que estava me matando por dentro.

— Bem... — Abaixei os olhos, ele limpou a garganta. — Na verdade, eu estou insegura em relação à nota. A prova estava super, super, superdifícil... Mas eu juro para você que não fiz corpo mole, dei o melhor de mim, fiz o possível, pai. — Retraí todo o meu corpo sobre a cadeira, tensa.

Ele juntou as sobrancelhas e torceu o lábio para, em seguida, respirar fundo e abrir um sorriso. Neste momento o seu sorriso me acalmou, de repente toda a tensão que eu sentia deu lugar ao alívio, já que eu esperava uma reação completamente diferente. Ele estendeu a mão sobre a mesa arrastando até as pontas dos meus dedos nervosos que batucavam a madeira e sorriu carinhoso.

— Pai...

— Está tudo bem, filha, vamos torcer para ter dado tudo certo na prova.

— Sério? — perguntei incrédula, achando que se tratava de uma pegadinha e ele assentiu que sim com a cabeça com uma expressão muito compreensiva. — E se não der? — perguntei surpresa com a sua atitude, quando

ele se levantou e riu.

— Fica tranquila, não vou castigar você, meu bem, sei que se esforça muito, meu amor. — Suas palavras foram tranquilizadoras e passou pela minha cabeça que mamãe já o tinha preparado, dei uma rápida olhadinha na intenção de agradecê-la, mas ela estava de costas lavando a louça, distraída ou disfarçando, eu não sabia ao certo, afinal se o seu objetivo era disfarçar, então ela conseguiu, realmente parecia distante. Ele se aproximou e eu fechei os olhos ao receber o beijo carinhoso em minha cabeça, uma atitude e tanto que acalmou o meu coração desesperado. — Você é um ser humano e como todos têm limitações. Eu nunca que deveria ter cobrado tanto de você, minha filha.

Levantei os olhos e nossos olhares se encontraram, ele sorriu com sinceridade, então decidi que faria tudo o que estivesse ao meu alcance para fazê-lo feliz, meu pai, meu paizinho...

— Eu te amo, pai, sobre a nota eu não sei se terei mais tempo de recuperá-la, mas eu prometo que vou fazer das tripas coração para recompensar tudo o que eu perder e...

— Não precisa nada disso, faça somente o possível, já é o suficiente — falou, me interrompendo. — O que adianta ter dinheiro e poder pagar escolas caras, mas ter um filho problemático como acontece com o Senhor

Pablo... Eu só tenho a agradecer pelos filhos que eu tenho, que nunca me envergonharam. — Prendi a respiração totalmente contrariada ao ver meu pai falar do Chris. Como o nome dele pode estar em tudo ao meu redor? Que saco! Balancei a cabeça e abri a porta da cozinha para a garagem.

— Eu te espero lá no carro. — E saí apressada. Um minutinho depois ele já entrou no carro reclamando ao ouvir o rangido na porta ao fechar.

— Preciso dar um jeito nessa porta. — Ouvindo a sua reclamação virei em sua direção e sorri com umas ideias que passavam pela minha cabeça e que logo foram embora de minha mente com tanta informação que meu pai desabou de uma só vez.

Ele parecia ter engolido um rádio, não parava de falar, falava um assunto atrás do outro, reclamou do carro, do trânsito. Hoje até que não estava tão ruim assim, reclamou da empresa e ainda de quebra nos últimos minutos só falou do Chris... Que ele não tinha juízo, que não sabia dar valor à vida que tinha, que era um delinquente. Sabe que até parecia que ele sabia o que se passava comigo e dizer tudo aquilo seria uma forma de afastá-lo dos meus pensamentos. E na primeira parada que ele deu para respirar, o silêncio me fez lembrar.

— Pai, se realmente as minhas suspeitas estiverem corretas, se eu não fechar o semestre sem a recuperação,

eu vou precisar terminar num colégio público, certo? — Ele concordou com a cabeça. — Então, o que você acha de eu trabalhar, posso me matricular no curso noturno? — Ele lançou o olhar em minha direção, abrindo um sorriso animador, e eu suspirei também com um sorriso.

— Não é uma má ideia... — falou batendo em minha perna. — Essa é minha garota! — Dei de ombros toda orgulhosa e ele continuou. — Puxa, querida, você é realmente muito esforçada, confesso que não é o meu sonho vê-la trabalhando tão cedo, ou mesmo antes de terminar os estudos, mas quer saber? Eu gostei muito da sua ideia, você vai amadurecer para o mundo. Eu concordo sim. — Eu não tinha palavras com a emoção que me tomou, as coisas agora pareciam mais leves, então me joguei em seu pescoço e beijei sua bochecha fazendo ele sorrir. — Boa sorte, querida! — ele desejou quando estacionou em frente ao colégio e eu desci.

Estava muito quente quando entrei na escola, fiquei na dúvida se realmente a temperatura estava alta, ou apenas dentro de mim, pela ansiedade que eu sentia para contar logo a novidade para a Clarinha. O fato é que o calor insuportável que sentia fazia o suor escorrer pelo meu corpo grudando em mim como fita adesiva.

Repassei o olhar ao redor do pátio à sua procura e me deparei com todos aqueles rostos com quem eu estudava há algum tempo, em alguns havia uma história que eu guardaria para sempre em meu coração, e em

outros eu ia tentar rebobinar minhas memórias e, quem sabe, conseguisse apagá-las, eram as pessoas que no decorrer do tempo que permaneci no colégio me trataram com indiferença, como se eu não fosse ninguém. Mas que também nunca me importei porque eu tinha comigo que o ambiente escolar, embora passasse a maior parte do meu tempo, era um lugar para me preparar para um futuro, que eu acreditava ser o melhor.

Era uma pena que tinha dado errado, mas não adiantava mais chorar o leite derramado, as coisas saíram do meu controle, o tempo era curto, ainda bem que os meus pais foram compreensivos. Diante disso, eu tinha que levantar a cabeça e seguir a minha vida em frente, principalmente agora que tinha me libertado do peso de esconder dos meus pais a minha verdadeira condição. Eu me sentia aliviada por isso. As coisas estavam mais fáceis e eu até me sentia animada com a decisão de trabalhar, e ainda com o apoio do meu pai.

Encontrei a Clarinha do outro lado do pátio, sentada com duas meninas que eram nossas amigas, quero dizer, mais amigas dela do que minhas, elas estavam conversando na mesa da lanchonete. A Melissa, de cabelos bem hidratados, longos e negros, com olhos amendoados castanho-escuros e uma pele clara com as bochechas rosadas como sempre, e a Gláucia na sua rotineira mania de enrolar alguns fios dos cabelos dourados no dedo, olhava apertado, incomodada com a

claridade em seus olhos azuis. Ambas estavam na mesma sala de aula que o Chris, talvez por isso tenha desanimado e pensado em desviar delas indo então direto para a sala de aula. Abracei bem forte os livros em minha mão e caminhei em direção às escadas parando ao ouvir a voz da Clarinha me chamando, então virei para elas, e ela acenou, aí não teve jeito, eu dei meia-volta no calcanhar e fui ao encontro delas.

— Bom dia, meninas! — Acho que o meu sorriso foi exagerado, pois a cara da Clarinha me deixou sem jeito.

— Bom diaaaaa, Lucy, eu não sabia que felicidade afasta as pessoas! — ela falou com a voz de protesto, seca, e, ao mesmo tempo, irônica, assim comprovando a minha suspeita. Apertei os lábios ao me tocar porque ela me tratava com aquela frieza.

— Desculpe, Clarinha, me esqueci do celular que ficou no silencioso desde ontem à noite, só vi seu recado hoje quando acordei. — Eu estava tão preocupada em me justificar com a minha amiga que me esqueci das duas ali na mesa.

— Bom dia, menina — Melissa disse. — Podemos saber o motivo de tanta alegria? — Seu olhar negro especulativo me deixou em alerta e arrependida por disfarçar o sorriso tão bem. A Clarinha tomou à frente e foi logo falando diabolicamente como se quisesse se vingar de mim.

— É claro que podem... Ela e o Chris estão assim — insinuou esfregando os dedos indicadores e olhou para mim com o olhar vingativo. Eu corei com a insinuação dela, meu coração deu um pulo de susto, afinal era de se esperar aquela atitude da Clarinha mesmo, sempre que ela ficava nervosa acabava dizendo algo desagradável, mas o que eu não esperava era justamente o comentário sobre o Chris e, justamente ali, na frente de duas colegas da classe dele. Eu queria fugir dali e dos olhares especulativos e incrédulos em cima de mim.

— O que aconteceu com você, Clarinha? Eu juro que não vi a sua chamada... — garanti quando precisei desviar meus olhos para a Gláucia.

— Ah... Não me diga... — interrompeu Gláucia com o olhar azul-claro duvidoso e olhou para Melissa que arqueou as sobrancelhas fazendo um biquinho, em seguida colocou uma mecha de cabelo loiro, que caía sobre seus olhos, atrás da orelha, e voltou a me olhar.

— Aquele gato maravilhoso do Chris, é sério? — Uma incrédula Melissa perguntou. — Como assim? — insistiu Melissa na maior euforia...

Eu abaixei os olhos, perdida. Soou ridículo aquele assunto, iam rir de mim, é claro que iam... Principalmente a Melissa que era tão metida a besta. Ela me olhava indignada, como se aquilo fosse impossível, e ela tinha mesmo razão, meu mundo estava muito distante deles, e

afinal de contas não estava acontecendo nada entre mim e o Chris, foi só um esbarrão.

De repente, em frente aos olhares questionadores, eu me senti sufocada e lancei um olhar fuzilante para Clarinha tipo: “Eu vou te matar”. Entendendo, ela cruzou os braços e rolou os olhos tipo: “Eu não estou nem aí!”.

Fechei meus olhos rapidamente e apertei meus lábios um sobre o outro antes de abri-lo e me deparei com os olhos da Clarinha fixos nos meus com aquela cara de arrependimento. Como que tomada pela consciência, se levantou, pegou no meu braço e saímos dali. Fomos para o outro lado do pátio, já que para a sala não foi possível porque ainda era muito cedo e as salas estavam fechadas.

— Desculpa, por favor, eu e esta minha boca grande... — desculpou-se com a voz envergonhada, senti sua sinceridade.

— Você me ridicularizou na frente das meninas, viu só como a Melissa me olhou? É difícil escutar o que as pessoas têm a dizer sem que saia por aí falando o que não se deve? Poxa, Clara! Não aconteceu nada... E você fica aí tirando conclusões preciptadas, daqui a pouco vou ser motivo de risadas por todo o colégio... — Senti meu coração apertado quando ela deitou a cabeça em meu ombro.

Talvez o fato da Melissa ser muito amiga da Kate fosse a minha maior preocupação.

— Ninguém vai rir de você, e por que ririam? — Ela juntou as sobrancelhas, cruzando os braços na altura do peito. — Vai dizer que não ficou mexida depois do que aconteceu ontem? — Revirei os olhos impaciente, este era o grande problema e o meu maior dilema, o Chris não saía mais da minha cabeça.

— Eu não menti.

Ela continuou:

— Só não deveria ter comentado perto das meninas, o Chris gosta mesmo de você, eu vi o jeito que ele te olhou. — A certeza com que ela dizia essas palavras me fez levantar os olhos e encontrar os dela irradiando sinceridade. Mesmo assim eu me recusava a acreditar, aquilo, para mim, era totalmente improvável, impossível.

— Não viaja, Clarinha, acha mesmo que tenho alguma chance com ele? — Balancei a cabeça, incrédula. — É claro que não.

— E por que não? Tanto acho que fiquei com ciúmes de você. — Ela abaixou os olhos e depois riu alto. — O Chris é o sonho de consumo de todas as garotas... Mas é muito instável também... — confessou com pesar. “E coloca instável nisso”, pensei ao me lembrar do que meu pai contou sobre a prisão.

— Ele só veio falar comigo, simplesmente porque precisa da minha ajuda com a matéria de matemática. — Clarinha deu de ombros e riu.

— Você? Falou para ele que também está com problemas na matéria?

— Falei. — Revirei os olhos com dúvidas, foram tantos acontecimentos que não me lembrava. — Não sei se falei... Mas, enfim, vamos esquecer tudo isso e, por favor, vá lá e desminta essa história.

— Como?

— Dá o seu jeito — pedi, deixando-a sozinha e caminhei em direção às escadas.

E, para a minha surpresa, ao subir o primeiro degrau, o Chris surgiu repentinamente ao meu lado, eu nem percebi de onde. O fato é que perdi o chão naquele instante e meu coração saltou com tudo dentro do meu peito, mas, dessa vez, não foi de susto, e sim por uma emoção forte que incendiou tudo lá dentro deixando transparecer o vermelhão em minha face. Encabulada, eu virei em sua direção encontrando o par de olhos castanhos insistentes sobre o meu, o brilho intenso irradiados deles me deixou sem jeito, ameacei desviar quando surpreendentemente ele abriu um sorriso animado, lindo como eu nunca tinha visto antes.

— Bom dia... — ele disse no momento que um risinho vindo de trás chamou nossa atenção, viramos ao mesmo tempo; a alguns passos, a Clarinha fingia olhar algo dentro de sua mochila, e Chris se virou pra mim em seguida e neste instante a Clarinha colocou as mãos na

cintura fazendo gracinhas. Lancei-lhe um olhar crítico antes de prestar atenção no Chris. — E aí, Lucy, vai ou não me ajudar com a matéria? — Seu tom era tão suave que me invadiu por dentro fazendo o meu corpo pegar fogo.

— Desculpa, mas eu não posso ajudar você... Se eu ainda não levei, estou prestes a levar bomba...

— Melhor ainda, assim podemos aprender juntos. — Graças a Deus as últimas palavras vieram quando já terminava o último degrau, senão eu não sei o que aconteceria, o frio intenso em minha barriga fez o meu corpo quente sofrer um choque térmico, minhas pernas ficaram bambas. Não consegui responder e continuei caminhando rápido como se quisesse fugir dali, e era exatamente isso que eu precisava para não dar bandeira. Sentia ainda o meu rosto fervendo, com certeza novamente eu estava corada. Ele segurou no meu braço. — Espera, Lucy. — Eu parei e abracei os livros cruzando os dedos com força para esconder o tremor em minhas mãos e olhei em seus olhos. Uau, que olhos lindos. — Lucy? — ele insistiu.

— Não acho que seja boa ideia, não posso ajudar nem a mim mesma, estou prestes a perder a bolsa. — Ele fechou o rosto, senti uma preocupação em seus traços.

— Você não pode perder a bolsa, Lucy, está quase terminando o ensino médio — ele disse suavemente que

eu me arrepiei toda.

— Pois é... Vacilei legal, acho que agora já é tarde para arrependimentos. Mas já conversei com os meus pais e se a nota não for suficiente, eu vou terminar no colégio público, no período noturno, e aí eu posso trabalhar.

— Trabalhar? — ele quase gritou de tão assustado que ficou e eu arregalei os olhos.

— É, trabalhar... Por acaso, não sabe o que é? — Odiei-me por falar aquilo, me senti uma diabinha. Ele soltou um sorriso torto pra mim.

— Engraçadinha... Eu só estou preocupado com a sua bolsa, só isso.

— E por que estaria preocupado comigo? A gente nem é amigo.

Ele suspirou com os olhos fixos nos meus, havia algo a mais naquele olhar que eu não conseguia distinguir o que era, mas a sensação era tão boa que senti aquele medo inexplicável novamente e recuei um pouco e ainda bem que fiz isso, inacreditavelmente a Kate e o resto da gangue se aproximavam. Era como se eles seguissem o cheiro do Chris. Bem, afinal o fato é que eu não queria estar por ali quando chegassem mais perto. Caminhei o mais rápido que pude pelo corredor em direção à minha sala, mas ainda pude ouvir a provocação maldosa da Kate em alto e bom tom.

— Fazendo caridade, Chris? — ela perguntou e, em seguida, gargalhou.

Um nó se formou em minha garganta e subiu quase saindo pela boca quando ouvi risos de todos aqueles moleques idiotas. Senti-me, mais uma vez, a pior das criaturas, uma ridícula que, sem saber o porquê, dava atenção ao Chris já sabendo da hostilidade que receberia de seus amigos. E neste momento eu torcia para não ter mesmo conseguido a nota, pelo menos assim eu ficaria livre de tudo aquilo. Eu sentia ao mesmo tempo uma liberdade em sair daquele colégio, cheio de estudantes, ou melhor, os amigos do Chris... que sequer tinham um pouco de humildade. Clarinha entrou na sala logo atrás de mim. Uma lágrima se formava em meus olhos quando ela se sentou no seu lugar na carteira e olhou-me nos olhos.

— Lucy? Você está chorando?

— Aqueles idiotas... — Fixei meus olhos encharcados nos dela. — Preciso de você, amiga... — confessei.

— Eu estou aqui. — Ela segurou em minha mão. — O que aconteceu agora?

— Nada... — neguei com a cabeça. O pior era que não tinha acontecido nada mesmo e eu não sabia por que me importava tanto. Desatei no choro, silencioso, mas que me destruía por dentro, a Clarinha apertou minha mão com carinho.

— Tem certeza de que não está chorando por minha causa? Desculpa-me, não fiz por mal, eu só fiquei com ciúmes e... — Interrompi-a.

— Eu sei amiga que você não fez por mal. — Pausei para um soluço profundo. — É que de uma hora para outra todos os problemas desabaram de uma só vez sobre mim. — Ela se levantou rapidamente, inclinou-se e me abraçou forte.

— Lucy, acho que o seu problema é falta de um amor... — Lá vem ela novamente, soltei um grunhido fazendo calar-se. — Desculpe...

— Por favor, não diga mais nada... Vou esquecer, eu preciso dar um basta em tudo isso.

— Pode vir à minha casa no final da aula. O que acha? Aí, a gente conversa melhor... — sugeriu.

— Só se me prometer não tocar no nome do Chris. — Ela concordou com a cabeça antes de voltar ao seu lugar. — Eu vou sim, estou precisando muito de um ombro amigo.

— Obrigada por me considerar uma amiga importante. — Soltei um sorriso triste.

— A mais importante de todas, acho que é a minha única amiga...

— Amigas para sempre... Lembra? — Clarinha perguntou oferecendo o seu dedinho mindinho. Há dois

anos nós fizemos um pacto que seríamos amigas para sempre, e quando uma precisasse da outra, não importava onde estivéssemos, uma estaria pronta para ajudar a outra. Estendi a mão cruzando meu dedo mindinho no dela selando o nosso pacto.

— Para sempre!

No final da aula nós saímos juntas do colégio, àquela altura eu já estava bem melhor, mas ainda me perguntava por que a vida estava sendo tão dura. Por que, de uma hora para outra, os meus sentimentos mudaram, as coisas ficaram difíceis?

Só que o pior de tudo foi ouvir a Kate dizer que o Chris fazia caridade. Essas palavras não saíam de minha cabeça e iam ficar lá por um longo e triste tempo. A Clarinha abria a porta do seu carro quando ouvimos alguém me chamando, ela era mais velha do que eu alguns meses e já tinha carteira de motorista. Olhei para a porta do colégio e o Chris vinha correndo em minha direção.

— Hummm, acho que tem alguém que não desistiu ainda de você! — Eu respirei fundo enquanto ela entrou no carro e fechou a porta.

— Mas o que será que este garoto quer de novo comigo? — Sem a menor disposição para falar com ele, abri e fechei a porta do carro rapidamente ao entrar.

— Acelera, Clarinha! — pedi e ela encolheu no banco.

— Por que você não fala com ele? — Para ela era fácil falar, não era ela quem estava sendo motivo de piadas pelo colégio.

— Eu não quero falar com ele... — Nem bem terminei a frase, ouvi batidas no vidro do carro, de rabo de olho via o Chris parado do lado de fora acenando para eu descer o vidro. Clarinha mais que depressa acionou o botão automático... — Não abre... — O vidro desceu tão rápido que eu fui bombardeada pelo aroma do perfume dele que atravessou a janela, entrou em meu nariz e invadiu os meus sentidos. Meu corpo começou a reagir quando então fechei os olhos e respirei fundo na tentativa de bloquear os sentimentos pensando que teria que ser forte e falar para ele se afastar de uma vez por todas de mim.

— Vamos marcar? — ele perguntou com os braços apoiados no vidro com a cara quase dentro do carro, me desarmando por completo. Senti como se tivesse sido rendida e amordaçada, as palavras sumiram de repente. A minha amiga suspirava ao meu lado de um jeito que me incomodou e ainda me cutucava com o braço. Coisa irritante, eu encolhi o braço.

— Não vamos marcar nada... — disse secamente virando a cabeça e olhando para a Clarinha. — Vamos embora.

— Você tá bem? — perguntou com cara de quem não

entendeu. *Cara de pau!*

— Só com muita dor de cabeça — menti. — Deixe-me ir para casa...

— Eu preciso de você de verdade, Lucy, fica mais um pouco e vamos conversar. — Seu tom de voz macio me fez respirar fundo.

Aquele pedido mexeu comigo, senti uma enorme vontade de abrir a porta e descer, mas a última coisa que eu queria era me esbarrar com a Kate, manter-me longe dela se tornou uma tarefa difícil.

— Não temos nada para falar, vou embora — falei apertando a perna da minha amiga para que desse a partida de uma vez.

— Mas eu não quero que você vá embora, me desculpe se falei ou fiz alguma coisa que te magoou e... — Eu o interrompi.

— Não se preocupe. Não peça desculpas... — falei abaixando a cabeça na mesma hora que a porta do carro se abriu e ele pegou em meu braço me puxando para fora.

— Somos amigos, Lucy, não somos? — Assustada, com os olhos arregalados, devido à aproximação dele, concordei com a cabeça ciente de que nunca fomos amigos, mas não tinha coragem de dizer. — Estou enrolado com o meu pai, andei aprontando e ele me deu um ultimato, nem dinheiro eu posso pedir... E se ele

imaginar que vou tomar pau na escola, ele vai acabar comigo. Você conhece o meu pai, deve ouvir as reclamações do seu pai. — Na verdade ouvia as reclamações dele, e não do seu pai, mas não ia contar isso e fiquei quieta escutando. — Por favor, me ajude, vamos aproveitar e aprender juntos. Empresta o seu celular — ele pediu, eu olhei em seus olhos com dúvida se entregaria ou não, mas algo gritou dentro de mim. Insistiu no pedido e, então, eu estendi o aparelho para ele e nossas mãos se esbarraram, ele levantou o olhar e ficou ali passeando com os olhos brilhando e pousou em minha boca, suspirei e ele digitou alguns números. — Vou deixar o meu número cadastrado aqui, assim podemos conversar por telefone, caso você mude de ideia.

Eu não conseguia conter a emoção que sentia olhando fixamente para ele ali digitando tão lindamente, atraída por seu perfume. Uma chama acendeu forte dentro de mim, um calor insuportável tomou o meu corpo e o suor explodiu de meus poros, nem a brisa fresca do vento que batia em meu rosto e fez esvoaçarem os meus cabelos neste instante foi capaz de refrescar tanto calor! Quando ele me devolveu seus olhos estudaram mais uma vez meu rosto, envergonhada em estar dando bandeira peguei o aparelho correndo na esperança de esconder o tremor de minhas mãos e joguei dentro da bolsa.

— Liga pra mim, Lucy... — Sorriu carinhosamente e eu perdi o chão, pensei que ia desmaiar, mas, em seguida,

ele saiu caminhando elegantemente se afastando. Eu fiquei contemplando o modo como ele andava tão elegante, sensual e descontraído. Quando cruzou a esquina suspirei.

— Por que você não deixa o Chris em paz e dá o fora dessa escola? — Como se tivesse sido arrancada do mundo de faz de conta, eu me virei ficando cara a cara drasticamente com a Kate que me fuzilava com os olhos. Como eu previa, ficar longe dela não era uma tarefa difícil e sim impossível.

— Você é louca, garota?

— Louca é você! O que está pensando? Acha mesmo que pode fazer parte do nosso mundo? Sua pobre.

— Nossa! Como você é desagradável, menina. Tenha mais respeito com as pessoas! — Encarei-a com determinação para mostrar que ela não me dava medo algum e cruzei os braços. — Eu não consigo entender... Se me acha assim tão insignificante, então por que se incomoda tanto comigo?

Ela rosnou e eu sorri satisfeita, consegui finalmente atacá-la. Mas, para a minha surpresa, ela deu mais um passo em minha direção com a mão pronta para me bater, e para me defender levantei o braço, mas a Clarinha, que já tinha descido do carro, porque viu que a coisa iria esquentar, me segurou impedindo de nos atacarmos.

— Ei, ei, para com isso, vamos sair daqui — pediu Clarinha cautelosamente me empurrando para dentro do

carro, sabia que não era só as notas que poderia me tirar do colégio, e sim brigas no seu interior e ao redor também.

Já com o carro em movimento a caminho de sua casa, ela segurou firme no volante e olhou rapidamente para o meu lado. Eu me encolhi no banco aguardando a bronca.

— Precisa segurar a sua onda, Lucy, não percebe que é provocação?! — Eu abaixei a cabeça triste. — Isso mesmo! A Kate quer ter motivos para vê-la expulsa do colégio.

— É uma idiota, ela me tirou do sério.

— Ela está com ciúmes de você com o Chris.

— Estou me lixando pra ela. — Dei de ombros. — Ciúmes?

— É sim, ciúme, ele foi amoroso e te tratou superbem, confesso que até eu senti uma pontinha de inveja... — Riu. — Inveja branca, é claro! — Por mais que eu não quisesse acreditar em suas palavras, o meu coração quase explodia de tanta emoção com a possibilidade.

— Ahhhhh! Que estresse! — bufei abaixando a cabeça e apoiando em minhas mãos. — Acho que tudo tem um bom motivo. — Clarinha deu uma rápida olhada e deu de ombros sem entender o que eu disse. — Talvez o fato de eu não conseguir a nota não seja um caso isolado,

talvez seja só uma desculpa que o destino arranjou para me afastar deste mundo, deste colégio... — Balancei a cabeça confusa. — Sei lá...

— Pare de ser boba, Lucy, não seja dramática, amiga, nem dura com você mesma. — Ela pegou em minha mão e apertou. — Você nem sabe sua nota final, de repente pode ter uma agradável surpresa. — Fechei os olhos, desanimada. Eu tinha plena convicção de que não consegui e não queria mais me enganar.

— Posso te pedir uma coisa?

— É claro que sim.

— Deixe-me em casa...

— Desistiu de conversar?

— Amanhã a gente se fala, eu prometo.

— Tudo bem. — Ela virou a esquina em direção ao meu bairro e ficamos em silêncio até chegarmos.

— Não esquenta tanto a sua cabeça, amiga. Tudo vai ficar bem, você vai ver — ela garantiu.

— Assim eu espero... — falei quase em um sussurro, sorrindo descrente. Beijei seu rosto e desci do carro fechando a porta rapidamente e entrando em casa.

Capítulo Sete

Suspirei quando vi que não havia ninguém, estava tudo no maior silêncio, e com um nó na garganta corri para o meu quarto e desabei sobre a cama. Se o objetivo da vaca da Kate foi me detonar, ela conseguiu, deixou a minha autoestima lá embaixo, varreu para baixo do tapete. A melancolia me bateu de um jeito que comecei a sentir um vazio profundo, algo como uma dor perdida no abismo de minha alma, muito perturbador, que me fez sentir medo daquelas novas emoções e me sentei na cama.

"Reage aí, Lucy!", pensei me lembrando de que a Kate era uma idiota medíocre, uma patricinha que não deveria ser levada a sério. "Como eu poderia me importar com o que ela falava?", repetia para mim mesma numa esperança de acalmar o meu coração furioso. Em vão... Nada do que eu tentei foi o suficiente para afastar de mim a insegurança, o medo... De repente, criou uma bolha em minha cabeça apertando o meu crânio, uma bolha repleta de pensamentos confusos que davam vazão a sentimentos que eu não podia controlar e um tremor tomou conta do meu corpo. Tudo dentro de mim virou tempestade, estava

em uma desordem completa, parecia que cada segundo depois de ontem de manhã, em minha vida, não parava de mudar. A leve batida na porta do quarto quebrou o silêncio e os trovões em minha cabeça.

— Quem é? — perguntei num fio de voz para esconder o sofrimento em meu ser, era a minha mãe.

— Lucy? — ela perguntou, eu ainda aguardava mais um segundo na esperança dela desistir, queria ficar sozinha, tinha muito ainda para pensar. Mas ela insistiu e acabei me levantando para abrir a porta.

Acho que o meu estado ficou claro quando ela me olhou com olhos preocupados e sorriu antes de me envolver nos seus braços acolhedores em um abraço quente e forte que acalentou a minha alma, que suspirou. *Ah, como eu precisava deste abraço.* Solucei.

— O que aconteceu, querida? — ela perguntou. — Por que toda esta tristeza? — Eu balancei a cabeça, confusa.

— Oh, mãe, nem eu sei o que está se passando comigo, acredita? — Arqueei a cabeça e nos olhamos por um segundo, seu olhar materno conseguia me trazer uma pontinha de paz e sorri de canto de boca. Ela segurou em minha mão e juntas fomos nos sentar na lateral da cama. Eu respirei fundo quando ela estendeu o braço até que sua mão quente e macia apoiou a lateral do meu rosto, pressionei meu rosto em sua mão, sorrindo, com os olhos

fechados.

— Acho melhor colocar um sorriso neste rosto, querida. Você está horrível, seu rosto está todo inchado... — falou com humor. O tom de brincadeira dela aliviou um pouco a minha tensão.

— Ah, mãe... A verdade é que acho que me cansei da escola, daquelas pessoas. Todas se acham superiores e não tem nem um pouco de humildade. Eu tenho até vergonha de falar, mas lá no fundo eu quero mesmo que a nota não seja o suficiente e... — Ela me abraçou, olhando, sorrindo.

— Eu não quero que se sinta infeliz, se acha que está na hora de sair, então faça o que achar melhor. Eu e o seu pai vamos apoiá-la em qualquer decisão que tomar.

— Obrigada, mãe. Você tirou um peso de cima de mim, eu estava literalmente me sentindo sufocada com tudo. Acho que de tanto que eu me dediquei, acabei esgotando toda a minha paciência — bufei com força. — Não é fácil conviver com aquele povo — confessei e ela riu antes de se levantar e sentar na banqueta em frente à penteadeira e fazer careta para o espelho antes de se virar e me olhar nos olhos.

— A Clarinha é tão gentil, ela não se encaixa neste povo... — frisou. Balancei a cabeça em sinal negativo em meio ao sorriso.

— Não, claro que não, a Clarinha é uma fofa, eu não

estou falando dela, e não é só ela, tem pessoas legais que me respeitam, estou falando de outras... — Parei de falar quando me dei conta de que estava com a raiva centralizada em Kate. E, de repente, veio à minha cabeça que se eu saísse não ia mais ver o Chris, aquela certeza me deu um aperto no peito que suspirei profundo e percebi os meus dedos nervosos e trêmulos, o que não passou despercebido por minha mãe. Ela levantou a sobrancelha e torceu a boca quando levantei os olhos em direção a ela.

— Será que este suspiro tem alguma coisa a ver com um garoto? — Eu fiquei branca com essa pergunta e por um momento até passou pela minha cabeça que ela lia os meus pensamentos. — Eu não nasci ontem, Lucy. Abre o jogo, vai, tem algum garoto mexendo com o seu coraçãozinho... — Pega de surpresa eu me levantei e comecei a andar de um lado ao outro, nitidamente nervosa.

— Do que você está falando, mãe?

— A senhorita sabe muito bem do que eu estou falando, essa agitação, enfim. Uma hora a gente se apaixona... — Ela se levantou e se aproximou segurando a minha mão. — E o Flávio? Sabia que ele apareceu aqui em casa hoje enquanto você estava na escola? Ele inventou que esqueceu algo e entrou. — Ela ficou em silêncio por um momento aguardando o que eu diria e, como permaneci quieta, ela então continuou: — Na

verdade, ele queria me fazer perguntas, pois está te achando estranha, falou que você está distante, não liga mais para ele... — Inclinei meu corpo para trás incrédula com tudo aquilo.

— Verdade? — Ela concordou com a cabeça. — O que deu neste garoto para vir aqui e pedir satisfação? — Balancei a cabeça, inconformada. — Aliás, o nosso relacionamento não é sério, nada foi oficializado ainda.

— Amor... — ela falou assim diretamente sem fazer rodeios. — E quer saber? Eu concordo plenamente com ele, meu anjo. — Levantei a cabeça, fitando-a. — Ou você acha que eu não percebi os seus suspiros pela casa, você está distante sim, eu tenho certeza de que há alguém a mais nessa história criando tantos problemas aí dentro da sua cabecinha. E tenho certeza de que não é o Flávio.

Abaixei os olhos pensando que desde que esbarrei com o Chris, algo mudou dentro de mim, mas pensar que eu pudesse estar me apaixonando por ele, aquilo era demais! Totalmente fora de cogitação. Apesar de suspirar por ele como todas as meninas do colégio, tudo não passava de uma besteira, de uma grande ilusão, nunca me interessaria por ele, confesso que uns beijinhos eu até já tive vontade, mas era só. Nunca passou pela minha cabeça que um dia eu olharia para aquele lindo rosto e me apaixonaria, aliás, eu nem sabia que ele poderia ser tão belo de perto, porque gostoso de longe eu já sabia. Não... Tentava me convencer de que o que estava acontecendo

não passava de curiosidade e que logo tudo aquilo iria dissipar da minha cabeça. Aliás, ele se aproximou porque realmente estava precisando de ajuda, por puro interesse. Diante da minha conclusão, decidi que permaneceria o mais distante possível, exatamente como a nossa classe social. E faria isso logo antes que fosse tarde demais...

— Não tem ninguém mais na minha vida, mãe, o problema sou eu mesma que estou em conflito comigo, sei que é muito importante que eu termine o ensino médio, e sei como o papai e você torcem por mim, me dói saber que eu posso decepcionar vocês dois. — Abracei-a fazendo com que ela sorrisse passando a mão pelo meu cabelo.

— Chega de se preocupar comigo e o seu pai, Lucy. — Sua voz saiu dura, me dando um choque de realidade. Eu fixei meus olhos nos dela e ela sorriu. — Você sempre deu o seu melhor, temos muito orgulho, eu vou repetir mais uma vez, se não der... paciência! O mundo não vai parar por aí, você mesma já comentou que quer trabalhar, então poderá terminar o semestre em uma escola pública. Não tem problema nenhum. — Quando me dei conta da gravidade do problema me deu um pânico generalizado, por mais que eu já tivesse aceitado o fato de sair do colégio ainda assim sentia medo, afinal tudo era muito recente. Respirei fundo para controlar as emoções e me afastei sentando-me na cama. *Vamos ver como isso acaba.* — Mas pense no Flávio, coitadinho. Se não sente mais

nada pelo rapaz, diga logo para ele e pronto. Não fica enrolando o moço, pobrezinho. Não acho certo fazê-lo sofrer, é um bom menino e merece uma menina que o respeite.

Concordei com a cabeça, realmente o Flávio era uma boa companhia, acabamos ficando depois de uma festa na casa da Gláucia, ele era amigo do primo dela. Depois dessa festa surgiram outras seguidas e ele sempre estava presente e fomos ficando, agora ele frequentava a minha casa. Fazia algum tempo que não tinha mais prazer em ficar com ele.

— É, você tem razão, mamãe. Eu preciso mesmo ser honesta com ele. — Suspirei. — O problema é que eu não consigo entrar neste assunto com ele. — Ela se levantou e beijou meu rosto.

— Mas você precisa, Lucy.

— Vou falar com ele sim, pode deixar.

— Boa sorte — ela disse em seguida saindo do quarto e fechando a porta.

Joguei-me na cama, precisava esticar meu corpo tenso e organizar os meus pensamentos, mas nem tempo para isso eu tive com a campainha estridente do meu celular sobre a penteadeira.

— Que merda! — praguejei ao me lembrar de que deixava no último volume dentro da bolsa e me esqueci de

abaixar quando coloquei sobre o móvel.

— Amigaaaa, você não vai acreditar — Clarinha falava tão eufórica do outro lado da linha que me cansei só de ouvir sua respiração ofegante. Ela falava tão rápido que eu tentava me concentrar para entender o que ela dizia. — A Melissa acabou de me ligar me convidando para uma festa na casa dela e pediu para chamar você também.

— Ela convidou você, Clarinha — respondi em alto e bom tom para ela poder entender, já que parecia que estava no mundo da lua. Imagina se a Melissa ia me chamar pra uma festa em sua casa, se fosse a Gláucia eu até podia acreditar, com ela eu mantinha um relacionamento até agradável.

— Eu juro que ela chamou você também.

— Eu acho que não, amiga, desculpe. Não vai me colocar nessa furada, hein! E mesmo que tivesse me chamado eu também não iria, não tenho roupas adequadas — disse ao visualizar em minha mente as meninas nas roupas chiquérrimas e todas se achando uma mais que a outra.

— Você é mesmo uma burra... — O suspense em sua voz me deixou curiosa.

— Por quê? — indaguei e dei de ombros sem entender.

— Seja inteligente e pense comigo, Lucy. O Chris com certeza vai à festa, já pensou que pode ser uma oportunidade e tanto para vocês conversarem, afinal uma boa chance de você se desculpar, foi muito grossa com ele, coitado! — Deu para ouvir o suspiro alto dela do outro lado da linha.

O simples nome Chris fez meu coração acelerar e uma emoção tomar meu corpo, sentei na banqueta e fiquei olhando para o espelho, precisava ver dentro de mim para ver se me encontrava por lá. Estava perdida, confusa e sem entender todo este interesse, havia tantos garotos mais acessíveis e até mesmo o Flávio que gostava de mim de verdade, pelo menos com ele nunca me senti tão sem jeito, tão fora da realidade, então por que tinha que ser o Chris? Como a gente gosta de complicar nessa vida. Ou é a vida que é mesmo desafiante. Acordei com Clarinha chamando meu nome.

— Lucy, Lucy, você está aí?

— Estou te ouvindo, pode falar.

— Você ouviu o que falei?

— Ouvi sim, e muito bem. E me faça um grande favor, pare de ficar falando do Chris o tempo todo, pelo amor de Deus... Isso tá ficando chato.

— Hummm. Vai me dizer que não sentiu nadinha quando ele abriu a porta do carro e te tirou de dentro... Hum... foi tão romântico... Pensa que não vi sua expressão

de felicidade? — Ela especulou e meu coração bateu forte com as lembranças, mas logo eu voltei à real e me convenci no silêncio do pensamento da dura e decepcionante realidade de que Chris Caster era filho do patrão do meu pai e ele nunca ia querer nada comigo. "Não sonha...", briguei comigo mesma.

— Eu já te falei que a aproximação é pelo simples fato de que ele está desesperado... — murmurei.

— Ah vá... Vai acreditando nisso? Sua bobinha, essa história de ajuda é só um pretexto para se aproximar, e só não vê quem não quer, até a Kate já se tocou... Tem centenas de pessoas na escola até mais próxima a ele a quem ele poderia pedir ajuda! Acorda! Por que ele ia pedir ajuda justo pra você? Dá uma chance pra você, Lucy. Não fica te colocando pra baixo. Você é uma mulher bonita, inteligente e com uma linda família.

— É melhor você parar de ficar querendo fazer a minha cabeça, eu não quero e também não posso ter nada com ele.

— Como assim, Lucy, não pode...

— Deixa pra lá — disse cansada dessa conversa que não levaria a lugar nenhum. — Eu não vou a essa festa — falei decidida, mas foi o mesmo que nada.

— Vai sim — ela insistiu. — Vou levar uma roupa pra você.

— Não insiste, Clarinha, eu vou dormir mais cedo hoje, estou supercansada.

— Fica fria. A gente volta cedo, eu prometo.

— A questão é que eu não estou a fim de ir. — A respiração de Clarinha ficou ruidosa.

— Você é uma bobona, o cara se derretendo e você aí dando uma de durona.

— Não é nada disso — falei seca.

— Lucy! Ele gosta de você. Eu não tenho dúvida sobre isso — ela falou séria.

— Olha, Clarinha, essa aproximação repentina com o Chris só tem me feito mal. Por favor, esqueça isso... — Visualizei as risadas maldosas de seus amigos.

— Nossa! Como ela é dramática.

— Ninguém está sendo dramática não, estou é sendo realista isso sim. O Chris nunca foi educado e você sabe muito bem disso.

— Chris Caster pode não ser educado, mas também não precisa, né, amiga? Ele é lindo... Uiuiui... — Acabei rindo do jeito como ela falou, é claro que ela tinha toda a razão. “Ele era um gato mesmo, aliás, um sonho...”, pensei quase cedendo.

— Neste quesito eu tenho que concordar, mas quer saber de uma coisa? Vamos a essa festa, agora você me animou. Estou mesmo precisando espairecer a minha

cabeça. E essa festa talvez vá me ajudar.

— Obaaaa! Eu te pego às 21h30! — comemorou ofegante e desligou o telefone.

Eu fiquei ali por mais algum tempo olhando para o espelho, sentindo dentro de mim uma ansiedade sem tamanho, abracei o meu corpo como se ele precisasse de apoio naquele momento. Na verdade era a alegria que me deixou toda arrepiada, a pequena expectativa de encontrá-lo na festa fez de mim uma dependente de Chris Caster.

Eu não conseguia pensar em mais nada debaixo do chuveiro a não ser no que vestir. Preocupada para não errar e fazer feio, não poderia me esquecer de que estaria em um ninho de cobras, ainda mais que a jiboia da Kate com certeza estaria lá, pronta para dar o bote e me esmagar, eu podia até visualizar mentalmente todo o *glamour* em que ela estaria na festa.

Ainda no chuveiro eu me senti desanimada por não conseguir pensar em nada que combinasse com o evento, piorou ainda mais quando eu abri o meu guarda-roupa. Roupas eu tinha de montão, mas nada do que estava ali dentro combinava com a festa. As roupas melhorzinhas já estavam surradas de tanto uso, acho que todos no colégio já conheciam, e as mais novas eu achei simples demais...

Suspirei desanimada e fui me sentar na cama, pensando o que eu fazia em um colégio de ricos se eu não estava à altura deles? Acabei rindo de mim mesma, era

engraçado este sentimento que era totalmente novo, na verdade eu nunca me importei com roupas, já conhecia o meu lugar e tinha comigo que eu estava ali somente para concluir os meus estudos e nada mais. As provocações da Kate já vinham de longa distância, não começou agora, então qual era a razão que, de repente, de uma hora pra outra, eu comecei a me sentir excluída?

Tantas perguntas me confundiram e inundaram meu coração de uma revolta que me joguei sobre a cama enrolada na toalha, o jeito era esperar a Clarinha com a roupa que ela prometeu que traria para me emprestar. E quem disse que eu consegui ficar por ali? Consegui nada, acabei vestindo uma camisola de cetim e desci, aproveitaria para avisar aos meus pais que iria sair.

— Não acho uma boa ideia, Lucy, amanhã você tem aula — lembrou meu pai sentado na sala com o controle remoto nas mãos procurando um canal.

— Deixe a menina, Marcos, ela precisa se divertir um pouco, não é só estudar não — minha mãe o repreendeu e piscou para mim, de repente ele se levantou e ficou de frente para mim, gelei com a sua expressão.

— Acho que a obrigação vem primeiro, você não acha, Lucy? — ele me perguntou de um jeito reprovador. Eu senti uma quentura subir pelo meu rosto, sabia que tinha ruborizado, é claro que sim, ele estava coberto de razão e abaixei os olhos já quase desistindo de sair. —

Onde estão suas palavras? — ele continuou diante do meu silêncio.

— Por favor, Marcos. — Minha mãe tentou me defender, mas ele levantou a mão na direção dela fazendo sinal para não falar nada.

— Deixe-me falar com ela, por favor. — Levantei os olhos e fitei-o, ele sorriu tristemente. — Eu quero o seu bem, meu amor, a oportunidade que você teve é única e que estão ao alcance de poucos. É uma pena se você não puder aproveitar. A vida é dura, meu bem, você vê o esforço que faço para manter esta casa. — Eu concordei com a cabeça e ele continuou. — Um dia, você vai entender o que estou dizendo, espero que não veja isso como uma pressão, porque não é. Eu te amo, querida, quero do bom e do melhor para você e o seu irmão. — Em seguida, me abraçou forte.

— Eu sei, pai, você é o melhor pai do mundo, eu não vou mais sair vou ficar em casa. Desculpa-me. — Ele arqueou a cabeça para me olhar nos olhos, havia algo em seu olhar, algo que não compreendi, uma espécie de medo, angústia. Arrepiei-me e o abracei forte e percebi que ele estremeceu e soluçou, eu senti que ele queria chorar.

— Você vai sim se divertir, eu não tenho o direito de privá-la desta fase gostosa de sua vida.

— Tem certeza, pai?

Ele concordou com a cabeça, beijou minha testa e

subiu as escadas para o quarto. Eu olhei para a minha mãe, que suspirou profundamente, e quando ele sumiu na escada para o corredor, ela me olhou séria.

— Ele teve um desentendimento com o senhor Pablo, sabe como aquele homem é difícil.

— Foi sério?

— Sempre é sério, querida, aquele homem horrível sabe humilhar quando ele quer, mas fazer o quê? O salário que ele paga é ótimo, por isso seu pai tem ficado até tarde trabalhando e engolindo sapo.

Eu me senti tão culpada pela infelicidade dele que me sentei no sofá, deitando o corpo e cobrindo a cabeça, achando-me uma ridícula por achar que eu é que tinha problemas. Minha mãe também estava muito triste e se preparou para subir a escada logo em seguida, neste momento Juninho surgiu já de pijamas.

— Mamãe, você não vai subir? — disse bocejando.

— Já estou indo, meu bem. — E virou para mim. — Tenha juízo e divirta-se, querida. — E foi para o quarto, abraçada ao Juninho.

— Aonde a Lucy vai, mamãe? — Ainda ouvi meu irmão perguntar antes de ouvir a porta do quarto bater.

A campainha tocou em seguida, ouvi a voz da Clarinha e corri para abrir a porta. Fiquei boquiaberta ao vê-la, como estava linda, num shortinho jeans bem

clarinho, uma regata na cor cinza-chumbo com fios prateados, uma leve maquiagem, com sombras rosa e cinza combinando com a blusa, os cabelos bem escovados na altura da cintura e, para completar o visual, estava usando uma bolsa jeans de grife e uma sandália, de salto médio, na cor prateada, maravilhosa.

— Acho que não vou a essa festa, não tenho roupa — pronunciei a olhando dos pés a cabeça, admirando. Ela olhou para si e sorriu, franzindo a testa.

— Agora tem — disse e me entregou a sacola com as roupas.

Eu não acreditei quando abri a sacola, tinha um short jeans escuro também de grife de cintura baixa, a minha cara, uma blusinha de manguinha preta com decote em V, com detalhes prateados muito chiques, e uma sandália de meio salto preta com detalhes em pedra, tipo diamante, que arregalei os olhos.

— Nossa, é muito chique essa roupa. — Ela me empurrou escada acima.

— É uma roupa normal, vai logo, se vista que estamos em cima de hora, já devem estar todos lá.

Olhei no espelho e fiquei por alguns segundos admirando a mim mesma. “Puxa vida, como uma roupa muda as pessoas!”, pensei, pois eu parecia outra mulher, nunca tinha reparado em meu corpo, de como ele era delineado, de como a minha cintura era fina, nem de como

os meus seios volumosos eram atraentes. Suspirei completamente satisfeita e por último contornei levemente um traço fino ao redor dos olhos puxados e passei um rímel nos longos cílios.

— Você está linda, Lucy, acho que deveria usar maquiagem mais vezes... Ficou muito bem em você... Principalmente com o rímel. Ah, se eu tivesse cílios como os seus... — Ela riu e eu também, em seguida nós saímos apressadas para a tão esperada festa. — Vamos logo. — Pegou em meu braço e descemos as escadas animadas.

Clarinha estacionou o carro numa vaga do outro lado da rua da casa de Melissa.

— Chegamos — ela falou, desligando o carro e desceu.

Eu permaneci ali dentro do carro com os olhos fixos na entrada da casa pensando se eu fiz bem em vir a esta festa. *E que festa!* Eu tive a impressão de que todos do colégio estavam presentes. A batida que Clarinha deu no vidro tirou-me de meus devaneios.

— E aí, você não vem? — Acenei com a cabeça antes de abrir a porta e descer, senti a brisa leve de encontro ao meu rosto e suspirei deixando de lado minha hesitação.

A festa estava bombando, o som estava alto e os jovens descolados conversando ao redor da casa. *E que*

casa! Fiquei de boca aberta admirando, nunca tinha ido lá, embora já soubesse que ela era rica e deveria morar muito bem, mas nunca passou pela minha cabeça que ela pudesse morar numa casa dos sonhos. Uma casa que só se via no cinema, além do mais, nunca imaginei que em São Paulo pudesse ter uma casa como aquela! Tinha três pavimentos e era cercada por varanda, coisa de cinema mesmo, linda. Não tinha portão, era só jardim na frente e muito bem-cuidado onde jovens conversavam ao som de uma boa música. Eu caminhava lentamente, boquiaberta, quando parei de repente, ainda na dúvida se eu deveria ou não ter vindo. Respirei fundo para acalmar o medo que me tomava e pensei em desistir e voltar para trás.

— Acho que não vou entrar nessa festa... — A Clarinha me olhou como se eu estivesse ficando louca.

— E por que não?

— Eu não sei... — respondi incerta quando ela pegou em meu braço me puxando para dentro da casa.

— Pare de bobagens.

Não houve tempo para protestar e quando cruzamos a porta eu admirei cada ponto no ambiente sofisticado. Embora estivesse sem os móveis, eu deduzi que o ambiente fosse uma sala, porque havia esculturas por todos os lados e marcas no chão de mármore que pareciam com os pés de poltronas. Sem o som da música parecia ser uma sala reservada justamente para conversas,

já o som alto vinha de outro ambiente escuro piscando como vaga-lume. Eu estava encantada demais com tanta beleza para dar atenção aos risinhos que vinham de um grupo logo na entrada da casa. Na verdade, eu só vi o Newton com cara de quem estava achando tudo muito engraçado, bem típico dele. O seu passatempo predileto sempre foi mesmo tirar sarro das pessoas, então eu nem perdi o meu tempo em olhar para nenhum deles, já imaginando que, com certeza, era a gangue toda reunida ali.

Logo em seguida, do outro extremo da sala, eu vi a Kate saindo da sala barulhenta e escura junto com um grupo de garotos, todos do colégio. Era inacreditável como ela conseguia ser tão intragável, assim que pousou os olhos em mim já cochichou entre o grupo me olhando por cima dos olhos, e todos mecanicamente olharam em minha direção com muito humor. Eu revirei os olhos com desdém, na tentativa de mostrar indiferença, e rezei para ter tido êxito, estava muito nervosa com o seu comportamento. Mas quando retornei o olhar eu não acreditei, ela muito folgada levantou o copo que estava em sua mão oferecendo-me um brinde. Eu dei as costas imediatamente, não suportava nem olhar em sua direção e foi quando então, para a minha surpresa, ouvi a Kate gritar:

— Espere aí, espere. — Seus olhos tinham um humor que me irritou, sei que eu estava vermelha de raiva, sentia

meu sangue ferver e subir para a minha face. Ela deu uma geral no meu visual. — Nossa, você está muito bonitinha, roupa nova? — Eu travei os dentes e a fuzilei com o olhar, mas Clarinha se pôs em minha frente, ela deve ter percebido que eu estava por um fio.

— Não aceite a provocação, Lucy — disse Clarinha olhando seriamente para a Kate, que balançou a cabeça.

— Provocação? — Ela soltou uma gargalhada alta. — Ninguém aqui estava provocando, priminha. Só estou falando que a Lucy ficou bem bonitinha nesta roupa. — E olhou de rabo de olho para a Clarinha. — Eu conheço esta roupa, é sua... — disse em voz alta para quem quisesse ouvir.

Eu fiquei tão envergonhada com o espetáculo que a vontade que eu tive foi de sair correndo dali e me esconder, sem olhar ao redor eu sentia olhares sobre mim, mas respirei fundo contando até dez, até conseguir me controlar, pensando que não iria dar a ela este gostinho de fraqueza. Ah, não mesmo!

— Cale a boca, Kate, você é uma tremenda imbecil. Você não se enxerga, não? Se acha superior pelo simples fato de ser uma mal-educada? — Apontei o dedo para a sua cara, ela recuou apreensiva com a minha reação, mas mesmo assim abriu um sorriso diabólico nos lábios.

— Nossa, Kate, você é mesmo muito petulante, eu me pergunto a quem é que você puxou. — A voz da Clarinha

soou indignada com aquele comportamento abusado da prima. Ela deu de ombros para a Clarinha fitando-me.

— Fazer o quê, né? Tem gente que não se enxerga mesmo... — As palavras irônicas que saíram de sua boca serviram-me de vitamina, me senti forte, pois se ela pensava que eu ia chorar e com isso ir embora correndo, estava completamente enganada. Agora, mais do que nunca, eu queria ficar e provar para mim mesma que eu era melhor do que ela. A Clarinha me puxou pelo braço.

— Vamos mudar de ambiente, Lucy, porque este aqui está contaminado. — E saímos deixando ela sozinha no meio da sala, mas ainda ficou ali falando alto.

Assim que entramos no salão de dança, eu não resisti e olhei para trás e vi que a Kate me consumia com os olhos e que a Janette se aproximou dela, e as duas nos olharam. A Janette era diferente da Kate, pelo menos mais simpática, me cumprimentava e sorria sempre que me via, só aquela idiota da Kate mesmo e o Ivan que gostavam de pegar no meu pé. Fiz uma careta quando voltei o olhar e a Clarinha me observava com atenção balançando a cabeça.

— Já te falei, Lucy, para não aceitar as provocações da Kate, você não percebe que ela está querendo que você perca a cabeça? — gritou no meu ouvido com a música alta e eu gritei de volta.

— É duro, viu? É difícil suportar os ataques dela de boca fechada. — Ela me ouviu apoiando a mão em meu

ombro antes de gritar no meu ouvido.

— Escuta, amiga! Os intragáveis são minoria nesta festa, então os ignore como você sempre fez e muito bem. Qual é? — Fiz cara de choro e ela levantou meu queixo. — Levante a cabeça e divirta-se, ok? — Olhando por cima dos meus ombros percebi que os seus olhos saltaram e seu rosto ficou vermelho como um pimentão.

Virei e vi o Matheus vindo em nossa direção com um sorriso aberto no rosto. Arqueei as sobrancelhas e voltei o olhar, ela estava apavorada e todo aquele sentimento estava estampado em seu rosto.

— Segura sua onda, Clarinha... — Ela me olhou assustada e se ajeitou balançando o ombro enquanto Matheus beijou meu rosto e, em seguida, a abraçou pela cintura olhando no fundo de seus olhos. Eu dei uma risadinha com o jeito encabulado de Clarinha e pedi licença me afastando, dando privacidade aos dois.

Matheus era uma graça de garoto, tinha a nossa idade, um rapaz superinteligente, embora não fosse bonito, era muito simpático e tinha um bom papo, o que agradava a todos.

Peguei uma taça de espumante da bandeja que o garçom passava entre a pista onde muitos dançavam e fiquei por ali perambulando entre eles, a Gláucia estava aos beijos com um garoto no meio da pista, e a Melissa no outro extremo do salão na maior pegação, eu até pensei

em ir agradecer ao convite, mas não queria atrapalhar o romance. Dancei um pouco e conversei com algumas pessoas.

A festa estava ótima, embora eu conversasse e risse um pouco me sentia solitária ali sem a Clarinha por perto. Ela desapareceu com o Matheus, olhei bem para a taça em minha mão e pensei que aquela bebida poderia me ajudar a relaxar, então virei todo o copo num gole só. O único medo era de ficar bêbada e dar vexame na festa, então aguardei alguns minutos e, como ainda estava me sentindo fora do meu ninho, peguei outra taça na bandeja quando o garçom passou novamente por mim.

Enquanto dava um gole vi o Samuel e o Newton entrando no salão, respirei fundo pensando que eu deveria permanecer distante deles, só assim iria conseguir aproveitar a festa, então mais que depressa eu corri por um corredor e fui parar na cozinha.

Virei-me assustada ao ouvir um ruído atrás de mim e senti o meu coração esmurrar o meu peito com a minha respiração ofegante ao mesmo tempo que o frio em minha barriga me fazia tremer toda. O Chris estava ali de costas cortando frutas sobre a pia. Ao ver a garrafa de vodca, eu deduzi que ele preparava um coquetel.

Ele não percebeu a minha presença, então eu fiquei em silêncio admirando seu ombro e os braços fortes, imaginando como seria gostoso um abraço seu. *Que corpo*

musculoso! Suspirei profundamente sentindo o seu perfume que tomava conta de toda a cozinha, os meus olhos passearam por aquele corpo atlético. Ele estava vestindo uma calça jeans e uma camiseta branca justa ao corpo. Estranhei seus cabelos molhados. Engoli em seco me engasgando e acabei tossindo quando ele, então, virou a cabeça em minha direção, gelei quando me olhou com os olhos apertados, estava simplesmente lindo.

— Lucy... — Ele ficou estático me olhando intensamente com o olhar surpreso. — Oi! Eu não vi você entrar. — Sorriu em seguida.

— Oi — respondi baixinho de forma quase inaudível quando ele largou a faca na pia e secou a mão no pano de prato se aproximando e parando a um palmo do meu rosto.

Que mania ele tem de ficar tão perto. Meu coração disparou no peito ao mesmo tempo que a minha respiração ficou ofegante, eu fiz o possível para ele não perceber a reação que causou em mim.

— Você veio, que legal. — Senti o ar quente do hálito em meu rosto e por um instante fechei os olhos apertando minhas mãos ao perceber o tremor sobre elas.

Inesperadamente ele levantou a sua mão direita, segurou o meu pescoço, com a maior delicadeza, e com o seu movimento senti meu corpo inteiro congelar e depois esquentou de um jeito que precisei fechar meus olhos rapidamente, achei que ele fosse me beijar, então trouxe

meu rosto até seus lábios e me beijou suavemente na bochecha quente, pegando fogo.

Abri os olhos quando ele se afastou, mas o seu rosto ainda estava tão próximo ao meu que nossos olhares se encontraram, ficamos por alguns segundos nos olhando, eu sentia algo diferente na aproximação, era uma mistura de ansiedade e medo, algo que não sabia como explicar, até que de súbito eu me afastei e ele sorriu disfarçando, voltando para a pia e terminando o que fazia.

— O que está fazendo aí? — Embora a minha razão gritasse dentro de mim implorando para que eu fosse embora, que fugisse dali, o meu coração me prendeu, não deixou que eu me afastasse e me empurrou para mais perto, involuntariamente fui parar ao seu lado na pia. Ele virou para mim, sorrindo abertamente.

— Um drinque especial que eu pensava estar fazendo somente para mim, mas acho que me enganei... — Jogou um olhar insinuante e eu abaixei o meu imeditamente, envergonhada.

— Como assim? — perguntei desentendida quando ele voltou à tarefa, embora eu tenha entendido e muito bem. Ele colocou a vodca, as frutas e mexeu.

— Um drinque à nossa amizade. Ofereceu-me o copo.

— Não, obrigada... Eu tomei um espumante, não devo misturar... — Ele me interrompeu colocando o copo

suavemente em meus lábios e me olhando com aqueles olhos brilhantes.

— Só um golinho, Lucy... A nossa amizade merece uma comemoração. Afinal, depois de anos frequentando os mesmos lugares acho que demorou demais para isso acontecer. — A emoção que sentia com ele ali em minha frente deixou todo o meu corpo em desordem, até a ardência que sentia antes em meu coração voltou. Fechei os olhos e respirei fundo para expulsá-la e deu certo. Eu sentia medo dele, do que poderia significar ao meu coração aquela amizade que ele queria comemorar. Mas era boa demais a sensação que eu sentia a cada jogada do seu olhar e do seu charme sobre mim. — Beba só um pouquinho — disse colocando os lábios no outro extremo do copo. Nossos olhares se encontraram, tanto eu quanto ele ficamos em silêncio, mas eu percebia que a sua respiração estava tão apressada quanto a minha. Ele inclinou a cabeça e falou bem próximo ao meu ouvido. — Um brinde à nossa amizade, linda! — Eu corei, fiquei sem jeito enquanto ele me olhava cobrando uma palavra minha. — Aceita a minha amizade, não aceita?

— C-claro, claro que sim — gaguejei.

— Que bom — comentou me entregando o copo. — Então eu posso contar com você, vai me ajudar com a matéria? — Abriu um sorriso tão lindo e contagiante que me deixou toda derretida.

— Não tenho como ajudar você, aliás, nem a mim mesma. Acho que não tirei a nota necessária para escapar da recuperação. Talvez eu tenha que sair mesmo do colégio.

— Ah, por favor, você não pode sair do colégio — falou tão mansinho que me deu um calor terrível pelo corpo, comecei a transpirar absurdamente, e ele me olhou confuso.

— Desculpe, Chris, não estou acostumada a beber e... — Ele sorriu carinhosamente limpando o suor de minha testa com a mão e, em seguida, colocou o copo sobre a pia.

— Você precisa de ar fresco, vem comigo. — E de mãos dadas saímos pela porta que deu no jardim.

Apesar de eu ter tomado uns goles a mais, eu ainda estava em condições de reparar na beleza do quintal que tinha um jardim enorme com várias árvores e flores, tudo muito bem-cuidado, respirei fundo para inalar o ar fresco da noite e fiquei encantada com uma árvore em especial, com grandes copas e um tronco largo, e foi exatamente para esta árvore que ele me arrastou.

Eu me encostei e ele veio até mim me prendendo com os braços ao meu redor da mesma forma que fez no colégio. Seus olhos brilhavam intensamente enquanto percorriam meu rosto. “Ah, meu Deus como ele é gato!”, pensei sem conseguir desviar os meus olhos dos dele, que

analisava o meu rosto com curiosidade. Mas, de repente, ele revirou os olhos apreensivos.

— O que foi? — perguntei quando ele fitou-me com a expressão séria, que até me assustou.

— Você é muito linda, Lucy... — Balançou a cabeça como se estivesse transtornado. Dei de ombros sem entender o seu nervosismo, então ele sorriu com a expressão mais calma e colou a testa na minha. De olhos fechados, mas com a voz tensa falou: — Você desperta algo diferente em mim e é bom. Eu não sei se é a sua beleza... — Afundou o rosto na curva do meu pescoço e cheirou profundamente. — Se é o seu perfume... — ele sussurrou. — Tenho até medo do jeito que você mexe comigo.

Uma emoção forte me dominou neste instante ao pensar que acontecia a mesma coisa comigo, os meus sentimentos por ele eram tão fortes que me amedrontavam. Mas preferi não dizer, porque lá no fundo do meu coração algo me dizia que eu precisava ter cautela em relação a ele. O Chris era um garoto instável e podia muito bem estar fazendo um teatrinho para daqui a pouco voltar à sua realidade, o *playboy* metido a besta.

O pensamento me fazia afastar juntamente com o medo. Pensei em sair dali, fugir dos braços que me cercavam, mas não tive tempo de reagir, suas mãos quentes prenderam as minhas, trêmulas, e num passe de

mágica imaginei estar sendo presa por um príncipe. Chris então levou minhas mãos aos seus lábios beijando-as, como um cavalheiro, me deixando com as pernas bambas com todo o seu carinho. Quando abaixei os meus braços, eu já estava relaxada e sem vontade alguma de fugir, totalmente rendida, então ele começou a subir os dedos pelos meus braços deixando um rastro de pelos arrepiados.

— Por favor, não faça isso... — pedi num sussurro que o assustou e se aproximou novamente me segurando pelos ombros e me puxando para próximo dele, tão próximo que colou nossos corpos, nos tornando um só.

Eu senti a sua excitação em minhas pernas e senti uma fisgada em minha intimidade, por um momento quase o agarrei pelo pescoço e o beijei, ainda mais ao ver os lábios entreabertos com a deliciosa respiração sobre meu rosto. Não teve jeito e fui obrigada a encará-lo. Ficamos um bom tempo nos olhando intensamente, não sei dizer quanto tempo, só nos separamos com o som da voz de Samuel.

— Você está aí, cara, cadê a nossa bebida?

Eu esperei que ele dissesse ao Samuel que estava ocupado e que logo iria, mas não. Isso não aconteceu, e sim em seguida a Kate, o Newton e a Janette chegaram também, quando ele viu a Kate tirou a mão do meu braço deixando cair ao lado do seu corpo. Eu fiquei enojada

com a sua atitude. Na pressa eu me afastei expressando toda a minha repulsa por ele e fazendo careta. Ele respirava ofegante, me olhando de um jeito estranho, de uma maneira que não eu não conseguia decifrar. Os vincos de sua testa se formaram quando ele inclinou o corpo e beijou rapidamente a minha bochecha.

— A gente se fala depois. — Em seguida virou as costas para mim se juntando à corja dos amigos e se distanciando deixando um buraco enorme em meu coração. *Eu sabia que isso ia acontecer*. — A bebida ficou ótima. — Ainda ouvi quando disse.

Virei o pescoço na direção deles para ter certeza de que aquilo estava mesmo acontecendo e percebi que a Kate enlaçou a sua cintura e entraram na cozinha. Fiquei com um ódio tão grande que me faltou o ar, meus pulmões se contraíram e eu nem sei como não desmaiei. O que eu poderia fazer? Gritar com ele? Xingá-lo? Mandá-lo para aquele lugar? Era um playboyzinho e isso eu não podia mudar, ele não me prometeu nada, eu que era uma boba ao pensar que poderia ser possível um relacionamento entre nós. Afinal de contas, ele só me oferecia amizade e nada mais...

Voltei para a festa e vi que ele estava com os amigos, riam animados e eu me senti uma intrusa ali naquele ambiente, mesmo com a Patrícia e a Ane, que estavam na mesma sala que eu conversando comigo, falando algo sobre algum garoto em especial, mas não conseguia

prestar atenção, precisei de ar, me sentia sufocada, então disfarcei e saí de fininho sem que ninguém percebesse minha fuga.

Encostei-me de costas no poste na calçada e fiquei ali olhando para o céu e admirando as estrelas, a noite estava linda. Queria ir embora, mas a Clarinha estava aos beijos com o Matheus, não queria ser estraga-prazeres. Então, esperei por quase uma hora até que ouvi sua voz me chamando. Eu me virei de frente ao poste, abraçando-o, e inclinei a cabeça em sua direção.

— Estou aqui, Clarinha. — Ela percorreu o olhar na escuridão à minha procura e sorriu quando me viu.

— Por que está aí fora?

— Tomando ar — menti. — Será que a gente pode ir embora, por favor?

— Mas já, Lucy, espera mais um pouco que eu e o Matheus estamos nos entendendo tão bem... — Um sorriso malicioso surgiu nos lábios dela. Fiquei com pena.

— Vá lá então, eu vou ficar bem aqui te esperando. — Ela franziu a testa.

— Tem certeza? — Concordei com a cabeça e assim que ela se afastou suspirei derrotada, conversei com mais alguns amigos da escola que saíram para tomar ar fresco e, por fim, quem me apareceu? A Kate. Eu nem sabia o que ela estava fazendo do lado de fora. Bufei com raiva.

— Quanto mais eu rezo mais assombração me aparece... — disse olhando para o céu.

— Eu só vim aqui te dizer o seguinte... — Levantei a sobrancelha incrédula com o seu tom de voz petulante, eu sabia que não ia sair coisa boa daquela boca esquerosa. — Este ambiente não é para você... — Comecei a rir, parecia mentira. — Não adianta você se esforçar, minha querida, nada disso combina com você — disse com os braços abertos, eu me segurei para não bater em seu rosto. Abaixei os olhos enquanto balançava a minha cabeça em dúvida sobre o que eu deveria fazer e quando vi que era uma perda de tempo ficar ali me desgastando com aquela arrogante, eu levantei a cabeça me deparando com ela me fuzilando com o olhar, me arrepiei toda ao ver tanto ódio ali declarado, e me perguntei por que ela me olhava assim, pensando que era eu quem deveria estar com ódio por ter sido humilhada lá dentro, e não ela que saiu agarrada ao Chris?

— Eu tenho pena de você, sabia? — Ela rangeu os dentes e eu continuei sem dar-lhe a chance. — A sua insegurança em relação a mim é nítida demais, não consegue esconder...

— Saia daqui agora! — ela gritou com muita raiva chamando a atenção das pessoas ao redor.

— A festa não é sua e nem a casa, eu sou uma convidada, entendeu? — Ela revirou os olhos

impacientes.

— Pena, é o que todos aqui sentem de você. A pobrezinha da escola...

— Ai, ai, ai... Você acha mesmo que todo mundo é imbecil assim como você? — debochei propositalmente e ela cruzou os braços. — Sinto informá-la que todo mundo é diferente de você, as pessoas não costumam ser arrogantes. E quer saber? Eu tenho orgulho do que sou, o pior é ser pobre de espírito — acusei zombando quando então ela se atirou sobre mim, agarrou na minha blusa pelo pescoço e puxou rasgando em meu corpo.

— Some daqui, some do meu mundo... — ela disse com muita fúria. — Você não é ninguém... — Eu me atirei sobre ela, não reprimindo a vontade de lhe bater, e dei um tapa na sua cara com vontade.

— Sou muito mais do que você pensa, queridinha! — gritei quando alguém segurou pelos meus braços e me afastou da Kate, que me agredia com os piores palavrões.

— Calma, Lucy, vou te tirar daqui. — Era o Flávio, que surgiu do nada me abraçando e saímos juntos dali enquanto a Kate continuou me agredindo com palavrões.

— É, tira logo esta garota daqui... — ela gritou bem alto. Eu estava muito nervosa e demorei alguns minutos para me acalmar.

— O que você está fazendo aqui, Flávio?

— Acho que salvando você. — Ele riu pelo canto dos olhos enquanto eu olhava para a blusa da Clarinha rasgada, aquilo me deu um aperto no coração e com uma angústia dentro de mim ouvi sua voz me chamando.

— Lucy... Espera, amiga... — Ela veio correndo e se aproximou me abraçando.

— O que aquela idiota fez com você? Contaram que vocês estavam brigando e eu vim correndo e... — parou de falar quando viu a blusa rasgada em meu corpo.

Eu deitei a cabeça em seu ombro respirando bem fundo segurando o choro, eu não ia chorar desta vez, não mesmo, pensando que a Kate e todos da sua turma não mereciam as minhas lágrimas! Mas também não consegui dizer uma só palavra, o meu estado já dizia tudo. A Clarinha respeitou o meu tempo e o Flávio ficou ali ao nosso lado em silêncio.

— Desculpe, amiga, eu não posso pagar pela blusa — disse assim que o nó de minha garganta desatou. Ela sorriu carinhosamente.

— Você não tem que pagar nada, mas o que foi que aconteceu?

— A Kate veio pra cima de mim, acredita? — Ela concordou com a cabeça.

— É uma estúpida, vamos de carro. Eu levo você para casa. — Eu olhei para o Flávio, que estava com o

olhar triste, porém ainda em silêncio.

— Vem com a gente, Flávio. — Ele negou com a cabeça.

— Vai você, outra hora eu passo em sua casa para conversarmos.

— Se quiser, pode vir com a gente, Flávio — ofereceu Clarinha.

— Obrigado, Clarinha, eu realmente prefiro ir caminhando.

Suspirei, me sentindo um pouco maldosa, pois estava agradecida com a recusa, agora estava sem condições de conversar, dar explicações. E eu sabia que ele iria exigir de mim mil e uma por estar naquela festa sem avisá-lo. Cheguei perto e beijei seu rosto com carinho, ele sorriu para dentro.

— Tchau.

Ele deu as costas sem responder, colocou as mãos no bolso e se afastou com a cabeça baixa. Eu fiquei por alguns segundos contemplando-o me sentindo culpada, ele parecia bem aborrecido, por fim suspirei profundamente e caminhei em direção à Clarinha, que me aguardava para irmos ao carro estacionado na esquina.

— As coisas estão ficando sem controle, né, amiga? — ela perguntou me olhando com as sobrancelhas arqueadas.

— A Kate me provocou... — eu me defendi e ela abraçou meu braço.

— E você aceita a provocação dela? Ela sabe que o Chris está a fim de você, acho que muita gente já percebeu, Lucy. — Incrédula, mordi os lábios, é claro que ela estava errada, visualizei o momento em que ele se afastou assustado quando seus amigos chegaram perto.

— Ah, tá! A poderosa Kate com ciúmes da pobretona aqui. — Suspirei impaciente. — E por outro lado, não há necessidade de sentir ciúmes, o Chris não quer nada comigo, já provou isso pra mim... — disse magoada.

— Eu já te falei que ele está caidinho por você, e a Kate, como todos nós sabemos, é louca por ele, por isso quer te ver longe, Lucy. Se você cair na dela, vai acabar brigando e ainda ser expulsa do colégio por agressão. Acorda... — Ela estalou os dedos diante dos meus olhos e, em seguida, deu a volta no carro abrindo a porta e entrando.

Eu fiquei mais algum tempo ali parada, perdidona sem saber no que pensar. Ela estava enganada, se realmente o Chris estivesse a fim de mim, não me deixaria falando sozinha do jeito que deixou e não foi a primeira vez! “Quer saber? Logo estarei longe daquele colégio, daquele povo”, pensei em silêncio.

— Faça-me um favor, pare de ficar falando que o Chris está a fim de mim... — pedi ressentida.

— Ele está mesmo — ela disse firme dando a partida no carro.

— Dane-se ele, dane-se ela, e danem-se todos daquele colégio. — Clarinha ficou em silêncio, rindo de canto de boca.

— A Kate tem que parar de me agredir, se ela gosta mesmo do Chris, então que invista neste suposto amor e me deixe em paz...

— Ok, não vou mais dizer nada, amiga. — Ela cumpriu com o prometido, ficou quieta, e eu achei melhor assim, estava cansada de tudo e, afinal de contas, faltava pouco para me livrar de todos. Estávamos a quinze dias do final do semestre, mesmo que eu ficasse em recuperação tinha o direito de fechar o semestre, conforme o contrato.

Capítulo Oito

A madrugada foi longa, eu não consegui pregar os olhos e dormir. Quando olhei para o relógio me desanimei ao ver que já estava na hora de levantar para ir à escola. Afinal, era o grande dia, o dia de enfrentar a verdade. Senti uma angústia grande e comecei a chorar, refletindo sobre o que eu perderia ao sair do Dante Batiston, perderia a chance de finalisar um sonho, mesmo com os meus pais se dizendo conformados com esta possibilidade, eu sabia que estavam tristes, afinal o sonho era mais deles do que meu. E o pior... Ficar longe do Chris...

Mas o que é que eu estou falando? Saltei da cama repreendendo-me a mim mesma, está mais do que na hora de esquecer este garoto e pronto. Limpei as lágrimas e entrei no banheiro. Tomei um banho rápido e voltei para o quarto me sentando enrolada na toalha em frente à penteadeira. “Estou péssima”, disse para mim mesma de frente ao espelho, com um nó se formando em minha garganta.

Se eu pudesse pular essa parte dos quinze dias e

iniciar uma nova vida já longe, acho que seria mais fácil do que ter que encarar a Kate e o Chris mais uma vez. Senti um gelo dos pés à cabeça enquanto borboletas inundavam a minha barriga ao visualizar o Chris em minha mente, me deparei com um medo exagerado e me perguntei se esse sentimento não seria reflexo de ficar longe dele.

Balancei a cabeça impaciente repreendendo a mim mesma, cansada, totalmente exausta com os pensamentos teimosos e dei um salto da banqueta disposta a esquecer de tudo mais uma vez.

"Aguenta firme, Lucy, permaneça longe dele... faltam só mais alguns dias, e tudo estará resolvido...", repetia sem parar a frase, na tentativa de convencer a mim mesma, na esperança de que estando longe do colégio eu finalmente o tiraria de minha cabeça.

Eu me troquei em cinco minutos e apliquei uma leve maquiagem no rosto, mesmo assim me achei péssima ao me olhar no espelho, pois as olheiras estavam evidentes e não poderia sair daquele jeito, então para escondê-las carreguei um pouco mais no corretivo abaixo dos olhos, peguei as minhas coisas e desci rapidamente em direção à cozinha, a fim de ocupar a minha mente, para não dar vazão aos pensamentos insistentes.

Assim que entrei na cozinha e senti o aroma delicioso do café, meu estômago roncou, meu pai era quem estava

de costas fritando alguma coisa enquanto o liquidificador batia umas frutas.

— Huuuuum! Que cheiro bom, o que é? — perguntei me sentando na cadeira.

— Ovos com bacon e uma vitamina de frutas, estão quase prontos. — Desligou o liquidificador e colocou a vitamina em uma jarra e, antes de colocá-la sobre a mesa, me deu um beijo na testa, voltou para o fogão e me olhando por cima dos óculos perguntou: — A festa foi boa? — Ele franziu a testa ao perguntar como se soubesse tudo o que se passou comigo.

— Estava sim — menti num fio de voz incerto.

— Tem certeza?

— Pai, hoje eu vou saber a nota de matemática. — Suspirei mudando de assunto, fechei os olhos e, antes que eu continuasse, ele colocou sua mão sobre a minha na mesa.

— Estamos juntos sempre, não se preocupe tanto... Independente do resultado eu vou ficar feliz do mesmo jeito, você se esforçou, não foi culpa sua. — Abriu um sorriso carinhoso que me deixou triste. Tentei segurar as lágrimas, mas não consegui, pois uma fujona escorreu por minha face. Um ruído de porta se abrindo desviou a nossa atenção, minha mãe entrou bocejando.

— Huuuuum! Que cheiro bom de café. Acho que vou

acordar mais tarde daqui por diante — brincou.

— A senhora dormiu demais, Lillian... — Havia muita malícia na voz do papai, olhei para ela e vi que estava corada olhando séria para ele dando sinal com a cabeça, tipo... *Olha, a menina aí!*

A cena encheu o meu coração de amor, adorava ver os dois felizes, aliás, eles sempre foram muito felizes, mesmo com pouco dinheiro. A cena romântica entre eles dissipou a vontade de chorar, ainda bem.

— E a festa estava boa? — perguntou minha mãe.

— Hum, mais ou menos... — confessei desta vez sem muito entusiasmo e meu pai lançou-me um olhar intrigado, mas não disse nada.

— Sério?! — perguntou mamãe levando um pedaço de pão à boca. — Na minha época, estas festas costumavam ser tão animadas... Mas você também curtia antes, pelo menos era o que a gente percebia de tanto que você comentava.

Ponderei por alguns instantes, suas palavras faziam mesmo sentido, pois nas festas anteriores as coisas pareciam mais fáceis e divertidas, eu ficava o dia inteiro falando com as meninas, a gente ficava trocando confidências dos beijos, enfim... eram outros tempos, não havia a gangue do Chris para me aporrinhar.

— Não me diverti e acabei voltando mais cedo... —

Ela deu de ombros e me ofereceu cereais. — Sim, obrigada. — Ela se ajeitou na cadeira com a felicidade estampada no seu rosto, o que a deixava ainda mais bela.

— O que está pensando? — ela perguntou quando viu que eu a observava com atenção.

— Você é linda, mãe! — falei abrindo um sorriso.

— Muito obrigada! — ela agradeceu com um suspiro profundo deitando com a cabeça em meu ombro. — Por isso que você nasceu linda assim, puxou a mamãe.

— Vocês duas são as mulheres da minha vida... — Papai falou dando a entender que ia dizer mais alguma coisa quando ao olhar no relógio em seu pulso se levantou apressado. — Vamos, Lucy, estamos em cima da hora. — Dobrou o jornal e caminhou pra garagem e eu fui correndo atrás.

— Estou superansiosa para saber o resultado.

— Vá com fé, minha filha... — minha mãe desejou sorte e eu soltei um beijo no ar para ela antes de sair de casa.

Não conversamos no percurso porque assim que entramos no carro seu celular tocou, colocou o fone de ouvido, era o senhor Pablo que falou sem parar, percebi o olhar de insatisfação do meu pai e quando estacionou em frente à escola pediu licença ao chefe.

— Boa sorte, Lucy.

Concordei com a cabeça e me virei caminhando em direção ao portão quando ouvi um sussurro ao meu ouvido. Meu coração disparou e fechei os olhos, trêmula. Era o Chris, eu conhecia bem aquela voz rouca, sexy, hipnotizante e encantadora, como também o perfume maravilhoso que se apossou do meu ser.

— Eu te procurei por toda a parte ontem — ele disse bem ao meu ouvido. Mordi os lábios para me controlar porque estava a um passo de me atirar em seu pescoço. E para isso não acontecer me afastei. Ele franziu a testa e se aproximou novamente, o meu coração só faltava falar, ouvia os ruídos das batidas em meu peito. Não ousei me mover. — É verdade, Lucy.

— Eu não acredito... parecia que você estava muito bem acompanhado com os seus amigos. — Balancei a cabeça incrédula me recordando da noite de ontem. Ele se aproximou e eu recuei.

— Você parece uma pessoa bipolar, sabia? — Ele arregalou os olhos como se não tivesse entendido. — Quando está sozinho é uma pessoa meiga, gentil, mas quando os seus amigos estão perto, você se transforma em uma pessoa absolutamente cruel e idiota.

— Não fale assim, Lucy, você me ofende — simulou voz de choro. Eu teria que passar por cima dos meus sentimentos para vencer o desequilíbrio que tentava se apoderar do meu corpo e fechei os olhos para criar forças

para sair de perto dele, já que tudo me prendia ali.

— Tanto faz... Se importa ou não — eu falei cansada de tudo. E quando ameacei me afastar, ele segurou em meu queixo com força levantando meu rosto e me olhou fixamente nos olhos.

— Olhe pra mim, Lucy, não tire nunca os seus olhos de mim, por favor — ele pediu com uma voz rouca que me fez derreter, senti um calor insuportável pelo corpo subindo para o meu rosto, decerto estava corada. — É eu sei que errei, e como errei, mas ontem, por um momento , eu senti medo de você. — Pausou para respirar olhando no fundo dos meus olhos, como se pudesse ver através deles. — Eu me importo e muito sim, por esta razão precisei me afastar, precisa acreditar em mim — disse e já foi colocando os braços em minha volta e me puxando para um canto longe do portão e dos outros.

Neste momento ouvi uma gritaria em minha cabeça, uma voz forte como um trovão, era a minha razão gritando dentro de mim. Ela pedia que eu me afastasse, pois ele não era quem parecia ser, e sim só queria se divertir comigo. Mas ela era vulnerável diante das emoções que dominava todo o meu ser, então respirei com dificuldade olhando nos seus lindos olhos e me arrepiei quando desci para o rosto com a barba por fazer, para me controlar prendi a respiração por um segundo.

— Eu não acredito em você, Chris. Mas eu queria

que fosse verdade...

— Estou sendo sincero... — ele murmurou. — Eu não aguento mais — completou baixo, porém eu senti o desespero em sua voz, mas "lá vem ele de novo tentando me enrolar", pensei em silêncio quando ele encostou sua testa na minha e respirou fundo. O gesto me desarmou tirando de mim todas as possibilidades de afastá-lo ou fugir.

Então, involuntariamente, levei a minha mão ao seu rosto, que recebeu o toque com os olhos fechados e um gemido profundo me fez flutuar. Ele parecia tão sincero naquele momento que eu acabei me esquecendo de quem ele era realmente.

— Olha, Chris... Não daria certo, eu preciso me manter longe de você... Bem longe... — Pausei com a garganta sufocada pela emoção, ele balançou a cabeça em sinal negativo.

— Por que acha que não? Está acontecendo algo muito diferente dentro de mim — ele disse e respirou fundo acariciando meu rosto com o seu nariz novamente, estremeci com o carinho e fechei os olhos para curtir aquele momento que parecia um sonho. "Estou sonhando?", me perguntei e a resposta veio com um leve toque de seus lábios sobre os meus. Abri os olhos e ele estava com o olhar tão próximo que fiquei louca de desejo e arqueei o meu corpo entreabrindo os lábios. Ele me

apertou colando nossos corpos trêmulos e ansiosos, senti o seu desejo sobre as minhas pernas e gemi de prazer, nossa que sensação maravilhosa, eu nunca senti antes. Meu Deus, o que estava acontecendo?

— Eu quero você, Lucy, você poderia ser minha... — sussurrou nos meus lábios e enfiou a língua úmida e quente dentro de minha boca e nos entregamos ao beijo mágico, o mais lindo, o mais gostoso, o mais tudo... Minutos depois coloquei a mão sobre o seu rosto. — Em pouco tempo, você se tornou alguém especial para mim, é alguém diferente. — Respirou fundo em meus lábios. — Você está bagunçando a minha vida...

Senti um gelo no estômago, me sentindo da mesma forma. Nunca imaginei ver o Chris Caster se declarando apaixonado por mim, ou não era uma declaração? Balancei a cabeça deixando a dúvida de lado enquanto algo crescia dentro de mim, expandindo como se eu estivesse a ponto de explodir de emoção e não havia mais espaço para nada.

— Eu não sei o que dizer — saiu baixinho. Ele levou o pescoço levemente para trás e me olhou intensamente, seus olhos me passavam tanta verdade.

— Diga apenas que gosta de mim também, pra mim já é o suficiente — ele sussurrou segurando meu rosto com as duas mãos e me beijou lentamente.

— Acho que eu gosto de você... — falei confusa

afastando nossos lábios, ele sorriu me abraçando.

Estava tomada de emoção, enlaçada em seus braços me esqueci de tudo. A razão não se fez presente e eu estava realizada com aquele momento único e ímpar. Eu me sentia confusa sobre a escola, eu queria ficar ali em seus braços para sempre. Mas infelizmente não foi bem assim, recebi um balde de água fria em minha cabeça, experimentei o gelo pelo meu corpo ao ouvir a voz de Kate chamando por ele, de novo, mais uma vez. *Que inferno de menina!* Se existia carma na vida das pessoas, então a Kate era o meu.

— Chris? — E piorou ainda mais quando ele se afastou bruscamente, muito assustado, e olhou para ela com os olhos arregalados.

— Oi, pessoal. — A voz saiu embargada.

Kate, Janette, Samuel e Newton estavam quase ao nosso lado nos olhando surpresos. Eu nem preciso dizer que me senti um lixo diante dos olhos especulativos da galera. Mais uma vez, eu tinha caído na armadilha do Chris e ele se afastou. "Ele se afasta porque gosta da Kate, a garota que pertence ao seu mundo. Eu te avisei, sua burra!", minha razão zombava na minha cabeça. Eu não teria como não concordar com a razão, porque estava literalmente com cara de boba ali parada, sem reação, sem coragem de protestar, talvez porque ainda restava uma remota esperança dentro de mim de que ele voltaria

para a gente terminar o que começamos.

E ele voltou para a minha surpresa, me deixando incrédula, segurou na lateral do meu rosto me fitando intensamente. A Kate limpou a garganta como para alertá-lo e eu não precisei desviar os olhos para saber que ela me fuzilava, eu podia sentir a pressão de seus olhos sobre mim. E ele a ignorou... Pelo menos por um segundo ignorou a todos.

— Você me traz algo bom, esperança, sei lá. Depois a gente coversa, tudo bem? — Eu concordei com a cabeça totalmente conquistada pelo brilho daqueles olhos castanhos lindos.

Então ele se juntou aos demais e se afastou, e eu fiquei ali parada contemplando-o andando tão lindamente, e chorei em seguida ao ver a Kate se pendurando em seu pescoço e roubando-lhe um beijo, dando um selinho em sua boca. Ele arregalou os olhos me olhando.

Como entender o significado do seu olhar que estava agora há pouco se declarando a mim, implorando-me confiança, e agora ali nos braços da pessoa que me odeia completamente. Senti um baque no meu peito como se uma faca afiada o penetrasse, como se o rasgasse e chegasse ao meu coração desesperado de dor. Sentia uma pontada tão forte que um nó se formou em minha garganta. Fechei os olhos, sufocada, eu nunca me odiei tanto, porque se havia um culpado era eu e ninguém mais... Eu vi que

aquele beijo foi roubado, então por que ele não reagiu, não consertou as coisas, deixou tudo como estava? Eu é que me permitia ser enganada, por não ouvir os conselhos de minha razão.

Era óbvio, estava diante dos meus olhos, mas eu parecia não acreditar naquela cena. Ele tinha um caso com ela e dava em cima de mim? Como assim? Era uma vergonha, doía demais, me perguntei por que ele agia daquela maneira, por que ficava dando em cima de mim se estava com a Kate? Eu só queria sair dali, me enfiar no primeiro buraco que encontrasse pela frente para me esconder do mundo. Apressei o passo em direção ao banheiro, passei por eles como um relâmpago, eu sabia que estava nitidamente abatida e não ia deixar que eles soubessem. Ainda ouvi o Chris chamar por mim.

Não olhei para trás e quase derrubei a porta do banheiro quando entrei, graças a Deus não havia ninguém, pois eu precisava de privacidade para sofrer em paz, para me odiar mais do que já me odiava. Apoiei as mãos na pia respirando profundamente, buscando um equilíbrio que eu já aceitava que não existia mais. Eu estava totalmente fora de mim. Abri a torneira e lavei o rosto, a água refrescou minha pele quente pelo nervosismo.

— Ridícula! — disse em voz alta para a minha imagem refletida no espelho, meu coração estava partido e o que eu não me conformava era que as coisas poderiam ter sido diferentes, era só eu me manter imparcial.

Suspirei fundo. *Calma, Lucy... Faltam poucos dias e você estará livre, paciência!* E assim tentava me convencer que o melhor estaria por vir, para fugir de toda essa confusão.

Entrei na sala, todos já estavam com o livro de português aberto sobre as carteiras, vi que me seguiram com os olhos pela sala, mas me joguei sobre a cadeira e fechei os olhos.

— Tudo bem, Lucy? — perguntou Clarinha inclinando o corpo em minha direção sussurrando para a professora não perceber que estávamos conversando. Dei de ombros concordando com a cabeça e fiquei em silêncio sem olhar para ela, eu não conseguia falar, me sentia sufocada por dentro. — Xi! Acho que você não se recuperou da noite passada. — Desviei o olhar para ela, sua testa franziu.

— Eu não preguei os olhos esta noite — informei num fio de voz morrendo de vergonha de ter, mais uma vez, caído que nem uma patinha.

— Por favor, pessoal vamos prestar atenção na aula. — A voz da professora nos fez desviar em sua direção. Com os olhos fixos na gente, ela acenou com a cabeça tipo quem diz: "Silêncio!". Encolhi os ombros, olhei para frente e Clarinha fez o mesmo.

Durante a aula não prestei atenção em nada, tudo o que foi dito ou falado acho que não chegou a mim. Eu

estava sentada na primeira carteira em frente à mesa da professora de português, observando o tempo lá fora, o sol estava fraco, como o meu ânimo, refletindo pela janela da sala e batendo levemente em minha pele. Observava o celular em minhas mãos aguardando sei lá o quê, eu acho que no fundo esperava alguma mensagem, uma ligação perdida do Chris, mas ele não tinha o meu número, eu tinha o dele e procurei nos contatos. Depois, um pouco mais calma em relação aos meus sentimentos, achei tudo aquilo engraçado, ora convencida que ia esquecer tudo colocando uma pedra em cima, ora ali ansiosa, aguardando um sinal de vida dele, um olhar, um oi... Um turbilhão de emoções estava tirando o meu foco para o que sempre achei ser realmente importante em minha vida: os meus estudos. Em meio aos pensamentos deixei escapar um riso abafado chamando a atenção de Clarinha.

— Por que você está rindo? — sussurrou com o corpo inclinado no corredor.

Lancei um olhar rápido acenando a cabeça em sinal negativo e voltei para frente. Não foi somente a minha amiga quem me olhou, a professora, que passava um texto na lousa, também e eu fiquei embaraçada. Mas fui salva de ser chamada a atenção com uma leve batida na porta, que em seguida se abriu, era a assistente da diretora que pediu licença e chamou pelo meu nome me pedindo para acompanhá-la até a diretoria.

Não era uma rotina assistentes de diretoria baterem

na sala durante as aulas, senti um aperto no peito ao imaginar o motivo.

Esperava Carmem na sua sala quando ela saiu do banheiro ajeitando os cabelos negros e curtos atrás das orelhas, muito elegante num terno preto que afinou a sua silhueta.

— Como vai, Lucy? — Seu tom era cordial.

— Bem. Obrigada, dona Carmem.

— Entre, por favor. — Ela sorriu me convidando a entrar na sala.

Abriu a porta e se sentou em sua cadeira apontando a cadeira em frente à sua mesa para eu me sentar. Enquanto ela folheava alguns papéis na mesa, eu repassei os olhos em torno observando cada detalhe da sala, o que ajudou a acalmar meu coração acelerado. Tudo ali era um luxo, como as demais dependências do colégio.

A mesa longa era de mogno com alguns arranjos de flores naturais, como rosas brancas e amarelas, muito perfumadas por sinal. Sobre a mesa, entre as pilhas de papéis, percebi uma pasta aberta em frente a ela, já imaginei que seria o meu prontuário. Enquanto ela lia e relia os papéis na pasta, olhei sobre seus ombros para ver as várias fotos dos diretores anteriores que trabalharam ali e percebi que havia algumas bem antigas. As paredes eram brancas dando um ar calmo ao lugar, embora eu estivesse ansiosa para ouvir o que já sabia, mesmo assim

algo sombrio pairou sobre mim. Neste instante, o Chris veio à minha mente, as palavras lindas que me falou, balancei a minha cabeça para expulsá-lo de lá e foquei toda a minha atenção na mulher ali em minha frente que estava com os olhos fixos sobre os documentos que analisava.

— Estou aqui dando mais uma lida para ver se consigo encontrar uma brecha para contestar o contrato. — Ela suspirou e me olhou com o olhar triste e preocupado.

A Carmem sempre foi uma pessoa generosa, gostava de ajudar os alunos em momentos difíceis e ali eu vi a aflição em seu rosto.

— Eu não consegui a nota necessária para fechar o semestre, não foi? — Ela concordou com a cabeça.

— É uma pena, pois você é uma ótima aluna, eu não acho justo que perca a bolsa, querida — foi sincera.

— Eu vacilei dessa vez, mas fazer o quê? Agora não tenho mais tempo para correr atrás.

— É... — Ela voltou a olhar para os papéis e falou sem desviar os olhos deles. — Não há como contestar, Lucy, está muito claro que a bolsa só continuaria se você fechasse os semestres sem recuperação — falou soltando o ar com força.

— Está tudo bem, eu já conversei com os meus pais,

vou terminar o segundo semestre do terceiro ano no colégio público. — Alguém bateu na porta e ela pediu que entrasse, virei de lado na cadeira para ver quem era.

— Desculpe, a senhora está ocupada, volto depois. — Era a Kate me fuzilando com um sorriso de deboche nos lábios. Meu estômago embrulhou na hora, torci os lábios e virei de frente para a diretora dando as costas pra ela.

— Termino num instante, espere aí na sala de espera que eu te chamo daqui a pouco.

Eu não precisei olhar para saber que ela ria da minha cara, podia sentir a energia negativa em cima de mim, fechei os olhos até que ouvi a porta se fechando e a diretora pegou na minha mão que estava sobre a mesa.

— Eu sinto muito, minha jovem, você tem muito talento, é uma pena que não possa mais continuar com a gente. — Balancei a cabeça derrotada, porém totalmente conformada.

— Vou fazer a recuperação e fechar o primeiro semestre.

— Isso mesmo, mas você já teve uma ótima base aqui em nosso colégio, sei que lhe será muito útil.

— Com certeza. — Levantei-me. — Obrigada, dona Carmem, vou voltar para a aula.

— Pode pedir para a Kate entrar, por favor.

— Claro — disse assim que abri a porta e a encontrei com um sorriso escaldante no rosto. — Dona Carmem pediu para entrar.

— O que foi que aprontou?

— Não é da sua conta... — Minha voz soou áspera, passei por ela e ainda ouvi quando riu gostoso. Ah, que raiva que fiquei, mas estava aliviada, finalmente ficaria longe desse povo. Graças a Deus. *Então, por que quero chorar?*

As lágrimas pressionavam meus olhos querendo sair, mas eu não queria chorar, eu queria enfrentar aquele momento que já era esperado de cabeça erguida, então engoli o choro e esfreguei os olhos marejados antes de passar pelo pátio lotado de alunos em direção às escadas. Ao voltar para a sala, o sinal já havia tocado há cinco minutos, a sala estava quase vazia, só a Clarinha falava com alguém ao celular.

— O que aconteceu? — ela perguntou assim que terminou de falar e largou o celular sobre a mesa, e correu até mim. O problema era que eu não queria conversar, queria sumir da escola.

— Nada além do eu que já sabia que iria acontecer — respondi seca.

— Que amargura, eu, hein! — Ela se sentou jururu na sua carteira.

— Desculpe, Clarinha, é que hoje o meu dia não começou tão bem, sabe? — Contei a ela tudo o que aconteceu.

— Eu te disse que este carinha gosta de você.

— Gosta nada, está se divertindo e eu permitindo. — Revirei os olhos. — Para ele, os seus amigos são mais importantes. Tem vergonha de mim. — Omiti a Kate na história.

— Ok, então, vamos esquecer o Chris — ela disse e se pendurou no meu pescoço. — Você não pode sair da escola, é minha melhor amiga. Eu preciso de você.

— Ah, amiga. — Estendi a mão e ela segurou apertando forte. — Seremos sempre amigas, o melhor de tudo é que vou estudar à noite e trabalhar. Estou realmente precisando de roupas novas. — Dei um sorriso preguiçoso.

A impressão que me deu é que as aulas de hoje duraram uma eternidade e quando finalmente terminou a última, eu me levantei rapidamente e saí da sala. Na verdade, eu fugi da Clarinha, da Gláucia e da Melissa porque no intervalo elas marcaram para a gente conversar na saída, e eu sabia exatamente o que ia rolar no assunto, então, como eu estava decidida a esquecer de tudo que se passou comigo, o primeiro passo era começar me afastando.

E deu certo, as duas semanas seguintes eu frequentei

a escola normalmente, os meus pais davam-me apoio e faziam de tudo para demonstrar que estava tudo bem, porém eu percebia a tristeza em seus olhares. Tentei não dar atenção a isso, eu só pensava que precisava compensar isso no futuro. Não comentei com ninguém sobre sair do colégio e fiz a Clarinha prometer que também não contaria, e ela cumpriu a promessa. Até no dia que completei dezoito anos eu não fui ao colégio, tudo para evitar contatos e comemorei em família com uma enorme e deliciosa pizza.

Consegui uma vaga no período noturno no colégio do meu bairro como também um emprego numa lanchonete de uma loja de conveniência num posto no início da Imigrante, rodovia a caminho para o litoral de São Paulo.

Eu sabia que não podia confiar no Chris, sabia que toda aquela história de confiança não passava de conversa fiada. Depois do nosso último diálogo, ele passou a me ignorar naqueles dias e sempre estava a tiracolo com a Kate, eu odiava aquilo, mas me conformei, pois nada daquilo era novidade para mim. No último dia de aula fui para a escola só para pegar o boletim para poder fazer a matrícula no meu novo colégio. E para o meu azar o encontrei descendo todo sorridente do carro do Senhor Pablo, o seu pai. A Kate veio correndo puxando-o para um beijo demorado. Suspirei profundamente e desviei o olhar, aquilo doeu demais, senti um aperto forte em meu peito e fechei os olhos caminhando em direção à portaria

fingindo que não tinha visto nada.

Tinha que superar aquilo e mesmo quando eu achava que estava tudo bem me senti triste e fui direto ao banheiro, antes de ir à secretaria pegar os documentos necessários. Quando, enfim, entrei na secretaria dei de cara justamente com o Chris sentado com a cabeça baixa, brincando com os dedos da mão.

Assim que ele me viu, levantou os olhos em minha direção com um sorriso sem graça, eu retribuí com o mesmo sorriso e fui me sentar na cadeira do outro lado da sala e ficamos de frente.

Ainda bem que estava lendo um romance que havia levado na bolsa, abri na página marcada e esbocei leves sorrisos fingindo interagir com a história. Confesso que foi difícil suportar ficar tão próximo a ele e as lembranças dos toques e beijos azucrinando a minha cabeça. Olhei para ele e o admirei, mesmo estando com aquele olhar sério de quem estava concentrado em algo. Simplesmente eu via um garoto lindo que, apesar de tudo, conseguia tirar um sorriso sincero do meu rosto.

E enquanto eu o analisava tive que aceitar finalmente que estava completamente apaixonada por ele, queria que isso não fosse verdade, principalmente agora que ele estava me ignorando. “É melhor assim”, pensava.

Queria que meu coração se acalmasse, a droga do meu coração suburbano não me obedecia se derretendo

todo, e o pior, ele tinha uma grande esperança de ter o Chris novamente, sentir o calor de sua boca junto a minha.

A funcionária o chamou tirando-me de meus devaneios, ele não demorou mais que cinco minutos ali e quando terminou passou por mim se despedindo com um sorriso distante que acabou comigo, que derrubou toda a minha esperança, ele estava distante novamente. Aliás, distante ele sempre foi e isso nunca me abalou, mas agora deixou um vazio dentro de mim, um abismo profundo que sabia que ia sofrer e muito por ter permitido amá-lo. Depois desse dia fiquei sem ouvir falar nele por mais de um mês, mas também não queria, tinha terminado com o Flávio finalmente e não queria saber de garotos tão cedo.

Eu trabalhei na lanchonete durante todo o mês de férias e quando iniciaram as aulas eu saía do serviço e ia direto para a escola. Em uma tarde, quase noite, por estar calmo e ser dia de semana, o meu patrão me pediu que eu tomasse conta de tudo que ele tinha um compromisso muito importante. É claro que fiquei, pois ele era um ótimo chefe e me ajudava bastante, principalmente com a minha falta de experiência, era um trabalho duro, mas no fundo eu estava adorando e achava que naquele momento eu me sentia mais madura, pois estava até conseguindo ajudar um pouco com as despesas em casa.

Mas algumas coisas dentro de mim não mudaram e, às vezes, tinha a impressão de que nunca iriam mudar, por exemplo, a saudade do meu antigo colégio e por incrível

que pudesse parecer da antiga vida, até do Chris... como sentia saudades dele. No momento eu não tinha tempo para mais nada, a não ser trabalhar e estudar, já estava me acostumando com isso.

Enfim o patrão saiu e a loja ficou vazia, distraída na função dei um pulo de susto quando a porta abriu e fechou com brutalidade. Prendi a respiração sem acreditar no que os meus olhos viam, o Chris vinha em minha direção correndo com uma expressão de pânico e me deixou em pânico também.

— O que está acontecendo? — balbuciei entre o meu nervosismo. O meu coração disparou deixando minhas pernas bambas, eu precisei me debruçar sobre o balcão para não cair.

— Me ajuda, por favor! — disse olhando para trás para a porta. Antes que eu pudesse responder, ele simplesmente saltou por cima do balcão abaixando em meus pés, presumi que se escondia de alguém.

Abaixei a cabeça olhando-o incrédula e ao abrir minha boca para protestar, ruídos de sirenes do lado de fora deviaram o meu olhar. Carros de polícia pararam em frente à lanchonete. Em seguida, um policial com arma em punho surgiu na porta olhando ao redor.

— Você viu se entrou na loja um rapaz magro e alto? — Ele olhava ao redor.

Eu suspirei fundo e o Chris tocou em minhas pernas

atrás do balcão, gelei com o toque e, de repente, senti medo, fiquei sem saber se o denunciava ou não. “Mas o que será que ele aprontou?”, me perguntei. Por fim não tive coragem de denunciá-lo e arrisquei protegê-lo, mesmo sem saber o teor do seu crime. Eu sei que poderia me arrepender por fazer isso, mas não tive alternativa, o meu coração não deixou traí-lo.

— Não entrou ninguém, policial, será que ele não entrou no banheiro? — Apontei para a lateral do lado de fora do prédio e o policial foi correndo averiguar. Após alguns minutos ele entrou na viatura e foi embora. Em seguida, Chris levantou os olhos tristes para mim.

— A polícia já foi embora? — Consenti com a cabeça enquanto ele soltava o ar com força e com a maior cara de pau enlaçou a minha cintura. Eu recuei e apontei para o outro lado do balcão.

— Por favor... — pedi educadamente, pelo menos tentei. Ele sorriu e pulou de volta o balcão num pulo só.

— Obrigado, Lucy... — Senti o cheiro de álcool que se espalhou no ar, mas não havia sinal de embriaguez. — Eu não cometi nenhum crime grave, eu juro. — Ele foi logo se explicando e cruzou os dedos indicadores beijando-os.

— Espero que não tenha feito mesmo, não sei se fiz a coisa certa mentindo para as autoridades — disse desanimada.

— Eu juro que não. Aconteceu o seguinte: Nós estávamos voltando da praia e...

— Nós? — perguntei interrompendo sua explicação, pois achei estranho, já que ele estava sozinho.

— Eu e a... — hesitou diante do meu olhar questionador, então abaixou os olhos. — Kate — disse num fio de voz quase imperceptível. — Eu que estava no volante e bebendo uma cerveja.

— Ahhh! — Como aquele nome me causou um rebuliço no estômago, me deu até vontade de vomitar. — E onde está a Kate?

— Nem sei, quando a viatura mandou parar o carro eu encostei no acostamento e saí correndo como louco, imagina só se eles me pegam bebendo ao volante, eu vou parar de novo na cadeia. — Abaixou os olhos apavorados. — Meu pai me mata...

— Não acha que você está bem grandinho para sair por aí aprontando como se fosse uma criança, Chris? — repreendi e ele abaixou os olhos, como se não encontrasse as palavras certas a dizer.

Percorri meu olhar em seu corpo vendo a sua beleza, estava vestido em uma regata branca e uma bermuda no joelho estampada com vermelho e um chinelo na mesma cor, tudo perfeito e ainda destacava a pele bronzeada, suspirei e desviei os olhos com os pensamentos eróticos que surgiram em minha cabeça. Pensei em tirar um

sarrinho e dizer que ele tinha medo, só que não, porque eu tinha vergonha, não quis ser rude com a brincadeira fora de hora, ele poderia se ofender, apesar de tudo, eu me senti vulnerável, apaixonada...

— Desculpe por dizer, mas você não escaparia mesmo do bafômetro. — Ele riu colocando a mão sobre a boca soprando para ver o seu bafo. — É só isso mesmo? — Ele assentiu que sim com a cabeça, envergonhado, estava errado, eu sabia, mas o fato me deixou aliviada, por um momento achei que ele tinha cometido algo mais grave.

— Ah, então é aqui que você trabalha? — ele perguntou mudando de assunto varrendo o ambiente com o olhar.

— O dia inteiro — respondi. — Não é o emprego dos sonhos, mas paga as minhas contas. — Ele sorriu fixando os olhos nos meus e por alguns segundos ficamos nos olhando, então ele estendeu a mão e pegou na minha.

— Você está fazendo falta no colégio.

— Imagina... Que falta eu poderia fazer naquele colégio? Só se for para a Clarinha, que me liga o dia inteiro — falei negando com a cabeça.

— Eu sinto a sua falta — ele disse pausadamente.

— Pare de brincar comigo, Chris, eu te ajudei por ajudar, não estou pedindo nada em troca.

— É verdade... — Repassou seu olhar pelo meu rosto e eu gelei. — Eu só faço burradas nesta minha vida e... — interrompeu quando a porta da lanchonete se abriu e passou por ela um grupo de cinco jovens que subiam a serra a caminho de São Paulo.

No instante que eu atendia, um táxi parou em frente à loja e buzinou, Chris acenou, era a Kate que o chamava, ele desviou o olhar para mim, e eu não pude parar, estava ocupada atendendo.

— Tchau! — sussurrou e saiu pela porta entrando no táxi, percebi que ele beijou a Kate e foram embora deixando uma devastação dentro de mim, os meus sentimentos por ele continuavam ali. Tão fortes como antes, mas deveriam ser bloqueados imediatamente.

Dei graças a Deus por ser sexta-feira, pelo menos no dia seguinte eu poderia ficar em casa, seria a minha folga.

Acordei com o meu telefone tocando, não sabia onde havia deixado, e resolvi ignorá-lo, pois tinha acordado ainda com aquela vontade de dormir, imaginei que seria a Clarinha, porque ela me avisou que iria me acordar cedo para a gente correr no parque, então achei melhor não arriscar a atender, só assim poderia descansar mais um pouco.

E foi sem sucesso, pois logo em seguida ouvi alguém batendo na porta e alguns sussurros, mas achei que estivesse sonhando e virei para o outro lado cobrindo a

cabeça com os lençóis. Mas a voz da minha mãe chegou alta até mim, despertando-me finalmente.

— Lucy?

— Já vai... — "Droga!", eu pensei respondendo com a voz rouca, sem a menor vontade, precisava de mais um pouco de sono. Abri a porta com os olhos quase fechando e voltei até a cama me jogando sobre ela.

— Filha, você tem uma visita lá embaixo — minha mãe falou pausadamente que me deixou curiosa, me sentei na cama.

— Visita... agora? — Ela concordou com a cabeça, estranhei a forma como ela falava, desconfiei que houvesse algo de estranho.

— O Chris...

— Quem? — perguntei franzindo a testa olhando para ela como se estivesse ficando louca.

— Ele mesmo, o Chris.

— Mas que diabos ele está fazendo aqui? — Saltei da cama mais acordada do que nunca.

— Eu não perguntei, vá, se arruma rápido e desça para falar com ele.

— Que horas são, mamãe? — perguntei procurando pelo celular para ver as horas e não achei.

— Quase meio-dia, querida. — Ela sorriu e saiu do

quarto fechando a porta atrás de si.

Capítulo Nove

Fiquei tonta, perambulando pelo quarto, sem saber o que fazer. *Qual atitude deveria tomar, eu parecia uma boba, duvidava se seria possível... O Chris Caster no andar de baixo da minha casa?* Não... eu não conseguia acreditar, parecia impossível. "A minha mãe se enganou, é claro que ela se enganou, ele jamais viria aqui em casa", pensei trêmula, com o coração batendo a mil, quase na minha garganta, querendo sair pela boca.

Abri lentamente a porta do quarto para não fazer ruído e caminhei pelo corredor indo até a ponta da escada e fiquei ali por um instante ouvindo a voz da minha mãe e a do Chris. Sim, era a voz dele, era o Chris em pessoa... *Então era verdade?* Ele estava mesmo na minha casa. Era inacreditável, voltei correndo para o quarto arrancando o pijama e entrando no chuveiro. O banho foi rápido, urgente e quando voltei para o quarto foi outro dilema: o que eu vestiria para descer?

Com certeza estava um gato, como sempre. Por fim escolhi um short jeans de cintura baixa que acentuava a minha cintura e uma regata rosa com detalhes brancos,

penteei os cabelos e apliquei no rosto uma leve maquiagem, destacando os meus olhos verdes. Por último usei o meu perfume predileto, o Burberry que combinava bem com o dia, e desci lentamente, pé ante pé.

O sol entrava pela janela da sala com as cortinas levantadas iluminando levemente o lindo rosto do Chris sentado no sofá da sala, em frente à poltrona de minha mãe, e o Juninho fazia a lição na mesa de centro. Quando nossos olhos se encontraram senti um friozinho gostoso na barriga, um calor insuportável subiu ao meu rosto, ainda incrédula... E embora com tantos sintomas que me faziam tremer, eu sentia a emoção me dominando, era uma onda de alegria ao vê-lo ali na minha humilde casa, parecia um sonho lindo, talvez o mais lindo que já sonhei.

Meu coração estava disparado em meu peito e nossos olhos estavam presos um ao outro. Percebi que minha mãe inclinou a cabeça e me viu na escada, mas não consegui desviar o olhar dos olhos de Chris, que invadiram meu corpo chegando à minha alma. Ela saiu da sala em silêncio e chamou o Juninho, que saiu reclamando.

— Oi, Lucy! — Ele sorriu para mim deixando à mostra a fileira de dentes brancos. A voz suave causou um rebuliço de alegria em meu estômago.

— Oi, o que faz aqui? — Sorri encantada com aquele sorriso perfeito e viciante. Eu preferia mil vezes ser indiferente a ele.

— Vim te agradecer... — Desviou os olhos em direção à porta da cozinha antes de voltar para mim. — Se não fosse você, a esta hora estaria atrás das grades.

— Não precisava vir até aqui para agradecer.

Ele avançou os passos em minha direção diminuindo a distância entre nós e acariciou meu rosto com as costas dos dedos e eu não acreditei que fechei os olhos para receber o carinho. Suspirei fundo recuando alguns passos e abaixei a cabeça. Meus olhos percorreram todo o visual dele, lindo como sempre e maravilhoso! Vestia uma bermuda estilosa, de sarja azul-turquesa, e uma regata branca colada ao corpo destacando não só os músculos, como também o bronzeado.

— Não foge de mim, por favor, não mais... — Meu olhar incrédulo se deparou com o seu olhar triste e por incrível que poderia parecer havia nele traços de sinceridade.

— Você já agradeceu, então, por favor, vá embora agora — eu pedi, embora não fosse um pedido sincero, mas eu precisava me proteger. A imagem do beijo que ele deu na Kate ao entrar no táxi permanecia em minha mente como se fosse um sinal de alerta. *Fica longe dele.*

— Precisamos conversar... — ele disse sério, ameaçando dar um passo quando eu recuei dois. Dei de ombros voltando à realidade. *Acorda, ele não está aqui por você!* Eu não podia me permitir cair novamente em

seu jogo de sedução, ele veio me implorar silêncio para não contar sobre seu problema com a lei, e isso era fato.

— Se você quer o meu silêncio, já o tem. Eu prometo que não vou contar a ninguém... — Minha voz saiu áspera, porém ainda trêmula.

— Ei... não é nada disso que você está pensando... — Ele avançou rápido sem me dar a chance de fugir da aproximação que me perturbava.

— Então, por que veio até aqui? — Ele riu alto jogando a cabeça para trás ficando ainda mais lindo.

— Não, não é o seu silêncio que estou atrás. — Segurando a ponta do meu queixo, levantou o meu rosto. — Olhe para mim. — Seu tom de voz parecia uma ordem. Senti borboletas voando em meu estômago, ele pegou em minhas mãos me puxando. Meus olhos ficaram à altura dos dele. — Eu preciso conversar sério com você, Lucy... — A voz aveludada entrou pelo meu ouvido e invadiu meus sentidos; tudo parecia rodar, minha cabeça girou, confusa, me afastei bruscamente e fiquei de costas para ele.

— Deve ser algo sério mesmo para você vir até aqui em casa. — Respirei fundo com as suas mãos se fechando em meus ombros e me virando de frente a ele, nossos olhares se encontraram.

— Muito... — As pontas de seus dedos tocaram a minha face fazendo-me suspirar e, com um arrepio percorrendo todo o meu corpo, fechei os olhos. Ao sentir

o perigo daquele momento, eu tentei me afastar novamente, mas suas mãos seguraram firmes em meus braços.

— Por favor, Chris... — hesitei num fio de voz. — Vai embora, se afasta de mim...

— Não... — Havia um tom de verdadeira urgência em sua voz que me fez olhá-lo. — Não me peça para me afastar, eu já tentei fazer isso e não consegui, não passou um só minuto que eu não tenha pensado em você. — Suas mãos subiram até o meu pescoço, inclinei a cabeça levemente para trás e seus polegares pressionaram minha pele de uma maneira que eu flutuei em um turbilhão de emoções. — Ontem, quando olhei em seus olhos, eu pude ver o quanto você é especial... Eu não quero mais ficar longe de você, entendeu?

— Pare de brincadeira. Você se aproxima de mim, me conquista e depois se afasta quando seus amigos estão por perto, como se eu fosse descartável... Acha que eu sou um brinquedo que você brinca quando quer? — disse, incrédula.

— Eu jamais brincaria com você... — Ele começou e eu ri inconformada de como ele poderia ser tão mentiroso, pois o que ele fez foi só me enganar, mentir... Como se soubesse o que eu pensava, ele continuou com a voz desesperada. — Desde aquele dia que nos esbarramos, você não saiu mais da minha cabeça. — Eu ainda fiz um

sinal negativo com a cabeça e ele continuou: — Toda aquela história de ajuda com a matéria, não passou de uma desculpa para eu me aproximar de você, a verdade é que foi a forma que encontrei para saciar o vício que você se tornou em minha vida. Estava sempre estimulando o meu coração a bater acelerado, tudo o que eu pensava era te beijar, te tocar. — Seus dedos riscaram meus braços deixando um rastro de arrepio. — Só que este sentimento estava indo longe demais para um cara que cresceu com a ideia fixa de que nunca teria um relacionamento sério, que sairia com várias garotas ao mesmo tempo sem se apegar a nenhuma. Senti medo, Lucy, muito medo e por isso eu me afastei. — Abaixou os olhos rapidamente e voltou a fitar-me. — Eu tentei...

Tudo aquilo parecia um sonho lindo e a qualquer momento eu ia acordar e ter a certeza do quanto nosso mundo era distante. Eu não poderia me iludir de novo.

— Nunca daria certo — murmurei. — Somos completamente diferentes, pertencemos a mundos distintos. — Ele colou sua testa na minha, sua respiração quente e perfumada me deixou com as pernas ainda mais bambas. — Por favor, não faça isso comigo — implorei, estava cada vez mais difícil resistir à sua aproximação.

— Dê-me uma chance... — ele sussurrou e, para eu não cair em tentação, precisei me afastar ao me lembrar da Kate e dos beijos entre eles, mas eu não queria falar dela.

— Acho que não vai dar, Chris; e tem outra, o meu pai é funcionário do teu, a gente pode causar um terremoto e... — Ele me silenciou com o dedo em meus lábios.

— Suponho que você ainda não almoçou...

— Nem tomei café ainda. — Eu sorri.

— Almoça comigo. Conheço uma cantina muito legal aqui perto.

Suspirei e ia responder quando minha mãe entrou na sala com uma bandeja e dois copos com sucos de laranja e a gente desviou o olhar para ela.

— Trouxe um suco para vocês — ela ofereceu.

— Obrigado, dona Lillian. — Ele se serviu do suco e eu também. — Será que a senhora se importa se a Lucy almoçar comigo? — Ela me olhou surpresa sem entender o que estava acontecendo, aliás, nem eu entendia.

— Por mim está tudo bem. — Ela forçou um sorriso.

— Vou cuidar dela, obrigado. — Ele beijou o rosto da minha mãe deixando-a vermelha e encabulada com a atitude inesperada. Pegou em minha mão me puxando para fora.

O dia não poderia estar mais lindo, um dia lindo de sol e céu azul, uma leve brisa bateu em meu rosto deixando o meu coração radiante. A presença do Chris trouxe alegria ao meu coração, e levou o desânimo que se apoderou de mim depois que deixei de frequentar o Dante

Batiston.

Em frente à minha casa tinha um carro preto esportivo de luxo incrível estacionado, eu ainda não o tinha visto de carro, era a primeira vez. Ele percebeu meu olhar surpreso.

— Ganhei da minha mãe, é lindo, não é? — Abriu a porta do carro como um perfeito cavalheiro.

— Maravilhoso — respondi, mas travei sem conseguir entrar no carro com a gritaria em minha cabeça, a minha razão novamente alertava-me e, dessa vez, eu achei melhor ouvi-la e encarei o Chris, ele juntou as sobrancelhas, surpreso. — Não vou a lugar algum com você... — eu disse decidida ao lembrar-me do passado.

— E por que não? Qual é o problema, Lucy?

— O problema é que quando os seus amigos aparecem você se transforma, é isso — falei, cruzando os braços, e levantei cabeça. Ele deu um sorriso arrependido como se soubesse do que eu falava.

— Você tem razão, fui um imbecil — disse pegando em minhas mãos. — Eu prometo que nunca mais vai acontecer de novo. Confie em mim, desta vez eu não vou decepcioná-la. — Levou minha mão aos lábios e beijou olhando-me por cima dos olhos. — Esqueça o que passou, vamos recomeçar, vamos dar o primeiro passo, se conhecer melhor... — Balançou a sobrancelha na tentativa de me convencer.

Os meus sentimentos, a razão e a emoção, travaram uma luta. Tinha dúvida qual conselho seguir, mas por fim resolvi arriscar mais uma vez, até mesmo porque era muito difícil resistir a ele, era tão lindo... Eu mesma abri a porta e entrei. Já dentro do carro perguntei:

— Podemos ir? — Ele abriu um lindo sorriso, piscou e deu a volta no carro, entrando.

Estava feliz, mas consciente de que tudo aquilo poderia acabar à meia-noite como a história da Cinderela. Era sábado e as ruas estavam tranquilas, assim chegamos logo à marginal do Rio Pinheiros em direção à Rodovia Castelo Branco, caminho que levava a Alphaville, o bairro nobre na cidade de Barueri. Ele abriu o teto de vidro e o vento soprou por cima de nossas cabeças, era uma sensação deslumbrante.

— Alphaville! — resmunguei ao me lembrar de quando a Clarinha falou sobre aquele bairro.

— É... O restaurante fica em Alphaville, você conhece? — Neguei com a cabeça. — Está com fome? — perguntou em seguida.

— Muita fome. — Seus olhos voltaram em minha direção e percebi uma linha de preocupação.

— Obrigado por ontem. — Fechei os olhos com força, rezando para não ter sido enganada, para aquele convite não ser só uma desculpa e nada mais, me tratando como uma princesa para depois fingir que não me

conhecia e dar as costas.

— Eu não pedi nada em troca, eu já te disse. — Minha voz saiu áspera.

— Por que está nervosa? — perguntou apertando o meu joelho.

— Eu não estou nervosa, acho que me cansei das suas atitudes bipolares. — Fechei a cara olhando para frente, ele acelerou e eu encostei-me ao banco. Acho que ele ficou nervoso. — Dá para diminuir um pouco a velocidade, por favor — pedi pausadamente. Ele apertou o volante e lançou-me um rápido olhar e depois voltou para o asfalto.

— Eu sinto muito, eu sou um estúpido por fazer isso com você. Quando paro para pensar nas minhas atitudes tenho até vontade de me jogar de cima de um viaduto. Esqueça isso, por favor, me dê a chance de provar que eu mudei, eu preciso muito desta oportunidade, só você pode me ajudar... — Pausou para respirar e, então, me lançou um olhar de esperança que encheu meu coração de carinho. — Eu cresci com um buraco enorme no coração que sempre me causou dores horríveis, e que cicatrizou depois que enxerguei você, agora não são mais as dores que sinto e sim uma ânsia de estar perto de você... — "Como assim... o que ele está dizendo, que me ama ou algo assim?", pensei enquanto virava a minha cabeça para olhá-lo e, então, ele me sorriu antes de lançar outro rápido

olhar. — Quero recomeçar junto com você... Olha, Lucy... — Ele abaixou os olhos, envergonhado. — Eu confesso que sempre fui do avesso mesmo... mas agora eu quero me tornar uma pessoa diferente, melhor e foi você que despertou esta mudança em mim... — Levou a mão ao peito com força lançando um rápido olhar em minha direção e, em seguida, voltou a olhar para a estrada. — O que eu sinto por você consegue ser tão diferente de tudo que eu já senti. Você me faz querer ser outro, é como se a minha vida só fosse completa com você, entende? — Eu assenti com a cabeça e com o coração derretido ao ouvir a declaração tão magnífica com os olhos pregados na face de seu rosto enquanto ele dirigia, aliás, estava louca para agarrá-lo, mas me contive, ainda não tínhamos tanta intimidade para isso. Ele falava sem parar, sem respirar e eu fiquei em silêncio com as palavras lindas que saíam de sua boca. — Eu só tenho suspirado ultimamente com você na minha mente... Inclusive ontem, eu fiquei muito envergonhado do que fiz e me senti um imbecil diante de você. Você pode não acreditar, mas eu nunca me importei com as minhas bagunças pela rua, ontem foi a primeira vez que pensei em meus atos, nas consequências e... — Ele pausou e respirou fundo. — Tem ódio de mim? — perguntou, me lançando um olhar rápido.

— Não. É claro que não... Só acho hilário um cara que tem tudo agir dessa forma. — A pergunta havia me pegado de surpresa. Ele estacionou o carro em frente a um

pequeno restaurante de decoração rústica, muito íntimo.

— É um lugar ótimo para passar o dia, vinha muito aqui com os meus pais quando eu era criança — explicou quando olhei para ele, indagando-o.

— Criança? — Arqueei as sobrancelhas, confusa com a explicação. Antes de descer do carro, ele virou para mim.

— Sim, criança. Nem tudo o que parece é, minha cara. Faz muito tempo que não fazemos um passeio em família — confessou com o olhar triste que me deu pena, senti uma imensa vontade de abraçá-lo, confortá-lo. Ele desceu e abriu a porta do carro para mim e de braços dados entramos, já havia uma pequena mesa no jardim de inverno do restaurante reservada para nós. Sentamos e ele já pediu as bebidas ao garçom, que aguardava em nossa frente.

— Eu não imaginava que você tivesse este tipo de problemas com a família. — Ele inclinou a cabeça ao meu lado com um deslumbrante sorriso, que senti uma fisgada em meu estômago e sorri levemente para disfarçar o meu nervosismo.

— Meu pai não tem tempo para nada — disse de uma vez, que até arregalei os olhos.

— Talvez seja porque o trabalho não permita que ele... — Parei de falar com ele apertando minha mão.

— Não se trata do trabalho, Lucy, se trata dos casos amorosos que ele cultiva em sua vida.

— Como assim? — perguntei confusa.

— O meu pai tem um caso amoroso fora de casa, e faz um tempão... Tenho até uma irmã bastarda que trabalha no hospital da tia Sarah. Você já deve conhecê-la, o nome dela é Isabel.

— Eu já vi algumas vezes na festa da empresa e quando a minha mãe precisou de uns exames urgentes por conta de uma forte enxaqueca. Eu não sabia que ela era a sua irmã.

— Então, ele não tem tempo para nós — declarou com pesar.

— Eu sinto muito. — Segurei sua mão e ele apertou. — Agora eu entendi porque você disse que cresceu com um buraco no coração. — Ele assentiu com a cabeça, mas percebi seus olhos marejados de lágrimas.

— Acho que já me acostumei com a distância dele — ele parou de falar e fitou-me tão intensamente, que senti um frio na barriga pensando no que ele estaria pensando. — O fato de estar muito próximo a alguém sempre me assustou muito, por isso eu sempre levei a vida na brincadeira. — Seus olhos brilhavam e aquele gesto me deixou ofegante, meu coração disparou. Ele sorriu e eu retribuí de volta, abaixando os olhos. De repente, fui pega de surpresa, sua mão pousou atrás de meu pescoço. Sem

conseguir controlar a emoção daquele toque, joguei levemente minha cabeça para trás.

— Ah! — gemi olhando seus olhos que estavam cheios de excitação.

— Você é linda! — ele respondeu ao meu gemido. — Então podemos considerar esse o nosso primeiro encontro, Lucy?

Meu coração bateu forte, um frio na barriga me sufocou e não consegui respirar, consequentemente o tremor tomou conta de todo o meu corpo. *Será que eu ouvi direito? Será que não foi uma piada?* O calor me deixou tonta, rapidamente enchi o copo com o refrigerante e bebi num gole só para me refrescar. Ele voltou a segurar minha mão me forçando a levantar os olhos e encará-lo.

— Eu preciso que me diga sim, que você perdoou o babaca aqui, por favor — insistiu. Aliás, ele não precisava fazer nada daquilo, já era o ladrão que havia roubado o meu coração.

— Tudo bem, é o nosso primeiro encontro.

Ele sorriu, parecia muito satisfeito com a minha resposta e eu, claro, fiquei alegre também, embora ainda cautelosa pelo que poderia vir pelo caminho, afinal foram tantas vezes que fiquei falando sozinha, mas querem saber? Que se dane, decidi que ia curtir este momento, mesmo que durasse pouco e que fosse único.

Desta vez nossa conversa fluiu bem, o Chris engatou uma conversa atrás da outra, decidindo me incluir na sua vida, quase não me deu chance de falar de mim. Mas não me importei, aliás, eu queria saber muito mais sobre ele, conhecê-lo melhor.

Mas de tudo o que ele me confidenciou, o que ficou marcado pra mim foi o fato de que sua mãe e sua tia Sarah não se davam bem, ele relatou que o fato da tia ter contratado a irmã dele bastarda foi o pivô de todo o desentendimento na família. A dona Sophia a acusava de encobrir os casos amororsos do pai dele.

Almoçamos e voltamos para a minha casa, ele queria passar uma boa impressão aos meus pais e a mim. E aquela atitude me devolveu a confiança que eu já tinha perdido nele.

— Chegamos... — Ele desligou o carro e inclinou o corpo no banco ficando de frente para mim. — Adorei passar o dia com você — confessou em voz baixa.

— Eu também adorei, confesso que tive dúvidas, mas você foi uma ótima companhia.

— Se eu te disser que nunca tinha saído com uma garota para almoçar ou jantar, assim intimamente, você acredita?

— Eu não sei... — Inclinei a cabeça hesitante. Era difícil de acreditar baseado nos fatos de que ele vivia com meninas no seu pé, a começar pela Kate.

— O que você está fazendo comigo? — perguntou-me, em tom gentil se aproximando e eu prendi a respiração.

— Hummm... — respondi com a minha voz soando baixa e fraca.

Ele inclinou a cabeça em minha direção fazendo nossos narizes quase se tocarem. Eu podia sentir seus olhos sobre mim com intensidade, mas estava muito ocupada admirando seus lábios tão próximos e tão acessíveis. Senti nossas respirações se misturarem e não consegui encontrar uma resposta coerente.

— Lucy... — Sua mão se encaixou na curva de minha nuca e ele puxou meu rosto em sua direção. Esperei sentir seus lábios nos meus, mas isso não aconteceu, ele continuou na mesma posição. Sua mão deslizou pelas minhas costas livres fazendo a distância entre nossos corpos ser praticamente zero. Seus lábios suaves e gentis foram ao meu pescoço. — Lucy... Você é muito importante para mim. — Seu hálito quente contra a minha pele me fez suspirar, fechar os olhos e senti uma contração em minha intimidade me fazendo estremecer.

Um calor subiu em meu rosto e sei que corei ficando preocupada com o que ele poderia pensar, mas acho que não teve jeito e ele percebeu mordendo os lábios e me olhando com um olhar sexy muito ardente, precisei me controlar para não me atirar em seus braços, só que ele

segurou em meus ombros e me olhou. Por um momento sorri, então ele segurou meu rosto suspirando profundamente, fechei os olhos e com o coração acelerado senti o toque quente de suas mãos e o seu hálito com aroma de desejo.

Ao abrir os olhos me deparei com um brilho de admiração em seu olhar, seu peito mexia rapidamente denunciando a agitação de sua respiração. Seu olhar era surpreendente, muito diferente daquele indiferente ao qual eu já estava acostumada e uma emoção forte se apoderou de mim. Perguntei-me se seria real, se realmente aquilo estava acontecendo? A resposta veio silenciosa, com um beijo leve em minha bochecha, a leveza do beijo chegou a minha alma, eu não consegui segurar a emoção, pois estava tão envolvida e percebia seu envolvimento também.

Ele não se afastou e continuou ali colado ao meu rosto e, no silêncio de nossas emoções, suspirou, entreabrindo os lábios lentamente em direção aos meus, e eu fiquei aguardando com expectativa. Sua língua invadiu minha boca perversamente. *Que língua e hálito gostosos!* Gemi e ele me beijou com força, senti o seu desejo e sua paixão com saudade. Após o longo beijo, ele se afastou o suficiente para me olhar.

— Você me faz sentir coisas diferentes, Lucy, algo que eu nem sei explicar... — Suspirou encostando seus lábios em minha testa. — Eu preciso saber se é

recíproco? — perguntou num fio de voz.

— Sinto o mesmo... Não sei se deveria... — ponderei quando, então, fui interrompida com seus braços ao redor da minha cintura, ele me puxou para um abraço, fechou os olhos e me aconcheguei em seu peito ouvindo as batidas ferozes do seu coração, deliciando-me com o seu calor corporal aumentando ainda mais a minha temperatura e o meu desejo.

Eu tentava me controlar, mas não conseguia, o sentimento era forte demais, algo que nunca havia experimentado antes. Levantei a cabeça em busca de seus lábios e nos beijamos de novo, um beijo de urgência, o calor aumentava dentro do carro e o suor explodia de nossos poros deixando os vidros embaçados.

Nossas línguas se mexiam em sincronia e o calor foi aumentando com a velocidade, a vontade de ousar ainda mais se aproximava, ele foi abaixando o meu banco e seus lábios desviaram dos meus a caminho de meu rosto e, em seguida, ao meu pescoço, passou a língua em minha pele e o contato me deixou ofegante, então gemi de novo.

— Está tudo bem? — Sua voz estava preocupada, segurou nas laterais do meu rosto beijando-me com todo amor e carinho, e com muita sutileza deslizou uma das mãos em direção aos meus seios deixando um rastro de muito desejo.

Neste momento suspirei profundamente com

espasmos e essa minha reação o deixou louco, então com a outra mão pressionou o meu pescoço cobrindo os meus lábios com os seus num beijo ainda mais ardente. Arfei com os meus seios pulando do sutiã, era o desejo, a vontade de me entregar com urgência. Ele enfiou a mão por dentro da minha blusa invadindo o sutiã encontrando meus seios com os bicos rígidos.

— Nossa! — ele sussurrou em meus lábios.

— O que foi? — perguntei baixinho com as suas mãos hábeis massageando meu seio com firmeza, seus lábios cobriram os meus e o beijo se tornou mais quente, mais intenso. Um mundo só nosso.

— Sua pele é tão macia... Aaaaah... Eu quero você, Lucy! — sussurrou com os seus lábios deslizando da minha boca ao colo do meu seio, depois do colo do meu seio à minha boca, enquanto desceu as alças de minha blusa com muita habilidade até os meus seios ficarem expostos, eu arfei sentindo o desejo percorrer subitamente minha pele, uma onda de corrente elétrica percorreu cada terminação nervosa de meu corpo me levando à loucura. Eu nunca havia chegado a este ponto com nenhum outro homem, eu estava totalmente entregue, e ele sentia isso quando desceu a alça do sutiã, a única barreira envolvendo todo o meu seio em seu lábio quente e úmido. Os bicos dos meus seios estavam duros, ansiando mais e mais por seu toque, eu desejava mais enquanto sua língua traçava o bico. Gemendo, levei a minha mão em direção à

sua ereção e movi minha mão sobre a bermuda acariciando-o.

Ele prendeu a respiração por um instante e soltou ofegante, voltando aos meus lábios entreabertos, deu um beijo urgente e desesperado que contraía a minha feminilidade. Levei minha mão por dentro da sua bermuda, fechei meus olhos ao tocar-lhe a ereção pulsante, então segurei firme fazendo movimentos de vai e vem. Chris gemeu rouco, passeando desesperadamente com a mão pelas partes internas de minhas coxas, provocando e me dando arrepios fazendo com que eu gemesse e parou no botão do meu short, abriu, desceu o zíper. A largura do short facilitou sua mão invadir a minha calcinha e encontrar-me totalmente molhada.

— Oh... Você é deliciosa... — Sua voz saiu abafada e neste momento eu precisava com urgência senti-lo mais perto de mim, então encostei meu quadril no dele sentindo o tamanho enorme do seu desejo através de sua ereção. O contato de nossas intimidades nos levou à loucura. Ele me agarrou com força. — Eu a quero... — E me beijava enquanto seus dedos roçavam o fundo da minha calcinha, em seguida seus dedos invadiram o elástico e faziam movimentos circulares leves bem em cima do meu clitóris inchados de prazer me deixando extremamente excitada.

O suor descia de seu rosto para seu pescoço, entrando pela gola da sua regata, o cheiro de amor tirava gemidos de minha boca e da dele também, então enfiou

dois dedos na portinha e os manteve ali, massageando enquanto eu sentia o volume de sua ereção crescer em minhas mãos.

Louca, beijei-o com desejo sem pensar nas consequências por estarmos ainda à luz do dia e em frente à minha casa e que a qualquer momento poderíamos ser pegos em flagrante. Eu não conseguia ter juízo, não conseguia pensar, porque tudo em mim ansiava por ele e todo este sentimento era correspondido na mesma intensidade. O meu coração ficou aos pulos querendo sair pela boca, beijei seu pescoço sentindo o gosto salgado do seu suor.

Uma sensação maravilhosa que eu queria que durasse a vida inteira foi interrompida com o som de uma voz de criança dando gargalhadas que veio distante, uma voz que eu conhecia muito bem. Assustada, eu levantei o olhar e vi que Juninho e meu pai atravessavam a avenida em direção ao carro. Naquele momento todo o clima deu espaço ao nervosismo, ao medo de ser pega e meu coração saltou no peito com a possibilidade.

Trêmula e com cara de horror empurrei o Chris para o meu lado e imediatamente levantei o banco, respirei profundamente para acalmar a fúria do coração, e comecei a rezar e a torcer para que eles não percebessem o que realmente havia acontecido ali dentro do carro, embora eu soubesse que seria um pouco difícil, o Chris estava tremendamente excitado, do mesmo jeito que o

desejo estava estampado em sua cara deveria estar na minha. Ele sorriu levando a mão para o meio das pernas, aí eu gelei... porque meu pai bateu no vidro do carro.

— Oi, pai — eu disse enquanto descia o vidro, mordendo os lábios e torcendo para o Chris esconder tudo aquilo.

— É você mesmo, Chris? Quando a Lillian me falou que você veio buscar a Lucy para sair, achei que ela estava enganada. — Olhava para ele desconfiado, parecia que não estava feliz com aquilo, eu conhecia muito bem o meu pai quando estava contrariado.

— É... eu pre-preci-precisava con-conversar com ela — ele gaguejou e meu pai ergueu a sobrancelha.

— Mas o que exatamente vocês conversaram? — Chris ficou tão vermelho com a pergunta do meu pai, que fiquei com pena, eu podia dizer que estava mais para roxo e então resolvi interferir na conversa, para aliviá-lo.

— Sobre a escola, pai, ele precisa de ajuda e... — Chris respirou fundo.

— Que carrão, Chris, me leva para dar uma volta? — pediu Juninho babando e olhando ao redor, já enfiando a cara para dentro do vidro. O Chris cobriu a sua ereção com o braço, supercorado.

— Vai ser um prazer, mas fica para outro dia — disse olhando para o relógio em seu pulso fingindo que estava

com pressa. — Agora tenho um compromisso, mas prometo que da próxima vez eu te levo, ok?

— Valeu. — Ele assentiu com a cabeça.

Eu estava muito constrangida com a situação, assim como ele, e mais que depressa abri a porta do carro e desci. Chris ainda piscou antes de voltar os olhos para o meu pai, que o aguardava com o olhar especulativo, e aquela atitude me deixou envergonhada.

— Deixe-me ir, até senhor Marcos. — Chris antecipou ligando o carro e saindo às pressas. Observamos até que o carro virasse a esquina, então senti o olhar do meu pai sobre mim e o encarei.

— Acho que você deveria ficar longe do Chris, ele não é flor que se cheire! — alertou-me com um semblante preocupado. Eu sabia disso, sabia que ele aprontava muito, mas não conseguia ser indiferente, algo me prendia a ele. Preferia acreditar que ele tinha mudado, ou que estava mudando.

— Ele aprontou muito sim, eu sei disso, mas não é nenhum marginal, pai — garanti e meu pai suspirou com força, é claro que eu não o convenci e tinha que lhe dar uma razão para aquela afirmação. — Eu descobri que ele se sente rejeitado, que nunca teve a atenção de seu pai. Pare e pense aqui comigo! Talvez o Chris tenha aprontado tanto só para conseguir a atenção do senhor Pablo. — Ele inclinou a cabeça com os vincos na testa evidentes. — Ele

me contou dos casos amorosos de seu pai, e de sua irmã bastarda. Você sabia, pai?

— Sabia, vi muitas vezes a dona Sophia chorando. — Ele concordou com a cabeça e respondeu levantando os olhos para mim. — Mesmo que ele mude, mesmo que seja a melhor pessoa do mundo, ainda assim ele está muito distante do seu mundo. Acha mesmo que o senhor Pablo, que se acha o dono do mundo, vai te aceitar algum dia, minha querida?

Várias vezes, o meu pai comentou em casa sobre as expectativas do senhor Pablo em relação ao Chris, não era só reclamações, ele fazia planos para o futuro do filho e entre eles estava um casamento entre a alta sociedade. Na verdade, o que ele queria dizer era que a esposa do filho deveria ter o mesmo padrão, enfim... É claro que eu não o julgava e nem poderia. Afinal, qual era o pai que não gostaria que o seu filho, ou filha, fizesse um bom casamento?

A pergunta era muito difícil de responder, como eu poderia saber? Mas ela serviu para clarear a minha mente, me trazer de volta à realidade. Eu me sentia como se tivesse levado um balde de água fria na cabeça, não queria que fosse verdade, mas eu sabia muito bem que ele tinha razão. Por fim, achei melhor não me importar tanto com isso. E manter meu foco no dia maravilhoso que eu e o Chris tivemos. Abracei-o e o Juninho nos abraçou do outro lado.

— Eu não sei de mais nada, pai, só sei que sinto muito orgulho de você — eu disse enquanto entravámos na sala, assim mudando o assunto e percebi que ele rosnou qualquer coisa, mas acabou deixando para lá.

— Eu também tenho orgulho de você, minha querida. — Beijou minha testa e, em seguida, beijou a do Juninho. — Tenho orgulho dos meus filhos!

— Você é um pai maravilhoso, nunca nos deixou faltar nada.

— Você, seu irmão e a sua mãe são os meus tesouros — falou, sorrindo satisfeito. — Hoje vamos comemorar com uma bela pizza, o que vocês acham? — perguntou todo animado.

— Obaaaa! — Juninho saltava de alegria. — Posso chamar o Clayton, pai?

— Claro que pode.

— Obrigado. — Ele pulou no pescoço do pai, em seguida pegou o telefone para ligar. Enquanto isso eu me joguei no sofá.

— Vá com cautela, minha filha, todo cuidado é pouco quando se trata dessa família. Você sabe o quanto eu sofro no trabalho, aquela família não é feliz, por favor, não se iluda demais — falou inclinando sobre mim no sofá e beijou a minha testa. — Eu jamais permitirei que seja infeliz — ele disse subindo as escadas e me deixando ali

sozinha.

Fiquei ali na sala pensando em como a gente se enganava com as pessoas, eu sempre achei que a vida do Chris fosse uma coisa fora de série, com viagens ao mundo e tudo o que o dinheiro podia comprar... E agora eu descobria que não era bem assim e que, apesar do luxo, existia um Chris triste que carregava traumas em seu coração por nunca ter tido uma vida verdadeira em família.

Enquanto eu só carregava felicidades em meu coração, com pouco dinheiro, a minha vida em família sempre foi muito compartilhada, não tinha nada do que reclamar. Foi só eu fechar os olhos para chegarem as lembranças dos beijos, das trocas de carícias e me perguntei se eu estaria agindo corretamente, se realmente deveria levar este relacionamento adiante. *O que eu teria a perder? Era jovem e solteira, e o Chris também, então por que não curtir?*

Capítulo Dez

Meus olhos se abriram diante da luz do sol que invadiu o quarto, me virei e olhei pela janela sentindo aquela manhã diferente, acho que feliz. Senti as borboletas em meu estômago e uma vontade imensa de me levantar para curtir o dia que prometia. Pensei por um instante em que dia da semana estava e me lembrei de que era domingo. Ontem foi sábado, como eu poderia me esquecer de um dia como o de ontem?

As lembranças do dia anterior inundaram a minha mente elevando a minha autoestima e me excitando. O beijo quente do Chris e suas mãos macias sobre a minha pele foi tudo de bom. De repente, senti um aperto no peito ao me lembrar das palavras duras e verdadeiras do meu pai na noite de ontem durante a rodada de pizza. *Tome cuidado com este rapaz, meu anjo, o passado dele o condena e tem mais, está preparada para sofrer as represálias? O senhor Pablo é exigente e você não é a nora ideal que ele sonha!* Ouvi sem dizer nada, na verdade não havia nada o que dizer, ele estava correto, mas por outro lado eu estava apenas curtindo o momento,

bem consciente que ao primeiro encontro com a turma dele, eu seria ignorada. Saltei da cama cansada de pensar, precisava distrair a minha cabeça e nada como uma boa caminhada em uma manhã linda de domingo para conseguir este objetivo. “Vou tomar um banho e ligar para a Clarinha”, pensei ao entrar no banheiro.

Tirei o pijama largando pelo caminho e antes de atravessar a porta um vento frio passou por mim levantando os meus cabelos, me arrepiei abraçando o meu corpo nu e me virei em direção à porta. Estava fechada, desviei o olhar para a janela só para me certificar, mas me lembrava de que também estava, logo nada justificava aquele vento. Era a segunda vez que isso acontecia e eu já estava começando a me preocupar. Não era para menos, estava com um aperto no peito sufocante que pensei até em me enrolar na toalha que estava pendurada e sair dali. “Mas por que eu faria isso?”, eu me perguntei.

Olhei ao redor, o quarto estava vazio, mas o pensamento não havia sido o suficiente para me tirar do medo daquele momento que classifico como sinistro. Assustada, eu comecei a rezar ali parada, abraçada ao corpo, e funcionou, pois logo todo aquele sentimento deu lugar a uma tranquilidade. Suspirei e balancei a cabeça para fugir de tudo aquilo, entrei no banheiro abrindo a torneira e me deixei levar pela água morna que logo me restaurou e aliviou toda a minha tensão.

Até que o banho não foi demorado, eu tinha pressa

para sair do quarto, embora não estivesse mais com a aflição, vesti um short branco de algodão e uma camiseta verde-limão, pois achei que combinaria bem com o dia ensolarado, prendi meu cabelo num rabo de cavalo e comecei a minha peregrinação pelo quarto à procura do meu celular. Mas que raiva eu sentia de mim mesma, pois não tinha um dia que acertava o lugar onde o colocava. Acabei o encontrando debaixo dos lençóis e enviei pelo correio de voz uma mensagem para a Clarinha.

— Estou indo fazer uma caminhada, dia lindo e preciso de companhia...

Um minuto depois recebi sua resposta:

— Tô dentro... Daqui a quinze minutos estaciono em frente à sua casa. Hahahaha.

— Não demora, hein!

Já alertei porque eu sabia muito bem como a Clarinha era, uma preguiçosa para acordar de manhã. Aliás, todas nós, mas eu estava sem condições de escolher, a minha nova vida me fazia uma escrava da manhã. Desci para o café cantarolando e agradecendo, pois nem pensava mais no fenômeno que havia acontecido lá em cima. Juninho e Clayton estavam jogando videogame na TV da sala. O amigo do meu irmão havia dormido lá em casa. Sentei-me no braço do sofá.

— E aí, garotos, quem está ganhando?

— Eu... — responderam os dois juntos e riram, eu ri também.

— Que jogo é este que pode ter dois ganhadores?

— O Clayton é meu freguês... — disse Juninho com muito humor.

— Aham... Freguês é você — Clayton retrucou batendo levemente em seu braço.

Conversamos mais um pouco e deixei-os em paz, percebi que os dois já estavam se irritando comigo atrapalhando a partida e fui para a cozinha ver minha mãe que estava lavando a louça do café, nem perguntei do meu pai porque ele avisou ontem que teria trabalho hoje, abri a geladeira e peguei uma jarra de suco de laranja, percebi o seu olhar curioso sobre mim quando me sentei à mesa.

— Dormiu bem, Lucy? — Com ironia no tom de sua voz eu levei o copo à boca e dei um gole no suco, olhando para ela por cima dos olhos. Ela torceu a boca. Sem graça assenti com a cabeça, como se ela lesse os meus pensamentos. Ela limpou a garganta enquanto secava as mãos e sentou na cadeira à minha frente. — Ontem eu não quis falar na frente do seu pai, mas agora que estamos apenas nós duas, eu posso falar. — Levantei a sobrancelha. — Eu me preocupo muito com você e o Chris juntos, Lucy! Tenho medo que você sofra.

— Somos só amigos... — menti pra ela, mentia pra mim mesma.

— Ele nunca veio aqui em casa, não creio que seja a sua amizade que ele esteja atrás. — Seus olhos passeavam pelo meu rosto e pousou em meus olhos. — E pelo brilho do seu olhar, nem você... — Abaixei os olhos pensando em me abrir um pouco mais com ela.

— Sabe, mãe, eu realmente não sei se estou certa ou não, mas quando eu estudava no colégio dos bacanas eu me preocupava com os comentários maldosos, só que agora estou longe de tudo. Então, por que não deixar rolar, por que não arriscar? O que eu tenho a perder? Nada. Sou jovem, solteira e o Chris também. — Ela suspirou jogando o corpo para trás encostando-se ao encosto da cadeira e me olhou com preocupação. — Eu sei que parece muito ousado da minha parte, mas o fato é que eu estou envolvida com ele mais do que eu gostaria, entende? — Ela concordou com a cabeça, sorrindo.

— É claro que entendo... — Tocou meu queixo com carinho. — Você tem toda a razão. — E parou de repente, fitando-me com hesitação. — O que me preocupa, querida, é o senhor Pablo, você sabe o quanto ele é ignorante... — Pensei por alguns segundos que eu estava saindo com o Chris e não com o pai dele.

— Ah, mãe, quer saber? Acho que você e o papai estão se preocupando à toa. — Mordi os lábios. — Falam como se eu e o Chris fôssemos ficar juntos para sempre. Só tivemos um único encontro. — Risadas na sala desviaram a nossa atenção, me levantei para ver o que

estava acontecendo, minha mãe veio logo atrás de mim e para nossa surpresa a Clarinha estava sentada no sofá e o Juninho safadinho estava coladinho ao seu lado com a mão em sua cintura, eu nem imaginava o que eles falavam porque quando entramos os três riram muito.

— Faz tempo que chegou? — perguntei sentando entre ela e o Juninho, que fez cara feia e biquinho fazendo com que Clarinha caísse na gargalhada.

— Este seu irmão é uma figura — disse rindo. — Cheguei agora e ele começou a me abraçar assim que abriu a porta, cara de pau só para se mostrar para o Clayton. — Ela se levantou e começou a fazer alongamento. — Vamos nessa?

— Fica mais um pouquinho... — pediu Juninho com voz chorosa enquanto seus olhos infantis percorriam maliciosamente o corpo escultural da Clarinha.

Ela riu animada, conhecia meu irmão, o quanto ele era galanteador e flertava com ela. Bagunçou o cabelo dele.

– Deixa de ser assanhado, garoto! — Ele se jogou desabando no sofá e o Clayton ria sem parar.

— Vamos. — Beijei, rindo, minha mãe, que ria também.

— Vou fazer o almoço para vocês, meninas — ela informou antes de fecharmos a porta. Naquela manhã o sol

estava radiante, mas não tanto quanto os meus olhos.

— Hummm, que cara é essa? — A Clarinha perguntou olhando diretamente em meus olhos enquanto eu fechava o portão. Dei um sorrisinho baixo, saí correndo e ela me acompanhou.

— A de sempre — respondi com o seu olhar insistente.

— Você está diferente, Lucy... O que está escondendo de mim? Vai, fala logo! — ela falou e balançou a cabeça negativamente.

— Vamos até o parque? — sugeri tentando mudar o assunto e também porque o parque ficava a 500 metros de casa, um lugar arborizado e muito desfrutado pela população do bairro.

— Para onde você quiser — ela respondeu ofegante. — Mas agora me conta logo a novidade, não adianta mudar de assunto...

— Não tem mesmo jeito de esconder nada de você... — Ri alto e ela riu também.

— Você sabe que não, eu sabia que você tinha algo a dizer.

— É... eu tenho mesmo uma coisa para te contar. — Clarinha virou a cabeça e me olhou nos olhos.

— Coisa boa? — perguntou e diminuímos um pouco o ritmo da corrida. — Bem, deve ser, porque este brilho

nos seus olhos denuncia.

— *Ótima* — frisei abrindo um largo sorriso que Clarinha parou de correr e foi para a minha frente me fazendo parar também.

— Então, pode me contar já. — Olhei para ela mordendo o lábio inferior.

— O Chris foi lá em casa ontem e me convidou para almoçar.

— Sério? — Ela ficou literalmente de queixo caído, eufórica, acho que até mais do que eu. Confirmei com a cabeça e ela me abraçou.

— Ah, espera aí, você está toda suada — brinquei recuando e rimos muito.

— Então...

— Nós nos beijamos. — Suspirei ainda me sentindo um pouco envergonhada. Talvez pela insegurança que os meus pais me passavam quando repetiam como uma ladainha que não combinávamos.

— Você é uma amiga da onça mesmo. Por que não me contou ontem mesmo? — gritou chamando a atenção de algumas pessoas que passavam na hora.

— Fala baixo, Clarinha, está doida? — Cutuquei levemente em seu ombro. Ela tapou a boca e arregalou os olhos. — Eu ia te ligar, mas acontece que ontem teve uma rodada de pizza lá em casa, sabe como o meu pai gosta de

reuniões quando está em casa.

— Ele está é certo de não deixar escapar essas oportunidades. Ele trabalha tanto! — ela falou tão espontânea, com tanta sinceridade, que a abracei. Continuamos correndo enquanto eu contei tudo nos mínimos detalhes, ela suspirava o tempo todo em silêncio como se não quisesse perder nenhum detalhe.

— Nossa, que hilário! Posso até imaginar a delícia dos lábios dele. — Suspirou novamente. — Qual é o sabor? — Bati em seu ombro e ela olhou para o céu. — Desculpe, não está mais aqui quem perguntou. Eu sempre soube que o Chris era louco por você.

— Menos, Clarinha, foi só um encontro que acabou quentinho... — Fiz biquinho e suspirei, ela me olhou diabólica e sorriu. Eu não queria sonhar demais, preferia manter o pé firme no chão.

— Safada, então se não fosse seu pai a uma hora dessas a sua virgindade tinha ido para o espaço? — disse num fio de voz e estalou os dedos me olhando de canto de olho.

— Como você é vulgar, Clarinha... — ironizei.

— Por que vulgar? Desde quando fazer sexo com amor é vulgar? — Amor... amor... A possibilidade deixou-me arrepiada.

— Quem está falando em amor? Foi apenas um

encontro...

— Nada casual, né, amiga? — Fiquei em silêncio pensando na insinuação quando, então, ela perguntou: — E quando vocês vão se ver de novo?

Balancei a cabeça triste, essa resposta eu não tinha e por um momento pensei que nunca mais o veria, me deu um aperto no peito junto com um nó em minha garganta. De repente, veio uma vontade de chorar, fechei os olhos com força para desviar os pensamentos, tentando me convencer de que não havia motivos para me sentir daquele jeito. E graças a Deus consegui finalmente mudar o foco. Caminhamos até as 15h quando então o meu celular tocou.

— É minha mãe. — Coloquei no viva-voz. — Alô!

— Onde vocês estão? Estou esperando vocês para almoçarem.

— Estamos voltando, mãe, pode esquentar a comida. — Desliguei. — Vamos voltar, Clarinha, a minha mãe está com o almoço à mesa, coitada.

— Tomara que ela tenha preparado um almoço leve.

— Com certeza ela fez uma travessa de salada. Minha mãe é bem antenada nas coisas. — Clarinha concordou.

Paramos num barzinho, compramos água e nos sentamos um pouco para recuperar o fôlego e quando

íamos saindo um carro preto de luxo estacionou em frente ao bar e abriu o vidro.

— Nossa Senhora, que gatoooo! — disse Clarinha entredentes. Empurrei-a com o ombro.

— Oi, meninas! — falou o Chris abrindo o vidro do carro. Estava simplesmente um gato com óculos de sol maravilhoso de grife e o cabelo desalinhado.

— Oi — falei simplesmente.

Ele abriu a porta e desceu, beijou a face de Clarinha que estava com a boca aberta suspirando, ela pensava que eu não havia percebido, e, em seguida, ele enlaçou o braço em volta da minha cintura e beijou meu rosto com delicadeza que me fez arrepiar, minhas pernas bambas me denunciaram, quase caí e ele me segurou; tentei disfarçar, mas com as gargalhadas de Clarinha foi impossível.

— Opa... Eu seguro você. — Dei uma risadinha tímida. — Hoje vai ter uma festa na casa do Newton, quero que você venha comigo. — Arregalei os olhos sem compreender direito, como assim ir com ele à festa onde estariam os seus amigos. Não. Eu não podia fazer isso, iria ser ignorada, não queria mais passar por nenhuma vergonha.

— Obrigada pelo convite, mas não vai dar. — Arrepiei-me só de me lembrar da última festa. Ele me olhou apertado e inclinou a cabeça.

— Eu me recuso em aceitar um não como resposta... — Beijou minha bochecha. — Eu quero que todos saibam que estamos juntos, e esta festa é o lugar ideal... — Clarinha levantou as sobrancelhas como quem diz: "Eu estava certa".

— É verdade — disse ela em seguida. — Eu ia comentar da festa com você, mas até me esqueci porque... — Eu arregalei os olhos de forma reprovadora para ela não comentar nada sobre o que tínhamos conversado e ela entendeu. — Ah... Esqueci-me do elástico do meu cabelo lá na lanchonete. — E se afastou dando privacidade a mim e ao Chris.

— Eu faço questão de ir com você. — Ele segurou em meu ombro e me arrepiei com a análise que ele fazia de meu rosto, fechei os olhos por um instante e senti seus lábios sobre os meus num selinho.

— Eu acho melhor não — murmurei. — Seus amigos não vão ver isso como algo normal. E depois é capaz de você me ignorar na festa e ainda me deixar sozinha.

— Por favor, não fale assim porque está me ofendendo — ele falou em meus lábios, eu flutuei diante dele, seu perfume era inebriante, ele era literalmente uma delícia... Ele se afastou um pouco. — Eu vou provar para você que está completamente enganada a meu respeito. Vem comigo, eu vou apresentar você como a minha namorada. Cansei de mentir... A partir de agora, vou

assumir o que sinto e que se dane quem não gostar.

— Será? — A dúvida pairou sobre mim até que acabei concordando. — Tudo bem, mas veja bem... Caso alguém me provocar, eu vou embora, ok?

— Ninguém vai te tratar mal, eu não permitirei. Estão voltando para casa? — Concordei com a cabeça. — Eu levo vocês... — ele ofereceu, mas a Clarinha interveio quando chegou perto.

— A gente volta andando, obrigada. Não faz sentido após tanto esforço voltar sentadinhas no ar-condicionado. — Rimos do jeito que ela falou, mas ela tinha toda a razão. Chris beijou meu rosto.

— A gente se vê mais tarde. Tchau. — Entrou no carro. — Até, Clarinha.

— Tchau, Chris — Clarinha respondeu me olhando com malícia e com o dedo indicador na boca, eu dei um tapa em seu ombro.

— Não fale nada... — Voltamos caminhando e rindo à beça.

Às oito horas da noite eu já estava pronta de tanta ansiedade, confesso que também com medo de imaginar como os seus amigos iriam reagir quando me vissem chegando com o Chris, a minha maior preocupação era com a Kate, ela sim era o meu maior problema, eu tinha plena convicção de que ela iria me atacar, como das

outras vezes.

Antes de descer para esperar na sala eu me olhei mais uma vez no espelho e analisei a roupa que escolhi. Vestia uma calça branca de brim na altura do quadril, uma sandália de salto prata, para combinar com a blusa de alça preta com detalhes em prata, não era exatamente uma roupa de grife como eu sabia que os convidados com certeza estariam vestidos, mas era uma roupa legal, leve, simples, e que me deixou sensual. Marcava bem a minha cintura fina e os seios fartos. Eu dei uma leve escovada nas pontas encaracoladas do cabelo, e a maquiagem ficou leve. Gostei do visual. Por nenhum momento me arrependi em recusar a roupa que a Clarinha me ofereceu, mesmo conhecendo o *glamour* que encontraria na festa. Eu queria ser eu mesma, conquistar o Chris do meu jeito simples, não queria mais me esconder, eu não precisava mais.

De repente, senti um aperto em meu peito tirando-me dos devaneios. Ali, diante do espelho, senti medo, medo de mim. Ali, olhando o meu reflexo, meus olhos brilharam e num piscar a minha visão ofuscou e eu não consegui me mover por um momento, mas logo a nitidez retornou. Só que eu não me reconheci no espelho, embora os movimentos do reflexo fossem os mesmos que os meus, os traços naquele rosto não eram.

A confusão fez meu coração pular, fixei olhando a imagem quando inesperadamente os meus olhos aumentaram de tamanho formando-se um buraco oco que

se expandiu formando-se um túnel escuro, minha cabeça começou a girar. Eu senti medo daquilo, não conseguia entender o que acontecia, conforme o medo aumentava as batidas do meu coração esmurravam o meu tórax quando então senti uma pressão em meu corpo, algo me puxou para dentro do buraco dos olhos da imagem no espelho. Até que, de repente, eu mergulhei numa escuridão total, literalmente fui engolida pelo meu reflexo no espelho, ou não era o meu reflexo... eu não entendia, não compreendia o que acontecia. Eu não estava sozinha, havia mais alguém ali, eu podia sentir.

Desesperei-me. *Que loucura!* Não tinha mais controle sobre o meu corpo, tinha consciência de tudo, só não entendia como eu podia estar dentro de mim mesma. Perambulei na escuridão quando, inesperadamente, visualizei a silhueta de outra pessoa. Fixei o olhar naquela sombra que oscilava, ora via o meu rosto, ora o rosto de outra mulher, os traços que vi antes de entrar pelo espelho.

Fechei os olhos com força enquanto meu coração disparado não me deixava respirar, tinha plena consciência de tudo o que acontecia ali, mas não conseguia reagir, eu sabia que precisava voltar antes que fosse tarde demais, mas como eu podia fazer isso?

Entrei em pânico perdida na escuridão, mas graças a Deus uma buzina estridente do lado de fora do espelho me assustou. Senti meus pés sendo puxados com força do

quarto, como se alguém tentasse me tirar dali de dentro do espelho. Neste momento um tranco forte me trouxe de volta à consciência. Olhei ao redor e suspirei aliviada, estava novamente em meu quarto em frente ao espelho, na mesma posição que me lembrava antes de ser sugada.

Imóvel, com a respiração ofegante e acompanhada de uma ardência no peito, me perguntei como? O que aconteceu? A buzina soava novamente, em seguida gritos chamando o meu nome, reconheci a voz, era o Chris, queria correr até a porta do quarto e sair dali, mas não conseguia me mover, estava presa ao chão. Ouvi ruídos de porta no andar debaixo, era a porta abrindo e se fechando. E os murmúrios de vozes, a mistura das vozes do meu pai, minha mãe, a do Chris e, em seguida, os risos alegres de Juninho.

"Oh Céus... Deus, me ajude", pedi com fé e fechei os olhos com força, finalmente senti uma leveza em meu corpo, e assim fui relaxando gradativamente, pés, pernas, ombros, braços e pescoço, que movimentei de um lado ao outro, e, em seguida, joguei a cabeça para trás respirando fundo pra tirar a tensão que havia se apoderado de mim. Ainda ali em frente, eu via meus olhos no espelho sentindo um vazio tão profundo.

— Lucy, o Chris está aqui, veio te buscar... — A voz do meu pai desviou minha atenção do espelho, pisquei e olhei em direção à porta e voltei ao espelho novamente, intrigada e me perguntando o que tinha acontecido. Por

que estou com estes sintomas?

Passou pela minha cabeça que talvez pudesse ser a pressão que vinha sofrendo em relação ao Chris. Medo. Balancei a cabeça para me livrar de tudo aquilo, decidi não ir mais à festa, não estava a fim, o medo era avassalador e não sabia mais o que fazer da minha vida. Pensei que já estava na hora de comentar com os meus pais sobre os acontecimentos, as visões, as sensações estranhas, eu precisava de ajuda, mas não podia ser naquele momento, pois o Chris estava lá embaixo me esperando e como era que iria dizer que não iria mais.

Abri a porta do quarto devagar, a voz do meu pai e do Chris eram mais evidentes, não ouvia a voz da minha mãe. O tom de voz do meu pai era duro, entretanto eu não conseguia compreender o que ele falava para o Chris que permanecia em silêncio. Saí do quarto na ponta do pé, embora estivesse meio complicado devido ao salto da sandália. Até pensei em tirar, mas desisti, e me aproximei do corrimão da escada me abaixando ali, inclinei meu pescoço posicionando minha cabeça de uma forma que eu pudesse vê-los. Meu pai estava na poltrona de costas para a escada, e o Chris na poltrona em sua frente, estava lindo, aliás, lindo era pouco para a beleza máscula ali sentada com os olhos fixos em meu pai. Estava com uma camisa branca justa com detalhes em azul-escuro e uma calça jeans escura skinny, que o deixava muito atraente. Os cabelos curtos estavam penteados para trás, ainda

úmidos. A pergunta direta e objetiva do meu pai para o Chris me fez travar a respiração.

— O seu pai sabe que você está aqui na minha casa e que veio buscar a minha filha para sair?

— E por que o meu pai deveria saber da minha vida? Ele não perde seu tempo com a minha rotina de vida — disse com desdém revirando os olhos e parou por um instante na escada, subi um degrau e me encostei ao corrimão para ele não me ver e somente quando voltou a olhar para o meu pai é que desci novamente ouvindo a continuação do questionamento.

— Sabe muito bem, Chris, que o seu pai vai achar um grande desperdício de futuro, o seu, claro — ele falou tão alto que fez meu corpo estremecer. Nunca tinha visto meu pai falando assim, severo, com alguém.

— Por favor, senhor Marcos, deixe de falar do meu pai, eu estou aqui porque gosto de sua filha, e outra coisa — Ele se levantou e virou de costas. —, neste momento o senhor Pablo deve estar muito ocupado com as suas aventuras amorosas. Faz dois dias que não vem para casa. — Virou e olhou bem nos olhos do meu pai como se estivesse o desafiando. — Sabe disso. Você é quem está segurando a barra dele na empresa.

"Meu pai corou de repente, será que ele escondia os casos amorosos do senhor Pablo?", perguntei no silêncio de meu pensamento, mas, por fim, mesmo se soubesse, não

deveria mesmo comentar, sempre foi uma pessoa discreta.

— Você ainda é uma criança, meu rapaz. Não sabe o que está fazendo! O seu futuro está garantido como empresário, pois é filho único e... — Pausou com a interrupção de Chris.

— O senhor sabe muito bem que eu não sou filho único! — Percebi seus olhos brilhando, ficaram marejados e aquilo mexeu comigo, queria descer e me atirar em seu pescoço e dar o meu apoio, pois o meu pai estava indo longe demais, porém parei quando vi que meu pai se levantou e colocou a mão em seu ombro.

— Nunca abra mão do seu conforto, meu filho. — Sua voz era baixa, mesmo assim eu pude ouvir. — Sabe quantas pessoas gostariam de estar no seu lugar?! Uma grande parte da população. Hoje, você está vivendo uma aventura e amanhã, quando acordar, vai cair na real, ouvir o seu pai e vai embora deixando um buraco na vida da minha filha. Eu não vou aceitar isso, não vou... — Chris o encarou incrédulo e ouvi um ruído na porta da cozinha, era a minha mãe encostada no batente ouvindo a conversa dos dois ali na sala.

— O senhor está errado! — O rosto de Chris se tornava vermelho pela raiva que sentia, meu pai o encarou com as sobrancelhas arqueadas. — Se é essa a visão que tem de mim, digo que eu jamais faria a Lucy sofrer.

— Ahhh! — Meu pai ironizou com as mãos na cintura

e virou de costas. — O seu passado o condena, sei bem dos problemas que causa à sua família com as suas rebeldias.

Eu não pude mais ficar apenas observando, precisava dar um fim no clima tenso que se formou e antes que percebessem desci as escadas. Assim que Chris me viu sorriu, um sorriso lindo que me fez perder o ar, e em um segundo veio em minha direção.

— Nossa! — exclamou fitando-me intensamente com os olhos brilhantes e me abraçou forte. Encabulada com a sua recepção fiquei paralisada não sabendo se continuava com os braços ao lado do corpo ou o abraçava forte como ele fazia, pois esta era a minha vontade, mas me senti intimidada com os olhares curiosos dos meus pais, e acho que ele percebeu porque em seguida beijou minha bochecha, pude sentir o tremor em seus lábios ao tocar em minha pele, me arrepiei. — Você está linda... — Afastou-se com um sorriso fraco e eu sorri de volta.

"O seu perfume impregnou no ambiente, e que perfume gostoso", pensei olhando brevemente em seu tórax definido. Precisei desviar os olhos com a chama que reacendeu dentro de mim, senti um calor insuportável subir pelo meu corpo e coloquei os cabelos para trás na tentativa de me refrescar ao reviver os beijos calientes dentro do carro.

Meu pai observava a cena com os olhos incrédulos

ou surpresos, eu não sabia bem, mas percebi que a sua expressão mudou em seguida, seus ombros caíram, ele relaxou. Chris se aproximou dele e estendeu a sua mão, meu pai olhou incerto, mas, enfim, o cumprimentou.

— Eu vou cuidar muito bem da sua filha, não se preocupe.

Meu pai rosnou algo, mas minha mãe agarrou em seu braço e no mesmo instante apertou, o olhando de forma reprovadora, então ele suspirou acabando por concordar com a cabeça. Uma linha se formou nos lábios do meu pai, eu sabia que mais um minuto ali na sala e não teria jeito, estava prestes a protestar, então peguei na mão do Chris e saímos juntos fechando a porta rapidamente.

Com o silêncio dentro do carro veio à minha cabeça o momento sinistro em frente ao espelho e sem perceber soltei um fraco gemido encolhendo-me no banco do passageiro. Ele desviou o olhar rapidamente para o meu lado e segurou em minha mão.

— O que foi? — Balancei a cabeça tentando manter a calma, para tirar as lembranças da minha cabeça. — Está nervosa? — ele perguntou preocupado.

— Sim — confessei e ele apertou a minha mão me transmitindo confiança.

— Ninguém vai magoar você, fica tranquila. — O tom de sua voz era tão protetor que me emocionou. Apesar da pauta dos meus pensamentos ser outra, podia dizer que

me sentia segura. Balancei a cabeça concordando e retribuindo aquele sorriso torto e lindo que ele me lançava, olhei para frente. — Você e o Flávio terminaram o namoro? — Levei um susto com a pergunta inesperada e levantei as sobrancelhas pensando como ele sabia do Flávio se não frequentava o mesmo lugar que a gente?

— De onde você conhece o Flávio?

— Eu não conheço, mas sei que você namorava esse tal de Flávio. — Lançou um olhar rápido para o meu lado. — A gente procura saber da vida das pessoas que nos interessa — falou dando de ombros. Soltei um sorriso divertido, ele parecia sentir ciúmes.

— Na verdade, eu e o Flávio só ficávamos, mas acabou.

Pensei por alguns instantes se perguntaria ou não sobre o relacionamento dele com a Kate, ele não falou dela e eu também não havia perguntado por que ele foi claro quando disse que ficou com várias mulheres descompromissadamente.

— Chris... — balbuciei ainda em dúvida.

— Oi. — Olhou curioso. No fundo faltava coragem, mas eu precisava confirmar, pois a imagem dele beijando a Kate vira e mexe surgia na minha cabeça.

— E você e a Kate? — Olhando o seu perfil percebi quando ele levantou uma sobrancelha.

— O que tem a Kate?

— Eu já vi vocês se beijando várias vezes e...

— Nunca houve nada entre a gente — ele interrompeu de imediato. — Se quer saber, eu e a Kate somos apenas amigos, quase irmãos, fomos criados juntos.

— Amigos não saem por aí beijando na boca... — acusei. Ele segurou forte o volante antes de lançar aquele olhar castanho lindo em minha direção.

— Sabe o que é? A Kate confundia os meus sentimentos por ela, como eu vivia mergulhado nesta revolta e sozinho, ela então oferecia seu ombro amigo. E com isso foi se afeiçoando a mim. Eu nunca olhei para ela de outra forma, só como uma amiga querida que partilhou comigo momentos difíceis. — Eu inclinei a cabeça incrédula. — Eu juro — confirmou.

Eu não sei por que acreditei nele, mas o fato é que acreditei e a sua explicação tirou um peso enorme do meu coração. Ele suspirou com força e o sorriso novamente voltou ao seu rosto. Conversamos muito durante o trajeto e nem levamos em conta o trânsito que estava na Marginal do Rio Pinheiros, mas meia hora depois estacionávamos em frente à casa do Newton, no Morumbi.

Descemos do carro e o manobrista estacionou, a festa estava impecável, jovens ricos e chiquérrimos conversavam na porta e com eles a Kate. Assim que ela me viu descendo do carro fez uma careta imediata e entrou

na casa empurrando as pessoas pelo caminho, o gesto me encheu de orgulho, sabia que ela deveria estar morrendo de ciúmes de mim com o Chris e não consegui segurar um risinho diabólico em meus lábios. O Chris fitou-me estranhando o sorriso e eu só dei de ombros quando percebi que ele não percebeu a cena ao me abraçar pela cintura e beijar a minha bochecha com carinho.

Assim que entramos abraçados na festa, eu podia sentir a pressão dos olhares sobre nós e até uns risinhos de deboche que chegavam ao meu ouvido, tentei não me importar com nada daquilo e levantei a cabeça caminhando o mais elegante que pude para não constranger o Chris que só andava com garotas lindas e ricas. Newton logo veio ao nosso encontro. Ele estava todo de preto e muito elegante.

— Você sempre surpreende a gente, né, cara? — Abraçou-o.

— Feliz aniversário, cara! — Chris parabenizou o aniversariante, que, quando me olhou, deu uma geral no meu visual.

— Oi, Lucy! — Beijou meu rosto. — Você arrasou, hein! Está linda!

— Obrigada... E feliz aniversário.

— Obrigado você por ter vindo à minha festa. — Ele parecia muito sincero, eu ruborizei, não estava acostumada com aquele tipo de tratamento vindo dele,

sem jeito olhei em volta.

— A festa está linda.

— Está mesmo! Mas deu tanto trabalho. — Suspirou longamente.

— Imagino, tem que estar tudo perfeito nessa hora — disse Chris apertando minha cintura colando nossos corpos, e o Newton, nessa hora, deu um risinho para o Chris.

— Bem... Fiquem à vontade, vou recepcionar uns convidados ali. — Olhou para a porta onde entrava um grupo de garotos antes de se afastar.

— Você está bem? — o Chris perguntou e beijou a minha testa.

— Estou. — Respirei fundo.

— Que bom...

Antes de chegar eu fiquei pensando se eu deveria mesmo ter aceitado ir à festa, mas diante da recepção do Newton e conhecendo muitas pessoas ali eu consegui relaxar. Aproveitei para matar as saudades de algumas pessoas que eu sentia muita falta desde que saí do colégio. Eu e o Chris nos sentamos em uma mesa que havia uma galera divertida e ficamos ali conversando até o momento que eu não queria que chegasse, chegou.

Vestido numa calça jeans e uma camiseta branca, ainda mais justa que a calça, que até parecia obeso de

tantos músculos que dava pra ver, o Ivan se aproximou da mesa me olhando friamente que até me fez arrepiar, eu desviei o olhar e não olhei mais em seu rosto quando então ele falou com o Chris.

— E aí, Chris, beleza? — ele perguntou e, embora eu não olhasse para ele, sentia a pressão do seu olhar sobre mim, e disfarçadamente virei para o outro lado do salão me deparando com Samuel e Diego, que vinham em nossa direção.

Em seguida fiquei mais aliviada ao ver a Janette se aproximando com um sorriso simpático, e o mais importante sem a companhia da Kate. "Aliás, não havia sinal dela na festa, será que foi embora?", pensei antes de voltar a atenção aos dois conversando.

— Beleza, e com você? — Chris falou me olhando de lado, talvez pelo meu silêncio.

— Bem... — ele respondeu me olhando com curiosidade e eu ruborizei imaginando o que se passava na cabeça dele, já o conhecendo. — Não sabia que o Newton tinha convidado você... E como está a escola nova? — Eu não precisei responder porque o Chris beijou o meu rosto e sorriu para o Ivan se antecipando.

— Ela está comigo. — Ele olhou para o Chris como se ele tivesse ficado louco, mesmo assim não fez nenhum comentário maldoso. — Desculpa... — Ergueu a mão e se afastou, percebi que ele puxou o Samuel, Diego e a Janette

antes que se aproximassem da mesa, em seguida todos se afastaram. Chris bufou e me olhou com um sorriso torto.

— Não se importe com isso, eles são uns imbeci — Chris disse me puxando para um abraço forte.

— Não vou me importar, eu já sei que os seus amigos não gostam de mim! — Deitei a cabeça em seu peito e fechei os olhos com as batidas fortes do seu coração.

— É problema exclusivo deles. — Abraçou-me. — O que importa são os meus sentimentos, e eu lhe asseguro, eu gosto muito de você... — Abaixou os olhos em busca dos meus. Nossos olhares se encontraram numa ternura difícil de decifrar, mas confesso que estava derretida e ainda mais apaixonada. Após o episódio, ele pegou em minha mão. — Vamos dar uma volta. — Pedimos licença às pessoas na mesa e fomos pegar um refrigerante parando em um canto onde não havia ninguém por perto. — Acho que aqui a gente vai ter mais privacidade. De frente um para o outro, ele me abraçou pela cintura e quase ficamos com os rostos colados. O calor de sua respiração me deixou excitada. — Seu perfume é tão bom — sussurrou com os lábios em meu pescoço me fazendo arrepiar.

— Hummmmm o seu também é simplesmente irresistível, sabia? — Levantei os olhos e ele fixou seus olhos nos meus com os lábios franzidos.

— Depois que eu toquei você, eu não consigo pensar em outra coisa. — Pressionou o seu quadril no meu

pressionando-me na parede enquanto seus lábios roçavam a curva do meu pescoço deixando um rastro de desejo que incendiou o meu corpo. Em resposta, encorajando-o, eu mordi meus lábios e fechei os olhos movimentando-me com o corpo arqueado levemente para trás, enquanto as mãos dele me seguravam pelos quadris, eu gemia baixo, espremido, esfregando-me nele, provocando-o, sentindo seu membro enrijecer cada vez mais. Seu corpo ficou trêmulo inflamando o meu, num segundo fiquei toda molhada. Ele gemia ao meu ouvido.

— Que delícia... É engraçado... — Ele acariciou meu rosto com as costas das mãos. — Como eu não vi você antes... — Apertou meu corpo ainda mais contra a parede, antes de girar comigo e ficarmos ali, encostados. Estremeci com o toque pensando que era exatamente assim também comigo.

— Talvez porque agora é o nosso tempo, ouço muito o ditado que tudo tem o seu tempo certo — disse mordendo o meu lábio inferior sentindo seu membro pulsante em contato com as minhas pernas.

— Lucy... — ele sussurrou em meu ouvido.

— Simmmm...

— Você me deixa louco, olha só o que você faz comigo... — Deslizando as mãos de minha cintura subiu por minhas costas e eu gemi abafado sentindo a deliciosa corrente elétrica tomando meu corpo enquanto uma de

suas mãos foi para trás do meu pescoço. Ele ia me beijar, eu sabia, e naquele momento senti uma onda de alegria. Feliz com aquela atitude diante de todos do colégio que mostrava realmente que não sentia vergonha de mim. Entreabri os lábios e recebi os seus, carnudos e quentes, nossas línguas dançaram num ritmo alucinante, o beijo foi se tornando forte. — Eu preciso ficar sozinho com você, por favor... — ele murmurou com urgência contra os meus lábios. Seu hálito era suave e doce, muito embriagador. Beijou todo o meu rosto, queixo e voltou aos meus lábios, mas quando alguém tocou em meu ombro, me assustei.

Era Clarinha sorrindo divertida atrás de mim. Chris, constrangido com a ereção explodindo por sua calça, me colocou à sua frente abraçando meu pescoço e ficou ali atrás de mim roçando meu bumbum com tudo aquilo. Estava maravilhada e ficou difícil me manter imparcial enquanto conversava com a Clarinha.

— Oi, gente — ela falou, rindo de nossas caras, e eu estava encabulada.

— Oi, Clarinha, che-chegou agora? — gaguejei, mas ela não percebeu.

— Faz tempo. — Ela fechou a cara de repente. — Estava lá no fundo com um carinha, mas acredita que ele me lascou um baita beijo e depois me largou falando sozinha. — Imbecil! — praguejou olhando em volta. — Esta festa está muito chata! — E encarou a gente, Chris

olhava para ela pelo meu ombro em silêncio. — Não para vocês, né? — disse com malícia e rimos ao mesmo tempo.

A Clarinha sempre era muito divertida, uma ótima companhia, mas naquele momento tinha vontade de pedir para ela dar mais privacidade, mas ela parecia não se tocar. O Chris ficava com gracinha atrás de mim, roçando-me e me fazia rir de canto de boca, ainda bem que a Clarinha não percebia, ela repassava seus olhos em uma busca incansável pelo tal carinha que a largou sozinha. Sua roupa estava muito legal, uma minissaia rodada preta, uma regata bem justa ao corpo, com outra larga e curta dando um toque jovial. Calçava uma bota na canela de salto, estava bem estilosa, como sempre.

— Ah, vocês estão aí... — Melissa beijou a face de Clarinha desviando minha atenção para ela.

— Estava te procurando. Você sumiu, Melissa — Clarinha explicou.

Melissa me olhou sem jeito, com um sorriso maldoso, que estremeci, e disse um *oi* para o Chris. Ela parecia nervosa e nem conversou comigo, nem tive tempo para perguntar nada, porque a Gláucia se aproximou beijando a todos no rosto e a puxou para o outro extremo da sala, a Clarinha foi junto.

— Vem comigo. — Chris me deu um selinho e pegou firme em minha mão, me surpreendendo. Cruzamos a sala e atravessamos a porta para o fundo da casa, onde ficava

a piscina e um lindo jardim todo iluminado com luz de neon, o quintal era enorme. Ele me levou para um canto e me prendeu no tronco de um enorme coqueiro grudando seu corpo no meu e me deu um longo e demorado beijo. O que essas mansões tinham de bom eram os jardins, era praxe encontrar árvores e coqueiros enormes.

— Eu não consigo me esquecer de ontem — ele sussurrou em meus lábios, sorrindo, e com as suas mãos pressionou o meu quadril ao seu e com a ereção a ponto de explodir. — Olha só como eu fico.

— Hum, eu também! — Sorri de modo sugestivo dando mais coragem para ousar.

— Não estou mais me aguentando, eu quero muito entrar em você, minha linda — ele grunhiu segurando em minha mão e levando à sua ereção. Com a mão sobre a minha deslizava sobre a masculinidade exuberante me deixando com água na boca. — Olha isso...

— Ahhh, Chris... — murmurei com ondas violentas de desejo como enxurradas pelo meu corpo, eu não conseguia pensar, tudo o que eu queria era ser penetrada, era pouco o que desfrutei até agora. Arfei e fechei os meus olhos, a minha atitude pareceu um convite ao Chris que deslizou a mão por dentro do cós da minha calça. Eu comprimi a barriga para facilitar a passagem e fiquei ali me deliciando, desfrutando das sensações com os movimentos leves dos seus dedos em minha feminilidade

encharcada.

— Uauuuu, está pronta para mim... — Mordeu o lóbulo de minha orelha, seus lábios rapidamente encontraram os meus, num beijo carregado de tensão sexual.

A vontade de se entregar era verdadeiramente forte entre nós. Não sabia exatamente como era fazer sexo, porque ainda era virgem, mas o desejo me consumia e eu não conseguia me controlar. Esta noite tudo parecia estar prestes a mudar, não tinha a menor intenção de resistir às suas investidas. Uma de suas mãos percorria as minhas costas me deixando louca, enquanto a outra explorava toda a minha intimidade, seus dedos faziam círculos em volta do meu clitóris e paravam na portinha criando em mim uma expectativa alucinante.

Enfiei a mão por dentro de sua cueca e peguei firme em seu membro, e Chris quase gritou, eu o silenciei com meus lábios enquanto fazia o movimento firme de vai e vem. Com a outra mão puxei levemente seus cabelos beijando seu pescoço arrancando dele leves gemidos o que me levava às nuvens. O som de vozes e passos se aproximando nos fez parar com as carícias.

Ele encostou sua testa na minha, ofegante, sentia as batidas do seu coração aceleradas como as minhas e por cima dos olhos me olhava intensamente. Um frio passou pela minha barriga e mordi levemente seu lábio inferior

fazendo com que gemesse baixo, dando um beijo leve e rápido.

— Você me deixa louco, a minha vontade agora é tirar você daqui e levá-la a um lugar onde eu possa ter você completamente — declarou e eu fechei os meus olhos. — Mas eu não quero assim, tem que ser especial, no momento certo. — E voltou a unir seus lábios aos meus, desta vez o beijo foi leve, porém intenso, até que ele se afastou olhando no fundo dos meus olhos.

Seu olhar era diferente, havia muito mais que desejo neles, e a minha sensação ao olhar para ele era de que já era tarde demais, que o amor tinha mesmo invadido meu coração, de que agora em diante eu estava vulnerável a tudo o que se dizia a ele. Um barulho do outro lado de onde estávamos chamou a atenção e eu desviei o olhar vendo o Samuel e o Newton comentando algo e rindo olhando em nossa direção, suspirei imaginando o que diziam.

— Acho que os seus amigos não estão muito felizes com a nossa união! — eu disse com a voz triste e ele me abraçou forte, como se ignorasse os dois fazendo gracinhas.

— Eles não sabem o que estão fazendo, não conhecem você como eu conheço... — Beijou a ponta do meu nariz e me olhou intrigado.

— O seu pai também não está seguro com este

namoro... — Senti no tom de sua voz o ressentimento e não resisti tocar em seu rosto.

— Embora eu ache um exagero o seu comportamento agressivo em relação a você, eu tenho... Ou melhor, nós temos que entender o lado do meu pai. Os motivos que o levam a desacreditar são inúmeros, um deles é porque conhece muito bem o seu pai... — Chris soltou um grunhido impaciente jogando a cabeça levemente para trás.

— Eu imagino as poluições que ele enfiou na cabeça do seu pai — completou quando voltou a me olhar. — Deve ter contado só os meus defeitos, os meus erros, aposto que os dele, ele nunca mencionou! — Fechou os olhos com força e deu um suspiro profundo que cortou o meu coração. Deitei em seu tórax, ele beijou a minha cabeça.

— Vamos deixar este assunto de lado por enquanto, aqui não é o lugar para falar dos problemas, vamos curtir a festa... — sugeri e ele balançou a cabeça concordando.

— Verdade. — Arqueou a cabeça aguardando meus olhos e sorriu carinhosamente. — Eu sei que não posso mudar o passado, mas agora que tenho você eu vejo a vida diferente, estou disposto a começar um novo presente, reescrever um novo futuro ao seu lado.

Ouvi-lo dizer aquelas palavras encheram o meu coração de emoção, emoção que poderia ser momentânea

ou não. Eu estava ciente e preparada para uma virada a qualquer momento, pois tudo aquilo era ainda muito recente e tudo poderia desabar em segundos, mas tudo o que eu queria era viver o presente, o agora, não queria pensar no futuro, aliás, há algum tempo já deixei de pensar nele. Impulsionei meu corpo para cima ficando na ponta do pé e beijei o seu nariz, ele começou a rir do meu esforço e agarrou com força a minha cintura me segurando.

— Por enquanto eu não quero pensar no futuro, viver o agora é o meu desejo por ora — expliquei concluindo. Ele estudou o meu rosto por um momento.

— Eu também, minha bela, a única coisa ruim é que você não estuda mais comigo, era bom demais cruzar com você a todo o momento nos corredores da escola. — Dei de ombros.

— Ah, vamos olhar o lado bom, estando longe os nossos encontros vão se tornar mais interessantes, não acha? — Ele riu e concordou com a cabeça e, em seguida, selou meus lábios num beijo rápido.

— Está gostando da nova escola? — mudou de assunto.

— Ah, sim... Quero dizer estou me adaptando à nova realidade, não é fácil sair de um padrão de ensino superior como na Dante Batiston... — disse, sorrindo, tentando esconder que estava meio deslocada ainda.

— É que a senhorita é muito inteligente. — Ele sorriu beijando a ponta do meu nariz.

Ficamos em silêncio por alguns segundos curtindo o calor de nossos corpos até que ele pegou em minha mão e me levou em direção à entrada da sala onde os convidados dançavam na pista de dança improvisada, parou e acenou para que eu entrasse na frente.

— Primeiro as damas. — Sorriu, piscando.

— Quanto cavalheirismo! — Retribuí o sorriso e entrei. Assim que cruzamos a porta, ele segurou em minha cintura.

— Está vendo só, não sou tão mal-educado como pensava.

Com as testas e corpos colados dançamos lentamente como se o mundo fosse só nosso e tudo ao redor silenciou, desapareceu. Chris deslizava as mãos por minhas costas até minha cabeça por baixo dos meus cabelos. Arrepiava e o abraçava ainda mais forte. *Oh Céus, como ele consegue fazer essas coisas comigo?* Eram perguntas que não fazia questão de resposta, queria somente sentir, fechava os olhos e deixava ele me guiar pelo salão sentindo-me ainda excitada como ele, que nas oportunidades roçava em mim me olhando maliciosamente.

Em meio a música eu tive a impressão de ouvir uma voz distante chamar meu nome, mas não me movi, eu

continuava ali no mundo mágico, mas a voz insistente foi ficando mais e mais perto, quando a Melissa tocou em meu ombro. O toque de seus dedos me assustou e me virei imediatamente me deparando com os olhos assustados dela.

— O que aconteceu? — perguntei quase gritando.

— Você precisa vir comigo, a Clarinha, ela... — Eu interrompi ao perceber que, pela atitude, era grave.

— O que aconteceu com ela, onde ela está? — Olhei apavorada para o Chris pedindo licença com o olhar.

Ela pegou em minha mão e me levou até a cozinha, um ambiente espaçoso. Tudo branco, móveis, pisos, azulejos, e vidros de conserva de pimentas coloridas dando um toque final à decoração. Os profissionais do *buffet* preparavam os quitutes deliciosos que estavam sendo servidos. E do outro lado, quase na porta de saída da cozinha, vi a Clarinha de cabeça baixa, sentada numa cadeira. Ela chorava, em pânico, eu fiquei horrorizada com o sofrimento de minha melhor amiga e a abracei forte.

— O que aconteceu? O que você está sentindo?

— Eu não estou bem, estou tonta, com uma dor terrível em minha cabeça — disse num fio de voz, imediatamente pedi um copo com água a um garçom que se aproximava, ele rapidamente me atendeu.

— Toma um pouco de água — pedi colocando o copo em seus lábios. Ela engoliu a água de um gole só, as lágrimas continuavam escorrendo por seu rosto e limpava a garganta ao me entregar o copo.

— A minha garganta está doendo demais. — Ela se levantou em seguida e suas pernas dobraram e ela caiu em cima de mim, segurando em meu pescoço.

— Senta, por favor, senta — pedi procurando a Melissa, mas ela não estava mais ali na cozinha.

— Ajude-me, Lucy, por favor. — Aquilo com certeza não era um bom sinal. — Por favor... — ela pedia com os olhos cheios de lágrimas. Fiquei em pânico e no mesmo instante peguei o celular na bolsa e chamei a ambulância.

Enquanto aguardávamos coloquei uma cadeira ao lado para ela deitar a cabeça em meu ombro. Ela chorava demasiadamente e repetindo que a cabeça estava latejando. Nervosa eu apertava suas mãos nas minhas, então, o garçom, um rapaz de aproximadamente uns 30 anos, moreno jambo e de olhos amendoados, também ficou ao meu lado oferecendo assistência.

— Eu não tô... en-en-entendendo — gaguejou entre soluços e lágrimas. — Não coloquei álcool em minha boca, mas estou enjoada, será que vou morrer? — Ela parecia delirar, não falava coisa com coisa.

— Imagina, os médicos estão chegando, vai ficar tudo bem — falei franzindo a testa. Eles realmente não

demoraram e chegaram no momento em que a Clarinha desmaiou e eu gritei: — Socorrooooo! — O garçom me ajudou a segurá-la e logo os enfermeiros a colocaram na maca e saíram pela porta da cozinha.

— A senhorita vai com ela? — perguntou o paramédico da Samu.

— Vou sim, só um momento, vou avisar a um amigo, só um segundo. — E saí correndo para a sala.

Procurei por Chris, parecia que não estava em lugar nenhum, até que o vi no jardim falando ao celular, fui em sua direção com passos apressados que foram interrompidos quando, ao desligar o celular e colocar no bolso, vi que ele caminhou em direção aos seus amigos e à Kate que, como sempre, estava linda e maravilhosa em um macacão preto justo delineando seu corpo repleto de curvas e destacando os cabelos dourados e brilhantes que combinavam com os acessórios dourados reluzentes na noite. Ela que tinha desaparecido da festa reapareceu e se pendurou no pescoço do Chris e selou seus lábios em um beijo que, pelo que eu vi, tinha sido bem confortável.

Senti um golpe em meu peito como se tivesse acabado de ser atacada por uma faca afiada. Perdi o chão ao mesmo tempo que um aperto em minha garganta me impossibilitava de respirar. Com muita raiva no meu coração, de vê-lo ali nos braços da Kate, e também de mim mesma, em acreditar nas suas declarações e aceitar

os carinhos pelo meu corpo apaixonado.

Apertei meus olhos e meu punho com força, para expulsar este sentimento dentro de mim. Aquelas palavras doces não passavam de palavras mentirosas, eu só não entendia o motivo pelo qual ele se aproximou de mim, por que perdia o seu tempo comigo, qual a vantagem que ele tirava disso? *Por quê?*

A lembrança de quando ele explicou que era só amigo de Kate caiu como uma bomba dentro de mim e eu explodi em lágrimas. *Amigos, uma ova!* O meu pai estava com a razão. Evitar o Chris era o mais sensato a fazer...

Tentei segurar o choro, mas foi em vão e as lágrimas jorravam sem ao menos dar a chance de fugir dali sem que ninguém presenciasse o meu fracasso. E não teve jeito, fui obrigada a passar pelas pessoas que me olhavam com curiosidade e ainda ouvi um zum-zum-zum, olhei para a porta da cozinha e vi que ainda tinha um longo caminho, então desviei para a porta mais próxima que encontrei a fim de me esconder dos olhares curiosos.

Entrei no banheiro, me apoiei na pia e abaixei a cabeça pressionando meus olhos tão fortes que suspirei em um soluço alto enquanto as lágrimas em abundância foram interrompidas, me segurei ao ouvir um ruído na porta, não queria que ninguém me visse naquele estado. Então entrei onde ficavam os vasos sanitários e chorei o mais baixo possível, segurei a respiração ficando

vermelha, meu choro queria explodir, tudo dentro de mim queria explodir, tudo estava por um fio e com todo o esforço que fiz senti uma forte tontura seguida por uma forte dor de cabeça.

Aguardei a pessoa que entrou no banheiro ir embora e saí, porque precisava de ar para chorar e deixei toda aquela dor falar mais alto. Olhei-me no espelho com reprovação, meus olhos estavam borrados e inchados.

— Por que você é tão imbecil, Lucy? — perguntei para mim mesma e soquei a pia com raiva o que causou um ferimento em minha pele. Balancei a mão com dor, não pelo corte, e sim pela pancada na louça.

A dor me fez acordar. Lembrei-me de Clarinha, da ambulância que deveria estar me esperando, abri a torneira, lavei a mão e o rosto para tirar o borrão preto do lápis, em seguida apliquei um blush e delineei novamente os olhos. Aguardei alguns segundos respirando fundo várias vezes para relaxar toda a tensão do meu corpo que estava por toda a parte, inclusive estampada em meu rosto.

Saí correndo do banheiro e caminhei apressada entre os convidados dançando, mas, graças a Deus, ninguém reparou em mim. Apesar das lágrimas pressionarem meus olhos querendo sair novamente, segurei ao máximo, ninguém podia imaginar o meu sofrimento, meu coração estava literalmente despedaçado. “Eu odeio você, Chris.

Te odeio, Kate!", falei no silêncio do meu pensamento e finalmente cruzei a sala sem olhar para a porta que dava para o jardim, entrei na cozinha e o garçom apontou para a porta do quintal e vi o enfermeiro.

— Ok. — Coloquei a mão no ombro dele e saí correndo em direção à porta para alcançar o enfermeiro.

— Vai com ela! — Ele abriu a porta da ambulância e acenou. Entrei e me sentei numa espécie de banquinho e ele fechou a porta, Clarinha estava com os olhos fechados, não sei se ela dormia ou estava desmaiada, então suspirei e olhei pela janela da ambulância para dentro do quintal da mansão e vi uma movimentação enorme por lá.

Parecia que ficaram sabendo do acontecido só agora e vi também o Chris vindo em direção à ambulância gritando com o telefone na mão. Senti um aperto em meu peito tomado pela raiva e pelo desprezo, não sei bem explicar o que sentia, pois era um balaio de sentimentos enquanto a ambulância ligava a sirene e saía em disparada.

— Adeus...

Capítulo Onze

Já quase amanhecia quando abri a porta da sala e me deparei com o meu pai sentado no sofá em frente à porta apertando os olhos com cara de bravo. Eu não sei explicar o que senti naquele momento, mas uma coisa eu sabia: precisava do seu ombro, pedir desculpas por não ouvi-lo. Ele me alertou tanto! Respirei fundo e fechei os olhos enquanto fechava a porta.

— Está amanhecendo, Lucy... — Sua voz era baixa, porém áspera. Virei-me de repente levantando as mãos e àquela altura as lágrimas desceram sem controle.

— Eu estava no hospital com a Clarinha, ela passou mal. — Ele franziu a testa preocupado.

— A Clarinha? Mas o que foi que aconteceu? — Sua preocupação me encheu de culpa, me sentei na poltrona à sua frente e abaixei a cabeça olhando-o por cima dos olhos.

— Parece que ela ingeriu bebida alcoólica e quase entrou em coma alcoólico. — O tom da minha voz era apreensivo, aguardei a bronca, mas, ao invés disso, ele se abaixou em minha frente e segurou em minha mão

forçando-me a levantar os olhos e encará-lo.

— Ela está melhor?

— Está sim, tomou glicose na veia e seus pais foram buscá-la, eles que me deixaram aqui em casa — expliquei soltando o ar com força incomodada com as lembranças, o beijo de Kate e Chris pareciam fantasmas em minha cabeça, cada vez que revivia a cena, meu coração disparava no peito.

— Eu falei... este Chris não é uma boa companhia. — Fiquei surpresa com a acusação.

— Isso não tem nada a ver com o Chris, pai. Ela deve ter bebido por engano. Mas sabe? — Revirei os olhos me lembrando de suas palavras. — Ela me garantiu que não bebeu nada de álcool, bebeu só sucos e refrigerantes...

— Você precisa ficar longe deste rapaz, antes que ele envolva você em algo pesado, pelo amor de Deus, minha filha. — Ele parecia surdo ao que eu dizia e estava disposto a detonar o Chris. O desespero estava estampado em sua voz, percebi que a sua raiva era generalizada e seus olhos eram de alguém desesperado.

— Você não precisa pedir isso. — Uma lágrima fujona escapou de meus olhos e, ao me ver chorando, meu pai respirou fundo e limpou o meu rosto com um sorriso aliviado nos lábios.

— O que há? Ele já aprontou? — Balancei a cabeça fungando o nariz. — Eu não gosto de ver você andando com ele. — Eu o olhava atentamente. — Não estou dizendo isso da boca para fora não. Sou conhecedor de causa, o senhor Pablo tem muitos problemas com este rapaz, Lucy, eu acho que não é nem viável comentar... — Eu o interrompi.

— Pode ficar tranquilo, eu nunca mais quero ver o Chris. — Solucei enquanto falava entre as lágrimas, a decisão agora era difícil de tomar, pois ele havia aprisionado o meu coração.

— Este rapaz tira o sossego de qualquer um... — ele disse e eu apertei os olhos...

— Tem razão, pai! Eu não quero mais vê-lo novamente! — gritei impaciente. — Satisfeito? — perguntei trêmula, eu me sentia sufocada e precisava de espaço para poder respirar, e sem conseguir me conter saí correndo sem olhar para trás me trancando em meu quarto. — Você não deveria ter feito isso comigo, Chris — sussurrei abatida caminhando em direção ao banheiro, na esperança do banho ser capaz de limpar a minha alma, amenizar a minha dor.

Respirei fundo ao sentir o frescor das águas correntes em minha pele e aos poucos a dor sufocante deu espaço ao alívio. Eu me lembrei de que dali a algumas horas eu teria que estar no serviço, conversar ajudaria a me distrair, eu

precisava me recuperar de tudo, a minha vida continuava. E antes de fechar o chuveiro levantei a minha cabeça e as gotas que caíram me ajudaram a relaxar os músculos tensos do meu corpo, então resolvi ficar mais alguns minutos por ali.

Eu me enxuguei e me joguei na minha cama macia, tudo o que eu precisava era de umas boas horas de sono, que não veio e o jeito foi ficar olhando para o teto, mas eu precisava dormir para preencher o vazio enorme dentro do meu peito inundando minha mente com as lembranças indesejadas.

Eu me odiava por isso, odiava o mundo e ainda mais a Kate, quando a visualizava pendurada no pescoço do falso do Chris. Exausta, cheguei à conclusão de que não podia mais sofrer, decidi que ia levantar a cabeça e seguir em frente, pois era o jogo da vida, um dia se ganhava outro se perdia... E assim a fila andava.

Eu preciso dar oportunidade a outros garotos, acho que só assim eu esqueceria tudo de uma vez. Balancei a cabeça para expulsar os pensamentos intrusos, peguei o celular sobre o criado-mudo e liguei o alarme, porque sem ele tinha certeza de que não iria conseguir acordar, tinha apenas duas horas para descansar, em seguida o joguei novamente sobre a mesinha ao lado de minha cama e apaguei a luz me cobrindo até a cabeça.

Abruptamente despertei desorientada com o alarme

estridente em meu ouvido. *Mas que inferno!* Me sentei na cama com a sensação de que estava nos braços do Chris, repassei os olhos rapidamente ao redor e desanimei, estava em meu quarto, sozinha. "Por que as coisas acabaram assim?", perguntei-me chocada e com um aperto no meu coração.

Suspirei me sentindo triste e olhei para o celular sobre o móvel, o alarme ainda perturbava, mas estava sem vontade de me mexer e antes de pegar o aparelho, coloquei as mãos na cabeça e balancei para tentar me livrar da angústia que invadia todo o meu ser. E acabei rindo de mim mesma ao pensar que nem tempo para curtir o meu sofrimento eu tinha, então pulei da cama.

Minha mãe estava arrumando a mesa do café quando eu entrei pé ante pé. Ela se assustou e deu um pulo.

— Nossa... Eu não ouvi você entrar — disse olhando em meu rosto enquanto eu me sentava, achei que ela tinha percebido o meu estado, porque puxou a cadeira e se sentou ao meu lado.

— Lucy, você está bem? Você está com uma cara estranha. Seus olhos estão meio inchados — indagou levantando as sobrancelhas com os olhos verdes cravados nos meus. Embora eu tentasse desviar do seu olhar curioso, não obtive sucesso.

— Eu estou bem. — Ela balançou a cabeça em negativa com o olhar incrédulo. *Ah como eu odeio este*

olhar!

— Não é o que está escrito aí neste rostinho lindo! — Ela segurou minha face esquerda com uma das mãos e sorriu com carinho. — Conversa comigo — pediu franzindo a testa, o que acabou me convencendo a falar, eu precisava partilhar o que aconteceu, senão iria morrer de aflição.

— O papai estava certo, o Chris é um babaca, egoísta, que está brincando com os meus sentimentos — falei de uma vez.

— Oh, querida. — Ela inclinou mais o corpo e me abraçou forte. — Não fique assim...

— Como é que posso ficar? Quase não preguei meus olhos e acho que nunca mais vou conseguir dormir de novo! — gritei como se precisasse esvaziar a minha mente repleta de imagens indesejadas.

— Imagine, meu bem, você é jovem e vai passar tantos amores por sua vida. Tem ainda uma vida toda pela frente — falou arqueando a cabeça e buscando os meus olhos.

Aquela última frase me atingiu em cheio, minha mão saltou voo até meu peito, senti uma fisgada em meu coração, como se ele, confuso, negasse dentro de mim e me causou uma tontura junto a um forte aperto.

— Nossa! — exclamei com intensidade.

O aperto me causou medo, me trouxe a descrença em qualquer outra possibilidade de amar. Fechei os olhos com força e balancei a cabeça para dissipar aquele sentimento sem pé e nem cabeça, tudo porque uma simples frase "você tem a vida toda pela frente" me causou um efeito profundo. Comecei a sentir calafrios, uma moleza por todo o meu corpo e com as mãos trêmulas me afastei pegando o bule de café. Eu precisava urgentemente de um café.

— Ficou pálida, querida. — Servi-me de uma xícara de café e levei à boca olhando para ela atenta aos meus movimentos.

— É sono — respondi assim que coloquei a xícara sobre a mesa.

— E o que foi que o Chris fez de tão grave para você ficar assim tão deprimida? — insistiu quando viu que eu terminava o assunto.

— Acho que a grande culpada sou eu, acreditei que seria possível um relacionamento entre nós. — Abaixei os olhos em direção aos meus dedos que batucavam sobre a mesa. — Eu e o Chris pertencemos a mundos diferentes e isso é fato. Eu é que me iludi.

— Ah... Eu não estou gostando dessa história, já pensou na possibilidade de estar enganada? Ele não viria aqui em casa se realmente não estivesse a fim de você, ele foi tão atencioso — ela concluiu.

Revirei os olhos e sorri internamente; era verdade, ele parecia outra pessoa ali, sentado no humilde sofá de minha casa, então o que aconteceu, por que é que ele veio até aqui se na verdade preferia ficar com os seus amigos e com a Kate?

— Ele é instável, mãe, mas quer saber? Acho melhor esquecer, levar minha vida adiante é o melhor que tenho a fazer. Aliás, eu nem sei o que ele viu em mim. — Ela sorriu olhando para o teto.

— O que acha que ele viu? Viu o que todos nós vimos: uma moça linda, encantadora, charmosa... — Colocou uma mecha do meu cabelo para trás da orelha que caía em meu rosto. — Ninguém resiste.

— Para de me enganar, dona Lillian. — Apertei sua bochecha e ela riu se levantando e levando as xícaras até a pia e, em seguida, se virou para mim.

— Se você não se aprova, então quem é que vai, hein?! — Dei de ombros. — Pensa nisso! — insistiu. Pensar neste momento era impossível com o zumbido que tomou conta de minha cabeça, estava tão furiosa e confusa. Enfim, me levantei e beijei o rosto de minha mãe.

— Tchau, mãe. — E saí correndo trombando com o meu pai na porta e beijei seu rosto. — Deixe-me ir porque estou atrasada.

— Eu levo você — ele ofereceu.

— Não precisa, vou de ônibus. — Saí pela porta da sala e fechei.

Cheguei em casa por volta da meia-noite, exausta, depois de um duro dia de trabalho e escola. Eu saía do serviço às 17h e ia direto para o colégio, no mesmo bairro em que morava. As aulas iniciavam às 19h e saía às 23h20.

O Chris me ligou o dia inteiro, me joguei no sofá um pouco arrependida por não atendê-lo e nem responder suas mensagens. Entre ligações e mensagens deixadas no correio de voz passava de cinquenta. *Mas o que ele quer comigo? Babaca!*

Apaguei todas, sem ouvir nenhuma, eu tinha certeza de que eram frases mentirosas, estava farta de mentiras, me cansei de passar por idiota ficando com cara de boba sempre que estava ao seu lado. Em meio às mensagens tinha uma da Clarinha, que foi enviada às 00h15: *Oi, Lucy. Liga para mim quando puder, por favor.* Liguei para o seu número no mesmo instante, precisava falar diretamente com ela, pois tentei várias vezes e a sua mãe informou que ela dormia, pelo jeito dormiu o dia todo.

— Alô...

— Oh, amiga, como você está? Liguei mais cedo e sua mãe me disse que dormia. — Ouvi o ruído profundo da sua respiração pesada.

— Pois é, amiga, não sei se foram os medicamentos,

só sei que não consegui abrir os olhos o dia todo.

— Mas, graças a Deus, tudo acabou bem. Que coisa, Clarinha, por que você tinha que beber tanto?! — Joguei verde, ainda não convencida que foi por engano. Afinal, para ficar do jeito que ficou, foi mesmo excesso de álcool e ela bufou do outro lado da linha.

— Você não acredita em mim, né? — Fiquei em silêncio. — Eu não bebi, Lucy, juro por Deus. — Ouvi os estalos dos beijos, como eu já conhecia Clarinha, sabia que ela havia cruzado os dedos e os beijado.

— Os médicos fizeram exames e foi conclusivo, tinha álcool em seu organismo. Você quase entrou em coma alcoólico, amiga.

— Acontece que eu tenho intolerância ao álcool — explicou. — Eu já fiz toda retrospectiva da festa, sobre o que eu comi... Talvez algum petisco foi preparado com algum tipo de bebida alcoólica... — Pausou. — Eu não sei o que aconteceu, realmente não sei.

— Puxa!

— Eu levei uma bronca daquelas dos meus pais, você imagina, né? Eles não acreditam em mim, ja cansei de jurar que eu não bebi álcool, só sucos e refrigerantes. — Silenciou por alguns segundos. — A não ser que tenham batizado a minha bebida.

— Quem faria isso, e por quê? — perguntei

engolindo em seco como se isso não fosse possível.

— Eu não sei, mas, diante da situação, é bem provavel que alguém mal-intencionado tenha sabotado a minha bebida sim. Ah... se eu descobrir que tem alguém por trás disso... Que sacanagem... — Seu tom sentido me deixou com pena.

— Não se pode confiar em todos...

— Eu quase morri, Lucy, se realmente alguém foi capaz de um ato impensado como este, tem que pagar.

— Vândalos... — proferi com raiva.

— E você e o Chris, como estão? — mudou o assunto.

— Não estamos... — disse seca.

— Nossa! — Ficou surpresa. — Este tom não condiz com a agarração que vocês estavam lá na festa.

— Esquece, vamos falar de você, eu estou bem... — eu interrompi.

— Como esquecer, você está louca? Não acho que tem que esquecer nada, fala logo o que foi que aconteceu que eu não sei? — ordenou, senti o tom bravo em sua voz.

— O Chris é um tremendo falso, ele não consegue ficar longe dos amiguinhos e... — Pausei.

— Da Kate? — ela completou com a pergunta que não queria calar, um nó se formou em minha garganta com

uma vontade enorme de chorar e respondi com voz de choro visualizando a cena em minha mente.

— Deixa pra lá, decidi que quero ficar longe dele, bem longe... — Houve um silêncio repentino.

— Clarinha, você ainda está aí?

— Estou sim, Lucy, estou aqui pensando com os meus botões.

— Olha, não esquente a sua cabeça, se recupere que eu vou superar, sempre superei, né? E agora não vai ser diferente. Amanhã vou ligar para o Flávio e convidá-lo para me acompanhar no cinema, faz tempo que não vou ao cinema, ele é uma ótima companhia.

— Não faça isso — ela quase que implorou do outro lado.

— Por quê?

— Você não gosta dele, mas ele gosta demais de você, se ficar dando esperanças vai magoá-lo, é isso que quer?

— Não. É claro que não! E quem foi que falou para você que eu não gosto dele? Gosto como amigo e é assim que vou convidá-lo, como meu amigo.

— Ah, seiii... Então vou dormir mais um pouco, este sono não vai passar nunca?

— Vai sim, amanhã você vai acordar melhor, boa noite e eu te ligo amanhã.

— Boa noite para você também.

Novamente não preguei os olhos a noite toda. Eu me virei de lado na cama e olhei para a janela, só havia a escuridão do lado de fora, suspirei profundamente lamentando o tempo que parecia não passar. “Mas e daí?”, me perguntei no silêncio dos meus pensamentos, não tinha a menor vontade de trabalhar, ir à aula ou conversar, não tinha mais vontade de nada. Eu deveria é agradecer pelo tempo parar. Um imenso vazio estava dentro de mim em um abismo que me puxava cada vez mais para dentro.

Ontem, meu pai ligou no trabalho e nós conversamos bastante, eu tinha essa flexibilidade com o meu patrão porque eu não era uma funcionária qualquer, e sim uma amiga a quem ele confiava o seu comércio. Meu pai ficou com pena de mim, disse que a tristeza em minha voz era nítida até ao telefone, e tinha razão, eu não conseguia mais conversar sem ficar com a voz embargada. Mas, enfim, eu não podia fazer nada a respeito, precisava superar, então busquei força sei lá de onde para continuar em frente.

Saltei da cama na penumbra do quarto sem me importar com o escuro, sem disposição para ir até o interruptor ao lado da porta que parecia ficar a quilômetros da cama, me senti impaciente, mentalmente cansada e entrei no banheiro com a minha intuição me auxiliando a tirar a camisola e abrir o chuveiro.

Embora tivesse tempo, eu não sabia exatamente

quanto, mas como o alarme do celular ainda não havia tocado deduzi que ainda fosse cedo, mas faltou paciência e o banho acabou sendo rápido, até as pequenas gotas de água que caíram do chuveiro me incomodaram, vesti uma roupa simples, acho que a mais surrada do meu guarda-roupa, uma calça jeans surradona skinny, uma camiseta curta preta, na altura do quadril, e minha sapatilha preta. Pintei os olhos com um lápis preto quando, para aumentar minha irritação, o som alto do alarme do celular ecoou pelo quarto. Suspirei com raiva e peguei-o da cabeceira desligando.

O dia não seria fácil! Mais um dia longe do Chris e eu já estava enlouquecendo. Como tudo isso pôde acontecer tão inesperadamente? Por que agora depois de tantos anos estudando na mesma escola? Eram perguntas demais, respostas de menos ou nenhuma. Meu coração implorava por ele, tudo em mim gritava por ele, mas a verdade nua e crua era que tudo não passou de um engano e esta conclusão me desanimou a ponto de eu querer me jogar na cama novamente e nunca mais me levantar. Fechei os olhos com força mordendo os lábios, eu precisava superar, esquecer, deixar o passado para trás e começar uma nova vida, eu só não sabia como, pois os meus pensamentos estavam fora de controle, soltei o ar com força sabendo que não tinha como apagar nada. Tinha que esperar o tempo curar a ferida que foi aberta, ciente de que as cicratizes permaneceriam para sempre, eu nunca

mais o esquecerei.

Eu nem fazia mais questão de esquecer, eu só precisava aprender a ficar sem ele, embora estivesse muito difícil com o seu rosto estampado em minhas memórias. Peguei minha bolsa e desci as escadas já sentindo o aroma do café circulando pela casa. Aquele cheiro me acordou.

— Hummm, café. — Sorri para a minha mãe assim que entrei na cozinha e a flagrei rebolando o quadril enquanto passava um café. Ela parou na mesma hora virando a cabeça em minha direção com um sorriso tímido.

— Caiu da cama? — ela perguntou porque eu sempre descia em cima da hora.

— Estou sem sono. — Ao me sentar levantei a cabeça e encontrei o olhar observador de minha mãe sobre mim, abaixei os olhos imediatamente para ela não perceber minha tristeza que se estendeu, já estava ficando chato tudo aquilo.

— Você esta péssima, filha... Você e o Chris não se acertaram, né? — O simples fato de dizer o nome dele atingiu-me em cheio com uma reação um tanto súbita, mesmo assim disfarcei bem.

— Esquece o Chris, por favor — pedi, tentando sorrir, ela colocou o café na garrafa térmica e se sentou ao meu lado.

— Se precisar conversar eu estou aqui, querida.

— Eu não tenho nada a dizer... — respondi me servindo de uma xícara com café e minha mãe estendeu a dela para eu servi-la.

— E se você conversar com ele, talvez ele possa explicar.

— Explicar o que, mamãe? Que beijou a garota por engano e que eu sou e sempre serei a boba da corte? — Solucei emocionada com a mistura de sentimentos que invadiu meu ser. Sentia-me a pior das criaturas, rejeitada e com muito ciúme da Kate.

— Como pode ter certeza, meu anjo? — Ela me olhou com os olhos estreitos, tipo me dando um chacoalhão.

Ao contrário do meu pai que aproveitava as oportunidades para atacar o Chris mesmo que fosse indiretamente, minha mãe torcia pelo relacionamento e não fazia questão de esconder.

— Dê a chance para ele se explicar. — Desviou o olhar para o meu celular ao lado da xícara sobre a mesa e voltou os olhos para mim. — Percebi que o seu celular não para de tocar... Você já fez isso? — Neguei com a cabeça e soltei um sorriso abafado levantando os olhos. — Então, filha, dê esta chance a ele, dê esta chance a você...

— Mãe, eu não posso ficar me enganando o tempo todo, eu preciso tomar um rumo em minha vida, tenho dezoito anos já. A minha vida tem que ser diferente, principalmente agora que estou vivendo a minha realidade. Uma grande parte da minha infância eu vivi no meio dos bacanas. — Levantei as mãos para o alto. — É claro que tive uma grande oportunidade na vida, aprendi muito, ganhei uma enorme bagagem, mas agora acabou. Pela primeira vez, eu posso sentir a vida que realmente me pertence, entendeu? — Ela inclinou a cabeça incrédula, estava na cara que não concordava comigo, pelo menos em parte, ela tentou me interromper, mas eu não deixei.

— Mas, querida...

— Mãe, me escuta, por favor! Estou trabalhando, ganhando o meu dinheiro, sou independente, agora mais do que nunca eu preciso focar no que realmente é importante na minha vida. Eu não escolho quem vou amar, mas posso escolher se quero ou não viver esse tipo de amor, eu quero viver um sonho como qualquer um, mas não algo tão incerto. E não quero ficar sofrendo por alguém que não tem o mínimo de consideração por mim... — Ela olhou por cima dos meus ombros e arqueou as sobrancelhas, me virei e vi meu pai encostado no batente da porta com os braços cruzados me olhando com os olhos apertados. — Pai... — Fiquei surpresa ao vê-lo, não ouvimos nenhum ruído que denunciasse sua chegada. —

Faz tempo que está aí? — Ele caminhou em direção à mesa e puxou a cadeira.

— O tempo suficiente para ouvi-la e apoiá-la em sua decisão, minha filha. Eu concordo plenamente com você. Eu seria um louco se deixasse você entrar na família do senhor Pablo. — Deu de ombros e abriu a garrafa térmica. — A não ser que eu não te amasse.

— Por favor, Marcos... — reprovou minha mãe torcendo a boca e o fuzilando com os olhos.

— Eu sei do que estou falando — continuou, ignorando-a. — Convivo com eles há anos.

— Mamãe, eu estou com fome. — Juninho entrou na cozinha bocejando desviando nossa atenção ao assunto. Ela se levantou e o abraçou.

— Bom dia, querido. — Levou-o até a mesa, serviu leite e passou manteiga no seu pão.

Em silêncio, papai desviou os olhos em minha direção, eu percebia que ele me analisava, sentia seu olhar percorrer meu rosto, mas ele ficou calado enquanto mastigava um pedaço de pão, oscilando seu olhar em todos ali na mesa, que como ele estavam todos quietos. E quando engoliu ele quebrou o silêncio.

— Ah! Não está certo... — Ele parecia insatisfeito e bateu com a mão na mesa, todos levantaram os olhos para ele.

— Aconteceu alguma coisa, pai? — eu perguntei tentando parecer indiferente.

— A gente sempre conversou muito à mesa de manhã, não podemos deixar que nada, nada mesmo que venha de fora, estrague isso da gente. Era pra estarmos brincando, rindo, um tirando sarro do outro, essas atitudes facilitam tanto o dia duro de trabalho. — Olhei para ele confusa e não era a única, minha mãe também parecia não saber o que estava acontecendo.

— Querido... — Ele abaixou a cabeça e olhou um a um por cima dos olhos.

— Ontem eu tive uma discussão com o senhor Pablo e ele me ofendeu, eu juro que quase dei um murro na cara dele, acho que na hora Deus enviou um anjo da guarda para me segurar... — Senti um aperto no peito e uma sensação de culpa que inundou todo o meu corpo e mente. Levantei-me e o abracei pelo ombro.

— Desculpa, pai, você deve engolir tanto sapo, não é? — Inclinei a cabeça e beijei sua bochecha. — E eu aqui querendo te trazer mais... — Ele segurou minha mão em seu ombro.

— Se eu quase bati naquele arrogante, imagina o que eu faria se ele ofendesse a minha filhinha querida...

— Mas por que ele te xingou, pai? — perguntou Juninho meio alheio à conversa, ele ainda era uma criança e na verdade não deveríamos sobrecarregá-lo com tantos

problemas. Fui até ele beijando seu rosto, que encolheu o corpo.

— Nada não, querido, é só problema de trabalho do papai, então o que você acha de tomarmos sorvete quando eu chegar do trabalho? — Ele riu animado.

— Não vai para a escola?

— Passo aqui antes para o sorvete...

— Obaaaa! — Ele se levantou e saiu correndo da cozinha deixando nós três.

E foi neste exato momento que a campainha soou insistente acompanhada dos gritos do Chris.

***

Dois meses somente e eu já estava tão envolvida com ele... Olhando para ele ali, parado em pé na sala da minha casa, com aqueles olhos inchados, ele quase me convenceu de que não era o vilão e sim uma vítima. Era incrível o seu poder de mudança. Mesmo me sentindo louca para cair em seus braços e o maravilhoso perfume invadindo a minha alma eu estava decidida a ficar bem longe dele. Meus olhos se encheram de lágrimas novamente, mas eu segurei para não desabar de novo no choro, balancei a cabeça.

— Não há nada para conversarmos, Chris... Cheguei à conclusão de que você nunca vai abrir mão da maneira que vive a sua vida para ficar comigo. Eu não tenho lugar

na sua vida. — Eu me virei e fiquei de costas na tentativa de esconder o meu sofrimento, mas estava impossível com ele ali bem próximo a mim. *Que droga!* Sua mão quente pousou em meu ombro nu, o contato com a minha pele fez uma corrente elétrica deslizar por todo o meu corpo, meu coração acelerou me levando a querer perdoá-lo, tive que segurar muito para não me virar e me jogar em seus braços.

— Como assim, Lucy, do que é que você está falando? Eu não entendo — disse inocentemente, quando eu gritei com muita raiva na hora que as lembranças vieram à minha cabeça.

— Não, como não? — Virei e o encarei me encontrando então com o seu olhar. Como era difícil me manter firme diante daqueles olhos cintilantes, inocentes e sinceros. Fechei os olhos para bloquear a fraqueza que se apoderou de mim de uma forma absurda e quando abri tive que desviar para conseguir continuar tentando ser imparcial. — Na festa eu consegui compreender quem é você realmente. — Ele deu de ombros pasmo.

— Eu continuo sem entender, a gente estava tão bem na festa. — Ele deu mais um passo ficando a um palmo de meus olhos e eu prendi a respiração. — O que mudou, Lucy? Você não gostou dos meus beijos foi isso? Descobriu que ama o seu ex, o Flávio? — Olhei para ele sem entender por que colocou o Flávio na conversa, desviei o olhar para os meus pais, que continuavam

parados e atentos à discussão. Coloquei as mãos em seu peito para afastá-lo, mas ele resistiu e segurou firme meus pulsos. — É isso? — continuou com a voz embargada. — Porque se for, você disfarçou bem, conseguiu me enganar direitinho. Me fez acreditar que gostava de mim tanto quanto eu gosto de você... — Antes que ele terminasse a frase, eu o interrompi.

— Não se trata do Flávio, pare de falar nele, aliás, nem sei por que você está o colocando em nossa conversa! — Ele arqueou as sobrancelhas com um sorriso torto nos lábios me deixando confusa, pois parecia que eu era a vilã.

— Não minta, por favor, a Clarinha me ligou ontem à noite e me contou que você voltaria com o seu ex se eu não tomasse logo uma atitude. — Arqueei a cabeça para trás o olhando incrédula.

— A Clarinha ligou para você? — Soltei um riso nervoso.

— Então, fale olhando em meus olhos que o que vivemos não significou nada para você. Fala! — ele gritou apertando o meu pulso, gemi de dor e puxei.

— Está me machucando... — Afastei-me e ele correu até mim segurando meus ombros de frente, me obrigando a encará-lo.

— Eu não acredito que não foi importante, Lucy, eu preciso ouvir de você.

— Não venha se fazer de vítima Chris, aliás, nem sei por que você está agindo assim na frente de meus pais, por que não volta para o seu mundinho e seja feliz, volte para a Kate — disse com o ciúme me devorando e fui incapaz de me calar, mas, para a minha surpresa, me senti devorada por seus olhos que arregalaram.

— Voltar para a Kate? — Seu olhar era de desentendido. — Eu não tenho nada com a Kate. — Ele foi incisivo.

— Ahhh, tá bom! Não adianta querer me enganar — disse entredentes com muita raiva, ou ciúmes, sei lá... — Eu vi vocês se beijando na festa, ou você pensa que eu sou burra e dissimulada?

— Nãoooo, eu não beijei a Kate, está enganada. — Ele me abraçou e eu me afastei me jogando no sofá e ele se abaixou em minha frente.

— Por nenhum momento eu traí você, desde que começamos o nosso relacionamento eu nunca mais quis ninguém... — Seus olhos pareciam tão sinceros que eu quase caí na sua conversa.

— Nada do que você me diga vai mudar o que eu sinto agora. — Fiz um V com os dois dedos e coloquei embaixo dos meus olhos. — Eu vi com os meus próprios olhos, ninguém me contou... — Fechei meus olhos mordendo o lábio inferior com força para segurar o choro.

— Você precisa acreditar em mim! Eu nunca me senti

tão bem ao lado de alguém como me sinto com você, eu seria incapaz de fazê-la sofrer, Lucy. — Ele passou a mão trêmula pelo meu cabelo e parou atrás, na minha nuca, e novamente o contato com a minha pele me deixou desorientada com o choque elétrico.

— Pare de mentir, por favor, assuma logo... — implorei, ele me abraçou.

— Eu juro por Deus — afirmou beijando por todas as partes de minha mão, ele parecia determinado a reconquistar-me.

— Por que é tão importante para você? — perguntei com a voz já melosa, estava por um triz a perdoá-lo. Quando meu pai percebeu que eu me rendia entrou na conversa.

— Olha, meu rapaz, vá embora porque, se você pensar bem, vai saber que nunca daria certo, sendo filho de quem é.

A reação de Chris foi surpreendente, ele cobriu a cabeça com as mãos e chorou deixando-nos confusos sem saber como agir. Após alguns segundos se levantou e ficou de frente ao meu pai e eu fiquei sem reação, continuei sentada com a cabeça erguida.

— Ah! Agora você vai querer me condenar por eu ser filho do superpoderoso Pablo? — Balançou a cabeça, inconformado.

— Seu pai nunca aceitaria este relacionamento Chris, você não entende? — respondeu sem hesitar.

— Quem não entendeu é você! — acusou. —Na minha vida inteira, eu fui julgado pelas ações do meu pai. Você nunca parou para pensar que, apesar de tanto dinheiro e luxo, nunca fui feliz? Que eu nunca tive um pai de verdade, que toda a merda que fiz na vida foi na tentativa de chamar a atenção dele? — Ele respirou fundo, secou as lágrimas e fixou os olhos em meu pai pasmo, que desabou sobre o sofá ao meu lado. — Eu imploro, senhor Marcos, não me condene só porque sou filho dele, eu já cumpri uma enorme sentença em toda a minha vida. Ver o sofrimento da minha mãe foi o pior deles, e você sabe muito bem que tenho uma irmã bastarda. Mas não me tire a oportunidade de começar uma nova fase da minha vida, de escrever um novo começo, principalmente agora que eu tenho e está ao meu alcance...

— Deixe os dois conversarem, meu bem, não vamos nos intrometer, tudo bem? — Minha mãe pegou na mão do meu pai, ele se levantou e os dois se abraçaram.

— Mãe, eu estou atrasado, é você quem vai me levar na escola? — Juninho perguntou descendo as escadas com a mochila nas costas.

— O papai leva — disse meu pai e voltou para mim. — Acho que eu me enganei, querida, o Chris é bem diferente do pai dele, vocês se merecem. — Ele pegou em

minha mão ali no sofá e saiu com o Juninho.

— Acho que vou também — falou minha mãe cruzando a porta e fechando em seguida.

— Não aconteceu nem um beijo. — Ele insistiu assim que a porta se fechou. Meus olhos ardiam de raiva, eu vi e ele ali tentando me enganar.

— Ah, deixa pra lá, vou para o trabalho. — Olhei para o celular e vi as horas. — Outra hora a gente se fala.

Ele me abraçou forte e fechou os olhos, eu também, e por alguns segundos ficamos calados ouvindo as batidas rápidas de nossos corações, e então eu me afastei um pouco, muito pouco, sem a menor vontade de ficar longe.

— Eu preciso ir.

— Ainda não, meu anjo, a gente precisa resolver agora este impasse, acredite em mim, por favor. — Ele revirou os olhos para cima, como se buscasse lembranças. — Em que momento você diz que beijei a Kate? Não deveria ser eu, ficamos juntos o tempo todo, só quando a Melissa te chamou é que fiquei um pouco com a rapaziada, mas foi rápido, logo eu fui te procurar e fiquei sabendo do que aconteceu com a Clarinha, eu ainda corri atrás da ambulância e... — Pausou de repente e se afastou.

— O que foi? — Ele levantou o dedo indicador e balançou.

— Ah... Eu já sei o que aconteceu! Você está falando

deste momento, é verdade, quando a Kate veio me cumprimentar ela veio logo me beijando na boca, mas eu a empurrei com força, você não viu? — Balancei a cabeça negando sem saber se acreditava ou não, era verdade que quando vi a cena o susto me deixou apavorada e saí correndo desorientada. — Então vamos esclarecer isso — sugeriu pegando em minha mão e me levando em direção à porta, mas eu parei.

— Agora não dá, eu realmente preciso trabalhar — disse pegando minha bolsa sobre o sofá e ajeitando minha roupa.

— Tudo bem, à tarde a gente resolve então, a que horas você sai do serviço?

— Às 17h.

— Eu te levo agora e vou buscá-la à tarde. De hoje não pode passar, Lucy, precisamos expulsar o fantasma entre nós. — Sua voz foi tão suave que suspirei e sorri por dentro, saímos em direção ao carro.

O sol forte brilhava no céu naquela manhã trazendo ao meu coração uma sensação prazerosa em todo o meu ser, uma felicidade que tomava conta de mim expulsando toda a angústia que tinha passado nas últimas horas. Mesmo que nada ainda tivesse sido esclarecido, mesmo que até o momento pudesse ser incerto, o fato era que a presença do Chris me fazia sentir a pessoa mais feliz do mundo. O percurso foi em silêncio. Ele respeitou o meu

tempo e eu achei o máximo, aquilo me fez gostar ainda mais dele. Sentia uma emoção muito maior do que a raiva, ou qualquer outra coisa negativa.

Capítulo Doze

O dia se arrastou pra mim, só porque estava ansiosa para o último horário e, quando os ponteiros do relógio informavam 17h, eu vi o elegante carro estacionar em frente à lanchonete fazendo o meu coração bater a mil. Lá no fundo me sentia confusa sem saber o que realmente fazer, se deveria ficar alerta e cancelar qualquer aproximação com ele pelo seu histórico do passado, antes que fosse tarde demais, ou se confiaria na minha intuição de que ele realmente estava mudando.

A declaração que fez diante de minha família não foi falsa, meu coração gritava dentro mim que não, as suas palavras foram sinceras e o fato dele estar ali provava que a sua intenção era verdadeira. Suspirei forte e balancei a cabeça parando de me enganar. Eu o queria, e muito, ponto-final. Então, decidi que ia seguir em frente, mesmo porque o meu coração já era dele. *Seja o que Deus quiser!*

Peguei todas as minhas coisas e saí correndo em direção ao carro com um sorriso radiante no rosto, embora eu devesse estar séria. Enfim, quando cheguei

próxima à porta do passageiro ela se abriu, lá estava ele com o corpo inclinado e um sorriso aliviado nos lábios. Fiquei olhando por alguns segundos, entrei no carro, fechei a porta e fiquei olhando para frente, tensa...

— Para aonde você vai me levar?

— Vamos esclarecer essa história de beijo... — garantiu, se ajeitando no banco, e quando percebeu que eu não olhava para ele, ligou e carro e saiu.

Olhei-o de canto de olho, percebi que ele estava distante com o semblante preocupado e, quando percebeu que eu o observava, ligou o rádio: uma música extremamente romântica e clichê preencheu o silêncio. Suspirei profundamente de pura emoção, percebi o movimento de sua mão e olhei para baixo no momento que ela pousava sobre a minha perna eletrizando todo o meu corpo e os meus sentidos que estavam em desordem. Ele olhou para mim de relance quando virou o carro na rua em que ficava o meu antigo colégio. Gelei com a constatação e sem entender o porquê dele estar me levando para o colégio em meio à corja.

— Pare o c-carro — gaguejei levando a mão ao trinco da porta, imediatamente ele travou, estacionou o carro e inclinou o corpo para o meu lado.

— Não tenha medo, Lucy, só vamos esclarecer o mal-entendido — explicou pausadamente com os olhos atentos sobre mim prendendo os meus. Balancei a cabeça

em negativa.

— Eu não quero entrar naquele colégio, nunca mais... — Ele interrompeu.

— Você precisa confiar em mim, Lucy. — Ele me beijou apaixonadamente no rosto e eu fechei os olhos, totalmente incapaz de reagir ao carinho. — A partir de agora precisamos tirar o passado da nossa frente... — Meu sangue imediatamente aqueceu com aquelas palavras doces que pareciam muito sinceras. "Eu o quero!", pensei quando ele reafirmou os meus pensamentos.

— Tudo o que falei na sala de sua casa é verdade, eu quero você, só você. Se para ficar com você eu precise deixar tudo para trás eu vou deixar, amigos, família, tudo... Só para provar que você é a pessoa mais importante da minha vida. — Ele suspirou e sorriu com os olhos. — Eu nunca pensei que um dia uma garota pudesse mudar o rumo da minha vida, e você conseguiu essa proeza, eu sinto a necessidade de mudar, de ser alguém melhor, entendeu? — Abaixei rapidamente os olhos e retornei convencida, concordando com a cabeça. — Agora vamos até o colégio. — Ele beijou rapidamente, mais uma vez, o meu rosto, e eu corei, pois senti o calor subindo pelo meu rosto. Apesar de ainda sentir-me brava agarrei em sua mão com força e ele sorriu olhando fixamente para mim. — Vou provar que sou de confiança — ele sussurrou. Seu olhar era tão vibrante e cintilante que me atraiu. — Eu sinto muito por fazer você sofrer...

— ele falou quase sem voz. Permaneci muda e pensativa.

— Tudo isso me assusta, Chris. — Eu respirei levantando os olhos fixamente nos seus e ele agitou a cabeça. — Mas não tenho escolha — continuei. — A minha razão me aconselha a me afastar, enquanto a minha emoção é bem mais forte, ela diz e repete que você é a escolha certa. — Ele fez cara de bravo e me abraçou passando o braço ao redor da minha cintura, eu me arrepiei por completo.

— Por favor, Lucy, escute a sua emoção, tudo vai ser esclarecido. Eu prometo, vai dar tudo certo. — Ele beijou a minha face logo abaixo de meus olhos. — Dê-me esta chance. — Eu concordei com a cabeça me sentindo a pessoa mais feliz do mundo.

— Então vamos logo... — falei sorrindo e ele também, e em dois minutos estacionou em frente ao colégio.

Confesso que senti uma fisgada em meu coração que fez com que acelerasse, mas me mantive forte e, antes de desistir, abri a porta descendo logo, até mesmo antes do Chris, que desceu logo em seguida, olhando surpreso para mim. Ele deu a volta pela frente do carro e pegou em minha mão, entramos juntos no colégio atraindo todos os tipos de olhares, mas o fato era que ele não olhou para ninguém, enquanto eu olhava tímida para todos.

Cruzamos o pátio, o sinal da saída já tinha soado e

todos os amigos estavam na lanchonete, foi para lá que ele me levou quando então avistamos a Kate sentada de costas para a porta, e ao seu lado a Melissa. As duas riam muito e não perceberam que nos aproximamos, estavam bem distraídas, porque não viram que o Samuel, o Newton e o Ivan davam sinal desesperados com a cabeça. Tanto que pegamos uma frase um tanto suspeita de Kate à Melissa.

— Cara, você quase matou a menina, quanto foi que você deu de álcool para ela? — Riu.

— Não foi muito não... Você não me alertou que ela tinha intolerância ao álcool, ainda bem que não aconteceu nada mais grave... — a Melissa disse com pesar.

— É sério? — Eu não suportei a traição da Melissa, que se fazia de amiguinha. Foi ela quem me chamou para socorrer a Clarinha quando passou mal. Melissa então virou a cabeça e a Kate em seguida, as duas saíram da mesa ficando ao lado da gente com os olhares assustados.

— Lu-cy... — gaguejou, tremia deixando nítido seu nervosismo. Dei alguns passos em sua direção e ela recuou ficando quase atrás do Newton, que olhava para a conversa, confuso.

— Como teve coragem de sabotar a bebida da Clarinha? — Ela cobriu a cabeça com as mãos trêmulas, neste momento a Kate voltou a se sentar.

— Nem sei por que eu fiz isso. — Olhou para a Kate, que estava sentada lhe fuzilando com o olhar, e fechou os

olhos falando rápido. — Foi a Kate quem me pediu para poder afastar o Chris de você — acusou. Indignado, Chris cruzou os braços, olhando para a Kate, que abaixou a cabeça como se não tivesse nada com isso.

— Kate, como você foi capaz de fazer uma baixaria dessas? A Clarinha poderia ter morrido, vocês são primas. — Ela deu de ombros.

— A culpa não foi só minha não. — Lançou um olhar acusador à Melissa que negou com a cabeça. Chris ficou muito nervoso e inclinou o corpo sobre a mesa ficando de frente a Kate, que continuou de cabeça baixa.

— Você é louca ou o que, hein? — Ela não esboçou nenhuma reação, então ele começou a esmurrar a mesa. — Sua covarde, fale, vai... diga alguma coisa, se defenda, sua... — Newton o interrompeu pousando a mão em seu ombro.

— Ei, calma, Chris, pega leve, nós somos amigos e... — Chris levantou, seus olhos estavam vermelhos de raiva e ficou em frente ao Newton, o enfrentando.

— Amigos? — Balançou a cabeça inconformado. — Amigos não agem assim, amigos nunca torcem pelo mal do outro e...

— Nós sempre fomos amigos sim... — E lançou um olhar acusador a Lucy.

— Que amigos? Amigos da onça, você quer dizer?

Escute aqui — Ele pegou na gola da camiseta de Newton. — Eu não vou mais admitir piadinhas sem graças em relação à Lucy, entendeu? Ela é melhor do que qualquer um de vocês. — Repassou o olhar ao redor. Samuel segurou no braço de Chris, que estava muito alterado, e Ivan no outro e eu fiquei surpresa e não consegui mover um músculo sequer.

— Vai embora, Chris, você já deixou claro o seu desejo, já entendemos e espero que não se arrependa no futuro — Ivan falou afastando o Newton das garras do Chris, que parecia um animal selvagem.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Clarinha segurando em meu braço. Chris desviou os olhos em sua direção.

— Foi a Melissa quem batizou a sua bebida e a sua prima Kate quem deu a ideia... — Clarinha arregalou os olhos e soluçou alto.

— Melissa? — Seu olhar era incrédulo quando desviou para Kate, que estava revirando os olhos, não dando a mínima. — Como você pôde fazer isso, Kate, não tem vergonha? Você sabia que eu tenho intolerância ao álcool... Por acaso pretendia me matar?

— Dramática... — Kate respondeu com desdém.

— Desculpe, Clarinha, eu vacilei com você... — A Melissa tremia e Clarinha se atirou em cima dela e as duas rolaram no chão.

— Calma, Clarinha! — Tirei-a dali e afastei daquilo tudo. Clarinha gritou com força.

— Espere uma intimação policial, eu vou denunciar vocês duas!

— E você, Kate, fique longe de mim daqui pra frente, eu nunca mais quero olhar para esta sua cara nojenta — disse Chris caminhando em minha direção e a de Clarinha. — Vamos. — Agarrou-me pela mão e voltamos para o carro.

— Chris... — Kate levantou seus olhos inundados em lágrimas envenenadas gritando em desespero. — Chris... CHRIS...

Samuel, Newton e Ivan a abraçaram enquanto ao longe conseguimos ouvir seus gritos chamando por Chris, que abriu a porta do carro me aguardando entrar, então a Clarinha me abraçou e ficamos assim por um tempo até que ela seguiu em direção ao seu carro. O Chris deu a volta no carro e entrou saindo em disparada dali. Soltei o meu corpo no encosto do banco e suspirei, pois me sentia enojada com tudo aquilo. Virei minha cabeça rapidamente para o Chris que olhou em minha direção, sorrindo. Após alguns minutos parou o carro numa rua quase deserta, desligou o motor e me abraçou.

— Você cheira tão bem, Lucy. Tão doce. — Seu nariz deslizou pela minha pele passando pela minha orelha. Eu estou me sentindo tão bem agora, sabia? — sussurrou

descendo pelo meu pescoço, devagar, suave como uma pena e, então, beijou o meu ombro nu. Minha respiração acelerou cheia de expectativa quando ele voltou para o seu lugar. Meu estômago embrulhou com tantas informações e ainda estava meio tonta com tudo aquilo.

— Desculpa por não acreditar em você. — Ele ficou quieto repassando o olhar cintilante pelo meu rosto, me fazendo ruborizar. — Eu daria tudo para saber o que está pensando neste exato momento — murmurei. Ele sorriu carinhosamente e colocou a mão no meu rosto com suavidade, estremeci com o toque quente de sua mão em minha pele e deitei sobre ela fechando os olhos.

— Estou pensando numa maneira de conquistar você completamente, sem mentiras, quero viver um livro aberto com você.

— Você já me conquistou, Chris, não há nada que eu possa fazer em relação a isso, estou presa a você — declarei virando a boca sobre a sua mão, a beijando. Ele gemeu.

— Você me provoca. — Segurou meu rosto com as duas mãos e olhou dentro dos meus olhos. — Você quer namorar comigo, Lucy, agora é sério, oficial? — *Ele estava falando sério?* Fiquei olhando em seu semblante para ter certeza se ouvi direito enquanto meus olhos marejaram, então ele arqueou as sobrancelhas cobrando a resposta. — Prometo que não vou mais magoar você,

quero começar do início, vamos marcar um encontro. O nosso primeiro encontro. — Eu ri achando muito engraçado a forma como ele falou.

— Nós já tivemos o nosso primeiro encontro — falei e ele me abraçou beijando minha testa, rindo também.

— O passado nós deixaremos lá no passado, vamos começar de agora em diante, quero que sinta orgulho de mim... — Senti um aperto no peito com a seriedade de suas palavras, ele puxava para si uma grande responsabilidade, ainda mais sabendo que o seu pai jamais aceitaria este relacionamento. Pensei que talvez fosse melhor desistir agora, voltar a viver a vida que eu tinha, fingir que nada aconteceu e assim poupar mais sofrimento. Acho que ele percebeu minha dúvida e me abraçou forte. — E não me venha com uma resposta negativa, Lucy, a gente precisa se arriscar para saber se vai ou não dar certo. — Respirei fundo, ele tinha toda razão, e afinal eu não podia, não queria ficar longe e decidi me entregar, viver aquele amor que ele me propunha e beijei todo o seu rosto com inúmeros beijos.

— Sim... Sim... eu aceito namorar com você... — Baguncei seu cabelo e rimos muito, muito felizes mesmo.

Ficamos mais algum tempo abraçados, a temperatura no interior do carro chegou a nos sufocar, então Chris se afastou e ligou o carro. Somente neste instante que percebi que escurecia.

— Nossa, precisamos ir, tenho prova hoje — eu disse ao me lembrar, ele sorriu e saiu com o carro.

Quando estacionou em frente à porta de minha casa, eu encolhi meu corpo sentindo frio, já eram seis horas da noite. O carro do meu pai estava na garagem, sem dúvida deveria estar curioso para saber o resultado final de toda a confusão. Chris desligou o motor e neste momento senti um vazio dentro de mim pensando que ele ia embora e eu não queria me separar dele.

— Quer entrar? — perguntei.

— Não agora. Você tem aula — ele disse simplesmente me olhando com a expressão insondável. —, não quero ser um vilão na sua vida...

Queria muito que ele ficasse, estava com medo de não vê-lo mais, mordi os lábios sem a mínima intenção de descer, ele se aproximou mais, pegou a minha mão e lentamente levou aos lábios entreabertos beijando com suavidade. Meu coração saltou para a minha boca.

— Estou muito feliz, Lucy. — Beijou novamente minha mão e a colocou sobre o meu colo. — Sábado, eu venho buscar você para almoçarmos juntos, vamos considerar um novo primeiro encontro... — Apertou a boca com cara de choro. — Só não sei se vou suportar ficar tanto tempo longe de você contando que hoje ainda é terça-feira. — Sua voz saiu suave.

— Sábado... — falei com tristeza e extremamente

desolada.

Ele beijou meus lábios em um selinho, percebi que aquela decisão foi para que eu não perdesse a aula. Sorri e desci, antes de fechar a porta suspirei. — Até sábado... — Ele piscou e sorriu.

— Considerando que sábado ainda está distante me ligue se sentir saudades — pediu com carinho, concordei com a cabeça e fechei a porta.

Entrei correndo em casa, estava superatrasada e iria aproveitar para tomar um banho rápido antes de sair. Meu pai estava na sala lendo jornal e levantou os olhos sob o jornal quando fechei a porta.

— E aí, como foi a conversa, resolveram? — perguntou dobrando o jornal e colocando sobre o colo.

— Sim... Já em casa? — perguntei fingindo surpresa.

— Fiquei preocupado e pedi para sair mais cedo... — Soltei o ar com força e fui me sentar a seu lado e percebi que minha mãe ouvia na porta da cozinha.

— Não precisa se preocupar tanto.

— Impossível, querida, como já disse eu sei bem o tipo de pessoas que vai ter que encarar se decidir por este relacionamento. — Seu tom era áspero e me assustou.

— O que quer que eu faça? — perguntei encarando-o no fundo de seus olhos.

— Que seja feliz. — Balançou a cabeça como se

dissipasse o que passou por ela que, pelo jeito, não foi nada bom e sorriu. Ouvi um ruído na porta da cozinha, levantei os olhos e vi que minha mãe sorria, acho que ficou feliz com o meu pai aceitando. Então ele me abraçou. — Pode viver este amor, meu anjo, eu sempre estarei com você, sempre. — Eu o abracei forte e corri em direção à escada.

— Obrigada, pai, vou tomar banho que estou muito atrasada para a aula.

Sexta-feira pela manhã, assim que acordei e entrei no banheiro para mais um dia duro de trabalho, o meu celular tocou, peguei sobre o criado-mudo e era a Clarinha que dava sinais de sua graça, depois de terça-feira eu não tinha mais falado com ela.

— Lucy?

— Oi, Clarinha. Como você está?

— Ainda com muita raiva da idiota da Melissa e da Kate. Mas o que é delas está guardado.

— Imbecil! — xinguei, balançando a cabeça zangada, enquanto me sentava na beirada da cama.

Ela me contou que os seus pais fizeram uma denúncia formal na delegacia contra a Melissa, mas pouparam a Kate por fazer parte da família porque não queriam trazer mais problemas do que o seu tio, o pai da Kate, já possuía. Disse que os pais da Melissa já receberam a

intimação, falou também que eu precisava depor. Concordei de imediato, seria um grande prazer constranger aquelas meninas metidas sem limites.

— Pode contar comigo, imagina... — eu disse.

— Vou desligar que não quero atrapalhar você, deve estar indo para o trabalho.

— Na verdade estava entrando no banheiro para tomar banho, mas, enfim, fique tranquila, é só me avisar, Clarinha.

Nós nos despedimos e tomei banho muito rápido mesmo e quando cheguei ao trabalho estava com um atraso de dez minutos e encontrei o meu chefe com a cara fechada. Mas no fundo não me importei com nada, fiz o meu trabalho bem feito contando as horas e os minutos para o dia seguinte chegar logo, quando o Chris me pegaria para o nosso primeiro encontro e eu torcia para, desta vez, dar tudo certo mesmo.

Estava eufórica, morta de saudades e acho que ele fez de propósito para aumentar mais a saudade, ou tinha desistido de mim? Meu coração parou de repente com a possibilidade que me deixou em pânico e, antes que eu me desse conta, me encostei à prateleira me escondendo de olhares curiosos. Peguei o celular no bolso e disquei seu número aguardando com o coração querendo sair pela boca.

— Alô... — Senti borboletas no estômago ao ouvir

sua voz.

— Oi... — respondi num fio de voz.

— Ohhh, querida, então você me ligou! — Ele riu malicioso e eu estremeci.

— Estou com saudade... — declarei e ouvi um silêncio que chegou a ser preocupante.

— E eu então! Queria muito ir até você neste momento e tomá-la em meus braços... — Fechei os olhos. — Mas vamos fazer a coisa certa, vou buscar você amanhã e pedir a permissão dos seus pais. — Uma onda de alegria tomou conta de meu corpo, tive o ímpeto de pular e nem sei como consegui me segurar fixa no chão.

— Vou esperar ansiosa.

— Um beijo na boca, amorzão. — Suspirei profundamente apaixonada e desliguei quando meu chefe chamou por meu nome.

A partir deste instante eu não consegui mais parar, aconteceu algo inusitado, a lanchonete lotou de um jeito que desde quando eu entrei nunca havia visto algo assim. O que foi ótimo, porque com o movimento intenso eu nem percebi o dia passar, quero dizer voar.

Mas o cansaço estava presente em meu corpo e quando cheguei em casa fui direto para o quarto a fim de um banho rápido para ir à aula, mas eu não consegui resistir à cama com aqueles lençóis branquinhos e

perfumados que minha mãe trocou. Desisti da escola e me joguei sobre a cama adormecendo de imediato.

Despertei com uma sensação prazerosa pelo corpo, as lembranças dos braços do Chris envolvendo-me despertou em mim uma emoção que fez o meu sangue ferver em minhas veias. Ao passar pela minha cabeça que hoje era um dia especial, abri os olhos, só que desacostumados à luz, então se fecharam instantaneamente, o sol estava forte batendo em meu rosto e invadindo as vidraças da janela.

— Que claridade é essa? — resmunguei. Abri meus olhos devagar e pulei da cama ao ver no relógio da parede que faltavam poucos minutos para as 11h, percebi que eu deveria estar mesmo cansada para dormir tanto e esquecer até da fome. Corri para o banheiro para um banho rápido. — Que droga! — Soltei o ar com força em frente ao guarda-roupa pensando no que vestir, já tinha desmontado todo ele e não consegui nenhuma roupa adequada para a ocasião. *Ah, que falta de opção! Minhas roupas estavam todas velhas*. E o pior era que o Chris chegaria em quarenta minutos e ainda tinha que levar em conta que eu estava enrolada na toalha com os cabelos ainda úmidos e o tempo era curtíssimo.

Fechei os olhos me sentindo completamente irritada quando então encontrei uma minissaia jeans escura meio surrada, mas como diz o ditado jeans bonito é o surrado, e era ideal para um dia quente. Para combinar me lembrei

de uma regata salmão com algumas pedras da mesma cor, que estava na gaveta da cômoda da penteadeira e me vesti.

Era incrível como a roupa combinou com o meu rosto que estava com um tom corado e os meus olhos estavam diferentes, havia algo inusitado, um brilho intenso que, através do reflexo do espelho, tive a impressão que o atravessei e cheguei a minha alma, um arrepio percorreu pela minha espinha com a lembrança da última vez que fui sugada pelo meu próprio reflexo no espelho e desejei que aquele delírio nunca mais se repetisse, jamais! Abracei meu corpo retido.

Um aperto em meu peito me fez suspirar pausadamente e quando tudo aquilo terminou, algo acendeu em minha cabeça, uma dúvida pairou sobre mim e me perguntei por que sempre sentia aquilo, qual seria a explicação? Balancei a cabeça para dissipar o sentimento intimidador e analisei a minha roupa concluindo que estava bem, não precisava de roupas de marcas para impressionar ninguém. O Chris sabia quem eu era e o que tinha, então não tinha nada a esconder. Um alívio tomou a minha alma, então corri para secar os cabelos e apliquei uma maquiagem leve de acordo com a ocasião, e fiquei olhando admirada a minha imagem refletida ali no espelho. *Estou linda!* Calcei uma sandália de salto branca, peguei minha bolsa branca e saí do quarto cantarolando muito feliz.

Quando estava descendo as escadas, senti uma leve tontura, então parei segurando o corrimão, e, em seguida, ouvi o ruído de vento que soprou em meus cabelos congelando o meu rosto. Prendi a respiração e tudo subitamente piorou, senti todos os meus músculos sendo contraídos, aquele estranho calafrio atravessava os poros do meu corpo e me trouxe uma sensação de fraqueza deixando minha visão turva, soltei o ar e o puxei de volta inflando meus pulmões a fim de recuperar o controle.

— O que houve? — Meu pai se aproximou de mim segurando em meu braço, seu olhar era preocupado e me assustou. — Você esta pálida como cera, minha filha — disse me ajudando a descer os últimos degraus e sentamos no sofá lado a lado. Ele mediu a temperatura de minha testa com as costas da mão.

— Eu estou bem. — Eu me sentia ofegante. — Foi só uma leve tontura, está tudo bem. — Sorri para ele, que segurou minha mão.

— Você está se alimentando direito, Lucy? — Balancei a cabeça com um não. Ele perguntou tomando por base que na noite anterior eu não tinha descido para o jantar. Eu não queria colocar minhocas em minha cabeça... Deveria ser fome mesmo...

— Mais ou menos — murmurei num fio de voz e cerrei os dentes aguardando a bronca.

— Você também não desceu para tomar café, Lucy,

isso não está certo. — Ele ameaçou se levantar. — Vou pegar um copo com leite para a mocinha... — Eu segurei em seu braço, o impedindo.

— Não, pai, o Chris deve estar chegando e a gente vai sair para almoçar.

— Minha nossa, Lucy — disse olhando para o relógio. — Não vai conseguir ficar mais uma hora sem comer, menina... — Foi para a cozinha e então o segui.

— Onde está a mamãe? — perguntei por não vê-la por ali, no seu canto predileto.

— Foi ao supermercado. — Entregou-me um copo com leite, peguei e enquanto bebia o olhava por cima dos olhos tentando decifrar o que sentia em relação a esse relacionamento, mas ele nada disse, simplesmente passou por mim na porta e voltou a se sentar no sofá ligando a TV.

— Pai? — Na verdade, eu não sabia o que dizer, eu só queria uma palavra sua de consentimento ou não. Ele virou a cabeça ao meu lado.

— Tá bom... Você está querendo saber o que eu acho sobre você e o Chris? — Ele segurou em meu queixo e sorriu naturalmente, achei o comportamento confortável e sorri.

— Ah... Você não falou mais nada a respeito desde a terça-feira e sabe muito bem que a sua opinião é

importante para mim. — Ele soltou um ar com força e abaixou os olhos pressionando os lábios em uma linha fina.

— Não posso negar que me preocupa muito este seu namoro com o Chris, o fato já é de seu conhecimento, eu sei que para ficar com ele você terá que passar por um crivo pesado, o senhor Pablo é duro na queda, é incapaz de aceitar uma pessoa abaixo de sua classe social. — Ele pousou o olhar nos meus e repassou rapidamente por todo o meu rosto. — Você também sabe, não é? — Concordei com a cabeça torcendo os lábios.

— Eu não escolhi isso, pai, quando me vi já estava totalmente envolvida. — Ao falar isso recordei o esbarrão no colégio.

— Que Deus a proteja. — Abraçou-me e beijou minha testa.

— Uauuu... Você está realmente linda, maninha, maravilhosa... — disse Juninho entrando pela porta da sala. — Levantei-me e dei um beijo estalado em sua bochecha rosada e suada.

— Seu danadinho, sabe como agradar uma mulher...

— Eu sei mesmo e a gostosa da Clarinha sumiu — ele falou em meio aos risos.

— Trate de crescer e virar homem, seu moleque, antes de ficar aí dando uma de garanhão... — Fiz careta

fingindo estar brava.

— Essa cara de brava não combina com você. Eu sei que me ama... — disse carinhosamente e me abraçou.

— Eu tenho como negar? Vocês são a razão da minha vida. — Meu pai ria da nossa conversa.

— Opa, ainda bem que me incluíram nela... — Jogou a cabeça para trás, soltando uma gargalhada.

Trocamos uma boa conversa e ao meio-dia ouvi a buzina, mas antes de abrir a porta, abri a fresta da cortina e vi o carro preto do Chris estacionando em frente à minha casa. Senti meu coração palpitar dentro do peito, uma sensação gostosa de realização. Beijei meu pai e, em seguida, o Juninho.

— Tchau, meus amores, *hasta la vista*. — Abri a porta e saí.

Os raios do sol da primavera iluminavam o lindo dia, quando me virei senti uma fisgada em meu peito e, em seguida, uma leve dor que fez com que o meu coração acelerasse. Fechei os olhos por alguns instantes para respirar fundo e encontrar o equilíbrio que estava em fuga.

"Talvez meu pai tenha mesmo razão, não posso ficar tanto tempo sem me alimentar", pensei enquanto admirava a imagem imaculada do Chris encostado à porta do seu carro, com os braços cruzados, lindo. Lindo não, maravilhoso com aqueles olhos castanho-claros

brilhantes, tão convidativos e expressivos, que me enlouquecia e ainda para completar estava com uma bermuda branca de cintura baixa, na altura do quadril com o cós da cueca à mostra, e aquela camiseta preta justa de decote em V deixando todos os seus músculos trabalhados aparecendo, prendi a respiração. Ele deve ter percebido a reação que me causou e quando meus olhos encontraram os seus, ele abriu um sorriso muito sexy; corei no mesmo instante.

Ele estendeu os braços me chamando para um abraço e quando cheguei perto quase desmaiei com uma tontura forte e novamente a fisgada me fez perder o ar, mas, graças a Deus, logo retornei ao normal e acho que ele não percebeu porque me abraçou forte. O calor de seu corpo me cobriu de uma serenidade que eu nunca senti, estava encantada com aquela figura que me tomou em seus braços, apaixonada pelo perfume forte, porém encorpado. Ele deitou a cabeça em meu ombro.

— Você está linda, Lucy. — Seu tom baixo e muito intenso me fez fechar os olhos para sentir as batidas fortes de seu coração.

— Você também está muito bem... — disse envolvida na emoção daquele abraço e fixei seu olhar intensamente nos meus.

— Eu nem estou acreditando que estamos juntos... — Balancei a cabeça levemente, seus olhos fixos nos meus,

brilhavam. — Esperei tanto por um momento como este... — E me abraçou novamente, neste instante meu mundo ficou completo, tudo em mim ansiava por ele, mas ainda me perguntava se ele estava sendo sincero. A pergunta surgia com uma pontinha de medo que se apoderava de mim e contraí os músculos do meu corpo. Ele me olhou surpreso.

— Por que está com esta carinha?

— Eu não sei... Às vezes penso que estou sonhando e que a qualquer momento eu vou acordar e... — Ele me interrompeu com um selinho em meus lábios.

— Pare de pensar bobagens, eu estou aqui, não estou? — Suspirei fundo e concordei com a cabeça. — Então, Lucy, o futuro a Deus pertence, a gente tem só que curtir o presente, entendeu? Precisamos arriscar na vida... — Segurei em suas mãos e ele sorriu junto comigo.

— É... tem razão vamos deixar rolar, não é isso?

— É assim que se fala. — Ele apertou a minha mão e se virou abrindo a porta do passageiro me ajudando a entrar com delicadeza.

Enquanto ele fechava a porta e dava a volta eu pensava que talvez nada daquilo existisse, que na realidade eu estava sonhando acordada e balancei a cabeça repreendendo-me, pois, como ele mesmo disse, na vida é preciso arriscar. *Arrisque-se, Lucy!* Mesmo porque eu o queria, muito, não importava por quanto tempo, para

a vida inteira se fosse possível, mas isso só o tempo poderia responder.

Ele ligou o carro e antes de sair olhou em meus olhos intensamente, pude perceber que aquele olhar era outro, estava realmente mudado, era outra pessoa, melhor, alguém determinado a viver uma nova vida e dava a entender que eu estava incluída nela. Eu precisava acreditar nisso, era preciso para que eu continuasse nesta onda de felicidade que me dominava e fazia sentir uma emoção forte, aliás, forte demais. Eu nunca mais conseguiria viver sem ele, esta era a minha real situação.

Fechei os olhos com a rotineira fincada em meu peito, estranha a dor que surgia sempre nestes momentos de emoção, mas balancei a cabeça para dissipar tudo de ruim que pudesse estar ao meu lado, no meu corpo. Eu queria, desejava muito viver aquele amor que ele estava me oferecendo e dei um largo sorriso. Tudo parecia um sonho, mas eu sentia que era a plena realidade. Nós estávamos apaixonados. Ele pegou em minha mão e levou aos seus lábios num doce e intenso beijo que me fez estremecer.

Capítulo Treze

Quando estacionou o carro em frente ao restaurante, o mesmo que ele me levou da outra vez, o som do seu celular tocou repentinamente, eu o olhei quando ele desligou o carro e atendeu.

— Oi, pai... — atendeu com desdém. Ouvi um silêncio, em seguida me olhou de canto de olho, fingi que não percebi, virei a cabeça para o vidro ao meu lado e abri. Suspirei fundo ao sentir a brisa do vento vir de encontro ao meu rosto e fiquei ali, ouvindo a conversa que me pareceu confusa, sei lá. — Hoje não vai dar, marca para outro dia... — Sua voz era áspera. — Já falei que não... Estou com amigos e vamos almoçar, pai... Pare, por favor, de insistir, você sempre se lembra de mim nas horas inoportunas... Claro que a culpa não é minha, se existe algum culpado é você e... Ah, tá... Já disse não, agora tenho que desligar... — Parecia que tinha desligado na cara do pai, trincou os dentes e soltou o ar com força.

— Está tudo bem? — perguntei constrangida por ser o pivô daquela discussão.

— Não se preocupe com nada, hoje é o nosso

primeiro encontro oficial e nada, nada vai mudar isso. — Inclinou o corpo para o meu lado me beijando levemente nos lábios. Meu coração explodiu em meu peito, era bom demais o seu hálito perfumado e quente.

— Boa tarde, senhor Chris. — O garçom que nos atendeu na porta o cumprimentou enquanto ele pegou em minha mão na frente do homem e beijou me fazendo corar.

— Hoje o dia é só nosso... — falou sorrindo e piscou.

— Não sei se mereço, mas agradeço.

— Merece sim... — O garçom, embora discreto, sorriu levemente com todo aquele chamego.

— Acompanhem-me. — Ele nos levou até a mesa no canto, perto da janela, onde tinha uma visão do lindo jardim externo, percebi que a mesa estava reservada para o Chris. — O jovem casal deseja a entrada? — ele nos perguntou cordialmente nos entregando os cardápios. Assenti com a cabeça e peguei analisando os pratos, e rapidamente bati os olhos nas massas.

— Eu vou querer um espaguete ao molho sugo. — Entreguei o cardápio após o garçom anotar e olhei para o Chris.

— Ah... — trincou os dentes. — Estou em dúvida se peço um filé mignon ou te acompanho na massa! — Respirou fundo. — O mesmo que a senhorita pediu —

falou olhando para mim me fazendo corar.

— Irei providenciar.

— Tá certo — Chris respondeu aguardando ele se afastar e pousou o olhar questionador sobre mim.

Fiquei aguardando suas palavras, não sabia o que falar, na verdade ainda pensava na conversa dele com o seu pai e me senti um pouco angustiada. Até que ele quebrou o silêncio.

— Então, Lucy, me fale um pouco de você, está conseguindo se adaptar a nova escola? — Franzi a testa percebendo que ele realmente queria começar do zero, mesmo achando estranho entrei na dele, de repente seria melhor assim, se ele não falou sobre a conversa com o pai, eu não entraria neste assunto, coloquei uma pedra em cima.

— Como eu disse antes, a mudança não foi nada fácil, embora eu devesse agradecer por não encontrar dificuldades nas matérias.

— Como assim? — ele perguntou com uma carinha tão fofa que eu ri e ele também.

— A cobrança é bem menor e tenho mais tempo quando não estou na escola, isso nunca acontecia quando estudava no seu colégio... — Ele interrompeu.

— Eu sinto muito a sua falta... — confessou.

— Ah, pare com isso, até parece que eu significo

alguma coisa...

— Pra mim você significa tudo e um pouco mais.

— Sério? — Ele concordou lindamente com a cabeça.

Eu o admirava cada vez mais, com toda a história de sua vida, ele então deu sequência à nossa última conversa, falou que a sua infância não foi uma das melhores, e que passou a maior parte dela consolando a sua mãe, tentando deixá-la um pouco menos triste. Mesmo seu pai trabalhando muito — afinal, a Construtora Caster se tornou uma empresa sólida graças a sua administração, e que oferecia bons custos-benefícios aos funcionários. Isso eu sabia, ganhei vários excelentes presentes de Natais da empresa. —, ele ainda arranjava tempo para uma vida paralela, onde desfilava por aí com mulheres mais jovens.

Ele me contava tudo aquilo com uma desenvoltura que me impressionou, seus olhos brilhavam de alegria quando comentava sobre os atos generosos da empresa com os funcionários. E me confidenciou que vários projetos que a empresa oferecia foi ideia dele. Ali eu descobri que o Chris tinha um enorme coração, ele só estava perdido sem saber o caminho a seguir na vida. Entre um beijinho aqui, um sorriso ali, ele contou quase todo o restante da sua vida. Quando chegou a minha vez de falar, o garçom voltou e entregou nossos pedidos.

— Nossa, este espaguete está o máximo! — disse

após comer a primeira garfada. Eu sorri e não comentei porque estava mastigando ainda. — Você sabe cozinhar, Lucy? — A pergunta era tão espontânea que eu o admirei, realmente estava sendo imparcial a tudo o que já nos aconteceu, iniciávamos mesmo uma nova história, pelo menos foi isso que achei quando, de repente, ouvi aquela voz pavorosa em minhas costas acompanhada do aroma do perfume maravilhosamente caro. Paralisei ficando em choque com o garfo parado no ar.

— Mas é claro que ela sabe cozinhar... — A Kate se sentou na cadeira vaga e me olhou com ironia, estava linda com um vestido branco solto no corpo e um brinco estupendo que ficou exposto quando ela colocou uma madeixa loura atrás da orelha. — Não é mesmo, Lucy? — A cara cínica dela me arrepiou, eu estava trêmula sem acreditar que tudo aquilo estava realmente acontecendo, abaixei o garfo colocando sob o prato. — Ela faz parte da classe operária, portanto não tem recurso suficiente para ter o luxo de possuir empregados para cozinhar e...

— Cale a boca, Kate — Chris a interrompeu batendo com os punhos fechados sobre a mesa, eu senti um rebuliço no meu estômago como se tivesse levado um soco.

— Por que vou calar a minha boca, querido? —Eu me mantinha muda, então eu o olhei com os olhos arregalados sem acreditar que a Kate estava realmente ali, me constrangendo, e desta vez eu não consegui me

defender.

— O que você está fazendo aqui? Eu posso saber? — Chris perguntou cruzando os braços e ela jogou a cabeça para trás numa gargalhada que me arrepiou. Percebi que todos ali no restaurante estavam curiosos olhando em nossa direção. Não só eu, mas o Chris também percebeu ao olhar em volta. — Você se acha tão chique falando alto demais desse jeito e dando um vexame destes... — Ela parou de rir de repente e desviou o olhar ao redor, depois voltou para mim de maneira estranha que até me deu medo, seus olhos estavam em um vermelho intenso sinalizando sua ira.

— Eu sei que você está só se divertindo — ela falava para ele sem desviar os olhos dos meus. — E não é a primeira vez. — Voltou a olhar para ele. — Mas eu perdoo você, sua traição...

— Mas do que é que você está falando, Kate? — Ela ameaçou segurar em sua mão sob a mesa e ele retraiu fugindo do toque. — Você é louca, nós nunca tivemos nada e nunca vamos ter, somos só amigos. Entendeu?

— Uma amizade colorida, você quer dizer? — Ele trincou os dentes, bufando.

— Como você é vulgar, garota...

— Ei, Chris, me escute, por favor — Kate insistiu. —, pare de ficar se fazendo de bonzinho, ficar fazendo caridade, isso não vai te levar a nada.

As palavras duras de Kate me atingiram numa intensidade que precisei fechar os olhos por um momento, eu não sabia o que dizer, me senti pequena diante da discussão que parecia de gigantes e quando abri os olhos dei um longo suspiro com o coração parado em minha garganta e não conseguia respirar.

— Ela não merece você, eu sou a pessoa certa, meu querido. Temos o mesmo nível social, eu nunca farei você passar vergonha e...

Sem reação e coragem de dizer algo, mesmo que eu quisesse as palavras jamais saíriam de minha boca porque estava me sentindo sufocada com o coração em minha garganta, suspirei longamente. Chris percebeu o meu nervosismo e apertou minha mão.

Eu não aguentava mais ficar ali ouvindo tantos desaforos e antes de lhe dar uma bofetada na cara, porque era isso mesmo que a intragável merecia, me levantei empurrando a cadeira que caiu no chão e saí correndo para evitar um vexame ainda maior num local tão refinado como era o restaurante. Antes de cruzar a porta de saída ainda pude ouvir os berros de Chris.

— CALE A MERDA DA SUA BOCA, NÃO AGUENTO MAIS OUVIR VOCÊ FALAR! — gritou tão alto que pessoas que passavam naquele momento na rua olharam em direção ao restaurante. Eu precisava fugir dali, me sentia uma intrusa entre os dois e corri por uma

rua qualquer, nem sabia para aonde eu estava indo, estava disposta a deixar tudo para trás mais uma vez.

— Lucy, por favor, espera! — Menos de um minuto depois eu ouvi a voz do Chris, algo me fez parar, eu não entendia muito bem que magnetismo era aquele que ele mantinha sobre mim, eu sabia que seria difícil, sabia exatamente o que deveria fazer, sair definitivamente da vida dele, isso se realmente eu quisesse paz.

Mas eu não entendia porque não conseguia me afastar, quanto mais eu tentava mais eu me aproximava e isso me deixava possessa. Eu me sentia uma fraca, o meu pai tinha razão, nós pertencemos a mundos diferentes. Eu me virei e me deparei com ele parado na esquina com as mãos esticadas em minha direção me chamando para os seus braços. Estremeci e tive o ímpeto de ir até ele e me jogar em seus braços, porque todo o meu corpo e a minha alma clamavam por ele, mas respirei profundamente para conseguir me segurar e permanecer distante.

— Talvez felicidade não faça parte do meu destino... Eu nunca terei paz. — Olhei para o céu antes de voltar para o olhar dele. — Essa garota vai estar sempre em meu caminho. Quem estamos querendo enganar? Você e eu nunca daremos certo, Chris, isso não daria certo, nunca... — Ele me interrompeu jogando a cabeça para trás num riso estranho.

— Como assim? Lucy, por favor, você não sabe o

que está dizendo, está nervosa. Eu entendo o que está sentindo porque se fosse comigo seria o mesmo, me lembro de quando a sua amiga me contou que iria encontrar o Flávio, eu simplesmente fiquei louco de ciúmes... — disse e um breve sorriso de satisfação cintilou em meu rosto quando então ele continuou. — Eu não sei o que aquela víbora veio fazer aqui e...

— Ela veio atrás do que ela ama, é isso que ela veio fazer aqui... — completei e ele caminhou em minha direção lentamente com um semblante triste e ainda com os braços estendidos.

— E você, Lucy, nunca se arrisca, nunca vai atrás do que ama? — Meu coração saltou em meu peito e um tremor tomou conta. — Porque eu te amo e muito... E não vai ser um simples obstáculo que vai me afastar. Eu quero e vou me arriscar, minha querida.

— Eu não sei... — Enquanto ele falava, eu me lembrei dos conselhos do meu pai e percebi que a Kate não era o nosso único problema. Coloquei minhas mãos na cintura. — Quer saber? — Ele deu mais um passo em minha direção fazendo meu coração gelar. — A Kate é o menor dos nossos problemas — falei e ele me olhou sem entender. — O seu pai é o nosso maior problema, ele nunca vai permitir você namorar a filha do seu funcionário...

— Para, por favor, de falar besteiras. Você é linda,

inteligente e ele sabe disso — suponho que ele tenha dito isso por causa do fato do seu próprio pai ter conseguido a minha bolsa de estudos.

— Como o meu pai disse, eu não sou a nora ideal para o seu pai, decerto ele já comentou sobre qual tipo de garota sonha para ser a sua esposa. — Ele deu de ombros balançando a cabeça discordando. Eu abaixei meu rosto fechando os olhos, essa frase parecia me distanciar ainda mais dele.

Mas graças a Deus eu estava enganada, senti o lado de trás de seus dedos acariciarem meu rosto e abri os olhos, ele estava ali, muito próximo de mim, me olhando com um sorriso perfeito, seus olhos brilhavam de emoção e enchiam meu coração de carinho e apoio.

— Ele vai entender... — Chris sussurrou colando sua testa na minha. — Você pode não ser a nora ideal, mas é a minha vida agora, me fez conhecer um lado que eu nunca vi antes, o carinho verdadeiro da família. Sabe? Quando estive na sua casa e vi seu pai ali preocupado dando conselhos do que poderia ou não dar certo, dando a você opções, eu vi o que é respeito de verdade, o que é ser uma família de verdade. — Ele riu em silêncio. — Confesso que fiquei com inveja. O meu pai é durão sim, eu já até me acostumei com isso, mas ele vai entender que agora eu encontrei o caminho certo, tenho vontade de crescer, construir uma família, a minha família, e é você quem está me dando essa oportunidade. Eu estou muito feliz e eu

tenho certeza de que ele vai entender e aceitar. Qual pai não quer ver a felicidade de seu filho? — Eu estava muito feliz com a sua declaração, mas não muito certa.

— Será, Chris? — indaguei num fio de voz.

— Vamos lá, meu anjo, só vamos saber se a gente arriscar... Arrisque-se, eu quero você... — Ele deu mais um passo chegando com o seu rosto perto do meu e beijou o meu pescoço, muito próximo a minha orelha. Eu estremeci com ele sussurrando no meu ouvido. — Eu amo você como nunca amei ninguém. Ah, vamos lá, não me julgue por ter nascido em berço de ouro, eu não escolhi isso... Eu preciso de você na minha vida, quero sentir o calor do teu corpo no meu e você? — continuou enquanto eu me derretia toda com os olhos fechados. — Eu quero que você surpreenda-me. Eu quero que diga que me ama...

Passou a língua no meu ouvido, me senti indefesa aos carinhos que me prenderam, só que ainda tinha a chance de fugir e ouvir os conselhos do meu pai, mas era impossível sair de perto dele, eu estava sem reação, apenas deixei ele continuar.

Ele entrelaçou a mão por minha cintura me puxando para próximo, muito próximo, e roçou seu corpo contra o meu, senti o seu membro rígido pulsante sob minhas coxas, eu me arrepiei, nossos lábios se tocaram devagar e pouco a pouco nosso beijo foi ficando intenso. Eu não resisti jogando a minha razão para o alto e deixando a

minha emoção falar mais alto.

— Eu amo você também, Chris... — disse com a voz embargada pela emoção e grudei meus braços em sua volta mordendo devagar seu lábio inferior. Ele gemeu alto e por um momento voltei à realidade lembrando que estávamos no meio da rua, mas quem disse que tive coragem de me afastar? Não, eu não podia mais ficar longe do Chris, eu queria e ia me arriscar. Ele passou a mão por cima dos meus seios e eu me arrepiei prendendo a respiração que ficou ainda mais ofegante e novamente senti a fisgada em meu peito, agora um pouco mais intensa.

Percebi que não era mais só uma pequena fisgada, e sim uma leve dor que passou rápido, ou eu me esqueci dela, sei lá. Suas mãos quentes desceram pela minha cintura e quando chegou ao meu quadril deu meia-volta, seus dedos longos e esguios se posicionaram no cós da minha saia e penetraram por dentro chegando ao elástico de minha calcinha. Novamente prendi a minha respiração pensando que alguém ali tinha que ter juízo e segurei em sua mão.

Não podíamos continuar com aquilo, estávamos indo longe demais, para quem estava em plena rua e com certeza havia olhos curiosos sobre nós. Encostei a minha testa na dele, e nossas respirações ficaram muito ofegantes, então senti dificuldade em falar e foi com muito esforço que sorri.

— Não podemos continuar isso aqui... Seria atentado ao pudor. — Ele riu entre suspiros.

— Você tem razão, é que eu não consigo resistir a você. Eu te amo. — Segurou em minha mão ao lado do meu corpo e apertou forte sem desviar sua testa da minha. Afastou-se um pouco de mim e me olhou profundamente. — Desculpe por ter estragado nosso primeiro encontro. Eu fiz você chorar e... — Balançou a cabeça e eu segurei em seu rosto com as duas mãos fazendo ele me olhar com tanto carinho que beijei sua face.

— Não vai inventar um novo primeiro encontro, pelo amor de Deus. — Tentei fazer cara de séria, mas explodi na gargalhada quando ele caiu no riso.

— Não... — Ele ria gostoso em minhas mãos.

— Você não tem culpa de nada... — Ele segurou firme em meu rosto e o beijou parando em meus lábios úmidos dando um longo e caloroso beijo.

— Olha como você me deixou, eu preciso ficar sozinho com você. — Pressionou ainda mais seu quadril no meu, sua excitação me deixou ainda mais louca.

Entrelacei os braços pelo seu pescoço, estava me sentindo completamente feliz e também era o que mais queria: estar com ele em qualquer lugar. Eu também precisava matar a fome que sentia dele.

— É o que eu mais quero... — confessei aumentando

a excitação nele que me apertava forte contra o seu corpo e, em seguida, pegou na minha mão me puxando em direção ao local que deixou o carro estacionado.

— Vem comigo. — Saímos correndo, rindo como duas crianças felizes e entramos no carro com urgência, ele ligou o carro e saiu cantando os pneus enquanto nossas mãos faziam a maior festa, uma alisando o corpo do outro. A coisa estava pegando fogo.

Paramos em frente a um flat em Alphaville, não muito longe do restaurante em que almoçamos, ele desligou o carro e me olhou profundamente, seus lábios estavam entreabertos e eu não resisti tacando um beijo quente. O encontro de nossas línguas causava uma explosão de excitação e sem dizer uma só palavra ele se afastou abrindo a porta e como um perfeito cavalheiro deu a volta abrindo a porta para mim.

— Senhorita, por favor...

Muito fofo. Suspirei e desci analisando a fachada do flat e meu queixo caiu pensando que se a fachada era daquele jeito, imagine o interior, aliás, Alphaville tinha um *glamour*, tudo ali tinha muito charme, sem contar o paisagismo da região que era algo indescritível. O Chris não se afastou e ficamos com os corpos colados. Ele riu enquanto passava o braço em volta da minha cintura e me arrastou em direção à porta, inclinei a cabeça contra o seu peito desfrutando do perfume maravilhoso. Como

imaginei, o hall era de um luxo só, todo em mármore crema marfil, os móveis escuros e bem sofisticados. Pedimos o quarto e quando caminhávamos para os elevadores, ele olhou para mim e suspirou.

— Você tem certeza? — a pergunta seguiu de um olhar tipo: se entrar comigo no quarto não tem mais volta.

Eu assenti e ele levantou a chave do quarto quando a porta do elevador se abriu e entramos rindo com as mãos dadas. No elevador só havia nós dois, o clima era demasiadamente quente quando ele olhou para a câmera e sorriu malicioso.

— Eu juro que se não estivéssemos sendo filmados agarraria você aqui mesmo. — Ficamos nos olhando.

— Então deixa eu me proteger — disse brincando e me afastando. Ele segurou meu pulso e eu estava com os braços moles totalmente entregues ao momento.

— Não foge de mim, Lucy, por favor — pediu me puxando e me abraçando forte como se eu estivesse querendo fugir.

O solavanco do elevador deixou as minhas pernas moles e me agarrei ainda mais nele, rimos e a porta do elevador se abriu, saímos abraçados. Ele me conduzia pelo corredor enquanto olhava o número do quarto na chave eletrônica.

— Por aqui! — Chris instruiu puxando-me pela

mão...

Quando chegamos ao quarto, ele sorriu e piscou para mim, eu estava tão ansiosa e tomada pela emoção que não pensava em mais nada, só em permanecer ao seu lado e que se dane a Kate, o seu pai e o mundo. Paramos na porta do quarto, que era o mais luxuoso do flat, ele colocou a chave eletrônica e destravou a porta olhando para mim com a mão no trinco.

— Eu quero ter certeza de que é o que você realmente deseja. — Colocou a mão em meu rosto me deixando emocionada com toda a sua preocupação.

— Isso é tão doce... Claro que eu quero! — falei com convicção.

— Desde quando nos esbarramos no colégio algo aconteceu comigo, tudo passou a ser muito intenso em minha vida, eu nunca me preocupava com nada e vivia os momentos. — Riu com pesar. — Erradamente causei dor a muitas pessoas, inclusive à minha mãe. — Ele levantou os olhos brilhando. — E agora com você eu sinto que preciso fazer a coisa certa e... — Eu o interrompi com um beijo intenso e o meu coração acelerou com as suas palavras. Ele sorriu com os lábios no meus e abriu a porta.

Entrei na suíte e fiquei boquiaberta com o quarto, era a primeira vez em toda a minha vida que eu colocava os pés num flat, havia uma cama de casal muito confortável

no tamanho *king size* e uma banheira de hidromassagem magnífica, só faltava mesmo as pétalas de rosas vermelhas, como nos filmes.

— Nossa, que quarto lindo! — disse pasma enquanto passava os olhos em cada detalhe. Chris se aproximou por trás e me abraçou pela cintura encostando sua ereção em minhas nádegas, senti uma contração quase que imediata em minha intimidade, eu estremeci fechando os olhos e mordendo o lábio inferior enquanto fazia movimentos leves, provocando-o. Ele inclinou o rosto pelo meu pescoço e mordeu o lóbulo de minha orelha.

— Eu quero que te fazer muito feliz, meu anjo — sussurrou, então levei as mãos para trás enfiando por baixo de seus cabelos e acariciei sua cabeça. Ele gemeu de prazer com o carinho e eu pude sentir toda a sua excitação.

— Só de estar com você aqui já me sinto realizada, algo que nunca senti antes. — A frase me fez lembrar que eu ainda era virgem, prendi a respiração e me afastei um pouco apreensiva.

Ele segurou em meu ombro e me virou de frente para ele colocando uma mecha de meu cabelo atrás de minha orelha e sorri sem graça, eu não sabia como informar que eu nunca tinha feito sexo com ninguém antes, ele inclinou a cabeça até o meu pescoço.

— Meu amor, eu não vou obrigar você a fazer nada

que não queira — ele sussurrou junto ao meu ouvido mordiscando minha orelha levemente. Continuou o seu caminho beijando meu pescoço e lambendo-o. O meu corpo inteiro reagiu àquelas carícias, um calor tremendo percorreu por ele, Chris aguardou pacientemente a minha resposta beijando inúmeras vezes o meu ombro.

— Não é que eu não queira, eu quero muito… — Respirei fundo buscando coragem para dizer-lhe. — É que eu nunca estive com ninguém, não intimamente... — Fechei os olhos me sentindo envergonhada e foi com os olhos fechados que continuei a falar. — É que eu… — Como é que eu contaria que era virgem? Por fim, neguei com a cabeça. — O problema é que eu nunca transei antes e... — Ele riu e me silenciou com os seus lábios úmidos e quentes.

— Você é virgem? Sério?

Eu assenti com a cabeça completamente encabulada e deitei a cabeça em seu peito, seu coração batia rápido. Ele segurou o meu rosto entre suas mãos e me fez encará-lo. Fechei os olhos e abri novamente, suspirando.

— Posso te contar um segredo? — Ele roçou em meu nariz com carinho e eu assenti com a cabeça positivamente. — Eu sempre sonhei em ser o primeiro com a mulher da minha vida. — A revelação era mais que uma declaração, eu senti uma euforia dentro de mim quebrando toda e qualquer barreira que ainda pudesse

existir.

— Oh Chris... — disse em um suspiro apaixonado, estava totalmente derretida.

Ele me encarou com um sorriso lindo e segurou em minha mão me levando em direção à cama e se sentou no pé dela. Eu me sentei em seu colo sobre o membro rígido o fazendo cerrar os dentes e me apertar com um sorriso malicioso no rosto.

— Eu preciso de você... — disse beijando meu pescoço e me deixando toda arrepiada, com fortes contrações em minha vagina, fechei os olhos...

— Eu quero fazer amor com você — eu disse e escondi o rosto na curva de seu pescoço.

— Verdade? — perguntou pressionando meu corpo para baixo me deixando enlouquecida, então joguei a cabeça para trás expondo o meu tronco, meus seios arfaram para cima deixando o colo à mostra. O Chris enfiou a cabeça entre eles e beijou, lambeu forte, apertei sua cabeça sentindo espasmos por todo o meu corpo.

Chris rolou me fazendo ficar debaixo dele, agora estávamos deitados. Ele me encarou com os olhos castanhos que estavam cintilantes. Percebi ternura neles, amor, alegria e muita excitação. Totalmente entregue àquele desejo que tomou conta de mim, fechei os olhos quando senti seus lábios em minha bochecha, foi descendo pelo meu pescoço e, em seguida, para o meu colo. Enfiei

as mãos por baixo de seus cabelos mantendo certa pressão de encontro a mim, não sabia ao certo o que fazer, mas eu sabia que queria muito continuar, estava literalmente nas nuvens. Muito lentamente suas mãos entraram por baixo de minha regata e ele foi levantando lentamente, estremeci e beijei seus lábios com fervor, mordi seu lábio inferior.

Meu gemido o deixou ainda mais excitado fazendo beijar e acariciar os meus seios por cima do sutiã, me empinei encorajando-o, deslizou a mão por baixo das minhas costas logo encontrando o fecho e abriu. Muito lentamente percorreu suas mãos pelas alças abaixando por meus braços, aumentando ainda mais minhas expectativas, suspirei tão alto que ele gemeu enfiando a língua em minha boca entreaberta.

Deslizou sua boca úmida para o meu queixo de encontro aos meus seios mordiscando com muito carinho quando arqueou o corpo e olhou com admiração para eles que estavam com os bicos rígidos implorando por seus lábios. Seu olhar era ardente de desejo me deixando louca. Ergui meus braços, segurando em sua cabeça, quando ele tomou um dos meus seios com a boca, gritei.

— Oh Céus, que gostoso! — ele sussurrou lambendo, chupando e mordiscando o bico do meu seio. — Você é muito gostosa, Lucy...

Meu corpo ferveu, fechei os olhos quando seus lábios abandonaram meus seios e caminharam em direção ao

meu abdômen, contraí meu corpo ao perceber o trajeto que seus lábios seguiam, levantou a cabeça e dali da minha cintura me olhou intensamente, olhava bem no fundo dos meus olhos, suspirando, seus olhos pediam permissão para continuar. Sem desgrudar os olhos, suspirei com expressão de safada e fechei-os, arqueando meu quadril de encontro ao seu rosto.

Ele sorriu baixinho, percebi que era de satisfação, ajoelhou-se em meio às minhas pernas e tirou a camiseta olhando dentro dos meus olhos e jogou em qualquer canto ali no quarto. Olhei para o seu peito nu e suspirei, era muito lindo, sem resistir a tudo aquilo, que era só pra mim, passei a mão por seu abdômen, o arranhando de leve. Ele soltou um gemido baixo aprovando minha ação e logo depois sorriu, abrindo o cinto e tirou a bermuda junto com a cueca libertando todo o volume.

Meus olhos saltaram, encantada, era a primeira vez que olhava para um pênis e fiquei surpresa com o tamanho. Libertei-me das minhas roupas e ele foi escorregando, abriu minhas pernas um pouco mais, quando então seus lábios me alcançaram, senti sua língua procurando passagem para entrar em mim, sentia espasmos, meu coração saltava em meu peito e minha respiração ficou ofegante quando circulou ao redor. *Nossa, que delícia, eu nunca senti algo assim antes.* Cerrei os dentes arfando o peito e levantando o quadril para a entrega total, meu corpo estava todo arrepiado,

sentia muito desejo.

Sua língua massageava cada canto de minha intimidade, depois a penetrou sem encontrar restrições, estava desesperada querendo mais, muito mais. Eu parecia uma dinamite que iria explodir a qualquer momento, logo minhas pernas foram ficando bambas com os espasmos cada vez mais fortes. Segurei forte no lençol de puro prazer. A sensação era deliciosa. Com a sua língua dentro de mim, ele sorriu me olhando por cima dos olhos, neste momento o puxei para cima. Ele veio muito devagar, beijando meu púbis, subiu por meu abdômen e chegou aos meus seios, desta vez sua boca massageou com força e me deu um prazer indescritível. Continuou subindo quando o seu membro volumoso e duro encostou-se na minha entrada que estava completamente encharcada. Ele gemeu alto enfiando a cabeça na curva do meu pescoço.

— Que delícia... Você é tão macia. — Ele passeou com as mãos na lateral de meu corpo.

Virei a cabeça para o lado procurando desesperada por seus lábios e quando o encontrei ele sugou os meus no mesmo desespero, desci minhas mãos na lateral de seu corpo até o quadril e sem vergonha nenhuma segui em direção ao seu pênis o segurando com força fazendo movimentos fortes, porém lentos. Chris soltou um gemido abafado e sussurrou:

— Eu amo você... demais... — Seu quadril começou

a mexer freneticamente com os movimentos de minhas mãos enquanto foi me beijando e que beijo maravilhoso!

Ansiosa e excitada, involuntariamente como necessidade girei com ele na cama, por cima eu comecei descer com a língua até a sua ereção pulsante, ereta. Peguei-o em minha mão antes de lambê-lo lentamente da raiz às pontas. Minha língua movia e rodava em torno da cabeça. Chris gemeu.

— Isso é muito bom, meu amor.

Naquele momento, acariciando-o com a boca, eu senti uma sensação de liberdade, não havia mais vergonha, não havia mais medo e aquele prazer eu transmiti quando o deslizei em minha boca. Chris rosnou baixinho ofegante e arqueando seus quadris, fazendo-me tomar mais profundamente. Deslizava para dentro e fora, chupando com vontade a borda de sua cabeça. Cada vez que o fazia, ele gemia de prazer.

— Puxa!

Seus dedos enredaram em meus cabelos quando aumentei o ritmo, em seguida me puxou pelo ombro de volta. Dessa vez, sem pressa, suas mãos passeavam livres pelo meu corpo suado e as minhas por suas costas, e seus ombros largos tão suados quanto os meus.

Nossos corpos ardentes gritavam e precisávamos terminar com aquilo, ele me girou na cama e ficou sobre mim e olhou em meus olhos com tanta ternura e excitação

que eu mesma segurei em seu pênis direcionando entre meus lábios vaginais, circulando-o no líquido quente do meu desejo, com muita sede dele, não havia mais tempo para preliminares.

— Ah! — gemi. Ele me penetrou devagar para não me machucar e quando estava todo dentro de mim dei um grito de dor.

Seu beijo me fez calar e com movimentos leves de vai e vem comecei a ver estrelas, esquecendo-me completamente da dor. Ele saía e entrava de dentro de mim enquanto eu estava com a sensação de dor e prazer ao mesmo tempo, então enfiei as unhas em suas costas fazendo-o gemer alto.

— Ohhhh... Você é deliciosa, Lucy...

Entrelaçamos as mãos, o abracei com as pernas apertando com força, ele foi aumentando o ritmo dos movimentos, sempre alternando entre os lentos e os mais rápidos, eu sentia sua ereção me preenchendo cada vez mais e aquela sensação me deixou louca, eu não pensava, não era mais dona de mim, o meu corpo comandava tudo. A respiração do Chris era ofegante como a minha, o nosso suor se misturou com os beijos descontrolados pela excitação do momento. Estava fora de mim e gritei, gemi muito alto com fortes contrações de espasmos e senti seu pênis contrair também, logo depois meu coração acelerou e senti uma avalanche dentro de mim, uma sensação

maravilhosa, sabia que estava chegando ao ápice daquele relacionamento quando então ele gritou e gemeu alto.

— Ahhhhh... Céus...

Ficamos em silêncio por alguns segundos ouvindo os ruídos de nossas respirações. Ali, naquele momento, eu vi que não havia mais volta, o meu corpo pertencia a ele, o meu coração, a minha alma... O futuro que eu não via mais retornou com tudo, agora eu tinha um futuro e não um futuro qualquer, sentia algo intenso dentro de mim que eu não sabia como explicar, algo bom. A adrenalina varria ondas violentas pelo meu corpo. Fechei meus olhos com um suspiro longo e a lembrança que não nos protegemos me deu um frio na barriga.

Contraí o meu corpo e me arrastei na cama para sair debaixo dele e olhei para o teto me sentindo preocupada. Ele franziu a testa se virando de lado e apoiou a cabeça na mão. Desviei o olhar em sua direção e me deparei com aquele rosto com a barba por fazer, fechei os olhos rapidamente com um leve sorriso. “Como ele é lindo!”, passou pela minha cabeça quando ficou sério.

— O que foi, não gostou? — Cobri meu rosto com as mãos, envergonhada por deixá-lo confuso.

— Desculpa — falei abraçando seu pescoço e beijando seus lábios, mas ele ainda me olhou confuso. — Foi maravilhoso, é que nos esquecemos de nos proteger. — Senti um arrepio percorrer minha espinha.

Ele abriu um lindo sorriso e me beijou com tanto carinho que, maravilhada, fechei os olhos com a sensação que percorreu o meu corpo, senti minha alma flutuar.

— Não se preocupe tanto, meu amor...

— Claro que devemos nos preocupar, Chris, já pensou se engravido? — Sorrindo, ele tocou em meu rosto com seus dedos. Ele se sentou na cama e coçou a cabeça.

— Quando a gente estiver indo para casa paramos na farmácia. A pílula do dia seguinte vai ajudar.

— Será? — Eu sentia um enorme medo naquele momento e me sentei no pé da cama, frustrada.

— Você se arrependeu? — Ele enlaçou a minha cintura, me arrastou sobre os lençóis colocando sobre seu corpo e me abraçou forte depositando um beijo na minha jugular. Deitei a cabeça em seu peito e fiquei ouvindo as batidas do seu coração por alguns segundos antes de responder:

— Não se trata de arrependimento, Chris... — Ele beijou minha face. — Amei que você tenha sido o meu primeiro, foi tudo tão perfeito... — Seus dedos acariciavam meu rosto.

— Agora não adianta mais chorar pelo leite derramado, já aconteceu. Se acontecer de ficar grávida, a gente vê o que faz.

Ele falou de um jeito tão sincero e seguro que

suspirei relaxando os músculos que começavam a ficar tensos, agora eu só podia rezar e nada mais. “Bem, ainda tinha a pílula, quem sabe!”, pensei. Ainda com os dedos em meu rosto ele se aproximou e beijou minha testa, depois o meu nariz, em seguida os meus lábios, e eu me arrepiei dos pés à cabeça.

— Foi lindo! — ele disse quando seus olhos se encheram de lágrimas e me abraçou forte. — Estou muito, muito feliz, obrigado — ele me agradeceu, o gesto me deixou emocionada e com a respiração ofegante beijei o seu pescoço.

Ficamos assim por longos minutos até que ele deitou, me jogando ao seu lado e apoiou a minha cabeça em seu peito. Fiquei ali, deitada, com os olhos fechados recordando o momento inundando o meu ser, senti um cansaço em meu corpo, mas estava feliz, embora preocupada, mas plena demais porque a minha primeira vez foi com alguém que eu amava e foi com essa sensação de realização que adormeci.

Capítulo Quatorze

Acordei com o Chris acariciando meu rosto, abri os meus olhos lentamente e ele sorriu.

— Acorda, dorminhoca, preciso te levar para casa.

Respirei fundo me sentindo completamente leve, por um momento eu esqueci que não estava no conforto de minha cama e sim no flat. Em seguida, a lembrança me bateu, virei a cabeça em direção à janela e vi que estava escuro lá fora, entrei em pânico ao me lembrar que os meus pais deveriam estar bem preocupados comigo. Sentei na cama com os olhos saltados.

— Preciso ir... — Ele se sentou ao meu lado e com a maior calma me surpreendeu ao me abraçar forte.

— Calminha, não são nem sete horas da noite ainda. — Realmente em se tratando de horas tinha que concordar com ele, sete horas da noite ainda era cedo, então relaxei, ainda tínhamos muito tempo. — Eu não quero ficar sem você, por favor, não se apresse para me deixar sozinho — ele disse ao inclinar a cabeça e me abraçar intensamente.

— E quem falou que eu quero? A sua companhia faz

eu me sentir completa — confessei e ele beijou meus lábios enquanto passeava com as mãos em minhas costas nuas.

— Então, agora o nosso namoro é oficial? — ele sussurrou ao meu ouvido enfiando a língua em seguida me fazendo arrepiar.

— Muito oficial — respondi num fio de voz em meio ao suspiro, então ele segurou em minha mão e lentamente deslizei-a até seu membro extremamente rígido, eu apertei levemente mordendo o lábio inferior e ele encolheu o ombro e sorriu malicioso.

— O que foi, está com tesão, meu amor? — A minha excitação aumentou com a pergunta e cerrei os dentes com a sensação maravilhosa.

Ele foi me deitando e se deitando sobre mim, com as suas pernas afastou as minhas e posicionou seu membro no centro de mim e, em seguida, gemeu ao sentir que eu estava completamente molhada. Eu soltei um gritinho abafado com a sua ereção e ele afundou a cabeça na curva de meu pescoço mordiscando minha pele do pescoço e o lóbulo de minha orelha. Completamente entregue à emoção, eu o agarrei com as mãos afundando as unhas em suas costas e pressionando seu corpo sobre o meu.

— Seu cheiro é muito bom, Lucy — murmurou. — Sua pele é macia. Eu nem acredito que você é minha... — Uma lágrima de felicidade saltou de meus olhos e mesmo

com tanto prazer exalando de meus poros ainda consegui encontrar humor.

— Você é um ladrão, Chris! — Ele me olhou surpreso. — Roubou o meu coração. — Ele sorriu tão lindamente que mordi seu lábio levemente e puxei.

— Então eu sou o maior, o melhor dos ladrões... Roubei uma joia rara. Promete que nunca vai me denunciar... — disse com humor em meio a excitação em seus olhos famintos.

Eu balancei a cabeça em sinal negativo com um leve sorriso nos lábios.

— Nunca...

Não pude dizer mais nada, as minhas palavras foram abafadas com os seus lábios que cobriram os meus num beijo ardente, úmido, nossas línguas brincavam e nossos corpos, que se desejavam, se agarraram ainda mais. Quando então, mais uma vez, ele se declarou.

— Eu amo você... — sussurrou enquanto esticou o corpo em direção ao criado-mudo e abriu a gaveta pegando um preservativo. — Se vai te deixar mais tranquila! — Ajoelhou no meio das minhas pernas e colocou muito rápido.

Respondi abrindo minhas pernas dando passagem a ele, a minha necessidade era muito grande de estarmos ligados a um só corpo, não tinha tempo para preliminares

e quem precisava delas? Estava tudo tão certo, encaixado, tudo tão pronto... Ele cobriu meus lábios intensamente e com um carinho incomum agarrou a minha cintura e eu a sua nuca, então me penetrou devagar me torturando maravilhosamente. Nossa, eu estava nas nuvens com tanto prazer.

Eu desci a minha mão para a sua bunda apertando com vontade. Ele gemeu, então apertei novamente pressionado seu corpo, neste instante ele acelerou os movimentos penetrando mais fundo e com mais força me fazendo gritar de prazer. Aumentando ainda mais o ritmo seu membro se expandia dentro de mim, então desacelerou tirando seu pênis e, em seguida, colocando com tudo, indo até o fundo e voltando, fazendo com que eu gemesse, e me levou à loucura quando enfiou sua mão entre a gente indo em direção ao meu clitóris massageando ao mesmo tempo que fazia o movimento de vai e vem do seu membro dentro de mim. Aquilo foi demais... Não demorou muito para surgirem espasmos, eu saí de mim, me entregando de corpo e alma, gritei, gemi e também agarrei seu membro com força fazendo o mesmo movimento de quando ele estava dentro de mim.

Nossos lábios permaneceram colados num beijo intenso quase na mesma intensidade de nossos movimentos, eu me movimentava rapidamente embaixo dele e em um determinado momento ele se soltou dos meus lábios e foi com a boca em meu seio engolindo com

vontade, gemíamos em sintonia chegando ao orgasmo juntos, gritando ao mesmo tempo. Ele se jogou ao meu lado, ofegante e ficamos um tempo sem falar nada, só tentando acertar a respiração.

— Chris? — quebrei o silêncio. Ele virou a cabeça para o meu lado e sorriu cansado, exausto, mas com a expressão de realização, sim eu percebia felicidade no seu semblante e aquilo me deixou ainda mais apaixonada e me deu certa insegurança ao me lembrar do seu pai. — Acha mesmo que este nosso relacionamento pode dar certo? — Ele me beijou na testa.

— Depois do que vivemos aqui neste quarto, você ainda tem dúvidas? — respondeu com outra pergunta. Percebi que ele desviava o assunto e por este motivo resolvi deixar pra lá, eu o queria e para tê-lo, só me arriscando mesmo. Neguei com a cabeça e olhei em direção à janela, o escuro me fez lembrar de que era hora de ir. Suspirei realizada deixando um leve sorriso se abrir feliz com o nosso amor, ia levantando quando ele me abraçou pela cintura. — Por favor, vamos passar a noite, juntos — ele pediu com voz de choro. Afastei com cuidado os seus braços e me levantei da cama.

— Bem que eu gostaria, mas o que falaria aos meus pais? *Olha, pai e mãe, eu não voltei para casa porque passei a noite toda transando com o Chris!* — Eu me imitei dando desculpas para o meu pai e rindo com muito humor, ele riu também, em seguida se levantou com

beicinho.

— Eu também queria muito tomar café da manhã com você. — Abraçou-me por trás quando senti sua ereção tomando forma e me afastei de um jeito divertido.

— Ei, ei, Sr. Delícia, é melhor não se encostar em mim. — Ele soltou o ar com força soltando os braços na lateral do corpo e, em seguida, sorriu.

— Tudo bem, eu não vou mais me encostar em você. — Aproximou-se me dando um leve beijo nos lábios e eu estremeci. — Mas deixemos bem claro que é por ora... — Inclinou a cabeça com um sorriso divertido que eu não aguentei e beijei rapidamente sua bochecha. O meu celular começou a tocar e fiquei meio perdida tentando me recordar de onde eu tinha colocado até que me lembrei de que estava no bolso da calça, corri para pegar.

— Deve ser o meu pai — cochichei e atendi rapidamente. — Oi, pai. — Chris acenou que iria tomar banho e me deixou sozinha no quarto. — Está tudo bem sim... Desculpa, eu me esqueci de ligar, pai, é que passamos na casa de amigos e ficamos aqui conversando, mas daqui a uma hora, no mais tardar, estarei em casa. Fica tranquilo... Eu também te amo... — Quando desliguei fui até o banheiro e abri a porta, o chuveiro deveria estar bem quente, pois o vapor tomou conta de todo o ambiente, e entrei brincando. — Nossa, onde você está? — Ele riu animado.

— Engraçadinha... — Ao me aproximar do boxe suspirei ao vê-lo com o corpo ensaboado.

— Não acha que essa água está muito quente? — Ele levantou os olhos e torceu a boca.

— Acho que tem razão, eu deveria estar é debaixo de água fria para apagar o fogo que está dentro de mim — falou abaixando os olhos para o seu membro rígido e fez carinha de tarado, me fazendo cair na gargalhada.

— Pelo amor de Deus, Chris, o meu pai está me esperando em casa, não temos mais tempo para isso. Desse jeito, ele vai ficar desconfiado. — Ele deu de ombros.

— É, tem razão, não quero me indispor com o seu pai. Mas, pelo menos, entre e tome um banho que precisamos limpar o grude do suor que ficou pelo nosso corpo. — Olhei para ele meio que na dúvida, seus dois dedos indicadores se cruzaram, em sinal de juramento. — Eu juro que não vou tocar em você... — Embora seu sorriso fosse malicioso eu aceitei, mas antes procurei uma touca para não molhar os cabelos.

Senti as mãos fortes do Chris me abraçando pela cintura, estava com a bucha cheia de sabão e começou a esfregar minha barriga com sensualidade até chegar ao meu púbis e senti seu membro pulsante em minha bunda, joguei a cabeça para trás enfiando as mãos em seus cabelos.

— Ah... Chris, você prometeu...

Ele deu beijos em meu pescoço enquanto eu me derretia, gemia de prazer com os seus carinhos calientes com o meu corpo todo arrepiado... Ele segurou em meu ombro e me virou de frente me beijando carinhosamente.

— Só de pensar que daqui a pouco vamos nos separar, cada um para sua casa, eu sinto um vazio tão imenso. — Concordei com a cabeça.

— Eu me sinto assim também...

— Eu não quero mais perder tempo, quero curtir cada momento com você... — Beijou meus lábios rapidamente e eu suspirei emocionada, sem acreditar ainda que estava ali nos braços dele e ainda recebendo uma enxurrada de declarações de amor. — Quem diria, Lucy, estudando juntos há anos e só agora eu percebo você de verdade, acho que a minha cegueira foi curada. — Sorriu com muito humor e eu ri agarrando-o pelo pescoço. — Demorou tempo demais! — concluiu.

— Eu não sei se teria dado certo se a gente se descobrisse antes... — Minhas mãos passeavam por seu peitoral lentamente deixando seu corpo totalmente arrepiado. — Acho que tudo tem o tempo certo para acontecer, inclusive este nosso amor. — As suas mãos estavam na minha nuca fazendo um carinho gostoso.

— É, talvez eu tivesse que aprontar muito na vida antes de conhecer você. — Senti certa tristeza em sua voz

e beijei seus lábios levemente quando percebi seus olhos marejados e o olhei com ternura. — Eu não tenho orgulho do que fiz, não tem um dia que eu não me arrependa, desde que conheci você de verdade — frisou.

— Olha só, o grande e poderoso Chris abrindo o seu coração — disse com humor quando ele sorriu envergonhado. — Desculpa, estava só brincando. — Apertei-lhe a bochecha levemente. — Quer saber? Esqueça o passado, o que já passou, passou... — tentei animá-lo.

— Acho que faltou tudo para mim, o amor do meu pai, a minha vida toda sonhei com um tipo de carinho que presenciei em sua casa. — Toquei em seu rosto com a parte de trás dos meus dedos quando ele segurou minha mão e virei a cabeça, o beijando inúmeras vezes. — Tem razão, o que passou, passou... Como você disse, a gente não pode mudar o passado, mas podemos reescrever um novo futuro. — Sorri quando ele segurou em minha cintura suspendendo-me do chão. — É isso que eu quero daqui por diante, reescrever um novo futuro junto com você. — Beijou-me novamente e eu fechei os olhos. — O nosso futuro...

Durante todo o caminho de volta à minha casa conversamos muito sobre tudo, coisas do cotidiano, amigos, nossas famílias, era incrível o magnetismo entre

nós, ele contava tudo de sua vida e eu da minha sem medo do que um ia pensar do outro. Era como se a gente já se conhecesse há muito tempo e não poderia ser difícil de expor. Até os motivos que o levaram a ter problemas com a polícia ele contou em detalhes, fiquei superfeliz quando vi que nenhuma das vezes foi grave. Senti que toda a rebeldia na verdade foi a forma que ele encontrou de chamar a atenção do seu pai.

O Chris estava muito animado até que nos aproximamos da minha casa e vimos um carro parado em frente ao meu portão com um homem do lado de fora encostado na porta do carro e de braços cruzados. Eu não reconheci, mas o Chris com certeza sim porque o seu semblante mudou completamente e eu poderia afirmar que ele ficou assustado.

— Olha o meu pai. Mas o que ele está fazendo aqui? — Seu tom era tenso e eu gelei ao pensar o que o senhor Pablo estaria fazendo na porta de minha casa. A julgar que o quintal estava escuro e a porta fechada, deduzi que não foi o meu pai que ele foi procurar.

Chris tremia, eu pude perceber em suas mãos quando pousou rapidamente em minha perna antes de descer. Eu desci logo atrás dele com o meu coração acelerado, estava com medo, realmente muito nervosa ao perceber a expressão fechada do senhor Pablo. Os olhos castanho-claros muito parecidos com os olhos do Chris fitavam-me com ódio, eu me arrepiei. Os seus cabelos castanho-

escuros com alguns fios brancos e curtos estavam desalinhados e a camisa estava para fora da calça, sua aparência era de alguém muito nervoso.

— Pai... O que você está fazendo aqui? — perguntou parando em sua frente, seu pai lançou um olhar apertado em minha direção me deixando constrangida. Respirei fundo quando ele voltou o olhar vermelho, cheio de raiva, para o Chris.

— Quando a Kate me contou que você estava junto com essa moça — Acenou com a cabeça em minha direção, aquele gesto me fez desmoronar, principalmente ao ouvir o nome da Kate, senti um aperto em meu coração e novamente a fincada que me fez prender a respiração, muito parecida com uma dor, mas graças a Deus foi rápida e tudo voltou ao normal. — eu duvidei. — Ele continuou pausadamente. — E precisava ver com os meus próprios olhos para acreditar.

— O nome dela é Lucy, pai... — Chris interveio com voz decidida, firme.

— Eu sei como ela se chama... — falou ignorando-me com uma arrogância que me assustou, como se eu não fosse ninguém, sequer olhou em minha cara. — Vamos embora, filho, você não tem nada para fazer aqui e...

— Pode parar por aí, por favor — interrompeu Chris com a voz áspera que me fez arrepiar, eu entreabri os lábios para pedir-lhe calma, afinal de contas ele não

estava falando com qualquer pessoa, e sim com o seu pai. E uma coisa que o meu pai me ensinou é que sempre devemos respeitar nossos pais, e outra é que eu não queria ser o motivo para o desentendimento deles, não mesmo, mas Chris foi rápido ao responder: — Vá embora você, aliás, não sei por que veio até aqui — falou desafiando-o.

— O que acha que eu vim fazer? Tirar você de uma fria, meu filho, é o dever dos pais protegerem os seus filhos e...

— Cale a boca, eu não vou admitir que fale assim da Lucy, ela é a minha namorada e eu exijo que a respeite.

— Seu moleque. — Sua voz era severa e levantou a mão para bater em Chris quando eu, desesperada, segurei no braço do Chris o afastando do pai.

— Não, Chris, por favor. — Ele suspirou profundamente passando seu braço pelo meu pescoço e fitou o senhor Pablo o enfrentando abertamente.

— O que foi? Quer me bater, acha que eu ainda sou uma criança, não é? Esqueceu que eu cresci e tenho vontade própria. — Com a mão livre bateu no ombro do pai. — Eu sou dono do meu próprio nariz.

O senhor Pablo parecia dominado por algo sobrenatural, percebi seus olhos vermelhos e uma linha severa em sua boca como se quisesse matar... Seu olhar era assassino e me arrepiei abraçando forte à cintura do Chris, que desviou rapidamente a cabeça me fitando como

quem diz: “Fica calma!”. E, em seguida, retornou ao ouvir a voz debochada do pai. Ele me media da cabeça aos pés deixando clara a sua impressão sobre a minha pessoa.

— É, acho que eu entendo você! — Havia ironia em sua voz. — Como resistir a uma doçura desta?! Linda, aliás, como você ficou linda, menina... — disse olhando diretamente nos meus olhos. E como ele me olhava cínico! — Eu não vou atrapalhar a sua conquista. De jeito nenhum, nós temos o direito à diversão e assim que se satisfizer vai cair fora, não é mesmo, filho? — Jogou a cabeça para trás com uma gargalhada diabólica. Aquelas palavras pareciam uma faca afiada que eu senti entrando em meu coração causando o maior estrago lá dentro.

— Sai daqui, senhor Pablo, SAIA DAQUI! — Chris gritou, bravo.

Eu me afastei encostando ao portão, pálida como cera, sem conseguir respirar quando o senhor Pablo saiu balançando a cabeça, inconformado. Deu a volta no carro luxuoso, entrou e saiu cantando os pneus, as luzes de minha casa se acenderam e os meus pais logo surgiram na porta.

— Lucy! — chamou minha mãe, mas eu não tive forças para responder algo, não estava bem, não conseguia respirar com uma forte dor no peito.

— Lucy, você está... meu amor... — Chris me abraçou e fitou-me intensamente. — Você esta pálida. —

Eu só consegui negar com a cabeça e minha mãe percebeu que algo estava errado, correu até o portão para abri-lo e me abraçou ajudando a entrar. Meu pai caminhava ao nosso lado.

— O que aconteceu? — ele perguntou assustado para o Chris quando me viu passando mal.

— Aquele velho do meu pai foi muito grosseiro com ela. — Assim que me sentei no sofá, minha mãe me abanou.

— Querido, pega um copo de água com açúcar rápido — pediu sem parar de me abanar.

— Vou te levar ao hospital — sugeriu Chris se sentando ao meu lado com os olhos arregalados, apavorado. Meu pai entregou o copo com água e bebi devagar respirando com calma e, aos poucos, a dor diminuiu e tudo voltou ao normal. — Acho melhor irmos ao hospital — insistiu.

— Não é preciso — disse por fim. — Acho que foi a emoção que me deixou assim. — Abaixei os olhos porque, no fundo, eu concordava com o seu pai, nossos mundos estavam distantes, ele nunca me aceitaria, eu entendia que investiu forte no filho e com isso fez planos audaciosos, eu estava interrompendo uma carreira que o pai traçou para ele. Não era justo, mas agora o que eu fazia? Pensei por um momento em me afastar, talvez fosse a coisa certa a fazer, e como eu faria isso? Agora que me

entreguei de corpo e alma. *Meu Deus!* Abaixei a cabeça mais uma vez cobrindo o meu rosto com as mãos.

— Você está bem mesmo? — Chris beijou minha cabeça com carinho, realmente ele parecia gostar muito de mim... Eu levantei a cabeça secando as lágrimas.

— Talvez o seu pai esteja certo e... — Ele me interrompeu com um beijo.

— Não diga mais nada... — pediu segurando o meu rosto e me forçou a encará-lo. — Ele está errado, eu asseguro para você, ninguém vai separar a gente. Eu te amo. — Beijou meu rosto todo. — Estamos juntos e misturados. — Acabei rindo pensando em como ele ainda conseguia encontrar humor depois de tudo. Meu pai se sentou na poltrona à nossa frente enquanto Juninho sentou ao seu lado.

— Pai, por que a Lucy está assim? — Meu pai coçou a cabeça dele.

— Não foi nada, meu filho, vai lá para o seu quarto, por favor, eu preciso conversar com a sua irmã e olhou para minha mãe, que entendeu de imediato o que ele pretendia.

— A mamãe sobe com você. — Pegou em sua mão e subiram as escadas.

— Eu sabia que essa história acabaria assim, esse relacionamento nunca daria certo... — disse meu pai

assim que ouviu a porta do quarto se fechar com uma expressão muito preocupada. Chris se levantou e caminhou de um lado ao outro, parecia transtornado.

— Não me venha com sermões desta natureza, senhor Marcos. O meu pai não é, e nunca será dono do mundo, ele não pode escolher o meu futuro, o máximo que ele pode fazer é aconselhar-me. — Parou e fitou meu pai com sinceridade. — Como o senhor fez com a Lucy quando me viu aqui na sua sala pela primeira vez. Admirei a sua atitude, um pai de virtudes. Em nenhum momento você agiu com grosseria, alertou-a, é claro, com o seu ponto de vista, que, afinal, não poderia ser diferente em relação a um pai como o meu, e com os meus inúmeros erros. Eu senti muita inveja ao ver que a Lucy tem um pai de verdade, um pai que ficou ao lado dela e em nenhum momento a humilhou. Vocês formam uma linda família, uma família que eu nunca tive.

Meu pai me olhou, eu não tinha olhos para ele, estava ali atenta, sem querer perder nenhum detalhe do desabafo do Chris, e percebi que aprendia muito com ele, as suas palavras eram sábias demais, me faziam enxergar coisas que sempre estiveram ao meu lado e eu nunca parei para perceber, o quanto realmente os meus pais eram maravilhosos, independente da vida simples que levávamos, nós realmente éramos muito felizes. Ele se levantou e deu alguns passos parando em frente ao Chris que o encarou.

— Não importa o que ele diga ou faça, ele sempre será o seu pai. — Respirou fundo antes de continuar: — Coloca-se no lugar dele... — Chris arregalou os olhos e balançou a cabeça negativamente de forma frenética.

— Se eu estivesse no lugar dele eu faria tudo diferente do que ele faz, suas atitudes são cruéis. Em primeiro lugar respeitaria a mulher admirável que vive ao seu lado dentro de casa. Ele nunca deu o valor que minha mãe merece, muito pelo contrário preferiu sair por aí com vagabundas, você não imagina como a minha mãe sofreu quando descobriu que ele tinha uma filha bastarda. — O seu desabafo calou o meu pai e emocionou a mim e a minha mãe, que parou no último degrau da escada.

— O que eu posso dizer? Se realmente é o que querem, ficar juntos, então vocês têm a minha bênção. — Abriu os braços nos chamando para um abraço. Levantei-me e corri para o abraço do meu pai, minha mãe fez o mesmo ao entrar na sala e se emocionar. Chris sorriu em silêncio e me abraçou pelo ombro.

— Então, já que o assunto está resolvido, vamos comemorar — sugeriu minha mãe se afastando e caminhando em direção à cozinha. — Vou preparar um lanche para nós. Estão com fome?

A simples menção da palavra lanche fez meu estômago roncar me fazendo lembrar de que estava com muita fome e não pude deixar de fazer a minha tradicional

piadinha, pois eu sabia que naquele horário seria meio difícil.

— Quero comer costeletas de porco... — tentei falar sério, mas foi difícil com os três me olhando surpresos e minha mãe piscou.

— Só se você me arrumar costelas. — Chris cutucou nas minhas costas. E saímos rindo para a cozinha e os dois vieram logo atrás.

Confesso que, apesar de toda a demonstração de carinho que o Chris declarou por mim, eu ainda, lá no fundo, tinha uma pontinha de medo, de que quando ele chegasse em casa o seu pai fizesse a sua cabeça o convencendo a se afastar de mim. Era uma certa insegurança que permanecia comigo. Mas eu me enganei, o Chris cumpriu sua promessa de ficarmos juntos para sempre.

***

Eu me assustei sentando na cama com os olhos arregalados quando a campainha tocou no dia seguinte, era domingo, senti um gelo na barriga ao me lembrar da pílula do dia seguinte levei as mãos à cabeça apavorada, esqueci completamente de passar na farmácia. Olhei para o relógio e os ponteiros indicavam cinco horas da manhã. Levantei-me, peguei o roupão atrás da porta e desci sendo a primeira a chegar à sala e antes de abrir a porta eu olhei pelo olho mágico e me surpreendi ao ver o Chris bem à

vontade. Ele vestia uma regata branca, uma bermuda laranja e belo óculos escuros, apesar de ainda estar amanhecendo o sol apontava no horizonte com a promessa de que o calor iria ser grande.

— Quem é, Lucy? — Ouvi a voz de minha mãe abafada vindo da escada, virei e ela bocejava.

— É o Chris — respondi antes de abrir a porta e o Juninho surgiu no pé da escada. Abri surpresa com ele naquele horário em minha porta.

— Bom dia, minha querida. — Ele abriu um sorriso escaldante e beijou minha bochecha. Eu suspirei com o perfume leve que senti em sua pele e não poderia ser diferente, uma emoção tomou conta de mim, um carinho tão grande que, sem resistir, me atirei em seu pescoço. Ele me abraçou pela cintura enfiando a cabeça na curva do meu pescoço. — Senti muita saudade — sussurrou ao meu ouvido e suspirei me afastando ao me dar conta de que não estávamos sozinhos.

— Não acha que é muito cedo ainda para visitas? — perguntou minha mãe num tom áspero e com a expressão dura.

Eu corei de imediato me sentindo envergonhada, mas o Chris me surpreendeu quando abriu um sorrisão e entrou caminhando elegantemente indo em direção à minha mãe na escada se curvando em sua direção.

— Mil desculpas pelo horário, dona Lillian —

desculpou-se com uma cara de arrependido, que eu não consegui me segurar e ri em silêncio, então ele se virou para mim e piscou. — A culpa não é só minha não. — Balançou graciosamente a cabeça em sinal de negativo. Eu me aproximei sem entender e fiquei ao seu lado, então ele passou a mão pelo meu ombro. — Acontece que a sua filha desliga o celular sempre quando a gente precisa falar com ela.

Fechei os olhos mordendo os lábios, ele tinha razão o meu celular acabou a bateria quando eu já estava deitada, e quem disse que eu me levantei para carregá-lo? A preguiça falou mais alto...

— Está sem bateria — falei sem graça. Ele me olhou e voltou para a minha mãe.

— Está vendo só, dona Lillian, como eu não sou tão culpado assim. — Minha mãe caiu na gargalhada e deu um tapinha em seu ombro.

— Seu palhaço — disse descontraída e passou por ele se sentando no sofá.

— Bom dia, cunhadinho. — Ele ainda cumprimentou Juninho, que se mantinha em pé no topo da escada, pegou em minha mão e fomos nos sentar no sofá em frente à minha mãe que ficou nos olhando com curiosidade.

— Agora falando sério... Eu só bati à porta tão cedo porque pensei que eu e a Lucy poderíamos passar o dia na praia. — Surpresa com o convite, eu virei a cabeça com

um leve sorriso.

— Eu também quero ir — pediu Juninho assim que ouviu a palavra praia, ele sempre foi apaixonado pelo mar, correu e se sentou ao lado da minha mãe. — Eu posso ir com eles, mamãe? — insistiu.

— Juninho? O convite é para mim, irmãozinho. — Eu o repreendi com o olhar e ele abaixou os dele triste.

— Não fica assim não, amigão. — Chris agachou em sua frente no sofá segurando firme em sua mão. — Vamos programar outro dia, aí vamos a família inteira. O que você acha? — Juninho suspirou profundamente.

— Oba... — Eu achei tudo aquilo muito fofo, realmente eu estava diante de um novo Chris, uma nova pessoa. Ele estava muito mudado. Pelo menos era o que eu esperava!

— E onde seria esta praia? — minha mãe quis saber.

— O meu pai tem uma casa no Guarujá, fica na Praia de Pernambuco, é um lugar sossegado e bem seguro. — Minha mãe olhou para cima e percebi uma leve preocupação em sua expressão, mas por fim ela voltou com sorriso no rosto.

— Escutem aqui vocês dois — Ela apontou para os nossos narizes. —, com uma condição — Nós a encaramos, em dúvida. —, eu só autorizo esta viagem se me prometerem que terão juízo e que não vão colocar a

carruagem na frente dos bois. — Concentrou o olhar questionador em meus olhos, eu gelei e Chris coçou a garganta apertando em minha mão. Pensando que aquela promessa não seria difícil de cumprir, mesmo porque nós já havíamos abusado no dia anterior. — E tem que voltar hoje à noite porque amanhã a Lucy acorda cedo para o trabalho — concluiu e eu sorri toda empolgada saltando do sofá e subi para arrumar as minhas coisas.

— Não se preocupe que à noite estaremos de volta. — ele garantiu e minha mãe sorriu satisfeita.

Subimos as escadas juntas e Chris aguardou na sala junto com o Juninho, minha mãe fez mil e uma recomendações sobre ter juízo e entrou em seu quarto dizendo que ia enfrentar a fera do papai porque ela sabia que encontraria muita resistência. Quando ela entrou, eu fingi que seguiria para o meu, mas encostei a cabeça na porta do quarto deles para ouvir a reação de meu pai. No fundo, eu já imaginava o que ele diria e realmente não me enganei. Ouvi a explosão de sua voz e os sussurros de minha mãe.

— E você concordou, Lillian? — Fechei os olhos com força, toda arrepiada com o seu tom e esperando a resposta de minha mãe.

— É claro que sim, não vejo nada de mais em nossa filha passar o dia na praia com o Chris, eles estão se conhecendo... — Seu tom foi firme e depois de ficarem

em silêncio ouvi novamente a voz de minha mãe. — Você vai aonde? — Percebi o trinco da porta girar levemente, então corri na ponta dos pés para o meu quarto e antes de entrar ouvi a sua resposta.

— Vou falar com a Lucy, tentar convencê-la a não ir.

— Meu bem, a gente não pode escolher com quem a nossa filha irá se relacionar. — Este seu comentário firme fez o meu pai desistir de abrir a porta.

— É, eu sei... Mas podemos repetir uma, duas, três, mil vezes, até ela enfiar na cabeça o que é certo fazer — falou e sorriu suavemente.

— Ah, meu amor! Certo ou não, a verdade é que será bem difícil você afastar a Lucy do Chris, você ainda não percebeu o quanto ela está envolvida? Não tem mais jeito, só nos resta rezar para que tudo fique bem, mesmo porque se a gente for contra o namoro deles, vão namorar escondido, ou poderemos até perder a nossa filha e eu não gostaria que fosse assim. — A minha vontade era invadir aquele quarto e beijar minha mãe mil vezes, percebi que o meu pai estava quase totalmente convencido.

— Não, eu também não quero isso — meu pai falou apavorado

— Então volte para a cama, meu amor — pediu minha mãe. — O Chris prometeu trazê-la à noite, então não precisamos nos preocupar, vamos lhe dar um voto de confiança.

— Tá certo, Lillian, mas antes de voltar para a cama vou fazer umas recomendações pra nossa filha.

Entrei correndo no meu quarto e me preparei para fazer uma mala pequena, pegando só o suficiente para passar o dia. E então ouvi a voz do meu pai atrás de mim.

— Lucy? — Respirei fundo antes de me virar.

— Oi, pai — respondi sem graça com aquele olhar em cima de mim.

— Eu não vou impedir esta viagem com o Chris... — Ele deu alguns passos em minha direção e colocou sua mão direita, em forma de concha, em meu rosto. — Minha filhinha! Você cresceu e eu nem percebi... — Eu ri e ele abaixou sua mão ao lado do seu corpo. — Eu só peço que tome cuidado, tenha juízo e não faça nada que poderá se arrepender — pediu e me joguei em seu pescoço beijando sua bochecha e ele riu.

— Pode confiar em mim, pai — garanti e antes de sair do meu quarto ele apertou o meu queixo. Pelo som de seus passos parecia ter voltado para o seu quarto.

Tomei um rápido banho, vesti um short branco, uma regata preta e uma sandália rasteira branca, em seguida amarrei o cabelo no alto da cabeça, num coque, deixando algumas mechas caindo pela lateral do meu rosto, por fim apliquei o meu tradicional delineador ao redor dos olhos.

Às 6h50 chegamos em frente ao condomínio onde os

pais do Chris tinham a casa, não seria propriamente o nome certo a dizer, porque ela era tão grande que o correto seria falar mansão, era de tirar o fôlego. O lugar era maravilhoso, estava totalmente sem palavras, os portões principais eram bem altos, assim que o carro parou em frente à casa eu desci de boca aberta. Enquanto caminhava notava cada detalhe daquele lugar. Havia um jardim grande ali na entrada com flores coloridas, tudo realmente agradável e ao estilo bem natural e praiano, sorri.

O condomínio tinha poucas casas e o melhor é que era bem ao lado da praia. Não precisamos caminhar muito até colocar os pés na areia. Com aquele dia lindo e o sol brilhando, largamos nossas coisas sobre o sofá da sala e corremos para aproveitar cada segundo. Sol, calor, praia e uma ótima companhia, combinação perfeita, passeamos um pouco pela praia, tomamos banho de mar e água de coco. Eu me apaixonei ainda mais, ele também, que acabou partilhando um pouco mais de sua vida comigo e me contando os detalhes de convivência com a sua família. Confesso que apesar do *glamour* que eu não tinha, e ele sim, fiquei com pena, muita pena porque o melhor de tudo, pelo que me confidenciou, que era o amor da família, faltou-lhe a vida inteira.

Comentei com o Chris sobre a pílula, ele simplesmente deu de ombros, e me tranquilizou ao dizer que não era tão fácil assim engravidar na primeira

relação, embora eu soubesse que o risco sempre existia, eu segui o seu conselho, relaxei.

Passamos o dia todo na praia, e almoçamos lá, fiquei encantada com tudo, afinal o Chris me tratava com tanto carinho e cuidado que me senti uma princesa, feliz por saber que ele cumpriu a sua promessa, pelo menos até o momento não parecia se divertir com a minha cara como o pai dele insinuou. E quando percebemos que passava das 20h voltamos correndo para casa. Tomamos um banho em banheiros separados, eu não sei por que senti a necessidade de obedecer aos meus pais, não só eu, mas percebi que o Chris levou a sério o pedido deles também.

Acordei na segunda-feira com o alarme alto do meu celular, tateei buscando o aparelho sobre o criado-mudo e desliguei. Era a primeira vez que eu me lembrava de que não me sentia irritada com o barulho alto em meu ouvido. Estava me sentindo feliz e realizada contando os minutos para ver o Chris novamente.

Para a minha surpresa recebi a visita inesperada do Flávio em meu serviço, ele foi falar comigo no caixa com um sorriso largo no rosto que me encantou, sempre foi muito simpático e acho que foi por isso que acabei ficando com ele...

— Você tá linda! — Ele curvou o corpo sobre o

balcão e me abraçou. — Tudo bem, Lucy?

— Tudo sim, Flávio. — Sorri. — Saudades de você. — O olhar dele ficou vazio e triste em menos de cinco segundos ao me ouvir dizer isso.

— Eu não creio que tenha sentido saudades de mim... — disse com um tom de dúvida e abaixou os olhos, triste.

— Por que está falando assim? É claro que senti saudades! — Ele riu com sarcasmo.

— Fiquei sabendo que você está namorando o Chris Caster... — Torci a boca e assenti com a cabeça, embora não tenha gostado da forma direta como ele perguntou. Ele balançou a cabeça negativamente.

— Ele não presta, Lucy, você sabe disso e...

— Olha, Flávio — eu o interrompi. —, desculpa se você está magoado, mas isso não lhe dá o direito de querer conduzir a minha vida ou de dizer com quem eu devo namorar. Entendeu? — Ele arregalou os olhos e eu me assustei com a sua reação, recuei alguns passos, ele percebeu a reação que causou em mim e respirou fundo sorrindo lentamente.

— Desculpa, eu sou um idiota mesmo... Na verdade, acho que estou com ciúmes. — Ele estendeu a mão e tocou em meu queixo. — Eu quero o seu bem, Lucy, independente de você estar ou não comigo. Eu sinto muito que não tenha dado certo. — Quando olhei em seus olhos

vi a tristeza e o medo em seu olhar.

— Não era para ser Flávio, mas foi bom enquanto ficamos juntos — garanti e ele sorriu sem graça.

— É, foi bom mesmo... Mas infelizmente tudo acaba aqui. — Fiquei espantada com a forma que falou e franzi a minha testa. — Minha família está se mudando para Miami, a minha mãe foi convidada para trabalhar em uma agência direcionada a uma revista famosa por lá. E o meu pai também, é tradutor, eu já te contei isso.

Assenti com a cabeça revirando os olhos e me lembrando do dia que ele me contou sobre seu pai ser tradutor. Nós estávamos em frente à sua casa, era a primeira vez que ia lá, e antes de entrar começamos a nos beijar e ficamos algum tempo ali se pegando já que a penumbra da noite permitia ousar um pouco mais. Naquele dia ele ia me apresentar à sua família quando uma mulher do outro lado da rua ficou nos olhando de um jeito estranho. Uma mulher até bonita, alta, magra com cabelos longos, quase na cintura, e com uma faixa na testa. Ela se vestia de um jeito meio esotérico diferente do casual, seus olhos brilhavam em nossa direção, era como se ela estivesse hipnotizada com a nossa presença. Eu me arrepiei da cabeça aos pés querendo sair do alvo da pressão daquele olhar. Flávio pegou em minha mão dizendo que as apresentações ficariam para outro dia, eu não entendi o seu comportamento inesperado, mas também não questionei. Caminhamos reto pela calçada passando

por sua casa e quando viramos a esquina seu pai estava parado no farol, quando viu a gente ele acenou com a mão pedindo que esperássemos, estacionou, desceu do carro e veio falar conosco. Fiquei surpresa com a inteligência do seu pai, achei realmente muito culto, agora a sua mãe eu não cheguei a conhecer porque não tivemos tempo, pois aquela senhora nos impediu de certa forma; o Flávio não falava muito de sua família e depois deste dia logo terminamos. Dei a volta no balcão aproveitando que a loja estava vazia e dei um abraço forte de amiga enquanto ele suspirou alto.

— É uma pena que vá embora, mas por outro lado estou feliz, não deixa de ser uma grande oportunidade para os seus estudos, trabalho... — Quando me afastei percebi algo estranho nele, que olhava para fora da lanchonete; sua expressão ficou pesada, parecia medo. Eu acompanhei o seu olhar, mas não havia nada lá fora, ninguém.

— Flávio, que foi? — perguntei assustada.

— Nada — ele respondeu com os olhos no lado de fora da lanchonete. — Tive a impressão de que havia alguém observando a gente... — Balançou a cabeça, confuso e voltou para mim. — É só impressão minha.

— Credo, Flávio, você me assustou.

— Coisa da minha cabeça — ele disse, sorrindo. —, esqueça! — completou dando um beijo em minha testa.

— Você está estranho!

— Impressão sua. — Ele disfarçou um sorriso e não me convenceu.

— Espero mesmo — eu disse ainda séria.

Ele se despediu de mim com um beijo no rosto, um beijo diferente, intenso... Fiquei observando-o por um momento estranhando-o, tive a impressão de que ele queria me dizer algo. Imaginei que talvez a paixão que tinha por mim fosse a responsável por aquele comportamento atípico, mas algo em seus gestos me incomodava, eu sentia medo e não sei por quê.

— Espero que seja muito feliz, Lucy.

— Eu torço por você também, faça uma ótima viagem e não se esqueça dos amigos, viu? — Eu o abracei e ele sorriu em meus ombros antes de voltar a me encarar.

— É difícil pensar que estarei longe de você quando precisar e... — Olhei espantada para ele, mas de que diabos ele estava falando?

— O quê? — perguntei intrigada e ele balançou a cabeça.

— Nada, eu já estou ficando biruta, acho que é a saudade que já deu sinal.

— Acho que a mudança vai te fazer bem, meu amigo. — Acariciei seu rosto e ele deitou em minha mão, por um momento, e no outro estudou meu rosto com carinho

fixando seu olhar nos meus. Senti um arrepio na espinha uma sensação estranha, era como se ele visse a minha alma. Limpei a garganta antes de abaixar os meus olhos.

— Eu nunca mais esquecerei os seus olhos lindos! — Suspirou em seguida, depois a porta da loja se abriu e pessoas entraram conversando quebrando o silêncio entre a gente, ele deu-me um beijo rápido na bochecha e saiu apressado.

Capítulo Quinze

Passei o resto do dia pensando em nossa conversa, no sentimento estranho que me tomou, mas, por fim, eu precisava esquecer, acho que, no fundo, tudo isso aconteceu porque ainda me sentia insegura em relação ao Chris. Quando cheguei em casa nem deu tempo para um banho, pois estava atrasada para a aula, passei muito tempo no ponto de ônibus, que chegou com quase quarenta minutos de atraso. E para a minha sorte eis que a Clarinha surgiu em meu portão quando eu já estava saindo.

— Você caiu do céu? — perguntei inclinando no vidro do carro que ela abriu. Seu sorriso estava radiante.

— Que tal me dar uma carona até o colégio?

— Mas é claro que sim, assim a gente aproveita para conversar. — Ela destravou a porta para eu entrar e pegou a minha mochila colocando no banco de trás junto a dela.

— Então, como andam as coisas com o Chris? Na escola não se fala em outra coisa, sabia? — Deu um sorrisinho orgulhoso.

— É... é... — gaguejei, fiquei feliz, mas ao mesmo

tempo nervosa imaginando o que falavam e se o comentário vinha da Kate. — E qual é o comentário? — perguntei, sorrindo.

— Ahhh, amiga, você sabe que o Chris é o sonho de consumo das meninas, elas estão morrendo de inveja de você... — Torci a boca.

— Eu posso imaginar, aquelas meninas metidas a besta nunca me engoliram, isso sim. — Lembrei-me da Melissa. — E como você está com a Melissa depois do episódio da bebida? — Ela rosnou fazendo careta e segurando forte no volante.

— Aquela idiota, você acredita que ela foi chamada a prestar esclarecimentos na delegacia por causa da minha denúncia e a dos meus pais e não deu em nada? — Balançou a cabeça, irritada. — O que o dinheiro não faz?! — disse com ironia e suspirou profundamente, acabei rindo no silêncio do seu jeito, ela falava de um jeito que até parecia que era pobre. *Como é humilde esta minha amiga.*

— E como você ficou com a Kate? — Apertei meus lábios ao perguntar, arrependida com a longa respiração que a Clarinha deu. Era nítida sua revolta, ela segurou forte o volante como se quisesse quebrá-lo, seus dedos ficaram brancos agarrados ao volante.

— Acho melhor deixar isso para lá. — Ela rosnou respirando profundamente. — Eu não estou ainda em

condições de falar sobre este assunto, mesmo porque os meus pais me pediram. — Sorriu cansada em seguida e olhou rapidamente em minha direção e voltou a olhar para frente. Eu sabia que os seus pais queriam preservar o seu tio, afinal de contas ele não tinha culpa pelas atitudes malvadas.

— É claro, vamos esquecer sim... — concordei. — O importante é que você está bem, só tome cuidado, essas meninas são perigosas e falsas... — A Clarinha virou para mim com uma cara mal-humorada.

— Não é justo, Lucy, a pessoa aprontar por aí cometendo delitos e maldades e ficar impune. Agora eu entendo como o Chris e seus amigos saíram impunes de suas armações e... — Silenciou quando percebeu que ao ouvir o comentário eu joguei o meu corpo para trás porque senti um tranco forte em meu peito ao me lembrar... Ela segurou minha mão olhando rapidamente em minha direção e com o olhar arrependido. — Desculpe, amiga, me esqueci que agora vocês estão juntos e...

— Não se desculpe, imagina... Você está certa, o passado do Chris o condena sim e ele não foi nenhum santo, mas agora ele mudou, é outra pessoa. — Abaixei a cabeça rezando para estar certa, para que o tempo confirmasse o que estava dizendo e desejando. — Eu amo o Chris. — Ela virou para mim, sorrindo, e permaneceu por alguns segundos em silêncio.

— Então não tenha medo, arrisque-se. — Comecei a rir e ela olhou para mim sem entender o motivo.

— Parece até que estou ouvindo o Chris falar.

— Como assim?

— Sobre se arriscar, foi exatamente isso que ele me falou.

— Ô, amiga... Estou muito feliz por você. — Seu tom carinhoso encheu meu coração de ternura, sabia que o seu sentimento era sincero, aliás, ela acreditou neste relacionamento até mais do que eu mesma. — Eu admiro você, o seu esforço, é uma pena que não tenha conseguido terminar o terceiro ano com a gente — terminou a frase e, em seguida, estacionou em frente ao colégio, desligou o carro e olhou diretamente em meus olhos. — Eu queria ter um terço desta sua garra...

— Confesso que a mudança não foi nada fácil, o nível de ensino é muito distante um do outro, mas por outro lado estou aprendendo a ser eu mesma, entende? — Ela concordou com a cabeça.

— Entendo sim, Lucy, que bom que você está bem e com este sorriso no rosto — Suspirou com tristeza. —, mas devo confessar que sinto muito a sua falta na escola. — Levei minha mão ao seu queixo e balancei levemente sua cabeça.

— Isso é sinal de que devemos marcar mais vezes

para nos ver... — Ela concordou e rimos ao mesmo tempo.

— Vamos fazer o possível, né, Lucy? Porque se antes estava difícil a gente se encontrar contigo trabalhando de dia e estudando à noite, imagina agora de amores com o gostosão do Chris? Acho que agora os seus finais de semana estão bem comprometidos. — Ela caiu na gargalhada e nos abraçamos.

— Sempre vou ter tempo para você, não se preocupe.

— Eu quero só ver. — Ela se afastou encostando-se ao banco e ligou o carro. — Eu vou cobrar... — falamos tanto que acabei me esquecendo de perguntar sobre a Kate.

— E a Kate, você ouve algum comentário? — Ela me encarou e seus olhos transmitiram preocupação verdadeira.

— Nenhum comentário e é aí que a questão não é normal, todo esse silêncio ainda mais vindo dela. Ela chega e vai direto para a sala, nunca desce para o intervalo e na saída sai correndo sem falar com ninguém. — Suspirou. — É um comportamento atípico de alguém como ela que sempre gostou de ser o centro das atenções.

Fiquei quieta por alguns instantes analisando o que Clarinha me contou e cheguei à conclusão de que a Kate realmente amava o Chris, que talvez estivesse mesmo sofrendo demais com a rejeição. Balancei a cabeça para me livrar do pensamento de compaixão, eu não podia me

sentir assim, a Kate já me fez muito mal, me humilhou e tudo mais, então o melhor que eu tinha a fazer era ignorá-la, aliás, eu não estaria fazendo nada diferente do que ela já fez comigo, respirei fundo e pisquei.

— Ah, deixa pra lá. — Beijei sua bochecha com um beijo estalado e ela riu.

— Isso mesmo, esqueça a tonta da Kate, pense só no Chris... — Ela fez beicinho ao dizer seu nome. — Ele não esconde de ninguém que te ama, sabe que na sexta, quando eu entrei na cantina, ele estava lá conversando com o Newton de você. Ele falava de boca cheia o seu nome.

Por um momento tive a curiosidade de perguntar sobre a reação do Newton, mas desisti imaginando que a resposta não iria me agradar, ainda mais sendo amigo de quem era. Desci decidida a dar um ponto-final nessa história, não queria mais me atormentar em pensar o que eles diziam ou deixavam de dizer. Decidi seguir em frente, seguir com este amor que fazia de mim uma pessoa melhor e mais feliz.

E assim eu me senti nestes últimos dois meses, realizada ao lado do Chris, ele passou a me pegar no colégio todos os dias sem avisar, mas eu já o esperava, sabia que estaria ali me esperando, era impossível ficar um só dia que fosse longe dele, sem sentir o seu perfume e o seu corpo. Era uma exigência de nossos corpos estarmos juntos e quase todos os dias íamos para o flat, matar todo

aquele fogo que havia dentro de nós. Saíamos sempre que possível, visitávamos parques, museus, cinema, voltávamos à casa dos seus pais na praia várias vezes. Foram momentos inesquecíveis o conhecendo melhor, descobrindo os seus segredos e me apaixonando a cada dia mais.

Eu agradecia a Deus, a cada segundo, pelo primoroso presente que ele me deu, por ter permitido a mim tanta alegria. Eu realmente me sentia completa! O Chris agora era parte da minha história, cheia de conteúdos, intensidade, linda e apaixonante. Era incrível o poder que ele tinha de transformação, conseguiu mudar a forma de pensar do meu pai que sempre teve informações negativas a seu respeito, e por isso mantinha um pé atrás com ele. Algo que ele mesmo plantou, mas se esforçava pra conquistar o meu pai e ganhava sua confiança aos poucos.

Na verdade, ele conquistou o coração de todos, frequentava minha casa, era um grande parceiro do meu pai em conversas. Entre os assuntos descobriram que tinham muita coisa em comum, uma delas era a área de construção civil. O Chris confidenciou que o seu sonho era cursar engenharia civil, sempre ficava muito triste com a ausência e distância do seu pai, o amava, mesmo que fosse inconsciente, até o caminho do pai na profissão ele seguia. E o meu pai não tinha formação, mas tinha a experiência e trocou tudo o que sabia com ele. Por vários momentos o Chris ficou triste entre uma conversa e outra,

dizia que não tinha este tipo de diálogo em sua casa e que sentia muita falta. Mas falava também que agora tinha uma família de verdade. Ele estava certo, não era só eu que o amava, e sim toda a minha família, inclusive o Juninho que o tratava com o mesmo carinho que recebia.

Eu nunca mais ouvi falar da Kate e quando me encontrava com a Clarinha a gente conversava sobre tudo, menos sobre os amigos do Chris. Nestes últimos dois meses o Chris não falou mais do seu pai, eu não sabia se ele tinha ou não aceitado o nosso namoro, não perguntei também, porque no fundo tinha medo de estragar toda essa felicidade que estava passando. O meu pai comentou que o senhor Pablo não conversava mais com ele como antes, mas também não o destratava. Agora a sua mãe, a dona Sophia, embora eu não tivesse visto mais, vivia enviando recado através dele que queria muito conversar comigo para saber se eu estava tratando seu filho como ele merecia.

Era sexta-feira e eu não tinha aula, então o Chris me pegou no serviço e fomos ao flat, o mesmo que marcou o nosso começo, para ficarmos juntos e depois de mais uma longa noite de amor, após ter adormecido em seus braços na macia e enorme cama, o Chris sussurrou:

— Eu tenho uma notícia para você, meu amor... — Levantei os olhos encontrando os dele, parecia sereno e deduzi que a notícia fosse boa. — A minha mãe quer almoçar com a gente amanhã... — Travei de repente.

— Na sua casa, e o seu pai? — desatei a falar me sentando na cama com os olhos arregalados, o medo me assombrou ao pensar que o pai de Chris pudesse estar presente. Ele se sentou e me abraçou encostando o corpo nu no meu, naquele momento ao sentir o calor de seu corpo toda a tensão desapareceu.

— Calma, querida, vamos nos encontrar em um restaurante, só eu, você e a minha mãe — disse tentando me acalmar, mas aquela altura eu senti uma tontura horrível e tudo em minha frente girou. Minhas vistas ficaram embaçadas e senti uma pontada na parte traseira da minha cabeça e a rotineira pontada leve no peito. Respirei fundo tentando me recompor, as coisas ao meu redor ainda giravam. Fiquei sem forças e comecei a suar frio, as pontadas na cabeça aumentaram e gemidos saíram da minha boca, por causa da dor. Afundei as unhas em suas costas quando tudo se apagou.

Acordei assustada com fortes trancos em meu corpo, abri os olhos e vi Chris em pânico com as mãos em meus ombros me sacudindo e com a respiração ofegante. Olhei ao redor, sem entender o que tinha acontecido, então me vi na cama do flat e a leve pontada no peito me fez lembrar o que tinha acontecido.

— Ai, meu Deus! — Chris gritou desesperado, me abraçando. Sorri com esforço e toquei em seu rosto tão lindo, preocupado. — O que aconteceu? Você desmaiou... — Ele se levantou, foi até o telefone da recepção e

começou a discar. Eu respirei fundo uma, duas, três vezes e levantei o tronco apoiando nos cotovelos.

— O que está fazendo?

— Fechando a conta, vou levá-la ao hospital. — Percebi seus lábios trêmulos e aquilo me assustou, parecia mais doente do que eu.

— Não precisa que eu estou melhor — tentei acalmá-lo.

— Você está pálida como cera — declarou com o telefone no ouvido. — Por favor, pode fechar minha conta, estou saindo... Obrigado — agradeceu a pessoa do outro lado do telefone.

Em menos de quinze minutos estávamos no hospital, na sala de emergência. Eu fiquei aguardando os resultados dos exames enquanto Chris aguardava na sala de espera. Depois de algum tempo ali aguardando, o Chris entrou na sala e me beijou na testa, estava deitada na maca. Seu celular tocou e ele atendeu.

— Estamos aqui na emergência, dona Lillian, sim ela desmaiou, eu fiquei apavorado e a trouxe para cá, mas ela está bem e estamos só aguardando os resultados dos exames. — Ele deu o endereço do hospital e desligou o telefone me olhando preocupado.

— Desculpa ter ligado na sua casa a essa hora, mas é que eu fiquei apavorado com este desmaio e decidi ligar.

— Tudo bem — foi o que consegui dizer com a fraqueza que sentia pelo corpo. — Ele acariciou meu cabelo e eu fechei os olhos. — Será que é algo grave? — perguntei com a voz embargada.

Ele balançou a cabeça e se sentou ao meu lado numa cadeira para visitantes. Eu estava aflita por notícias, mas preferi ficar no silêncio e o Chris fez o mesmo. Após uma hora, nada do médico aparecer, eu já estava completamente impaciente ameaçando me levantar pensando no pior quando, então, o médico apareceu com uma expressão calma.

— Como ela está? — Chris perguntou ao se levantar e ficar ao lado do médico, que sorria na maior calma do mundo.

— Fiquem tranquilos — E olhou para mim. —, você só teve uma queda de pressão, o desmaio é comum nestes casos, agora só precisa descansar um pouco e...

— Ah, que bom! — Chris suspirou aliviado. — Acho que preciso descansar também.

— Precisa mesmo. — O médico bateu no ombro do Chris. — Você está mais branco que ela — brincou.

Fiquei pensativa sem entender o que o médico quis dizer com "é comum nestes casos.". Passou pela minha cabeça perguntar do que ele falava, mas eu não sei por que senti medo de perguntar, então só reclamei do mal-estar que ainda permanecia comigo.

— Eu ainda estou me sentindo meio enjoada — falei coçando a garganta.

— É normal sentir enjoos na gravidez, minha jovem.

Desviei os olhos sem poder acreditar no que acabava de me dizer e olhei desesperada para o Chris, que estava com os olhos arregalados e de boca aberta. Sem conseguir respirar senti meu estômago embrulhar.

— Grávida… — comecei a falar, mas fui interrompida pelas rajadas de vômito que pus para fora, chamando a atenção dos meus pais que acabavam de passar pela porta. — MÃE! — gritei. — MÃE...

— Acalme-se, querida — ela pedia me abraçando.

— Você ouviu o que o médico falou? Você ouviu? — Ela assentiu com a cabeça e olhou para o meu pai, que permanecia em silêncio, pálido como cera.

— Estamos aqui com você...

As enfermeiras me ajudaram com a higiene após o vômito, eu procurei pelo Chris e o vi meio que paralisado no canto da sala, sua expressão era imparcial e ficou difícil definir o que se passava em sua cabeça. Confesso que temia que ele fosse se afastar de mim. Meu coração ficou apertado com a possibilidade. Eu sei que deveria pensar em meus pais, principalmente o meu pai que me olhava como se não acreditasse no que ouvia, no que realmente acontecia ali naquele quarto. Afinal, era o

segundo desgosto que causei a eles num curto espaço de tempo. Mas lá no fundo do meu ser o que importava mesmo era a opinião do Chris, o que ele achava de tudo aquilo. Ele me olhou, sorriu tímido e eu ajeitei o meu cabelo passando a mão por minha cabeça.

— Como eu estou? — Foram as únicas palavras que saíram de minha boca, me acovardei, o medo não deixou perguntar o que eu realmente queria. Precisava muito de sua opinião. Ele sorriu ternamente.

— Pálida, mas por incrível que pareça está ainda mais linda. — Eu o olhei apertado.

— Você se enganou quando disse que dificilmente se engravida na primeira relação — balbuciei.

— Tivemos várias... — Ele levantou a sobrancelha.

— Somente a primeira foi sem proteção — lembrei-o, ele abriu um sorriso antes de beijar a minha testa.

Com aquelas palavras percebi o suspiro aliviado do meu pai, vi até um sorriso que surgiu em seus lábios, então ele abraçou minha mãe pelo ombro.

— Vamos deixá-los a sós, acho que precisam conversar. — Assenti concordando e minha mãe fez o mesmo, mas antes de sair beijou minha testa e sorriu com muito carinho, e então saíram da sala.

— Chr... Chris? — eu disse ainda me sentindo um pouco fraca. Ele olhava intensamente para mim.

— Sim... — Percebi lágrimas em seus olhos quando caminhava até perto da cama e ficou ao meu lado. — Você está bem? — ele perguntou e eu assenti.

— Estou com medo — disse levando a mão à minha barriga, ele abaixou os olhos também colocando suas mãos sobre as minhas. Senti uma enorme emoção com ele tão próximo, fechei os olhos, e então percebi seus lábios nos meus.

— Não tenha medo, estamos juntos nessa. Eu te amo, Lucy.

— Te amo mais.

— Olha, querida, não se preocupe mais com nada, viu? — Acariciou minha barriga com um largo sorriso que eu me emocionei.

— Você está com medo? — perguntei com um olhar ansioso, ele revirou os olhos e suspirou sorrindo com os lábios fechados.

— Medo não... — Ele pausou por um momento e me olhou no fundo dos meus olhos. — É claro que não estava em meus planos ser pai assim tão jovem. — Levei um susto enorme ao ouvi-lo dizer aquilo e acho que ele percebeu, então sorriu e me abraçou forte, depois beijou o topo da minha cabeça. — Acho que nem você, né, Lucy? É uma grande surpresa. Muito boa por sinal — completou.

— É verdade que o fato gravidez me assusta também,

mas agora já não temos mais como voltar atrás e... — Ele balançou a cabeça.

— É claro que não, ninguém vai voltar atrás. — Beijou meus lábios e, em seguida, minha barriga. — Este filho veio para selar o nosso amor... — As lágrimas fugiram de seus olhos e eu chorei também. — A vinda precoce dele só vai adiantar o que já estava escrito, eu já planejava me casar com você quando a gente se formasse na faculdade, mas vamos nos casar agora, sem problemas. Tenho certeza de que não vai atrapalhar nossos estudos. Vou até procurar emprego e criaremos o nosso filho juntos. — Eu concordei com a cabeça entre lágrimas que rolavam pelo meu rosto, e me sentei na cama.

— Eu te amo muito, Chris. — Ele me abraçou forte e sussurrou ao meu ouvido.

— Este será o primeiro dos muitos filhos que teremos. — Ao dizer aquilo eu senti uma forte pontada em meu peito seguida de soluços e apertei o seu pescoço forçando para respirar, ficou difícil de repente. — Ei, o que foi? — Ele ergueu a cabeça me fitando e eu abri os olhos, ainda ofegante, embora já com a respiração mais calma.

— Quase morri engasgada com a emoção.

Ele sorriu e me deu um longo e maravilhoso beijo. Passei a noite no hospital e logo pela manhã, no sábado, eu fui para casa.

O meu pai aguardou eu descansar, então chamou a mim e ao Chris para conversar, na verdade ele e a mamãe. E aí nos deram um sermão daqueles! Que ambos éramos irresponsáveis, jovens demais para assumir tamanha responsabilidade. Mas o que mais pesou mesmo era a reação que o pai do Chris teria com a notícia de minha gravidez.

Aliás, era o que eu mais temia também, apesar do Chris se declarar apaixonado e prometer que casaríamos, ainda assim a dúvida pairava sobre mim. O fato de o senhor Pablo ser o pai poderia muito bem mudar a cabeça do filho!

Eu não tinha muita opção e nem os meus pais que acabaram se conformando com a ideia e nos apoiaram. E o resto eu deixei por conta do tempo. Tentei relaxar o máximo para o meu bem-estar e do meu filho em meu ventre. Eu estava bem melhor e o médico aconselhou-me a caminhar, sair, conversar, porque eu estava grávida, e não doente. Por este motivo, o Chris estava muito alegre aproveitando que a sua mãe queria me ver, então marcou o almoço para o sábado mesmo. Após um longo trânsito, que pegamos até o restaurante, era simplesmente compensador, ainda mais com o dia lindo de sol e calor que estava fazendo.

O Chris escolheu um restaurante instalado em uma antiga e bela chácara, o Praça São Lourenço, no Itaim, em São Paulo, era sensacional o espaço, tinha até mesmo um

lago com carpas e uma área verde grande e muitíssimo bem-cuidada, com árvores antigas de copas altas sob as quais ficavam dispostas as mesas. Espalhadas pelo pátio com tanto verde que a temperatura ficava mais amena, e sentir o vento bater no rosto valia qualquer sacrifício para estar lá.

Percorria o olhar ao redor admirando enquanto o garçom nos conduzia para uma mesa que eu deduzi já estar reservada, pelo menos era o que Chris sempre fazia quando saíamos para comer. E logo eu vi a sua mãe que se levantou de uma mesa bem ao canto e acenou com a mão em nossa direção. Virei para o Chris que estava logo atrás de mim e segurou em meu braço, apertou e me deu uma piscada.

O sorriso de sua mãe era encantador, confesso que estava apreensiva com a ideia de vê-la, inclusive preocupada com a minha roupa, porque sempre que encontrava a dona Sophia, ela estava vestida elegantemente e foi o que constatei ao longe, impecável em um lindo vestido branco, muito elegante, e de longe dava para ver o brilho dos acessórios de ouro que ofuscaram meus olhos. Dei mais uma olhada em meu visual, estava com uma minissaia, também na cor branca, uma blusa leve verde combinando com os meus olhos, um brinco de argola prata e os cabelos soltos caindo em meus ombros. O Chris percebeu a minha preocupação com o meu visual e sussurrou em meu ouvido:

— Você está linda, meu bem! — Encolhi os ombros, encabulada, pensando que eu deveria mesmo me preocupar com isso porque ele também sempre andava muito bem-arrumado em sua beleza estonteante.

— Aqui estão vocês! — dona Sophia disse levantando da cadeira e beijando o rosto do filho com muita ternura, que eu não consegui segurar o suspiro.

— Você se lembra da Lucy, não é mesmo, mamãe? — Ela sorriu inclinando o rosto e me beijando.

— É claro que sim! — Olhei em seus olhos que brilhavam, eram iguais aos do Chris, castanho-claros. Ela segurou o meu rosto com uma das mãos me olhando. — Você está tão linda, Lucy, agora eu entendo o amor do meu filho. — Ela pronunciou calorosamente.

— Obrigada, dona Sophia.

— Chame-me de Sophia, apenas. — Sorriu e Chris franziu a testa. — Sou muito jovem ainda para você me chamar de senhora — reclamou com humor e todos nós rimos enquanto nos sentávamos. — Estou muito curiosa para saber como foi que nasceu este interesse entre vocês. — Olhei para o Chris e ele arqueou as sobrancelhas enquanto ela continuou. — Sabe por que estou perguntando? Porque vocês se conhecem há tanto tempo e só agora este relacionamento vem à tona e... — Realmente a pergunta tinha fundamento, porque eu mesma já me fiz inúmeras vezes esta pergunta.

— Simplesmente aconteceu mãe e foi há pouco tempo — Chris explicou.

— É engraçado. — Abaixei os olhos. — Tudo começou de um esbarrão que a gente deu no corredor da sala de aula.

— Sério? Então, não estão mesmo escondendo nada de mim? Desculpa, Lucy. — Ela estendeu a mão sobre a mesa colocando sobre a minha. — Não me entenda mal, pelo amor de Deus, é que o amor de vocês é tão intenso que me questiono se isso não vem lá de trás. — Chris negou com a cabeça.

— É claro que não, mãe. — Ele suspirou alto e eu e a sua mãe olhamos para ele. — Seria muito bom, pelo menos assim eu não teria feito tanta burrada na minha vida! — Seu tom de voz soou triste e abaixou os olhos.

— Esqueça isso, meu filho. — Sua mãe pegou em sua mão e apertou carinhosamente. — O importante é o agora, você largou esta vida para trás, eu estou muito orgulhosa de você, meu querido. — Ela desviou os olhos em minha direção com um sorriso terno. — Obrigada, Lucy, você está sendo muito importante na vida dele, desejo que vocês sejam muito felizes.

Assenti com a cabeça, sorrindo, mas no fundo minha cabeça estava uma bagunça generalizada, observei-a trocando palavras doces com o filho, como se fosse ainda um garotinho e acho que ele era mesmo, porque percebia

o olhar de segurança que lançava para ela. *Como ela iria reagir à notícia de que estou grávida?* O tremor tomou o meu corpo ao pensar na possibilidade dela pensar que dei o golpe do baú em seu filho e senti uma forte tontura, me segurei na mesa para não cair. De repente, o tremor me causou uma onda de tonturas muito fortes, fechei os olhos respirando fundo e abri os braços segurando firme na mesa como se eu fosse cair, fechei os meus olhos com força.

— Lucy, você está bem, querida? — Suspirei quando senti as mãos quentes e confortantes do Chris em meus ombros, enquanto, desesperado, me abraçava forte.

— Pelo amor de Deus, o que tá acontecendo? — perguntou a sua mãe em pé ao nosso lado.

Eu não consegui responder, simplesmente levantei os olhos encontrando os seus que estavam aflitos e abaixei novamente, aguardando que o Chris dissesse neste momento que eu estava grávida. Apertei a mão do Chris com força sobre os meus ombros, orientando-o a resolver logo o impasse e fiquei em silêncio apreensiva. Em seguida ouvi a sua voz, mas era direcionada ao garçom.

— Por favor, traga um copo com água fresca. — Acabei me frustrando, pois não aguentava mais todo aquele suspense, mas o que eu poderia fazer? Esperar... Sophia e Chris me observavam enquanto eu tomava o copo com água que o garçom trouxe. Acho que no fundo o

Chris estava com medo, percebi na movimentação de seus olhos oscilando entre mim e ela.

— Lucy, você está melhor? — Sua voz doce murmurou ao meu ouvido e fechei os olhos respondendo rapidamente.

— Estou — respondi ainda me sentindo um pouco tonta, enquanto dona Sophia voltava ao seu lugar com um olhar desconfiado. A leve pontada no peito parecia uma ardência que me incomodou, fechei os olhos novamente e respirei fundo, coloquei a mão sobre o meu peito e ao abrir os olhos eu me deparei com os olhos apavorados de sua mãe e olhei para o Chris que estava pálido como cera, assustado e então sorri desanimada.

— Acho que vou te levar ao hospital, Lucy — ele começou a falar e eu neguei com a cabeça segurando forte em sua mão.

— Está tudo bem... — garanti.

— Tem certeza, querida? — Chris apertou a boca, percebi seu nervosismo, seus lábios tremiam. Antes que eu respondesse, Sophia se levantou.

— Ela não está bem, muito branca, leve-a para o hospital. — Ela se levantou e acenou com a mão para o garçom. — Por favor, pode nos trazer a conta — ela pediu em tom desesperador quando Chris segurou em sua mão.

— Não! — exclamei olhando para ela me sentindo

ainda meio tonta, não queria sair sem antes dar a notícia, Chris me olhou surpreso, acho que ele percebeu minha intenção e apertou a mão de sua mãe.

— Mãe, ainda não. — Olhou para o garçom. — Obrigado, não precisa trazer a conta ainda, traga o cardápio. — Piscou para o homem, que assentiu com a cabeça e se afastou.

Ela hesitou a princípio e olhou em meus olhos como se esperasse que eu dissesse alguma coisa, então sorri tentando esconder os lábios trêmulos. Devagar ela foi se sentando e soltou o peso sobre o corpo batendo com as mãos nas pernas e arqueando as sobrancelhas.

— Chris, a moça não me parece bem — ela o repreendeu em um tom de voz sério. — Vamos pedir a conta...

— Senhorita? — O garçom entregou o cardápio para a dona Sophia a interrompendo, ela desviou somente os olhos desconfiados para o homem com o cardápio em sua direção e sorriu cordialmente para ele. — Ah, obrigada. — Ela pousou os olhos sobre o cardápio e depois levantou vendo que ele não trouxe um para o Chris e para mim.

— Só eu vou comer aqui? — Senti em sua ironia que, no fundo, ela já sabia o que íamos dizer e estremeci de imediato querendo fugir dali e só voltar quando tudo estivesse esclarecido, mas levantei a cabeça. “Coragem,

Lucy!", pedi no silêncio de meu pensamento.

— Eu já escolhi. O meu pedido tá aí dentro. Só quero saber se você concorda. — O Chris sorriu e eu fiquei pasma com aquilo, mas, enfim, só fiquei observando e sorrindo sem dizer nada.

— Está bem. — Ela folheou o cardápio e o Chris me olhou com suspense.

Quando percebi os olhos dela ficarem imersos em água enquanto corria a visão pelo papel lindo, origami em formato de uma cegonha que se encontrava entre as páginas do cardápio, aí é que entendi que ele tinha armado uma surpresa.

— Grávida? — ela perguntou com a voz abafada olhando diretamente em meus olhos arregalados. Eu levei um tremendo susto. Assenti com a cabeça nitidamente com os nervos à flor da pele. — Grávida, Chris?! — Ela parecia petrificada.

— Mãe, eu amo a Lucy e antes que comece a gritar eu vou logo adiantando que vamos nos casar e... — Ela o interrompeu respirando fundo.

— Chris, você tem ideia do que uma criança significa? — perguntou calma.

— Eu sei que a gente deveria esperar, mas aconteceu... — Ele segurou forte em minha mão. — Estamos juntos nessa.

— A gente não programou isso, dona Sophia, aconteceu. — Ela apoiou o cotovelo esquerdo na mesa segurando a cabeça e pousou os olhos nos meus.

— E os seus pais, já sabem da novidade?

— Sabem... — Então ela olhou em direção ao filho.

— E o que vocês vão fazer? — Ele olhou para mim e sorriu, ali percebi em seus olhos que eu podia confiar nele.

— Vamos nos casar — disse com muita atitude. O meu coração começou a pular de alegria com suas palavras e aumentou mais ainda quando, após dois ou três minutos depois de ficar pensativa, acho que digerindo o choque, ela se levantou e me deu um abraço forte.

— Parabéns, minha querida, parabéns. — Chris se levantou e abraçou sua mãe por trás.

— A notícia é boa ou é ruim? — Deitou a cabeça em seu ombro e ela tocou com carinho.

— Vocês ainda são muito jovens, mas se é para ser, então é uma ótima notícia, meu querido. — Ela segurou em sua mão, ele deu meia-volta e agora em pé nos abraçamos chorando. Confesso que fiquei muito feliz com a atenção da mãe do Chris, me sentia mais aliviada, pois estava com muito medo da reação de seus pais. Embora eu ainda precisasse me preocupar com o seu pai, pois, pelo que já conhecia, sabia que não seria nada fácil.

— E o senhor Pablo, acha que ele vai aceitar? — perguntei de repente e percebi que a expressão dela mudou, uma mistura de medo e angústia, e logo voltou a se sentar.

— Só Deus sabe o que se passa na cabeça do meu marido, ele não é uma pessoa fácil, Lucy, mas acho que agora as coisas são diferentes, estamos falando de uma nova vida, uma vida que vai unir as nossas famílias. — Respirou apreensiva.

Eu bem sabia por que, pois, pelo jeito como falou, ele deve ter questionado negativamente sobre mim, comecei a ficar nervosa quando o Chris segurou em minha mão e apertou.

— Não se preocupe, Lucy, como eu já te disse um dia o sonho de todos os pais é ver os seus filhos felizes e bem, e eu estou muito feliz, ele vai entender, você vai ver — Chris garantiu.

— É, querida, o Chris tem razão, quem sabe este neto não está vindo justamente para fazer mudanças positivas em nossas vidas.

Ele se inclinou em minha direção e sem cerimônia me beijou deliciosamente, não contive a emoção, senti o coração pular e as borboletas voarem no estômago, sentindo a alegria do amor e de me sentir amada. O toque do celular de sua mãe chamou nossa atenção. Ela olhou para o aparelho e sorriu antes de atender.

— Oi, meu querido... — Seu tom era leve. — Estou almoçando com o seu filho e a Lucy — ela informou olhando para nós, confesso que estava apreensiva e pelo jeito que o Chris apertava a minha mão deduzi que ele também. — Por que estou almoçando com o nosso filho? É claro que está tudo bem... Não, eu não vou demorar... Prometo! As notícias são ótimas... Nós vamos ter um neto, parabéns, vovô... — ela disse sorrindo e, em seguida, fechou a cara fazendo careta. — Alô, alô Pablo? — Ela afastou o telefone e ficou olhando por alguns segundos para o aparelho.

— O que ele disse, mãe? — Ela balançou a cabeça incrédula.

— Acho que caiu a linha. — Chris balançou a cabeça negativamente e desviou o olhar triste para mim como se já esperasse essa reação de seu pai, imaginei o motivo daquilo.

— Ele desligou? — ela perguntou mais para si mesma num fio de voz ressentida. — Não é possível que ele tenha feito isso, imagina! — Seu olhar era de dúvida.

— É claro que ele desligou, mãe, acha mesmo que o soberano senhor Pablo ia aceitar uma notícia assim, ainda mais do jeito que a senhora deu? Por telefone! — Ele levou as mãos à cabeça jogando-a para trás e fechou os olhos, estava nitidamente frustrado.

— Calma, meu filho, quando chegar em casa eu

resolvo isso, tudo bem? — ela falou confiante tentando acalmá-lo.

Eu sentia dentro de mim uma enorme necessidade de dizer algo, mas ali, diante da discussão, do desespero do Chris, fiquei sem palavras, sem saber o que eu poderia dizer.

— Não tire conclusões precipitadas, meu filho, afinal ele é o seu pai e você não precisa ter medo... — Ele abaixou a cabeça aparentando estar um pouco mais calmo e a olhou por alguns segundos, depois voltou para mim com um sorriso torto nos lábios. Em seguida estendeu o braço, pegou em minha mão e levou até os seus lábios num beijo quente e muito confortante. Quando, então, a voz aveludada acariciou meu ouvido ampliando as minhas emoções, minha segurança:

— Não importa o que ele diga, ou o que pense, estou ciente do que eu quero para a minha vida... — Sophia bateu na mesa com os punhos fechados.

— É assim que se fala, Chris... E quer saber? Ele tinha que saber de um jeito ou de outro, pelo menos agora terá um tempo sozinho para digerir a notícia. — Estendeu os braços segurando em minha mão e a do Chris. — Não se preocupem, vai dar tudo certo e eu estou do lado de vocês.

Apesar da dificuldade dos esclarecimentos, eu me sentia mais aliviada e feliz em saber que dentro de mim

havia uma nova vida se formando, e que mesmo com mais ou menos uns dois meses de gestação eu já amava o meu filho com a força da minha alma.

E finalmente as coisas pareciam se encaixar perfeitamente em seus lugares, era só administrar, mas estava completamente enganada. A mãe do Chris exagerou no espumante e acabou deixando o carro no estacionamento do restaurante e voltamos juntos.

Capítulo Dezesseis

Ao virar a esquina de minha casa avistei um carro preto de luxo estacionado em frente e um homem que gesticulava olhando em direção à porta da sala. À medida que nos aproximávamos pudemos ouvir os gritos sem entender o que ele dizia, mas reconhecemos o homem que parecia muito nervoso. Era o pai do Chris que, quando percebeu que estacionávamos, deu um giro no calcanhar e me fuzilou com aqueles olhos vermelhos de raiva. Era de arrepiar. Dona Sophia desceu correndo do carro e segurou o braço do marido que a empurrou para longe fazendo com que ela caísse no chão e começasse a chorar.

— Largue-me você também, se não serve para defender o seu filho, então deixa que eu mesmo faça isso...

Assustada, desci do carro e imediatamente corri para socorrer a mãe do Chris lhe ajudando a se levantar do chão, quando então o senhor Pablo pousou o olho sobre mim e rosnou severamente.

— Então, sua vagabundinha... Pensa que laçou meu filho, não é? — Ele dava passos em minha direção e estreitou os olhos quando seu olhar cruzou com o meu

dando a impressão de que iria me atacar, senti tanto medo que fechei os olhos, então Chris se pôs em sua frente segurando-o pelo ombro.

— É melhor se acalmar, pai! Você não pode falar assim com a mãe do meu filho. — Empurrava-o no sentido contrário até que ele se encostou ao portão de minha casa.

Meus pais abriram a porta e saíram correndo, estava tudo uma bagunça e uma grande plateia assistia a confusão. Sentia-me zonza em meio à confusão, estática, sem conseguir mover um músculo, senti um aperto no peito ao ver o desespero no rosto de minha mãe inundado de lágrimas vindo em minha direção. Ela logo me abraçou forte e estendeu a mão para o Juninho, que correu e nos abraçou também.

Tudo aquilo foi se distanciando de mim, o foco dos meus olhos seguia adiante que se perdia junto com toda aquela confusão. Pisquei várias vezes para enxergar o Chris, ele segurava seu pai enfurecido.

— Solte-me, Chris. — A voz do senhor Pablo chegou aos meus ouvidos como trovões, o susto foi imenso que prendi meus olhos nos deles e o pavor me tomou, seus olhos pareciam soltar faíscas de tão vermelhos. Ele parecia estar possuído por algo ruim, por todos os lados ouviam-se burburinhos da multidão se aglomerando ao redor, atraídos pelos gritos.

— Deixe-me defendê-lo, filho, deste bando de

aproveitadores — acusou apontando para o meu pai, que se aproximou e ficou de frente a ele com o olhar perplexo. Meu pai fechou os olhos tentando buscar o equilíbrio necessário para não se atirar sobre ele.

— Vou fingir que não ouvi o que o senhor disse, pois está nervoso, eu entendo e... — foi interrompido pelo chefe, que tocou em seus ombros o empurrando, totalmente desequilibrado.

— É claro que eu tenho que estar nervoso! — gritou. — Vocês estão descaradamente tentando dar o golpe do baú em meu filho e querem que eu me sinta como?

As palavras foram a gota d'água, pareciam navalhas afiadas que atingiram meu peito atravessando o meu coração. Eu sentia uma forte ardência que me impediu de respirar. Minhas pernas amoleceram, a visão escureceu, ouvia vozes de longe que foram se distanciando até que não ouvi mais nada. Eu me desequilibrei inclinando-me para trás, estava caindo quando mãos quentes e confortáveis me seguraram pelos braços.

Levantei meus olhos encontrando os olhos azuis intensos, muito tristes, concentrados nos meus. Senti um arrepio percorrer meu corpo enquanto meus olhos percorriam a face muito branca, pele aveludada, com traços leves e angelicais, tudo era muito perfeito e muito, muito terno, uma sensação diferente, algo muito bom que emanava um calor e penetrava em meu corpo me dando

uma sensação de leveza. Aos poucos meu coração acalmou, curando a ardência, deixando somente um grande vazio e, ao mesmo tempo, me trazia mais força. Respirei fundo uma, duas, três vezes e, enfim, reencontrei o equilíbrio, mas aquele rapaz não me levantou, aguardou que eu mesma fizesse este esforço, me levantei endireitando meu corpo e me desvencilhando de seus braços ainda presa ao seu olhar, ele não sorriu e nem disse nada.

Agradeci acenando com a cabeça e ele se afastou, senti um baque no peito e suspirei forte. Neste momento ouvi os gritos desesperados de minha mãe segurando-me em seus braços.

— Lucy... Lucy... — Por um momento minha mente ficou vazia, eu me esqueci de tudo, olhando para a minha mãe com aquela expressão desesperada, eu não entendia nada e quando vi o Chris com os olhos cheios de lágrimas me atirei em seu pescoço sentindo uma imensa necessidade de chorar, e chorei. A cada lágrima vinha uma lembrança até que surgiu tudo em minha mente e o motivo de tanta gente ao redor. Olhava em volta quando os meus olhos encontraram os do senhor Pablo parado com a mão na cintura, muito alterado.

— Fingida! — ele me acusou com a voz áspera no momento em que nossos olhos se encontraram. — Vigarista! Olha só para isso... — Apontava em minha direção. — Faz de tudo para alcançar seus objetivos.

Você não me engana!

— Cale a boca, pai! — gritou Chris e me abraçou. Meu pai pegou no colarinho da camisa dele, que o encarou com deboche.

— Não fale assim da minha filha — pediu entredentes. O senhor Pablo não se intimidou.

— Você não soube educar a sua filha, seu velho asqueroso. — Um vermelhão subiu pelo rosto do meu pai quando, então, se afastou para bater na cara do chefe.

— Pai, não, por favor, não... Ele vai despedir você, não faça isso — eu pedi implorando, pois sabia da importância do trabalho na empresa para o meu pai. Seu salário era alto e já tinha comentado em várias oportunidades que se humilhava porque valia a pena. Eu não queria ser o motivo de sua infelicidade, não queria.

Quando ele me olhou, o pai do Chris aproveitou a sua distração e na maior covardia golpeou furiosamente o meu pai, com um soco violento em sua cabeça fazendo-o cair para trás e bater com a cabeça no chão.

— Está despedido! — disse com ódio e de forma mecânica todos nós gritamos.

— NÃO!

— Seu covarde... — gritei entre as lágrimas, ver o meu pai ali no chão me fez perder o chão.

E o Chris perdeu a cabeça e foi para cima do seu pai

lhe dando um soco em seu rosto, seu pai segurou em seus punhos e os dois caíram ao chão. O senhor Pablo caiu de costas no chão com muita força, e o Chris estava ajoelhado sobre ele e mesmo assim ainda parecia dominado por alguma força do além e gritou:

— O que foi, vai defender a piranha, vai? — Ali no chão ele continuou gritando as piores ofensas com a mão no rosto, no local onde foi atingido pelo murro do filho. Enquanto isso, o Chris, que estava se levantando, suspirou com muito ódio no coração preparando o punho para acertar o pai novamente.

Eu chorava desesperada com tudo aquilo e as pessoas se aproximaram quando viram os dois se atracando no chão para ajudar, mas tudo foi muito rápido, o senhor Pablo arregalou os olhos e virou o rosto para o lado direito deixando a jugular exposta, quando então Chris iria bater em seu pescoço, eu senti um arrepio pelo meu corpo e um leve assobio chegou ao meu ouvido. Levantei rapidamente os olhos olhando ao redor. *Por que essas pessoas não ajudam?* E em meio à multidão eu vi o rosto que me segurou há minutos atrás, ele caminhava lentamente entre as pessoas como se levitasse do chão com aquele olhar triste e abaixou os olhos em direção ao Chris, eu fiz o mesmo e algo de imediato me tomou. Corri e segurei a mão do Chris.

— NÃOOOOOO, por favor! — implorei.

Ele bufou com muito ódio, totalmente fora de si, alguns homens que estavam por ali finalmente chegaram perto tirando o Chris de cima do pai. Tudo silenciou, meu pai se levantou, corri para abraçá-lo, Juninho estava agarrado às suas pernas, minha mãe chorava muito e me abraçou forte. Sophia se aproximou dele e ele olhou para ela, suspirando, inconformado.

— Você é uma péssima mãe, sabia?

— Vamos embora daqui, Pablo, já chega de espetáculo — dona Sophia falou ignorando-o sem se importar, como se já estivesse acostumada com aquele tipo de tratamento.

Ele se levantou com os olhos presos ao olhar castanho de Chris que foi até mim e me abraçou forte pelo pescoço beijando o topo de minha cabeça.

— Vou fazer de conta que você não me enfrentou, filho, vamos embora agora. — Ele estendeu a mão e Chris fez careta torcendo a boca, ainda com o corpo trêmulo eu agarrei a sua cintura.

— Eu não vou embora com você, o meu lugar é aqui com a mulher que eu amo... — O senhor Pablo então sorriu com um suspiro.

— Então, Chris, eu deserdo você, quero só ver como é que vai se sustentar... e ainda sustentar essa daí. — Senti a pressão de seus olhos e abaixei os meus.

— Não fale assim, Pablo, não fale com ele deste jeito, entendeu? — Dona Sophia o soltou inconformada com tudo aquilo. — É o seu filho... — Ele a interrompeu.

— Não é mais o meu filho... — declarou entredentes cerrados.

— Por favor... Pare com estas besteiras, meu amor. — Ela ainda tentou abraçá-lo, mas ele a empurrou.

— Quero só ver como vai bancar o luxo que está acostumado, e ainda mais agora sem dinheiro. — Ele riu. — Quero só ver... — gargalhou debochando.

— Eu não preciso do seu dinheiro. Muito menos do seu carro. — Estendeu as mãos entregando a chave quando sua mãe correu até ele e segurou.

— O carro fui eu quem deu de presente a ele. É seu, meu filho. — Ela o abraçou. — Venda o carro e use o dinheiro para começar sua vida — sussurrou e sorriu de canto de boca para mim ao lado do Chris.

— Vamos embora, Sophia — O senhor Pablo chamou. — Vamos sair daqui, não vou mais perder o meu tempo com este filho desnaturado, ele já fez a sua escolha, nos despreza, não merece nosso coração, nossa preocupação e nem o nosso amor. — E virou as costas caminhando em direção ao carro, abriu a porta e entrou. Enquanto isso, ela balançava a cabeça negativamente desaprovando tudo.

— Não, eu não vou — disse quando Chris segurou seu rosto com a mão, a fazendo olhar em seus olhos.

— Vá com ele sim, mãe, você o ama...

— E você?

— Estarei sempre por aqui esperando a sua visita.

Ela o beijou forte no rosto e saiu chorando, entrou no carro e o marido saiu acelerando. As pessoas foram se afastando, em seguida passei o olhar ao redor procurando pelo rapaz de pele branca e olhos azuis intensos, mas não o encontrei em nenhuma parte, deduzi que tivesse ido embora e entramos abraçados em casa. Senti um peso enorme em minhas costas que desmoronei sobre o sofá e fechei os olhos. Chris se sentou ao meu lado e deitou sua cabeça em meu ombro.

— Desculpe, querida, estou muito envergonhado... — Meu pai o interrompeu.

— Não precisa se envergonhar de nada, meu rapaz, estou orgulhoso da forma que defendeu a minha filha, isso prova o quanto você tem caráter, é bem diferente do seu pai. — Ele bateu nos ombros do Chris, que sorriu desanimado.

— Desculpe, senhor Marcos, por todo o mal que lhe causei e pelo seu emprego. — Eu também me sentia culpada e levantei os olhos.

— Eu sou a maior culpada de tudo — disse entre

lágrimas, sentindo a rotineira queimação em meu peito, levei a mão disfarçadamente até ele, pressionando levemente a região com os dedos.

Meu pai movimentou a cabeça de um lado ao outro em sinal negativo.

— Vocês não imaginam o alívio que estou sentindo de estar livre do senhor Pablo, vou confessar que eu nunca gostei mesmo dele — ele falou com um sorriso, aliviado, e minha mãe segurou em seu braço.

— Não se preocupe, meu amor, estamos juntos, e eu posso muito bem trabalhar para ajudar nas despesas da casa. — Ela suspirou. — Espero que daqui em diante eu tenha um marido à mesa do jantar! — disse com humor e Chris se levantou de repente eufórico.

— Senhor Marcos me bateu uma ideia, acho que é muito boa... — Meu pai arqueou as sobrancelhas, curioso, não só ele como todos ali na sala.

— O que o senhor acha de trabalhar junto comigo? — Ele riu animado, seus olhos brilhavam, balancei a cabeça animada olhando pra ele, pois seria uma opção e tanto, assim resolveria os problemas de todos, mas eu não conseguia assimilar como eles poderiam trabalhar juntos, e meu pai também não.

— Em quê? — ele perguntou fitando-o com um olhar indagador e o Chris elevou a mão, fechou o punho confiante e aquela atitude contagiou a todos na sala. Ele

olhou pela janela em direção ao seu carro e todos acompanharam sem entender.

— Acho que o meu carro vale um bom dinheiro, o suficiente para a gente começar um negócio. — Meu pai voltou o olhar pasmo para ele.

— Ah! Meu filho. Não é assim não, para abrir um negócio precisa conhecer um pouco dele e...

— Então... — Chris interrompeu colocando a mão em seu ombro. — Acompanhe o meu raciocínio — pediu gesticulando com as mãos, todos estavam com os olhos concentrados em sua explicação. — O senhor já tem uma grande experiência em construção civil, trabalha há anos com o meu pai e ele já confidenciou que você sempre foi o melhor funcionário que ele já teve. — Meu pai abriu um sorriso orgulhoso. — Eu vendo o carro e com a grana a gente monta uma sede e contrata alguns funcionários começando o nosso negócio. — Meu pai assentiu com a cabeça e sua expressão era confiante, ficamos felizes com a ideia maravilhosa.

— E você administra o negócio, certo?

— Isso, eu trabalho durante o dia e à noite eu estudo, já tinha decidido seguir a carreira do meu pai mesmo, engenharia civil. — Meu pai hesitou por um momento.

— Não acho certo vender o seu carro para abrir um negócio, vocês vão precisar de dinheiro. — Olhou para mim com o olhar preocupado. — A criança...

— Não se preocupe com isso, por enquanto... — Pausou e foi se sentar ao meu lado me abraçando pelo ombro. — Só que eu não tenho onde ficar e teria que morar aqui com vocês... — Levantou as sobrancelhas aguardando a resposta.

Meu coração encheu de ternura, tudo estava se encaixando, finalmente tirava o peso de cima das minhas costas, agora que parecia que tanto o Chris e o meu querido paizinho estavam empregados. Sim, apesar de ser só um diálogo em fase de amadurecimento, mesmo assim me trazia muita paz.

— Isso já é fato, Chris, você será bem-vindo em nossa casa — disse minha mãe abraçando a mim e ao Chris. O meu pai fez o mesmo, e Juninho em seguida.

— Eu posso trabalhar com vocês também... — ofereceu meu irmão com determinação fazendo todos rirem ao mesmo tempo.

— Pode dar certo sim, Chris — falou meu pai confiante. — Então vamos começar o nosso negócio. Vamos comemorar! — falou indo em direção à cozinha quando o Chris virou a cabeça fitando-me.

— Vai dar tudo certo, você vai ver. — Eu assenti com a cabeça porque não conseguia dizer uma palavra sequer, embora tivesse uma infinidade delas em minha língua pronta a serem soletradas. De repente, passei a sentir-me sonolenta, e meus olhos pareciam mais pesados

do que o comum. Estava me sentindo exausta, um cansaço pesou muito em minhas pálpebras fazendo com que elas se fechassem involuntariamente. Ninguém percebeu, meu pai voltava à sala com uma garrafa de champanhe, três taças e apontou em minha direção, sorrindo.

— Desculpe, querida, vai ter que ficar de fora desta — ele disse com tanto carinho que eu sorri.

— Pai, eu apaguei por um momento durante a discussão? — perguntei ao passar a imagem do homem de olhos azuis em minha mente. Ele disse que sim com a cabeça e com olhos raivosos.

— Um dia, o senhor Pablo vai pagar pela sua crueldade, onde já se viu tratar uma mulher grávida assim... — Minha mãe lançou o olhar preocupado para Chris, afinal o senhor Pablo ainda era o seu pai.

— Vamos esquecer este episódio, serve logo esta bebida, eu quero comemorar — sugeriu com muita alegria.

Eu sorri com dificuldade, não estava conseguindo segurar o cansaço e quando tentei me levantar senti uma dormência em minhas pernas e tudo foi se apagando, de repente me deu uma vontade de reagir, então lutei contra a vontade enorme de adormecer, e nunca mais acordar. Mas permaneci acordada, cambaleando de um lado ao outro, porque sabia que era o certo.

Quase não ouvia ninguém, somente um zum-zum-zum,

era a única consciência que eu tinha, era como se estivesse anestesiada. Até que ouvi somente as últimas palavras. Ância... Na pouca consciência que ainda tinha, presumi que alguém falava em ambulância... Rezei para que tudo passasse rápido, pois não estava mais aguentando me manter acordada, mas senti que era necessário.

Percebi muito distante o movimento da suposta ambulância quando uma dor insuportável tomou conta do meu peito, queria gritar, pedir socorro e virei a cabeça encontrando sentada ao meu lado minha mãe que segurava minha mão, e o Chris que sorriu. Fechei os olhos para tentar controlar a dor quando senti algo rolar pelo meu rosto. Abri meus olhos e vi que estava numa sala toda branca, era tão branca, tão iluminada, que precisava piscar várias vezes para acostumar os meus olhos.

— Como se sente? — Uma enfermeira morena e bastante jovem esticou o meu braço e aplicou uma injeção e eu sorri. Em seguida, se aproximou um médico com um tipo de lanterna e colocou sobre os meus olhos me fazendo fechá-los, mas ele os abriu com os dedos. Quando terminou o suposto exame, eu abri os olhos e reparei em seus incríveis dentes brancos em um sorriso acompanhado de uma testa franzida.

— E aí, mocinha, como se sente?

— O que aconteceu? — perguntei.

Os dois me fitaram com preocupação e foi aí que caiu a minha ficha, me lembrei do meu filho e entrei em desespero.

— E o meu filho, aconteceu alguma coisa com ele? — perguntei com uma imagem que vagamente vinha àquele momento.

— Ele está bem — garantiu o médico. — Fica tranquila. — Suspirei cansada.

— Mas eu preciso saber o que aconteceu, doutor? — Ele respirou profundamente antes de me responder.

— Você teve um mal-estar, mas já está estabilizada, fizemos exames mais apurados para saber a causa destes desmaios, não foi a primeira vez, né? — Assenti com a cabeça. — Estamos aguardando os resultados dos exames. Vou chamar os seus pais que estão lá fora aflitos para saber notícias suas. — Lutei contra as lágrimas que estavam prestes a sair, eu não sei por que me senti assim... Tipo estranha, me senti sufocada como se estivesse dentro de uma caixa de vidro lacrada com zero de oxigênio.

Este sentimento durou exatamente dois segundos, foi quando Chris e meus pais entraram aflitos no quarto exatamente como o médico informou, a presença dos meus familiares me deu certo ânimo, fiquei mais segura, mas a sensação ruim estava dentro de mim eu não sabia explicar exatamente os meus sentimentos, mas podia dizer que foi o pior de todos na minha vida.

Intensificou ainda mais ao perceber uma sombra no olhar de Chris e me desesperei, comecei a suspeitar que algo não estivesse bem com o meu filho, percebi que me escondiam algo.

— O que foi, Chris? — Ele se aproximou da minha cama, seu olhar oscilou entre os meus e dos meus pais, ele tentava disfarçar, mas não conseguia, estava ali estampado em seu semblante o medo, confusão. — O que é que está acontecendo, pelo amor de Deus? Que caras são essas, o que vocês estão escondendo de mim? — Abracei meu corpo forte e soltei o ar com força decidida a ouvir a revelação-tragédia, mas, para a minha surpresa, minha mãe se inclinou sobre a cama beijando com muito carinho o topo de minha cabeça, eu olhava para todos com desconfiança.

— Não se preocupe tanto, meu amor, seu filho está muito bem — garantiu e, então, um pouco mais aliviada fechei os olhos, eu preferi acreditar em minha mãe, só que algo dentro de mim me alertava, podia sentir um suspense no ar.

— Não estamos escondendo nada, querida. — Chris segurou firme em minha mão. — Descanse um pouco, você está precisando... — Sentia certa hesitação nele, o seu tom de voz não foi convincente. Balancei negativamente minha cabeça.

— Eu não preciso descansar coisa nenhuma, se o meu

filho está bem, então por que vocês estão esquisitos? Falem logo, este suspense está me matando! Por favor. — Eu chorava aos soluços, o pânico cobriu meu corpo e comecei a tremer.

Chris mordeu os lábios e antes de falar olhou mais uma vez para os meus pais que assentiram com a cabeça, e num ato desesperado, e inesperado, me abraçou muito forte ali na cama, mais do que o comum e chorou comigo. Naquele momento eu soube que algo de ruim acontecia e por um momento senti medo de perguntar, fiquei em silêncio...

— O nosso filho está bem, meu amor — garantiu Chris entre as lágrimas quebrando o silêncio, eu olhei em seus olhos com dúvidas.

— Se o nosso filho está bem, então por que é que você está chorando?

— Eu juro por Deus, os médicos fizeram o ultrassom. — Ele garantiu mais uma vez e, desta vez, me convenceu, então suspirei relaxando sobre a cama. Abracei minha barriga com a emoção que tomou conta de mim.

— Então nada mais me interessa... Se o meu filho está bem... — Olhei para a minha mãe que desviou o olhar para o teto, eu podia sentir sua fuga, então olhei para o meu pai e ele sorriu sem jeito, triste. E me perguntei o motivo de tanta tristeza, não conseguia entender. — Então, por que estão assim? — O meu pai se aproximou e

segurou em minha mão, percebi o tremor sobre ela... Meu coração acelerou, meu pai era um homem sério.

— Sabe, minha filha, às vezes a vida nos prega algumas peças inesperadas e...

— Não, por favor, Marcos — pediu minha mãe, que se aproximou e segurou em seu braço. — Espere o médico voltar com os exames.

— Continue, papai... — implorei ignorando a minha mãe que começou a chorar, naquele momento o meu mundo caiu. Ele abraçou minha mãe pelo ombro.

— Não temos tempo para rodeios. Precisamos contar agora, ela tem o direito de saber o quanto antes...

— Por favor, fale logo! — O medo avassalador da verdade fez meu coração disparar, mas a possibilidade de perder aquele ser tão pequeno dentro de mim, aquele ser que roubou o meu coração, era maior do que a minha própria vida. — POR FAVOR! — soltei um grito longo.

Chris deu a volta na cama sem soltar da minha mão, sem desviar seus olhos ele tentava segurar as lágrimas, mas eu via o brilho em seus olhos. Respirou profundamente apertando os lábios.

— Ainda não temos certeza, mas quando você deu entrada no hospital desacordada, a sua pressão estava muito alta, seu batimento cardíaco alterado... — Uma lágrima saltou de seus olhos quando pausou para um

soluço. — Bem, o eletrocardiograma acusou arritmia e devido aos sintomas... eles suspeitam que você sofra do coração... — Olhei apertado, meu queixo caiu literalmente com aquela revelação.

Gelei ao ouvir aquilo, fiquei muda por alguns instantes, parecia que o meu mundo havia sido destruído literalmente neste instante. Coloquei a mãos solta em meu ventre e respirei fundo, enquanto uma avalanche de informações povoava a minha mente, como se eu fosse morrer, será que é isso que significa, que sou incapaz de cuidar do meu filhinho? E... Eu não queria pensar no pior, eu não podia, entrei em desespero.

— Oh! Céus... — Soltei a mão do Chris levando-as à minha cabeça com o olhar perdido, amedrontado...

Os meus pais ouviam o triste relato do Chris, abraçados, com seus olhos aflitos em minha direção. Chris inclinou sobre mim na cama, beijando minhas mãos, minha cabeça e continuou com voz baixa, tão baixa, que precisei descer minhas mãos à cama, na lateral do meu corpo, e fechei meus olhos para me concentrar em cada palavra. Embora doloroso eu precisava saber de tudo e nos mínimos detalhes, era como se a minha sabedoria pudesse salvar a vida do meu filho, com a minha vida eu não me preocupava mais, só ele importava.

— Eles falaram em insuficiência cardíaca, já fizeram todos os exames, estão só aguardando o laudo médico...

— Beijou minha testa antes de continuar. — Mas são só suspeitas, meu amor... — concluiu tentando me animar como se isso fosse possível após a triste realidade.

— Insuficiência cardíaca? E o que quer dizer isso? — A pergunta saiu num fio de voz, eu não sabia exatamente sobre a doença, mas por se tratar do coração imaginei que fosse algo muito grave. Senti um aperto no peito e novamente a leve ardência e prendi a respiração.

— Fique calma, Lucy — falou passando seus dedos pelos seus cabelos. — Agora precisamos manter a calma, as emoções fortes podem não lhe fazer bem... — ele explicou tudo com tanto jeito e carinho, mesmo assim eu não conseguia me acalmar.

Exausta eu levei as mãos à cabeça em total desespero e chorei muito, chorei rios de lágrimas, doía muito a sensação de que poderia morrer e meu filho também.

— Ô, minha filha! — Minha mãe soltou dos braços do meu pai e me abraçou, as minhas lágrimas inundaram seu ombro. — Não chore assim... — Chris encostou sua testa na minha e choramos juntos. — Vai dar tudo certo, meu amor, vamos ter fé. — Ali, abraçada ao Chris, a minha vida parecia mais segura, ele me beijou a testa, as bochechas, meus lábios, meu queixo...com um carinho que me fez esquecer da dor que sentia por alguns segundos.

O meu pai segurou as mãos de minha mãe e juntos se afastaram da cama e ficaram encostados na porta, tristes.

Não demorou muito para o médico entrar no quarto, ele estava sério e puxou a cadeira e se sentou ao meu lado na cama com uma porção de papéis nas mãos e aguardou que nos acalmássemos, só então deu a notícia. A pior de todas da minha vida.

— Para ser sincero, eu gostaria muito de dizer que as suspeitas estavam erradas. — Abaixou os olhos tristes, senti uma pontada no coração. — Mas, infelizmente, se confirmou, é claro que ainda precisamos de mais alguns exames, mesmo assim podemos afirmar que existe a anomalia. — Suspirou antes de continuar enquanto eu estava com a respiração presa, acho que todos ali ao meu redor estavam. — Então, minha jovem, eu vou ser o mais direto possível, mesmo porque você precisa conhecer todos os detalhes para decisões importantes. Você sofre de cardiopatias congênitas graves associadas à hipertensão pulmonar, que significa anormalidade da estrutura ou função do coração. As cardiopatias congênitas descobertas tardiamente são pouco comuns, mas são as mais graves. São doenças de longa data e submetem o coração a um estresse intenso. Quando diagnosticadas em adultos são geralmente mais complexas — disse o médico. — A maioria dessas cardiopatias fica em orifícios do coração responsáveis pela comunicação do lado direito com o lado esquerdo do órgão o que sobrecarrega muito os pulmões. No seu caso, descobrimos um problema na válvula aórtica, responsável por

movimentos de regulação sanguínea, e evoluiu até atingir o ventrículo esquerdo do coração e formou um aneurisma, chegando a atrofiar o músculo cardíaco. No entanto, as mulheres que apresentam determinadas doenças que afetam o lado direito do coração e os pulmões, que é a Síndrome de Eisenmenger, e hipertensão pulmonar primária, correm o risco de sofrer um colapso e morrer durante o trabalho de parto ou logo após. — Arregalei os olhos e apertei a mão do Chris ao ouvir a notícia. — Desculpe falar assim, minha jovem, mas o risco realmente é alto e no seu caso aumenta mais devido à sua pressão estar nas alturas.

— O que sugere, doutor?

— O risco é suficientemente grande para que a gravidez seja desaconselhada. Quando uma mulher que apresenta um desses distúrbios engravida, o parto deve ser realizado nas melhores condições possíveis e com todos os equipamentos de ressuscitação disponíveis preparados, ou seja, você terá que visitar quase todos os dias o centro terciário para ser monitorada por uma equipe composta por obstetras, cardiologistas e anestesiologistas. E durante toda a gestação será monitorada por holter, caso decida levar adiante esta gravidez, e se passar pela fase, ainda assim vai existir riscos no período pós-parto. O risco de óbito materno no puerpério imediato é grande, por isso recomenda-se manter a puérpera no Centro de Terapia Intensiva por, no

mínimo, sete dias. Mas deve pensar bem na decisão que vai tomar. — Todos ficaram em silêncio ouvindo as explicações do médico. — Desculpe, mas esta é a sua real situação, a cardiopatia congênita pode passar despercebida por anos, apesar de que você já deve ter tido alguns sintomas que passaram despercebidos. — Assenti com a cabeça enquanto revivi toda a retrospectiva, desde que o mal-estar começou.

— De uns tempos para cá eu venho tendo sintomas estranhos mesmo, ardência no peito, falta de ar, dor no peito. E piora com as emoções fortes, cheguei a pensar que fosse reflexo dos meus sentimentos... — Ele suspirou e apertou a boca com um olhar de sinto muito. — Acha mesmo que eu não consiga, doutor?— perguntei reparando que minha mãe se aproximou da cama com expressão de horror, mas não disse nada.

— Vamos tratar tudo com transparência. — ele falou olhando para todos e concentrou seu olhar médico sobre o meu. — Esta resposta eu não tenho, mas digo e afirmo que pode se agravar conforme a gravidez avançar. Você se sentirá cada vez mais cansada, mesmo que descanse o suficiente, evite o stress, ingira alimentos nutritivos e suplementos de ferro para evitar a anemia e controle o seu peso. Mesmo com todos esses cuidados serão momentos preocupantes porque a gravidez vai exigir muito do seu coração e devido a esta doença há risco para o feto também.

— Pelo amor de Deus, vamos deixar os termos médicos de lado e me diga o que eu posso fazer? — pedi impaciente, ele respirou fundo.

— Olha, Lucy! Preciso ser sincero, no seu caso, como é muito grave, é aconselhável que a gestação seja interrompida.

— Não, claro que não. — Balancei a cabeça e fiquei muito agitada, decidida que nunca faria isso.

— Calma, meu bem — pediu Chris e olhou para o médico. — Existe alguma alternativa, doutor?

— Qualquer alternativa é um risco muito grande, como expliquei.

— Você disse que com todos os cuidados ainda é possível levar esta gravidez adiante... — Revivi as explicações do médico. Ele balançou a cabeça em sinal negativo e eu suspirei ansiosa por suas palavras, torcendo por palavras positivas, enfim... a vida do meu filho era muito mais importante do que qualquer outra coisa.

— Sim eu disse, Lucy. Mas vai sobrecarregar o seu coração e enfraquecê-lo, se ele falhar, você precisará de um transplante, e se decidir mesmo levar a gravidez adiante deve estar ciente de que há cerca de duzentos brasileiros esperando por esse tipo de cirurgia e que infelizmente 40% deles morrem aguardando o procedimento; e ainda que este número pode ser até sete vezes maior, pois muita gente não entra nessa lista de

espera. Eu sinto muito. — Ele se levantou e pegou em minha mão. — Pense com cuidado no que realmente deseja. Boa sorte — finalizou sério e saiu do quarto.

Fiquei em silêncio contemplando os passos do médico até ele sair pela porta, neste momento as lágrimas sumiram dos meus olhos, senti algo mudando dentro de mim, era algo grande que crescia a cada segundo me deixando forte o suficiente para decidir o meu futuro. Varri o olhar ao redor e todos ali estavam com a expressão triste, aflita, e eu estava ao contrário, me sentindo feliz e forte para lutar, porque o que já sentia pelo meu bebê era maior do que a minha vontade de viver. *Eu não vou mais chorar, não posso mostrar fraqueza para o meu filho que depende de mim para sobreviver.*

— Eu vou arriscar na gravidez... — disse decidida. O grito de minha mãe ecoou pelo ambiente assustando a todos, ela se aproximou da cama em total descontrole.

— Não, não pode fazer isso, é muito egoísmo de sua parte... — Segurei sua mão com força, eu sabia que precisava ser forte pelo meu filho e por ela. Meu pai veio atrás apoiando as mãos em seus ombros.

— Eu estaria sendo egoísta se decidisse interromper a vida dele. — Ao lado dos meus pais, Chris deu a volta na cama e deitou, emocionado, com a cabeça ao meu lado.

— Eu estou com você, amor, estamos juntos e vai dar tudo certo, se Deus quiser. — Virei o rosto beijando-o,

antes de voltar aos meus pais. Vi nos olhos do meu pai que ele sofria como a minha mãe, mas ele se mantinha firme enquanto a minha mãe se desmanchava em lágrimas. Eu sentia a mesma necessidade de chorar, de questionar a Deus por que eu se havia milhões de pessoas no mundo, por que justamente eu fui escolhida? Meu pensamento mergulhou para dentro do meu útero, para aquela vida que se iniciava. E cheguei à conclusão de que questionar me enfraquecia me levando em direção à escuridão, eu precisava continuar na luz e encontrar força para enfrentar o problema que já estava plantado ali dentro de mim, eu precisava dela para manter o equilíbrio necessário para trazer o meu filho ao mundo.

Esta força estava ali dentro de mim, me dominando, me encorajando. Sorri em vez de chorar, eu precisava acalmar aquela aflição toda, mas não houve tempo de falar o que eu sentia ou queria, minha mãe limpou as lágrimas e me olhou séria, tão séria, que levantei as sobrancelhas, surpresa.

— Deve ouvir os conselhos do médico, você pode morrer, minha querida, e eu não posso permitir isso...

— Não... eu já decidi ele vai viver, nem que para isso eu tenha que morrer e se ele morrer eu morro junto com ele.

— Isso é loucura, pelo amor de Deus, Lucy, você tem opção, não entende isso? — Apertei meus lábios e mais

uma lágrima desceu de meus olhos e seria a última, prometi para mim mesma em pensamento.

— Agora eu sei o que está sentindo, mamãe, sei exatamente o que é pensar em perder um filho... — Ela levantou os olhos encharcados pelas lágrimas olhando-me intensamente. — Do mesmo jeito que você não quer desistir de mim. — Solucei. — Eu não vou desistir dele. Nunca... — A decisão derrubou minha mãe, ela desabou em lágrimas e me abraçou forte. — Olhe sempre para o lado bom, vem uma nova vida para nós. É um presente.

— É difícil, minha querida. — Ela chorava cada vez mais e Chris tão gentil e carinhoso, que adotou os meus pais como os seus, veio ao lado dela segurando em seu ombro.

— Ela tem razão, dona Lillian... — Ela respirou fundo e limpou as lágrimas com as costas das mãos. Discordando, ela balançava a cabeça freneticamente que não.

— Você ainda é muito jovem e não justifica ser radical em suas escolhas e... — Balancei a cabeça pedindo para ela parar de falar.

— Por favor, mãe, não diga mais nada, não há uma estrutura sólida que sustente seus argumentos, não percebe?

— Você não está com medo? — ela perguntou.

— Eu? — Fechei os olhos e quando abri, toquei em seu queixo, e ela sorriu entre lágrimas. — Sim, sinto muito medo... por ele... — Pausei. — Porque eu sei que ele precisa de mim, de um corpo saudável para poder existir, isso eu não sei se vai ser possível...

— É claro que vai, minha querida — Chris sussurrou. — Você é uma pessoa forte... — animou-me.

— Minha filhinha... Você pode morrer. — Dei de ombros.

— Com esta doença eu corro risco estando ou não grávida! O fato é que eu posso morrer a qualquer momento, quem sabe? Só Deus, só Ele é quem sabe... — De repente, minha mãe se exaltou, eu sentia uma tensão emanando dela e inesperadamente ela gritou, nervosa:

— ESSE FILHO PODE NÃO NASCER, ENTENDA ISSO DE UMA VEZ POR TODAS.

Fiquei boquiaberta, eu nunca tinha visto minha mãe assim tão fora de si, meu pai a abraçou forte e ela chorava como nunca vi antes, confesso que me senti sufocada com o seu descontrole. Ao perceber o meu estado, Chris me abraçou tomando a minha frente como se quisesse me afastar de tudo. Pois ele tinha toda a razão e foram só alguns segundos que fechei os olhos, mas tempo suficiente para refletir e entender o sofrimento de minha mãe.

— Você não tem este direito, de decidir sozinha, está decidindo o destino de todos nós e... — Ela foi

interrompida com os lábios do meu pai com um beijo de ternura e apoio.

Tinha em mente ser o mais forte possível, assim eu conseguiria passar para o meu filho força, e foi assim que a olhei nos olhos quando ela se soltou dos braços do meu pai e se aproximou da cama. Coloquei a mão no peito de Chris que fazia o possível para que eu não me exaltasse e o afastei tirando do meu campo de visão.

— Ninguém vai tirar meu bebê de mim...

— O preço a pagar é muito alto, minha Lucy — ela insistiu nervosa, tropeçando nas palavras, descontrolada. Ao olhar em minha direção senti os olhos preocupados de meu pai, talvez pelo fato de ter ficado vermelha, pois eu podia sentir um calor subindo pelo meu rosto e novamente vir à tona a rotineira ardência em meu peito. E antes de fechar os olhos com força vi meu pai puxando minha mãe pelo braço.

— Calma, meu amor, respire fundo — Chris pediu segurando em minhas mãos.

Dei uma olhada e vi que minha mãe estava ofegante nos braços do meu pai. O rosto dela estava esmagado contra seu peito e suas mãos agarravam com punhos apertados a camisa dele. Eu sabia exatamente como ela se sentia, os seus temores e me sentia culpada por ser a causadora de tanta infelicidade. Mas por outro lado eu não tinha escolha, queria arriscar tudo, sem pensar nas

consequências. O quarto ficou em um silêncio só, meu pai tinha conseguido acalmá-la que já respirava serena.

— Mãe — eu murmurei o seu nome esticando o braço em sua direção. Ela se afastou do meu pai e veio até mim.

— Desculpe, por favor, eu te amo tanto... — Ela se inclinou sobre mim e me puxou em seus braços, o Chris se afastou de súbito, sorrindo.

— Bem, acho que voltei a ser a garotinha teimosa... — brinquei fazendo com que todos rissem ao mesmo tempo e meu pai rosnou, divertido.

— Então, eu vou precisar preparar aquela cinta de fivela, lembra? — Deu uma forte gargalhada descontraindo minha mãe, que também riu e fitou-me intensamente com aquele olhar de amor que encheu o meu coração de ternura.

— Está preparada para possíveis perdas, meu bem? — Ela balançou a cabeça ressentida e com os olhos luminosos pelas lágrimas. — Porque eu não estou e nunca vou estar. Eu só queria que você entendesse... — Eu a interrompi.

— Pare, pare de falar assim, é claro que ele não vai morrer, deixe de ser negativa. Se Deus o colocou aqui dentro — Coloquei as mãos em minha barriga. — é porque ele vai viver e bem, eu tenho certeza. — Minha mãe se afastou e ficou de costas. — Pare e pense comigo

— falei. — Pai, você deve concordar comigo! É ou não uma dádiva de Deus? — Abracei minha barriga e o Chris pousou sua mão quente sobre ela. Ali, eu senti uma vibração muito positiva acreditando que tudo, tudo mesmo, daria certo. — É porque Ele tem um propósito em minha vida, você não acha? — Ele acariciou minha cabeça ajeitando meus cabelos para trás.

— Acho sim, eu tenho certeza, minha querida. — Lágrimas desceram de seus olhos. — Esta carinha de felicidade compensa qualquer dor ou sofrimento. Eu te amo.

— Eu também te amo.

— Estou com você — garantiu o Chris.

E minha mãe voltou até a cama e ficou alguns segundos me olhando, seus olhos eram tristes, mas um sorriso surgiu em seus lábios.

— Eu não sei se estou certa, minha filha, mas estou com você. — Nós nos abraçamos todos ali na cama.

— Vamos vencer, vocês vão ver — disse confiante.

Capítulo Dezessete

Nem preciso dizer que a minha vida deu um salto de trezentos e sessenta graus e, após a alta do hospital, eram frequentes as crises de pressão alta o que aumentava e muito o risco de aborto. A hipertensão pulmonar aumentou a pressão na artéria pulmonar, agravando a insuficiência cardíaca direita e piorou a relação ventilação e perfusão. Quase que diariamente eu ia ao centro terciário para ser monitorada pela equipe médica.

Demorou alguns dias para eu me recuperar e retornar à aula, já o retorno para o serviço foi impossível devido as frequentes crises de pressão alta que iam e vinham. E como eu trabalhava em pé precisei de repouso.

Nos dias que se seguiram Chris se mudou para a minha casa, meus pais não disseram que não diretamente, mas as poucas palavras davam a entender que deveríamos dormir em quartos separados, e aceitamos as restrições numa boa, mesmo porque o Chris me surpreendeu assustadoramente, eu nunca poderia imaginar que ele realmente conseguisse deixar para trás o luxo ao qual estava acostumado e deixou tudo sem questionar,

realmente parecia muito feliz. Sua presença próxima a mim me ajudou a enfrentar dias difíceis que passei em vários momentos que sangrei e me bateu o desespero de perder o meu filho. Sem contar as dores no peito que intensificavam, mas eu não me importava com elas, conseguia desviar os pensamentos e só havia atenção para aquele ser tão amado dentro de mim.

Neste período vivia um turbilhão de emoções que oscilavam entre o desespero completo e o medo absoluto, por amar demais o meu filho. Confesso que a minha decisão causou certa curiosidade nas pessoas, foram muitas que não se conformavam com a ideia de eu levar adiante a gravidez, já que eu poderia morrer a qualquer momento. Algumas delas até aconselharam a abortar e se fosse o caso eu poderia adotar uma criança.

Falar é fácil, aconselhar quando está fora de sua pele é realmente leve, eu não me arrependo por nenhum instante com a decisão que tomei, eu não estava sozinha, sentia que Deus permanecia ao meu lado, e também os meus pais, meu irmão, e o Chris. Eles são minha família e a base de tudo. O meu amor por ele aumentou trilhões de vezes, mantinha-se forte sempre ao meu lado, corria comigo ao hospital a cada indício de dor, sangramento ou o que fosse. Eu tinha toda assistência que um parceiro poderia proporcionar a sua parceira.

Ele vendeu o luxuoso carro conseguindo uma quantia enorme, aliás, um montante que eu nunca vi na minha vida.

E como planejou, ele e o meu pai abriram a Construtora Construbens. Eu pensava que esta empresa já estava no destino dos dois, porque assim que estruturaram o negócio e começaram o marketing não demorou muito para surgirem os primeiros clientes. O negócio crescia a cada dia em uma expansão fora do comum, os novos contatos vinham a todo instante, pela lista de telefone e principalmente pelo boca a boca.

O Chris trabalhava durante o dia com o meu pai e à noite ia às aulas. Após a confusão com o seu pai, a dona Sophia correu até o colégio e deixou todo o semestre pago. E aos finais de semana ele alternava entre os estudos, para prestar vestibular na área de engenharia civil, e os nossos passeios e conversas. A felicidade, a parceria, tudo foi crescendo dentro da minha casa e aos poucos a minha vida e a de todos passou a ser de uma pessoa normal.

Acabamos até nos esquecendo dos riscos. Eu vivia um dia após o outro e nunca deixei de fazer planos para o futuro, coisa que eu esqueci nos meses antes de conhecer o Chris. Agora eu queria um futuro e o desenhava em minha mente, aquele futuro que o Chris propôs reescrever. Eu visualizava o futuro do meu filho, do Chris e de toda a minha família. Era animador demais ver a empresa crescer, nossas vidas melhorarem e a união ser perfeita.

A fofa da Clarinha passava em casa sempre que ela tinha tempo, fiquei surpresa também com a visita da

Gláucia ela foi muito atenciosa comigo e também a Janette passou algumas vezes para saber como eu estava, agora os outros amigos do Chris e o seu pai eu não ouvia mais falar. Deduzi que eles ainda estivessem em crise, mas eu não perguntava e o Chris também não comentava, ele queria me poupar de qualquer aborrecimento, em vez de encher a minha cabeça com problemas, ele completava os meus dias me levando para passear. Momentos inesquecíveis, marcantes que nunca se apagarão de minha mente, nunca...

Com o tratamento intensivo e a minha disciplina finalmente consegui melhorar das crises que deram uma trégua. As noites de amor com o Chris, embora fossem mais calmas, nunca deixaram de existir, ele me visitava sempre. Meus pais nunca falavam nada, fingiam que não sabiam, mas eu tinha certeza de que eles percebiam pelos olhares desconfiados, que sempre eram acompanhados de risinhos silenciosos.

Eu voltei à escola, meu desejo era terminar o ensino médio e quando o bebê nascesse e eu já estivesse adaptada, prestaria vestibular na área de Arquitetura, pois decidi fazer este curso já imaginando trabalhar na Construbens.

Os sonhos nunca acabaram, era muita alegria com choros quando me imaginava com aquele barrigão. Nunca pensava nos problemas, principalmente nas duas ameaças de abortos que tive, e quando o meu coração

sobrecarregado gritou e resolveu diminuir as batidas cardíacas ameaçando a vida do meu filho foi um desespero, todos entraram em pânico, minha mãe então! Quase enfartou quando ela viu que a possibilidade de eu morrer realmente existia, já eu fui ao contrário, só pensava no meu filho e fortaleci as minhas orações com muita fé e confiança de que tudo daria certo e foi o que aconteceu. Deus sabia o quanto eu era forte e, mais uma vez, estendeu sua enorme mão até mim me socorrendo, salvando a mim e ao meu pequeno que eu já amava tanto.

Sentia muito orgulho do meu quase marido, o Chris me surpreendeu com a sua inteligência, gerenciava os negócios de forma esplêndida e com verdadeiras mãos de ferro, assim a construtora prosperou muito nos cinco meses e ainda assim ele conseguiu se manter presente. Algo que ele sempre desejou na vida e, conforme disse várias vezes, nunca teve. Sua vida inteira foi com um pai ausente, mas ele tinha sua querida e amada mãe que sempre que podia vinha nos visitar e em alguns dias ela acabava dormindo lá em casa, principalmente nos dias em que o meu mal-estar intensificava um pouco, mas nada demais.

Eric era o nome do nosso filho, no último ultrassom de emergência que precisei fazer conseguiram confirmar que se tratava de um menino forte e cheio de saúde, graças a Deus. Este nome veio logo quando ficamos sabendo de seu sexo, na verdade quem escolheu foi o Chris que falou

sempre sonhar em ter um filho com esse nome e quando perguntei de onde veio este sonho falou que desconhecia a razão, mas era um nome que mexia com o seu interior trazendo fortes emoções. Um fofo... Era fofo em tudo, se tornou uma pessoa adulta cheia de sonhos e corria atrás de cada um deles.

A vida seguia, minha barriga começou a aparecer e eu ouvia quase o dia inteiro a gravação do coração do meu bebê batendo, sentia um imenso orgulho por nunca ter pensado sequer na possibilidade de abortar e a minha mãe agora estava mais tranquila, era incrível a maneira como eu conseguia lidar com tudo aquilo sem me abater e ainda transmitia segurança a ela que acabou se esquecendo dos riscos, na verdade todos nós nos esquecemos, aliás, nos acostumamos eu acho... Só não nos esquecemos dos remédios e de todos os tratamentos e procedimentos para tudo continuar na paz que estávamos.

Acordei numa segunda-feira desanimada, porque eu sabia que ficaria o dia inteiro sozinha em casa. E não poderia ser diferente depois de um fim de semana completo ao lado do meu amado e de minha família era normal que me sentisse assim. Almoçamos juntos em casa e à tarde fomos todos passear no shopping e tomar sorvetes. Adorava este tipo de diversão, por ser em um ambiente refrigerado e com toda a estrutura, já que o meu estado exigia cuidados especiais.

O Chris foi ao meu quarto me desejar uma boa-noite

e acabou ficando, estávamos deitados e era delicioso sentir o perfume dele. Meu desejo por ele era tão intenso, só o fato de estarmos no mesmo ambiente me causava arrepios pelo corpo todo e eu não conseguia desviar os olhos dele dormindo com um sorriso que brincava em seus lábios, até que ele abriu os olhos e me flagrou fitando-o enquanto dormia e deu um sorrisinho malicioso. Pronto, o gesto já foi o suficiente para aumentar extremamente o calor de nossos corpos, fazia alguns dias que não nos tocávamos intimamente e eu já estava com saudades, não só eu, ele também.

Estava deitada de lado e ele se deitou de frente pra mim passando a mão pelas minhas costas e abrindo o zíper do meu vestido, estava tão cansada que não tive coragem de tirá-lo, mas como era bem largo se tornou uma roupa confortável para dormir. Lentamente desceu a alça do vestido e beijou o meu ombro. Estremeci ao toque e fechei os olhos me sentindo nas nuvens, pensei em como eu era feliz ao lado dele.

Lentamente ele se sentou na cama encostando as costas na cabeceira e olhava para baixo em meus olhos, seu olhar estava muito excitado, ele segurou em minha mão levando-a contra a sua ereção pulsante e começou a subir e descer minha mão deslizando suavemente. Gemi. Ele apenas suspirou e ergueu seu olhar de minhas mãos para os meus olhos.

— Viu o efeito que você causa em mim? — disse

num murmúrio.

Eu arfei e sob o tecido de algodão do seu pijama flexionei meus dedos ao redor de sua circunferência e ele apertou os dentes num gemido com a voz fraca e exalou um suspiro prolongado jogando a cabeça levemente para trás.

— Nem que eu queira consigo sair da cama, eu quero estar dentro de você — ele disse deslizando o dedo indicador em meus lábios entreabertos me deixando completamente excitada a ponto de eu pressionar um pouco mais o volume deliciosamente sedutor, fiz cara de safada e mordi os lábios o deixando louco.

— Por favor, meu amor, dê um jeito nisso. — Ele me provocava levando sua mão sobre a minha em sua ereção e apertou.

"Oh!". Por um segundo, as possibilidades... o perigo são deixados de lado, meu corpo arde com a necessidade. Ele me olha fixamente, com seus olhos brilhando de desejo. Sentia um imenso orgulho em tê-lo ali em minha cama gloriosamente... como se fosse o meu presente de Natal.

Eu me sentei e corri meus dedos ao elástico do pijama e deslizei levemente para baixo roçando em sua pele macia e máscula. Ele levantou a pélvis para facilitar a passagem e com o pé jogou para longe a roupa. Respirei profundamente por um instante com os olhos passeando

pelo seu corpo maravilhosamente definido e passei as costas dos dedos sobre sua ereção ereta e volumosa. Ele puxou a respiração e sorriu para mim.

— Ah... minha querida... — Respirou.

Eu tomei posse, segurei firme e, em seguida, acariciei seu pênis deliciosamente, assistindo sua expressão à medida que eu fazia carinho. Sua boca estava aberta em formato de "O", enquanto ele respirava forte. Sua pele era deliciosamente lisa... suave… duro… hmmm, que combinação saborosa... Se eu pudesse, eternizaria este momento... Eu me inclinei para frente, com o meu cabelo caindo ao redor de meu rosto, coloquei seu membro em minha boca e o saboreei, chupei deixando cada vez mais duro. Ele fechou seus olhos.

— Que boca maravilhosa, Lucy, continue — murmurou entre os gemidos.

A minha felicidade era completa, um sentimento tão intenso... Eu o provocava e provava-o com minha boca e língua. Ele arqueou o quadril, enquanto eu deslizava a minha boca nele, meus lábios apertando… de novo e novamente.

Ele segurou em minhas mãos, eu me levantei e me sentei montando nele e arqueei o meu corpo ao contato de sua ereção em mim. Os movimentos se intensificaram, eu estava com as pernas em volta da cintura dele, nós gemíamos enquanto eu podia sentir a pulsação dele,

quando ele puxou a respiração.

— Lucy, mais um pouco e eu não vou resistir, eu não quero gozar agora, quero gozar com você, meu amor...

Como ele, o meu corpo ardia de prazer. Emocionada, acariciei seu peitoral e desci os beijos do pescoço ao seu peitoral e tracei uma linha com a língua até onde meu corpo inclinou. Ele acabou se esquecendo da gentileza que eu precisava na fase de minha gestação e o cuidado com o esforço excessivo.

Ele me beijava enquanto enfiava as mãos por baixo do meu vestido levantando-o até a cintura, e com muito carinho deslizava as mãos pelas minhas pernas ao seu redor, e travei ele entre as minhas. Minhas mãos desceram para as suas coxas e a cada toque ficávamos arrepiados e muito excitados.

Algo me dizia que a manhã seria longa e por um momento me preocupei em pensar que alguém poderia entrar no quarto, mas logo relaxei porque me lembrei de que, ao entrar na noite anterior, o Chris trancou com a chave. Ele me abraçou forte e muito carinhosamente beijou meu pescoço e orelha, pressionando meu corpo sobre sua ereção e me fazendo perder toda a capacidade de raciocinar.

— Será que a gente pode fazer amor, querida? — sussurrou em meu ouvido com o hálito quente me levando à loucura e olhou em meus olhos. — Oh, diga que sim, por

favor. — Seus olhos estavam vivos com a excitação.

No fundo eu estava preocupada com o impacto do ato de amor, mas estava muito difícil de resistir.

— Eu não sei dizer se a gente pode ou não, mas o fato é que eu quero muito ter você dentro de mim — murmurei falando bem pertinho de seu ouvido também.

— Que bom, amor... — ele disse com a voz embargada enfiando a cabeça na curva do meu pescoço enquanto eu movimentava freneticamente o meu quadril sobre o seu membro e enfiei as mãos por baixo de seus cabelos o fazendo suspirar de prazer. — Mesmo porque eu sou incapaz de parar — murmurei.

— Não pare, não, por favor — sussurrei entre seus lábios entreabertos movidos pelo desespero de fazer amor. Ele enfiou a língua dentro de minha boca num beijo longo e eu já estava suspirando cada vez mais forte.

Agarrei seus cabelos da nuca e dei uma leve mordida em seu pescoço, Chris deslizou suas mãos até minha bunda e deu alguns tapinhas, não aguentei mais e soltei um gemido alto! Ele ainda me manteve na mesma posição, ficamos nos olhando intensamente, seus olhos estavam pidões, porém, cautelosos, e eu sentia o cheiro do medo que exalava deles, eu também sentia medo, só que como parar em meio ao turbilhão de emoções? Não havia como fugir daquele sentimento que crescia a cada instante e estávamos suspirando intensamente, sentindo a sua ereção,

mesmo sobre a calcinha, pulsando em contato a minha vagina, aquilo só me deixava ainda mais excitada com contrações fortes em toda a minha intimidade que subia até os meus seios deixando os bicos arrepiados! Acariciei aquele corpo perfeito, continuei descendo minhas mãos chegando a sua ereção magnífica pegando-a na palma da minha mão. Chris jogou a cabeça levemente para trás e puxava meus cabelos com força e gemia de prazer.

Totalmente excitado ergueu mais o meu vestido até o meu pescoço, até ia tirar, mas hesitou e desistiu, não disse qual seria a razão, porém não precisou porque eu entendi, sabia que a qualquer momento poderíamos ser surpreendidos e mesmo assim não paramos, só tomamos cuidado para facilitar as coisas, caso alguém batesse à porta do quarto.

Rapidamente acariciou meus seios e subiu com a boca pela minha pele até os meus lábios que já o esperavam abertos, aquilo era bom demais, eu arfava e gemia baixinho entre beijos e suspiros. Ele desceu os lábios novamente, do mesmo jeito que subiu, deixando um rastro de fogo, uma chama que ardia de desejo e, ao chegar aos meus seios, deu uma mordida que deixou uma marca e começou a lamber meus mamilos de um modo que me fazia gritar em silêncio! Ele ia dando tapinhas na minha bunda sem parar, até que ela ficou um pouco vermelhinha... Mas eu não estava sentindo nenhuma dor naquele momento, somente prazer, um prazer intenso!

— Eu quero você, Lucy, eu preciso de você, eu quero ser enterrado dentro de você... — ele implorou murmurando.

A partir daquele momento não pensei em mais nada. Entreguei-me por completo às carícias enlouquecedoras dele. Levei minha calcinha ao lado liberando a passagem que tanto ele queria.

— Isso... — Ele respirou e passou o dedo em mim e suspirou entredentes. Sorriu torto e sussurrou:

— Você está do jeito que adoro, Lucy, encharcada! — Ele me deixou louca com aquela voz rouca e doce, em seguida passou o braço ao redor do meu quadril, erguendo-me ligeiramente, e com a outra ele se posicionou embaixo de mim e muito lentamente, deslizou-se dentro de mim. Fechei os meus olhos e gemi conforme ele me penetrava, preenchendo-me, minha boca se abriu e um gritinho de prazer escapou.

— Oh… Chris, eu amo você...

— Eu também, querida, sinta-me, sinta-me todo — ele rosnou e brevemente fechou seus olhos. Ele estava dentro de mim, preencheu-me totalmente até o fundo.

— Que delícia! — ele murmurou flexionando e girando seus quadris no mesmo movimento, gemi.

— Oh, meu Deus! — A sensação irradiou ao longo de minha barriga… Parei um instante ao me lembrar do

meu filho, mas logo esqueci e a sensação estava em todos os lugares.

Ele agarrou minha cintura moldando todo o meu corpo ao seu e fazíamos movimentos lentos, a princípio, porque a coisa foi esquentando a cada movimento, a cada beijo, a cada sussurro e gemidos, tudo era maravilhoso demais, algo inexplicável. Eu distribuía beijos por todo o seu peitoral e subia pelo pescoço dando leves mordidas, com isso fazendo com que ele se contorcesse.

A sensação ardente me atravessou inteira e cresceu, olhei dentro dos seus olhos, e nossos olhos se encontraram… e eu vi admiração neles, inexplicável. O que sentia agora era muito mais do que já senti antes, eu não sabia explicar como também não priorizava os meus pensamentos. Ele era meu, eu era dele é isso que importava.

Algum tempo depois, eu não aguentei mais e fui chegando ao orgasmo! Ele me olhava bem no fundo dos olhos e gozou alguns minutos depois quase gritando de prazer! Os nossos orgasmos foram muito fortes fazendo com que ficássemos cansados, suados, com as pernas bambas e nos jogamos sobre a cama, cada um do seu lado e por algum tempo ficamos em silêncio com as respirações ofegantes. Só quando acalmou, ele se inclinou para mim com os olhos mostrando um olhar preocupado.

— Tá tudo bem, eu te machuquei? — Ele me beijou

calmamente. Abracei-o carinhosamente dando beijos em seu rosto.

— Muito bem — disse, sorrindo, e ele sorriu também acompanhado de um suspiro de alívio.

— Ufa, isso foi uma loucura! — exclamou abaixando a cabeça em direção a minha barriga e ficou beijando toda a extensão dela. — Desculpa viu, filhinho, se o papai te machucou é que essa sua mãe é muito gostosa! — Pressionei a cabeça no travesseiro às gargalhadas, ele levantou os olhos e ficou me olhando, rindo também. — É, você ri, né, sua danadinha? Não pensou que poderíamos ter machucado o moleque... — brincou com muito humor e voltou encostando sua cabeça na minha.

— Agora eu estou me lembrando de que em uma das consultas, o médico falou que sexo na gravidez é saudável e não machuca o bebê... Você se lembra disso? Esteve comigo em todas as consultas. — Ele assentiu com a cabeça. — É só procurar maneiras que deixe a barriga sempre confortável.

— Mas ele falou também que você não pode fazer esforços, lembra? — Ele virou a cabeça com a sobrancelha arqueada lançando um olhar intrigado. Dei de ombros.

— E qual o esforço que a gente fez? Foi ótimo, carinhoso e tudo foi tão devagar... — Suspirei. — Tão gostoso. — Ele retribuiu o sorriso com um beijo. — Estou

me sentindo ótima, leve e ainda mais apaixonada. — Deu outro beijo e, desta vez, bem estalado.

— Eu já vou, amor — sussurrou em meu ouvido, fiquei tensa porque eu sabia que até à noite teria um dia solitário sem ele. Sentou-se na cama e eu segurei forte em seu braço.

— Pare de me torturar, Chris, fica em casa hoje comigo. — Fiz biquinho e acabei rindo em seguida, ele me deu mais um beijo e saltou da cama vestindo a calça, eu não conseguia tirar o olho.

— Pare de olhar para ele, senão você vai ver as consequências. — Levantei os olhos e o peguei com o olhar torto e aquele sorriso malicioso que me deu contração em minha intimidade. Tapei o rosto com as mãos, rindo.

— Tá bom...

— Eu quero só ver como vou sair do quarto sem ser percebido, seus pais devem estar lá embaixo. — Eu ri de sua expressão preocupada.

— Eles não vão falar nada, Chris, nós estamos quase casados e... — Ele se aproximou da cama e sentou ao meu lado.

— Ainda não, mas pretendo oficializar nossa união o mais breve, de preferência antes do Eric nascer. — Confesso que ele sempre me impressionava com o seu

jeito responsável.

Algum tempo depois que o Chris saiu do quarto fiquei ali pensando em minha vida, em tudo que me foi reservado. No fundo, eu sentia uma pontinha de tristeza, não por me sentir insegura, pelo contrário, o Eric me tornou uma pessoa diferente, forte e com uma coragem imensa de lutar por tudo, e sim pelo que eu vinha fazendo depois que descobri a gravidez, esqueci até que ainda não passava de uma adolescente que passou a ser uma pessoa cheia de críticas e preocupações, coisas que um adolescente nem pensa... Imagina... Mas eu sabia que para tudo caminhar bem eu precisava desta força e ela estava lá no abismo de minha alma, fui buscá-la e agora era a minha maior companheira, vivia um dia após o outro, mas não como se fosse o último, mesmo porque eu via um futuro à minha frente e era um longo futuro...

Ouvi o ronco de minha barriga avisando que estava com fome e olhei para o relógio, me dei conta de que já fazia muitas horas que não comia nada depois de ter queimado tanta energia. Levantei e fui ao banheiro, fiz a minha higiene pessoal, saí do meu quarto e quando olhei para o lado a coisa mais linda do mundo estava ali, Chris enlaçou a minha cintura e beijou o meu pescoço, com os cabelos ainda úmidos e a deliciosa colônia, suspirei profundamente, mas não foi legal porque o cheiro provocou uma sensação de enjoo e achei que fosse vomitar. Pedi um minuto e entrei no quarto correndo em

direção ao banheiro, não vomitei, foi alarme falso, só uma sensação. Quando voltei o encontrei parado na porta com os olhos arregalados, assustado.

— Querida, você está bem? — Eu passei sorrindo por ele na porta e ele me acompanhou com o olhar preocupado e um sorriso duvidoso que acabei rindo animada.

— Você me enganou, né? — E me abraçou carinhosamente beijando meus lábios.

— Foi alarme falso... — sussurrei em seus lábios e o puxei para a cozinha, estava morta de fome.

Minha mãe estava na cozinha, sentei à mesa e comecei a tomar meu café, comia tudo que encontrava pela frente, parecia que não comia há dias.

— Bom dia, né, filha? — disse sentando ao meu lado e eu virei pra ela, beijando sua bochecha.

— Bom dia, mãe. Estou com muita fome — respondi com humor.

— Deixe-a comer à vontade, dona Lillian, ela precisa alimentar duas pessoas — declarou Chris em seu tom tendencioso e eu sabia muito bem o que ele insinuava enquanto se servia de uma generosa xícara de café, levando à boca com um sorriso radiante. Lancei um olhar de canto e vi quando ele sorriu safado e eu corei.

— Aham... — Eu acabei sorrindo em silêncio

mastigando sem parar, com a certeza de que ela sabia o que aconteceu. Meu pai entrou logo em seguida na cozinha quebrando um pouco o clima e beijando minha testa.

— Bom dia, filha. — Eu apenas sorri e ele beijou os lábios de minha mãe e deu um bom-dia para o Chris com o olhar sério e se sentou em seu lugar ficando em silêncio.

O Chris começou a falar sobre a construtora quando meu pai bateu as mãos na mesa e o olhou sério. Todos nós olhamos para ele estranhando sua atitude, principalmente o Chris que recuou na cadeira e arregalou os olhos. Na verdade, eu já imaginei que algo o chateou, pois sempre batia daquela forma na mesa.

— Acho melhor vocês dois se casarem... — Chris corou na hora e eu abaixei os olhos, "Vixe fomos descobertos!", pensei quando ele continuou com a voz áspera que me assustou. — Eu gostaria de respeito embaixo do meu teto, mas já que vocês dois não se desgrudam, então, por favor, marquem a data do casamento e aí vocês podem dormir juntos normalmente.

— É c-claro — Chris falou com a voz entrecortada. Ouvi um risinho baixo da minha mãe e desviei o olhar, ela parecia se divertir com a situação embaraçosa em que o meu pai colocou o Chris.

Ela ficou ali só observando a reação do Chris que começou a tremer e quando ele colocou a mão sobre a mesa para falar todos viram que tremia, corou nervoso e,

então, colocou a mão no seu colo embaixo da mesa. Eu dei um risinho divertido e cutuquei seu pé por baixo da mesa o fazendo engasgar com a sua própria saliva.

— O senhor tem toda razão, inclusive eu e a Lucy conversamos muito sobre isso esta manhã... — Pausou prendendo a respiração ao perceber o olhar severo do sogro balançando a cabeça em negativa. — Q-quero dizer... — Ele se atropelava ainda mais com as palavras e minha mãe se divertia. E como eu não era de ferro, acabei rindo também do constrangimento que o Chris estava passando e de como ficou todo enrolado, então não teve alternativa, tive que ajudá-lo.

— Engraçado o senhor tocar neste assunto, eu e o Chris, nos encontramos no corredor agora há pouco. — Apontei em direção à escada, o Chris suspirou aliviado, percebi quando relaxou os músculos e piscou para mim, como se estivesse agradecendo, sorri e voltei ao meu pai que estava atento fingindo acreditar em minha explicação, mas eu não me intimidei e tentei falar na maior naturalidade possível. — E ele fez justamente esta proposta, acredita?

— Ahhh... — exclamou meu pai lançando um rápido olhar e percebi que ele se segurava para não rir, mas minha mãe não aguentou mais segurar e caiu na gargalhada, neste instante o Juninho entrou na cozinha bocejando.

— O que foi, mãe? Por que você está rindo? — Ele beijou minha mãe, sem fôlego ela não respondeu, então ele beijou o meu pai, meu rosto, e na maior ingenuidade beijou também a minha barriga. *Que fofo!* Eu o enchi de beijos, se sentou à mesa já pegando o seu pão e passando a manteiga.

— Está tudo bem, Chris — disse a minha mãe ao recuperar o fôlego e estendeu a mão sobre a mesa oferecendo a ele para ver se suas mãos ainda tremiam, acabei rindo ao ver que ele olhava receoso. — Está tudo bem vocês ficarem juntos, dormirem e tudo mais, mas o que o Marcos está querendo na verdade é que vocês oficializem essa união, e também porque quando o Eric nascer seria muito melhor se vocês já estivessem casados no papel... — Chris balançou a cabeça afirmando.

— Claro... Hoje mesmo vou passar no cartório e marcar uma data — concluiu.

— Assim fica melhor — disse meu pai levando um pedaço de pão à boca.

— Obaaa, vai ter festa, será que posso chamar alguns amigos? — disse Juninho todo eufórico.

— Vamos casar só no cartório, certo, Chris? Eu não gostaria de entrar na igreja com este barrigão. — Chris deu de ombros.

— Como você quiser, querida. — Piscou e sorriu olhando para o Juninho, que estava na maior expectativa.

— Pode chamar seus amigos sim, cunhadinho, mesmo que a gente não se case na igreja, e sim só no cartório, a gente marca uma pequena recepção para comemorar o evento.

— Legal. — Juninho balançou a cabeça de um lado ao outro, feliz.

— É uma boa ideia! — concluiu meu pai. — Afinal, o lucro da construtora não para de crescer, até dá para algumas extravagâncias.

— Por enquanto são algumas, mas, em breve, se Deus quiser, a empresa vai estar *bombando* e vamos fazer grandes festas.

— Se Deus quiser — torceu minha mãe.

E quando todos saíram senti um vazio dentro de mim, se pelo menos eu pudesse trabalhar, isso me distrairia, mas no momento os esforços tinham que ser mínimos, já arriscava ficando mais de quatro horas todas as noites na escola. Mas o mais importante era que a gente levava uma vida normal, sem nunca conversar sobre a minha doença, fazíamos de conta que tudo estava bem e com este pensamento positivo as coisas continuavam muito bem, além do esperado. Em todas as consultas, os médicos se surpreendiam com a minha saúde e a do meu filho que crescia firme e forte.

Sozinha, em casa, comecei a ficar incomodada e fui até a janela da sala abrir as cortinas, o dia estava cinzento e vi a garoa fina que caía freneticamente molhando a terra

do jardim. Garoa esta que, aos poucos, se tornou uma forte chuva, então eu agradeci pelo tempo estar assim, porque se fosse ao contrário com certeza não resistiria em sair.

Respirei o ar fresco que a chuva trazia com o vento balançando as folhas das plantações, pela pequena fresta aberta da janela vinha um cheiro inebriante e maravilhoso de terra molhada, o vento em meus cabelos, era mágico! Senti algo confortador dentro de mim e fechei os olhos por um segundo apenas, porém buzinas insistentes e a voz da Clarinha me tiraram dos meus devaneios da natureza e abri os olhos. E lá estava ela como sempre sorrindo.

— Oi, Lucy... — Ela desceu do carro e correu para a varanda da minha casa fugindo da chuva. Fui abrir a porta. — Nossa, que chuva! — ela disse passando as mãos pelo corpo...

— Sua maluca, saiu com um tempo deste... — Ela me abraçou.

— Estava com saudades da minha melhor amiga. — Suspirou no meu pescoço e se afastou passando a mão pela minha barriga. — Puxa, já está aparecendo, hein! — ela disse surpresa, na verdade a Clarinha passava aqui em casa sempre que podia, mas já fazia um mês que eu não a via. Peguei em sua mão, puxando-a para dentro e fechei a porta.

— Pois é, estou quase entrando no sexto mês... —

Ela se sentou e eu sentei na poltrona à sua frente colocando os dois pés para cima do sofá segurando a barriga com as mãos. Ela riu com uma cara estranha.

— Não aperta o neném esta posição? — Eu olhei e, de repente, soltei as pernas que foram imediatamente ao chão, pensando que ela tinha razão.

— Ah... Meu Deus, que costume esse meu, viu? — Balancei a cabeça negativamente.

— Precisa ter cuidado, amiga — repreendeu-me. — E aí, me conta as novidades. Como você tem passado?

— Graças a Deus, está tudo caminhando perfeitamente bem. — Respirei fundo, sempre fazia isso quando analisava o tempo até o presente. — Você sumiu... O que aconteceu?

— Pois é, amiga, a irmã do meu pai que mora em Miami adoeceu de repente e tivemos que viajar às pressas. — Senti uma tristeza em sua voz.

—Nossa! E como ela está?

— Foi um susto muito grande! Agora ela está melhor, quero dizer. — Respirou fundo. — É o que esperamos... — Tinha dúvida em suas palavras.

— Como assim, o que ela teve?

— A minha tia sofre algum tempo de depressão, mas não pergunte por quê. Pois esta resposta nem eu e ninguém tem, ela é uma grande profissional na área de

comunicação, tem vários amigos, se relaciona bem... O seu marido, o tio Heder, é um supercompanheiro, então fica difícil de explicar toda esta tristeza, mas os médicos dizem que depressão é mesmo uma doença silenciosa que ataca uma grande parte da população e o melhor remédio, tirando os tradicionais, é o carinho da família. Imagina?! O meu pai não quis voltar enquanto não teve a certeza de que ela realmente ficaria bem.

— Dizem que esta doença é desastrosa quando não cuidada corretamente...

— Ela ficou bem quando voltamos, chorou um pouco, mas passou bastante confiança ao meu pai, que acabou cedendo e então nós retornamos, afinal eu estava em pânico, pois do jeito que estava faltando na escola iria repetir o ano.

— E aí, como vai fazer com as aulas que você perdeu? — perguntei curiosa.

— Meu pai deu um jeitinho, conversou com a direção da escola, e eles sugeriram uma professora, eu ainda não a conhecia, mas conforme as recomendações garantiu que me ajudaria com as matérias. — Dei um sorriso silencioso.

— Nada como ter dinheiro — disse com humor e Clarinha também riu, me cutucando.

— Engraçadinha... Acontece que eu não faço uso para coisas ruins, passo longe daquela megera da Melissa.

Amiga da onça...

— Você nunca mais falou com ela?

— Deus me livre, quando a vejo vindo em minha direção eu desvio imediatamente. Quero distância daquelas falsas. — Rimos divertidas.

— E o resto... — Clarinha me olhou por cima dos olhos, corei e abaixei os olhos com a pressão que os dela exerceram sobre mim. Ela me conhecia bem e entendeu o meu olhar.

— Você quer saber da Kate? — Dei de ombros meio envergonhada.

— A Kate e o Chris nem se falam, se é isso que quer saber! — Balancei a cabeça negando envergonhada por ter passado minha insegurança. Ela segurou forte em minha mão. — Na verdade, vejo pouco o Chris, ele está muito aplicado nos estudos, só o vejo mesmo na entrada e algumas vezes na saída, porque acho que ele nem espera dar o sinal e já sai. — Suspirei e sorri aumentando mais o orgulho que sentia dele. — O Chris está mudado, é mesmo outra pessoa e a gente só ouve elogios por parte dos professores.

— Que bom, apesar da barra que enfrentamos para ficarmos juntos, a gente é muito feliz — declarei sentindo as lágrimas querendo sair de meus olhos, mas me segurei porque prometi que não choraria mais.

— Estou feliz por você. Nossa, eu tenho que contar uma coisa pra você, eu já estava me esquecendo! — ela disse me olhando no maior suspense.

— Conta! — declamei com urgência.

— Adivinha com quem eu me esbarrei lá em Miami?

— Não tenho a mínima ideia, conta! — disse ansiosa.

— O Flávio! — Meu queixo caiu, não podia acreditar naquilo.

— Como este mundo é pequeno! — disse ainda de boca aberta.

— Você sabia que ele estava morando em Miami? — Assenti com a cabeça.

— Sim, a gente conversou e ele me falou que sua mãe tinha conseguido um emprego por lá e... — Precisei parar de falar ao sentir um nó que se formava em minha garganta, minha cabeça ficou um rebuliço ao me lembrar de suas palavras, principalmente quando ele disse sobre estar ao meu lado justamente no momento em que eu mais precisaria dele...

— O que foi? — ela perguntou diante do meu olhar distante, quando voltei os olhos na direção dela, me observava assustada.

— Como ele sabia?

— Sabia o quê? — Ela ficou confusa. Lancei um olhar em sua direção, embora não a via na minha frente, e

sim visualizava em minha mente a expressão de preocupado do Flávio. — Lucy... oiiiii, eu estou aqui, viu? — insistiu abanando a mão diante de meus olhos.

— Eu preciso falar com ele, por acaso ele te deu os seus contatos. — Ela pegou o telefone na bolsa. — Deu o número do celular — informou procurando na agenda.

— É muita coincidência mesmo... — Ela levantou o olhar intrigada.

— Nossa, Lucy, você está me assustando.

Olhei em seus olhos pensando que era mesmo para se assustar, pois nem eu mesma sabia explicar a sensação estranha que estava sentindo e a imensa necessidade de falar com o Flávio. Chegava a ser uma urgência que eu mesma fiquei arrepiada.

— Aqui está o número. — Ela entregou o celular e eu fui até a mesinha do telefone, ao lado da porta, e peguei o meu celular gravando o número dele.

— Não acho legal você ligar para o Flávio, Lucy, o Chris pode se chatear — ela alertou-me. Sem escutá-la, peguei o telefone fixo e disquei o número, ele atendeu no terceiro toque.

— Alô... — Meu coração saltou dentro do meu peito ao ouvir a sua voz, alarmado.

— Oi, Flávio, aqui é a Lucy — respondi com a voz trêmula e a Clarinha percebeu e ficou me olhando

incrédula.

— Eu sei — disse ele, rindo, e dei uma risada. — A que devo a honra desta ligação, por acaso sentiu saudade de mim? — Respirei fundo antes de responder, na verdade não queria ser deselegante.

— Então... Como andam as coisas por aí? — perguntei, embora quisesse mesmo era ser direta, falar logo o que estava me sufocando.

— Por aqui está tudo em ordem... — Pausou por um instante. — E por aí, Lucy? Embora você não tenha me respondido, a minha intuição diz que você não ligou porque sente saudades de mim, mas por outro motivo e muito sério... — gelei com as suas palavras que clareavam mais a minha mente...

— Estou grávida — disse reticente e ele silenciou, mas eu podia ouvir os ruídos de sua respiração pesada.

— Parabéns, Lucy... — Sua voz era baixa e abafada, o tom era de alguém muito chocado.

— Obrigada. E tem mais uma novidade...

Em seguida, deu um suspiro e perguntou:

— Qual?

— Descobri que sofro do coração, algo sério...

— Eu sinto muito... Eu já imaginava...

— Como assim, imaginava Flávio? — exasperei e

Clarinha ouvia a conversa pasma. — Você sabia, não é mesmo? — Meu coração acelerou em meu peito e a leve ardência surgiu, precisei me sentar e respirar fundo várias vezes, quando a Clarinha, que tinha ido à cozinha, voltou com um copo de água fresca e me entregou. Trêmula, peguei o copo e beberiquei algumas gotas que não desceram e quando abri a boca para falar engasguei. Comecei a tossir e larguei o telefone.

— Respira, Lucy, por favor, respire. — Clarinha, branca como cera, me abanava e eu tentava respirar para me livrar da ansiedade em que me encontrava. Minutos depois, peguei o fone e continuei:

— Alô, Flávio, você ainda está aí?

— Lucy, o que aconteceu? Estou em pânico aqui sem saber notícias.

— Só me engasguei, mas já passou — garanti. — Por favor, me fala como é que você poderia saber que eu ficaria doente?

— Eu não sabia de nada.

— Está escondendo algo de mim, seja lá o que for eu preciso saber, como é que você sabia? E não me diga que não, pois me lembro muito bem de suas palavras quando se lamentou em não estar por perto no momento que eu mais precisaria.

— Foi só um pressentimento.

— Pressentimento? — Balancei a cabeça ainda sem me convencer. — Não foi só isso, você foi bem claro e estava estranho naquele dia.

— A minha mãe... — Ele pausou.

— O que a sua mãe tem a ver com isso? — perguntei incrédula.

— Lembra-se do dia em que eu ia levá-la em casa? — Revirei os olhos buscando em minhas lembranças.

— Sim, me lembro...

— Lembra-se da mulher do outro lado da rua que ficou te olhando e você ficou meio que assustada?

— Aham — respondi com um frio na espinha revivendo aquele dia, aquela mulher esotérica, estranha.

— Ela é a minha mãe.

— E...

— A minha mãe nasceu com um dom especial, um dom de ver o futuro, não claramente, quero dizer que ela vê *flashes* e desde aquele dia em que te viu pela primeira vez não parou mais de dizer que você passaria por uma fase difícil, algo relacionado à dor, que estava sendo vigiada... Mas foi só isso porque quando eu perguntei mais, ela disse que não conseguia ver muito mais adiante. Ali, caiu a minha ficha.

— Por isso que você ficou com a impressão de que alguém nos observava quando foi se despedir de mim?

O silêncio se estendeu por alguns segundos e, então, ele falou:

— Fiquei impressionado com o que minha mãe falou, foi isso.

— Ela é uma vidente?

— Olha... — Ele respirou. — Minha mãe não se sente confortável com este dom e procura fugir o tempo todo de tudo isso, e é por essa razão que nos mudamos para Miami.

— Eu preciso falar com ela, Flávio. — Nascia uma esperança dentro de mim, talvez se ela previsse mesmo o futuro eu poderia me proteger desviando das coisas ruins.

— Não vai ser possível, Lucy.

— Por que não? — perguntei com urgência.

— Ela não ia falar com você porque simplesmente foge de tudo, e outra porque ela está na Índia fazendo alguns trabalhos por lá. Eu sinto muito. — Senti meu coração apertado por um momento e passou pela minha cabeça que ela pudesse me ajudar e me salvar.

— Você pode me dar o telefone dela, quem sabe ela pode me ajudar e...

— Não fale besteiras, Lucy — ele me interrompeu severamente. — Minha mãe não é curandeira não, ela só tem pressentimentos, coisas inexplicáveis. Por favor, não se apegue a isso. Continue o seu tratamento com disciplina

e muita fé, são essas coisas que vão te ajudar. — Suspirei derrotada, mas no fundo ele tinha razão, foram a minha força de vontade e o pensamento positivo que poderiam me levar a uma possível vitória e me trouxeram até aqui.

— Desculpe, Flávio, é que estou meio vulnerável com toda esta situação.

— Olha, eu quero que saiba que estou aqui do outro lado do mundo orando por você. Desejo de verdade a sua felicidade.

— Obrigada, um beijo.

— Um beijo. — Desligou o telefone, e eu fiquei mais alguns instantes olhando para o aparelho em minha mão quando a Clarinha pegou e colocou no gancho.

— O que foi tudo isso? Choquei — ela disse se ajoelhando à minha frente.

— Ele falou que sua mãe é vidente... — eu disse com os olhos baixos.

— É... Eu percebi. — Levantei-me e cocei a cabeça.

— Acho que cometi um erro, nunca deveria duvidar que alcançarei a vitória. Ligar para o Flávio e implorar por ajuda da sua mãe só prova a minha fraqueza e... — As lágrimas reprimidas explodiram de meus olhos sem controle e Clarinha me abraçou.

— Você não é fraca, eu nunca vi uma pessoa com tanta garra como a sua. — Eu não disse nada,

simplesmente chorei por alguns minutos e quando me acalmei nasceu novamente aquela força que ameaçou morrer.

— Eu não posso esmorecer, eu não posso — disse me afastando de Clarinha ao mesmo tempo que secava as lágrimas.

— Isso mesmo, amiga, força aí. — Ela me beijou. — Eu preciso voltar para a casa, pois a professora ficou de iniciar nossas aulas hoje — disse colocando uma mecha do meu cabelo atrás de minha orelha. — Você está indo bem, coragem, viu? — Assenti com a cabeça e ela me deu mais um beijo e foi embora com a promessa de que voltaria em breve.

E foi isso que aconteceu, uma força muito grande me dominou e a partir deste dia eu não pensava mais em minha doença, os meus pensamentos ficaram focados em um dia de cada vez, por incrível que pareça eu não tive mais crise de hipertensão e as ardências em meu peito desapareceram, mesmo no dia emocionante que foi o nosso casamento no cartório. Eu não me abalei com as palavras doces do Chris que me deixaram derretida, nem com as dos meus pais e do meu querido irmão, consegui me manter firme na queda. A cerimônia foi seguida de uma linda recepção no salão vizinho ao cartório, todos os meus amigos compareceram à recepção, os meus parentes e até Melissa e a Janette compareceram, mas não ficaram muito, marcaram presença. Talvez porque os amigos do

Chris foram, menos a Kate e o Ivan.

Nós sentimos muita falta dos pais do Chris que nem sequer ligaram para desejar felicidades. A dona Sophia visitou a gente na semana seguinte, mas o senhor Pablo nunca mais o vimos e nem ouvimos a sua voz. O Chris nunca reclamou, é claro que não, mas eu sentia sua dor, apesar de tudo ele amava o pai e o que mais desejava era ser parabenizado pelo esforço em seu novo negócio que era elogiado por todos, mas ele queria mesmo era o elogio e reconhecimento do pai que não veio.

Ele continuava na luta e acabou comprando uma casa enorme, vizinha à casa dos meus pais, aliás, a casa mais linda do bairro, com varanda onde decoramos somente com duas poltronas e uma mesa em fibra sintética. Tinha três suítes, escolhemos a maior para ser o nosso dormitório. A decoração ele deixou por minha conta, então eu coloquei uma cama *king size* e dois criados-mudos ao lado da cama, também uma penteadeira com um espelho de dois metros, sempre adorei espelhos, mais alguns quadros ao redor e uma poltrona. Deixei tudo ali em branco com uma leveza que acalentava o meu coração. A sala era enorme, com três ambientes conjugados à cozinha, e escolhi uma decoração simples, mas muito sofisticada, e ainda tinha um jardim encantado. Eu dizia que era encantado porque era ali que eu passava os dias inteiros me entretendo com toda aquela beleza exuberante, eram flores de todas as espécies e cores. Ali eu encontrei

a tranquilidade para aguentar a ansiedade até o dia em que minha bolsa estourou.

— Ajude-me aqui, Chris! — gritei lá do jardim enquanto ele preparava o nosso café da manhã na cozinha preparando bacon, podia sentir o cheiro. Um segundo depois ele apareceu segurando meu braço quando me viu com as pernas bambas.

— Oh, querida...

— Minha bolsa estourou. — Ele me pegou no colo e saímos dali em direção à garagem, com cuidado me colocou no banco de trás e, em seguida, entrou ligando o carro. Enquanto aguardava o portão automático abrir ligou para os meus pais para avisá-los.

Em menos de vinte minutos chegamos ao hospital e, graças a Deus, o parto foi acompanhado por toda a equipe médica que me acompanhou em toda a gestação, obstetra, cardiologista e anestesiologista. Fui bem assistida durante o parto e tudo correu muito bem, finalmente dei à luz e o melhor de tudo é que eu continuava viva e meu filho também.

Logo ouvi o chorinho fino do Eric e suspirei, ele estava vivo e parecia bem, apesar de me sentir fraca pela anestesia, ainda tentei virar a cabeça à procura de Chris, ele assistiu ao parto e deveria estar por ali em algum lugar, mas eu não consegui e acabei desistindo, fechando os olhos, as minhas pálpebras pesavam uma tonelada.

Quando eu acordei, já estava no Centro de Terapia Intensiva e ficaria por ali por longos sete dias, mesmo assim eles não afastaram meu filho de mim, prepararam o ambiente para visitas da miha familia.

— Parabéns, papais... O Eric é lindo e saudável. — Ouvi o médico falar sussurrando, ele ainda chegou perto de mim com o nosso filho. Eu fiz um esforço fora do comum para abrir os olhos, olhei com tanto carinho e senti uma gota de lágrima descer de meus olhos, que não suportaram o peso das pálpebras e se fecharam. Ainda ouvi o chorinho mais alto do meu filho antes de suspirar profundamente e apagar de vez.

Capítulo Dezoito

Abri os olhos encontrando um facho de luz vindo de fora, era a lua dando sinal de sua glória pela janela sem cortinas. Senti-me confusa sem entender o que aconteceu, sem saber onde estava e quando me virei vi o Chris, ele estava sentado na cadeira ao meu lado, passei imediatamente o olhar ao redor e me vi ali naquele quarto de hospital com aparelhos de ambos os lados da cama, imediatamente senti meu coração acelerar ao me lembrar do choro do meu filho.

— Chris... — As lágrimas desciam. — Onde está o Eric, vai buscá-lo, por favor.

— Oi, meu amor, fica tranquila a enfermeira está trazendo... — disse emocionado e beijou a minha testa.

— Ele é lindo, não é? Eu vi antes de dormir — murmurei.

O choro do nosso filho interrompeu nossa conversa, a enfermeira entrou e estendeu os braços entregando aquela coisinha linda em meus braços com cuidado, ajeitando-o em contato com a minha pele, que assim que sentiu o meu cheiro o choro do pequeno cessou. Ao olhá-lo eu não vi

mais ninguém, para mim existia somente ele. Aquele era o meu momento, meu e dele. Só nós dois. Vi seu narizinho tão pequeno, seus olhos me olhando, acho que me reconheceu. Vi também os poucos cabelos que tinha em sua cabeça, sorri e virei o rosto para o lado encarando o Chris, que sorriu com os olhos marejados, cravados no rosto do Eric. Em seus lábios havia o sorriso mais lindo que eu havia visto na vida.

Segurei suas mãozinhas e ele agarrou meu dedo, senti uma forte emoção e levantei os olhos para o Chris, sua expressão era de uma felicidade serena, pura e especial. Ele acariciou meus cabelos e beijou minha testa.

— Ele é lindo, amor — falou em meu ouvido baixinho, me fazendo rir. — Será que eu posso segurar?

— A vida inteira, meu querido... Você é o pai dele. Claro que pode. — Eu me virei em sua direção e ele o pegou com cuidado.

— Oi, filhão... — O Super Chris parecia um bobão, encarando o par de olhos idênticos aos meus. — Oi, garotão. Você é lindão, hein?! Que nem o papai! Vai arrasar com a mulherada — brincou levantando os olhos para mim. Eu sorri, ele ficou ali observando o rosto do Eric, que o fitava intensamente como se fizesse o reconhecimento, ele era muito esperto. Beijou a testa dele deixando seu rosto colado ao dele.

— Eu te amo tanto, meu filho, tanto... Não vou deixar

nada de ruim te acontecer, eu prometo — sussurrou emocionado. — Eu vou estar sempre aqui, sempre. — Ele me encarou por um instante e piscou, eu me emocionei e não parava de sorrir. — Obrigado por me fazer tão feliz e ainda me dar esta preciosidade.

— Eu que tenho que agradecer, ele é tão lindo, perfeito... Graças a Deus, eu temi tanto... — Ele me silenciou com o dedo indicador.

— Tudo é passado. — Ele olhou para o Eric, que resmungou. — Ele está aqui em nossos braços e você está mais linda do que nunca, tudo deu certo. — Puxei seu rosto e lhe dei um selinho. — Eu te amo.

— Com licença... — falou minha mãe entrando no quarto com um sorriso contagiante no rosto e logo atrás dela o meu pai e o Juninho, que correu e logo pegou na mãozinha do Eric.

— Ai, como ele é lindo, deixa-me pegar. — O papai segurou em seu braço, rindo.

— Peraí, mocinho, primeiro é preciso higienizar suas mãos para pegar no bebê. — Juninho soltou o ar com força e correu para o banheiro para lavar as mãos.

— Como está a nova mamãe? — Minha mãe sorriu e se sentou na cama, ao meu lado e colocou o buquê de flores na mesinha, aliás, eram lindas. E beijou minha testa.

— Realizada. — Desviei o olhar para ele no colo do

Chris quando resmungou de novo, suspirei fundo. — Tê-lo aqui em meus braços é a melhor coisa que me aconteceu, é o melhor presente que eu poderia ganhar em toda a minha vida.

— Minha guerreira... — disse ela apertando minha mão e se levantando para pegar o Eric do colo do Chris. — Meu Deus, como ele é lindo, filha! — emocionou-se.

— Nem me fala — disse papai com as bochechas vermelhas brincando com os dedinhos do neto. Aliás, todos babavam diante dele, e não era para menos foram quase nove meses de ansiedade, por mais que todos tenham tentado esconder o medo, a dúvida pairava sobre nós e agora ele estava ali cheio de vida. E eu, apesar de ainda inspirar cuidados, me sentia bem, viva pelo menos.

— Você gosta do vovô, gosta? — Parecia um bobo babando, pois Eric era o símbolo de uma força sobrenatural, símbolo de algo maior na vida, de algo que pode ser possível, era um exemplo do que pode fazer a força da fé.

Só faltou mesmo a família do Chris, a sua mãe nos confidenciou a sua tristeza em não poder fazer parte de nossa felicidade e que estava pensando em se separar do senhor Pablo, dizendo que ele estava ficando impossível e até estava bebendo. Confesso que senti muita pena do Chris, pois ele ficou muito abatido com tudo isso e deixou até escapar algumas lágrimas durante a noite.

O mais importante neste dia era que eu estava bem, meu coração deu uma trégua e o meu filho nasceu perfeito e com saúde. Nunca me senti tão plena, tão mulher. Eu estava realizada... Toda insegurança foi embora de vez, agora que eu era mãe e tinha nos meus braços um pequenino ser que dependia de mim e que trouxe uma felicidade imensa, quase não cabia dentro de mim. Eu queria neste instante agradecer a Deus por preencher o vazio que eu sentia, por ter realizado o meu maior sonho que foi dar à luz, apesar de tantos pontos negativos durante toda a gestação.

— Amor, vamos para casa? — Ouvi a voz calorosa do Chris sussurrando ao meu ouvido.

Já era o oitavo dia desde que Eric nasceu e permaneci estável, finalmente eu estava de alta. As cortinas estavam abertas, então, quando abri os olhos, com a claridade invadindo o quarto, logo fechei, e após um segundo abri devagar, tentando me acostumar com aquela claridade olhei ao meu lado da cama. Chris estava sorrindo com uma expressão muito feliz. Sorri para ele e ao estender meu braço para pegar em sua mão senti que meu corpo estava pesado, minhas pálpebras pesavam uma tonelada e quando tentei abrir a boca para falar, fechei meus olhos sentindo minhas pálpebras pesarem novamente, em seguida deu uma forte dor em meu peito e fiz uma careta, já que minha voz não saía, só a respiração ofegante.

Chris percebeu minha feição, correu para chamar as enfermeiras e ao abrir a porta eu levantei a ponta do olho com muito esforço em direção à porta quando aquele homem de pele branca cruzou o corredor com os olhos para dentro do quarto, de imediato eu conheci aquele rosto, aqueles olhos muito azuis, mas eu estava me sentindo fraca e fechei os olhos em seguida.

Quando acordei estava rodeada pela equipe médica do hospital, inclusive o meu cardiologista que cuidou de mim desde quando descobri a cardiopatia. O eletrocardiograma não indicou nada além do que já tinha diagnosticado antes. E com os medicamentos eu obtive melhoras, o médico explicou que agora após o parto eu teria que fazer novos exames para saber a real situação do meu coração e com muitos conselhos eles me deixaram ir para casa.

Ficamos muito felizes e, quando cheguei em casa estava me sentindo bem, forte e saudável, pelo menos foi o que pensei, ou pensamos. Chegamos felizes com o nosso Eric nos braços e fomos direto para o quarto dele colocando no berço e fiquei ali por alguns instantes observando ele dormir, apegada ainda mais a ele. Chris beijou meu ombro e enlaçou a minha cintura por trás.

— Graças a Deus correu tudo bem... — falou se virando para mim com um sorriso sentido nos lábios. — É uma pena que o meu pai não tenha conhecido seu neto ainda, ele iria se apaixonar, eu tenho certeza...

— Sabe, meu amor... — Beijei seu rosto. — Eu aprendi nestes últimos meses que a gente tem que ter paciência, viver o dia a dia e esperar o dia de amanhã. Dê um tempo ao seu pai, um dia ele vai surgir por esta porta e vocês farão as pazes, eu tenho convicção do que estou falando. — Ele soltou o ar.

— Eu não sei, não. Meu pai é o cara mais durão que eu já conheci. — Sorriu com pesar.

— Deixe com o tempo, ele resolve tudo... — confortei-o e ele me pegou no colo me levando para a nossa cama.

— Não aguentava mais ficar longe de você, saudade, meu amor, do teu beijo...

— Eu posso recompensar esse tempo? — eu disse abrindo um sorriso malicioso e ele mordiscou meu lábio inferior. — Bem, claro que só podemos brincar porque agora eu estou na quarentena e tem um corte aí embaixo, no meu ventre.

— Pra mim esta ótimo — ele ironizou. —, brincar é melhor que nada.

Ele me silenciou com seus lábios famintos e com a sua língua invadindo minha boca num beijo quente. Nossas línguas estavam em perfeita sincronia e fui desabotoando sua camisa aos poucos, até que ouvimos o choro do Eric, então abri os olhos e, sorrindo, me afastei do Chris, que resistiu um pouco.

— Acho que o nosso filhinho está com fome.

— Ah, não! Logo agora? — Ele se jogou na cama e eu saltei dela, se doía a cesária eu não sentia, havia uma força dentro de mim que me deixava forte com uma esperança enorme.

— Pois é, meu amor, vai se acostumando. — Saí do quarto o deixando sozinho. O Eric mamou por vinte minutos, dormiu profundamente e depois voltei ao quarto.

— Ele dormiu, querido — disse ao entrar e parei na porta, surpresa com o clima que o Chris deixou o ambiente.

Fiquei completamente excitada ao entrar no quarto que estava à meia-luz e vê-lo muito sensual daquele jeito, deitado de costas na cama, com as mãos embaixo da cabeça, com o enorme volume em suas calças, olhando para mim com aquela expressão de cobiça, de desejo...

— Você prometeu que brincaria comigo e nos deixou na maior expectativa. — Travou os dentes e levantou a mão para me chamar.

Deitei-me ao seu lado, ele me abraçou e começou a beijar meu rosto, pescoço e o contato de seus lábios com a minha pele me deixou nas nuvens, subia um fogo pelo meu corpo, mas eu sabia que não poderia me empolgar, todo cuidado ainda era pouco... Recuei um pouco e ele se afastou, preocupado.

— Você está bem, meu amor?

— Acho que não é uma boa ideia... — murmurei e ele, sorrindo, segurou em meu queixo.

— Está tudo bem, vamos aguardar o tempo certo, viu? — Eu me deitei em seu peitoral e acariciava seu abdômen. — Não precisamos ter pressa, temos uma longa vida pela frente ainda. — Ele sorriu, levantei a cabeça olhando em seus olhos brilhando, e ele se aproximou do meu rosto. — Eu amo você! — E me deu um selinho, outro e mais outro, e emendou logo num longo beijo.

Ouvimos a campainha tocar e ele parou de me beijar, desviamos para a porta e rimos ao mesmo tempo. Ele colou sua testa na minha e sorriu me dando outro selinho.

— Eu prometo que vou compensar quando passar a quarentena — tentei alegrá-lo sentindo uma peninha em vê-lo daquele jeito tão excitado.

— Linda!

— Você é tão fofo, obrigada.

— Obrigada? — Ele se levantou ajeitando a roupa no corpo.

— Sim, por tudo... por me fazer a mulher mais feliz do mundo! — Eu me levantei e o abracei, descemos juntos para o andar de baixo da casa para atendermos a porta da sala. Eu me joguei no confortável sofá enquanto o Chris abria a porta.

— Oi casal! — Minha mãe com aquele sorrisão abriu os braços, abraçou o Chris e o beijou na bochecha, em seguida foi até o sofá me dando um superbeijo de mãe.

— Viemos ver o nosso netinho — disse meu pai, sorrindo, quando pegou na mão do Chris e entrou com o Juninho correndo em direção às escadas.

— Parabéns vô e vó — eu disse animada e pedi ao Chris que fosse buscar o Eric.

— Deixa que eu mesma vou buscá-lo — ofereceu minha mãe subindo as escadas junto com o Juninho, enquanto meu pai desabou sobre o sofá em minha frente e do Chris, que estava ao meu lado.

— E aí, queridos, estão preparados para uma nova fase em suas vidas? — Meu pai nos avaliou.

— Sim, sogrão — Chris disse. — Preparadíssimos! — Ele virou e sorriu antes de voltar ao meu pai.

— Estou perguntando porque eu sei como é difícil cuidar de crianças pequenas. — Os risos de minha mãe com o Eric nos braços, e o Juninho ao seu lado, desviou nossa atenção por um momento. Sorrimos também. — Sua mãe ficou muito confusa quando você nasceu, Lucy. Nossa, quando você chorava ela ficava desesperada e...

— Chega de histórias, Marcos, não foi assim tão difícil como está falando, não... — Ela se sentou com o Eric e todos os olhares eram para ele. — E tem outra

coisa, nós somos vizinhos, e estamos logo aqui ao lado, quando ela precisar é só me ligar que eu corro para cá.

— Eu também, né? — concluiu Juninho fazendo careta para a mãe, que sorriu.

— Com certeza, filho — ela disse bagunçando seus cabelos.

— Eu estou supertranquila com vocês aqui ao lado — confessei.

— É uma segurança a mais — concordou Chris se levantando. — Vou pegar um refrigerante para nós. — E entrou na cozinha.

A conversa fluía agradável ali na sala, eram risos e chamegos para o Eric, avaliei cada uma daquelas pessoas e não sei por qual razão uma emoção forte tomou todo o meu corpo fazendo o meu coração acelerar, fechei os olhos e respirei fundo na tentativa de voltar ao equilíbrio porque a minha respiração já não era o suficiente e, então, comecei a respirar fundo. Ali na sala ninguém percebeu o meu descontrole e eu também não tinha forças para dizer uma só palavra.

Um nó se formou em minha garganta quase me sufocando, precisei fechar os olhos rapidamente e quando abri vi que a luz da sala era forte e a iluminação, que até segundos atrás era normal, passou a ser uma tortura para os meus olhos que ficaram frágeis. *Merda de claridade!* Abri os olhos devagar, mas sabia que a claridade não era

a causadora do desconforto que sentia naquele momento, e sim uma desculpa que arrumei para fugir da realidade, da dura realidade de sofrer do coração, e que naquele momento poderia ser um fim.

Não queria aceitar e forcei abrir os olhos adaptando minhas pupilas à luz que se esparramava pela sala toda, e assim eu fiquei por algum tempo brigando comigo mesma, lutando para me manter no controle e reagir contra o cansaço de meu corpo que sem forças pendia para o lado, mas eu me segurei, fui forte até o momento que a ardência surgiu em meu peito e aos poucos não eram mais ardências, pois evoluíram para fortes pontadas que travei para segurar a dor insuportável.

As vozes foram se distanciando, cada vez mais, cheguei ao ponto de ouvir somente chiados que era o único som que interrompia o silêncio que queria tomar conta de tudo. Sentindo uma sonolência absurda e totalmente dominada pela fraqueza deixei meu corpo cair, já era impossível me manter no controle. Naquele instante, derrotada na luta em vão, consegui balançar a cabeça com um grito no fundo de minha alma chamando por Chris. E esse grito era tão ensurdecedor que me dominou por completo me fazendo perder a noção e o senso de qualquer coisa. O esforço silencioso fez a minha visão ficar turva e foi escurecendo até se apagar de vez.

Quando acordei fiquei desorientada sem saber onde estava, senti algo machucando minha boca, abaixei os

olhos sobre a minha boca e naquele momento percebi que estava entubada e no quarto de um hospital. A triste realidade me fez entrar em desespero e comecei a gritar ao me lembrar do rostinho de Eric em meus braços. Desde que descobri a doença, esta era a primeira vez que ficava realmente insegura e tinha medo de partir sem ao menos olhar mais uma vez para o meu filhinho, o meu amor.

— Chris! — soltei um grito desesperado olhando para a porta e, quando ela se abriu, suspirei aos soluços. — Chris... Tira-me daqui, por favor, me leve para casa — implorei com os olhos cheios de lágrimas. Ele vinha com um copo de café em suas mãos e correu em minha direção derrubando todo o líquido, beijou a minha testa e acariciou os meus cabelos.

— Eu estou aqui, Lucy, estou com você, não tenha medo — ele disse com os olhos cintilantes úmidos de quem chorou. A enfermeira de plantão entrou no quarto correndo, logo atrás dele, e me deu uma injeção no braço. Eu chorava agarrada a mão do Chris, que nitidamente estava nervoso.

— Acalme-se, Lucy, vai ficar tudo bem — pediu a enfermeira colocando a seringa na bandeja, acenou com a cabeça para o Chris e saiu.

— Fique tranquila, meu amor. — Ele se sentou na poltrona ao lado da cama em que eu estava, os medicamentos começaram a fazer efeito e finalmente eu

me acalmei olhando ao redor.

Ao me ver ali, naquele hospital, me trouxe a insegurança e o medo de partir, pela primeira vez eu tive realmente medo de morrer. Principalmente agora que existia o Eric, meu filho muito amado. *Eu preciso de mais tempo com ele.* A possibilidade fez meu coração acelerar, mesmo estando mais fraco. Eu começava a sentir uma moleza pelo corpo e ainda pude perguntar do meu pequeno, visualizando em minha mente seu lindo rostinho.

— O Eric?

— Ele está em casa no seu bercinho, está tudo bem com ele, relaxa — pediu.

Quando acordei ouvi vozes em todo o quarto e abri os olhos me deparando com a minha mãe, seus olhos estavam inchados, sei que ela chorou muito, como também sabia o motivo, embora eu estivesse com medo de perguntar, eu precisava e com urgência.

— Agora é grave, né, mamãe? — perguntei num fio de voz, ela balançou a cabeça e abaixou os olhos, tentava esconder as lágrimas, mas mesmo assim eu vi, enquanto meu pai a abraçou pela cintura me olhando ternamente.

— Aprendi com você, minha querida — disse ele com a voz embargada. —, que é preciso ter fé e viver um dia atrás do outro com paciência. — Aquelas doces palavras pareciam facas afiadas que entraram em meu peito como navalhas, eu podia sentir a ardência em meu

peito.

— Ela não pode sofrer emoções fortes, mãe, por favor, poderiam sair do quarto e ficar uma pessoa só — aconselhou o médico que entrava naquele momento do meu descompasso.

— Eu fico, por favor — implorou o Chris. —, eu preciso ficar do lado dela. — Minha mãe saiu do quarto, totalmente contrariada, quase que arrastada pelo meu pai, eu ainda pude ouvir sua hesitação.

— Fale-me a verdade. — Parei para respirar e mesmo assim o ar parecia não entrar em meus pulmões.

— Não fale, meu amor, fique quietinha — implorou Chris e eu sentia o desespero em sua voz; aquilo me levou a suspirar ao me lembrar de que eu poderia morrer sem ao menos ter a chance de amamentar meu filhinho mais uma vez, sem ao menos dar-lhe o último beijo.

— Vai... bus... car... o Eric — disse num fio de voz quase sem conseguir respirar.

— Enfemeira, enfermeira — chamou Chris aos berros.

— Afaste-se, por favor — ela pediu colocando uma máscara de oxigênio em mim, o que me deu mais conforto para falar.

— Vai buscar o meu filho, por favor, Chris... — chorava em murmúrios.

— Claro que eu busco, busco sim... — A enfermeira cochichou algo em seu ouvido e o Chris assentiu com a cabeça saindo do quarto. Com muito esforço virei para vê-lo sair e percebi pelo enorme vidro que ele se juntou aos meus pais e os três ficaram ali em silêncio observando os procedimentos médicos.

Senti-me muito debilitada, sem forças para nada, e ao ver que os médicos tiraram todos do quarto pensei que o meu quadro deveria ser grave. Fiquei sem chão, então só me restou restabelecer a minha fé fechando os olhos e rezar por mais uma chance. As minhas orações foram atendidas e abri os meus olhos, mais uma vez, inacreditavelmente eu acordei mais forte e decidida a enfrentar a realidade de frente, como eu fiz quando fiquei grávida, e arrisquei tudo pelo meu filho. Agora não poderia ser diferente, já que este foi o segundo milagre em minha vida.

— Gostaria de saber a verdade, qual é a minha real situação, doutor? Não me esconda nada, nada mesmo, por favor! — pedi oscilando meu olhar entre meus pais e meu marido. — Doutor... — Então, ele olhou bem em meus olhos e sorriu.

— Quer saber, eu acho que você tem que saber a verdade mesmo. Como soube da primeira vez quando os exames diagnosticaram a sua doença. — Assenti firme com a cabeça preparada para o que desse e viesse. Queria ficar o maior tempo possível ao lado do meu filho, ter a

chance de vê-lo crescer e ficar ao lado da minha família que sofria ali do meu lado.

— É o seguinte, Lucy, você sofreu uma parada cardíaca e por pouco não conseguíamos reanimá-la. Em alguns casos, a gente consegue até reverter com uma cirurgia, mas esta situação não se aplica a você. O seu coração foi sobrecarregado na gravidez. Você sabia que isso poderia acontecer, não é? — Eu assenti e não disse nada, continuei firme. — Ele acabou enfraquecendo de tal maneira que não consegue bombear o sangue para o restante de seu corpo e você corre um risco muito grande de ter falência múltipla dos órgãos. — Suspirei ao ouvir o choro, atrás dele, de minha mãe. Olhei em sua direção e meu pai a abraçou forte.

— Calma, querida.

— Deus realmente gosta de você, Lucy — concluiu o médico e eu suspirei fundo, o encarando.

— Então quais são as minhas opções?

— Somente um transplante... — Abaixou os olhos. — Nós já cadastramos você na lista de doentes que precisam de um coração. — Ele virou a cabeça e eu percebi que estava triste e era sincero o seu sentimento quando segurou em minha mão. — Mas, como eu disse, Deus está ao seu lado, já enfrentou tantas coisas e ainda está firme e forte.

— Eu quero ter a chance de ver meu filho crescer,

doutor.

— Eu sei disso, então mantenha a sua fé inabalável como foi até agora.

— Será que eu posso esperar por este coração em casa? — Ele balançou a cabeça negativamente.

— Eu sinto muito, Lucy, mas para ficar em casa você precisa de tubos de oxigênio, cuidados médicos e...

— Eu posso falar com a minha tia Sarah — Chris sugeriu interrompendo o médico e todos concentraram os olhares curiosos sobre ele, menos o meu pai, que abriu um sorriso de esperança como se já soubesse o que Chris iria sugerir. — Minha tia é dona do Hospital São Marcus em Indianópolis.

— É claro, a dona Sarah Caster, como eu não pensei nisso antes! — meu pai falou esperançoso.

— Vou falar com o meu pai, vou pedir a sua ajuda. — Aproximou-se da cama e beijou a minha testa.

— Querido, você não precisa fazer isso...

— Em uma hora como essa, a gente deve deixar o orgulho de lado. — Seus olhos passeavam por meu rosto. — Eu farei qualquer coisa para salvar você... Talvez eles montem um quarto de hospital em nosso quarto, pelo menos assim você poderá ficar ao lado do Eric e a gente pode ficar juntos enquanto esperamos pelo seu coração novo. — Eu olhei animada para o médico com a

possibilidade e ele sorriu gentilmente.

— Olha, devo confessar que tenho dúvidas em tirá-la do ambiente hospitalar, mas eu conheço o poder do Hospital São Marcus, eles equipariam um ambiente bem próximo a um hospital, com os equipamentos que você necessita e ficar ao lado das pessoas que você ama realmente aumentará e muito a sua qualidade de vida — o médico concluiu e Chris me abraçou forte.

— Eu vou procurar o meu pai ainda hoje.

— Eu estou aqui, meu filho... — A voz do senhor Pablo vindo da porta me arrepiou, senti um desconforto ao me lembrar da briga em frente à minha casa e quando senti que perdia o controle fechei os olhos e respirei fundo, bem fundo, o pensamento de ficar perto do meu filho superava tudo de ruim que passei até chegar aqui.

— Pai... — Chris desatou a chorar como um garotinho desprotegido e se jogou nos braços abertos do pai e juntos choraram por minutos. Todos nós choramos também. Emocionado, o médico bateu nas costas do meu pai e saiu do quarto deixando só a família em seu interior.

— Ô, meu filho, me desculpe, por favor, desculpa a minha ignorância por ter abandonado você, como me arrependo de tudo o que fiz. — Ele chorava aos soluços emocionando a todos. Chris apertava seu pescoço e sua mãe abraçou os dois, após alguns segundos ele se afastou do Chris e se aproximou de mim limpando as lágrimas

com as costas das mãos. — Como se sente, linda? — Eu me emocionei ao ouvi-lo me chamar de linda e segurei em sua mão. — Eu fui um egoísta egocêntrico, sei que não mereço o perdão de vocês, mas, por favor, me deixem fazer parte desta família maravilhosa que vocês formaram.

— Não precisa pedir perdão, senhor Pablo, só Deus sabe o quanto eu orei para que o senhor e o Chris voltassem a se falar, ele ama o senhor — eu disse com sinceridade e ele beijou minha testa.

— Você é muito generosa, minha filha, obrigado. — Em seguida abraçou o meu pai, que retribuiu com sinceridade, sem dizer nenhuma palavra.

— O que precisa de mim, filho?

— A Lucy vai precisar de um transplante e gostaríamos que ela aguardasse em casa, pensei em falar com a tia Sarah. — Ele afirmou com a cabeça.

— Vou resolver isso agora mesmo. — Saiu da sala pegando o seu celular no bolso.

— Graças a Deus, este velho turrão abriu sua cabeça — disse dona Sophia.

Era mês de abril, início de outono, as ruas tinham se tornado uma grande atração, as folhas amarelas cobriam todo o chão de São Paulo. Aquela manhã estava mais quente que as outras... Após três dias internada, o médico

finalmente me deu alta após verificar se o meu quarto estava realmente preparado para me receber... Olhava pela janela do carro as crianças que corriam pelas calçadas, a maioria estava carregando pesadas mochilas em direção à escola enquanto o vento assobiava soprando as folhas secas que caíam das árvores. O cenário me emocionou passando pela minha cabeça se um dia eu chegaria a ver o meu filho indo para escola.

— Chegamos, querida — disse Chris virando para o banco de trás. Suspirei com um sentimento estranho dentro de mim, uma reflexão, sei lá o que acontecia naquele momento. Enquanto ele abria a porta do carro e me ajudava a descer, que nem forças para isso eu tinha, todo o meu passado veio à tona como uma avalanche de informações confusas, porém claras.

Lembrei-me do tempo em que eu era apenas uma adolescente despreocupada com romance, acreditava que o meu único caminho era estudar para ser alguém na vida. E que eu tinha que aproveitar a oportunidade por estudar em um colégio de bacanas, num colégio que me ajudaria a entrar numa faculdade pública pelos ótimos recursos que tinha de aprendizagem.

Eu pensava que o destino era feito por nós mesmos e acreditei fielmente nisso até o dia que sofri a maior das rasteiras do destino. Ele me pegou de jeito. O dia em que me esbarrei com o Chris. Por que será que justamente ele surgiu em minha frente? Na escola havia centenas de

garotos, até mais gentis na época do que ele.

Mas a verdade é que ele mudou tudo em minha vida, mudou minha maneira de pensar, de agir e de alguma forma foi a pessoa escolhida para me trazer alegria e esperança. Exatamente isso que ele me trouxe, momentos inesquecíveis que diminuíram a minha dor, já que a doença existia antes de eu conhecê-lo intimamente. Antes do alívio de me ver longe daquelas pessoas frias e calculistas do colégio, eu precisei conviver com elas e sentir na pele a humilhação, e hoje eu acredito que tudo tem um porquê, um sentido, um propósito. Era o caminho do meu destino, para conhecer o Chris... Eu começava a entender essa linha que se chamava destino, mesmo assim eu precisava lutar e decidi que lutaria até o fim. *Por que, quem sabe, eu não alcançaria o objetivo desejado de viver mais tempo com as pessoas que eu amava?*

Há tantas perguntas que talvez eu nunca consiga as respostas, mas aprendi com tudo isso que nada é por acaso, tudo o que achei ser importante caiu por terra e tudo escapuliu de minhas mãos, mas, em contrapartida, ganhei muito mais, ganhei um amor, a melhor coisa que já me aconteceu, uma semente que se transformou em alguém, alguém muito especial, alguém que amo mais que a minha própria vida, alguém a quem eu corro o risco de me afastar e nunca mais vê-lo novamente mesmo com tanta luta!

Chris abriu a porta da sala e uma senhora de

aproximadamente uns 50 anos, baixa, magra e vestida de branco o ajudou. Minhas pernas bambas não respondiam muito, ela pegou uma cadeira de rodas e me ajudou a sentar, sorrindo gentilmente, observei aquela senhora com o meu coração partido, com a perturbante ideia se eu conseguiria chegar à idade dela.

— Pode deixar que eu a ajudo, dona Marina. Querida, esta é a enfermeira que a tia Sarah recomendou, Marina Alves.

— Muito prazer, Lucy. — Ela sorriu e eu retribuí o sorriso.

— O prazer é todo meu. Querido, preciso ver o Eric. — Eu só conseguia pensar no meu filho.

— Vamos, deixa só eu te acomodar no quarto e já trago pra você.

O ambiente mais parecia um quarto de hospital do que o meu quarto, havia ali ao lado da cama todos os equipamentos de uma UTI. Quando me colocou na cama correu até o quarto do Eric e o trouxe. Senti uma emoção imensa que não cabia em mim e ouvi seu chorinho quase em um resmungo.

— Oh, meu bebê, amo você... — Beijei-o e ele resmungou de novo. — Acho que está com fome. — Abaixei os olhos com pesar, Chris sabia o motivo, subiu na cama e veio de joelhos até mim, me beijando.

— Não se preocupe que a Marina vai cuidar disso — ele disse e a enfermeira, que estava na porta, sorriu para ele e saiu, minutos depois retornou com uma mamadeira com leite. Magoou-me saber que eu não podia amamentar o meu filho por causa dos medicamentos fortes, mas superei esta dor e o amamentei com a mamadeira mesmo, mas com muita satisfação, seus olhos ficaram vidrados nos meus.

— Que vida dura... — Chris deitou a cabeça em meu ombro.

— Não é dura não, nós é que somos uns fracotes...

— Eu não quero morrer, Chris — disse chorosa abraçando forte o Eric que ficou quietinho em meus braços.

— Você não vai morrer, minha querida. — Ele sorria garantindo com um olhar mentiroso e eu percebia o medo estampado em seu semblante.

— Como sabe? O meu caso é grave e se a gente não conseguir um coração compatível, como vai ser? — Eu começava a decair, perder as esperanças e Chris não deixou, me abraçando forte e encorajando-me.

— Cadê a minha garotinha forte e determinada, hein? Onde ela foi? Você poderia chamá-la de volta? — Rimos e nos beijamos entre as lágrimas.

— Soltei o ar com força, você tem razão, meu anjo,

eu não posso perder a minha fé. Eu preciso dela... — Nós nos abraçamos, estávamos os três na cama e ficamos assim por longo tempo.

Enfim, dali em diante foram os piores dias da minha vida, ou talvez os melhores, eu não sei. Piores porque o meu coração ficava cada vez mais fraco e as dores pelo corpo começavam a ficar generalizadas, e melhores porque toda a família se uniu: os meus pais e os do Chris.

O senhor Pablo passou a frequentar nossa casa diariamente, ele não conseguia ficar um dia sequer longe do Eric e por consequência abandonou a vida noturna que tinha e passou a ser um marido e um pai melhor, além de um avô fora de série. Enchia o Eric de presentes, era muito confortante assistir a tudo isso, ou melhor, participar de tanta alegria.

Mas de tudo mesmo, o melhor foi a união entre as empresas, a Construbens crescia assustadoramente, e a empresa Caster precisava de parcerias, então se juntaram e tudo prosperava muito. Ver o meu pai, o Chris e a minha família feliz me fez a pessoa mais feliz do mundo, confesso que procurei esquecer a doença, tentando, ou me esforçando, levar uma vida supostamente normal, o que não foi difícil neste último mês porque o Chris cuidou de mim com muito carinho, fez todas as minhas vontades, me levou à igreja, claro, nos momentos em que me sentia mais forte, porque os meus dias alternavam um bom e três ruins, eu realmente precisava pisar na igreja, e ele sem

medir esforços me levou.

Quantas e quantas vezes ele deu voltas e mais voltas comigo na cadeira de rodas pelo quarteirão, sempre pelas manhãs e, principalmente, as tardes, que era quando o sol estava mais fraco. Sempre fui apaixonada pelo final da tarde e pelo pôr do sol que completava a minha autoestima, e o Eric sempre no meu colo, não conseguia me desgrudar dele, era o meu maior motivo de viver, e por ele eu suportei tudo sem reclamar, vivia um dia atrás do outro na maior felicidade, e o Chris manteve-se ao meu lado, cuidando de mim, me mimando, perdi as contas de quantos presentes e flores eu ganhei, cada dia ele vinha com uma novidade, estava muito feliz. Apesar de perceber algumas vezes os meus pais, e até o Chris, chorarem, eu fingia que não via, só que, às vezes, era inevitável, eu mesma chorei muito, sempre escondida, e nunca perto do Eric, porque perto dele eu era a supermulher, a Super Lucy.

Capítulo Dezenove

Já havia passado um mês de espera por um doador compatível e nada, o senhor Pablo, que mudou muito, corria de um lado ao outro, sempre ao telefone em contato com hospitais, clínicas, enfim, estava sempre antenado, nunca falou nada, mas eu sentia sua preocupação em me salvar.

Quando acordei numa manhã de sábado, a primeira coisa que fiz foi sorrir ouvindo o som dos balanços das árvores do lado de fora da casa. Olhei para a cama ao lado da minha, onde o Chris fazia questão de dormir permanecendo ao meu lado. Ele já havia se levantado, então, ainda sonolenta, desviei os olhos em direção à janela. A luz do sol a invadia, iluminando as paredes claras do quarto e revelou o meu lindo e maravilhoso jardim. O lugar que me ajudava a superar dias tão difíceis, quantas vezes eu fiquei ali pendurada na janela apreciando quando não podia sair, então pedia ajuda a quem estivesse por perto para me levar de cadeira de rodas até o lado de fora. Sentia-me bem entre as flores, era uma forma de me identificar com a vida de que tudo

vale a pena.

Especialmente neste dia eu sentia uma sensação diferente, algo restaurador, me levantei por um instante e fiquei em pé ao lado da cama, era incrível a alegria em meu coração, pela primeira vez, após dias, as minhas pernas estavam firmes. Caminhei até a janela e abri, em seguida fechei os olhos ao sentir o vento fresco de encontro ao meu rosto, a sensação era restauradora e respirei fundo percebendo que a respiração estava calma, sem nenhum desconforto, senti uma euforia dentro de mim ao pensar na possibilidade de que o meu coração poderia estar se fortalecendo finalmente, pois eu podia sentir suas batidas num ritmo normal.

Com todas aquelas descobertas retornei à cama relaxando cada músculo do meu corpo, merecia essa paz, dizia para mim mesma. Eu tinha até esquecido o significado desta palavra tão doce. Uma euforia nascia dentro de mim, me sentia animada com uma imensa vontade de sair para a rua, queria respirar ar fresco, ver pessoas, sentir a brisa do vento sobre a minha pele e além de tudo senti uma imensa necessidade de assistir ao pôr do sol, então eu me lembrei de que em Pinheiros havia um lugar maravilhoso, um lugar que realmente poderia me proporcionar aquela vontade que dominava meu ser.

A Praça Pôr do Sol era um lugar muito conhecido na cidade de São Paulo pela vista fantástica no finalzinho da tarde, eu sempre tive vontade de conhecer e achei que

seria o dia ideal. Ainda não conhecia pessoalmente, só por fotos, algumas amigas sempre iam com os seus namorados para verem algo tão romântico, eu sempre pensei que um dia eu também poderia apreciar tal espetáculo e não sei explicar por que, mas achei que seria o dia. O meu interior gritava dizendo que eu não poderia perder essa oportunidade hoje.

O ruído da porta se abrindo me tirou dos meus devaneios de felicidade e vi o Chris, imediatamente me sentei na cama e abri um enorme sorriso. Ele carregava uma bandeja com frutas e sucos para o meu desjejum com o mesmo sorriso que o meu. Eu suspirei.

— Bom dia! — falei sorrindo para ele, que sorriu.

— Bom dia, minha querida, está com fome? — Ele suspendeu a bandeja e levantou as sobrancelhas. Quem respondeu foi o meu estômago, que roncou ao ver tantas guloseimas na bandeja.

— Estamos... — eu respondi com muito humor. Ele deu um sorriso torto enquanto colocava a bandeja no criado-mudo ao meu lado e se sentou na cama. — Eu e o meu estômago — expliquei, ele inclinou a cabeça e me beijou nos lábios.

— Eu já te falei que você fica linda quando está sorrindo? — sussurrou em meus lábios.

— Você tem noção do quanto eu estou feliz hoje?

— Se você estiver tão feliz quanto eu estou, então sim, eu tenho noção — disse sorrindo para mim.

— Ahhh, meu amor. — Beijei-o enquanto peguei uma maçã sobre a bandeja e comi. — Eu preciso sair um pouco, querido, respirar ar puro, ver gente, estou explodindo por dentro de tanta vontade de me sentir livre.

— Ok, tome o seu café, que vamos dar uma volta no quarteirão.

— Eu não estou dizendo em dar só uma volta pelo quarteirão, também é claro — corrigi minhas palavras, ele levantou um sorriso e seu olhar ficou confuso. — Sempre quis ver o pôr do sol — disse e ele sorriu.

— Ah... querida, eu não sei... — ele hesitou com o olhar tenso e passou a mão pela cabeça.

— Por favor, Chris, é um sonho meu, e hoje o dia está lindo, acredito que vá continuar assim até o anoitecer, eu imploro, eu preciso disso. — Ele balançou a cabeça para trás e para frente, preocupado.

— Não acho uma boa ideia e você não pode viajar, os médicos foram bem claros... — ele falava em meio à agitação, eu sabia que ele não queria me negar aquilo, mas por outro lado tinha o fator perigo. Segurei firme em sua mão e ele me olhou torto.

— Não precisamos viajar para ver o pôr do sol, Chris. — Ele fitou-me. — Aqui perto de casa, em

Pinheiros, tem a Praça do Pôr do Sol, você nunca ouviu falar? — Ele revirou os olhos se lembrando.

— É verdade — ele disse relaxando os músculos que ficaram tensos. — É perto sim... — concordou, respirou fundo inclinando o corpo e beijando os meus lábios. — Acho que é uma distância razoável e quem disse que consigo negar alguma coisa para você? — Suspirou e se levantou.

— Aonde você vai? — perguntei.

— Vou buscar nosso bebezão, será que ele já acordou?

— Chris, o Eric vai com a gente... — Ele deu um giro no calcanhar olhando-me com ar de dúvidas e, antes que retrucasse, eu falei: — Vai ser um passeio maravilhoso, em família — garanti e ele sorriu carinhosamente.

— É claro que vai, afinal vai ser ótimo sairmos um pouco. — Percebi que em seu olhar ainda restava dúvidas. — Será que não seria melhor conversar com o médico e... — Eu o interrompi.

— Escute, querido, estou me sentindo bem hoje, os médicos não vão precisar saber que saímos, e a gente fica um pouco e volta rápido. Por favor — pedi com as mãos juntas e o seu sorriso estonteante foi quem respondeu.

Tudo conspirava a nosso favor, a noite estava agradável, com uma leve brisa de outono o que facilitou

para descermos do carro com o Eric e ver o pôr do sol do lado de fora, onde havia inúmeros casais apaixonados. Suspirei maravilhada com a vista deslumbrante, dali tínhamos o melhor ângulo da cidade, um lugar com um ar mais puro e com pouca poluição, sem prédios, nada para atrapalhar o belíssimo espetáculo da natureza.

Chris se sentou ao meu lado e deslizava com suavidade as pontas dos dedos sobre as minhas costas nuas, causando variadas sensações em meu corpo, eu abracei mais forte o Eric, que dormia profundamente.

— Lembra quando você me perguntou se eu estava com medo de morrer e eu respondi que não, que só me importava com a vida do Eric? — Ele me envolveu em seus braços e beijou minha cabeça, senti o tremor em seu corpo e fungadas, ele chorava, eu sabia.

— Lembro sim... E agora?

— Eu não quero morrer, não agora, eu preciso de outra opção, eu quero viver, quero amar, quero continuar respirando. — Com o corpo colado aos amores da minha vida torcia as minhas mãos trêmulas e não consegui me livrar do nó em minha garganta, ou acalmar meu coração furioso. Nada do que eu fizesse seria capaz de me livrar do sentimento angustiante. Meu coração batia já dolorido no peito pelo esforço com a minha emoção, e a respiração não estava sendo suficiente. — Eu queria muito acreditar que tudo que está acontecendo é um sonho e que a

qualquer momento eu vou acordar. Eu queria tanto acreditar num final bom para nós, acreditar num futuro... Sabe? — Ele passou a mão pelo meu ombro me puxando para um abraço forte e acolhedor, eu deitei a cabeça em seu ombro e não consegui segurar a emoção, as lágrimas desceram...

— Se Deus quiser, meu amor, todo este pesadelo vai passar, o seu coração novo vai chegar a tempo... E quando tudo finalmente estiver bem, nós vamos nos lembrar de tudo isso e dar muitas risadas e... — Eu o abracei forte, o seu otimismo me contagiou, mas a incerteza estava ali no meu coração fraco de batidas leves.

— Eu queria tanto que você estivesse certo. — Solucei entre as lágrimas. — Mas temos que encarar o fato de que a vida é assim mesmo. Ela vive colocando a gente à prova... — Balancei a cabeça. — Mas não importa, o fato é que existe um problema sério há algum tempo e que até agora não surgiu nenhuma luz no fim do túnel. — Beijei seu rosto, abracei forte o Eric e segurei a mão do Chris em meu ombro. — Não é à toa que chegamos até aqui, meu amor. Olhe só para nós. — Ele olhou no fundo dos meus olhos, percebi as lágrimas em seu rosto, limpei e ele sorriu, beijando meus lábios num beijo longo.

— Estamos aqui juntinhos aguardando o espetáculo da natureza que vai acontecer em minutos, vamos acreditar que com a gente vai ser assim também, que o

milagre acontecerá com a mesma certeza que o pôr do sol. — As palavras doces penetraram em minha alma, deitei a cabeça em seu ombro, novamente, e fechei os olhos, assim eu permaneci, com os olhos fechados, tentando eternizar aquele momento único. Sentia seu coração bater contra o meu ouvido, num compasso agradável e feliz.

Um momento maravilhoso, eu queria ficar ali para sempre, a sensação de estar ao lado do Chris, e do meu querido filho, me fazia ter a plena certeza de que ali era o melhor lugar do mundo, junto deles. Ali me sentia completa e segura, mas uma ardência em meu peito me trouxe de volta à realidade caindo por terra tudo o que pensava e contraí meu corpo em pavor.

— Eu estou com medo, Chris, não posso me afastar de vocês, eu não posso... — Ele suspirou fundo apertando-me contra o seu ombro.

— Por favor, Lucy, não sinta medo, eu estou aqui com você e a gente vai superar. O seu milagre estará vindo a qualquer momento, você não vai morrer — garantiu, embora seu tom não me transmitisse tanta certeza assim.

— E se eu morrer, como vai ser? — insisti.

— Não vai acontecer... — Ele ficou de frente a mim e segurou em meu rosto, beijando-me toda. — Eu não saberia viver sem você, eu não saberia. — Suas mãos ficaram trêmulas, e as minhas também, então ele me beijou profundamente emocionado segurando as mãozinhas do

Eric que dormia tranquilamente. — Você me salvou de todas as maneiras, Lucy, se eu sou quem sou hoje devo isso a você, ao seu carinho e ao seu amor. Eu não consigo me ver sem você... Você vai superar esta doença e vou arriscar em dizer que vamos viver juntos até ficarmos velhinhos, além de ver o Eric crescer, namorar, casar e ainda vamos cuidar dos nossos netos...

Deitei em seu ombro e permanecemos em silêncio, apenas desfrutando daquele momento, ele beijou o alto de minha cabeça, olhei para ele, que sorriu um sorriso que pedia reflexão, silêncio. Enquanto eu pensava em como queria que tudo o que ele falou fosse realmente verdade.

No domingo, acordei de manhã me sentindo estranha, a minha respiração estava rápida demais, pelo pouco ar que adentrava em meus pulmões. O Chris já tinha se levantado e estava preparando o café da manhã, ali do quarto, com a porta entreaberta, eu ouvia os barulhos dos pratos e talheres sobre a mesa no andar debaixo...

Tentei gritar, mas a voz não saiu, e depois disso eu apenas fechei os olhos dizendo para mim mesma que não precisava me desesperar, pois logo tudo voltaria ao normal, como em todas as outras vezes, mas estava enganada. A dor forte não melhorou, ao contrário, ela piorou em meu peito me fazendo arquear o corpo sobre a cama comprometendo o pouco ar que ainda conseguia

entrar em meus pulmões.

Sem forças para nada e com medo de morrer ali sozinha, eu não sei de onde encontrei forças para me levantar da cama e me arrastar até a penteadeira, e foi por pouco que não consegui me apoiar e não cair, só que a minha visão começou a ficar turva, e tudo foi se apagando, para chamar atenção ainda passei as mãos sobre a penteadeira derrubando os vidros de perfume e antes de apagar pude ouvir o vidro se quebrando no chão.

Um zumbido em meus ouvidos, algo ensurdecedor me deixou desesperada, agoniada, e tentava abrir os meus olhos, mas não conseguia e entrei em desespero, pois em alguns momentos eu consegui ouvir a voz do Chris e da minha mãe, ou melhor, não era a voz de minha mãe, e sim seu choro. E também ouvia a voz desesperada de Chris, estava tudo muito confuso porque o zumbido era mais alto, como trovões que me impediam de ouvir com clareza.

"Mas onde estou? Oh Céus, será que morri?", pensei ao me lembrar do mau súbito que sofri em meu quarto. Não, eu não estou morta, senão não teria nenhuma consciência. Tentava abrir os olhos e nada, após muitas tentativas consegui abrir somente uma frestinha e pude perceber muitas pessoas ao meu redor, muitas mesmo. Eram homens e mulheres de todas as idades, cores e raças, além deles eu vi minha família, o Chris estava sentado em uma poltrona chorando muito. Tentei levantar minha mão, mas tudo pareceu muito pesado, qualquer

movimento estava além da minha capacidade, então desviei ao ouvir os gritos de minha mãe, mas não consegui compreender o que ela dizia, senti vontade de me levantar para abraçá-la e dizer que eu estava viva porque eu sabia que todo aquele sofrimento era por minha causa. Eu era a causadora de tanta dor e aquilo estava me matando. "PAI...", gritei no silêncio dos meus pensamentos, era a única pessoa mais calma, quem sabe ele poderia me ouvir?

Mas não, ele não me ouviu, suspirei derrotada quando aquele homem de pele branca e de olhos muito azuis entrou no quarto, estava com os olhos pregados nos meus. "Por que só ele me ouvia?", pensei. Fazia aquela cara triste e cochichava no ouvido daquelas pessoas desconhecidas que caminhavam de um lado ao outro, e quando todos saíram do quarto ficou somente a minha família. Aí é que percebi que estava num quarto todo branco e comecei a me incomodar com algo em minha boca e nariz. Estava entubada... Oh, Céus, o medo desesperador me bateu. "Então, estava morrendo, era isso?", perguntei para mim mesma, uma confusão de pensamentos perturbadores... *Meu filho, o Eric*... Olhei em direção ao Chris.

— Chris... Chris... — gritei o mais alto que pude e nenhum som, nem movimento do Chris. Ele não me ouvia. Qualquer som que esboçava era silencioso.

Olhei em direção ao homem de olhos azuis que saía

do quarto, neste momento entrou o senhor Pablo, sua expressão era muito nervosa, entrelaçava os dedos e dona Sophia estava ao seu lado. Não sei por que me acalmei sentindo mãos em minha cabeça, levantei meus olhos para ver quem me acalmava e vi os olhos daquele homem que há pouco saiu pela porta. Ele afagava os meus cabelos me dando forças. E por algum motivo que eu desconhecia, ele me acalmava, respirei fundo fechando os olhos, quando olhei em seus olhos azuis cintilantes, ele abriu um sorriso encorajador. Naquele instante se afastou da cama e novamente saiu pela porta. Eu me perguntei como é que ele conseguia fazer aquilo. *Como foi que ele entrou?* Ao ouvir a voz do senhor Pablo, eu suspirei aliviada pensando que o toque daquele estranho homem clareou minha mente, agora eu podia ouvir com nitidez.

— Eu estou fazendo tudo o que posso, meu filho. — O Chris se jogou em seu pescoço, aos prantos.

— Você está fazendo pouco, precisa se empenhar mais, a Lucy precisa urgente deste coração, pelo amor de Deus, paiiii... — ele gritava e o pai o abraçava com mais força.

— Minha filha não pode morrer! — gritava minha mãe.

Uma onda de alegria me tomou ao ouvir as palavras aveludadas de minha mãe, eu ainda estava viva, então ainda podia ter esperanças, iria permanecer viva, eu sabia

que sim... Escutei o celular tocar e todos os olhares se voltaram para o senhor Pablo.

— Alô... É compatível! Graças a Deus, então venham rápido, venha a jato... — Comecei a rir descontroladamente igual a todos os outros ali no quarto. O meu tão esperado coração estava a caminho, finalmente. Suspirei feliz.

O Chris sorria e chorava ao mesmo tempo quando se aproximou de mim, suspirei o seu perfume, o seu maravilhoso perfume. Ele beijou bem próximo a minha boca.

— Eu não falei, meu amor, que o seu milagre, o nosso milagre viria, eu tinha certeza... — sussurrou em meu rosto.

Senti-me fraca e sem forças para me manter acordada, então fechei os olhos e tudo silenciou, me senti na caixa do nada quando subitamente caí num buraco, meu coração foi ficando lento até que no fim daquele buraco eu caí sobre as águas e afundei.

Senti-me sufocada e me debati na tentativa de respirar e, aos poucos, fui perdendo as forças e deixei-me flutuar afundando cada vez mais, como se estivesse no fundo do oceano, enquanto a minha mente passava toda a respectiva de minha vida. Revivi cada momento, os bons momentos, os ruins com uma grande emoção, a última cena foi no pôr do sol com o Eric em meus braços

envolvida nos braços do Chris.

Despertei com trancos em meu peito, que me sufocavam, e me fizeram abri-los. Voltando à consciência percebi que eram médicos que faziam massagem cardíaca em meu peito. Tentei dizer que estava vendo eles ali, mas acho que eles não me ouviam, desviei o olhar para o Chris que estava com os olhos encharcados chorando muito, minha mãe, meu pai e todos choravam descontroladamente e quando olhei para o meu sogro vi que ele abraçava dona Sophia e depois o Chris.

— Eu sinto muito, meu filho.

— Nãoooooooo! — o grito do Chris causou trovões em minha cabeça. Era ensurdecedor, comecei a chorar quando ele correu até mim e me abraçou forte ali na maca. Sentindo o calor do seu corpo, eu queria abraçá-lo, beijá-lo e dizer que eu estava bem, para ele não se preocupar, mas eu não conseguia. Ele chorava agarrado a mim e eu não podia fazer nada, a não ser chorar junto. *Meu Deus, o que estava acontecendo?* O senhor Pablo o abraçou pelos ombros.

— Vem, meu filho, vamos sair um pouco. — Senti a tristeza naquelas palavras, mas não consegui me mover, nada... Ele se agarrou mais a mim.

— Eu não posso deixá-la, ela não pode me deixar... — Sua palavra de dor doía em mim.

Seu pai deitou em suas costas e ele chorou junto ao

filho, eu queria tanto abraçá-lo, dizer que eu o amava e que estava ali ouvindo aqueles absurdos, ninguém ia deixar ninguém, porque o meu coração novo estava a caminho como ele disse que chegaria. Era só esperar.

— Vem, meu filho... — Dona Sophia o segurou no braço, ele hesitou muito e quando se deu por vencido, beijou-me nos lábios, um beijo leve, mas intenso eu sentia sua energia de encontro a mim.

— Eu te amoooo...

Quando ele cruzou a porta, abraçado aos seus pais, o soluço da minha mãe chamou a minha atenção. Ela estava, no canto do quarto, abraçada ao meu pai, e ambos com o olhar de dor... Eu não entendia todo aquele desespero. Só compreendi quando o médico olhou para a enfermeira ao meu lado e cobriu a minha cabeça com o lençol. Senti-me excluída naquele momento, eu queria gritar para ele não fazer aquilo. Mas minha voz parecia não sair porque era o mesmo que nada. Ninguém me ouvia.

— É uma pena que não tenha dado tempo — disse o médico.

— Pois é, doutor — falou a enfermeira com voz de choro, tomada pela emoção no ambiente. —, o destino escreve a sua própria história.

— Olha... acho que estou começando a acreditar nisso — ele falou. — Justamente hoje, o tempo tinha que virar e o avião que estava trazendo o coração para ela ter

que mudar de rota para Santos. Infelizmente de Santos até São Paulo não é tão perto assim... Não teria mesmo como dar tempo.

Senti um aperto em meu peito e a voz do médico foi se distanciando, se distanciando, até que tudo se apagou. De repente, senti uma forte pressão em meu peito e saltei da cama respirando forte, novamente eu me sentia como se estivesse algum tempo dentro do mar afogada e naquele momento fui salva. Após alguns minutos minha respiração estava normal, olhei ao redor e o quarto estava vazio, eu me perguntei onde tinha ido todo mundo e saí correndo do quarto à procura deles para avisar que eu estava bem, a salvo, e os encontrei no corredor.

— Chris... — Eu o abracei, mas os meus braços atravessaram o seu corpo. Fiquei confusa olhando para ele em prantos, desesperado. Um nó se formou em minha garganta, olhei para a minha mãe e caminhei em sua direção, tentei segurar suas mãos e as minhas mãos também atravessaram as dela.

— Por que é que vocês não me veem? — Encostei à parede e me deixei cair abaixando a cabeça em lágrimas.

Um segundo depois, uma mão se estendeu para mim, olhei para elas e levantei o olhar me deparando com aquele homem de pele branca e olhos muito azuis, sorrindo.

— Quem é você, afinal? — perguntei com a voz

embargada. — Por que você sempre aparece em momentos difíceis?

— Sou um anjo... — ele proferiu e se abaixou em minha frente, já que não lhe dei a mão. — Estou aqui para ajudá-la em tudo o que precisar. — Ele se colocou à disposição com um sorriso terno nos lábios.

— E por que eu preciso de um anjo? — Embora, lá no fundo, eu soubesse exatamente o que ele fazia ali, me fazia de desentendida porque não queria aceitar a verdade, aceitar que eu não tinha mais um futuro, que tudo terminava ali. Ele abaixou os olhos.

— Acho que você sabe muito bem por quê... — ele falou de um jeito como se tivesse lido os meus pensamentos. E se levantou, eu também me levantei segurando em seu braço.

— Não venha me dizer que eu morri, eu não posso morrer, tenho um filho para criar, um marido maravilhoso, uma família. — Ele fingia não me ouvir e entrou no quarto, e eu fui atrás, inconformada. — Então? — Eu me recusava a aceitar e, então, ele parou ao lado da cama e apontou.

— Aqui está o seu corpo quieto e sem vida, acredita agora? — Eu olhei para a cama vazia ainda com um resquício de esperança, mesmo assim o olhei como se ele fosse um louco varrido.

— Não tem ninguém nesta cama. — Passei a mão

sobre o lençol e ele me olhou intrigado.

— Mas como? Você não está vendo seu corpo?

— Claro que não, como posso estar nesta cama se estou aqui em pé conversando com você? — Ele olhou com os olhos apertados e recuou para a porta quando entraram dois homens de jaleco no quarto.

— É este o corpo? — perguntou um deles, o outro levantou o lençol e com a expressão triste balançou a cabeça afirmando.

— É, deve ser este mesmo, pela descrição que tenho aqui é de uma jovem, é uma pena, olha só como era bonita. — Suspirou e o outro olhou também.

— Bonita mesmo. — E levaram o corpo. Eu fiquei pasma, tanto quanto o homem que se dizia ser meu anjo. Ele desviou seus olhos em minha direção.

— Acredita em mim agora? — Eu comecei a chorar inconsolável, sem me conformar, é claro que eu estava morta por que eles não me viam?

— E por que eu mesma não consigo ver o meu corpo morto? — perguntei nervosa e ele balançou a cabeça em negativa.

— Eu não sei... — respondeu simplesmente e saiu do quarto quando, então, percebeu que eu fiquei dentro do quarto e colocou a cabeça para dentro. — Vem comigo, Lucy — chamou-me.

— Não, eu não vou sair de perto do Chris, eu preciso ver o meu filho. — Corri para fora do quarto passando por ele e me agarrei ao pescoço do Chris caindo sem apoio. Ele deveria ter rido, mas, ao invés disso, caminhou em minha direção e estendeu a mão para mim.

— Lucy, nós precisamos partir agora, você não faz mais parte deste mundo, não por enquanto...

— Como assim, não por enquanto? — Ele deu de ombros e segurou em meu braço.

— Por favor, vamos.

— Por favor! — eu implorei quando percebi que o que havia de mim era simplesmente a minha consciência e que nada podia fazer para mudar isso, mas me afastar eu não podia, não podia ir embora sem ao menos beijar meu filho pela última vez. — Dê-me mais um tempo, eu preciso dele... — Chorando deixei-me cair no corredor frio do hospital. Ele passou a mão pela minha cabeça e suspirou.

— Eu não deveria permitir, mas vou abrir uma exceção para você, mas precisa me prometer que quando eu chamar você vem... — Assenti com a cabeça prometendo algo que não sabia se poderia cumprir. Nós nos sentamos no corredor enquanto, aos poucos, meus entes queridos iam embora para prepararem o meu funeral.

— O que aconteceu? Eu ouvi dizerem que

encontraram o coração para mim.

— Aconteceu que chegou o seu dia e a sua hora. É tudo o que aconteceu, nada mais foi do que a obra do destino, o coração não chegou a tempo e não era para chegar. — Ali eu entendia finalmente por que o avião teve que mudar a rota, simplesmente porque este coração não ia me salvar.

— E por que agora? Eu sou tão jovem ainda...

— Olha, Lucy, eu sou só um anjo de guarda, não tenho respostas para tudo, eu sinto muito. — Sentia a sinceridade em sua voz. Aí eu me lembrei de suas aparições em momentos críticos.

— Eu morreria no dia da discussão em frente à minha casa?

— Como eu te disse agora há pouco, eu não tenho respostas para tudo, naquele dia eu senti a sua fragilidade e caso morresse eu deveria estar lá.

— Então, nem você sabe quando será a hora das pessoas?

— Não, não sabemos, pois a nossa missão é levar as almas para um plano maior.

— E aquelas pessoas no quarto, quem eram?

— Almas aguardando para partir... — Senti um vazio dentro de mim, partir era o mesmo que sumir, que desaparecer. Não, eu não podia.

Já, à noite, entrei em meu quarto vazio e me perguntei onde estaria o Chris, o procurei por toda a parte, só minha mãe, meu pai e o Juninho estavam em silêncio e muito tristes na sala. Entrei no quarto do Eric e ele dormia tranquilo, como se nada estivesse acontecendo. Inclinei meu corpo sobre o berço e beijei sua bochecha. Eu não podia deixá-lo, não podia. Gritei desesperada e, quando olhei em direção à porta, o anjo estava encostado no batente, então percebi seu olhar triste.

No dia seguinte, no velório, olhei para todas aquelas pessoas chorando, abracei a todos, beijei o Chris que chorava muito, desesperado, agarrado ao caixão, assim como a minha mãe e o meu pai. O Juninho se sentou ao lado do caixão e não levantou mais. Eu me aproximei e olhei dentro, mas em minha visão ele estava vazio. Eu não entendia por que não via meu corpo, e nem adiantava perguntar ao anjo porque ele mesmo não entendia.

Todos estavam no velório, os amigos e também os inimigos, inclusive a Kate que no maior respeito deu os pêsames ao Chris e se afastou mantendo distância. Eu achei muito fofo da parte dela, uma demonstração de respeito, sentimento este que eu achei que não fizesse parte do seu vocabulário.

— Se precisar de mim, grita, viu? — sussurrou a Clarinha com o rosto inclinado sobre o caixão. Comecei a rir, era a nossa mania de declarar a nossa amizade: "Amigas para sempre".

— Você também, minha amiga, se precisar é só gritar. — Inclinei meu corpo, minha alma, não sei... e sussurrei de volta ao seu ouvido. Seu corpo tremeu como se tivesse me ouvido, então ela abraçou o próprio corpo, eu fiquei agitada na esperança de que ela pudesse me ouvir. — Você pode me ouvir? — A tentativa não surtiu nenhum efeito, ela continuou ali chorando a minha morte.

Quando tudo terminou e todos foram embora eu chorava muito, era muito doloroso saber que os últimos minutos se aproximavam e que eu nunca mais veria aqueles que tanto amo. O anjo se aproximou de mim e pousou a mão em meu ombro.

— Chegou a hora, Lucy, vamos.

— Não, por favor, só mais um pouco, eu prometo que depois eu vou com você, pelo amor de Deus.

Eu não sei por qual razão, mas ele concordou quando, de repente, veio aos meus ouvidos os murmúrios do Chris e sem pensar me levantei e saí correndo percebendo que flutuava sobre o chão. E ao longe vi o Chris em alta velocidade em cima daquela moto na Avenida Castelo Branco.

Senti um gelo pelo corpo ao perceber a sua intenção, ele queria morrer e, pela sua atitude, estava disposto a dar um ponto-final em sua vida, eu podia ouvir o seu coração, estava em busca de sua própria morte, me apressei e, em segundos, eu já estava na garupa da moto o abraçando

pela cintura, deitei a cabeça em suas costas.

— Ô, meu amor, desista disso, você não pode morrer, o Eric precisa de você, você não pode deixá-lo sozinho, já que eu não tive escolha — sussurrei em seus ouvidos e ele chorava tão alto, que sem o capacete as lágrimas espirraram em minha face, eu podia sentir o sabor salgado delas.

Ele pareceu me ouvir, aos poucos ele foi diminuindo a velocidade até que estacionou no acostamento e desceu. Sentou-se no chão de cabeça baixa, ainda em prantos, e chorou tudo o que tinha pra chorar. Eu me sentei ao seu lado e deitei em seu colo.

— Eu te amo, Chris, eu sempre amarei você.

Parei por um instante ao olhar para cima e ver o anjo em nossa frente e junto dele havia outro homem. Deduzi que fosse outro anjo, embora com os cabelos loiros e a pele bem clara, mas tinham a mesma postura e voltei para acariciar o rosto do Chris.

— Você precisa ser forte, meu amor, cuida do Eric, você terá que ser a mãe e o pai dele. Conte a minha história para ele, diga o quanto eu o amo, conte que eu fiz de tudo por ele e que se não fiz mais foi porque não estava ao meu alcance. Diga a minha mãe, ao meu pai e ao Juninho que eu os amei com toda a força do meu coração. Agradeça seus pais também por ter colocado você no mundo, a pessoa que realizou todos os meus sonhos, que

me fez a pessoa mais feliz do mundo. — As lágrimas me sufocavam, então levantei os meus olhos e percebi que o anjo estava comovido também.

O Chris pareceu me ouvir porque ele começou a chorar e a rir ao mesmo tempo com um ar cofiante e rapidamente subiu na moto voltando para casa. Eu o acompanhei até o quarto, ele pegou o Eric nos braços e o abraçou forte beijando todo o corpinho de nosso filho.

— Não tenha medo, filhinho, o papai está aqui, e a mamãe também. Onde quer que ela esteja sempre estará olhando por nós.

Eu o abracei pela frente e ficamos alguns segundos mergulhados naquele momento, que parecia ser mesmo o último quando, então, o anjo segurou em meu braço e me puxou para fora da casa. Já na rua, eu puxei o meu braço e me afastei dele. Seus olhos azuis se estreitaram.

— Não faça isso, Lucy, precisamos partir! — Sua voz angelical e serena saiu embargada.

A forma que ele olhava me dera a certeza de que sentia a minha dor, bateu em meu coração como uma esperança, uma grande esperança. Ele sofria com o meu sofrimento, então quem sabe ele me deixe ficar ao lado das pessoas que tanto amo!

— Eu não posso partir, você não entende? Meu filho é muito pequeno ainda... quem sabe se você... — Ele estendeu o braço em minha direção até que sua mão tocou

meu rosto em forma de concha, um toque confortador que me fez fechar os olhos por um momento.

— Não tem como ficar aqui, seu corpo foi enterrado — Sua voz soou macia, calma. Abri os meus olhos devagar encontrando os olhos azuis brilhando e engoli em seco.

— Então é o fim? — perguntei com um aperto no peito, a palavra fim doía em mim ou o que restou de mim.

— Não é o fim, pode acreditar!

— Não, eu não vou, eu não posso deixar a minha família, entendeu? — E comecei a correr pela rua e fui me distanciando, mas ainda ouvi quando o anjo loiro falou:

— Vamos logo, não temos mais tempo, ela tem dia e hora para nascer e o tempo está se esgotando. — O anjo moreno suspirou fundo.

— Eu não entendo porque tinha que cuidar deste caso, eu não consigo fazer isso, é muito amor... — Olhei para trás, emocionada, e vi quando o anjo loiro olhou de soslaio para o anjo moreno.

— Você precisa fazer isso, e tem que ser agora... — E os dois vinham em minha direção flutuando muito rapidamente.

Eu olhei para frente e tentei apressar os passos e quando percebi também flutuava, pensei que fugiria deles, e era mesmo só o meu pensamento, porque senti a mão do

anjo moreno segurar meu braço direito e, em seguida, o anjo loiro segurou no esquerdo e flutuando me carregaram, atingimos a velocidade da luz e atravessamos por ela. Um clarão se viu no céu.


ETERNAMENTE
"EU"
A MORTE ERA SÓ O COMEÇO
ELISETE DUARTE

PRÓLOGO

— Para onde estão me levando? Por favor, me soltem! Por favor! — gritava e, ao mesmo tempo, chorava.

A dor em deixar tudo para trás era muito maior do que as dores horríveis em meus braços, com aqueles anjos me segurando forte enquanto flutuávamos em alta velocidade, através de um túnel longo, escuro e estreito.

E eu não tinha escolha.

A distância levava com ela a minha consciência, tudo foi ficando para trás na escuridão: a dor e tudo o que significuei um dia. Aos poucos, a tristeza profunda cessou e minhas pálpebras foram pesando... pesando... até que se fecharam e apaguei.

Despertei com a sensação de que tivesse dormido por muitos anos, mas me sentia diferente, leve como uma pluma e voando livremente naquele túnel longo e escuro em direção a um mundo iluminado.

Era uma sensação indescritível!

Ao longo da vida surgiam pistas que nos indicavam que direção devia seguir, mas ali não era uma escolha, eu

estava sendo levada involuntariamente. A sensação de prazer que sentia pelo meu corpo não me deixava pensar. Tudo ao meu redor era um absoluto vazio, não havia sons, cheiros, nada. Era um total e agradável silêncio.

Era uma calmaria, que foi lentamente interrompida, com certa angústia dentro do meu peito, fazendo meu coração acelerar, em uma ânsia de me lembrar de algo importante, algo que precisava estar claro quando chegasse ao meu destino, eu não sei ao certo...

E a cada esforço, meu coração batia mais forte e descompassado e acabei ofegando. Quando tudo parecia vir à tona, sumia novamente de minha compreensão. Porém, eu sentia que era algo relativo a ensinamentos, recomendações, alertas...

E todo aquele esforço me deixou agitada, pensar naquilo causou um tremor generalizado pelo meu corpo. Confusa, balancei cabeça para dissipar meus pensamentos. Então, relaxei e me deixei ser levada de corpo e alma em direção à luz.

Eu sequer tinha controle sobre mim, mas tudo o que sentia naquele instante era algo bom que trazia uma grande felicidade. Ao contrário das minhas últimas e únicas lembranças em meu inconsciente: do medo que me tomou flutuando com aqueles anjos agarrados em meus braços. Talvez neste mesmo túnel ou não, eu não sei. Porém, agora não havia sofrimento profundo com tudo sendo arrancado

de mim. Era outra forma de sensação era como se eu estivesse indo em busca de algo muito importante e bom.

Agora eu estava novamente flutuando livremente naquele espaço sem ninguém segurando em meus braços numa paz perfeita totalmente sem dor ou sofrimento.

Eu não sabia definir exatamente o que acontecia, mas compreendia que estava no limite do tempo e do espaço, e não me perguntem como eu poderia saber, só sei que sabia, a informação se fazia presente em minha consciência.

Ainda ouvia sussurros em minha cabeça:

A morte não é o fim. Nunca será. É o começo de uma nova existência.

Uma paz profunda me envolvia com aquela luz me puxando cada vez mais naquele túnel longe. Era uma luz forte e intensa como o sol que aquecia minha alma. E à medida que me aprofundava no túnel, tudo ficava mais nítido e lindo. Era possível ver os raios liberados pela luz direcionados para todos os lados, emanando essa claridade forte junto com um calor cada vez mais prazeroso que eu sentia por todo meu corpo.

Cheguei ao fim do túnel.

E dali em diante, a queda foi livre e me fez contrair inteira, não sentia medo algum, era como se eu soubesse para onde estava indo.

Meu corpo flutuava para baixo, eu não me recordava de ter visto céu tão lindo, limpo e azul. Suspirei profundamente, um suspiro que projetou meu corpo em velocidade maior em queda e atravessei por aquela colcha de nuvens e, então, ouvi uma voz masculina e urgente dizer:

— O bebê não está saindo, preciso que você se esforce um pouco mais.

E, em seguida, ouvi uma voz feminina, abafada e arfante de alguém que sofria muito:

— Oh, Deus! Por favor! Eu não consigo...

E a mesma voz masculina gritou novamente:

— Sua filha está nascendo, só um pouco mais!

Neste instante, eu vi os médicos em seus jalecos verdes ao redor daquela mulher cujo rosto fui incapaz de ver, deitada de barriga para cima, e de pernas abertas, num momento mais lindo e sublime que alguém pode ter: o nascimento do seu filho.

Suspirei emocionada ao ver aquele bebê nascer!

Tão pequeno, tão frágil, em total silêncio. Sentia como se fizesse parte dele, como se ele dependesse de mim para respirar. E a confirmação veio quando, involuntariamente, mergulhei dentro do seu corpinho e tudo foi se apagando novamente dentro de mim, e o último som que pude ouvir foi um choro estridente de uma

criança nascendo.

Dezoito anos depois...

Capítulo Um

Susie

Eu nunca entendi esses sentimentos que se apossam de mim. Queria entender de onde vem o vazio que eu sinto ao dormir, ao acordar, ao comer... Ele está em tudo, é uma lacuna enorme, é como se faltasse algo em minha vida. Uma saudade de algo ou de alguém que nunca conheci, mas que está lá no abismo mais profundo da minha alma.

Existe algo que eu gostaria de encontrar.

Às vezes, sinto que vivo uma vida que não me pertence, ou, como poderia dizer, uma vida incompleta, e que todas as pessoas as quais amo não são exatamente parte de mim. É uma tristeza profunda que envolve meu corpo e domina cada pensamento, que me faz chorar sem perceber e que muitas vezes me faz peregrinar pelas ruas como se assim eu pudesse encontrar alguma resposta que explicasse tudo isso.

Fiz isso novamente esta noite.

Aproveitei que meus pais viajaram e vaguei por

horas pelas ruas de Miami, em meio à onda de turistas perambulando de um lado para outro, tirando fotos de tudo. Era assim o ano todo com tudo que a cidade oferecia: combinação perfeita da modernidade de uma grande cidade com a calmaria de um destino de praia, além de temperaturas superagradáveis o ano inteiro, belas paisagens... E eu simplesmente vivia meu mundo muito particular nestas caminhadas sem rumo, apenas seguia em frente em busca de algo. Exausta de andar sem rumo voltei para casa, tomei um banho e caí na cama.

E como sempre, ao acordar no dia seguinte, depois de presenciar mais um daqueles sonhos repetidos: de rostos distorcidos, vozes que pareciam vir do além, lugares que eram encobertos por um manto branco que me impossibilitava de ver... o meu cérebro ficava por alguns minutos processando a emissão de flashes me fazendo reviver o sonho. Todo meu corpo sempre era preenchido por uma angústia que me tirava de órbita e, após estes sentimentos, eu sentia certa ansiedade dentro de mim, mas que logo passava com as atividades do dia a dia me trazendo de volta à realidade.

Porém, desta vez, não acordei muito bem, não era apenas a ansiedade que sentia. Algo havia mudado dentro de mim, me sentia estranha, perdida em algum outro lugar e não aqui em minha casa. Era como se não tivesse voltado.

Eu nunca fui mesmo uma pessoa normal como as

outras.

Carregava comigo mistérios internos que eu mesma desconhecia, portanto mantinha estas emoções em segredo, o que não era nada difícil com a pessoa que eu era. Eu costumava ganhar o apelido de garota sorriso apesar de lá no fundo da minha alma o choro ser insistente, mas, enfim, sorrir, jogar conversa fora com os amigos e até os desconhecidos me mantinha um pouco no alívio da dor que me consumia por dentro.

Não sei dizer se neste mundo há mais alguém como eu, pelo menos, ao meu redor, porém que eu saiba, não. Nada supria esta minha necessidade, nem mesmo o dinheiro que minha família tem em excesso.

Meus pais são donos da maior rede de restaurantes brasileiros em Miami, são os mais procurados pelos turistas que frequentam a cidade durante o ano inteiro. Nasci e cresci ao redor do luxo, mas isso nunca subiu à minha cabeça. Muito pelo contrário, sempre me incomodou o fato de ter tanto. Às vezes dava a impressão de ser ostentação. E ostentar era algo que eu odiava profundamente. Mesmo assim nunca questionei meus pais, nem seria justo diante dos esforços exagerados que muitas vezes os levavam a exaustão. Inclusive, eles estão justamente comprando outro ponto em Los Angeles e acabei faltando à aula.

Não me senti disposta e fiquei em casa. Já acordei

tarde, e por volta das 13h eu me deitei no sofá confortável da sala e peguei um livro. E ali permaneci a tarde inteira, lendo sempre as mesmas linhas e as palavras não entraram em minha cabeça.

Acabei cochilando com o livro nas mãos.

— Tem certeza de que vai ficar bem, Susie? — Sobressaltei ao ouvir a voz aguda de Gretha, a funcionária de minha casa. O susto foi tamanho que deixei o livro cair sobre o sofá e olhei em direção à porta.

Parada, entre a sala e a cozinha, com uma bolsa maior do que ela no ombro, Gretha sorria com as mãos levantadas em sinal de desculpas.

— Desculpe! Eu não quis assustá-la.

— Imagina, está tudo bem! Você não tem culpa de nada! — Levantei e caminhei até ela e beijei sua face. — Eu que estava no mundo da lua... — Olhei no relógio em meu pulso indicando 20h40. — Eu pensei que já tivesse ido para casa — falei surpresa por ela estar ainda ali considerando que seu horário de saída é 18h.

Muito fofa, ela sorriu gentilmente.

— A sua mãe foi bem clara, exigiu a casa em ordem para o final de semana — explicou, analisando meu rosto, meu olhar perdido. — Aliás, notei que desde que acordou, está com a carinha triste, menina. O que foi? Brigou com o namorado?

Dei de ombros, sorrindo, e voltei até o sofá desabando sobre ele.

Antes fosse isso.

Pelo menos, ao fazer as pazes me sentiria melhor, mas eu não sabia o que estava se passando comigo e nem até quando tudo isso poderia durar.

— Não... — respondi após minha análise, lançando um olhar de dúvida. Ela sorriu com compaixão. — Nem que eu queira, consigo brigar com o Johnny, sabe o quanto ele é tranquilo, sossegado e, além de tudo, paciente.

Ela acenou levemente a cabeça, concordando, antes de se virar e caminhar em direção à porta da cozinha.

— Realmente a menina teve sorte, ele é em ótimo rapaz — concordou enquanto abria a porta da cozinha que dava acesso ao quintal e virou para mim. — Deixei o telefone do buffet na mesa da cozinha. Boa festa de aniversário!

— Obrigada, Gretha — agradeci surpresa, enquanto ela, sorrindo como sempre, em sua simpatia infinita, saiu e fechou a porta atrás de si.

Senti um aperto no peito com a lembrança, minha cabeça ficou envolvida em uma sensação estranha, que nem me lembrei do meu aniversário no dia seguinte. A Gretha é uma senhora de 50 anos, baixinha, gordinha e uma fofa. Ela presta serviços domésticos para a minha

família há mais de cinco anos. Pensa em uma pessoa esforçada, que executa seus serviços, envolvida em um sorriso contagiante.

Esta pessoa é ela!

Havia me esquecido que minha mãe havia recomendado a ela cuidar dos pormenores e liberado a casa para comemorar meu aniversário de 18 anos com os meus amigos.

O fato é que eu não queria pensar nisso agora, eu só queria ficar quietinha no meu canto, me deitei novamente no sofá, encostei a cabeça no braço e cruzei meus braços. E fiquei ali com olhar fixo no enorme lustre de cristal, que descia pelo mezanino iluminando todo o andar onde eu estava, deixando em evidência a decoração requintada do ambiente: várias poltronas de couro, brancas; tapetes persas espalhados pelo chão; todos os móveis em madeira da mais alta qualidade e inúmeros adornos e quadros de artistas renomados espalhados pelas paredes.

Era um espaço de 400 metros quadrados dividido em três ambientes: uma sala de estar, outra menor onde eu costumo chamar de saleta dos negócios, que é onde fica uma mesinha com aparelho de telefone, poltronas grandes e confortáveis e um aparador com bebidas de todos os países de mundo. E do outro lado, a sala de jantar com uma mesa linda de vidro.

Quando quase cochilava, um apito vindo do meu

notebook sobre a mesa de centro me fez levantar, eram os meus pais me chamando numa videochamada. Foram apenas alguns minutos conversando, então desliguei, apaguei a iluminação principal e acendi apenas o abajur na mesinha ao lado do sofá no local onde encostei a cabeça e, mais uma vez, tentei me concentrar na leitura e, por fim, acabei dormindo.

— Socorro! Socorro!

Abri meus olhos devagar ainda sonolentos sem distinguir aqueles gritos de socorro que atordoavam minha cabeça.

— Socorro! Socorro!

Quando aquela voz feminina ficou mais aguda, abri os olhos de uma vez e muito assustada.

— Quem está aí? — Minha voz saiu sufocada com meu coração na garganta. Nada, nenhuma resposta.

Aquilo não era bom, me sentei no sofá. Olhei ao redor à meia-luz do abajur e, mesmo com o silêncio ao redor indicando que poderia ter sido um sonho, ainda assim sentia certo receio, o que disparou ainda mais o meu coração.

O fato de estar em casa sozinha intensificava minha insegurança e, preocupada, me levantei e fiquei parada no meio da sala respirando lentamente a fim de evitar ruídos, atenta a qualquer som, porém nada mais aconteceu.

Eu não estava convencida ainda, e, apesar do medo, segui a passos curtos em direção à cozinha e acendi a luz.

— Oi... — arrisquei perguntar olhando ao redor e encontrando apenas os móveis embutidos e eletrodomésticos brancos. Entrei ainda apreensiva e fui até a porta que dava para o quintal na lateral da casa por onde a Gretha saiu.

No quintal, reinava o silêncio absoluto da noite calma de céu estrelado.

Fiquei ali mais algum tempo parada à porta, pensando no que fazer, e cheguei à conclusão que estava ouvindo demais, e este meu medo era infundado. Poderia muito bem ser alguma pessoa que passou na rua gritando e me confundiu, ou mesmo ter sonhado sem me lembrar dele.

Bem, de qualquer forma a conclusão me tranquilizou e fechei a porta, incomodada, porque algo não estava normal no ambiente, eu podia sentir uma energia estranha, uma presença, como se dois olhos me observassem.

Eu não queria cair em desespero, só que não houve como! A angústia intensificou meu nervoso e comecei a tremer.

Deveria ter ido com os meus pais a esta viagem. Se arrependimento matasse, eu estaria morta!

Sair para a rua àquela hora não era uma saída, afinal

para onde eu iria? — Eu vou chamar a polícia — ameacei quando voltava para a sala, fui até o telefone e o tirei do gancho, olhando ao redor. Eu até podia ligar, porém não tinha certeza se alguém entrou na casa.

Fiquei brava comigo mesma, parecia uma neurótica oscilando olhares por todo o canto da sala com meus olhos arregalados. Não havia sinais de invasão, olhei para todas as portas, nenhuma estava aberta e pousei meus olhos na porta de vidro fumê que dava a área de lazer da casa, e com força e coragem resolvi averiguar.

A luz da lua refletia na água da piscina e todo o resto estava na mais intensa calma.

Revirei os olhos, inconformada comigo mesma, convencida de que teria que engolir o medo, manter o sangue frio, o que estava difícil com ele fervilhando em minhas veias, na tentativa de me manter no controle. Fechei a porta com força e travei, em seguida corri escada acima para o meu quarto, entrei e passei a chave por precaução.

Olhei, mais uma vez, no meu relógio indicando 00h10, apaguei a luz e me joguei de bruços sobre a minha cama macia, me lembrando de que agora sim eu já estava com 18 anos, e por este motivo é que fiquei em casa sozinha.

Era a primeira vez, e tudo por causa do meu aniversário.

Eu não estava animada para festas e, apesar de me relacionar bem com os amigos do colégio, quando o assunto era frequentar a minha casa eu já ficava desanimada. Sempre me senti um pássaro fora do ninho.

E outro fator importante para que eu evitasse de trazer meus amigos em casa, era o incômodo de achar o local onde chamo de minha residência soberba demais, tudo se resumia ao luxo e requinte e tudo o que o dinheiro podia comprar. De alguma forma, eu me perdia dentro deste mundo como se fosse um labirinto; e, por mais que eu tentasse, nunca consegui me encontrar nele.

Como se não bastasse tanto dinheiro, meus pais queriam mais, o meu pai nem tanto, havia traços de simplicidade nele, mas tudo girava em torno da minha mãe, ela era incansável. Quanto mais tinha, mais ela queria, e quando questionada, dizia:

— Coloque uma coisa em sua cabeça, ninguém nunca tem dinheiro o suficiente!

O cansaço me venceu e o sono chegou com força deixando minhas pálpebras pesadas e, em questão de segundos, adormeci novamente.

Acordei no meio da noite com aqueles gritos de socorro novamente. Só que, desta vez, eles pareciam trovões em minha cabeça. Eu estava suando, com meu coração acelerado e mal conseguia respirar.

Jesus!

Sentei na minha cama e comecei a olhar ao redor na escuridão do quarto com a certeza de que agora era real, não era mais a sensação, havia sim a presença de alguém e me desesperei. Travei ali na cama e mal conseguia me mexer.

"Será que invadiram a casa?", perguntei-me em pensamento.

— Quem é que está aqui? — berrei com a voz trêmula.

Meu coração já estava desorientado, batendo forte e minha respiração descompassada tomava conta do ambiente.

— Mãe, é você? Pai? — insisti temerosa num fio de voz com a estúpida esperança de que fossem eles, e nem sabia se queria mesmo ouvir a resposta... Lá no fundo eu tinha certeza de que não eram eles, ciente de que isso era uma loucura, nunca poderia ser eles.

É claro que não, imagina!

Conversei com eles por videochamada antes de vir para o quarto, e outra que Los Angeles não é logo ali, é outro estado.

Não houve tempo o suficiente.

Um vento que eu não sabia por onde entrava me deixou em estado de alerta, soprava meus cabelos.

De *repente,* o barulho de *portas batendo* no andar de

baixo e *passos* pesados subindo apressados pelas escadas e corredores do quarto me fizeram prender a respiração. Quando tudo silenciou, soltei o ar com força, com os olhos presos na maçaneta, apreensiva com a enorme sensação do invasor estar parado do lado de fora da porta só aguardando o momento de invadir o quarto.

Aquilo não poderia ser impressão, pois estava realmente acontecendo. Desesperada, eu saltei da cama, entrei no banheiro e fechei a porta. Continuei no escuro choramingando com o coração batendo num ritmo tão acelerado que quase não conseguia respirar.

Paralisei, quando ouvi um baque na porta do quarto e com o susto comecei a chorar em silêncio sem saber o que fazer. Alguém forçava a maçaneta da porta, mas não a ouvi se abrir, lembrei-me de que tranquei ao entrar.

As lágrimas banhavam meu rosto: era de medo, eu não tinha estrutura para suportar um medo tão grande, achei que ia desmaiar com a minha cabeça girando.

O que eu faço?

Eu não conseguia raciocinar. E quando consegui pensar em ligar para a polícia me acovardei, jamais sairia do banheiro com a certeza de que o invasor deveria estar no quarto à espera que eu saísse do banheiro para me atacar.

Deixei me cair ali no chão num pranto silencioso quando uma luz acendeu em minha mente.

É claro!

Lembrei-me de que antes de me deitar, enquanto escovava os dentes, falava ao celular com a Molly, uma das minhas melhores amigas do colégio e que havia deixado o aparelho ali na bancada, carregando. Eu só precisava tatear sobre o tampo de mármore e, com certeza, eu encontraria.

Silenciosamente deslizava as mãos pelo mármore frio aumentando ainda mais o tremor pelo meu corpo na esperança de pedir ajuda. Como eu previa, encontrei o aparelho. Na escuridão, e nervosa, sem conseguir pensar em um número, a única ideia que veio à minha cabeça era acionar o botão de rediscar. Foram seis toques até que a voz sonolenta da Molly soou como uma canção de ninar ao meu ouvido.

— Molly, sou eu... — sussurrei, chorando baixinho para ninguém escutar. — Chame a polícia, acho que entrou alguém aqui em casa.

— Como assim? — ela perguntou apavorada do outro lado da linha. Mordi os lábios, eu não podia falar mais alto.

Entrei em desespero, no entanto segurei a minha onda e fiz mais uma tentativa.

— Chame a polí... — Eu não consegui terminar a frase.

— Socorrooooo... — Os gritos de socorro daquela voz feminina me silenciaram, eu não conseguia mais dizer uma só palavra. Agora eu não dormia, estava bem acordada, senti como se tivesse levado um soco. Todo o ar deixou os meus pulmões.

Era como se alguém gritasse ao pé do meu ouvido. Eu podia sentir o calor adentrando em meus tímpanos e deixei o aparelho cair de minha mão enquanto minhas pernas não suportaram mais o peso do meu corpo e caí no chão, totalmente desorientada.

Aos poucos, minha consciência foi se distanciando e, antes de apagar totalmente, ainda ouvi novamente o desespero daquela voz:

— SOCORROOOOO!

Capítulo Dois

Susie

— Tem alguém aí? — Despertei com batidas fortes na porta do banheiro, o tom de voz foi um berro extremamente alto.

Meus olhos se arregalaram, eu conhecia aquela voz.

Levantei-me num único pulo enxugando minha lágrima teimosa com a manga da blusa do meu pijama e sorri instintivamente. Aproximei-me da porta e respirei fundo, com meu coração extremamente aliviado.

— Molly? — perguntei, colocando uma mão na maçaneta e outra na porta, logo sentindo outra forte batida na porta.

— Sim, sou eu... — Senti seu tom de voz preocupado e a sua respiração descompassada, ela estava nervosa.

E eu senti a maçaneta mexer, fazendo a minha mão girar junto.

Eu não me contive de emoção ao ver o rosto da minha amiga diante de mim, e logo atrás dela dois

homens. Um deles, com um olhar azul profundo se prendeu ao meu. Por um momento, estática, fiquei ali tentando me recordar de onde havia visto aquele rosto antes, aquela pele branca. Vestido no uniforme da polícia, ele fitava-me sério até que desviou o olhar para dentro do banheiro.

E logo atrás dele o outro homem vestido casualmente, calça jeans e camisa de manga longa dobrada até o cotovelo, com arma em punho, alto, magro de cabelos curtos castanhos, aparentando uns 38 anos ou um pouco menos. Ele também me encarava com seu olhar castanho expressivo, porém, diferente do outro rapaz, ele olhava-me nos olhos com uma expressão de surpresa, como se me conhecesse. *Estranho!*

— Molly?! Molly, você veio... — Me atirei em seu pescoço em prantos. — Me tire daqui — pedi em lágrimas e um forte soluço.

— É claro que sim, fique tranquila, amiga! — Apesar de sua voz suave e amiga, acariciando as minhas costas sobre os meus longos cabelos negros e lisos, não consegui me acalmar. — Está em segurança agora — garantiu.

Nervosa e apavorada, não conseguia responder.

— Encontraram os bandidos? — murmurei entre os soluços em pleno desespero.

Molly acenou levemente a cabeça, em sinal de não e segurou em meus ombros, encarando-me aturdida.

— Todas as portas da casa estavam trancadas, Susie. Eles precisaram arrombar para entrarmos. — Acenou com a cabeça em direção aos homens atrás dela. — Ficamos preocupados acreditando que você pudesse ser refém de marginais, pois chamamos e você não respondeu.

— Acho que desmaiei no banheiro, eu não sei, foi tão estranho... — Fechei meus olhos com força. — Não é possível, eu ouvi eles no corredor, a maçaneta girou — insisti apontando com o dedo indicador em direção à porta, com os lábios entreabertos, trêmulos.

— Os policiais fizeram uma varredura e não há sinal de arrombamento ou de que alguém tenha entrado na casa.

Movi a cabeça de um lado ao outro, me recusando a aceitar aquilo, tinha alguém na minha casa e isso era um fato. *Eu não estou louca!*

— Me escutem! — falei com as mãos erguidas e engoli forte. — O que estão dizendo não faz sentido, deve haver uma explicação para tudo o que ouvi e vi. As janelas, vocês verificaram as janelas? A casa tem inúmeras delas. — Oscilei o meu olhar para os dois que se entreolharam, notei que o policial com a farda ergueu uma das sobrancelhas em absoluta dúvida.

Suspirei revirando os olhos para desviar do assunto de tão nervosa que estava, e coloquei uma mecha dos meus cabelos atrás da orelha.

— Está tudo bem, Su. — Molly me abraçou mais uma

vez, solidária com o meu estado.

— Averiguamos tudo, sem exceção, como informamos, todas as portas, janelas e qualquer passagem da rua para dentro da casa estão bem fechadas, minha jovem — afirmou o policial sem a farda.

Apertei os lábios, inconformada com tudo aquilo, pensando na confusão que se tornou a minha vida desde que acordei pela manhã.

— Fique tranquila, agora você está segura — completou Molly quando se afastou.

A segurança deixou de ser primordial, agora minha preocupação era outra.

— Estou com medo Molly do que isso possa significar... — balbuciei, confusa. Ela sorriu e me abraçou novamente, eu deitei em seu ombro e respirei fundo, exausta, apavorada.

— Não precisa, eu estou aqui com você — sussurrou em meu ouvido.

— Senhorita Molly leve a sua amiga para sala, por favor — instruiu o policial de olhos azuis. Senti um arrepio percorrer minha espinha com sua voz intensa, macia... tão profunda como seu olhar. Levantei a cabeça e o fitei-o com curiosidade. Ele parecia ser diferente, eu não sabia nem definir o que estava sentindo, o fato é que tudo nesta noite se tornou esquisito e aquilo estava me

deixando aterrorizada.

O outro homem sem a farda que, pela postura, julguei estar no comando, jogou um olhar contrariado em cima dele como se estivesse chamando sua atenção, e foi ignorado completamente fazendo-o cerrar as sobrancelhas, porém não comentou nada. Então, com os olhos azuis sobre os meus, continuou:

— Vamos repassar mais uma vez no andar de cima para ver se encontramos algumas pistas — completou ele, e na mesma hora acabou ganhando outro olhar e, desta vez, fuzilante do outro.

Ele grunhiu alguma coisa que não ouvi e se pôs entre nós ficando de frente a mim, seu olhar curioso me incomodou a tal ponto que baixei minha cabeça.

— É, Molly... Leve a sua amiga para sala — concordou com o policial fardado, me constrangendo estudando meu rosto.

— Está bem — aprovou Molly, sorrindo. Fiquei intrigada com a cena diante dos meus olhos. A mão dele foi ao rosto de Molly em forma de concha de maneira íntima. Olhando em meus olhos, ela corou.

— Por favor, olhem melhor, havia passos na escada, no corredor... — tentei argumentar com a esperança de que fosse mesmo uma invasão. Sentia arrepios só de imaginar ao contrário.

— Farei isso — garantiu ele de novo com aquele olhar analisador, que me deixou totalmente sem graça.

— Vem, Susie, os deixe resolverem isso. — Ela me salvou, me puxando para fora do quarto.

Descemos para a sala, caladas. Fungando, eu deitei a cabeça em seu ombro ao meu lado com a respiração ofegante. Carinhosa, Molly passou os braços ao meu redor apoiando-me em seu corpo acariciando meu braço, me confortando. E ela conseguia, ela sempre conseguiu me tirar dos meus momentos de reflexão, sempre!

Às vezes, eu me sentia uma falsa com ela por nunca confiar nela da forma que merecia, pois me dava a maior força mesmo sem saber, só que eu não tinha como entrar num assunto tão delicado. Como eu poderia dizer a ela?

Sabe, Molly, eu sinto saudade de uma vida que não vivi, uma saudade que quase me mata de alguém de quem eu nunca conheci. A sua amiga aqui, é uma louca.

Seria o mesmo que assinar o atestado de loucura, é claro que ela nunca entenderia, na verdade eu não entendia. Vivia este segredo.

Havia muitas outras meninas no colégio que mantinha afinidades, porém a Molly se tornou a inseparável, ela é aquele tipo de pessoa que faz questão de estar por perto nos momentos bons e nos ruins, sabe conversar de forma compreensiva, faz poucas perguntas. Mais faz pelos outros do que recebe.

O seu jeito meigo combina muito com a sua aparência linda. Parece até uma fadinha encantada, sua pele clara, seus olhos são de um azul intenso e bem redondo, cílios longos e os cabelos são castanhos bem claros e curtinhos dando aquele ar angelical num corpo delineado de mulher. Crescemos juntas.

Sempre estudamos na mesma sala e hoje, com 18 anos, estamos terminando o terceiro ano do ensino médio. Apesar de nos conhecermos há tantos anos havia alguns fatos da vida de Molly que eu não conhecia: uma delas é sobre a sua família, sempre soube que era ela e a sua mãe e do jeito que aquele homem falou com ela aguçou a minha curiosidade, suspeitei pela intimidade entre eles. Poderia ser muito mais que apenas uma autoridade e sim alguém do meio do seu relacionamento.

— Molly, da onde você conhece o policial que está sem a farda? — Ela prendeu a respiração enquanto se sentava no sofá.

Sentei ao seu lado olhando-a, aguardando sua resposta que não veio. Notei que ela disfarçava. Ajeitou os cabelos curtos como se eles estivessem desarrumados, eles nunca estão. Nem mesmo quando ela acorda, motivo de muita inveja minha. Uma inveja inofensiva, é claro. Queria poder acordar com o cabelo quase arrumado como ela. Eu amo a minha amiga, era quase a irmã que eu nunca tive.

Então, após se certificar pelo canto de olho que eu ainda esperava por uma resposta, ela jogou a cabeça para trás, e ficou ali olhando para o lustre que descia do teto.

— O meu maior sonho é um dia ter uma casa linda como a sua e poder colocar um lustre destes — desconversou sem desviar os olhos do lustre e soltou o ar com pesar.

Acompanhei o seu olhar e depois percorri por toda sala, todo aquele luxo para mim não tinha significado algum, eu não conhecia a felicidade. Era difícil entender os meus sentimentos confusos.

— O que foi, Molly, por que está fugindo da pergunta?

Então, ela abaixou os olhos e fitou-me, sentia nela um tédio que nunca havia visto antes, fiquei comovida. Por um instante, esqueci completamente dos meus problemas e queria dar-lhe o conforto que ela sempre disponibilizou a mim.

— Vem cá! — Inclinei meu corpo e a puxei para um abraço apertado. — Se não quiser falar sobre o assunto, está tudo bem...

Ela movimentou a cabeça de um lado ao outro, se soltando dos meus braços, e jogou as costas no assento novamente levando as mãos atrás da cabeça.

— Ele é o meu pai — declarou diretamente sem fazer

rodeios.

— Seu pai? — Fiquei surpresa com a revelação. — E o que ele está fazendo aqui na minha casa, com uma arma na mão, se você falou que ele morava na Índia, onde sua mãe em uma viagem de férias engravidou de você numa noite amorosa? — Ela mordeu o canto da boca e me encarou.

— Eu menti — respondeu num fio de voz, quase imperceptível.

Fiquei pasma, quase em choque e apertei meu olhar sem entender o motivo da mentira.

— Bem, a casa está em ordem. — A voz macia e segura cortou o silêncio entre nós.

O homem que ela dizia ser seu pai descia as escadas com os olhos pregados nos meus, o observando melhor, a Molly até tinha alguns dos seus traços. Ele deve ter notado a minha curiosidade e sorriu de forma incisiva, senti um calor subir para meu rosto e desviei o olhar.

Então me levantei e a Molly continuou ali afundada na almofada.

— Bem, senhorita Meyer... — Olhou rapidamente ao redor. — Verificamos toda a casa e como a Molly já falou, não há sinal de arrombamento ou invasão... Será que não teve um pesadelo? — insinuou. — Estar sozinha numa casa grande como esta, às vezes desperta certa

insegurança e...

— Olha... Como é mesmo o seu nome? — perguntei.

Ele suspendeu a sobrancelha, surpreso.

— Flávio Gonçalves, muito prazer em conhecê-la, Susie Meyer. — Estendeu a mão e eu a segurei, incomodada com ele me fitando profundamente como se quisesse ver a minha alma.

De novo este olhar, que droga!

Abaixei meus olhos, me sentindo até meio amedrontada. Percebendo minha hesitação, ele abriu um sorriso de cavalheiro.

— Eu sou o pai da Molly, suponho que nunca ouviu falar de mim, não é mesmo? — Percebi um ataque em seu tom de voz.

Poderia dizer que havia certa mágoa. Desviei o olhar especulativo para Molly ali no sofá. Seu rosto estava vermelho como um pimentão. Ela imediatamente fugiu de nossos olhares e virou o rosto para o outro lado.

— Na verdade não — respondi encabulada. Mas de qualquer forma apertei sua mão com força. — Muito prazer em conhecê-lo também, senhor Flávio.

Ele sorriu balançando a cabeça negativamente.

— Por favor, me chame de Flávio.

— Tudo bem... E você me chame de Susie. — Ele

concordou satisfeito com aquele olhar insistente.

Molly parecia incomodada ali no sofá, bufava o tempo todo, sem dizer uma só palavra.

O policial dos olhos azuis se posicionou ao lado de Flávio com as mãos no revólver no cinturão.

— Eu preciso tomar o seu depoimento, registrar o chamado, será que poderíamos conversar — antecipou ele profissionalmente.

Flávio grunhiu sacudindo a cabeça, inconformado, e se pôs à sua frente, notei que perdia a paciência com o policial que, por sua vez, parecia não se importar, olhando-o serenamente.

— Afinal, quem te enviou até aqui, nunca te vi, é novo na corporação?

Antes de responder, aqueles olhos azuis intimidadores vieram para mim.

— Só estou fazendo o meu trabalho, senhor.

— Deixa que eu mesmo resolvo, obrigado! — agradeceu, e o policial balançou a cabeça assentindo, pediu licença e saiu da casa dizendo que esperaria na viatura.

— Eu peço desculpas pelo inconveniente — começou Flávio assim que o outro saiu e fechou a porta atrás de si. — Eu fico possesso quando contratam novos policiais sem que eu seja informado.

— Não há o que se desculpar.

— Podemos conversar?

— Sim, claro — concordei e acenei em direção à mesa de jantar. — Vamos nos sentar à mesa.

Ele se inclinou para frente e cruzou as mãos sobre a mesa assim que se sentou, e eu me sentei na outra ponta e ficamos de frente, por um momento fiquei na dúvida com o que dizer, me sentia angustiada com todos os acontecimentos, mas por um lado eu parecia uma lunática afirmando algo que sequer pareceu existir. E aquele olhar de dúvidas do Flávio dizia exatamente isso, então cheguei à conclusão que seria mais prudente naquele momento mudar o discurso.

— Olha, Flávio, tenho que confessar que fui me deitar já um pouco assustada e fiquei mesmo com medo, afinal de contas eu nunca fiquei sozinha nesta casa enorme. — Eu queria mesmo que fosse apenas isso. Ri e ele riu também. — Vocês olharam tudo mesmo, cantinho por cantinho? — Não resisti em perguntar, mais uma vez. Eu sei que não sonhei, alguém perambulou pela minha casa.

— Sim, fizemos um trabalho minucioso aqui, pode ficar tranquila — falou, rindo, de forma convincente, mas, em seguida, ficou pensativo por alguns instantes e voltou com aquele olhar impreciso novamente.

— Por acaso, na casa tem algum animal de

estimação, como gato, cachorro ou mesmo na vizinhança? Gatos costumam vagar pelas casas alheias.

Eu neguei com a cabeça, fatigada. *Gatos não giram maçaneta.*

— Que eu saiba, não.

Apertei meus lábios para segurar as inúmeras questões que queriam sair, ciente de que era perda de tempo, sem nenhuma prova de que a casa foi invadida. Sem provas, eu acabei não dizendo mais nada, para não parecer uma maluca, se é que já não passei essa impressão!

— É... mas, de repente, eu posso ter me enganado ou sei lá! — Dei de ombros.

Ao perceber minha confusão, muito gentilmente mudou de assunto:

— Os seus pais parecem ser pessoas bem-sucedidas. — Repassou olhar ao redor. — Você mora numa bela casa, Susie. — Concordei.

— Os meus pais trabalham duro mesmo, eles são donos da rede de restaurante *John Brasil*. — O queixo dele caiu literalmente com a minha informação.

— Dos restaurantes brasileiros? — Concordei, rindo da sua euforia. — Nossa, eu amo comida brasileira, arroz, feijão fresquinho, um bom churrasco! — disse com a boca cheia de água. — Bem, eu sou suspeito, sou brasileiro! —

proferiu todo orgulhoso.

Desviei meu olhar para Molly, que continuava muda só ouvindo a conversa e apertei o olhar repreendendo-a. Como ela não contou esta novidade?

A partir daí, começamos a conversar somente em português. De verdade, eu sentia que era a minha língua natal.

Ela suspendeu a sobrancelha como quem diz: *E daí que ele é brasileiro?*

Notei um risinho de satisfação mesmo ela querendo disfarçar.

O fato é que a Molly ama a minha mãe, as duas são muito íntimas mesmo! Apesar da minha mãe não ter voltado ao Brasil, ela continuava firme em suas raízes e uma delas é a língua portuguesa. Em casa só conversamos em português e por conviver muito tempo com a gente a Molly fala o português até melhor do que eu mesma que sou filha. Sem contar da paixão que ela sempre demonstrou pelo Brasil e a vontade de um dia ter a oportunidade de fazer turismo e conhecer principalmente Salvador, a cidade onde minha mãe nasceu.

A minha relação com a dona Jéssica não era igual ao que a Molly tinha com a minha família. Ela nunca parou para conversar assuntos aleatórios com a gente, acredito que nem mesmo com a própria filha. Das poucas vezes que isso aconteceu, que eu presenciei, foram assuntos

relacionados a educação. Enquanto no emocional ela se escondia, no profissional ela era ousada e excelente naquilo que fazia.

A dona Jéssica foi muito importante quando participamos de um evento de ciências no colégio e com a ajuda e seu conhecimento na formação na área de informática nós fomos avaliadas pelos mais renomados no assunto que ganhamos o prêmio do melhor projeto.

— Os pais da minha mãe também são brasileiros, de Salvador, você conhece?

— Conheço bem Salvador, e você já conheceu o Brasil? — ele quis saber.

Neguei com a cabeça, ele arqueou as sobrancelhas, incrédulo.

— Puxa, não sabe o que está perdendo, é um país alegre, pessoas maravilhosas, precisa conhecer.

— Os meus pais trabalham muito, sabe? Nunca conseguiram tirar férias prolongadas, o máximo que se ausentam são dois ou três dias. Agora mesmo eles estão em Los Angeles, pretendem abrir um restaurante por lá. Eu sempre os acompanho, só que como hoje é o meu aniversário de 18 anos, eles deixaram a casa à minha disposição. Querem que eu faça uma festa.

— Seus pais são bem compreensivos e legais! — Ele riu.

— Pais de verdade! — atacou Molly com a voz áspera, o constrangendo. Ele abaixou os olhos, triste sem esboçar nenhum comentário, voltou à atenção em mim.

— Então Susie, como eu ia dizendo... — Senti um tremor em sua voz. — Eu sou de São Paulo.

— Aaaah!

— Vou fazer-lhe algumas perguntas, ok?

— Tudo bem. — Me endireitei na cadeira, cruzando minhas mãos sobre a mesa.

O jeito dele me olhar me deixou encabulada enquanto escrevia as minhas respostas no caderno de anotações, contei-lhe todos os detalhes e quando terminei ele soltou a caneta sobre o tampo de vidro da mesa, estudando meu rosto por alguns instantes e fixou em meus olhos.

— Você tem olhos muito bonitos. — Surpresa, abri um sorriso envergonhado com o elogio. — Esverdeados, puxados como o olhar de uma felina... É estranha a sensação que tenho de que já a conheço de algum lugar.

Ergui as sobrancelhas diante de seu olhar percorrendo meu rosto.

— Talvez já tenha cruzado comigo por aí, faz rondas pela cidade, não é mesmo? — falei baseando na mania que eu tenho de perambular pela cidade.

Ele ficou algum tempo mudo, apenas me observando, pensativo.

Molly saltou do sofá e com passos pesados se aproximou da mesa, apoiou as duas mãos sobre o vidro e fixou os olhos marejados de lágrimas em seu pai.

— Acho que já tem o seu depoimento. — Ele ficou corado no mesmo instante.

— Claro! Já tenho o suficiente sim. — Se levantou todo sem graça e estendeu a mão novamente para mim ainda sentada sem acreditar na atitude grosseira de Molly, que o fuzilava com o olhar. — De qualquer forma, Susie, nós vamos investigar pela vizinhança, as ruas do bairro são bem monitoradas, com certeza, se alguém perambulou por aí alguma câmera o flagrou.

— Obrigada, Flávio — respirei fundo. — Assim eu me sinto mais segura.

Ele enfiou a mão trêmula no bolso e me entregou o seu cartão de visita, Molly torceu a boca, em total desaprovação.

— Me ligue se precisar — ele entregou mesmo assim, ignorando-a.

— Obrigada mesmo! — eu disse, sinceramente.

Ele assentiu e saiu fechando a porta atrás de si.

Repassei o olhar pelo cartão:

"Departamento de Polícia

Flávio Gonçalves – Chefe de Polícia da cidade norte-americana de Miami, Flórida."

Meus olhos saltaram e fitei Molly, que se sentava na cadeira ao meu lado.

— O seu pai é chefe de polícia aqui de Miami? Como assim? Como você explica isso?

Lágrimas fizeram o caminho de sua bochecha que estava vermelha.

— Eu só fiquei sabendo da existência dele há pouco mais de três meses — explicou com voz chorosa. — E foi por acaso, encontrei nas coisas da minha mãe uma carta de amor que mencionava o departamento de polícia... — fungou ela limpando a lágrimas com as costas da mão. — E fui procurar por ele.

— Então, aquela história da Índia não é verdadeira? — Ela negou com a cabeça e deitou a cabeça sobre os braços apoiado sobre o tampo de vidro.

— Pois é! Fui enganada todo este tempo... — disse sentida.

A decepção estava nítida em seu olhar. Ela ergueu a cabeça, sua expressão triste me deixou para baixo, percebi que deveria deixar os meus problemas de lado e socorrer a minha amiga que estava sofrendo ali em minha frente.

Arrastei o braço pelo vidro até minhas mãos apertarem a dela, foi o suficiente para ela desabar de vez.

— Quando eu fui procurar por ele, se fez de desentendido, garantiu que nunca soube da minha existência, que a minha mãe nunca o procurou para lhe contar sobre mim. E que acreditava que o motivo foi o ciúme que ela tinha de uma ex-namorada que deixou no Brasil. Que ela dizia ser um fantasma entre eles.

— E a sua mãe, qual foi a explicação que ela deu?

— Garantiu que ele sempre soube, mas que nunca me procurou, então para evitar sofrimento inventou sobre um suposto pai na Índia. — Balançou a cabeça. — Eu não sei qual dos dois está mentindo. — Estou perdida!

Dei a volta na mesa, inclinei-me abraçando-a.

— Eu sinto muito... mas quer saber? Eu achei o Flávio um cara legal, atencioso. Talvez vocês possam deixar o passado para trás e recomeçar novamente, se dê esta chance...

Um calafrio percorreu a minha espinha ao dizer tais palavras, meu coração acelerou no peito e doeu. Levei a mão ao tórax respirando profundamente, com os olhos fechados.

Percebendo a minha agonia, Molly se levantou imediatamente e me ajudou a sentar.

— O que você tem? Vem, senta aqui. — Respirei

fundo me jogando sobre assento de couro branco e fechei meus olhos enquanto o ritmo cardíaco diminuía gradativamente.

— Você está melhor? — Molly me abanava freneticamente com suas mãos, muito preocupada.

Meio zonza, eu concordei ainda impossibilitada de falar.

— Respira fundo...

— Ok — concordei incapaz de sorrir.

Tentei por algum tempo manter a respiração compassada, buscando o equilíbrio. Molly correu até a cozinha, trouxe-me um copo de água fresca com açúcar e me ajudou a beber, eu mal conseguia segurar o copo tamanho o tremor em minhas mãos.

— Eu vou ficar aqui com você. Posso usar o telefone para avisar a minha mãe?

— Fique à vontade, você conhece a casa — falei com a voz baixa e quando ela se afastava a chamei novamente. Ela se virou imediatamente, preocupada que eu tivesse piorado, então eu abri um largo sorriso. — Muito obrigada por tudo, viu? — agradeci entre as lágrimas, ela acenou com a mão no ar como quem diz "para com isso".

— Amiga é para estas coisas. — Virou as costas e foi sorrindo discar para sua mãe.

Molly dormiu em minha cama, mas antes conversamos por horas. Ela contou tudo sobre o seu sentimento em relação ao Flávio e confessou gostar muito dele desde a primeira vez que o viu. Isso ela nem precisava me dizer, só o fato dela o trazer pessoalmente até a minha casa já mostrou a confiança que tinha nele.

Sua companhia me deixou confiante e partilhar de sua história me fez esquecer os meus problemas provisoriamente. Passei o resto noite toda acordada sem conseguir pregar meus olhos. O sol chegou e refletiu na minha cortina, e eu ali ainda acordada ao lado da Molly, que dormia profundamente.

Cada vez que eu tentava dormir, uma dor latejante em meu peito me fazia abrir os olhos novamente. Estafada de entender minha mente infestada de dúvidas, eu preferi manter-me acordada.

CAPÍTULO TRÊS

Chris

O tempo passou tão rápido, mais precisamente dezoito anos, e eu ainda sinto como se fosse ontem.

Ela está em tudo, em todos os lugares e, principalmente, aqui na praia.

Os momentos apaixonados que vivemos aqui ficaram marcados para sempre em meu coração.

E hoje acordei com o pensamento nela e uma saudade enorme dentro do meu peito. Era um dia ideal para reunir a família para amenizar meu coração saudoso. Liguei para todos da família. Eu precisava disto: de um dia todos juntos.

Pegar a estrada, rumo ao litoral, mais exatamente para o Guarujá, que fica a uma hora e pouco de São Paulo, com a família e curtir uma praia num dia lindo de sol sempre foi uma alegria. Após a morte da Lucy, nossa família se tornou muito unida, tanto os meus pais como os pais dela e o irmão, o Juninho, um carinha muito bacana,

permaneciam presente no meu dia a dia. Afinal, a presença e apoio de todos foi fundamental para criação de Eric.

— O que você vai beber, Chris? — perguntou minha mãe com a respiração ofegante assim que chegou com uma caixa de isopor repleta de bebidas, e desabou na espreguiçadeira ao meu lado, exausta.

Sentei-me e abri a caixa do isopor, enquanto ela, olhando para o céu ensolarado, tentava equilibrar a respiração.

— Já falei, dona Sophia, que não é para carregar tanto peso — ralhei com ela pegando uma latinha de cerveja e, em seguida, voltei à espreguiçadeira e a olhei com afeto.

— Tudo bem! É o único momento que aproveito para me exercitar — falou com humor e eu apertei o olhar balançando a cabeça. — Ando muito sedentária ultimamente, uma preguiça de fazer exercícios — confessou inalando com prazer a brisa do mar que chegava até nós.

— Querida! — gritou meu pai, na mesa logo atrás de nós. Ele e o meu sogro Marcos e o Juninho jogavam carta. — Traz uma cervejinha para a gente, por favor!

Ela ameaçou se levantar, mas eu fui mais rápido e segurei em seu ombro para se manter deitada.

— Deixa que eu levo. Relaxa! — Ela sorriu em tom de agradecimento, colocou as mãos atrás da cabeça e fechou os olhos.

— Para mim um refrigerante. — Selecionou Juninho encurvado sobre o isopor aberto.

— Nossa! — exclamei enquanto o servia do refrigerante a ele e cerveja aos demais.

Estranhei, afinal o Juninho ainda era solteiro e seus passatempos prediletos eram bebidas e mulheres.

— É, cara! Bebi todas ontem. — Colocou a mão na barriga fazendo careta. — Preciso dar um tempinho para o meu fígado. — Todos riram animados.

— Sei, sei! — protestou Marcos. — Você precisa é tomar juízo, menino. Sabe que precisamos de você na construtora. — Juninho sorriu meio sem graça.

— De novo com esta história, pai? — vociferou. — Dá um tempo! Estamos aqui curtindo este mar maravilhoso, cheio de gente bonita. — Olhou ao redor. — Vamos falar disto outra hora.

Marcos soltou o ar com força.

— Se tivéssemos tempo para isso. Você vive dando chá de sumiço.

— Eu tenho os meus negócios, pai, e nós já conversamos a respeito — estourou Juninho quase se levantando da cadeira.

— Bem, vamos deixar este assunto para depois, hoje é um momento especial — falei com a mão no ombro do Juninho, o segurando sentado. Marcos ergueu o olhar, eu acenei com a cabeça para deixar isto para lá.

— É verdade, Marcos, viemos todos para relaxar e curtir! Vai, vamos jogar — sugeriu meu pai consertando o clima.

Ele deu de ombros e embaralhou as cartas em suas mãos.

Entendia muito bem a preocupação do meu sogro, a construtora cresceu muito nestes anos e cada vez mais precisava de mão de obra especializada, principalmente na área de administração e financeira. Mas também entendia o lado do Juninho, seu ramo é Informática, uma paixão desde pequeno, afinal eu o conheci com o controle remoto e seus games.

E por esta razão ele estudou nesta área e tentava a todo custo entrar no mercado, não havia mesmo tempo para nos ajudar na construtora, vivia em outra cidade onde fazia sociedade com pessoas com o seu mesmo interesse.

Eu nunca me importei com sua ausência. Enfim, eu mergulhei no trabalho, pois foi a forma que encontrei para suportar a dor que tomou meu coração com a outra metade arrancada de mim.

Voltei a minha espreguiçadeira, minha mãe conversava com Lillian, minha sogra, ambas muito

distraídas num assunto de estética corporal; apesar de terem mais de 60 anos, elas enganam com a aparência jovem. Sorri orgulhoso da minha família unida e pensar que foi tão difícil uni-las no passado.

E me deitei colocando a lata de cerveja na mesinha ao meu lado e coloquei as mãos atrás da cabeça e respirei profundamente o ar para dentro dos meus pulmões. Fechei meus olhos, deixando-me perder em pensamentos, ouvindo o barulho das ondas se quebrando, a maciez da brisa do vento batendo em meu corpo e neste momento de paz, prazer...

Apaguei por um momento.

Chris... Chris...

Aquela voz feminina se misturando ao som das ondas se quebrando me despertou.

Eu não podia acreditar!

Já se passou tanto tempo e eu ainda conhecia a voz da Lucy, é ela!

É ela.

Lucy!

Abri meus olhos numa emoção que não cabia em meu peito, tudo parecia deserto. Só havia eu ali em meio à imensidão de areia e à minha frente aquele marzão azul, lindo. Eu não entendi e me sentei.

Entretanto, antes que pudesse pensar em algo, ao

longe, bem ao longe, havia uma mulher vestida num vestido branco soltinho de alcinha, que vinha caminhando levemente sobre as águas do mar, tão linda e charmosa, seus cabelos esvoaçando com o vento.

— Chris, Chris... — Novamente, ouvi-a me chamando.

Eu comecei a rir e a chorar ao mesmo tempo, eu sabia que poderia estar delirando que ela havia me deixado para sempre... Mas eu não queria pensar nisto, queria só o momento, queria minha Lucy...

— Lucy... — balbuciei somente o que consegui com o meu coração disparado no meu peito me deixando sem fôlego. — Lucy...

Ela estendeu as mãos em minha direção, sorrindo tão emocionada quanto eu, seus olhos verdes brilhavam mais que o sol se aproximando das ondas se quebrando...

— Chris...

Não resisti, tomei coragem e pulei da espreguiçadeira, tudo o que esperei em todos esses anos era tê-la em meus braços novamente.

Um sonho que se manteve distante, muito distante! Impossível!

— Lucy! É você? — gritei.

Quando me vi sentado na espreguiçadeira, o suor descendo por minha testa, as pessoas caminhando de um

lado ao outro pela areia e no mar cheio de pessoas, adultos e crianças em seus mergulhos.

— Você tem sorte de ser eu aqui ao seu lado, meu filho. — A mão de minha mãe pousou sobre minha perna. Virei-me para ela sorrindo com as sobrancelhas arqueadas. — A Kate faria um escândalo daqueles se ouvisse você gritando pela Lucy.

Demorei alguns segundos para voltar à realidade.

— Eu sonhei — falei num fio de voz me jogando sobre a espreguiçadeira com a cabeça virada para ela, embora decepcionado, mas ainda assim envolvido na emoção de vê-la mais uma vez.

— Percebi! Deve ter sido um sonho muito bom! — Ela sondava meu rosto com atenção.

— Muito! Muito bom mesmo... — garanti com a voz embargada pela emoção e ela sorriu. — A vi caminhando pelas águas. Ah, meu Deus, tão linda! — Desviei meu olhar para o mar. — Como se estivesse voltando para mim. Foi o sonho mais real que tive na minha vida. — Passei a mão no meu braço arrepiado.

— Aaah! Que saudade da minha filha! — Suspirou Lillian ao lado da minha mãe, que ouvia nossa conversa. — Como seria hoje se ela não tivesse partido tão precocemente e nos deixado.

— É... Essa pergunta eu me faço a todo o momento.

— Fechei meus olhos ainda com as ondas de emoções percorrendo pelo meu corpo.

— É melhor deixarmos isto para lá... — pediu Lillian espaçadamente, era quase uma súplica em sua expressão triste e aquilo cortou meu coração, ela já havia sofrido demais com a morte de sua filha, todos sofremos, ela em especial por ser a mãe e amorosa. — Graças a Deus, nosso Eric está voltando do intercâmbio, eu não aguento mais de saudade dele. — Lillian sorriu saudosa, se levantou, deu a volta na espreguiçadeira e veio se sentar na beirada da espreguiçadeira da minha mãe, ansiosa.

— Nem me fale, minha sogra! O Eric me faz muita falta.

Meu filho já está fora há dois anos quando decidiu fazer o *High School* nos Estados Unidos, mais especificamente em Centerville, Ohio! A princípio, ele foi para ficar dez meses e acabou estendendo, pois meu filho é mesmo um rapaz de ouro, aplicado nos estudos e responsável até demais para o meu gosto. Muito diferente de mim que, na idade dele, era uma tranqueira, vivia aprontando, mas no fim entendi que, na verdade, eu só queria mesmo chamar atenção do meu pai tão ausente. E foi a mãe dele que me ensinou a viver decentemente, acertou minha família e de quebra ainda me deu um filho maravilhoso.

— A todos nós — emendou minha mãe se sentando

ao lado da minha sogra e segurou em minha mão apertando forte. — Espero que ele não invente mais nada longe de casa. — Eu acabei rindo, sabia o quanto o neto era importante para aqueles avós corujas.

— Chris! Ô, Chris! — Kate vinha do calçadão em nossa direção, envolvida numa saída de banho toda estampada em dourado, com um chapéu enorme, e óculos maior que seu rosto e os acessórios que despertavam atenção de quem passava ao lado. — Chris, querido!

Eu acenei.

— E você, a Kate como estão? — quis saber minha sogra.

Eu dei de ombros.

— Na medida do possível, bem. A Kate tem um temperamento meio difícil, porém é uma boa amiga! — disse simplesmente sem estender o assunto com ela se aproximando.

Apesar dos ciúmes exagerados que ela sente do Eric e a cobrança por atenção, ela até que me ajudou um pouco na minha recuperação.

Ela não entende que o meu filho é muito mais importante do que qualquer coisa neste mundo para mim, toda a minha atenção e carinho é dedicada a ele, e aos outros é o que sobra. Eu prometi que seria mãe e pai e é esta função que exerço em minha vida. E a Kate precisa

entender isso.

Às vezes, me bate um arrependimento de ter me casado com ela.

Depois de oito anos que perdi minha esposa comecei a me sentir sozinho. Mesmo saindo com muitas mulheres para me distrair, nada supria a minha solidão.

Aí foi o meu erro.

Acreditei que com a Kate seria uma oportunidade.

Ela ficou ao meu lado o tempo todo, até mesmo me senti sufocado, porém, deixou claro seu amor por mim e a sua intenção nobre acabou me convencendo. Eu poderia dar-lhe uma chance, e de alguma forma seria uma nova chance para mim mesmo. Ajudou muito o fato de crescermos juntos. Ela saber tudo de mim e eu dela. Casamos e confesso que travei muitas batalhas com ela a respeito dos ciúmes do meu filho.

— Gente! Eu não entendo como vocês aguentam ficar o dia todo pisando nesta areia pavorosa. — Sua voz azeda me irritou, após um momento tão prazeroso.

Enquanto ela batia as areias dos pés me levantei a fim de um mergulho.

— Oi, Sophia. — Abriu um sorriso escaldante, minha mãe acenou com a cabeça. — Oi, Lillian. — Um sorriso murcho que Lillian retribuiu com um sorriso forçado.

Balancei a cabeça com a sua mania de grandeza e me

afastei.

— Aonde você vai?

— Vou dar um mergulho, por acaso quer ir? — convidei-a por educação para ela não vir com pedras na mão, já sabendo da sua resposta negativa.

Ela ergueu as mãos ao alto fazendo careta.

— Deus me livre! Vai você.

Não precisou falar duas vezes, corri em direção ao mar suspirando ainda sentindo toda a emoção do melhor sonho. Deixei que o vento, o mar e o tempo tomassem conta da minha alma, e nesse instante fui feliz como há muito não me sentia.

Corri em direção ao mar e atirei-me a ele, nadando desesperadamente, vencendo cada onda, procurei me afastar o mais possível, ainda na dúvida se era para fugir da Kate ou se queria mesmo me encontrar com a Lucy.

Era incrível como num pequeno intervalo de sono, um sonho fosse capaz de ser tão real.

Real ao ponto de transmitir tanta alegria em meu coração. Era como uma certeza de que daqui a pouco eu me encontraria com ela. Sabe aquela coisa de um primeiro encontro quando estamos apaixonados? É exatamente assim que me sinto: com aquele frio gostoso na barriga, uma onda de alegria contagiante.

Tudo o que eu queria neste instante era ficar longe da

amargura e azedume da Kate, as cobranças, sentia meu coração saudoso, diferente e não sei explicar por que. Talvez o sonho seja o responsável.

Relaxei meu corpo cansado, boiei na água e fiquei ali olhando para o céu azul limpo sem nuvens pensando onde eu errei.

Por que fui punido assim?

A metade do meu coração foi arrancada de mim sem ao menos ter a chance de saber como teria sido. O tempo foi curto demais e deixou marcas profundas, um gostinho de quero mais.

Nunca encontrei alguém para cobrir a lacuna em meu coração.

Nem mesmo os dias, semanas, anos chorando por dentro e por fora, quando estava em minha privacidade tentando me convencer de que tinha uma vida inteira ainda pela frente, ainda não tenho certeza se desistir de morrer foi a melhor opção.

Balancei minha cabeça a fim de dissipar o pensamento obscuro.

É claro que fiz bem, lógico! Como posso pensar algo tão egoísta?

O Eric não tem culpa de nada e precisou de mim como ainda precisa. Eu preciso entender de uma vez por todas que ela se foi para sempre, que eu nunca mais a

verei novamente. Preciso reprimir esta dor da saudade que sinto sempre ao pensar nela, esta vontade de reencontrá-la não importa onde, em qual plano, porque agora sou um homem experiente e não me cabe mais ter estes pensamentos de adolescente.

O fato é que ainda preciso aprender a ficar sem ela, e, como diz o ditado, a vida é um eterno aprendizado. Então, só me restam as lembranças boas que ficaram e a certeza de que ela me salvou de todas as maneiras.

E curtir cada sonho bom, como o que acabei sonhar... além de buscar o conforto que há muito me falta.

Fechei meus olhos, enquanto as ondas levavam meu corpo junto ao pensamento, então virei meu corpo abraçando as águas, imaginando abraçando o meu amor...

Enquanto me recordei dela nos meus braços, saí da água renovado, mas meu coração ainda doía.

Acabou o dia na praia e uma vontade insuportável de estar em casa me arremeteu a acabar com o passeio e voltar.

— Vai embora, Chris? — protestou meu sogro.

De braços cruzados, encostado no batente da porta do meu quarto, ele me olhava com perplexidade. Parei de arrumar minha mochila e me sentei na cama e o fitei.

— Se pensar comigo, vai ver que tenho razão — eu disse.

Ele cerrou os olhos de um jeito que não entendeu, então expliquei:

— Para manter a paz e não perder a cabeça, eu preciso subir, não posso suportar a Kate ignorando vocês pela casa. Não é justo. — Eu estava inconformado com a atitude da Kate, depois de anos eu deveria já ter acostumado, mas não conseguia. Este seu jeito de superioridade me irritava, e muito.

Nenhum dos meus sogros comentava sobre o assunto e eu sabia que era para me poupar. Eles se tornaram meus segundos pais e faziam de tudo para não me trazer aborrecimento. Entretanto, ela deixava muito claro seu descontentamento.

Ele balançou a cabeça em sinal negativo com um sorriso compreensivo e veio se sentar ao meu lado.

— Não... — Ele bateu em minhas costas. — Não se preocupe com isso, meu filho, conhecemos bem o humor da sua esposa, está tudo bem!

— Não está nada bem... — afirmei e me levantei.

Continuei arrumando a minhas malas ele ficou ali em silêncio observando-me.

— Vocês não precisam vir comigo, aproveite o final de semana, eu vou subir e levá-la comigo, assim vocês ficam mais à vontade.

— Sabe muito bem que a casa sem você não tem a

menor graça — falou ele se levantando e se postando ao meu lado.

Seu carinho comigo era extraordinário.

Parei o que estava fazendo e dei-lhe um abraço, ele bateu em minhas costas novamente.

— Você é o nosso filho querido, sabe disso, não sabe? — Se afastou segurando em meu ombro fitando-me, aguardando minha resposta que veio com um sorriso muito agradecido.

— Claro que sei... E sei que posso contar sempre com vocês, na vida, na construtora... — emendei e ele sorriu.

— Sempre... — finalizou caminhando em direção à porta e virou antes de sair. — É uma pena, mas já que prefere assim.

— É o certo a fazer. — Ele fez continência com a mão na cabeça e saiu.

Fiquei por alguns segundos olhando para a porta, pensando que talvez a Kate fosse apenas uma desculpa para ir embora. Como disse o meu sogro, eles já estavam acostumados a ela. Mas o fato é que eu fui tomado por uma exaustão absurda depois do sonho que tive com a Lucy.

Um turbilhão de emoções, que me deixou agitado me levando a todo este cansaço. E eu tinha que dar um jeito

naquilo e me aliviar de qualquer maneira e com a Kate por perto seria humanamente impossível.

Sempre que a saudade batia com força em meu coração, eu logo pensava em minha moto e era o que estava acontecendo. Agora uma saudade exagerada tomou conta de mim, eu precisava relaxar meu corpo tenso e dolorido, precisava pensar na Lucy.

Apesar dos anos, eu nunca me desfiz dela e nem poderia, a moto se tornou um elo entre mim e Lucy e sair por aí com ela, em velocidade, sem rumo, sentindo o vento cortar meu rosto era a forma de estar conectado a ela. Todo o percurso era feito numa grande expectativa de ouvir seus sussurros em meus ouvidos como no dia do seu enterro.

Há dentro de mim a certeza de que naquele dia ela estava comigo me convencendo a desistir da loucura que eu estava prestes a fazer. Ela me salvou e desde então eu venho esperando e agora, após este sonho que mexeu com a minha razão, era como se minha espera estivesse no fim, era como se ela fosse voltar a qualquer instante...

Eu tinha pressa de voltar para casa, subir em minha moto e ir atrás do que meu coração ansiava.

Refletindo melhor, alguns dias eu venho mesmo meio atordoado, notei que até em relação ao serviço na construtora não está nada produtivo. Andava aéreo, pensativo, pensamentos que se misturavam e me levavam

ao passado. Reviver aqueles momentos tristes e finais realmente me consumia, como se carregasse um bloco de concreto nas costas, causando dores musculares horríveis. Se eu pudesse lembraria apenas das partes boas, só que isso não era possível, então superar aquela sensação de perda era a única maneira de viver melhor.

— Graças a Deus você caiu no real, Chris, a casa fica muito desconfortável com a superpopulação. — Finalmente Kate admitiu sua indignação.

Meus dedos pressionaram o volante com tanta força que ficaram brancos. A forma rude que ela se dirigia às pessoas não me incomodava mais, já estava habituado ou pensei que sim. Agora chegou a doer meu coração. Respirei fundo, indignado que palavras tão rudes pudessem sair daquela boca antes de tirar os olhos do asfalto e jogar sobre ela, furioso.

Ela ficou sem graça e deu de ombros e olhou para frente, acho que intimidada com o meu olhar. Ela sabe muito bem os meus sentimentos pelos meus sogros, tem ciência que tocou na ferida, o fato era se fez ou não de propósito para me atacar.

— Eu não admito que fale assim, Kate — falei simplesmente e voltei ao asfalto.

— Me desculpe, acho que me expressei mal, não queria ofender o senhor Marcos e a dona Lillian, longe de mim, hostilizar os avós do Eric. Eles são pessoas

maravilhosas!

Sei.

Ela pensa que me engana.

Mas de qualquer maneira a culpa não era totalmente dela, eu deveria saber que ao me casar com a Kate eu teria mesmo este problema de ciúmes, já que não abri mão da minha família.

E acho que os meus sogros entendiam melhor do que eu.

— Talvez você precise pensar mais antes de falar, sabe? — Virei me deparando com seu olhar azul arrependido. — Não é a primeira vez que isso acontece, já deveria ter aprendido que falar sem pensar acaba ofendendo as pessoas.

Ela cobriu o rosto com as mãos demonstrando estar envergonhada.

— Ai, que vexame... — Suas mãos cheias de anéis dourados nos dedos vieram sobre a minha no volante. — Eu prometo que assim que chegarmos, ligarei para me desculpar com eles...

A Kate era um poço de dúvida, a sinceridade na sua voz era de quem realmente estava arrependida. Enfim, não estava a fim de discussão, me concentrei no asfalto livre à minha frente, faltava pouco para chegarmos e eu estava louco para a minha aventura alucinante.

— Faça isso, por favor — falei secamente.

Ela acenou levemente a cabeça, em sinal de aprovação e ficou olhando para o horizonte perdida em pensamento.

O único som que podia ser ouvido era o ronco do motor com o silêncio que se instalou dentro do carro. Enquanto a Kate contemplava a paisagem passar pela janela do carro, eu pensava na Valesca, ela era mais uma válvula de escape, me ajudava em momentos como esse. Estar com ela amenizava e muito a angústia do meu coração.

Eu não podia alimentar a dor intensa que sentia com a morte da Lucy, precisei buscar alternativas para tentar superar, afinal o Eric estava sob a minha responsabilidade, ele precisava do pai. Então, a forma que encontrei de buscar paz e tranquilidade para me tornar forte o suficiente e cumprir o meu papel foi me envolver com várias mulheres. Porém, nenhuma delas conseguiu entrar no meu coração, mas, pelo menos, eu conseguia mesmo que por muito pouco relaxar, afinal momentos de prazer fazem bem a qualquer um.

E foi justamente nestas buscas que conheci a Valesca Andrade.

Não consigo entender como eu não me apaixonei por ela, uma mulher extraordinária, além de linda. Sempre disposta a me ouvir, ela abriu um espaço entre nós onde

eu podia desabafar colocar para fora o que me sufocava de fato, sem julgamento nenhum. E quando o meu coração saudoso gritava em meu peito eu corria até ela, além de me aliviar sexualmente. Pois ela é perfeita na arte de amar, ainda consigo mentalmente matar a saudade que sinto do passado.

Com ela eu consigo sonhar, fecho meus olhos e diante de mim vejo a Lucy, nem sei por que isso acontece. Pode até parecer algo doentio, mas é fato que foi assim que consegui chegar até aqui, criar o meu filho, demonstrar uma força que eu não tinha.

Eu nunca a usei nem faria isso, afinal sua generosidade ia além de seus sentimentos, ela se declarou apaixonada, sem cobrança alguma, pois sempre soube da minha condição. Na época, quando começamos a nos relacionar, ela estava sozinha, e com o passar do tempo percebeu que o meu coração dificilmente lhe pertenceria, então ela começou a namorar um rapaz que eu não conheço até hoje e mesmo namorando há oito anos ela não abriu mão de me receber em seu apartamento. Ela costuma dizer que homem nenhum a realiza na cama como eu.

E hoje mais do que nunca eu preciso dela, pegaria a minha moto e depois seguiria até sua casa.

Assim que acessei a Rodovia Castelo Branco em direção a Alphaville, fiquei com pressa, pisei no acelerador. Depois que me casei com a Kate, eu fiz

questão de me mudar de casa, nunca levaria outra mulher debaixo do teto que me trouxe tantas felicidades e, infelizmente, tristezas também.

Escolhi o bairro de Alphaville para morar por mais de uma razão, uma delas é a segurança, a região é considerada a Beverly Hills brasileira. Alphaville é um reduto de celebridades que são atraídos principalmente pela privacidade de suas ruas arborizadas e pela proximidade com a fervilhante São Paulo. E a principal das razões, é claro, as lembranças que ficaram dentro de mim da nossa primeira noite de amor. O local que o meu filhão foi concebido.

Minha mente divagou para o corpo esbelto de Valesca, da cor rosadinha de sua vagina depiladinha completamente à minha mercê. Só de pensar, meu pênis latejou dentro da cueca, fazia tanta pressão sobre o jeans que precisei me ajeitar para a Kate não perceber. Seus olhos estavam sempre atentos a cada gesto meu, sempre desconfiada. Aliás, a desconfiança fazia parte dela, acho que ela não confiava nem em si mesma!

Por isso usar a desculpa de sair para andar de moto sempre amenizava um pouco as coisas, ela conhecia a minha paixão e nunca questionou quando ficava muito tempo fora. E a Kate também não gostava desse tipo de coisa.

Assim que a deixei em casa com a promessa de não

demorar, peguei a minha moto e parti rumo à casa da Valesca, na zona sul de São Paulo. Peguei o caminho mais longo para curtir o meu momento na minha moto, seriam dois prazeres numa noite só. E quando me senti mais leve é que parei em um posto de gasolina antes de seguir meu caminho e aproveitei e liguei para minha amante.

— Alô. — Atendeu ela ao terceiro toque do celular.

Eu estava tão ansioso que queria confirmar se ela realmente estava em casa para não dar com a cara na porta.

— Oi, querida, sou eu... — Com a minha voz safada, ela gemeu do outro lado do telefone.

— Hummm! Pelo tom da sua voz acho que devo me preparar porque a coisa vai pegar. — Sua voz provocante me deixou excitado, segurei o guidão da moto com a mão esquerda e a direita pressionava meu pênis duro como pedra, gemendo enquanto ela gemia do outro lado.

— Posso até imaginar seu brinquedinho, gigante e duro, bem duro, dentro de mim...

— Eu vou colocar ele todinho dentro de você. Fecha os olhos, sinta as minhas estocadas.

— Shhhhh! Vem logo, querido! Eu já estou toda molhadinha só de pensar.

— Dez minutos eu estarei aí. — Então desliguei o aparelho enfiando no bolso da jaqueta e acelerei o

máximo permitido massageando meu pênis a ponto de explodir.

A Valesca me entendia, ela sabia exatamente como eu gostava sem perguntas, sem cobrança, ela sabia me agradar, tudo entre nós era apenas sexo, um desejo carnal que nenhum dos dois abria mão.

Uma mulher e tanto!

Temos a mesma idade, 38 anos, porém ela parece ser bem mais jovem. É muito gostosa com curvas perfeitas. Fechei meus olhos, imaginando minhas mãos escorregando em suas curvas, já estava a ponto de gozar só em pensamento.

Eu babei literalmente quando ela abriu a porta do seu apartamento, aquela disposição dela era o que mais me atraía, sempre me esperava pronta, perfumada, provocante. Ela vestia uma micro-saia de cintura alta branca e rodadinha escandalosa, uma blusa na cor preta com um decote V profundo até o umbigo, deixando à mostra os seus seios volumosos e apetitosos sem sutiã. Seu cheiro, então! Perfume com toques florais, só de sentir seu cheiro minha ereção gritou dentro das calças.

Com um olhar cheio de tesão, ela levou a mão direita até ele massageando-o com força.

— Uauuuu! Está gostoso demais, menino! — murmurou ela se inclinando para frente e oferecendo os seios, eu caí de boca em um e o outro, cobri com a mão

livre.

Gemíamos de tesão ao mesmo tempo.

Levei as duas mãos até sua bunda e gemi de prazer ao sentir a pele macia sem calcinha.

— Que delícia... — murmurei em seu ouvido e escorreguei meus dedos em sua abertura completamente encharcada me levando à loucura.

— Podemos ser pegos no flagrante aqui na porta — alertou com a voz abafada em meu ouvido

Segurei em sua bunda impulsionando-a para cima, ela saltou levemente e prendeu as pernas ao redor de minha cintura encostando nossos sexos, mordiscando o lóbulo de minha orelha, causando um arrepio generalizado pelo meu corpo e eu mordia seu pescoço com vontade. Ela fechou a porta com os pés, então eu a levei para o seu quarto.

O apartamento de Valesca era pequeno, mas um ambiente muito bem adaptado para uma pessoa. Embora seu quarto fosse espaçoso como a sala, ainda assim parecia pequeno, diante do tesão que sentíamos um pelo outro.

Joguei-a sobre a cama e ela abriu um pouco as pernas expondo aquela vagina apetitosa, rosadinha com seu líquido lubrificante descendo em direção ao seu orifício. Ela sabia como me provocar, passou a língua ao redor dos

lábios num movimento erótico, me olhando com aquela carinha de safada.

— Isso, mata seu homem de tanto tesão, mata!

Meu pênis pulsava com a visão imaculada, eu me ajoelhei e fui engatinhando até ficar entre suas pernas. Comecei a beijar sua coxa, seu corpo tremia, dei uma mordida e fui subindo.

— Quem está morrendo aqui sou eu... — gemeu trincando os dentes.

Passei a língua por cima de seus lábios vaginais molhados e continuei olhando-a. Fiz questão de olhá-la o tempo todo, enquanto minha língua fazia turismo por sua virilha arrancando dela gemidos roucos me deixando com mais vontade.

Minha língua faminta explorava cada ponto de sua intimidade, a sentindo ficar ainda mais gostosa com o líquido acumulando com o contato com minha língua em sua pele, movimentando para cima e para baixo em seu clitóris inchado enquanto ela se contorcia ali na cama agarrada aos lençóis.

Ela parecia estar em outro planeta de tanto que eu a deixei excitada. Eu não queria parar até que ela não aguentasse mais, e me puxasse até ela e continuei mexendo minha língua avidamente e sem pressa alguma. Passei meu dedo por ali, provocando ao máximo, depois fui enfiando-

o lentamente, arrancando outros gemidos dela.

Ela continuava gemendo com o mínimo toque.

— Assim eu não aguento — murmurou ela.

Fechei meus olhos e foi o suficiente para visualizar a Lucy vindo em minha direção caminhando sobre as ondas do mar, tudo muito real, aninhando-se em meus braços e o tesão aumentou ainda mais, eu fazia tudo com muito carinho. Eu sentia necessidade de carinho.

Seus dedos desceram por meus cabelos e ela me puxou em sua direção. Levantei a cabeça e deixei apenas meus dedos trabalhando ali até que eles foram obrigados a sair.

— Nossa, Chris, o que aconteceu com você? Está tão diferente hoje! — disse ela, percebendo a mudança. Afinal, nossa relação sempre foi apenas necessidade carnal. — Agora é a minha vez.

Ela me jogou sobre a cama, abriu minha camisa e o meu cinto. Em seguida, abriu o cós da calca e desceu o zíper. Arrancou a calça e cueca de uma vez, meu pênis saltou, aliviado, então ela veio por cima de mim mordendo meu lábio inferior puxando-o levemente, e foi descendo com os lábios quentes e úmidos pelo meu peito, passando pelo meu abdômen, eu gemia com a expectativa pelo caminho que seus lábios seguiam.

— Sua gulosa! — gritei entre os gemidos quando ela

enfiou todo ele em sua boca de uma única vez e sugou-o com vontade.

Vi estrelas, apertando as laterais de sua cabeça, ajudando-a com o movimento de vai e vem, com meus olhos fechados. Ela me chupava com sua boca carnuda e me masturbava com suas mãos macias, delicadas e safadas.

— Que brinquedão gostoso! — Segurando pela glande, ela lambeu os testículos até a ponta, e deslizou-o para dentro de sua boca quente lentamente e voltou na mesma velocidade me levando à loucura. — Como esta duro... — sussurrou ela, e voltou a engoli-lo.

Minha respiração estava ofegante, aquela safadinha me dava tudo que eu precisava, ainda mais com os flashes do rosto de Lucy em minha mente. Ela já conhecia as minhas taras e não se importava muito, pelo contrário ela soltava gemidinhos de prazer abafado com toda minha ereção em sua boca.

Nossa relação sexual era perfeita, sem pudor, sem cobranças, estávamos sentindo prazer demais.

— Eu quero você — murmurei sentindo fortes espasmos, a ponto de gozar em sua boca.

Ela elevou a cabeça, com olhos nublados de desejo.

Eu levantei e me sentei nos pés da cama. Tínhamos o nosso ritual e um deles era nunca se beijar na boca, o

resto valia tudo. Ela saltou da cama e se posicionou em minha frente segurando a micro-saia na cintura, os grandes seios para fora do decote e meio rebolando me olhando diretamente nos olhos me deixando ainda mais louco, meu membro apontando em sua direção. Então se virou de costas para mim, abriu as pernas, mas eu queria algo diferente hoje, um lugar diferente da cama. Agarrei-a pela cintura suspendendo-a do chão, ela ria e fui com ela até a sala e a coloquei de quatro em cima do sofá, com o peito no encosto do sofá. Ela sabia como me agradar, empinou bem a bunda para mim, ficando perfeita para a penetração. Ela olhou para trás, jogou os cabelos nas costas e só esperou.

Eu já sabia exatamente o que ela queria.

Lembrei-me do preservativo, e o surpreendente é que ela estendeu a mão até a mesa de apoio do sofá e pegou um me entregando com aquela cara de safada.

— Já pensou em tudo, né? — Bati levemente na lateral de sua bunda.

Ela riu gostoso.

— Eu quero que você só sinta prazer... — resmungou empinando ainda mais a bunda. Uma fisgada em meu pênis me fez rasgar a embalagem e vestir rapidamente.

Encostei-me atrás dela, encaixei o membro duro na entrada da sua abertura. Então segurei bem sua bunda e comecei a penetrá-la devagar com calma enquanto ela

rebolava fazendo-o deslizar para dentro com mais facilidade.

A princípio com um pouco de moderação, até ela abrir a boca:

— Coloca tudo, eu quero tudo dentro de mim, por favor — implorou do jeito que eu gosto.

Trinquei os dentes dando estocadas profundas e ela falava palavras picantes me deixando ainda mais louco. A cada palavra pronunciada por ela, eu ficava mais alucinado e gemia ainda mais alto do que ela sem me preocupar com vizinhos, tudo o que eu precisava naquele momento era me aliviar, e a Valesca era a pessoa certa, ela me proporcionava este prazer carnal adequadamente.

Segurei os cabelos de Valesca, propositalmente jogados para trás por ela, e comecei a puxar seu corpo por eles. Sua bunda batia com força na minha cintura, enquanto a outra mão tratava de encher sua bunda de tapas bem dados.

Ela gritava e pedia mais e eu dava tudo o que ela pedia.

— Isso, meu amor, assim, aí... Quero gozar. Vai! Forte... Põe tudo, me faz gozar... anda! — ordenou com voz abafada.

Gente!

Aquilo era alucinante, eu perdia a noção do tempo e

movimentava com mais vigor como ela me pedia, puxando seus cabelos pra trás, batendo na sua bunda. Logo gozamos juntos, ela gemeu alto, gritando o quanto eu era gostoso...

Exausto, desabei meu corpo sobre suas costas e deitei a cabeça e, aos poucos, fomos relaxando.

Joguei-me sobre o sofá ao seu lado, jogando a cabeça para trás repousando-a no encosto e ela se virou de frente para mim riscando meu abdômen com a unha do dedo indicador e mordeu minha orelha me provocando.

Virei a cabeça e sorri.

— Está cansadinho é, meu bem? Ainda faltou um local que você adora explorar — insinuou ela com voz provocante.

Joguei meu olhar malicioso em seu rostinho pidão.

E acariciei a lateral seu rosto úmido, quente e vermelho com carinho. Ela tinha razão, eu gostava de explorar tudo nela conforme o seu consentimento, mas neste exato momento não me sentia animado. Era engraçado o meu sentimento de pressa de partir, tudo que passava em minha cabeça era a imagem da Lucy, ela povoando todos os meus pensamentos, eu me sentia feliz por senti-la tão próxima, como também arrasado, pois sabia que nunca mais a teria em meus braços, nunca mais...

Olhando para aquele rostinho amigo e seus olhos brilhando, apaixonados, eu me sentia um canalha por fazer isso com ela, não merecia após me proporcionar tamanho prazer.

Enfim, eu não tinha escolha, a saudade estava ali impregnada em mim, uma saudade que o tempo não foi capaz de apagar deixando meu coração apertado.

— Me desculpe. Por hoje está bom — falei baixo em meio a um suspiro.

Ela cerrou as sobrancelhas.

— É mesmo? Eu achei você diferente hoje, aconteceu alguma coisa, Chris?

Balancei a cabeça em sinal negativo pensando se me abriria ou não desta vez.

— Brigou com a Kate? — arriscou ela, compreensiva.

— O que é normal, não é mesmo? — respondi em tom humorado.

Fechei meus olhos para receber seu beijo carinhoso em meu rosto.

— Mas, desta vez, não é a razão por eu estar apreensivo — respondi por fim.

— Se quiser me contar, estou aqui só de ouvido — ofereceu ela, como sempre disponível para mim e os meus problemas.

Abri um sorriso agradecido, a sua atenção comigo realmente sempre me ajudou muito.

— É saudade do Eric, talvez seja pela ansiedade da sua volta — falei o que veio à minha cabeça, afinal não estava mentindo.

— Verdade! O filhão está chegando... — Ela sorriu eufórica, batendo palmas, muito fofa, ela conhecia bem a minha vida e o quanto me dedico ao Eric, ele é tudo para mim.

Meu olhar se distanciou, tudo o que via na minha frente era o dia que ele nasceu tão pequeno, tão lindo e a Lucy, então... E a emoção tomou conta e, vulnerável com os sentimentos à flor da pele, baixei meus olhos para ela não perceber meu sofrimento.

— Sei que tem mais alguma coisa que aflige você, eu o conheço bem. Mas tudo bem. — Baixou um pouco sua cabeça e beijou meu queixo. — Não estou aqui para julgar e nem especular. — Então se levantou e ficou inclinada me olhando ali no sofá com o olhar perdido com seu sorriso que eu amo, livre. — Aqui em minha casa, eu só quero que sinta prazer e nada mais.

Comovido com o carinho, me levantei e a abracei pela cintura.

— Eu juro que se fosse um dia de semana, inventaria uma desculpa para a Kate e passaria a noite aqui com você. — Revirei os olhos, desanimado. — Mas não tenho

como escapar.

Ela selou meus lábios.

— Eu entendo.

Eu me faço repetidas perguntas: *Como eu não me apaixonei pela Valesca?*

Uma mulher tão desapegada e livre era tudo que um homem sonhou um dia. Mas não pensei muito nisto, afinal são coisas do coração que não temos controle algum.

O duro foi voltar para a casa e como sempre encontrar a Kate bufando de raiva, reclamando do meu sumiço. Sempre era a mesma desculpa da minha parte: minha moto me fazia esquecer o mundo.

CAPÍTULO QUATRO

Susie

Despertei sobressaltada me sentando assustada na cama, com a mão direita sobre meu coração disparado olhando ao redor pelo quarto, com a impressão de ouvir uma voz bem distante e masculina chamar por um nome que não entendi, porém era como se me chamasse.

Coisa de louca!

O suor frio descia por minha testa em direção aos meus lábios deixando um sabor salgado em minha boca e ensopou meus cabelos e minha roupa como se tivesse saído de um longo mergulho em águas profundas.

— Quem é este chato, batendo na porta dos outros a esta hora? — reclamou Molly ao meu lado espreguiçando na cama.

— *Ah...* — Olhei-a confusa. — *Batendo na porta?* — Meus pensamentos ainda estavam perdidos no tom daquela voz e demorei algum tempo para voltar à realidade, que só aconteceu quando ouvi a campainha

tocar.

A Molly não percebeu o que se passava comigo, com seus olhos fechados ela respirava tranquilamente, confesso que senti inveja, pois eu estava completamente exausta. Ofegante enquanto pegava meu celular no criado-mudo ao lado da cama a fim de ver as horas, joguei meus olhos na porta fechada e novamente a campainha soou.

— Já passou das onze horas, Molly Spencer! — Joguei o celular em cima dela antes de levantar, ela sorriu e abriu os olhos definitivamente.

— Se importa se eu ficar por aqui? — sussurrou com a maior preguiça. — Estou com muito sono ainda. — Cobriu o rosto com o travesseiro.

— Pode continuar no sono dos justos, eu vou atender a porta. Aliás, você merece, me ajudou à beça.

O sono que havia desaparecido, resolveu aparecer enquanto eu descia as escadas, em direção à porta da sala, andava lentamente e novamente a sirene espalhou pela casa, parecia uma britadeira ao meu pé de ouvido.

— Já estou indo! — gritei e abri a porta com a mão no ouvido e me deparei com uma das imagens mais lindas que eu já tive na vida. Depois de uma noite turbulenta, uma onda de alegria me tomou e comecei a rir de felicidade.

— Parabéns a você, nesta data querida, muitas

felicidades, muitos anos de vida! — Johnny começou a cantar, estendendo o buquê de rosas vermelhas e o contato com o vento as fazia aromatizar tudo ao nosso redor.

Ele está muito fofo ali diante da minha porta, usava uma bermuda jeans e uma camisa polo cor-de-rosa por dentro da bermuda, cantando e com aquele sorriso feliz. Os cabelos dele castanhos, sempre tão arrumados num corte moderno, nem o vento da manhã era capaz de bagunçá-los, seus olhos tão castanhos como os cabelos, brilhavam de emoção em contato com os meus.

Estava muito alegre, e eu sabia exatamente o motivo de tanta felicidade, meu sorriso murchou no instante da lembrança, um medo avassalador me dominou com a promessa que fiz a ele há quatro dias.

— Parabéns, meu amor! — Me entregou o buquê, enlaçou a minha cintura e me beijou ardentemente.

Eu não entendia o gosto amargo do nosso beijo horrível na boca.

Acho que porque nem escovei os dentes ainda e quando eu me virei, vi que ele fechava a porta atrás de si e deu alguns passos em minha direção, deslizando as mãos para meu quadril. Eu me afastei de repente dando as costas deixando-o parado à porta.

— Estou com um gosto amargo na boca, acabei de acordar. — Abracei o buquê e aspirei com vontade o delicioso perfume de rosas frescas. Uma de suas mãos foi

à minha cintura enquanto a outra deslizou para cima em meu braço até meu rosto, obrigando-me a encará-lo.

— Eu não me importo, Susie... — Sua voz triste cortou o meu coração.

Passei um dos meus braços por seu pescoço e me aproximei ainda mais, apesar de não estar a fim eu não podia ser grosseira, não agora com o seu gesto tão romântico.

Johnny suspirou sobre meus lábios, e foi descendo os beijos por meu pescoço e colo parando em um dos meus seios sobre a blusa do pijama e ergueu os olhos.

— A sua promessa continua em pé? — perguntou num fio de voz.

Eu remoía por dentro por não o desejar da mesma forma como ele me desejava, sua ereção crescia entre as minhas pernas por sob o tecido de algodão do pijama. E mesmo assim tudo o que eu sentia era uma imensa vontade de me afastar e dizer: "Não estou preparada, me enganei quando prometi que no dia do meu aniversário de 18 anos faríamos amor, que aproveitaríamos a viagem dos meus pais".

Eu já tinha o enrolado demais, na verdade quase um ano e meio namorando e nunca passamos de beijos e amassos. Ele sempre foi muito compreensivo comigo, nunca me colocou na parede ou algo assim, mas agora não havia uma saída para escapar, eu estava literalmente

perdida.

E magoá-lo estava fora de cogitação.

A resposta veio com o meu fechar de olhos então ele abriu os primeiros botões da blusa do meu pijama, abocanhou meu seio sem sutiã e chupava com delicadeza, enquanto massageava o outro lentamente.

— Eu não acredito que chegou o nosso dia! — sussurrou em meu seio. — Tem um sabor maravilhoso, Susie...

Eu não sabia o que dizer, era para sentir arrepios com todo aquele carinho e de alguém muito legal como o Johnny, mas não era assim que acontecia, eu me sentia invadida, portanto precisava dar mais uma chance a ele e fiz mais uma tentativa.

— Sim, chegou. — Fechei os olhos e arfei.

E, em seguida, fez o mesmo com o outro seio dando leves mordidas, com seus lábios quentes e senti choques e arrepios por todo meu corpo de pavor, algo que nem eu sabia explicar. Gostava dos seus toques, era gostoso, só que agora algo mudou, eu não podia dar seguimento naquilo.

Suspirei e me afastei, apertando a blusa em volta de mim e fui me sentar no sofá o deixando ali, no meio da sala sem entender.

— O que foi? — perguntou após me analisar, atento.

— Acho que ainda não estou preparada, me desculpe — precisei ser sincera com ele.

— Você não está falando sério! — ele não aceitou minha desculpa, veio se sentar ao meu lado e passou a mão em minhas costas em forma de carícia.

— Por favor, Johnny, não. — Me levantei deixando-o sem graça.

— Por que não? A gente combinou isso... — Ele ficou desolado me olhando confuso por apenas um segundo, e no outro ele parecia decidido quando se levantou e se posicionou em minha frente. Fechei meus olhos pensando numa boa e convincente desculpa, ela não veio. Escorreguei para o lado e antes de sua mão circular pela minha cintura, eu me joguei no sofá novamente.

Permaneci com a cabeça baixa, quando ele se ajoelhou à minha frente e suas mãos grandes e fortes acariciavam minhas coxas do joelho até a minha virilha com sensualidade.

Levantei apenas os olhos e me deparei com seu olhar de quero você, e acabei rindo. Eu estava sendo injusta com ele, existia tal promessa, só que ela foi feita em outras circunstâncias. O meu sorriso descontraiu o momento e o encorajou. Sentou-se ao meu lado e me fez sentar em seu colo.

Ele me beijou e, aos poucos, abriu meu pijama até tirá-lo e jogá-lo ao chão.

A princípio, eu não suportei aquela situação.

Queria pular do seu colo e mandar ele embora, o problema era que o Johnny era um carinha tão legal e faltava-me coragem, ele não merecia ser enganado de jeito nenhum, então acho que foi por este motivo que permaneci ali em seu colo sentindo sua ereção dura, pulsando em minha bunda.

E acabei cedendo na esperança do prazer mudar a minha linha de pensamento, quem sabe conseguia me excitar, afinal eu havia prometido e eu não sou pessoa de quebrar promessa.

Ficamos trocando carícias e mãos bobas até ele me deitar no espaçoso sofá. Abriu as minhas pernas e ajoelhou em meio a elas, inclinou o corpo até sua boca alcançar minha orelha e começou a mordiscar minha orelha causando arrepios e descendo pelo meu pescoço e suas mãos ágeis já estavam em meu seio acariciando devagar.

— Eu amo você, Susie... Não pode esquecer nunca disto — ele *sussurrou*, me beijando ternamente. Dei um pequeno *sorriso entrelaçando meus braços ao redor* de *seu pescoço* e inalando seu perfume novo e bom, não conhecia aquele cheiro.

Notei que ele esperava que eu dissesse o mesmo, eu não disse, não deu.

Num ato rápido e sutil, ele se sentou, encostou a

costas no braço do sofá e me puxou até ele. Colocando uma perna de cada lado do seu corpo, me tomou num beijo ardente enquanto uma mão segurava forte os meus cabelos e a outra escorregava de minha cintura em direção a minha bunda, apertando levemente sobre sua ereção estupidamente dura. Até aquele momento estava tudo bem, meu corpo reagia ao seu toque e deixei continuar.

Seus beijos foram descendo por meu pescoço e colo e parando em um de meus seios mordiscando e chupando o bico lentamente. Embora com medo, eu sentia seu toque de forma intensa, eu gemia de prazer arqueando a cabeça levemente para trás sentindo o seu membro me cutucar. Involuntariamente fazia movimentos leves sobre seu membro deixando-o louco, ele gemia ainda com meu seio em sua boca, trocou o lado e acariciava o outro enquanto chupava.

Quase cedendo, e totalmente entregue, a voz sonolenta da Molly vindo do corredor dos quartos me fez saltar do colo dele à procura da blusa do meu pijama.

— Onde está minha blusa? — Nervosa, girei no calcanhar com os olhos pelo chão à procura da roupa e me vesti rapidamente.

— Você não me falou que a Molly estava aqui! — disse ele na maior calma do mundo e, em seguida, se sentou no sofá e simplesmente cruzou as pernas e me olhou com pesar, frustrado.

Levantei as sobrancelhas apenas e voltei à escada enquanto Molly a descia, bocejando.

— Johnny? Você aqui tão cedo! — disse ela assim que desceu o último degrau e parou oscilando olhares para Johnny e para mim.

O Johnny estava com cara de poucos amigos, Apesar de sempre estarmos juntos no colégio e em festas, ele e a Molly não se davam muito bem. Os dois tinham gênios fortes e viviam se estranhando, e pela cara do Johnny eu estremeci e sabia que vinha provocação.

— É! E você sempre na hora errada e no dia errado... — disse ele em provocação, movimentando a cabeça de um lado ao outro, constrangendo a Molly, que corou.

— Eu, hein? Que bicho te mordeu tão cedo? — retrucou indignada com o tratamento e veio para o meu lado, me olhando com olhos apertados.

— Você não deveria falar assim com a Molly, ela passou a noite aqui porque eu tive uma noite difícil — expliquei.

Então ele se levantou num ímpeto e ficou de frente para mim, encarando-me com seus olhos questionadores.

— Se precisou de ajuda, então por que não ligou para mim, Susie? Eu sou o seu namorado, e...

— Não se trata agora de quem eu chamei ou não, Johnny — o interrompi antes que dissesse algo para

magoar a Molly, que permanecia calada.

Ele torceu a boca e ficou mudo por alguns segundos, então soltou os ombros tensos e estendeu sua mão até que ela se fechou em forma de concha em minha face.

— Me desculpe. — Fechou os olhos rapidamente e quando abriu, beijou minha testa enquanto eu fechei os olhos e soltei o ar com força. — Você tem razão, meu bem. O que foi que aconteceu?

Cocei minha cabeça de alguma forma em dúvida sobre o que falaria a ele.

— É que eu tive a impressão que entraram aqui, diferente da conclusão da polícia. — Baixei minha cabeça totalmente desanimada.

— Como assim, eu não entendi? Polícia? — Ele ficou confuso.

Nem eu.

— A Susie ouviu barulho na casa ontem à noite, e me ligou para chamar a polícia. — Molly explicou me olhando com a mesma dúvida dos policiais.

Johnny dirigiu seu olhar para mim quando ela terminou de falar.

— É sério? — Sua voz saiu apavorada, então eu desviei dele e fui me sentar no sofá e Molly seguiu em direção à cozinha nos deixando sozinhos.

Abri os braços no encosto do sofá e afundei meu

corpo com os olhos para cima. Senti pena do Johnny porque ele me amava de verdade, seu olhar de preocupação era sincero e, de repente, comecei a me sentir mal pelos meus sentimentos não compartilharem com ele como deveria.

— Bem... — Baixei os olhos. — eu ouvi barulhos na porta, na fechadura do meu quarto ...

— Pegaram os caras? — perguntou aflito, antes mesmo de eu terminar a frase.

Neguei com a cabeça.

— O problema está justamente nisso, não há sinais de arrombamento. — Isto era o que me perturbava intensamente. Se não era uma pessoa que girou a maçaneta, então o que foi? Eu não queria nem pensar no que veio à minha cabeça.

Johnny facilitou muito a minha vida quando parou com o interrogatório, eu não fazia ideia do que responder caso ele insistisse. Então, ele se jogou ao meu lado no sofá e me abraçou beijando minha cabeça, e permaneceu ali acariciando o meu ombro enquanto eu me afastava sutilmente incomodada com o seu carinho; e, juro, eu me odiei por isso e não compreendia o que acontecia comigo.

Levantei-me.

— Isso não vai mais acontecer, meu anjo. Não vou sair do seu lado até que os seus pais estejam de volta. Eu

prometo — disse ao se levantar e me abraçar pelo pescoço.

Eu deitei em seu peito.

— Passei um café fresquinho, alguém aceita? — ofereceu Molly, entrando na sala, quebrando o silêncio que se instalou ali. Segurava em uma das mãos a garrafa térmica e na outra três xícaras e, em seguida, colocou sobre o tampo de vidro da mesa na sala de jantar.

— Este café veio em boa hora — respondi me afastando do Johnny em direção à mesa — falei me afastando do Johnny em direção à mesa, puxei a cadeira para me sentar enquanto a Molly preenchia a louça com o líquido preto com aroma maravilhoso.

— Eu quero te pedir desculpas, Molly. — Johnny parou ao seu lado fitando-a, ela ergueu os olhos rapidamente encolhendo os ombros.

— Está tudo bem... Você vai tomar café? — perguntou com desdém e ele assentiu e se sentou do outro lado da mesa de frente para mim, e a Molly sentou-se na ponta.

Eu estava feliz por ter duas pessoas queridas ali em minha companhia, a Molly uma amiga e tanto, alguém que se doava por completo, alguém que eu podia contar sempre, contar todos os meus segredos. Porém, nem todos.

Eu contei alguns, acho que ela e nem ninguém poderia

compreender todos os conflitos que acontecia dentro de mim, nem eu mesma entendia mesmo com tantos amigos ao redor e uma família maravilhosa. Os meus pais eram os melhores do mundo, participavam comigo de todos os momentos da minha vida: os tristes, os alegres, os confusos. Com tantas pessoas em torno mesmo assim era como se eu sempre estivesse *sozinha*.

E também tinha o Johnny, um namorado bem legal, mas parecia que, por mais que ele fizesse, não me preenchia por completo. Faltava alguma coisa.

Algo que estava além da minha compreensão, que era bem íntima à minha alma faminta por isso.

Quantas vezes na privacidade do meu quarto, eu chorava sem uma razão, simplesmente porque me dava vontade de chorar. Fato que sempre causou muita preocupação aos meus pais. A festa mesmo foi justamente porque eles faziam de tudo para eu me sentir melhor, mais feliz.

A verdade é que eu tinha dupla personalidade e escondia de todos uma delas.

— Precisamos fazer os preparativos para a festa e ligar para o pessoal — Molly disse animada, arrastando a cadeira para levar as xícaras para a cozinha, eu suspirei fundo ruidosamente e ela me olhou intrigada.

— Desculpe, eu acho que prefiro não fazer a festa...

— Como não, Susie? É o seu aniversário de 18 anos — lembrou Johnny

Estendi a mão sobre a mesa segurando na mão de dele, com seu olhar confuso e apertei.

— Eu sei, meu amor, é que a noite deixou uma sensação de desconfiança, acho que prefiro comemorar outro dia.

A minha decisão causou estranheza, os dois entreolharam antes de voltar para mim.

— Vamos deixar para a semana que vem? — tentei um sorriso sem graça.

— Se está com medo, eu posso pedir um segurança para meu pai — sugeriu Molly esperançosa. Eu não compreendi a sua intenção se toda excitação era pela festa ou por ter seu pai novamente ao seu lado.

— Eu realmente prefiro deixar para depois — fui sincera, então ela deu de ombros e foi para a cozinha.

— Quem é o pai da Molly? — perguntou Johnny

— É um delegado.

Seu queixo caiu literalmente, sua boca se abriu e eu abri um sorriso divertido com a sua cara.

— Seu bobo. — Inclinei na mesa e bati em seu braço.

— Delegado? Nossa! Primeiro, ela não tinha um pai e agora ele é um delegado? — Apertou os lábios com um

leve sorriso.

— Ela ficou sabendo dele há pouco tempo, sua mãe escondeu esta história. Ele quem veio ontem ao meu socorro. Pareceu-me uma boa pessoa.

— É muito estranho que não tenham encontrado pistas. — Johnny me olhou de forma duvidosa, em outros momentos eu me ofenderia, mas tudo indicava que nada aconteceu e isto era o que doía dentro de mim, não conseguia digerir o episódio, nem colocar a minha cabeça em ordem, mas como seria possível com os rumos que tudo aquilo seguia? Pensar em algo espiritual sempre me causava mal-estar, por isso estremeci.

Ou talvez tenha sido apenas um delírio. Tentei me convencer. O medo faz estas coisas.

— *Até agora* isto é muito confuso na minha cabeça. Difícil de aceitar, de entender. — Suspirei *desanimada.*

Ele fez um biquinho, me olhando apertado.

— Até agora estou sem entender — falei simplesmente, desanimada, ele fez um biquinho me olhando apertado.

Então se levantou, deu a volta e parou ao meu lado, elevei a cabeça para seus lábios selar os meus num beijo rápido.

— Estou feliz que esteja bem... Eu te amo!

Engoli em seco, eu não podia dizer o mesmo, mas ele

merecia.

A Molly me salvou mais uma vez, entrou toda esbaforida na sala com o celular no ouvido.

— Aguarde um minuto, me deixa falar com ela. — Tampou o aparelho. — É o meu pai, ele está convidando a gente para um churrasco à brasileira na sua casa.

Arregalei os olhos com uma euforia no coração, um convite como aquele não poderia vir em hora melhor, olhei para o Johnny e ele sorriu.

— Vai com ela.

Sua voz triste cortou meu coração. Neguei com a cabeça.

— Não... Eu vou ficar com você hoje.

— Por favor, Susie, é a chance que eu tenho de conhecer melhor o meu pai — insistiu e olhou para Johnny antes de voltar ao celular. — Pai, você se importa se a gente levar um amigo? — Ela abriu um contagiante sorriso antes de desligar.

— Vamos os três, já que não quer fazer a sua festa. — Ela começou a pular de alegria como uma criança que acaba de ganhar um doce, hilário! Eu comecei rir do seu jeito, só que o Johnny não, ele continuou sério, olhando-a com suspeitas.

Ela deu de ombros.

— Você tem certeza, Molly? — perguntou ele,

incerto.

Molly sorriu.

— Claro que tenho, quero que saiba que, apesar dos pesares, eu te acho um carinha legal, mesmo você não gostando de mim.

Johnny corou, e eu comecei a rir da sua sinceridade, esta era a minha amiga. Fala o que vem à cabeça, doa a quem doer!

— G-gosto de você sim — gaguejou ele, ainda corado, vermelho como uma pimenta.

— Está tudo bem, Johnny. Não vamos discutir relações agora, vamos nos preparar para o churrasco. Hummm! Eu adoro comida brasileira — disse esfregando uma mão na outra e chacoalhou todo o corpo nos fazendo rir.

Enquanto Molly tentava convencê-lo a ir, eu fechei meus olhos, com aquele grito novamente ao pé de meu ouvido. Olhei para os dois conversando e tive a certeza que não ouviam, revirei meus olhos e nada. Levantei disfarçadamente para que não percebessem.

A única coisa que eu queria era fazer papel de louca, que os gritos de socorro, distantes e abafados que poluíam a minha mente, como se fossem reais, eram apenas coisas inventadas pela *minha cabeça. Preferi pensar assim.* Sim só podia ser, eu estava na realidade.

Do lado de fora, *a claridade* do sol iluminava todo o quintal. *Entrava pelas janelas* e iluminava a *sala, Johnny e Molly ainda conversavam não fazia sentido algum ter medo. E para assegurar a minha conclusão segui em direção à porta de vidro e abri, e respirei com prazer a brisa fresca da manhã que invadiu o ambiente.*

E de tudo perdi a empolgação com a festa.

— Você ouviu o que falei, Susie? — Vagava literalmente em busca de razões para a minha insanidade que, apesar de ouvir as vozes de ambos conversando, não consegui assimilar uma única palavra. E para disfarçar abri o meu melhor sorriso inocente.

— Ah sim, o Johnny — Olhei para ele me olhando, incrédulo. — resolveu. Você vai com a gente?

Com alguns passos diminuiu a distância entre nós, inclinou-se enfiando o rosto na curva do meu pescoço.

— Eu preferia ficar aqui com você — sussurrou em meu ouvido.

A Molly limpou a garganta para chamar a nossa atenção, só que eu conhecia a minha amiga. Aquilo soou mais como advertência.

— Então tá, pessoal, vou para casa me trocar e daqui a pouco volto — disse ela andando em direção à porta e abriu. — Não demore no banho, hein, Susie? — Fechou a porta justamente para não haver nenhuma recusa.

Eu quase empurrei Johnny porta afora, ele fazia de tudo para darmos sequência de onde paramos. Usando a desculpa que a Molly voltaria em breve e que eu não queria apenas uma rapidinha depois de esperar tanto tempo, ele se convenceu a ir para sua casa se trocar.

Fiquei mais alguns segundos ali na sala, avaliando os meus sentimentos. Havia mais dúvidas em minha cabeça do que medo, nem sei o que poderia ser pior: ser coisa da minha cabeça ou se tratar realmente do sobrenatural?

Ambas eram situações que inspiravam cuidados. Mas o fato é que estava acontecendo, eram reais os barulhos, os passos, as vozes... Uma tortura psicológica.

Balancei a cabeça para dissipar a confusão mental em que me encontrava e fui tomar um banho, e foi um dos mais demorados que já tomei, apesar dos meus banhos serem sempre demorados, ao contrário da Molly que era muito prática e rápida em tudo.

Quando os dois voltaram, eu ainda estava ali sentada no chão de mármore, abraçada aos meus joelhos e a cabeça deitada sobre eles, sentia o jato de água morna banhar a minha nuca numa massagem, esperava que a água quente acalmasse meu coração, mas foi totalmente inútil.

Ouvi a porta do banheiro ser aberta e, em um segundo, a Molly enfiou a cabeça para dentro do boxe todo embaçado pelo vapor quente.

— Se está pretendendo tirar o couro, asseguro que

este não é o melhor jeito. — Sorriu sorrateira. — Ainda no banho, Susie? — reclamou em seguida, revirando os olhos.

Seus gestos ansiosos deixavam claro que sua adrenalina estava às alturas.

Levantei meus olhos primeiro, depois a cabeça e, então, me levantei em seguida do chão.

— É... Parece que este pai está mexendo com a sua cabeça — provoquei-a com humor enquanto peguei a toalha, me enrolei e saí do boxe.

Molly fez careta e se jogou no pé da minha cama.

— Acha que eu estou exagerando? — perguntou ela com olhar assustado.

Comecei a rir de sua dúvida, me sentei ao seu lado e segurei em sua mão fitando seus olhos ansiosos.

— Não! Acho que você está certa, deve se arriscar neste amor que está começando a sentir pelo seu pai, e... — Parei de falar com um nó que se formou em minha garganta, meus olhos encheram de lágrimas, respirei fundo e precisei me levantar, sentia meu coração apertado. A frase que pronunciei tocou meu coração de um jeito que acabei me descontrolando.

Arriscar, arriscar, arriscar.

A palavra se repetia na minha mente como uma ladainha e aquilo me deixou emotiva com o corpo trêmulo

e com falta de ar.

A Molly se assustou, saltou da cama e segurou forte em minha mão.

— Você está bem, Susie? Está branca e esquisita! — Seus vincos na testa me fizeram respirar calmamente e me recompus. Senti-me uma louca diante da Molly e não podia perder o controle.

Assenti que sim com a cabeça.

— Estou ótima — menti e puxei minha mão dando-lhe as costas e fui para o closet procurar uma roupa para vestir. O som dos passos pelo piso de madeira indicou que ela me seguia. Eu não precisei olhar em seus olhos para saber que não a convenci.

— Está mentindo! — foi convicta. — Eu te conheço e muito bem, não adianta tentar esconder nada de mim, alguma coisa atormenta você desde ontem, eu sei.

Fechei meus olhos apertados passando os dedos sobre as roupas no cabide, disfarçando que escolhia uma roupa quando, na verdade, eu estava me segurando para não cair no choro, meu coração estava se apertando mais e mais e tudo o que eu conseguia fazer era respirar profundamente devagar.

— Quanto mais ficar aí falando que nem uma matraca, eu me atraso mais. Vamos nos atrasar para este churrasco tão esperado! — falei em tom de humor na

esperança de mudar de assunto.

Ouvi sua respiração ruidosa antes de ouvir seus passos contrariados pelo piso se afastando.

— Não pense que me convenceu, depois a gente volta neste assunto — avisou ela com voz firme. — Eu sei que algo não está bem, vejo o medo em seus olhos — disse antes de fechar a porta atrás de si.

Respirei fundo sentindo uma dor forte em meu coração. É verdade, a Molly estava coberta de razão, depois de ontem muita coisa mudou dentro de mim e uma delas é a vontade de chorar somando-se a um medo avassalador de perder o controle da minha vida.

Mas o que está acontecendo?

Sozinha ali no quarto deixei toda aquela dor dentro de mim desabar: chorei tanto que perdi as forças de minhas pernas e precisei me jogar na cama para não cair e fiquei por ali até conseguir finalmente me levantar, eu precisava daquilo e depois me senti mais leve como uma pluma, agora me senti renovada e pronta para outra.

A maquiagem disfarçou bem meus olhos inchados de tanto chorar.

Embora o sol forte que estava batendo no para-brisa fervia em meu rosto, fazendo-me transpirar embaixo dos olhos, antes de estacionar meu carro na calçada em frente a uma casa branca de dois andares com um jardim

extremamente florido, dei uma olhadinha no retrovisor a fim de verificar se havia algo borrado, afinal carreguei no rímel.

— Está linda como sempre! — Olhei para o lado sorrindo, agradecida pelo elogio.

O olhar apaixonado de Johnny despedaçou meu coração.

Sentia-me muito cruel em ter quebrado a promessa.

Ele merecia mais do que qualquer outra pessoa. De todos os garotos que fiquei, ele foi o único que nunca avançou o sinal. Aguardou pacientemente e eu devia pensar nisto melhor. Decidi que, quando saíssemos do churrasco, conversaríamos ou até mesmo terminaríamos o que começamos.

Desliguei o carro e Molly rosnou no banco de trás.

Olhamos ao mesmo tempo para trás e ela revirou os olhos e sem dizer nada desceu do carro em seguida.

— Esta sua amiga me detesta! — Apertei os olhos balançando a cabeça, rindo, eu já estava acostumada com os ataques constantes dos dois.

— Pare com isso, vai! — Bati em seu braço. — Conhece a Molly, ela é assim mesmo.

Ele bufou antes de abrir a porta e descer.

Eu permanecia dentro do carro, perdida dentro de mim mesma.

Encurvado para dentro do carro, Johnny me olhava com atenção, eu sentia a pressão do seu olhar, mas não conseguia mover meus olhos fixos naquela casa com um sentimento estranho tomando conta de mim.

Um sentimento não. Eram vários e um deles, o medo: uma onda de arrepios descia de minha espinha e se espalhava pelo meu corpo e um zumbido incômodo no meu ouvido. Um zumbido que foi ficando claro e, de repente, aquele gritinho chato, mas não era a mesma voz, tinha um timbre mais masculino:

Vai embora daqui!

Era incrível aquela sensação.

— Mudou de ideia? — A voz de Johnny saiu abafada e seu tom mostrava que ele estava desanimado.

Saindo dos meus devaneios, eu logo lancei lhe um olhar levantando as sobrancelhas. Seus castanhos estudavam meu rosto de uma forma estranha, como se estivesse desconfiado de alguma coisa.

Balancei levemente a cabeça para dissipar a confusão que se instalou ali antes de responder:

— Não, claro que não!

Decidida a não dar vazão aos meus delírios, enfrentar seria a melhor maneira de tudo aquilo acabar, de não tomar conta de mim e me carregar direto ao abismo. Forcei um sorriso e me preparava para abrir a porta do

carro quando meu namorado entrou no carro novamente e segurou forte em meu braço.

— Estou muito preocupado, Susie — falou ele.

Eu baixei meus olhos por um instante.

Eu também estou.

— Você mudou comigo, está mais distante, diferente, algo que eu não sei definir... Foi alguma coisa que fiz ou falei algo que a magoou? Eu sinto que tem algo acontecendo, fale comigo, Susie?

Seu olhar de insegurança me pegou de surpresa.

Não podia deixar transparecer o meu comportamento delirante, chegar ao ponto das pessoas perceberem, e, ao mesmo tempo, me senti um pouco mal, eu e Johnny tínhamos um relacionamento legal, estruturado. Então era normal aquela pergunta, mas o que se passava comigo nem eu mesma entendia, portanto era até difícil de explicar.

— Por que está me perguntando isso?

— Estou te achando estranha, às vezes, fria...

— Talvez seja a noite maldormida — disfarcei juntando os cabelos nas costas e dando um nó que logo se desmanchou espalhando todos os fios pelas minhas costas aumentando o calor que eu sentia. — Tive pesadelos horríveis e acabei confundindo com a realidade...

Ele sorriu, estendeu a mão em direção a alguns fios de cabelos caídos sobre meu rosto e o colocou atrás da

minha orelha.

— É só isso mesmo? — Havia muita insegurança em sua voz, inclinei-me selando nossos lábios num beijo rápido, seu suspiro de alívio me deixou com remorso e ainda mais confusa.

Eu não entendi a reação pelo meu corpo.

O beijo era inocente, mas eu só queria me afastar de sua boca, seu hálito quente queimou minha pele, me perturbou. Respirei fundo e me afastei, desviando meu olhar, a fim dele não perceber. Preparei-me para descer quando ele segurou em meu braço, seus olhos passeavam pelo meu rosto, preocupado.

— Gente! A festa é hoje e não no ano que vem.

A voz repreensiva de Molly desviou nossa atenção, sorrimos um para o outro, então eu abri a porta e desci enquanto Johnny fez o mesmo.

— Eu amo você... — Ele articulou com os lábios quando, ao dar a volta no carro, eu parei ao seu lado, sorrindo. Em seguida, ele passou a mão pelo meu ombro e beijou minha cabeça com muita ternura.

— Estou tão nervosa! — confessou Molly ajeitando a roupa no corpo e posicionou óculos de sol no rosto. — Acha que eu estou bem com esta roupa? — perguntou para mim na maior insegurança.

— Você está linda como sempre, amiga — confirmei

com sinceridade.

A Molly é daquelas garotas extrovertidas e espontâneas. Apesar de falar tudo o que vem à cabeça, em não hesitar na sinceridade, ela tem um pequeno defeito: uma insegurança com a sua aparência. Imagina se ela sai de casa ou entra numa festa sem ouvir opinião das pessoas a quem confia. Sinto muito orgulho de ser uma dessas pessoas, pena que não estou sendo sincera com ela...

Mais uma vez, balancei a cabeça e expulsei aquele pensamento de culpa, a minha sanidade mental estava em risco, era normal que fosse discreta. O mais importante é que gosto muito dela, a forma de ser já me abriu os olhos para muitas coisas que eu não enxergava, e me ajudou muito a entender um pouco da minha vida.

Ela me ensinou com a sua pouca idade a desviar o foco dos problemas, afinal fez isso a vida inteira, a convivência com sua mãe sempre fora tumultuada e mesmo assim eu nunca a vi choramingando pelos cantos, ao contrário, esse seu jeito irreverente de ser sobrepôs a tudo. Agora com o seu reencontro com seu pai ela ficou um pouco fragilizada.

Molly irradiava felicidade com este reencontro! Eu estava muito feliz por ela, merecia tudo e muito mais...

— Ah, Susie! Eu estou tão nervosa — disse ela aflita, parando à minha frente. Apesar dos óculos percebi seu olhar assustado.

— Por que, amiga? Relaxe!

— Eu também acho tranquilo — falou Johnny ao meu lado.

— Tenho medo do que minha avó vai achar de mim, e acabar se decepcionando. — Eu sorri, confusa.

— Você não comentou sobre sua avó.

Ela respirou fundo e levantou os óculos até a cabeça.

— Não deu tempo — esclareceu entrelaçando os dedos, nervosa. — Eu já conversei com ela uma vez, sabe? Mas foram apenas algumas palavrinhas e rápidas, eu não sei por que tive a impressão dela me olhar de forma crítica, talvez ela não me aceite como neta e...

— Ei, pare de falar besteiras — interrompi-a abraçando fortemente. — É impossível ela não aceitar uma pessoa meiga como você. Ela vai ficar muito feliz. — Um sorriso enorme de satisfação surgiu em seu rosto, mas que logo deu espaço à seriedade.

— Ah! Eu não sei, me sinto tão insegura! — suspirou Molly, olhando para si mesma, analisando sua roupa.

Não havia dúvidas em relação a sua roupa, como sempre se vestia adequadamente para o ambiente e o clima, uma saia branca justa ao corpo, uma regata salmão e um bolerinho na cor da regata, o tênis branco dava um toque casual. E seus cabelos sempre arrumados, um caso à parte mesmo com a leve brisa daquela tarde.

— Para mim *você* será *sempre* a minha amiga mais *linda — Soltei-me dos braços de Johnny e fui fazer cosquinhas na barriga dela. —,* mais fofinha, mais branquinha e...

— Ai, pare, Susie. — Recuou, rindo. — Estou falando sério.

— Pode acreditar, está linda! — Estava sendo muito franca.

— Me diz você, Johnny. — Ele ergueu as sobrancelhas, pego de surpresa.

— Eu?

— Por favor, seja sincero — pediu ela com os olhos em si.

— *Você* tem que ter a capacidade de *acreditar* em si mesma — disse ele simplesmente ganhando uma careta dela. — Foi você quem pediu sinceridade.

Johnny torceu a boca meio que impaciente, eu o conhecia, em sua cabeça acusava-a de fresca. Um insensível. Eu o cutuquei repreendendo-o com o olhar, infelizmente a Molly percebeu e, como defesa, mostrou-lhe a língua antes de sorrir mais confiante.

Capítulo Cinco

O portão da casa estava aberto.

Não havia ninguém conhecido eu estava observando o ambiente tão alegre pelo gramado verde, o sol brilhava forte no céu azul com algumas nuvens brancas, que se movimentavam de forma lenta, enquanto a brisa tornava tudo muito acolhedor encorajando aquelas pessoas estarem todas muito alegres.

Enquanto eu não conseguia relaxar, a cada passo me aprofundava mais num mundo novo. Um mundo que, no meu coração, parecia desconhecido. Ofeguei, de repente, e parei no meio do gramado.

Com a mão no meu ombro, Johnny fitou-me surpreso com a minha atitude.

Molly não percebeu, ela estava tão ansiosa para se relacionar com seu pai que entrou na casa sem se dar conta de que eu e o Johnny ficamos no jardim.

— Vamos entrar — Johnny chamou.

Neguei com a cabeça, com um turbilhão de emoções dentro de mim.

— Acho que eu vou embora. — Dei meia volta no calcanhar pronta a voltar para o carro.

— Susie! Que bom que você veio... — A voz masculina me fez fechar os olhos e respirar fundo, então só depois eu me virei e coloquei um sorriso forçado em meu rosto.

Flávio sorria abertamente com seus olhos percorrendo meu corpo, corei de vergonha me sentindo nua com meu short branco e minha camisa de seda de manga longa da mesma cor. E não era para tanto, a roupa estava discreta, combinava com a sandália de couro de salto médio e a bolsa.

O fato era que o seu olhar impertinente era perturbador, causando descontentamento no meu namorado que cerrou as sobrancelhas com os olhos grudados em Flávio com ar desconfiado.

— Oi! — respondi totalmente constrangida.

Johnny não entendeu nada, ficou ali oscilando olhares entre mim e Flávio. Ele vestia uma bermuda branca, uma camiseta na cor preta, e com a claridade notei seus cabelos levemente grisalhos, dando-lhe um charme de homem maduro e deixando-o em alerta máximo.

— É um prazer tê-la em minha casa. — Flávio me abraçou como se a gente já se conhecesse há muito tempo e deu-me um beijo na bochecha.

Eu corei ao notar os rosnados de Johnny.

Molly nos observava da porta.

— Como se sente? — ele quis saber ao se separar e segurou em meu ombro analisando meu rosto.

Eu me sentia encabulada com a recepção, afinal não estava acostumada aquele tipo de aproximação, mas dei de ombros me lembrando de que brasileiros são assim, gostam do toque.

— Melhor, obrigada por perguntar, senhor Flávio.

Ele balançou a cabeça, contrariado.

— Por favor, não me chame de senhor, eu me sinto um velho...

O humor nos fez rir, embora Johnny tenha aberto um leve sorriso percebi que ele não estava gostando da maneira receptiva que o pai da Molly estava me tratando.

— Oi, você é...? — Flávio estendeu a mão para cumprimentar Johnny, que retribuiu com um olhar cheio de ciúmes.

— Johnny Scott — falou em tom de descontentamento apertando a mão de Flávio. —, o *namorado* da Susie — ele enfatizou em alto e em bom tom com um sorriso enigmático, um tanto sarcástico, lançando um rápido olhar em minha direção.

Flávio suspendeu as sobrancelhas num sorriso pasmo enquanto me fitava e, por fim, sorriu de verdade, muito

simpático.

— Prazer em conhecê-lo.

— O prazer é todo meu, senhor Flávio. — Novamente o tom de voz de Johnny soou provocador.

Ao seu lado cutuquei seu ombro com o meu.

Flávio sorriu, divertido, aliviando o clima que se instalou ali, admirei o seu jogo de cintura.

— Por favor, meu rapaz, eu prefiro que me chame pelo nome... — Colocou a mão no ombro de dele ignorando sua carranca. — Vamos entrar, o churrasco é lá no fundo da casa. Estão com fome? — perguntou educadamente andando em nossa frente nos direcionando pela casa.

— Muita! — eu respondi. Ele se virou por um instante e sorriu satisfeito.

— Então, hoje você vai comer o melhor churrasco brasileiro — informou todo orgulhoso.

Sentindo o cheiro bom que vinha no ar, minha boca se encheu de saliva e o estômago roncou. Fechei os olhos e me lembrei de que não havia comido nada.

A simpatia do Flávio se estendeu de um jeito que passei a gostar ainda mais dele. Entramos na sala da casa, um ambiente claro e espaçoso com poucos móveis apenas do lado direito, uma sala social com sofás de dois e três lugares na cor marrom, sobre um tapete bege. Uma

mesinha de centro rente ao chão em madeira escura e nas paredes alguns quadros de paisagem. Do lado esquerdo apenas uma porta que deduzi ser da cozinha. Seguimos em linha reta para uma porta que dava para o quintal do fundo.

Todas as mesas com guarda-sol em volta da pequena piscina estavam ocupadas com os convidados, Flávio nos direcionou a um canto próximo de um salão de apoio com conexão com a casa ao qual algumas pessoas saíam com seus pratos de salada nas mãos.

Providenciou uma mesa e quatro cadeiras para nós. E segurando a mão da Molly andou com ela em torno apresentando aos seus amigos.

O jeito orgulhoso como ele apresentava a Molly como sua filha a todos me emocionou muito. Ela fazia por merecer, sorrindo de maneira contagiante e a sua simplicidade contagiava a todos.

Seu jeito de olhar para ele me dava a certeza do quanto estava apaixonada. Ela circulava pela casa com ele a tiracolo, eu me senti feliz só de ver a minha amiga feliz como estava.

E Johnny permaneceu emburrado e a todo o momento me chamando para ir embora.

— Dá um tempo, por favor! Coisa chata, a festa está maravilhosa. — Lancei-lhe um olhar irritado.

Ele fixou seu olhar esganador sobre o Flávio do outro lado, em frente à churrasqueira. De certa forma, eu tinha que concordar com o meu namorado, pois o pai da Molly em alguns momentos era mesmo inconveniente com a insistência do seu olhar sobre mim, deixando-o irritadíssimo.

— Não é possível que não esteja gostando... — Balancei a cabeça, revirando os olhos.

— Odiando na verdade, odeio velhos dando uma de gatinho — ironizou entre os dentes.

Estreitei meu olhar com a forma ofensiva de suas palavras.

— Eu não concordo com você. — Olhei ao redor, as pessoas riam animadas conversando umas com as outras.

— Qual é, Susie? Só têm velhos aqui. — Ele riu debochado e eu não gostei do seu comportamento. Nunca o havia visto tão hostil.

— Se quiser, pode ir embora. Pode pegar meu carro, volto para a casa de táxi com a Molly.

Johnny jogou seu olhar mais horrorizado sobre mim, como se eu tivesse dito o pior dos palavrões. Seus olhos castanhos ardiam de raiva, porém eu desviei o olhar e prestava atenção nas pessoas se divertindo, e de alguma forma me divertia também, era muito bom ver a minha amiga descontraída, desfilando pendurada no braço do seu

pai, orgulhosa e emocionada.

Sei bem o que Molly sofreu com a ausência de um pai, desde muito nova sentia-se abandonada e agora tudo ficou no passado, pelo menos era isso que demonstrava tanto carinho circulando no ambiente.

Johnny continuou inquieto, incomodado com o anfitrião, pois a cada oportunidade lançava olhares em nossa direção. Na verdade, eu queria muito me aproximar mais, bater um papo, conhecer as pessoas, mas com a cara emburrada dele foi impossível. Permanecemos ali, ora conversando ora discutindo. Ele me chamava para ir embora de minuto a minuto como se pressentisse o que aconteceria e acabou por se tornar irritante e inconveniente, então eu o encarei fortemente.

— Já chega, cara, se não está gostando da festa, então eu o aconselho a ir embora. — Ele revirou os olhos impaciente antes de soltar o ar com força.

— É a segunda vez que você me manda embora, está querendo se ver livre de mim, é isso? — Sua voz seca me fez perder a paciência.

— É claro que não! — gritei sem perceber, com a paciência indo ribanceira abaixo, desviando a atenção de um pessoal que estavam na mesa ao lado. Sorri sem graça e voltei para ele com olhar acusador. — Tá vendo só o que você me faz fazer?

Paguei o maior mico!

Ele deu de ombros, olhando ao redor, batucando na mesa com seus dedos.

— Parece que quer se ver livre de mim — acusou-me sem me olhar.

— Olha aqui para mim — pedi entredentes.

Ele tinha aquela péssima mania, sempre que fazia acusações infundadas não me encarava, porém sabia que aquela atitude era algo que ele não podia controlar, cenas de ciúmes já aconteceu alguma vezes, só que agora se acentuou demais. Estava muito doentio, o que me chateou profundamente.

Ele voltou com seus lábios levemente contraídos, e seu olhar de arrependimento diante do meu olhar de fúria.

— Eu não sou sua propriedade, Johnny, eu sou a sua namorada. Tenho minhas necessidades e vontades.

— Mas acontece que o olhar de cobiça do velhinho em cima de você... — ele começou a se explicar e eu estendi a mão enquanto ele baixou os olhos.

— Ou você confia em mim ou colocaremos um ponto final no nosso relacionamento. — Seus olhos assustados prenderam os meus.

— Não é para tanto — explicou nervoso. — Acontece que o pai da Molly nem disfarça, ele não desgruda os olhos de você desde que chegamos.

Seus olhos foram diretos para o Flávio próximo à

churrasqueira numa roda de amigos e coincidentemente ele olhava em nossa direção.

O rosto dele ganhou um vermelho vivo.

— É disto que estou falando — disse ele, desanimado.

Apertei meus lábios e segurei sua mão sobre a mesa enquanto ele me olhou, triste.

— Não precisa se preocupar, só precisa confiar em mim. Eu não tenho nenhum interesse nele e em mais ninguém.

Ele abriu um sorriso aliviado e colocou sua outra mão sobre a minha.

— Eu sei disto, minha linda! Desculpe-me... — grunhiu. — eu preciso aprender a controlar este ciúme.

— Tudo bem! Se preferir ir embora, tudo bem — repeti novamente.

Ele estreitou seu olhar sério e sem resistir deu mais uma olhadinha em direção ao Flávio que, desta vez, não viu, distraído na conversa.

— Eu não saio daqui sem você — garantiu.

Neste instante, o Flávio pediu licença aos amigos, pegou um pratinho com carne que o churrasqueiro lhe entregou e uma garrafa pet com refrigerante e vinha em nossa direção.

— E lá vem o velhote! — ironizou num tom exausto.

Eu o encarei, incrédula!

Ele deu de ombros sem demonstrar nenhum arrependimento.

— Pelo menos seja educado, não esqueça que aqui é a casa dele — o repreendi.

Ele revirou os olhos e deu de ombros novamente.

Molly vinha logo atrás dele, Flávio abriu um sorriso contagiante, de certa maneira diminuiu a tensão que eu sentia com os ciúmes do Johnny. Era estranho, diferente dele eu não o reconheci, mas suas atitudes gentis tinham um pouco de familiaridade, eu não sabia explicar. O fato era que meu coração se aqueceu e não foi o sol faiscante brilhante no céu o responsável.

— Olha só o que eu trouxe para vocês! — Animadíssimo, ele ajeitou os pratos sobre nossa mesa. — O meu melhor do churrasco brasileiro.

Não havia como não admirar o encanto de pessoa que era ele. E quando colocou o prato com carne e o refrigerante sobre a mesa, eu imediatamente olhei para meu namorado, temia a sua reação com toda aquela gentileza.

— O cheiro está maravilhoso! — Inclinei a cabeça sobre a fumaça que emergia do prato quentinho que subia e inspirei com prazer, apreciando aquele aroma dos

deuses enquanto ele cortava um filé ao ponto em tiras.

— E não é só o cheiro, precisa experimentar o sabor, por acaso você já comeu picanha? — perguntou me entregando o prato com as tiras.

As pessoas ao nosso lado pareciam invisíveis, ele falava comigo de um jeito especial e único e isso não poderia mesmo passar despercebido por Johnny, sua expressão de poucos amigos passou ao ódio que, por um instante, me deu medo de alguma reação inesperada e grosseira.

— Obrigada — agradeci pegando o prato de suas mãos, enquanto lá no meu íntimo rezava para Johnny não estourar.

— Me fale se eu não tenho razão — falou puxando a cadeira ao meu lado e se sentou. Os dois que estavam à mesa observaram a cena em silêncio, um oscilando o olhar sobre o outro, enquanto ele ficou ali, me olhando ansioso, aguardando minha opinião. — E aí? Gostou, Susie?

— Delicioso... — concordei ao engolir o suculento pedaço. Eu sempre fui fã, mas até aquele momento eu nunca havia comigo algo igual, o ponto da carne perfeito. — Confesso que nunca comi algo parecido, amei. Parabéns!

Ele abriu um sorriso orgulhoso.

— Se quiser, eu posso passar a receita para você, acho que agradaria os clientes do restaurante. Eu já estive algumas vezes na rede dos seus pais, é uma ótima comida, mas senti falta da picanha.

Concordei.

— Realmente seria uma ótima opção para os clientes.

— Você não tem vontade de conhecer o Brasil? — Flávio perguntou fitando-me com curiosidade.

— Eu tenho, pai! — interveio Molly disputando a sua atenção, que estava toda em mim. Jogamos toda atenção nela. — Talvez em alguma das suas férias você pudesse me levar.

— Vai ser um prazer viajar com a minha filhota. — Ele a abraçou, colando seus ombros e Molly toda à vontade deitou a cabeça em seu ombro. Olhando os dois, lado a lado, deu para ver que a Molly tinha muito do pai.

A sua simpatia era realmente coisa fora do comum, eu fiquei encantada, admirando-o cada vez mais. Molly sentia-se um pouco enciumada com a atenção comigo, mas o Johnny chegou ao ponto de não conseguir se conter, ele fuzilava o anfitrião com os olhos, que, por sua vez, ignorava-o ciente da reação que causava nele.

Eu segurei forte na mão de Johnny percebendo seus lábios entreabrindo. Eu o conhecia e sabia que ele estava prestes a falar alguma besteira e, com certeza, ofensiva ao

Flávio. Ele olhou-me de soslaio e torceu levemente a boca, entendendo o meu recado e permaneceu calado. Foi quando o telefone de Flávio tocou. Ele pediu licença e atendeu ali mesmo sem nenhum constrangimento.

— Como não tem registros? — A perplexidade em sua voz chamou nossa atenção. — Ele esteve numa ocorrência, ontem... Era jovem, olhos azuis, pele muito branca... Não é possível! Assim que eu estiver de serviço, revisaremos tudo novamente. — Então desligou com o olhar distante.

— Aconteceu alguma coisa, pai? — Ele balançou a cabeça em sinal negativo ainda distante.

— Não... Só estou procurando a ficha do policial que me acompanhou na ocorrência ontem. — Continuava pensativo e, então, fitou-a. — Esquece, aqui não é lugar para este assunto. — Olhou para Molly novamente com um sorriso no rosto. — E quando vai sair de férias, minha querida? — perguntou em tom paterno.

— Temos mais uma semana de aula e depois férias — informou Molly eufórica.

— Nossa, que ótima notícia! Eu tenho uns dias pendentes no departamento, posso dar um jeito e, de repente, podemos ir todos ao Brasil — sugeriu, desviando seu olhar insinuante para mim. — Seria legal se você viesse com a gente, Susie, é uma grande oportunidade de conhecer o Brasil. Eu terei muito prazer em apresentar a

vocês duas.

Eu arregalei os olhos, o convite era muito tentador, viajar em companhia da minha melhor amiga seria mesmo o máximo, ainda mais conhecer outro país. Nossa! Foi tão inesperado o convite que fiquei muda por alguns instantes, meu coração parecia querer sair do peito só de ouvir "ir para ao Brasil. Voltei à realidade porque o Johnny se levantou arrastando a cadeira, que quase caiu para trás chamando a atenção de todos.

— Com licença, eu preciso ir ao banheiro. — E saiu em passos apressados deixando-me consternada.

— Me desculpem! Às vezes, ele é impulsivo — expliquei tentando amenizar o clima.

— Ele está morrendo de ciúmes de você com a Susie, pai! — acusou Molly com certeza.

Eu e Flávio coramos no mesmo instante com o seu comentário.

Já estava acostumada com aquele jeito dela de falar direto o que vinha à cabeça, mas seu pai não, ele ergueu a sobrancelha e balançou a cabeça.

— Bobagens... Estes jovens de hoje, viu... — falou ele, sorrindo.

—Molly! — repreendi-a. Ela sorria animada com o constrangimento que causou na mesa.

— O quê? Ele tem razão, pai, aliás, você despejou

toda a sua atenção só na Susie, não trocou uma palavra sequer com o coitado.

Ele corou ainda mais.

Eu precisava urgentemente de um buraco para enfiar minha cabeça.

— Molly, pare com isso! — Ela deu de ombros.

— Me desculpe se foi essa a impressão que causei — ele falou com sinceridade. Unindo as *sobrancelhas* ele fazia uma análise facial em mim, havia tristeza e saudade em seus olhos e nem sei explicar o aperto que senti em meu coração. Ajeitei-me na cadeira, me sentindo incomodada.

— Lembra que eu te falei que você me lembrava alguém? — Eu assenti que sim com a cabeça. — Então... este alguém foi muito especial para mim, e, de alguma forma, falar com você me faz voltar ao passado.

Eu o olhei emocionada, apesar de aquilo soar um pouco com interesse, eu não me senti atacada, a forma que ele falava era de muito respeito.

— Era sua namorada? — quis saber Molly.

Ele baixou a cabeça em meio ao suspiro, e quando ia responder alguém gritou por ele na porta de vidro na casa. Ele acenou com a mão para um homem moreno usando um avental indicando a sua posição de cozinheiro e ele veio rapidamente até a mesa.

— Flávio, sua mãe está chamando ao quarto dela — informou o homem educadamente, e acenou a cabeça com um sorriso cordial para mim e Molly, que retribuímos.

— Acha que ela vai querer descer? — perguntou Flávio.

O homem abriu os braços, como quem responde não sei.

— Eu não sei, o que posso garantir é que ela está toda agitada lá no quarto, e quer que o senhor vá até lá imediatamente.

Flávio riu paciente.

— A minha mãe tem sessenta e cinco anos, e não tem muita paciência com festa, sabe? — explicou ele.

— Eu gostaria muito de conversar com ela novamente, da outra vez que a encontrei não tivemos a oportunidade de conversar direito, ela parecia muito ocupada ao telefone, foram várias ligações que ela recebeu, uma atrás da outra! — reclamou Molly.

Flávio segurou em sua mão sobre a mesa e apertou.

— Apesar da idade, a sua avó é uma mulher muito ativa, ela trabalha duro em projetos especiais para desviar de coisas que não a agradam.

— Que tipos de coisas?

Ele coçou a cabeça como se pensasse em algo para responder, então ergueu a cabeça e fitou-me.

— A vida inteira, a sua avó foi atormentada com visões, ela nasceu com um dom especial de ver além dos olhos. — Molly o olhava confusa e eu também, é claro!

Ele coçou a cabeça pensativo.

— Deixa-me ver como vou explicar isso...

— Eu tenho uma avó vidente, é isso que quer dizer? — perguntou uma incrédula Molly.

— Sim — concordou ele. — Podemos chamar assim, e o trabalho a ajuda desviar um pouco o foco, entende? — Eu assenti que sim e Molly ficou em silêncio com o olhar distante.

— Por favor, Molly, não fale disto com ela, ela passou a vida inteira tentando controlar este dom, fugindo dele e por esta razão nos mudamos do Brasil e ela trabalha muito. Contudo, nada foi suficiente. Às vezes, ela não consegue se manter longe e se sente péssima com isso.

— Não, fique tranquilo, eu não vou comentar — prometeu Molly.

— Ela não gosta de muito tumulto, ela diz que é um caminho para fantasmas povoarem sua mente — comentou ele.

Eu me arrepiei e, de repente, queria ir embora dali. Senti medo, não estava preparada para aquele assunto, e devo ter deixado transparecer em minha expressão quando Flávio segurou em minha mão e apertou.

— Minha mãe é uma ótima pessoa, estes dons não a tornam diferente de ninguém, eu lhe asseguro, o reflexo de tudo isso recai somente sobre ela, que acaba sugando para si os problemas dos outros, sempre foi um grande sofrimento.

— Eu sinto muito — foram as únicas palavras que consegui proferir, sentindo-me superinsegura.

— Quer saber? — Ele se levantou com todo ânimo. — Vou convencê-la a descer, acho que ela vai ficar feliz em conhecer melhor a neta.

Molly suspirou tão forte que parecia que ia explodir.

— E se eu fosse com você até o quarto dela — ofereceu ela com sua forma espontânea de ser.

— Uma surpresa seria mais interessante. Ela não sabe que você está aqui.

Concordamos e logo ele se levantou.

— Não saiam daqui... — Flávio deixou transparecer seu lado policial.

Foi quase uma ordem.

E se afastou, foi em direção à entrada da casa. Porém, antes de cruzar a porta de vidro conversou com alguns amigos, que o paravam para uma conversa divertida, riam muito.

— Eu não quis falar na frente do meu pai, mas eu não acredito nestas histórias. É muito fantasioso a meu ver! —

criticou ela, me deixando com o pé atrás. Eu sabia que não poderia conversar com ela sobre minhas perturbações e me senti triste. Com quem então eu poderia me abrir?

— Será que a minha avó vai gostar de mim? — continuou ela mudando de assunto com a mesma insegurança.

— É claro que vai. — Bati em sua mão sobre a mesa, ela sorriu com medo.

Neste instante, Johnny retornou à mesa, puxou a cadeira e se sentou com uma carranca em uma expressão intimidadora.

— Dá pra você abrir um sorriso, por favor? — pedi impaciente. Ele me olhou sério sem dizer nada.

— O gato comeu a língua dele — ironizou Molly de modo provocativo. Ele fez careta.

— Bem, deixa eu me afastar antes que eu leve uma mordida. — Molly se levantou.

— Molly! — grunhi entre os dentes pra não rir. Ela saiu rebolando e rindo, se divertia com o ciúme doentio de Johnny.

— Vai, vai sua cobra venenosa — hostilizou ele.

Aí é que ela ria mais, e foi se juntar com uma turma de pessoas perto da churrasqueira e ela parecia bem enturmada com eles. Eu comecei a rir da briga dos dois, afinal também já era comum aquilo acontecer, eles

costumavam se estranhar.

— Eu odeio a Molly! — disse com os dentes trincados.

— Parem de besteiras vocês dois... — Revirei os olhos, farta da cena. — Hoje, você não está fácil, hein, Johnny?

— E como você gostaria que eu estivesse. — Arreganhou a boca mostrando os dentes num sorriso falso. — Assim? Bom para você? — zombou.

— Engraçadinho.

— Poxa, Susie, hoje era para ser um dia especial. É o seu aniversário, o dia em que a gente combinou que ficaríamos juntos, e olha só para a gente. — Olhou ao redor. — Estamos mais distantes do que nunca, nesta festa horrível e tediosa de velhotes, e ainda com o coroa pagando de gatinho, dando em cima de você na cara dura. E você vem me dizer que eu é que estou difícil?

Eu comecei a rir no silêncio, numa parte ele tinha razão, falar que a festa estava chata ele já estava sendo injusto. A festa estava muito boa, com pessoas interessantes, mais maduras tenho que concordar, longe de ser um empecilho como ele dizia, eu entendia que toda a sua revolta estava relacionada ao ciúme.

Afinal a promessa de transar comigo foi um fracasso e, de repente, comecei a ficar com pena da sua decepção,

mesmo assim eu não me sentia atraída, estava sem o mínimo interesse de entregar a minha virgindade a ele.

Uma escolha errada!

— Me desculpe pelas coisas não saírem como havíamos planejado, Johnny — falei num tom sentimental, mas, no fundo, aquela festa estava dando um tempo que eu precisava.

Ele arrastou a cadeira para mais perto da minha, inclinou o corpo e me abraçou.

— Tudo bem, princesa. Mas vamos embora daqui, não estou suportando este cara se insinuando para você o tempo todo, ele nem disfarça.

Afastei-me e olhei em seus olhos.

— A avó da Molly vai descer, seremos apresentados a ela e logo após, nós vamos embora, eu prometo, pode ser? — Ele soltou o ar satisfeito, pegou o copo de refrigerante, que estava sobre a mesa, e virou na boca bebendo num único gole.

Flávio retornou à festa, sozinho, deduzi que a sua mãe desistiu de descer, mas eu não queria ir embora, sabia que Johnny faria cobranças e ficar por ali era uma forma de fugir dele.

Alguns amigos do Flávio se aproximaram de nossa mesa e após as apresentações eles se sentaram, foi a melhor coisa que aconteceu, pois havia dois homens que

pareciam um pouco mais jovens do que o Flávio. Os dois eram policiais e faziam patrulhas pelas ruas. Por incrível que possa aparecer conseguiram desviar o foco Flávio, que estava diante dos olhos de Johnny. Os três tinham muito em comum e engataram uma conversa intensa ao qual o nervosinho acabou se esquecendo até de mim.

Que alívio!

E quando eles se levantaram para jogar sinuca no salão de jogos, eu suspirei aliviada, senti-me como se uma pedra de concreto houvesse sido tirada de cima de mim. Leve, eu resolvi perambular pela casa, explorar o ambiente, todos ali eram muito receptivos. Apesar de serem mais velhos, nos tratavam com respeito de igual para igual, e aquilo foi muito gratificante para mim, me fez relaxar um pouco e acabei até esquecendo a minha noite difícil.

Juntei-me a Molly perto da churrasqueira e ficamos por ali um bom tempo.

Em meio à conversa uma sensação ruim, uma espécie de angústia tomou conta do meu peito e fiquei mal, minha visão ficou turva e minha cabeça girou.

Encostei-me ao ombro de Molly, ela dava uma gargalhada alta após uma piada e de imediato parou ao perceber meu mal-estar. Nossa relação de amizade chegava a um nível "extra além", apenas pelas atitudes corporais e um olhar sabíamos que algo estava errado.

— Você está bem? — perguntou alarmada segurando em minha mão fria, úmida e trêmula. Os vincos de preocupação em sua testa ficaram evidentes. — Céus, Susie! Suas mãos estão trêmulas, seus olhos passeavam em meu rosto pálido e eu respirei fundo.

— Eu estou bem, só um pouco tonta — respondi.

— Eu vou buscar um copo com água para você — ofereceu Ellen, a esposa de um amigo do Flávio, que prestava atenção em nossa conversa. Então, muito prestativa correu até a cozinha.

— É melhor se sentar. — Molly abraçou-me e me levou até a mesa vaga mais próxima. — Sente-se aí. — Ajudou-me a sentar se sentando à minha frente segurando forte em minhas mãos. — O que você está sentindo?

Eu neguei com a cabeça.

—Já está passando... — falei baixo, puxando o ar com calma para meus pulmões.

Assim que Ellen chegou com a água, eu tomei lentamente até que voltei ao normal.

— Melhor? — perguntou Ellen com o semblante preocupado.

— Estou sim, muito obrigada. — Ela se levantou e sorriu.

— Talvez seja uma queda de pressão, isso já aconteceu comigo. Se precisar, é só gritar. Vou cuidar dos

meninos, precisamos ter olhos sobre eles para não aprontarem.

Ela é mãe de dois meninos, um de cinco e outro de sete anos, que corriam em volta da casa, brincando.

— Fique à vontade — falei. — Obrigada, mais uma vez...

— De nada. — Ela já se afastou em passos apressados em direção aos seus filhos gritando.

— Eu estou falando que você está estranha, Susie. Desta vez, não vai fugir das perguntas, me conta o que se passa aqui na sua cabeça. — Tocou com as pontas dos dedos levemente em minha cabeça e eu sorri desanimada.

— Sinceramente, eu não sei, Molly. — Eu não sabia mesmo, tudo em minha vida mudou em tão poucas horas, eu estava presa a algo inexplicável e que deixava rastros evidentes, onde as pessoas ao meu redor poderiam testemunhar.

Molly me observava com receio, percebi que ela queria fazer alguma pergunta e se segurava, temendo a minha reação, só que eu conhecia bem seu olhar questionador e ergui a sobrancelha.

— O que você quer perguntar?

— Até agora eu estou engasgada com aquela história de invasão, você vaga a todo momento no seu mundo particular... — Sorri desanimada, ela prestava atenção aos

detalhes como uma boa observadora que era. — e agora este mal-estar súbito. Eu a conheço como a palma de minha mão. Sei que algo a mais ronda você.

Bati palmas, deixando-a intrigada.

— Aplausos para sua análise, perfeita! — disse com humor e baixei os olhos com os bombardeios das lembranças, tudo veio como avalanches sobre minha cabeça me sufocando.

— Eu não sei explicar, Molly! — Ou sabia e não queria. A Molly deixou bem claro seu ceticismo. Como eu deveria ter, cresci ouvindo a minha mãe dizendo que estas coisas sobrenaturais não existiam, que eram apenas histórias que o povo contava. Eu estava confusa...

Com um sorriso compreensivo ela apertou minha mão me dando apoio.

— Você tem que saber explicar, senão como posso ajudar você? — incentivou-me. Eu neguei com a cabeça, ela me impediria logo na primeira frase. — Pare de ser boba, Susie, confie em mim.

Respirei fundo e fixei meus olhos, eu precisava compartilhar para aliviar o peso em meu coração.

— Era verdade, eu ouvi passos no corredor e a maçaneta girou, por isso eu te liguei pedindo sua ajuda. — Ela negou num movimento de cabeça.

— Meu pai e o outro policial verificaram tudo,

ninguém entrou na sua casa, Susie… — disse ela com firmeza.

— Espera, me escuta. — Ela apertou os lábios e fitou-me com atenção me dando coragem em continuar.

— Não foi só isso, teve também uma voz desesperada de mulher gritando por socorro, eu ouvi várias vezes e continuo ouvindo aqui dentro da minha cabeça. — Bati com a mão direita em minha cabeça e ela sorriu em confusão. — Havia alguém dentro da minha casa, eu só não posso garantir se eram pessoas ou... — Apertei meus lábios e senti medo de aceitar a verdade.

— Fantasma? — completou ela com seu olhar descrente.

Embora hesitante eu concordei e, de repente, uma sensação de frio absurdo tomou o local onde o sol reinava forte. Senti um calafrio tomar conta do meu corpo e comecei a tremer, tudo aquilo estava muito além da minha compreensão do que a minha imaginação permitia.

Aquela sensação não seria resultado de um dia como estava, o sol sob nossas cabeças ardia sobre minha pele. Repassei meu olhar ao redor para ver as reações nas pessoas, todos pareciam muito à vontade curtindo o lindo dia, quente e acolhedor, enquanto eu mergulhava num mundo desconhecido ao qual eu não sabia explicar.

Um aperto em meu peito me fez perder o fôlego.

Levantei minha cabeça olhei para o céu e me senti sufocada.

Na minha visão acontecia um eclipse, o sol era encoberto rapidamente por uma sombra escura, e a escuridão foi tomando conta, e aquele sol virou uma bola negra, que se lançou sobre mim numa velocidade absurda, acendendo sobre ela chamas de fogo.

Aspirei o ar com força para preencher meus pulmões vazios e segurei. À medida que aquela bola de fogo descia do céu, meu corpo queimava, a ardência chegou ao meu coração, quando em total desespero saltei da cadeira.

— Susie! Susie... — A voz urgente de Molly me trouxe de volta à realidade.

Encontrei seu olhar rodeado pela claridade, após alguns segundos respirando profundamente. Meu corpo estava tomado pelo suor. Levantei os olhos ao céu e lá estava o sol no lugar onde ele sempre esteve e solucei querendo chorar.

— Você fez uma viagem astral? Onde você estava? — Seus olhos injetados estavam amedrontados.

— E-eu... — Pausei sem conseguir continuar. Tudo em mim estava uma desordem, as coisas pioravam a cada instante e tudo o que eu pensava era sair dali, fugir daquele ambiente agradável que se tornou sombrio.

— Tudo bem! Acho que já é hora de ir embora... —

falou Molly convencida de que eu precisava de ajuda e não fez nenhum comentário sobre o que lhe contei. De certa forma achei até bom, ficaria magoada se ela duvidasse de mim.

— Por favor... — implorei segurando o choro e ela aprovou com a cabeça.

— Aguarde um pouquinho, eu vou procurar o Johnny — ela informou indo em direção à casa.

— No salão de jogos. — Apontei e ela mudou a direção até o salão.

Nervosa, eu não conseguia segurar o tremor pelo meu corpo. Sentei-me novamente e apoiei os cotovelos sobre a mesa e apoiei meu queixo em minhas mãos, tentando equilibrar aquele mal-estar, era algo generalizado.

Sentindo-me constrangida com alguns olhares, é claro que perceberam meu ataque de insanidade, senão não me olhariam daquela forma curiosa, então eu me levantei a fim de disfarçar, mas minhas pernas tremiam. Não conseguia segurar o meu corpo sobre ela.

Todo aquele tormento despertou a minha fome, me dirigi até o salão de apoio, estiquei o corpo para olhar em seu interior e de onde estava vi uma mesa farta com comidas e meu estômago roncou de imediato.

Agora que resolvi ir embora?

Eu não resisti, aproveitei antes de eles voltarem

entrei no salão. Confesso que até me senti melhor, saí daquele enigma em que me encontrava.

Eu parei a alguns metros da mesa, meus olhos passeavam livremente de forma gulosa em tanta fartura, tipicamente brasileira. Fiquei ali parada, olhando para o nada, enquanto em minha mente meu cérebro tentava organizar as coisas lá dentro, analisava meu comportamento surreal, eu não podia deixar isso continuar fluindo dentro de mim, estava passando da hora de bloquear, enquanto eu podia.

Era simples me manter no controle, pensei.

Eu precisava encontrar um jeito de não dar vazão àquelas fantasias, e o cheiro da comida era uma excelente porta para entrar e sufocar aquele momento sinistro.

Quando saí dos meus devaneios, uma mulher que havia passado por mim, se aproximou da mesa e começou a se servir da comida. Eu não a tinha visto antes, uma figura como ela, com certeza, não teria passado despercebido: ela estava de costas para mim, tinha mais ou menos a minha altura, usava um vestido longo estampado com figuras abstratas nas cores vermelha, marrom e amarelo. Botas em couro lembrando um estilo bem "rock, esotérica..." fiquei na dúvida. Sobre sua cabeça com os cabelos lisos e ruivos, ela usava uma bandana na mesma estampa do vestido deixando-a bem exótica.

Uma pessoa descolada ao qual despertou em mim uma enorme curiosidade de olhar em seu rosto. Queria olhar e ver como era uma pessoa com uma roupa daquelas. Deveria ser alguém muito simpática como todos naquela festa. Eu me aproximei, peguei um prato sobre uma mesa ao lado de apoio, me posicionei ao seu lado me servindo.

Ela estava distraída que não percebeu a minha presença ou fingia, eu não sei, ela fazia seu prato quando eu olhei para o lado, seus olhos continuaram sobre a mesa.

— Tenho dúvidas sobre o que pegar, tudo parece tão delicioso, tem alguma sugestão? — questionei com um sorriso no rosto querendo ser simpática.

Ela respirou fundo antes de virar para mim, seus lábios frisados pelo tempo se entreabriram, e seus olhos arregalados e assustados examinavam cada detalhe do meu rosto, como se já me conhecesse.

Ela parece com medo de mim?

Eu não tinha palavras para descrever como eu estava me sentindo, tudo era muito perturbador nela.

Ela fechou os olhos rapidamente e os abriu novamente como se precisasse ter certeza de que eu estava ali em sua frente. Com os olhos arregalados, muito perturbadores, ela ficou estática, como se não acreditasse no que via diante de si, comecei a me sentir uma intrusa, e

medo, vergonha, todo e qualquer tipo de sentimento se apoderou de mim.

Em total desespero silencioso, ela olhava para os lados à procura de socorro na maior agitação, de seus lábios não saía nenhum som. E, então, voltou a mim, seus olhos marejados, seus lábios se abriram como se fosse dizer algo e sufocou, com a mão na garganta e com a boca aberta ela tentava puxar o ar, que parecia não entrar.

Só voltou ao normal quando fechou os lábios, o movimento pareceu expulsar as lágrimas que desciam em abundância e seguiam pelos vincos do rosto vivido, então me deu o sorriso mais triste que já vi na vida antes do prato se soltar de sua mão e seguir rumo ao chão, estilhaçando-se, chamando a atenção das pessoas ao redor.

A mão que segurava o prato voou até seu peito e antes de um longo suspiro, ela desmaiou, seu corpo frágil desabou.

— Céus! — gritei desesperada. — Ajudem aqui!

Sentei-me no chão e quando segurei a cabeça daquela senhora e coloquei sobre o meu colo, eu senti um choque forte percorrendo meu corpo me fazendo perder totalmente a noção de onde estava.

Uma corrente elétrica passou pelo meu corpo e me arrepiou completamente apagando meu cérebro. Tudo se tornou branco, muito claro, e meu corpo sendo puxado em

direção a um vento muito forte, como se quisesse me sugar.

E quando minhas pupilas se acostumaram com aquela luz é que vi à minha frente um buraco ao qual era possível passar uma pessoa. Dele uma luz intensa e muito branca lançava raios em minha direção ao mesmo tempo que um vento me puxava para ele, era como um grande aspirador de pó potente ligado. Não consegui me segurar perdi minhas forças, meu coração acelerou tanto que comecei a chorar, eu sentia que se entrasse ali morreria. E não houve como não mergulhar para dentro daquele buraco, fui sugada para seu interior.

Vi-me mergulhando no túnel.

Eu não via nada...

Tudo era muito branco e seus raios eram lançados sobre mim sem me ferir.

Eu me sentia puxada e à medida que me movia para frente, senti a presença de pessoas, discussões, choros, risos... tudo passava por mim num relâmpago que não consegui distinguir ou definir as palavras sobre o que aquelas pessoas falavam. Tudo aquilo era similar aos meus sonhos desde a infância, a única diferença é que agora não via imagens borradas e sim só ouvia os sons das vozes e estava acordada, bem acordada.

De repente, eu parei bruscamente e notei que estava na metade do túnel e ao final da outra metade havia uma

luz mais dourada como a luz do sol deixando seus reflexos, brilhante, distante, e eu me senti atraída por ela e queria ir até lá. E com este sentimento de desejo, meu corpo novamente se deslocou velozmente em direção à luz, eu me sentia bem com a energia forte que ela irradiava.

Antes de chegar perto, outra luz me envolveu e aquelas vozes tomaram formas, eu comecei a ver imagens como se fosse um filme, embora borradas, não definia absolutamente nada: pessoas chorando, criança, discussão, casal romântico se beijando... aquilo despertou em mim uma emoção incontrolável. Forcei a respiração com uma dor dilacerante em meu peito bem no local do meu coração. Era um momento doloroso.

Senti uma pressão em minhas costas, como se algo afiado me penetrasse chegando ao meu coração, em seguida senti algo similar às mãos entrar pelo ferimento e arrancar o meu coração pelas costas e recuava na mesma velocidade que cheguei até ali e as imagens borradas ficaram para trás enquanto as vozes foram diminuindo...

Gritei de dor e me joguei para trás, batendo minha cabeça violentamente no chão.

Abri meus olhos instantaneamente com tudo descontrolado dentro de mim, e eu estava no mesmo lugar, com a cabeça daquela mulher sobre meu colo, as pessoas agitadas preocupadas tentando socorrê-la, algumas com o

celular no ouvido chamando ambulância, outras correndo de um lado ao outro enquanto outros gritavam por Flávio.

E percebi que se passaram apenas alguns minutos, porém eu sentia como se tudo o que vivi tivesse durado muito mais que isso.

— Meu Deus! — gritou Flávio se ajoelhando em nossa frente, acariciando o rosto daquela mulher. Havia muita dor em seus olhos imersos em lágrimas. — Mãe! — ele gritava angustiado entre as lágrimas. — Já ligaram para a ambulância? — Sua voz urgente me fez suspirar e chorar.

Atormentada e atordoada, eu não compreendia nada, chorar foi uma válvula de escape e alívio.

— Ela já está a caminho — respondeu-lhe o homem moreno de avental.

— Deixa que eu cuido dela, obrigada — ele agradeceu retirando a cabeça dela do meu colo e colocando sobre o seu.

A ambulância chegou em poucos minutos, ela tinha o semblante de quem dormia tranquilamente e a levaram para o hospital.

Eu não tinha coragem de falar com ninguém, a experiência que tive foi algo inexplicável até para mim mesma, o que despertou em mim um alerta. Por isso, saí dali decidida que deveria procurar um médico e prometi a

mim mesma que só falaria destas coisas com ele.

Capítulo Seis

O para-brisa refletia a intensa e quente luz do sol de fim de tarde em meus olhos. Eu me sentia péssima, com a impressão que o meu mundo se dividiu em dois, me sentia perdida entre o real e o surreal sem certeza de qual mundo eu pertencia, solitária e perdida em minha própria escuridão, sem saber o que pensar e nem como agir.

A Molly acompanhou seu pai ao hospital e Johnny veio comigo. Durante todo o caminho, eu permaneci em silêncio e ele não fez perguntas porque percebia a minha angústia. Eu só fazia pensar, revivia toda a cena com aquela mulher deitada com a cabeça em meu colo: o túnel, a luz, as lembranças traziam-me um medo que refletiam em meus olhos.

Meu estado emocional estava instável e eu não conseguia controlar, os nós dos meus dedos estavam brancos e doíam devido à força que usei para me agarrar ao volante.

— Não sei se vai resolver ou servir de consolo, mas vou dizer mesmo assim. — A voz de Johnny quebrou o silêncio. — A culpa da mãe do Flávio ter tido um treco

não foi sua, tá?

Eu lancei-lhe um rápido olhar cheio de lágrimas e voltei para a pista, balançando a cabeça em sinal negativo. Com um enorme aperto no meu peito, eu não poderia falar com ele sobre o assunto e ele ficou ali, inclinado, me olhando, desconfiado.

— Você vai ficar aí sofrendo no seu mundo particular ou podemos conversar sobre o que, de fato, aconteceu lá na festa?

Fechei meus olhos rapidamente e apertei meus lábios.

— Não aconteceu mais nada além do que você já sabe — menti.

Ele cerrou as pálpebras. Um sorriso nervoso estava em seu rosto e seus olhos castanhos cintilaram sobre mim.

— Eu acho que aconteceu mais alguma coisa sim, olha só para você, Susie. Está branca como cal, suas mãos trêmulas. — Estendeu a mão pousando sobre a minha no volante, o toque macio e quente de suas mãos acalmou-me um pouco, fechei os olhos rapidamente sentindo finalmente conforto. — Se o velhinho fez alguma coisa que a deixou assim, eu vou acabar com ele.

— Não tem nada a ver com ele — eu interrompi-o. — Imagina!

Confirmei balançando a cabeça, eu precisava mudar

de assunto e rapidamente, não podia conversar sobre aquele assunto surreal com ele, não me entenderia, mas primeiro precisava me acalmar, só não sabia como eu faria isso.

— Então, por que todo esse nervosismo? — ele parecia impaciente.

— Sei lá — respondi e respirei longamente buscando uma boa desculpa e convincente. — Ela caiu nos meus pés, acha isso pouco? Deixou-me atribulada! — falei o que me veio à cabeça com os olhos fixos na frente.

De soslaio, percebi que ele virou a cabeça me encarando, sentia a pressão descrente de seu olhar perplexo, após alguns segundos sem falar nada, joguei um olhar rápido me deparando com o dele, incrédulo, me senti flagrada eu não sei explicar então dei de ombros voltando meu olhar para a pista.

— Tudo bem! Não vou obrigá-la a dizer o que não quer, só gostaria que você me prometesse que nunca vai me trair e...

— Esta não é a pauta da conversa — o interrompi e agora ele deu de ombros.

— Pois é, não pense que eu me esqueci dos flertes do velhinho... — falou entredentes, nitidamente irritado.

Fiquei chocada com a sua preocupação, achei que ele deveria pensar naquela senhora em seu estado de saúde,

em vez de ficar me irritando com o seu ciúme doentio.

Acabei rindo de nervoso, deixei para lá.

Ele não gostou da minha mudez e revirou os olhos, impaciente.

— Se eu fosse você tomaria mais cuidado com os seus comentários ofensivos, já pensou se a Molly ouve você chamando o pai adorado dela de velhinho?

Ele apertou os olhos balançando a cabeça como quem diz: "Eu não estou nem aí!".

— Vocês dois já se estranham por motivos banais — alertei-o e ele deu de ombros novamente, e inclinou-se até que seus lábios tocassem minha bochecha num beijo leve e quente.

— Eu só estou protegendo o que é meu. Aquele cara é muito "entrão", chegou agora e já quer sentar na janelinha, quem ele pensa que é?

Bati levemente em seus ombros.

— Pare com esta implicância. Ele só estava sendo gentil.

— Sei exatamente o que ele queria. Ele estava paquerando você e eu não gostei e ponto-final, você é *minha* — frisou bem e inclinou novamente para beijar meu rosto no momento em que virei o carro na esquina de sua casa.

— Pode dar meia volta, mocinha, eu quero ficar com

você hoje! — ordenou de mansinho, porém em tom de protesto.

Eu gelei com a ideia, eu sabia exatamente a sua intenção, e neste momento tudo o que precisava era de paz, sossego e um pouco de privacidade para poder pensar em tudo o que tinha acontecido, inclusive, as razões que me levaram a divagar acordada. Eu precisava pensar com calma em tudo o que vinha acontecendo, chegar a uma definição.

Lancei-lhe um olhar sem graça pronta com a desculpa de que não seria uma boa companhia e tal. Mas assim que estacionei o carro em frente à sua casa, ele segurou minha mão sobre o volante.

— Por favor, não desligue o carro! — quase gritou. Revirei meus olhos, contrariada.

— Não importa o que você diga, eu não vou concordar, precisamos ficar mais um pouco juntos.

Rolei meus olhos para cima enquanto pensava.

— Por favor, eu só quero ficar com você o máximo que eu puder, não me negue isso — ele insistiu com voz chorosa e eu o encarei.

— Hoje eu não sou uma boa companhia — assegurei séria.

Ele sorriu antes de inclinar o corpo, me puxando para um abraço apertado.

Fechei meus olhos apoiando meu queixo em seu ombro, uma de sua mão desceu por minhas costas se posicionando em minha cintura. Ele deslizou seu rosto até que seus lábios se unissem aos meus e me beijou raivosamente com a sua outra mão apertando a minha nuca com força. Seu beijo era tão sufocante que o afastei pelos ombros, precisando de ar, e joguei-me de costas sobre o encosto do meu banco.

— Estou falando sério. — Fechei a cara.

Ele paralisou, seus olhos desceram ao banco por algum tempo, então se jogou no encosto do seu banco.

— Estou começando a ficar preocupado com você se distanciando de mim cada vez mais — disse ele quando ergueu a cabeça me olhando extremamente abalado, que cortou o meu coração.

— Não é nada disso, não confunda as coisas — explanei. Seus olhos se apertaram e seus dedos foram até minha face acariciando-a com carinho. Fechei meus olhos por um instante sentindo o calor de seus dedos, Johnny era como sempre foi, muito especial na minha vida. Um parceiro e tanto...

Abri meus olhos e sorri com ternura e ele retribuiu com seu sorriso na mesma ternura que a minha.

— É que exclusivamente hoje de repente, o céu desabou sobre a minha cabeça — confessei em tom de voz baixa, porém intenso o suficiente para ele balançar a

cabeça em seguida, me tomar em seus braços novamente, e eu deitei em seu ombro.

— Por isso mesmo é que eu acho que devo ficar ao seu lado, você precisa de mim, não percebe? Me deixe apoiá-la. — Hesitei e ele continuou antes que eu dissesse alguma coisa. — Não se preocupe, eu não vou forçar você a nada, se é isso que a perturba, quero só fazer-lhe companhia, bater um bom papo, talvez a gente possa assistir a um filme.

Abri um sorriso fraco em seu ombro, ele arqueou e fitou-me com carinho.

— Se acha que não está preparada, tudo bem! Eu espero pacientemente pelo seu tempo. — Vi um perfeito cavalheiro em sua demonstração de sinceridade, por fim, me convenceu.

— Tudo bem — acabei concordando em meio ao sorriso e liguei o carro. — Vamos nessa. — E saí em direção à minha casa.

A distância entre a minha casa e a dele era de apenas alguns quilômetros, o problema é que havia uma fila de carros parados, estávamos certos que havia algum acidente à frente, pois era a única explicação num sábado à tarde.

Eu estava ali, dirigindo calmamente, mas era o mesmo que eu não estivesse, meus pensamentos não estavam ali assim como meu corpo não queria estar. Era

uma sensação angustiante, minha cabeça mergulhou para um mundo desconhecido e, de repente, eu estava novamente naquele túnel de luz muito branca, em direção à luz que me atraía, e aquelas vozes que eu ouvi ao me aproximar se tornaram um tormento em meu cérebro, deixando uma desordem generalizada em mim, sem controle.

Era um zum-zum-zum dentro da minha cabeça que me enlouquecia, sentia dores intensas em meu peito, dores que sumiam com as vozes se distanciando, elas vinham e iam na mesma proporção, eu não entendia.

Meu pensamento estava tão distante que eu mal conseguia ouvir o que Johnny falava e eu estava sufocada.

— Susie, você está me escutando? — Escutei uma voz masculina me chamando de muito longe, mas meus olhos no para-brisa não desgrudaram da longa *fila* de *carros* parados, sem vê-los, eu continuava lá no túnel.

— Susie... Susie! — A voz estava mais perto de mim, agora. — Susie!

Pisquei balançando a cabeça, voltando à realidade.

— Hum! Desculpe. Estava aqui pensando na mãe do... — Apertei meus lábios de imediato. — na avó da Molly — corrigi imediatamente, pois não queria irritá-lo mais uma vez, pensando que em nenhum momento perguntei o nome dela.

Ele não respondeu, voltou seu olhar decepcionado para frente, como se não acreditasse em minha explicação.

— Vai, desamarra essa cara, vai, Johnny... É normal eu me sentir assim, afinal foi a experiência mais arrebatadora da minha vida, difícil não pensar.

Ele trincou os dentes, contrariado antes de virar para mim com um sorriso sem graça no rosto.

— Estamos indo para minha casa, não estamos?

Ele concordou.

— Tem razão, me desculpe! Sabe como eu sou turrão quando coloco uma coisa na cabeça... — disse arrependido com aquela risada doce que eu amava nele, que ecoou no fundo da minha mente e o suficiente pra minha boca se curvar num sorriso enorme.

— É... Eu sei sim... — concordei voltando a olhar para a pista, o trânsito começava a fluir.

— Me conta como tudo aconteceu, na verdade no momento eu estava jogando sinuca com os caras... — falou de um jeito interessado.

Convenceu-me a relatar tudo nos mínimos detalhes, ou quase tudo, omiti o fato do túnel da mesma forma que omiti sobre ouvir os gritos de socorro, eu não estava preparada para partilhar aquele assunto com ele...

E com ninguém.

O trânsito andava lentamente enquanto eu contava a

ele toda a história de como tudo aconteceu.

É perturbador!

Sua expressão era outra agora, parecia muito interessado mesmo na mãe do Flávio era como se pela primeira vez desde o ocorrido, se desse conta da gravidade do problema. Lamentou com sinceridade a tragédia se colocando à disposição, achei lindo da parte dele quando mencionou que entraria em contato com o Flávio para pedir-lhe desculpas por sua hostilidade e se colocaria à disposição para o que ele precisasse. O pai do Johnny é médico cardiologista, e até mencionou sobre solicitar sua ajuda.

Foi uma atitude nobre que encheu meu coração de alegria, mais uma além das que ele me proporcionou neste tempo em que estamos juntos.

Diante de tanta meiguice, eu sentia muito por não gostar tanto dele como merecia e gostava de mim.

— Acho que o Flávio vai ficar muito grato com a sua generosidade. — Toquei em seu rosto com carinho, emocionada.

Não demorou muito para chegar em casa, confesso que ao abrir o portão da garagem, vacilei com o meu coração querendo sair pela boca, mas eu não podia me deixar levar, precisava levantar a cabeça e enfrentar e foi o que fiz, estacionei o carro e com o Johnny grudado na minha cintura entramos em casa.

Assim que coloquei a bolsa sobre o sofá, ele veio andando até mim, *me* puxou pelo braço, *me agarrou pela cintura* e *me* beijou.

— Eu sei que prometi não forçar, só que você me deixa maluco. — A voz rouca soou como uma afronta perigosa.

— Só me dê um minutinho — disse jogando levemente minha cabeça para trás, fugindo do seu rosto querendo entrar na curva do meu pescoço.

Ele fingiu que não me ouviu, havia muita urgência em seu olhar percorrendo meu rosto e desceu para meus seios que saltaram para fora do sutiã devido aos primeiros botões de minha camisa evidentemente abertos.

Endireitei minha cabeça, afundando meu peito, encolhendo meus ombros a fim de esconder toda aquela exuberância, ele poderia achar que eu o estava provocando.

Não adiantou, sua mão direita se soltou de minha cintura em um movimento leve, tortuosamente contornando-a descendo e indo em direção aos meus glúteos, eu prendi a respiração e, percebendo, ele parou na curva, enfiando a mãos por debaixo da blusa acariciando minhas costas, sentindo a minha pele quente.

O principal que muitas vezes quase me fez me entregar foi a sua virilidade enorme. Eu nunca a tive dentro de mim, mas em várias oportunidades já me agarrei

a ela totalmente excitada.

Eu pude senti-lo começando a ficar duro contra a minha perna, pulsando. Ao contrário das outras vezes, o meu corpo não ficou em chamas, um gelo percorreu meu corpo e me afastei com jeito.

— Eu preciso de um copo com água antes — Em direção à porta da cozinha, eu ouvi Johnny rindo e me virei. De cabeça baixa e com as mãos na cintura, ele olhava para o chão e levantou o olhar, fitando-me quando me virei.

— Eu fiz alguma coisa que machucou você, seja sincera comigo! — Havia uma certa tensão em sua voz.

— Não, Johnny, é claro que não! — Sua carinha triste apertou meu coração. Voltei e passei meus braços ao redor de seu pescoço, beijando-o com carinho que eu tinha por ele.

— Estou preparado, pode dizer a verdade!

— Que verdade? — Não entendi sua colocação.

Ele segurou meu rosto levando para bem próximo do dele.

— É só eu chegar perto que você se esquiva, por quê? Seus sentimentos por mim mudaram, não me ama mais, é isso? Me diga a verdade, por favor.

— Não tem nada a ver com você, eu juro. — Toquei seu rosto com as pontas dos meus dedos, ele fechou os

olhos e respirou fundo antes de abrir novamente. — Os responsáveis são meus problemas internos, que preciso resolver... Mas ainda não sei como...

— Então me conte, partilhe comigo? Poxa, Susie, sou o seu namorado e pode contar comigo. — Assenti que sim com a cabeça e dei um selinho antes de ir em direção à cozinha.

Enquanto pegava minha água ouvi sua respiração pesada e quando retornei ele estava parado no mesmo lugar e na mesma posição. Bebericando o líquido que refrescou minha garganta, passei por ele e fui me sentar à mesa da sala de jantar e repousei o copo sobre o tampo de vidro.

— Senta aqui, vamos conversar — falei baixinho.

Ele ainda olhou para o teto antes de ir até mim, com sua expressão consternada, acho que era até uma forma de protesto, mas ele se sentou do outro lado ficando de frente.

— Existem algumas coisas acontecendo comigo as quais eu não sei explicar. — Coloquei a mão no peito. Pausei ganhando tempo para pensar nas palavras certas a dizer, desde que não revelasse exatamente o que acontecia.

Ele esticou o braço sobre a mesa até seus dedos entrelaçarem aos meus.

— Você jura que não tem outra pessoa na parada?

— Eu juro, Johnny. — Ele sorriu mais aliviado. — Só preciso de um tempo para me curar deste mal, por favor.

Ele assentiu, aliviado e de certa forma me deixou também porque aquele sorriso tirou um pouco da minha culpa. Fechei meus olhos por um segundo, e neste tempo um ar gelado ganhou o cômodo, comecei a *sentir* um *calafrio* e, de *repente,* comecei a tremer de frio, intrigada com o inesperado coloquei minhas mãos sobre o tampo da mesa. Johnny se levantou e vinha em minha direção quando senti uma mão fria sobre a minha.

— Eu preciso de você, me ajuda! — Aquela voz soou como um eco e se perdeu com o vento gelado que se instalou por ali. Fixei meus olhos na cadeira onde Johnny acabou de levantar estava vazia, então como o Flash vi aquela garota sentada na cadeira com uma expressão triste, e logo desapareceu num piscar de olhos.

Saltei da cadeira, com meu coração na garganta e caí nos braços do Johnny que deu a volta na mesa.

Eu não conseguia falar, meu ritmo cardíaco, que estava nas alturas, me impedia. Tudo aconteceu tão rápido que o Johnny não percebeu.

Levantei minha cabeça na tentativa de contar-lhe o que se passava, quando inocentemente seus lábios encontraram os meus. Fechei meus olhos travando meus

lábios, sem condições de nada, e quando abri fiquei surpresa. Precisei fechar novamente, pois fiquei cega pela luz, que lembrava muito a que delirei na casa do Flávio.

— Ahhhhh!!! — gritei. O choro e meus gritos de angústia ecoavam pela sala e me fazia derrubar lágrimas.

— Susie, o que houve? — Johnny questionou enquanto me olhava, em pânico.

Firmei a visão e o foco voltava gradativamente, mas eu não conseguia distinguir a imagem que estava diante dos meus olhos, não era o rosto de Johnny, ela ficou borrada alternando, até que uma rápida imagem tomou posse não nítida, mas podia afirmar que era de outro homem.

O suor tomou conta de mim e comecei a tremer.

O empurrei pelos ombros para bem longe de mim, quanto mais aquela imagem tentava tomar foco, uma dor latejante em meu coração me fazia contorcer-me toda, eu só queria sair dali e buscar alívio para aquela dor, aterrorizada com aquele mundo ao qual eu não conhecia.

E tudo se repetiu, como na casa do Flávio, mas agora uma dor dilacerante me deixou sem ar, até que fui novamente puxada de volta à realidade, então recuei mais, a uma distância segura. Assustado, Johnny se aproximou.

Sentia medo de tudo o que aconteceu, era como se eu não estivesse no controle do meu próprio corpo, a dor

desapareceu, mas eu não acreditava no que meus olhos viam, eram muitas confusões de imagens distorcidas do rosto de Johnny e de um outro rosto masculino, nenhum dos rostos se firmavam diante dos meus olhos.

Encostei-me à parede e abracei meu corpo.

— Susie, fala comigo, o que está acontecendo? — Johnny segurava em meus ombros. Seus olhos estavam concentrados nos meus enquanto as rugas de preocupação marcavam seu rosto.

E novamente a dor me atingiu como um tiro de canhão, perfurando e rasgando tudo por dentro.

— Não coloque a mão em mim! — berrei em total angústia com aquela dor latejando do lado esquerdo do meu peito. Pressionava com as duas mãos o local com força, na tentativa em vão de me libertar daquela dor profunda, que doía em minha alma.

As lágrimas faziam seu caminho pela bochecha enquanto Johnny falava comigo.

— Pelo amor de Deus, Susie, o que você está sentindo, fala comigo? — Suas palavras, como minutos atrás, eram distorcidas e latejavam em minha cabeça.

Levei as mãos à cabeça pressionando-a, movendo de um lado ao outro em total desespero. Não compreendia nada e comecei a chorar forte, litros, então na maior das aflições eu corri, saí da sala, subi as escadas e me

tranquei no quarto a chave, e, em seguida, me atirei sobre a cama. Encostei-me à cabeceira abraçada ao meu corpo e chorava sem saber o que fazer, totalmente perdida.

Os passos no assoalho vindo do corredor dos quartos se aproximavam da porta.

— Vá embora, Johnny, me deixe sozinha... — gritei exasperada antes que ele batesse à porta.

Achei que tinha conseguido, mas logo ouvi a voz dele novamente:

— Eu não posso deixá-la aqui sozinha! Por favor, abre a porta — insistiu com a voz preocupada.

Eu soluçava alto.

— Sai da minha casa, por favor! — gritei o mais alto que pude.

Naquele momento toda a energia negativa sobre mim dizia respeito a ele, eu o queria longe, bem longe...

Ainda pude ouvir sua respiração pesada do outro lado da porta.

— Não! — hesitou ele. — Querida, me diga o que eu fiz, me desculpe por qualquer coisa, e...

Ele estava muito confuso sem entender, como eu.

Eu não estava preparada para conversar, eu precisava repudiá-lo da minha cabeça, da minha vida.

— Sai daquiiii! — chorei alto em soluços. — Vai

embora, Johnny.

— Por favor! Eu não queria te machucar. — Sua voz chorosa me fez refletir.

Que culpa ele tem?

Pergunta ao qual eu não tinha resposta neste momento, tudo dentro de mim era uma confusão sem tamanho, o fato do seu rosto se distorcer torna ele parte também do mundo sinistro que queria me levar com ele. Porém, tudo poderia ser coisa da minha cabeça. Coitado, eu não posso jogar sobre ele esta carga, não é justo, ele não merece...

— Você não fez nada, eu juro, só quero ficar sozinha, por favor — falei segurando o choro.

O barulho estridente do telefone se misturou ao meu pânico, eu pulei da cama com coração aos pulos e demorei algum tempo para assimilar que era só o telefone tocando, mas eu não consegui atender, me senti incapaz de qualquer ação, e após vários toques entrou na caixa postal.

— Susie, querida, é a mamãe... — Minha mãe começou a deixar o recado. Tomada por uma ansiedade por proteção e segurança, eu corri até o criado-mudo e atendi o telefone.

— Mãe... —atendi, chorando muito.

— O que aconteceu, minha filha, por que está

chorando?

— Vem para casa, por favor — pedi num fio de voz quase imperceptível. Um nó se formou em minha garganta me impedindo de respirar, ela gritava do outro lado da linha, eu soluçava sem conseguir abrir minha boca.

— O que aconteceu, querida? Responde, Susie... Eu vou chamar a polícia! — ameaçou com o meu desespero e silêncio.

— Susie, me diga, filha, tem alguém aí com você? — Agora era o meu pai muito tenso.

Eu tentei responder, só que não consegui.

— Alô, senhor Lucas, aqui é o Johnny... — disse Johnny lá na extensão da sala.

— O que aconteceu com a minha filha, se você fez alguma coisa com ela, eu mato você! — gritou meu pai em tom de ameaça.

— Não, não! Está tudo bem, é que a Susie parece ter tido um surto, ela ficou com medo do nada e se trancou no quarto.

Eu ouvia a conversa, apenas chorando e soluçando.

— Tem certeza? — Meu pai não estava convencido.

— É claro que sim, eu jamais faria algo ruim com a Susie — garantiu Johnny, assustado.

Ouvi os suspiros indignados do meu pai.

— Estamos indo agora para o aeroporto, estaremos em casa o mais breve possível. — Então, ele desligou com pressa.

Johnny ainda gritou, chamou, fez de tudo, mas eu me recusei a responder e sair do quarto. Fiquei ali, atenta, olhando ao redor, prestando atenção aos menores ruídos e detalhes, pois o temor de ver aquela garota novamente era enorme. Meu coração parecia explodir dentro do meu peito. Eu me sentia atrapalhada, não sabia o que fazer diante daquele novo mundo que, aos poucos, fazia parte de mim. Insegura não queria falar devido a um medo crescendo a cada instante e me abraçando, me deixando amedrontada, impotente.

Precisava me esconder do mundo, de tudo, levantei os lençóis entrando dentro, cobrindo minha cabeça, estiquei meu braço e peguei o travesseiro ao lado e o abracei debaixo de lençol e, para acalmar meu coração, eu comecei a contar, um, dois, três, quatro, cinco...

Capítulo Sete

Comecei despertando aos poucos, à medida que o som da voz de minha mãe se aproximava. Minha cabeça estava confusa e obrigava-me a manter ali naquele estado sonolento como se me alertasse para não voltar à realidade, mas o som invadia meu cérebro com trovões causando ondas de arrepios por todo o meu corpo. Era um turbilhão de emoções desconhecidas que se apoderava de mim e minha mente trazia as lembranças ruins como uma avalanche, me fazendo tremer e chorar ao mesmo tempo.

Abri meus olhos rapidamente e precisei fechar com a claridade, o sol invadia a janela pela fresta da cortina aberta.

— Mãe... — chamei-a, chorando, sem conseguir abrir meus olhos, e pausei a respiração para ouvir seus passos pelo corredor do quarto.

Então, quando ouvi sua voz novamente, pulei da cama e abri a porta.

— Mãe... — gritei em prantos me atirando em seus braços. — MÃEEEEE...

— Ah, minha querida! O que aconteceu? — Ela me abraçou forte, me amparando, e levou de volta a cama ao perceber meu estado, eu tremia e chorava, eu me deitei e ela se sentou ao meu lado.

Pelo ombro dela, vi meu pai entrando logo em seguida com a expressão tão desesperada quanto a dela. Não conseguia ficar deitada, me sentei abraçando-a pelo pescoço.

Eu chorava em seu ombro inundando sua blusa.

— O que houve para você estar assim? Está com dores, o que foi, me fala? — Ela estava muito aflita em me ver naquele estado.

Eu não parava de balançar a cabeça, e isso estava deixando meus pais apreensivos. O fato é que me sentia incapaz de pronunciar qualquer palavra, me sentia angustiada.

— Calma, meu amor — aconselhou meu pai alisando meu cabelo enquanto eu estava deitada nos ombros de minha mãe. — Respira — ele sugeriu e eu obedeci. — Isso, respire com calma.

Quando comecei a relaxar, levantei meus olhos para olhar nos dele ali em pé ao lado da mamãe.

— Pronto, se sente melhor? — perguntou ele.

Em sua voz havia uma mistura de preocupação e ansiedade.

Minha mãe arqueou a cabeça segurando em meus ombros, ela analisava meu rosto com atenção quando um forte soluço escapou por minha boca.

— Agora nos conte o que de fato está sentindo, filha? — pediu minha mãe, impaciente.

Eu balancei a cabeça devagar, pensando em como eu poderia dizer o que realmente estava me atormentando e, como eu poderia entrar num assunto deste, principalmente com a minha mãe? Ela conseguia ser ainda mais cética do que a Molly.

— Dores? Tonturas? — antecipou meu pai, preocupado com o meu silêncio.

— Não, pai! — Me joguei de costas na cama com medo do que teria de dizer, estava me sentindo sufocada, como poderia começar um assunto assim... "sobrenatural".

— Você não imagina o nosso desespero até chegar aqui, minha filha — comentou meu pai com os olhos cerrados. — Foi aquele garoto, o Johnny? Porque se foi, eu... — sua voz ameaçadora me fez levantar a mão.

— Não, pai! — interrompi.

Estremeci ao lembrar-me do seu rosto distorcido e o outro rosto que tive a impressão de ver. Mas balancei a cabeça para expulsar aquilo da minha cabeça, que só me fazia mal. Fechei os olhos com força, minha cabeça começava a doer com tamanha tensão pelo meu corpo.

E quando abri, fiz uma breve pausa com os olhos atribulados dos meus pais sobre mim, então me sentei e encostei-me à cabeceira da cama e dobrei os joelhos de forma que eles ficassem alinhados ao meu peito, abraçando-os.

— O Johnny não tem culpa de nada. — Solucei alto sem conseguir terminar meu raciocínio.

— Tudo bem, meu amor. Vou preparar um banho para você e vamos levá-la ao hospital — disse minha mãe com voz urgente e se levantou na mesma urgência e com passos apressados foi para o banheiro, porque possuía uma grande qualidade: a praticidade.

Eu não disse nada, deitei a cabeça em meus joelhos, concordava com ela. Estava na hora de procurar ajuda médica, só não sabia qual a especialidade.

A dúvida pairou sobre a minha cabeça ao mesmo tempo que meu coração acelerou dentro do meu peito, era o temor assumindo todo o meu corpo.

A princípio tudo o que veio à minha cabeça era amarrada com uma camisa de força, tomando choques elétricos, enfim, comecei a chorar do meu próprio pensamento, nem eu mesma estava conseguindo lidar com aquilo. Foi quando vi meu pai, sorrindo fraco, fitando-me.

— Vai ficar tudo bem, querida — tranquilizou-me escorregando sobre a cama aproximando o máximo de mim, apoiou o cotovelo no colchão e ficou ali inclinado

aguardando que eu dissesse algo.

Baixei a cabeça, no limite da confusão mental.

— Aconteceram coisas estranhas comigo... — minha voz saiu baixa, olhei-o por cima dos olhos com os cabelos caindo ao redor do meu rosto com alguns fios colados à minha pele pelas lágrimas e sorri fraco enquanto os olhos castanhos do meu pai me analisavam atentamente.

Enquanto ouvia o barulho da água do chuveiro caindo, os meus pensamentos foram ficando cada vez mais ausentes e meu pai sumiu diante de meus olhos. Tudo o que via naquele momento era a luz, o túnel, a pressão que me puxava para dentro dele... O aperto em meu peito se transformou em dor, levei a mão ao coração, e vi aquela garota com uma expressão de dor pedindo minha ajuda... Saí dos devaneios me deparando com o rosto do meu pai, e suas mãos mergulhando em direção ao meu braço.

— Então, por que não me conta o que aflige você? — Havia certa angústia em sua voz, seus olhos se estreitaram em dúvida.

Baixei meus olhos enquanto inalava o máximo de ar possível aos meus pulmões a fim de expandi-lo para ver se conseguia respirar melhor.

— Eu ainda não me convenci de que o Johnny não tenha nada a ver com isso.

Levantei meus olhos rapidamente encarando-o, seu

olhar descrente me fez dependurar em seu pescoço, sentia medo e sabia que com o meu pai eu podia desabafar, ele era muito parecido comigo e, além disso, era muito compreensivo também.

— Eu juro para você, o Johnny não fez nada, pai.

Ele soltou minhas mãos do seu pescoço, lançou um olhar rápido para a porta do banheiro e voltou segurando forte em minha mão.

— Precisa confiar em seu pai, eu posso te ajudar... — Desviei olhar para a porta do banheiro e seus olhos me seguiram, ele já havia percebido o receio de falar perto da minha mãe. — Sei que você pode estar com medo. — Ele continuou ao voltar aos meus olhos e apertou minha mão, dando-me segurança. — Não precisa falar agora se não quiser, a gente pode sair, dar um passeio para conversar mais à vontade — sugeriu ele ao sentir a minha hesitação.

Na relação com meus pais, por melhor que fosse com ambos, eu conseguia sempre me abrir mais com meu pai. E nesse momento ele teve a percepção de que eu não contaria toda a verdade perto da minha mãe.

Ele estava coberto de razão.

A minha mãe é uma pessoa maravilhosa, atenciosa, sempre disposta a me ajudar no que for preciso. Porém, ela tem seu lado "durona", talvez seja pela sua posição na empresa. Por ser emotivo, coração mole, como ele mesmo

dizia, meu pai deixava as decisões difíceis com ela e isso a tornou um pouco fria. Ou seja, ela é mais razão do que qualquer coisa, além de tudo é uma pessoa descrente nestas coisas sobrenaturais, o que me fazia hesitar e com razão.

Embora nem o meu pai gostasse muito destas coisas, mas, diante da sua flexibilidade e por ser compreensivo, acreditei que com ele seria mais fácil desabafar, afinal eu precisava e muito disso.

Voltei dos meus devaneios e sorri com medo.

Ele acariciou minha face com as costas dos dedos e sorriu.

— Eu nem sei ao certo como é que vou falar sobre isso — hesitei, novamente.

— Não tenha medo, eu estou aqui com você, pode desabafar sem medo, querida — sussurrou.

Havia uma bomba pronta para explodir dentro de mim e ele aí em minha frente oferecia a segurança de desarmá-la.

Inclinei a cabeça ficando bem próxima a ele.

— Desde ontem pela manhã coisas estranhas têm acontecido comigo — cochichei secando as gotas de lágrimas que desciam de meus olhos, e coloquei meus cabelos ao redor do meu rosto atrás da orelha sem desviar os olhos dele.

Seus olhos cerraram em preocupação e ele inclinou a cabeça levemente para eu continuar.

— Acordei com gritos de socorro. A princípio, achei que estivesse sonhando e até voltei a dormir, mas aconteceu que depois vieram outros barulhos pela casa... — narrei a história sobrenatural em detalhes para meu pai, muito atento.

Por nenhum momento senti desconfiança nele, ele me parecia até surpreso com a minha narrativa, que aos olhos de muitos soaria um absurdo.

— Eu até liguei para a Molly, ela chamou a polícia, eu acreditei de verdade que a casa havia sido invadida por bandidos. — Neste instante, ele esqueceu de tudo o que lhe contei com a mão no peito, sua expressão ficou apavorada.

— A polícia veio aqui em casa, vasculharam tudo e tem certeza de que não entrou ninguém? — Se levantou em total aflição.

— Pai, calma! — pedi com as mãos levantadas. — A polícia fez uma varredura, não havia ninguém, a casa não foi invadida — afirmei envergonhada.

Seus olhos se estreitaram e todo o nervosismo pareceu evaporar, finalmente entendeu o que de fato eu dizia. Então, voltou a se sentar novamente na beirada da cama me olhando perplexo com confusão.

— Estou chegando à conclusão de que estou surtando, ouvindo e sentindo coisas e estou apavorada. — Comecei a chorar sem conseguir me controlar. — Eu estou enlouquecendo, pai, ou acha que estou mesmo vendo coisas, é real? — falei com a voz embargada pelo choro. — Eu não estou entendendo, estou sentindo muito medo de sentir e ouvir estas coisas, o que eu faço? Nem sei mais definir o que é delírio e o que é realidade.

Ele me abraçou forte.

— Calma, filha, a gente vai resolver isso — prometeu enquanto alisava meus cabelos nas costas. — Deve haver uma explicação, como há lógica para tudo.

Deitada com a cabeça no ombro do meu pai, eu chorava desesperadamente e percebi que ele não sabia o que dizer, estava tão confuso quanto eu. Por nem um minuto ele duvidou de mim, me apoiou com aquele abraço quente e protetor e eu me deixei chorar, desabar, com ele ali, as coisas não pareciam tão obscuras, era como se uma luz no túnel quisesse iluminar o meu caminho.

Meu corpo congelou com o pensamento, pois eu não queria pensar naquela luz, pois ela era um dos elementos do meu desespero. Afastei-me do meu pai, com meu corpo trêmulo e me levantei parando em pé do outro lado da cama.

Um barulho na porta do banheiro nos fez desviar os olhos e vi minha mãe encostada no batente da porta com

olhar incrédulo.

— E-eu... — gaguejei.

Meu pai se virou e se levantou indo de encontro a ela.

— A gente estava aqui conversando... — ele tentou explicar, mas ela o ignorou.

— Eu sei sobre o que vocês conversavam, não precisa repetir — disse sem olhar para ele.

Havia muita mágoa em sua voz e seus olhos se encheram de lágrimas enquanto vinha em minha direção.

— Mãeeee... — Ela estendeu a mão para que eu me silenciasse e seus olhos lacrimejavam em profunda decepção, meu coração se apertou.

E mesmo assim eu senti um temor tão profundo, medo do que ela havia escutado e mais ainda, medo da sua dura crítica.

— O que você estava pensando, minha filha? Acha mesmo que não poderia confiar na sua mãe, não dividir comigo um problema sério como este. E mesmo que não fosse sério, eu sou sua mãe. Estou aqui para te ajudar, não precisava sussurrar escondido com o seu pai — completou ela muito magoada.

— Não, mãe, não é isso. — Corri para os seus braços e me pendurei em seu pescoço. — Eu temia a sua reação, sei o quanto repudia assuntos desta natureza. O

que está acontecendo comigo anda na contramão do que você sempre acreditou. — Afastei-me o suficiente para fitá-la. — Estou com medo, mãe, muito medo! — Minha voz chorosa a fez "baixar a guarda" e sentia toda sua preocupação irradiar do seu olhar. — Foge do meu controle... Não me julgue neste momento, eu só preciso que vocês me ajudem, por favor, por favor! — implorei.

Sua mão quente veio ao meu rosto me fazendo sentir mais segura, e segurança era o que eu mais precisava neste instante. Ficamos mais algum tempo ali abraçadas e depois ela se afastou, segurou em meu rosto com as duas mãos e riu, carinhosa.

— Vamos nos sentar, então você conta tudo o que aconteceu. Às vezes as pessoas têm estes descontroles emocionais no decorrer da vida. E um bom profissional na área pode ajudar — esclareceu ela firme com a mesma sensatez de sempre, uma mulher extremamente organizada.

Eu queria de verdade que fosse apenas isso.

Sorri fraco, assentindo com a cabeça, e me sentei nos pés da cama enquanto ela se sentou ao meu lado e prontamente segurou em minha mão com seus olhos fixos nos meus.

Contei, mais uma vez, minha história e ambos me ouviram com atenção, sem dúvidas. Ela pareceu me entender.

— Que tragédia, filha! — exclamou com os lábios

abertos e os olhos assustados. — E o estado de saúde desta senhora como está? Você teve notícias? — ela quis saber.

Neguei com a cabeça e baixei os olhos sentindo um nó em minha garganta, pensando em como tudo aquilo havia mexido comigo, que o mal-estar súbito da mãe do Flávio na verdade foi uma soma de tudo o que havia acontecido comigo durante um período tão curto de tempo.

— Depois que saí de lá, não conversei mais com a Molly, acredito eu que ela deve estar lá com a sua avó. — Encolhi meus ombros.

— É! Pode ser... — concordou ela, e beijou meu rosto, me apoiando.

Seus lábios quentes em contato com a pele úmida do meu rosto me acalmaram. Deitei-me em seu ombro enquanto as costas de sua mão acariciavam meu rosto.

— Não tenha medo, minha querida, talvez você esteja nervosa e por isso tem tido estes sintomas confusos. — Emergiu a cabeça fitando meu pai em pé em nossa frente, que ouvia em silêncio como se estivesse pensando em alguma alternativa. — Será que a gente consegue marcar uma consulta hoje com o Dr. Giorgi Klein? — sugeriu ela ao meu pai.

— É claro! Por que eu não pensei nisso antes? — Animado segurou em minha mão e apertou. — O Giorgi é um dos melhores especialistas na área da Psiquiatria, ele

vai nos aconselhar o melhor tratamento.

A confiança em sua voz invadiu meu ser.

E a mesma confiança nasceu dentro de mim, tudo o que eu queria era voltar à minha rotina normal, voltar ao mundo real.

— Vamos ligar já para ele. — Soltou de minhas mãos já pegando o celular no bolso e discando o número do médico se afastando, andando em direção à porta do quarto. Contemplando meu pai se distanciar, senti um gelo pelo meu corpo. Como eu poderia contar a estranhos sobre ouvir vozes na minha cabeça e outras coisas mais!

— Espera, pai! — exigi após minha reflexão.

Ele saía pela porta quando girou o calcanhar, me olhando com as sobrancelhas arqueadas, notei dúvidas enormes ali quando seus lábios logo se abriram para falar.

— Eu confio em você, e peço desculpas pelo que vou perguntar, mas eu preciso até mesmo antes de ligar para o Giorgi. — Dei de ombros, assustada. — Você não bebeu e nem ingeriu porcarias, não é mesmo?

Abri um sorriso incrédulo balançando a cabeça em sinal negativo.

— É lógico que não... nem álcool, nem drogas, nada... — Ele soltou o ar com um tremendo alívio e sorriu.

— Que bom que este não seja o motivo, filha... O que

ia me dizer?

— Ainda estou com dúvidas, pai — titubeei diante do julgamento.

— Que tipo de dúvidas?

— Acho que não conseguiria relatar tudo o que contei a vocês a um estranho.

— Não há o que temer, Susie. Ele é um médico! — esclareceu minha mãe.

— E, além disso, é um amigo da família e frequenta a nossa casa, seria improvável sequer contar uma passagem dos últimos acontecimentos. — Sorrindo calmamente ele voltou e apertou levemente a minha bochecha.

— Você não deve se preocupar com isso, meu amor. — Sua voz calma me confortou. — O Giorgi é um profissional renomado, ele sabe lidar com problemas como o seu e vai separar as coisas. Eu o conheço como a palma de minhas mãos e ele nunca vai julgar você, ele vai tratá-la, ajudar a sair deste sufoco. — Estudou meu rosto pálido e sofrido com compaixão.

— Seu pai tem razão. — Apertou um pouco mais minha mão antes olhar para ele. — Vai lá, Patrick, liga logo para o Giorgi — falou do seu jeito autoritário que eu já estava acostumada.

— O Johnny estava aqui quando vocês chegaram? — perguntei ao me lembrar dele assim que meu pai saiu, pois

a minha última lembrança foi mandá-lo embora.

— O seu pai o assustou, começou ameaçá-lo, preocupado que ele tivesse feito alguma barbárie com você. — Senti um aperto no peito visualizando a forma como o tratei.

— Coitado, deve estar mais confuso do que eu, acho que ele não entendeu nada.

Minha mãe sorriu com seus olhos castanho-claros, aliás, a única coisa que me diferenciava da minha mãe são os nossos olhos, o meu é um verde-azulado e é também um pouco mais puxado. Ambas temos cabelos ondulados castanho-escuros, embora o meu fosse um pouco mais, quase preto, lábios grossos bem definidos, pele clara e sedosa, até nossa altura é equivalente 1,67m, somos magras, a minha cintura é um pouco mais fina e meus quadris mais largos, não tanto.

De vez em quando, eu pegava alguma roupa emprestada dela, muito raramente mesmo. Só em alguns momentos especiais, tipos festas de amigos dos meus pais, a minha mãe é aquele tipo de pessoa que nunca está casual. Sempre muito bem-vestida em suas roupas de grifes e muito sensual. Até mesmo a roupa executiva que usa no seu dia a dia não deixa de ser sensual. Pois com seus 48 anos ela continua linda com sua aparência jovial.

Os dois têm a mesma idade, o nome da minha mãe é Júlia Vargas Meyer. O sobrenome Vargas ela carrega dos

seus avós brasileiros e fez questão de incluir em meu nome Susie Vargas Meyer, ao qual eu gosto muito, porque sempre admirei tudo relacionado ao Brasil.

— Vai ficar tudo bem, minha querida — disse ela.

Em seguida, levantou-se e segurou em meu rosto, olhando dentro dos meus olhos.

— Primeiramente precisa pensar na sua saúde, depois você explica tudo direitinho para ele, tenho certeza de que ele vai entender e perdoá-la. Vou tomar um banho para tirar esta inhaca da viagem, se arruma também. — Então, beijou minha testa e saiu do quarto fechando a porta atrás de si.

Realmente meu pai tinha razão, o Dr. Giorgi realmente é uma pessoa extraordinária, se dispôs a me atender prontamente, assim que meu pai ligou em seu celular, ele estava jogando tênis e deixou tudo para trás só para atender um pedido do amigo.

Chegamos juntos ao hospital ao qual ele era o proprietário, estava muito jovial, apesar dos seus 50 anos. Fiquei encantada com o seu jeito delicado e cuidadoso de ser, assim que entramos no seu consultório ele veio nos atender com um sorriso estonteante, sabe aquele sorriso feliz em poder ser útil e ajudar?

Como veio de uma partida de tênis, ele usava uma bermuda branca com listas azul-claro na lateral, e uma camisa polo azul com detalhes brancos na gola

combinando com os seus olhos azuis brilhantes e um tênis branco. E para combinar mais com o ambiente hospitalar e com a sua hierarquia, ele vestiu um jaleco branco por cima e pediu desculpas pelo traje. Em seguida, solicitou a enfermeira da recepção que trouxesse mais duas cadeiras, onde acomodou meus pais.

Enquanto o médico distraiu conversando outros assuntos com os meus pais, eu sentia uma forte dor em meu peito, fazendo-me contorcer no lugar. Sempre fui uma pessoa controlada, mas, de repente, ele pareceu desaparecer da minha vida, tudo me incomodava, a cadeira, então... parecia ter espinhos que penetrava na minha bunda doendo à beça, eu não conseguia parar quieta.

Que inferno!

Era uma ansiedade sem fim, estava prestes a enlouquecer, só de pensar que, a qualquer momento, aquele senhor grisalho jogaria aquele olhão azul e iria me questionar sobre os meus problemas.

Cruzava e descruzava as pernas, inquieta, e meu coração batia rápido em meu peito, um medo terrível em ter que contar a minha história e por um momento tudo o que passou pela minha cabeça era pedir licença e sair da sala correndo.

— Então, Susie, você quer me contar o que anda acontecendo com você? — perguntou quando finalmente o

assunto social dos amigos terminou.

Meu corpo congelou, o olhei em silêncio, por um momento não sabia o que dizer nem como começar. Notando minha hesitação desviou para meus pais.

— Talvez vocês dois pudessem deixar eu e a Susie a sós.

Meu pai se levantou prontamente e minha mãe ainda hesitou.

— Tudo bem, querida, vamos aguardar lá fora. — Meu pai segurou em seu braço, quase a levantando da cadeira à força.

— Eu gostaria de ficar com ela... — começou a falar contrariada em ter que sair. Meu pai insistiu com um movimento de cabeça, seus olhos inadvertidamente *se cruzaram com os dela* em uma linha de desaprovação nos lábios, então ela revirou os olhos e mesmo hesitante acabou concordando. Repousou sua mão em meu ombro. — Estamos ali fora, se precisar, me chama. — Assenti em meio aos lábios apertados, apreensiva.

O Dr. Giorgi aguardou até meus pais fecharem a porta do consultório enquanto eu, ficava cada segundo mais nervosa em ter que revelar os absurdos que estava vivendo, *minhas mãos* estavam tremendo e *eu* já não tinha mais controle sobre mim. Em seguida, ele trouxe o corpo para frente, descansou os antebraços, também apertando as mãos, mas sem nenhum tremor. Levantei os olhos

encontrando os dele me estudando e sorriu.

Sua voz calma rompeu o silêncio ensurdecedor:

— Então, não quer me contar o motivo de toda esta angústia estampada em seu rosto. O que de fato está enfrentando? — perguntou ele, atencioso.

Um tremendo frio se instalou em minha barriga. Sentia uma enorme dificuldade de entrar no assunto. De repente, pensei em pedir licença para me retirar. O som da voz da minha mãe me fez lembrar de suas palavras sobre o profissional competente que era.

Balancei a cabeça em negativo.

— Eu não sei... — O Dr. Giorgi estendeu sua mão sobre a mesa e segurou forte na minha, pressionando-a de forma segura e confiante.

Levantei meus olhos e ele sorriu paternal.

— Sei que o fato de ser um psiquiatra muitas vezes assusta as pessoas. Não precisa ter medo, minha jovem. Seja lá qual for o seu problema, eu não estou aqui para julgá-la. Vamos lá, me diga. Eu tenho certeza de que você vai se sentir melhor.

— Na verdade, eu estou confusa, às vezes eu mergulho num mundo desconhecido, muito distante deste em que nós vivemos e...

Ele tinha um jeito muito especial de ser, a forma atenta como me escutava sem demonstrar nenhuma

expressão de crítica, pena, nada, ele simplesmente prestava atenção de verdade. Contei-lhe tudo desde o início, expus todos os meus dramas, o medo que sentia de enlouquecer, foi uma longa conversa privada só entre nós dois.

Depois de tudo que falei, com calma e experiência ele me perguntou sobre os estudos, se eu estava sofrendo algum tipo de pressão. Eu concordei, afinal de contas estava no final do ensino médio e me preocupava em tirar boas notas a fim de ser aprovada.

Então, me deixou mais tranquila ao dizer que tudo que estivesse acontecendo poderia estar relacionado à preocupação excessiva ao qual aumentou a minha ansiedade, enfim, contou-me sobre outras experiências passadas com seus pacientes e que após os exames apurados, medicamentos certos e acompanhamento médico estavam muito bem e levavam uma vida normal.

Suas experiências me animaram, e o que me deixou ainda mais aliviada foi o fato dele dizer que estes tipos de distúrbios não são privilégios meus, acontecem com frequência entre a população e que no meu caso não se tratava de loucura e por esta razão eu não deveria me envergonhar. Inclusive em relação a visão, ele me garantiu que acontece com algumas pessoas quando atinge este estado de descontrole emocional. Eu respirei aliviada, era disto que tinha mais medo.

— Confesso que não queria vir a esta consulta, estava apavorada, mas agora vi que me enganei. Realmente foi muito bom me abrir com o senhor — fui sincera enquanto ele, de cabeça baixa, prescrevia quais exames seriam realizados.

— As pessoas se assustam quando ouvem a palavra psiquiatra, elas logo visualizam a tão famosa camisa de força e os choques elétricos — explicou ele com os olhos no papel e com um sorriso de canto de boca.

— Este talvez tenha sido o meu maior receio. — Estremeci ao visualizar as cenas em minha cabeça.

Ele sorriu com os lábios fechados, o meu pai tinha toda razão, o Dr. Giorgi era uma pessoa fora de série: a preocupação, a atenção comigo, sua simpatia. Ele me conquistou de verdade. Soltou a caneta sobre a mesa e cruzou as mãos, fitando-me.

— Não precisa se preocupar, minha jovem, assim que iniciar o tratamento vai se sentir melhor. Só vamos fazer alguns exames, que podem demorar um pouco para sair os resultados, só para tirar as dúvidas — avisou-me. Diante de tudo o que passei este era o menor dos meus problemas.

— Tudo bem, doutor. — Já me sentia mais animada, com um sorriso no rosto.

Um minuto depois, ele me entregou o papel, solicitando vários exames, entre eles: de sangue,

eletrocardiograma e uma tomografia computadorizada e reservou um quarto ao qual eu pudesse descansar para esperar os resultados.

Apesar de ainda não saber qual seria o final dessa jornada, eu me senti mais leve. Conversar com o Dr. Giorgi me abriu um novo horizonte, ele conseguiu me passar tanta confiança que o medo deu lugar a uma força de superar.

Perdi a noção do tempo enquanto aguardava os resultados dos exames. Meus pais não arredaram os pés da clínica, permaneceram ao meu lado. Só quando minha mãe sentiu tonturas por não ter comido nada, eles desceram para a cantina a fim de se alimentar e eu fiquei ali no quarto aguardando os resultados, impaciente.

A janela do quarto era tão magnificamente grande que ocupava quase toda uma parede na lateral da cama. A persiana totalmente aberta me possibilitava ver a noite lá fora, nem os pontos luminosos das estrelas eram capazes de clarear aquele céu tão negro. Ficar sozinha ali mudou meu estado de ânimo, eu via tudo tão diferente dentro de mim, escurecido, que até os meus olhos não captavam mais as belezas naturais da vida. Ali refletia sobre tudo e me segurava para não pegar o celular na mesa de apoio ao lado da cama e ligar para Molly para ter notícias de sua avó.

Os olhos assustados daquela mulher não saíam da

minha cabeça, porém eu não queria ligar, temia pelo meu estado de saúde. Confesso que sentia uma pontinha de culpa por ela ter adoecido. Tocar nela foi como abrir uma porta lacrada ao qual era proibida a entrada, e agora tinha medo de uma possível punição e a maior delas era atravessar de fato aquele túnel e nunca mais ser possível voltar.

Será que perderia a consciência?

Balancei a cabeça, eu não aguentava mais pensar nisso, os tratamentos iam me ajudar. Pensei confiante. Um barulho na maçaneta da porta do quarto me libertou dos pensamentos angustiantes.

— Com licença. — A jovem enfermeira entrava com uma bandeja no quarto, com um sorriso muito gentil de um lado ao outro no rosto magro.

— Claro! — Ela colocou na mesa de apoio ao lado da cama e preparou uma injeção. — É sério? Injeção? — A minha voz de choro fez com que ela risse.

— Não creio que ainda tem medo de injeção? — zombou ela.

Eu fiz bico.

Ajudou-me a me sentar e passou o algodão encharcado no meu braço.

— Não vai doer, tenho uma ótima mão. — Sua voz segura não me aliviou em nada, sempre fugi de agulhadas.

— Já saíram os exames? — perguntei curiosa enquanto fazia careta quando a agulha atravessou minha pele.

— Eu acho que sim, o Dr. Giorgi pediu que eu aplicasse este relaxante, que logo em seguida ele viria até aqui para conversar.

— Ah, tudo bem.

Como ela informou, logo em seguida ele surgiu à porta com vários papéis em suas mãos.

— Susie, os seus exames já ficaram prontos e não há nada de errado neles. Seu exame de sangue está normal, eletro e tomografia perfeitos. Então, eu presumo que a causa de tudo seja estresse, como você mesma comentou, as provas de final de ano. Então, eu prescrevi este calmante leve para você relaxar um pouco e vou passar alguns remédios que vão ajudá-la a sair desta crise.

— Espero que estes remédios me libertem.

— Eu também, minha jovem. — Ele segurou em meu braço em apoio olhando ao redor pelo quarto. — E seus pais, onde estão?

— Estão na cantina, eles não vão demorar.

— Então é isso, você está de alta. — Ao dizer isso, ele foi em direção a mesinha do outro lado do quarto e sentou-se na cadeira.

Depois do diagnóstico do médico fiquei totalmente

aliviada e esperançosa que finalmente me livraria das visões e sensações. Joguei-me na cama, olhando para o teto enquanto ele se distraiu prescrevendo os medicamentos quando não senti meus braços, tampouco as minhas pernas. Logo, meu corpo formigou seguido de uma sensação de leveza, presumi que era o efeito da injeção.

De repente, tudo recomeçou... a luz, o túnel me puxando com tamanha força que meu corpo arqueou com a força que fiz para permanecer ali. Tudo em vão, novamente, fui para dentro dele. Lágrimas desciam de meus olhos, uma melancolia profunda me tomou à medida que aquelas vozes se aproximavam de mim.

— Doutor? — Um grito abafado saiu de minha boca. Pela primeira vez consegui me manifestar num momento como este. E novamente fui puxada de volta pelas costas, voltando na mesma velocidade. Meu corpo caiu sobre a cama como se eu não estivesse mesmo ali, como se não fosse um delírio, como se tudo tivesse mesmo acontecido, mas nada aconteceu, tudo foi apenas um delírio, tinha ciência que sequer saí da cama. Apenas a minha mente ou minha alma, eu não sabia ao certo, que vagou por aquele túnel infernal.

— Deus! — gritei chorando.

O Dr. Giorgi saltou da cadeira deixando cair a caneta de suas mãos.

Em pânico, eu pedia socorro com os olhos, sufocava,

meu coração parecia arrebentar meu tórax com a força de suas batidas, mas ele parecia precisar ainda mais do que eu. Fiquei assustada com o jeito que ele olhava ao meu lado.

Fixos, seu olhar era de extremo pavor, estático, totalmente em choque, como se ali bem ao meu lado houvesse um grande animal selvagem pronto a devorá-lo. Aquilo me assustou aumentando os meus batimentos cardíacos já fora do controle, revirei meus olhos na direção dos seus, me preparando para o pior.

Capítulo Oito

Não havia absolutamente nada ao meu lado, aspirei, afinal foi um grande alívio, eu nem sei o que esperava ver na verdade, mas aquelas passagens dentro daquele túnel estavam me deixando fora da minha razão e aquilo não poderia continuar acontecendo.

Levei a mão ao peito, a dor havia desaparecido e fiquei intrigada, não apenas consegui reagir como a dor em meu peito foi insuportável, chegou a latejar. Voltei ao doutor, que continuava na mesma posição com a mesma expressão, algo dentro de mim me dizia que ele viu alguma coisa ao meu lado que meus olhos não viram.

Será que viu a garota?

— É impressão minha ou o senhor viu alguma coisa aqui do meu lado? — Virei a cabeça mais uma vez para o local, nada. Eu queria muito uma resposta positiva. Com esperança de não ser a única a estar presenciando coisas inexplicáveis.

Seus olhos injetados no vazio umedeceram, em sua expressão aterrorizada.

— Dr. Giorgi... — insisti mais uma vez.

Sua cabeça se movimentou de um lado ao outro sem desviar o olhar. Virei-me, mais uma vez, me certificando de que não havia nada, ou havia e eu não estava enxergando? — Dr. Giorgi?

— N-não... — gaguejou quando voltei a ele. — Seu estado de nervos estava nítido em seus gestos, elevou o braço direito, seus dedos trêmulos percorreram por dentro dos cabelos grisalhos os levando para trás. — O que eu poderia ter visto... — Ele se abaixou para pegar a caneta no chão, notei que tentava disfarçar.

Quando se levantou, pegou a receita sobre a mesa e estendeu à minha frente com sua mão trêmula mantendo distância como se estivesse com medo de se aproximar da cama.

Levantei-me com a testa franzida.

Algo dentro de mim me dizia que ele viu o que me rodeava, mas sabia que seria perda de tempo insistir. Ele parecia uma pessoa sensata, jamais admitiria que algo que foge a sua formação médica tivesse se manifestado à sua frente.

Então, me senti frágil e desprotegida ali, toda a confiança que adquiri com os resultados dos exames e suas palavras foram por terra. Agora, além de tudo, havia a dúvida da cura que pairava sobre mim, peguei o papel de sua mão muito insegura.

— Tem certeza de que não tem algo a me dizer, doutor? — Fiz mais uma derradeira tentativa na expectativa dele confirmar.

E para a minha frustração ele apenas sorriu, eu nem sei como, porque seus lábios tremiam como suas mãos.

— Receitei alguns remédios, calmantes e antidepressivos, eles irão ajudá-la. — Não senti confiança em seu tom de voz como antes, ele mudou drasticamente, nem parecia mais o médico que me atendeu. Desviou o assunto rapidamente em um sorriso nervoso. — Infelizmente não posso mais ficar, tenho compromissos importantes, despeça dos seus pais por mim, por favor.

— É claro... — respondi totalmente desapontada.

E deu-me as costas e seguiu em direção à porta.

— Doutor... — chamei assim que ele abriu a porta para sair.

Ele parou contrariado, notei sua perturbação e sua cabeça se erguendo. Ele não se virou de imediato, aguardou minhas próximas palavras e eu não disse nada, então ele se virou, mas antes de me responder fixou os olhos no ponto que o incomodava me dando mais certeza de que ele viu algo ao meu lado.

— Sim...

— Quando o senhor prescrevia a receita, eu tive

novamente aqueles delírios e...

— Comece o tratamento ainda hoje que eu tenho certeza de que tudo isso vai passar — desconversou. Então saiu apressadamente do quarto fechando a porta atrás de si deixando um profundo vazio dentro de mim.

Ali toda a estrutura que comecei a construir após o diagnostico ruiu. Fitando aquela porta fechada, eu me sentia dentro de uma areia movediça que me puxava para dentro. Eu sabia que não podia me deixar abater, que para vencer este obstáculo eu precisava ser forte, levantar a cabeça e enfrentar. Percebi que ninguém podia me ajudar, que tudo dependia apenas de mim.

Então, me agarrei na ideia de que aqueles remédios seriam a saída deste mundo sombrio.

A porta se abriu, meus pais entravam me tirando dos meus devaneios.

— Demoramos demais, não? — perguntou mamãe. Neguei com um movimento de cabeça, ela se aproximou, segurou em meu rosto e beijou-o suavemente.

— O Giorgi já passou por aqui?

— Acabou de sair — respondi meu pai, desanimada estendendo os papéis dos resultados em minha mão.

— São os exames? — perguntou, preocupado. Concordei apenas de cabeça.

Ele folhou e mamãe leu junto com ele.

— Graças a Deus, seus exames deram todos normais... — Ela me olhou aliviada. Eu não conseguia esconder a decepção. — Então, por que está com esta carinha, querida? — Tocou em meu queixo e eu franzi o nariz em meio a um pequeno humor.

— É só o cansaço. — Limitei na resposta dando um pulo da cama e fui me trocar. — Agora só preciso tomar os remédios certinho e de uma boa noite de sono. Eu não sei por que não acreditava nisso!

Notei que o meu pai tentava me animar quando pegou a avenida Ocean Drive. Era a mais famosa avenida de Miami de frente para a praia, confesso que ali com a cabeça no vidro do carro apreciei tanta gente bonita e de diferentes estilos desfilando pelas calçadas onde seus bares e restaurantes eram iluminados em néon colorido. Respirei fundo e olhei para o céu, para o brilho das estrelas e me senti um pouco melhor dando credibilidade aos medicamentos que me foi receitado.

Eu preciso acreditar.

Sem fome fui direto para o quarto quando chegamos, sempre atenta, olhando ao redor, com aquela sensação que aquela imagem da garota poderia surgir a qualquer momento e inesperadamente. Abri as cortinas da janela de vidro do chão ao teto que tinha como vista a piscina, deixando a luz de fundo entrar no quarto, quando eu apagasse a luz para dormir, pois lá no fundo eu ainda

estava temerosa. Contudo, repreendi-me, eu não podia passar o resto da minha vida pensando nisso, levantei a cabeça e já fui tirando as roupas no caminho para o banheiro, deixando-as espalhadas pelo chão.

Um banho era tudo o que eu precisava, liguei o chuveiro e entrei, sem nem mesmo esperar a água esquentar. Meu corpo se encolheu ao entrar em contato com a água fria, mas logo ela esquentou me trazendo uma sensação de relaxamento.

Finalmente, eu recuperei o juízo, parei de pensar só mim, os meus pensamentos foram para Molly, a sua vó, me senti envergonhada me sentindo uma egoísta em ser omissa aos seus problemas, justamente ela quem esteve sempre ao meu lado. No mundo real desliguei o chuveiro e saí do boxe, me sequei e, enquanto vestia minha camisola, o celular vibrou sobre o criado-mudo. Pressenti que seria o Johnny, o celular tocou quase o dia inteiro e eu não atendi, sequer pensei em retornar. Mas agora, com a cabeça mais fria, me bateu um remorso: eu teria que pedir desculpas e faria tão logo conversasse com a Molly.

Ela atendeu ao terceiro toque, chorando com sua voz abafada, senti um aperto em meu peito com todo seu sofrimento e eu distante.

— Oi, Susie.

— Oi, amiga! E a sua avó, como ela está?

— Nada bem... — respondeu aos prantos. — está

inconsciente, e eu nem tive tempo de conhecê-la melhor...

— Oh minha amiga, não fica assim, vai? Ela vai sair desta.

— Nem os médicos estão tão certos de sua recuperação.

— Já sabem o diagnóstico?

— Ainda faltam alguns exames, porém já se pensam em morte cerebral, ela não responde a estímulos, estas coisas... — fungou. — Eu não sei explicar direito.

— Amanhã a gente se fala, então. Eu estou aqui torcendo e firme e forte na oração pela sua avó.

— Obrigada, você sempre é uma ótima amiga.

— Estamos juntas, viu?

— Eu sei amiga... — ela respondeu. — O Johnny ligou para mim, pedindo desculpas pelo comportamento dele e disse que seu pai está à disposição para nos ajudar e ainda falou que seus pais voltaram de viagem. Aconteceu alguma coisa?

Eu não podia sufocá-la com mais problemas.

— Eles estão bem... só resolveram antecipar o retorno — tentei ser casual e acredito que não foi o suficiente.

— Tem certeza, Susie? Eu não senti firmeza na sua resposta.

— Tenho sim... — murmurei por fim. — Vou desligar, amanhã temos que acordar cedo.

— É verdade, eu tinha até me esquecido das aulas.

— É a última semana, graças a Deus...

— Estou sem cabeça... — ela respondeu e eu não tive coragem de dizer que nem eu tinha.

Nos despedimos, apaguei a luz e me joguei na cama, crente que os medicamentos me ajudariam relaxar... Bem, de certa forma sentia meu corpo mole, bocejando muito. Porém, em minha mente nada mudou. Os turbilhões de pensamentos permaneciam presentes causando uma confusão enorme dentro de mim, tentei fechar os olhos e também não deu certo. Eles pareciam ter areia, era humanamente impossível mantê-los fechados, e ao abri-los novamente, tudo dentro e fora de mim era estranho. Até as sombras se movimentando com os balanços dos galhos da árvore do quintal me atormentaram.

Foi uma luta até o sono me vencer.

— Socorro!

Meu coração pulou em meu peito com o grito.

Era um grito longe, distante, tão fraco que pensei que talvez fosse o próprio eco das batidas do meu coração, que eu ainda estivesse no mundo dos sonhos.

— Socorrooooo!

A minha esperança acabou com o novo grito e, desta

vez, mais profundo, de uma dor intensa, novamente a voz aflita me despertou de vez.

Sempre a mesma voz.

Olhei para a janela, os raios do sol forçavam o vidro do quarto. Saltei da cama em pânico, abri as janelas e o sol entrou junto com a brisa da manhã, refrescando meu corpo em chamas. Abri meus braços e arqueei a cabeça, o sol batia em meu peito entrando em meu coração, acalmando-o.

— Você precisa me ajudar... Por favor!

Engoli com força para descer o nó que surgiu em minha garganta. Eu não queria acreditar que aquilo estaria se repetindo, não tinha coragem de me virar com a certeza de que ela estava ali bem atrás de mim.

Fechei meus olhos, apreensiva.

E agora, e agora...

E fiquei ali com os braços abertos, o sol batendo em meu peito por algum tempo. Pensando no que fazer, se me virava ou não! Ela falou comigo, isso queria dizer que estava ali no quarto.

O que é ela? Um fantasma ou um delírio de uma mente doente?

Eu já nem sabia mais distinguir o real e surreal. Eu me sentia presa entre dois mundos. Precisava dar um basta nesta situação enquanto ainda havia tempo.

Fiquei apavorada, ao ouvir passos no corredor se aproximando e, em seguida, a maçaneta da porta girou.

— Quem está aí? — berrei a plenos pulmões sem me virar.

— Sou eu, filha! — A voz assustada da mamãe me preencheu de alívio, me virei e me joguei em seus braços, porém sem chorar. Não havia mais o que chorar, pois todo o estoque havia se esgotado, somente apertava seu pescoço uma forma de me sentir segura.

— Mãe... — Deitei em seu ombro enquanto ela acariciava meus cabelos sobre as costas.

— Está tudo bem, querida, acalme-se.

"Não, nada estava bem, nem havia como se acalmar, as sensações aos poucos deixavam de ser sensações e passaram a quase físico", pensei apenas, não comentaria sobre a visão que tentava se comunicar comigo.

— Aguente firme, *querida*, vai passar. Só precisa ter um pouco mais de paciência. — Era o que eu queria ter, paciência. Me afastei o suficiente e olhei em seus olhos.

— E se não passar, e se eu estiver condenada a viver com isso pelo resto da minha vida, e... — Ela me abraçou forte, me interrompendo.

— Não diga bobagens, menina. É claro que vai passar. Você já tomou os remédios hoje? — perguntou.

— Não... vou tomar agora. — Suspirei fundo me

afastando.

Fui até a cômoda, abri as caixas dos medicamentos. Ela me seguiu e se postou ao meu lado, observando enquanto eu colocava o comprimido na boca, em seguida servi de um copo de água da garrafa que já havia deixado ali e tomei num único gole. — Espero que o tratamento funcione — disse olhando em seus olhos ao meu lado.

Ela sorriu colocando uma mecha do meu cabelo, que caía sobre meu olho.

— Eu não tenho dúvidas, minha filha. É só fazer o tratamento corretamente, tomar os comprimidos no horário. — Pegou a caixa e verificou as anotações na caixa deixada pelo farmacêutico. — É um por dia, então o próximo é só amanhã cedo.

Concordei com a cabeça e percebi que ela esperava que eu lhe contasse alguma coisa, afinal minha aparência não estava das melhores. Olhei para o espelho em frente à cômoda e me assustei comigo mesma, havia uma profunda olheira e ainda por cima estavam inchados, minha pele estava mais branca do que cera.

Eu não gostei de me olhar no espelho, me deixou desanimada. Soltei o ar com força e segui rapidamente para o banheiro, um banho ajudaria com certeza e também não podia me atrasar nesta última semana de aula devido a duas matérias ainda para fechar. Mamãe me seguiu com os olhos.

— Você pretende ir para aula? — perguntou antes de eu entrar no banheiro.

Virei-me no calcanhar.

— Eu não tenho escolha: tenho prova hoje e amanhã — respondi sem nenhum ânimo e entrei no banheiro, tirei a camisola e abri o registro levando a mão sobre a água caindo, aguardando esquentar.

— Talvez o mais recomendado seja entrar em contato com a escola, explicar que você está em tratamento — sugeriu entrando no banheiro e encostou-se à bancada de mármore branca de modo que ficou de frente para mim dentro do boxe.

Com a cabeça erguida, senti o jato de água morna sobre meu rosto, na esperança de melhorar minha aparência.

— Está tudo bem, mãe. — Olhei em sua direção. — Vai me fazer bem sair um pouco, conversar, pelo menos vai manter minha mente ocupada.

Seus lábios se abriram, hesitante eu falei antes dela questionar.

— Já ouviu falar que mente vazia é a oficina do diabo... — Finalizei com muito humor e ela riu, compreensiva.

— Se você acha que vai ser melhor... — Deu de ombros levantando as mãos e soltando-as sobre as coxas.

— Então, eu apoio você. Mas, olhe — alertou-me antes de sair do banheiro. —, estarei no restaurante e, por favor, me ligue quando sentir necessidade.

Concordei com a cabeça.

Eu tinha algum tempo ainda, a água morna do chuveiro era restauradora, mas o receio me obrigou a sair logo do banheiro. Ficar sozinha era tudo o que eu não queria.

Abri o armário para pegar uma roupa, quando a vibração do celular roubou minha atenção. Pelo identificador vi que era uma chamada perdida do Johnny, ele deve estar ansioso para saber de mim, coitado! Além de deixá-lo na mão, ainda me afastei sem notícias. Uma forma cruel de agir, eu não queria que fosse assim, mas infelizmente esta era a minha realidade. Sem condições de questionamentos eu desliguei o aparelho, jogando-o sobre a cama e corri para me trocar.

Peguei minha calca jeans clara, uma camiseta lisa em decote V, justa ao corpo, e um blusão branco de malha e amarrei na cintura. Vesti um tênis branco sem marca alguma e carreguei um pouco na maquiagem, especialmente na base abaixo dos olhos para esconder as olheiras. Apliquei um rímel nos longos cílios o que ressaltou meus olhos verde-azulados sobrepondo à olheira, um batom cor de boca e um pouco de blush rosado para tirar aquela aparência de cadáver e que

completou meu visual. Dei uma voltinha em frente ao espelho com um sorriso satisfeito nos lábios, bagunçando meu cabelo para dar um toque bem casual para combinar com meu estilo básico.

Ufa!

Básico até demais aos olhos da minha mãe.

Aquele jeito simples casual de me vestir rendeu-me boas críticas por parte dela, ela não se conformava com a forma que eu saía pelas ruas com tantas roupas lindas de marcas famosas no meu armário. Detalhe: todas compradas por ela.

Foram muitas discussões e brigas até grosseiras. Tudo pelo fato dos bens materiais não fazerem muita parte do meu dia a dia, minha mãe quer morrer com isso.

Ela entrou em pânico quando entrei na cozinha para tomar o café da manhã, seus olhos percorreram meu corpo de cima a baixo com nítida insatisfação. Revirei os meus ignorando-a, já sabia que ela iria despejar um caminhão de bobagens sobre mim.

E para a minha surpresa, apesar do olhar crítico e furioso ela não disse nada. Meu pai sentado ao seu lado levou um pedaço de pão à boca e deu um sorrisinho humorado. Ele não concordava com aquela mania da minha mãe em querer que eu me vestisse como uma princesa real, mas também procurava não questionar, conhecia sua fúria sempre a ser contrariada, então ele

levava na esportiva me deixando sozinha dentro da caixa de vespa.

Antes de me sentar fui até a geladeira pegar um copo de leite frio e ela se levantou em seguida para pegar uma bandeja de frutas sobre a pia. Nós duas movíamos pela cozinha sem nos falar, como em uma dança silenciosa; enquanto eu fechava a geladeira, ela colocava a bandeja sobre a mesa.

— Sua mãe me contou que você vai à aula, hoje — questionou meu pai passando manteiga na outra metade do pão quando me sentei na cadeira à sua frente.

— Não posso faltar, pai... Acho que vai até me fazer bem, me distrair. — Repeti o que tinha dito a mamãe. Ele ergueu os olhos e concordou, desviou para minha mãe. Como sempre, ela não perdeu a chance.

— Acho que uma roupa melhor ajudaria a levantar seu astral — começou ela. Eu logo a interrompi.

— Ah, mãe, não começa.

— Tudo bem... — concordou na defensiva com os braços erguidos.

— Eu concordo com você, precisa mesmo esfriar a cabeça... — Sorriu carinhoso, sem se importar com a cena da minha mãe, já estava acostumado, todos já estávamos.

— Desculpe, meu amor, eu, às vezes, sou uma chata mesmo.

— Até que enfim você reconheceu — disse meu pai com humor, ganhando um olhar furioso da mamãe.

— Seu engraçadinho... — Cerrou os olhos tipo "depois a gente conversa!".

Respirei fundo, com pesar, tudo o que se passava ao meu redor conseguiu até tirar o meu senso de humor.

Joguei-me sobre o encosto olhando para o copo de leite sobre a mesa sem fome alguma, pensando no médico, seu olhar aterrorizado ficou impregnado na minha cabeça.

— Pai?

— Sim — Ele repousou a xícara de café na mesa e me encarou.

— Você conhece bem o Dr. Giorgi, né? — Ele confirmou com um movimento de cabeça.

— Jogávamos tênis quando éramos adolescentes — Suspirou com olhar saudoso. — quando a coluna não me impedia de praticar o esporte.

— Ficar velho é isso. — A expressão vingativa da mamãe fez todos nós rirmos ao mesmo tempo.

— E qual o motivo da sua curiosidade, não gostou dele? — Sua expressão estava muito curiosa, enquanto mamãe, tomando seu café, olhava por cima dos olhos. Balancei a cabeça, negando.

— Gostei muito, é claro. Ele expos vários casos semelhantes ao meu e com sucesso no tratamento.

— Conheço algumas pessoas do nosso rol de amigos que se consultaram com ele e o recomendaram.

— Quanto a isso eu não tenho dúvidas, ele me passou uma ótima impressão, além de me tranquilizar, saí de lá repleta de esperança de melhoras. — Eu fazia rodeios sem conseguir entrar no assunto que pretendia.

— Por que não vai direto ao assunto, Susie? — interveio mamãe, repousando a xícara sobre a mesa. Ela me conhecia bem.

Baixei os olhos por um instante então respirei fundo e criei coragem.

— Por acaso, em meio a uma conversa... — Ele ergueu a sobrancelha achando graça do meu receio, mas ficou em silêncio aguardando eu concluir. — Assim...— *Ai, Jesus me ajude!* — É... já ouviu ele comentar sobre ver coisas... — Na verdade, o meu medo vinha da mamãe com aquele olhar crítico de dar medo.

— Você está falando de almas? — perguntou ela diretamente de forma cética. Corei no mesmo instante. Com o meu silêncio ela continuou: — Isto não existe, minha filha.

— Como você pode saber? — retrucou papai e voltou a mim e segurou em minha mão ao lado do copo de leite, intocado, ela revirou os olhos bufando.

— Uma ou duas vezes ele tocou neste assunto sim —

confirmou. —, inclusive ele confidenciou sobre ter uma coisa que as pessoas chamam de mediunidade. — Aquela notícia acendia dentro de mim uma certeza, ele viu alguma coisa ao meu lado, é claro que viu! — Mas parece que os pais dele na época o convenceram a esquecer esta história, enfim, pelo que eu saiba, ele não foi a fundo.

— É claro que não foi a fundo, simplesmente porque este tipo de coisa não existe. — Minha mãe nos assustou batendo sobre a mesa com as duas mãos, nitidamente insatisfeita. — E pare de colocar coisa na cabeça da menina, daqui a pouco ela vai acreditar que o problema dela é espiritual. — Então se levantou e levou sua xícara para a pia.

Enquanto eu fiquei ali, em silêncio, pensando se marcaria uma outra consulta, era muito importante para mim a sua confirmação. Um sim significaria que eu não encaminhava para a loucura. Balancei a cabeça para dissipar tudo aquilo.

Mas o que eu estou pensando?

É claro que eu não ia entrar nessa, precisava crer que era apenas uma fase e com um bom e disciplinado tratamento eu sairia daquilo. E foi nisso que resolvi me apegar, levantei e peguei meu material na cadeira vazia ao lado.

— Você nem tocou no leite — alertou meu pai, preocupado.

— Como algo na escola, estou sem fome agora. — Beijei meu pai e, em seguida, minha mãe que parou de lavar a louça para me beijar.

— Deus te acompanhe, minha filha.

— Amém. — E saí apressada olhando no relógio em meu pulso, estava em cima da hora.

Parei o carro no estacionamento da escola, vários alunos me olhavam questionadores.

Imaginei que pelo fato de terem esperado o convite da festa do meu aniversário, que não veio. Pois a Molly havia espalhado a todos que os meus pais liberaram a casa. Eu procurei não encarar ninguém para evitar o assunto, eu não estava com a mínima condição de explicar, tampouco inventar alguma desculpa que julgasse convincente.

Sentia minhas pernas moles, minha cabeça pesada e meus pensamentos um pouco mais lentos, os efeitos colaterais dos remédios me incomodavam um pouco. Mas eu ergui a cabeça para manter-me forte e em pé, louca para encontrar a Molly. Eu tinha problemas, mas considerava o dela ainda maior do que o meu e precisava oferecer meu ombro, ela estava muito abalada ontem quando conversamos ao telefone.

E onde ela está que não me ligou ainda?

Peguei o aparelho na lateral da mochila sobre o

banco e constatei que estava desligado, lembrando-me que o desliguei ao sair do banho. Suspirei fundo com a intenção de ligar para ela, mas o coloquei novamente no bolso. Com certeza, ela estaria na escola, não ia se arriscar faltar na última semana, ainda mais que ela, como eu, estava com problemas em duas matérias, só que não eram as mesmas.

Pendurei minha mochila em meu ombro e caminhei pelo estacionamento com passos apressados procurando não olhar os alunos diretamente nos olhos, só dando um "oi" rápido aqui e outro ali. Molly entrava pelo portão, de cabeça baixa, perdida num mundo de tristeza e dor.

As pessoas olhavam para ela com estranheza, decerto sentindo falta do seu sorriso radiante e luminoso rotineiro e do seu jeito carismático de ser. Seu olhar hoje não tinha nada de expressivo, e ela parecia querer esconder seu sofrimento andando com a cabeça baixa.

— Molly... — chamei, em tom alto. Ela ergueu a cabeça tão devagar como se não aguentasse seu peso e me lançou um olhar tão desconsolado que cortou o meu coração. Corri ao seu encontro e logo ao me aproximar suas lágrimas desceram em cascata por sua bochecha.

— Como vai a sua avó? — quis saber caminhando ao seu lado, ela fungou secando as lágrimas com as costas das mãos.

— Na mesma... — disse simplesmente em passos

rápidos como se não quisesse conversar. A tristeza em sua voz me deixou abalada, sofri junto com ela colocando a mão em seu ombro.

— Espera um pouco, vamos conversar. — Molly fechou os olhos e parou antes de subir o primeiro degrau. E ao abri-los fitou-me por uma fração de segundo antes de revirá-los.

— Eu não consigo pensar no que falar, amiga. — Ela fechou os *olhos* e balançou a cabeça, completamente *inundada* por uma súbita *tristeza,* e aquilo cortou meu coração. Segurei em sua mão e apertei. — Passei a minha vida sonhando em conhecer o meu pai. E quando sou presenteada com esta dádiva, eu descubro que tenho uma avó, uma senhora encantadora que eu mal tive tempo de conhecer, é devastador ao meu coração que sempre foi paciente.

Ela desabou ao terminar de falar, meu coração se apertou, mais uma vez.

— Vem, vamos para a sala... — sugeri quando alunos paravam curiosos vendo a Molly chorar.

Subimos em silêncio e entramos na sala, alguns alunos conversavam em suas carteiras. A Molly praticamente jogou o material sobre a mesa e, quando se sentou, debruçou sobre ela baixando a cabeça e escondendo seu rosto. Eu me sentei na carteira à sua frente e virei-me e acariciei seus cabelos.

— Eu sinto muito por tudo isso, mas se Deus quiser ela vai sair desta e vocês ainda serão grandes amigas você vai ver — garanti incerta sentindo um calafrio descer por minha espinha. Imediatamente visualizei a cena daqueles olhos aterrorizados sobre mim como se eu fosse um monstro jamais visto, aliás, estes olhares já estavam me deixando intrigada. Balancei a cabeça para bloquear aquele pensamento. — E a sua mãe, o que ela diz de tudo isso?

Ela emergiu os olhos fixando nos meus.

— Minha mãe é uma incógnita. Quando eu falo com ela sobre este assunto, ela se mostra indiferente. Parece até que estou falando com as paredes, sabe?

Grunhi, confusa, e ela continuou:

— E quando está sozinha, ela age de uma forma completamente diferente, eu não entendo... — Jogou o corpo sobre o encosto, soltando o ar em total exaustão. — Queria muito entender a minha mãe, sabia? — Seus olhos se distanciaram. — Ontem, quando passei no corredor, a porta do quarto dela estava aberta, ela chorava muito.

— E por que ela estava chorando? — questionei ainda confusa.

Eu não entendia onde Molly queria chegar, mas aquele assunto de alguma forma me interessou e muito.

Ela grunhiu voltando seu olhar ao meu.

— Ela pensa que eu não sei, mas está enganada! Sei muito mais do que ela possa imaginar. — Apertou os lábios.

Por um momento, seus olhos ficaram vermelhos e estranhos, me deixando arrepiada.

— Está me assustando. — Estremeci, sentindo um arrepio pelo corpo.

Ela balançou a cabeça com um leve sorriso, arrependido.

— Me desculpe, é um assunto familiar e eu não deveria falar isso com você. — Balançou a cabeça e pegou a mochila pendurada na cadeira, abriu o zíper e tirou seus objetos escolares colocando em cima da carteira.

Percebi que ela encerrou o assunto, no entanto eu fiquei engasgada.

Queria saber mais. Como se precisasse e, por fim, após olhá-la alguns momentos, sorri disfarçando minha frustração e me virei para frente, ouvia suas fungadas em minhas costas, fechei meus olhos para reprimir a vontade de me virar, talvez se eu insistisse um pouco mais.

— Sua tratante! — A voz estridente de Ariel doeu em meus ouvidos tirando-me dos meus devaneios.

Levantei a cabeça, e sorri tipo: “Não sei do que está falando!”. Seus olhos azuis se estreitaram. E suas mãos

foram parar na lateral de sua cintura arredondada.

Eu nem havia percebido que a professora já se encontrava à sua mesa, preparando suas coisas para o início das aulas e nem os burburinhos dos alunos entrando e os sentados ansiosos com a última semana de aula.

— Fiquei esperando o telefonema da festa e nada. O que aconteceu? Resolveu me cortar da lista de amigos?

Ri fraco balançando a cabeça.

— Imagina! Não passei bem o final de semana e acabei que nem fiz festa alguma — elucidei.

Minha cara chateada mudou a expressão dela, seus olhos azuis claríssimos como a camiseta que vestia brilharam num sorriso consolador.

— É mesmo?! Que chato! Está melhor? — perguntou, preocupada.

— Estou bem agora, obrigada!

— Então tá, deixa para a próxima — disse ela, cortando o assunto.

Eu concordei com a cabeça, ela se virou e seguiu pelo corredor em direção a sua mesa e retornou.

— Ah! Eu estava me esquecendo de te falar. — Inclinei minha cabeça para trás, fitando-a. — O Johnny está lá na portaria esperando você chegar. — Minha cara era de absoluta surpresa.

Normalmente eu chegava em cima da hora, isto quando o portão já estava fechado e era uma expert em sedução por meio de palavras para convencer o servente a me deixar entrar.

— Pelo jeito, você não o atendeu ao celular, acertei? — A voz repreensiva de Molly soou em minhas costas e eu me virei com olhos apertados. — Não adianta se fazer de desentendida. Pensa que já não reparei que nos últimos tempos você anda evitando o coitado.

Franzi minha testa surpresa com seu gesto de proteção. Achei esquisito, afinal os dois viviam se estranhando, muito mais o Johnny com ciúmes dela comigo, pelo fato da gente passar muito tempo juntas. Mas a implicância dele era porque ela não tinha namorado e gostava de flertar com vários garotos ao mesmo tempo e com seu jeito meigo de ser atraía uma porção deles.

Ela vivia dizendo que faria como a sua mãe: não se amarraria a homem nenhum. E desde que a conheço, eu nunca soube se sua mãe teve um namorado, e por esta razão sempre era hostil e recebia o mesmo tratamento por parte dela, afinal a Molly era daquelas pessoas que não levava desaforo para casa, ela não tinha papas na língua.

— Não é nada disso — menti tentando ser natural, enquanto pegava o aparelho em minha bolsa e levantei até os olhos. — Está desligado.

Ela balançou a cabeça, incrédula.

— Acho que acabou a bateria — concluí apertando o botão, suspirando silenciosamente quando o aparelho não ligou. — Eu não falei? — O joguei na bolsa novamente e me virei para frente.

Enquanto prestava atenção na explicação da professora, meus pensamentos vagaram e sem que percebesse tudo recomeçava, então reprimi de imediato.

— Não! — um grito escapou dos meus lábios. Segurei nas bordas da mesa e corei com tantos olhares sobre mim.

A professora veio em minha direção e parou em minha frente, estudando meu rosto.

— Você está bem, Susie? — Concordei apertando os lábios para segurar o choro, farta de tudo aquilo. — Está pálida! Acho melhor sair um pouco para respirar ar fresco — sugeriu e eu neguei.

— Está tudo bem, professora. Eu ainda tenho dúvidas em algumas matérias sobre a prova.

Ela fitou-me, incerta.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Ela ficou me olhando por mais alguns instantes até que voltou ao quadro.

— Está acontecendo alguma coisa que não me contou? — Molly cutucou minhas costas.

— Se precisam conversar, por favor, conversem lá

fora — pediu a professora educadamente.

Eu fiquei quieta e a Molly fungou o tempo todo em minhas costas.

Não foi fácil permanecer em sala com tantos olhares curiosos sobre mim, mas de alguma forma até que foi bom, porém ocupou minha mente não dando vazões para delírios infundados que estavam se tornando chatos.

Foi um tremendo esforço descer os vários degraus até o refeitório, escolhi uma mesa ao fundo, tirando os atendentes que serviam as refeições e era a única ali. Cruzei os braços sobre a mesa e deitei minha cabeça sobre eles.

Eu estava estranha e não conseguia pensar direito.

Na verdade, não pensava em nada, eu parecia estar anestesiada. Não era exatamente uma sensação ruim, mas o suficiente para me deixar sem vontade de nada. Eu não queria falar, só queria ficar ali no meu cantinho e nada mais.

— Dorminhoca! — Minha cabeça estava tão ausente que pulei com o sussurro do Johnny ao meu ouvido.

Levantei a cabeça e sorri fraco do mesmo jeito que me sentia.

— Pelo jeito, não dormiu! — Sua voz era irônica, enquanto se sentava debruçando sobre a mesa e cruzando as mãos sobre ela.

Preparei-me para as cobranças.

— Eu até achei que tivesse capotado mesmo, afinal não me atendeu ontem — reclamou com voz dura.

Cerrei meus olhos estendendo minha mão sobre a mesa até meus dedos tocarem os dele. Quero dizer, tentei, porém suas mãos deslizaram para fora da mesa.

— Me desculpe, Johnny, ontem realmente foi muito difícil para mim. Bem, não preciso explicar, você testemunhou.

Uma expressão de arrependimento surgiu em seu rosto. Estendeu a mão para segurar a minha, enquanto seus olhos repassaram pelo meu rosto.

— Me desculpa! Eu... eu sei, é que me deu uma tremenda insegurança, sabe? — Sorri compreensiva, sabia exatamente sobre o que ele estava falando.

— Está desculpado — falei com sinceridade.

Uma linha se abriu em seus lábios num sorriso envergonhado.

— E o que aconteceu? Aquela crise que teve... Confesso que *fiquei* assustado... — ele *começou a falar* com a voz baixa e insegura, porém o *interrompi*.

— Passei o dia inteiro na clínica passando por exames — minha voz sumiu de repente e respirei fundo para continuar. — Estava me sentindo um robô, tanto no aspecto físico como mental, estava muito lenta. Fiz um

esforço incomum para terminar a frase.

Ele sorriu.

— É... percebe-se, está falando mole...

— E sonolenta também — falei em meio ao sorriso preguiçoso. — Acho que preciso ir para casa. — Arrastei a cadeira a fim de me levantar e me atrapalhei toda sem a mínima noção do que estava fazendo, a cadeira caiu para trás e eu quase caí com ela.

Johnny rapidamente se pôs atrás de mim, me segurando.

— Está "malzona" mesmo... — concordou ele, ajudando a me sentar novamente.

— Andou bebendo, Susie? — Molly entrou zombando ao ver a cena ao entrar no refeitório. Eu nem me dei conta de responder, estava fora da minha razão.

— Fique aqui com ela, Molly, vou buscar um copo com água fresca. — E saiu correndo em direção ao balcão.

Molly se sentou à minha frente e segurou em minhas mãos.

— Me desculpe lá dentro, eu não queria ser grosseira com você. Acontece que estou chocada com a minha avó, internada... e a minha mãe... — pausou e seu olhar se distanciou, pensativa, sempre assim quando falava de sua mãe. — Meus problemas não vêm ao caso, agora. Me fale

de você, o que está acontecendo?

Pensei um pouco, se deveria mesmo me abrir com ela, porém eu precisava compartilhar, e ela, como a minha melhor amiga, era a pessoa ideal.

— Depois daquela noite horripilante quando seu pai esteve lá em casa... — Ela assentiu com a cabeça, apenas, em silêncio. — Aquelas coisas estranhas continuam. E aos poucos ficam mais fortes, quase real, entende? — Mesmo com medo da sua reação por ser uma pessoa descrente eu continuei, porque precisava fazer isso.

Ela balançou a cabeça em negativo.

— Novamente com esta história, Susie? — Estremeci com seu tom de advertência que soou alterado chamando a atenção de alunos nas mesas ao redor e outros que estavam se aproximando. Apertei meus olhos e ela percebeu meu constrangimento, debruçou um pouco mais a mesa a fim deles não escutarem a gente.

— Não, eu não entendo.... Precisa esquecer isso, amiga! Estas coisas não existem. E outra, mesmo se existisse como poderá lidar com isso? Conhece muito bem a minha opinião, não se abre uma porta se não é capaz de fechá-la. — Concordei com ela hipoteticamente, pois tudo em torno de mim me levava a este caminho. — Eu odeio este tipo de assunto, me dá arrepios. Prefiro mil vezes viver o real do que o sobrenatural, espiritual sei lá como posso chamar!

— E você acha que eu não? — indaguei com a voz embargada do jeito enfático e cético dela.

Comovida ao perceber minha reação, ela veio se sentar na cadeira ao meu lado, eu deitei em seu ombro amigo.

— Realmente aquele dia na sua casa foi inesquecível, notei que estava com problemas. Mas olha! — Ela inclinou a cabeça fitando meus olhos. — Você deve estar estressada, afinal, com as últimas provas, até eu fiquei. — Concordei apenas com um movimento de cabeça. Realmente as matérias nos deixou com os cabelos em pé. Passei algumas noites em claro estudando. — Tudo isso deve ter abalado o seu emocional, é apenas isso — quando ela concluiu, eu levantei a cabeça e respirei fundo.

— Não pense mais nisso, ok? — ela pediu carinhosamente e eu confirmei com a cabeça engolindo com força para descer o nó que se formou em minha garganta. Vi que perderia meu tempo em comentar sobre o Dr. Giorgi. — Acho que está precisando buscar ajuda médica — ela foi sincera.

— Pois é, ontem meus pais me levaram até a clínica de um amigo.

Seus lábios se abriram pasmos.

—E aí, qual foi o diagnóstico?

— Fiz vários exames e não deu nada... — disse farta.

— Eu não sei se agradeço por não ter nada grave ou se choro de tristeza. Sinto-me estranha...

— Ele deve ter passado algum medicamento, então.

Concordei com a cabeça.

— Então é por isso que está deste jeito, falando mole. No mínimo, ele receitou antidepressivos e calmantes, sei como é isso, minha mãe já fez este tratamento e ela ficou alheia ao mundo. — Estremeceu.

Mas ela tinha razão, era mesmo pavoroso viajar na maionese.

— Toma a água. — Johnny entregou o copo, olhando-me com inquietação. — Eu vou levar você para casa — ofereceu enquanto eu bebia da água e coloquei o copo sobre a mesa.

— Então, vamos agora! Eu preciso deitar um pouco. — Minha voz saiu com um pouco mais de urgência.

— Eu acompanho vocês até a portaria — ofereceu Molly se dependurando no meu braço.

— Eu faço isso sozinho — esbravejou ele entredentes.

Ela fez careta sem se importar com a sua contrariedade.

— Queira você ou não, eu vou ajudar — Molly retrucou debochando.

Johnny revirou os olhos, mas não disse mais nada, sabia que a Molly era um poço de teimosia. Segurou minha cintura me guiando em direção à portaria. Alguns alunos decepcionados cobravam sobre a festa durante o percurso, quem respondia era a fofa da Molly, que me emocionou. Apesar dos seus problemas, ela ainda tinha tanta disponibilidade.

Eu comecei a me sentir ridícula, primeiro a minha mãe e agora a minha melhor amiga. Com o balde de gelo que jogaram sobre mim cheguei à conclusão de que o melhor a fazer era ocultar os meus problemas e torcer para o tratamento fazer efeito o mais breve possível.

Johnny rosnou qualquer coisa que não entendi, Molly soltou um grito estridente soltando do meu braço correndo em direção ao portão em direção a um carro esporte na cor preta estacionando em frente à portaria do colégio.

Johnny parou a alguns metros do portão, agarrando-me com mais força pela cintura, preocupado.

— O que foi? —perguntei confusa com a reação.

— Me deixaria muito feliz se não fosse até lá. — Acenou com a cabeça em direção ao carro.

Vestido de maneira casual, numa calça preta e uma camisa de manga longa dobrada até o cotovelo e um boné sobre a cabeça, Flávio desceu do carro abraçando a Molly com carinho. Mesmo a distância era possível ver sua expressão infeliz, o me que causou uma enorme pena.

— Larga de bobagens, Johnny... — repreendi-o, voltando aos seus olhos abalados e beijei seu rosto. — Não há motivos para todo este ciúme — garanti apertando sua bochecha, ele sorriu antes de apertar os lábios com força.

— Eu tenho tanto medo de perder você. — Beijou levemente meus lábios. — E o pior é que cada dia que passa sinto que você se distancia mais de mim. — Inalou todo o ar para seu pulmão levando a minha mão até a sua face e fechou os olhos. Acariciei.

— O Flávio é só pai da Molly, você sabe o quanto ela sofreu por não ter um pai e agora que ela o encontrou acontece uma fatalidade com a sua avó. Eu preciso dar uma força.

— Precisa cuidar de você primeiro — alertou-me, preocupado.

— Eu estou bem... Quero dizer, vou ficar bem — corrigi desviando a atenção para a Molly gritando meu nome.

Johnny bufou totalmente insatisfeito.

— A Molly faz isto para me provocar — contestou num tom mais baixo somente para eu ouvir.

— É claro que não, precisamos ir até lá, dar um "oi" — Me senti melhor depois de tomar a água, minhas pernas firmaram. —, ele foi muito receptivo, solícito em sua

casa, e está precisando de apoio neste momento. — Ele revirou os olhos enquanto me afastei indo em direção a pai e filha.

Johnny hesitou um pouco, mas, por fim, me seguiu.

— Como vai, Flávio? — Meu coração se apertou com suas lágrimas descendo em cascatas de seus olhos inchados de quem passou o dia chorando. Olheiras profundas davam-lhe um aspecto de sofrimento profundo.

— Na medida do possível — respondeu secando o rosto com as costas das mãos, embora não adiantasse com as lágrimas caindo freneticamente. Jogou as costas sobre o carro, cruzou os braços e olhou para o céu a fim de disfarçar.

— O médico não deu notícias otimistas — interveio Molly entrelaçando seus braços ao redor do seu pescoço e choraram, pai e filha. Eu não consegui me segurar e chorei também. Até o Johnny que se fazia de durão fungou atrás do meu pescoço. Ele fez questão de ficar grudado me prendendo pela cintura com o rosto sobre meu ombro olhando para Flávio como uma ameaça.

— Eu sinto muito. — Repousei a mão no ombro da Molly demonstrando conforto.

Ela se soltou e fitou meus olhos, evitando olhar para o Johnny, parecendo um cão de guarda.

— A verdade é que o médico não deu esperanças

para a minha mãe, então achei melhor transferi-la para um hospital em São Paulo, assim ela pode morrer a perto da família.

— Uma atitude muito nobre — elogiei.

— Meu pai está me convidando para ir ao Brasil com ele — falou Molly, com as palavras entrecortadas.

Ele concordou oscilando o olhar para mim e Johnny que, até então, não esboçou nenhum comentário.

— Ele gostaria que você nos acompanhasse, já que estamos quase entrando de férias — Molly disse num fio de voz com os olhos em Johnny.

Ele se afastou bruscamente e segurou forte em minha mão, tão forte que chegou a me machucar, puxei a mão encarando-o com fúria por sua atitude infantil.

— Bem, foi uma sugestão. Você pode aproveitar para conhecer o país de origem da família da sua mãe — explicou com os olhos em Johnny, bufando.

— Eu não sei — respondi com sinceridade.

Senti calafrios pelo corpo com a possibilidade de me afastar dos meus pais, principalmente agora com todas as perturbações.

— Por favor, Susie! Você é minha amiga, vai ser muito importante a sua companhia — implorou Molly, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— E eu como fico nesta, não existo aqui, é isso? —

Johnny cruzou os braços na altura do peito, fuzilando a Molly com os olhos.

Ela apenas deu de ombros.

— Você está convidado também — amenizou Flávio, gentilmente.

Mas Johnny ficou irredutível.

— Não, obrigado! — agradeceu secamente. — Eu não sei por que, mas acho que estou sobrando no meio desta conversa.

E se afastou.

— Johnny... Johnny — gritei. Ele não respondeu, atravessou a rua para o outro lado do colégio.

— Vai lá com o seu namorado, depois a gente conversa — aconselhou Flávio, compreensivo.

— Este garoto é insuportável! — contestou Molly.

— Não fale assim, filha. — Flávio segurou no meu braço. — Converse direito com ele, não está certo deixar ele inseguro assim.

Admirei sua forma sensata de agir e concordei.

— Tudo bem, depois a gente conversa. — Suas mãos se fecharam em concha em minha face enquanto seus olhos estudaram meu rosto com admiração. Baixei os olhos, intimidada pelo seu olhar. Ele soltou a mão imediatamente e Molly nos observou com atenção, intrigada. — Seria

ótimo se você fosse com a gente.

— Eu vou pensar — disse quase sem conseguir articular as palavras

— Promete que vai pensar mesmo? — insistiu Molly e falou ao pé de meu ouvido, discretamente: — Está precisando mudar de ares, conhecer gente nova, vai até melhorar, você vai ver.

Bem típico dela quando queria alguma coisa.

Sorri e corri atrás do Johnny, olhei para o lado que ele seguiu e nada, eu deveria ter ido atrás dele, mas não fiz, precisava de um tempo a mais sozinha.

O sol brilhando no céu ardia na pele do meu braço, o ponto de ônibus estava lotado com todo mundo da escola dispensado, então contei até três, com as pernas mais firmes, percebi que tinha condições de caminhar. Olhei para frente no horizonte pensando que caminhar restauraria o meu corpo cansado.

O calor que, até então não incomodava, de repente, tornou o ar abafado. O sol parecia me perseguir, não só ele, me virei imediatamente com a sensação de alguém estar me seguindo, era muito forte a impressão. A pelos menos dez metros não havia ninguém.

— Droga! — praguejei e continuei meu caminho. Inconformada com o descontrole, aquilo tinha que parar. Distraidamente olhei para meu lado e como uma luz que

piscou, vi o rosto da garota por milésimo de segundos e desapareceu.

Parei no meio da calçada, branca, assustada com minha respiração presa.

— Moça? Moça? Você está bem? — Ouvi uma voz bem longe, mas que me trouxe de volta ao real.

Aquela voz masculina ao meu ouvido serviu como um sopro de vida.

Em choque fitei aquele senhor frágil com óculos apoiados no nariz fino e seus olhos verdes preocupados sem saber o que dizer. A mulher loira com os cabelos voando ao vento ao seu lado olhava fixamente ao meu lado, como o Dr. Giorgi.

Sua expressão assustada, com os lábios entreabertos, como se visse um fantasma, me assustou. Ainda tomada pela emoção, discretamente olhei para meu ombro e encontrei o vazio. Não suportava mais aquilo, eu estava desesperada.

Saí correndo em direção à minha casa, eu precisava de um lugar seguro a fim de me esconder. Parecia uma louca correndo pelas ruas, eu estava chegando ao meu limite.

Capítulo Nove

Entrei em casa, vi meus pais conversando alegremente na cozinha, mas eu não queria participar deste momento feliz em família.

Fui direto para o meu quarto e me tranquei.

— Filha... — Minha mãe bateu à porta do meu quarto, aflita.

Estava começando a me envergonhar pelo que acontecia comigo. Havia me cansado de dizer às pessoas a mesma coisa e ganhar olhares de desconfiança. Então cheguei à conclusão de que eu deveria ficar reclusa ali dentro do quarto e só me fazer presente quando todo aquele mal-estar passar.

Fugi das especulações propositalmente e fiquei em silêncio torcendo para ela desistir de mim.

— Eu sei que você não está bem! Abre a porta, por favor, e vamos conversar — persistiu ela, batendo novamente.

Relutante, eu levantei ao perceber que não teria como despistá-la, sequei as lágrimas com as costas das minhas

mãos e abri a porta.

Ela balançou a cabeça quando me viu e me abraçou em seguida sem questionar, talvez porque tudo estava ali explícito em meu olhar. Me soltei e fui me sentar na beirada da cama, baixei a cabeça e assim permaneci.

Ela se sentou ao meu lado e segurou em minha mão.

— Pela sua tristeza, deduzo que seu dia não foi bom... — Primeiro, eu balancei em sinal positivo e, em seguida, me arrependi e fiz sinal negativo.

— Nada de novo — menti. Aliás, não queria me indispor com ela, já sabendo sua opinião e o balde de gelo que despejou sobre minha cabeça.

Ela ficou em silêncio respirando pesado, descrente.

— Mãe, o pai da Molly me convidou para ir com eles ao Brasil — mudei o assunto, não queria mais pensar tampouco falar sobre o sobrenatural.

— Como assim? Viajar com a mãe doente? — disse ela indignada.

— O médico desenganou-a, e o Flávio pretende levá-la ao Brasil justamente para ela passar seus últimos dias ao lado da família. — Ela mordeu o lábio inferior, seus olhos se distanciaram por uma fração de segundos antes de voltar para mim.

— E o que você me diz? Gostaria de acompanhá-los? — perguntou.

Dei de ombros.

— Eu não sei.

Viajar naquele momento até poderia ser uma saída.

Ela pensou um pouco antes de responder:

— Olha, minha querida... — Apertou um pouco mais minha mão. — É claro que tudo é muito recente, começou ontem com os medicamentos, mas, por outro lado, talvez seja mesmo bom para você. Conhecer gente nova, pessoas diferentes sem contar que poderá dar um pulo em Salvador e conhecer alguns parentes.

— Foi o que a Molly falou também. Mas será, mãe? Não estou certa de que este é o momento. Eu não estou com cabeça para pensar em mais nada. Acredito que não... — Levantei e peguei o controle remoto sobre o criado-mudo ao lado da cama e liguei a TV enquanto minha mãe observava meus passos em silêncio.

— Pense bem, querida, fazer uma viagem vai te fazer bem, sem contar que o Brasil é um país maravilhoso. Sabe de onde eles são?

— São Paulo — respondi sentando ao seu lado nos pés da cama.

— Bem, eu não conheci São Paulo. Quando eu me casei com o seu pai vim para cá e nunca mais voltei ao Brasil. — A saudade em sua voz era a mesma de sempre quando falava do Brasil.

Eu ri, olhando em seu rosto.

— Em minha opinião, você deveria trabalhar menos e ir regularmente ao Brasil.

— Acho que não voltei devido ao falecimento dos meus pais. Nem me lembro mais dos meus primos.

— E o tio Emerson, sabe se ele vai muito ao Brasil? — perguntei curiosa, pois o tio Emerson é irmão único da minha mãe, ele veio nos visitar em Miami algumas vezes. E logo quando minha mãe se casou, ele se mudou para a França para trabalhar como estilista.

Pelo que sei, ele nunca se casou.

— Não. Ele também nunca voltou. Com certeza, eu teria voltado se não fosse a carga de trabalho que adquiri por aqui. Não tive nem tempo de pensar no que eu deixei para trás.

— E por que não vamos todos nós... — sugeri eufórica com a possibilidade — Assim você aproveita para me apresentar seus parentes... — Ela negou com a cabeça, se levantou e se posicionou de frente a mim.

— Quem me dera! Eu e o seu pai não podemos deixar os restaurantes no momento, há muitos assuntos pendentes e ainda há a filial em Los Angeles.

— Não acha que abrir uma filial em outro estado é se sacrificar demais, mãe? — Ela sorriu francamente.

— Não, eu acho que é uma grande oportunidade e

você tem que concordar comigo, afinal tudo o que estou construindo vai ficar para você, seus filhos e netos. Quero deixar uma marca nas próximas gerações. — Beijou minha testa e se dirigiu à porta e se virou antes de sair. — Vou falar com o seu pai sobre esta viagem, gostaria muito de saber a opinião dele.

E saiu antes que eu falasse mais alguma coisa.

Sempre que surgia esta conversa sobre herança, dinheiro, futuro, a gente acabava se desentendendo, na cabeça dela há muito mais que esforço, eu diria na verdade uma obsessão. Ela não esqueceu só da família durante esses anos, ela esqueceu muito mais do que isso, o primordial, o essencial que é dela mesma. Ela é durona, mas eu sei que dentro da casca existe uma mulher frágil e que sente saudades da família do outro lado do oceano.

Arrastei-me sobre a cama, sentei com as costas na cabeceira e tentei me concentrar na TV, sem sucesso, permaneci desinteressada, pois meus pensamentos fugiam do quarto. Para bloquear com o controle, eu repassei em todos os canais até que sem paciência eu desliguei e joguei o controle sobre a cama.

Neste instante, a campainha tocou lá embaixo e logo depois ouvi a voz da dona Jéssica, a mãe da Molly. Fiquei toda arrepiada ao me lembrar da consternação dela, quando a deixei em companhia do Flávio.

Desci preocupada, pois a Jéssica nunca veio à minha

casa antes.

Ela e minha mãe estavam conversando no sofá da sala, seu cabelo longo estava amarrado num rabo de cavalo, o que combinou mais com o seu pequeno corpo muito parecido com a Molly. Assim que notou que eu descia as escadas, jogou seu olhar castanho agoniado em minha direção, se levantou e veio até mim.

— Oi, minha querida. — Beijou-me a face.

Eu dei um meio sorriso, confusa com aquela mulher na minha casa.

— A Molly está bem? — perguntei, preocupada.

Ela garantiu num sorriso confiante, aí eu relaxei sorrindo também.

Mas logo me veio o ímpeto de perguntar o que ela veio fazer em minha casa, mas reprimi no momento certo. Com certeza, uma pergunta como essa iria constrangê-la, ainda bem que ela mesma se explicou:

— Susie, eu estava aqui falando com a sua mãe sobre o convite do pai da Molly — começou a falar toda agitada, olhando em direção a minha mãe. — Eu ficaria eternamente agradecida se você fosse com ela.

Desviei os olhos para a minha mãe, que deu de ombros, tipo assim: não sei...

— O problema, dona Jéssica, é que eu estou em tratamento, e...

— Precisa tomar os medicamentos nos horários certos — interrompeu minha mãe.

Ela me olhou com espanto.

— É algo grave?

— Só estresse — concluiu minha mãe, ela se levantou e foi até nós duas paradas no pé da escada e nos arrastou de volta ao sofá. Eu me sentei com ela ao meu lado e Jéssica a nossa frente.

— Eu estou muito preocupada com a minha filha, ela não fala mais comigo, está agressiva e me culpando por tudo — desabafou Jéssica.

Ela me confundia, atropelando as palavras. Olhei rapidamente para minha mãe, que me olhou e, pelo que entendi, eu não era a única confusa.

Ela riu com vergonha e disse:

— Você deve estar me achando uma louca.

E eu que pensei ser maluca!

— Não, de jeito nenhum — eu disse sem uma definição sobre aquele comportamento estranho.

De repente, as lembranças sobre as insinuações da Molly na escola, como acusações, provavelmente era disso que ela falava.

Ela foi até mim, ali sentada, e se ajoelhou a minha frente, me olhando diretamente nos olhos e segurando em

minha mão.

— Eu me arrependo amargamente de ter decidido o futuro da minha filha, sozinha, mas eu juro que foi pensando no melhor para ela, no seu bem-estar, vocês acreditam em mim, não é mesmo? — Seu olhar aflito oscilou entre mim e a mamãe que ergueu a sobrancelha sem entender nada do que ela dizia.

— É claro... — respondeu minha mãe evasiva.

— Susie? A Molly precisa passar mais tempo com o pai dela, seria uma forma de me redimir aproximando os dois, só que eu preciso muito da sua ajuda, minha querida. — Como uma maluca, ela se jogou de joelhos à minha frente e segurou forte em minhas mãos, eu olhava para ela bege. — Sozinha ela não tem coragem de viajar e eu não posso ir, sabe? Se é que me entende.

— Eu... — não sabia o que responder assim de antemão.

— Por favor, Susie, me ajude! O Flávio convidou você, a Molly me disse.

Eu não estava a fim de reconsiderar aquele pedido, já havia desistido de viajar... até que tudo parasse. Minha mãe percebeu a pressão e, então, se levantou e segurando no braço de Jéssica ajudou-a a se levantar dali.

— Olha, Jéssica, eu vou falar com o pai da Susie — interveio minha mãe.

Ela me acudiu, pois eu não sabia lidar com aquilo.

Jéssica parou de repente, seu rosto corou na hora.

— É claro! — Voltou a se sentar. — Me desculpe vir aqui e pedir uma coisa desta. — Foi sincera olhando com os olhos marejados para minha mãe.

— Fique tranquila, vamos pensar direitinho sobre o assunto.

— Eu só peço que não comente nada com a Molly sobre eu ter vindo até sua casa, ela não vai entender. — Baixou os olhos e notei uma lágrima pingar ao chão.

— Talvez se a senhora tentasse se abrir com ela. — Ela me olhou séria.

— Eu me senti rejeitada quando o pai da Molly declarou seu amor a uma mulher do Brasil que havia se casado com outro. Eu nunca aceitei, me sentia usada para suprir o vazio que ela deixou dentro do Flávio. Então quando eu descobri que estava grávida foi quando o Flávio se afastou de mim, eu achei até oportuno, afinal essa era a minha intenção também e acabei nunca mais procurando por ele.

— Nunca contou a ele sobre a gravidez?

Ela começou a chorar, um choro contido, há anos.

— Eu me arrependo amargamente da decisão que tomei há 18 anos. Achei que fosse uma forma de puni-lo, proteger a Molly... — Ela ficou paralisada por um

momento e mudou a trajetória do assunto. — Na verdade, a única pessoa punida foi a minha filha.

Fechei meus olhos com força, pensando no sofrimento da minha amiga e, ao mesmo tempo, intrigada com a frase de proteção que ela não terminou, mas não questionei.

— Sabe... não restou nenhum sentimento em meu coração em relação ao Flávio além dele ser o pai da minha filha. — Hesitou. E não era o que os olhos dela diziam. — Na verdade, acho que o amei tanto tempo sozinha que fiquei imune a ele e aos homens, nunca mais consegui ter um relacionamento sério. Sei que isso é problema meu, não tinha o direito de decidir o futuro da Molly, por esta razão ela precisa ficar mais perto da avó que ama, mesmo sem conhecê-la. Eu preciso de você, Susie. — Aquilo era muito mais que apenas um pedido.

— Precisa contar a verdade para a Molly, ela tem o direito de saber — disse eu, tomando as dores da minha amiga, eu sei o quanto ela sofreu por não ter um pai.

Ela concordou com a cabeça.

— Tem razão. Mas eu acho que vou fazer isso depois, se contar a verdade agora ela sofrerá mais do que já está sofrendo, não é justo — concluiu com coerência.

Sua sensatez me convenceu.

— Fique tranquila. — Acalmou-a minha mãe. — Vou

conversar com o meu marido sobre esta viagem e depois nos falamos.

Ela suspirou aliviada.

Dali para frente, minha mãe conduziu a visita, ofereceu um café e nos levou para a cozinha, dando um novo rumo à conversa, falamos sobre vários assuntos, o que descontraiu bastante. Tirando aquele jeito estranho como chegou, ela ainda parecia muito amedrontada. Confesso que frequentei muito a casa da Molly, mas nunca a havia visto tão agitada e insegura. Ao contrário, sempre me pareceu uma mulher segura de si, que se dizia forte e que não caía nas lábias dos homens, inclusive a Molly procurava imitá-la e agora todo aquele alicerce sólido que ela criou ruiu em pedaços.

No mesmo dia, minha mãe comentou com o meu pai sobre a viagem. Eu fiquei apreensiva, me sentia insegura em atravessar o oceano, e, ao mesmo tempo, fiquei comovida com tudo que a Jéssica falou. Por mais que relutasse, eu sentia uma espécie de obrigação, como se aquele fosse mesmo o meu papel: consertar a burrada da mãe da Molly.

Enquanto aguardava a decisão, segui meus dias tentando parecer "normal". Acordar passou a ser um grande pesadelo pra mim, aqueles gritos de socorro me acordavam pela manhã, e, às vezes, até na madrugada me levando a uma crise diária de medo, pelo menos o rosto

da garota eu não vi mais. Aos poucos, eu perdia as esperanças de que aqueles sintomas passariam, perdia minha fé de que um dia eu sairia daquele abismo profundo. Eu já nem comentava mais e, quando meus pais perguntavam, mentia que estava bem e me fechava dentro de mim a cada dia.

Notei que os medicamentos me deixavam muito relaxada e com isso aumentava a frequência e a intensidade dos meus ataques e delírios me fazendo questionar que eles me faziam muito mais mal do que bem.

Durante a semana, liguei para o Dr. Giorgi para marcar uma consulta, sem que os meus pais soubessem, mas ele havia viajado para fora do país e eu não quis marcar com nenhum outro médico e passei a tomar os remédios em dias alternados.

Minha vida não estava nada fácil: o Johnny me cobrando mais atenção, só que não fazia ideia de como poderia ser diferente com ele, com tantas informações sinistras dentro da minha cabeça me confundindo e me levando cada vez mais ao fundo do poço? Vivia sempre reclamando da minha distância e me cercando para me fazer desistir da viagem mesmo antes de saber se eu ia ou não. Por outro lado, a Molly falando ao meu ouvido, insistindo para ir ao Brasil com ela, até o Flávio me ligou.

Ele quase suplicou para aceitar o seu convite e assim foi a semana, por pouco não tirei nota para ser aprovada,

mas, apesar da pressão, tudo acabou bem: minha nota não foi tão boa, mas o suficiente para garantir o final do ensino médio, agora era só aguardar os resultados das universidades.

Na sexta-feira, à noite, quando meu pai chegou em casa, minha mãe o levou direto para o quarto. Não estranhei, pelo fato de aquilo acontecer com frequência, afinal meus pais sempre foram muito apaixonados. Eu assistia TV na sala e resolvi subir também para o meu quarto e logo nas escadas para o corredor ouvi a voz do meu pai alterada e depois baixou o tom, provavelmente ao perceber que eu estava por perto.

Suspeitei que eles falassem sobre a possível viagem ao Brasil, até havia estranhado a minha mãe não conversar com ele antes, como havia prometido a mim e a mãe da Jéssica. Abri e fechei a porta do meu quarto como se eu tivesse entrado e fiquei quietinha ali no escuro do corredor tentando ouvir a conversa, portanto eles cochichavam e tentei me concentrar para ouvir o que minha mãe dizia, mas era impossível.

Espiei pela fechadura sem a chave, foi possível ver o nervosismo do meu pai, até que, impaciente, ele vociferou:

— Sozinha? Eu não estou certo se é correto deixá-la viajar, não agora — sussurrava meu pai.

— Nossa filha precisa disto, relaxar, espairecer a

cabeça — explicou minha mãe.

— O certo seria viajar todos nós juntos, mas sozinha? — hesitou ele, respirando profundamente com as mãos na cintura.

— Agora não dá, querido! Temos muitas responsabilidades e contratos importantes para fechar. Mas, de repente, a gente pode ir depois e se encontrar com ela — argumentava a minha mãe.

Ele lançou um olhar de dúvida.

— A Susie quer mesmo ir ou ela está sendo pressionada pela Molly e a mãe dela? — perguntou ele.

— Na verdade, eu ainda não falei com ela sobre este assunto desde o dia que a mãe da Molly esteve aqui, mas sabe como é a Susie — respondeu minha mãe.

— Fale com ela então, se for da sua vontade a gente se programa para encontrá-la daqui uns 15 dias, acho que é tempo o suficiente para nos prepararmos — finalizou a conversa.

E após muitas conversas entre meus pais e a insistência da Molly, eu acabei aceitando o convite.

O mais difícil foi deixar o Johnny.

Ele ficou completamente abalado.

— Pense bem, por favor, Susie. — Sua voz abafada me deixou arrasada, o abracei beijando seu rosto.

— Seja compreensivo, Johnny, sabe o quanto a Molly precisa de mim neste momento. — Ele fechou os olhos com força e se afastou indo para o outro lado da sala.

— Sabe muito bem o que significa esta sua viagem — falou ele de costas, então girou no calcanhar e me fitou com dor.

— Pare de besteiras, e... — tentei explicar, mas ele interveio secamente.

— Se o fim do nosso namoro significa uma besteira para você, então é uma besteira... — Eu corri e o abracei novamente e ele soltou meus braços ao redor do seu pescoço e foi em direção à porta e a abriu.

— Ainda dá tempo para desistir. — Então, ele saiu e fechou a porta atrás de si.

Eu até ponderei sobre desistir da viagem, só que não seria possível, o meu envolvimento na vida da Molly era tamanho que se tornou um comprometimento.

E acho que ele levou a sério esta história de rompimento porque nem foi se despedir de mim no aeroporto.

A mãe do Flávio embarcou meia hora antes que o nosso voo. Devido ao seu estado, ela precisou de uma UTI, por isso seria em um jato especial, preparado para esse tipo de transporte.

O voo foi noturno, eu queria me sentar ao lado da

janela de qualquer jeito, pensando no Johnny, o quanto ficou aborrecido, o ciúme que ele desenvolveu em relação ao Flávio era algo absurdo, então achei que ele merecia meu respeito e ao me sentar distante eu me sentiria melhor.

Para variar, Molly sentou na janela, ela sempre senta na janela, não importa o meio de transporte que utilizemos, eu me sentei na poltrona do meio e o Flávio no corredor. Mas correu tudo bem. Enquanto a Molly falava sem parar, o Flávio se manteve ocupado inclinado para o corredor conversando com um amigo dele da corporação, sentado na poltrona do outro lado do corredor.

Seu nome é Felipe Oliveira. Pela sua aparência, cabelos castanhos curtos com alguns fios brancos, ele tem a mesma idade do Flávio e, pelo que entendi, ele é um amigo da adolescência no Brasil. Eu não entendia a agitação da Molly, até pensei que ela estivesse com medo de voar.

Gente, como ela falou! Falou de tudo e de todos menos de sua mãe, ela se esquivava sempre quando eu entrava nesta pauta.

Só parou de falar e me olhou assustada quando avisei sobre a minha decisão de interromper o tratamento. Eu já tomava os medicamentos em dias alternados e percebi que sem eles eu me sentia mais firme em terra firme, os delírios deram uma trégua, a visão da garota também não

tive mais, apenas os gritos de socorro se repetiam, mas eu já estava me acostumando com eles.

— Você quer morrer, é isso? — sussurrou ao meu ouvido num tom um pouco alto que temi por Flávio ter escutado. Eu arregalei os olhos chamando sua atenção lançando um rápido olhar na direção do Flávio, que não ouvia porque estava distraído na conversa com o Felipe.

— Fale baixo, sua louca... — ralhei com ela.

— Já dei a minha opinião, mas se você quiser eu repito.

— Não! — Eu a proibi, e foi o mesmo que nada porque ela deu de ombros.

— Vou repetir assim mesmo — continuou.

Revirei os olhos.

— Se largar os remédios assim, não é morrer que você vai e sim enlouquecer de fato — disse ela baixo e pausadamente como se fosse uma gravação.

Aquilo estava me irritando.

Flávio parou de conversar e olhou em nossa direção e Molly deu um risinho maroto, colocou o fone no seu celular no ouvido, fechou os olhos e começou a ouvir músicas. Eu fechei meus olhos e o Flávio voltou a conversar com o amigo e eu apaguei.

A turbulência me despertou, com a cabeça no encosto, virada para Flávio, me deparei com ele acordado

e estudando meu rosto. Sorri sem graça desviando do seu olhar, dentro do avião estava escuro e silencioso. Todos deviam estar dormindo e quando retornei a ele tive uma leve sensação de que seus olhos me diziam algo.

Mas o quê?

Incomodada, desviei, ajeitando-me no banco de forma que fiquei de frente a poltrona da frente. Pelo canto do olho, vi a Molly dormindo profundamente.

— Falta muito ainda? — perguntei o que veio a minha cabeça ainda olhando para frente, fui pega de surpresa com seus olhos curiosos e me incomodou. Ele continuou ali na mesma posição, analisando meu perfil.

— Infelizmente sim... — cochichou.

Numa rápida olhada para seu lado, ele continuou:

— É incrível a sua semelhança com a minha amiga, eu já falei dela para você. — Havia muita emoção em seu tom de voz, me deixando curiosa.

— Era a sua namorada? — Um sorriso deprimido tomou conta do seu rosto, seus olhos nos meus se perderam nas lembranças...

— Bem, depende do ponto de vista. Do meu, ela era sim, mas para ela não era a mesma coisa. Ao meu entender, ela sempre me considerou apenas um "ficante". — Sorriu com tristeza. — Não sei como vocês chamam isso hoje.

— Ainda é “ficante”! — respondi com um sorriso confortador.

Sua história me tocou e não consegui me conter. Analisando-o melhor, não vi só tristeza exalando dos seus olhos, havia muito mais que isso e eu me arriscaria em dizer que era amargura e não era pouca.

— Ela é do Brasil? Perdeu o contato com ela?

— Ela morreu há muitos anos. — Virou a cabeça em direção ao corredor como se quisesse esconder sua tristeza.

— Eu sinto muito — disse consternada. Não queria causar mais sofrimento a ele.

Acho que acabei tocando em uma ferida profunda e não cicatrizada. Deve ser essa tal mulher que a mãe de Molly comentou.

Quando ele voltou a me olhar, fiquei tocada com sua emoção. Ele sorriu antes de segurar meu punho e fixar seus olhos com intensidade nos meus.

— Não estávamos juntos quando ela morreu. Ela estava casada e muito feliz com um amigo dela do colégio, sabe?

Assenti que sim e baixei a cabeça, cruzando meu braço, quando ele soltou meu punho.

— Logo depois, eu conheci a Jéssica. — Virei minha cabeça ao ouvir o nome da mãe Molly. — Me mudei para

Miami nesta época, me sentia um lixo, rejeitado. Mas logo conheci a mãe da Molly, ela me ajudou muito com a recuperação, mas eu nunca esqueci a minha "ex" e não queria magoar a Jéssica. Como você já deve saber, ela é uma pessoa adorável e merecia um cara que a amasse de verdade, eu não tinha amor para oferecer a ela e acabei me afastando.

— Então, Jéssica engravidou?

Ele balançou a cabeça, indignado.

— Eu não queria acreditar que ela teve uma filha minha e me escondeu! Eu nunca soube que ela teve uma filha, quero dizer, que nós tivemos uma filha — corrigiu. — Escondeu de mim até pouco tempo atrás, se eu soubesse jamais ficaria afastado da Molly, nós perdemos muito tempo por puro egoísmo. — Baixou os olhos, sentido. — A minha mágoa passou, eu não devo julgar o comportamento da Jéssica, ela deve ter tido os seus motivos — falou com sinceridade. — Só sinto que ela não tenha a chance de conhecer melhor a sua avó. Elas seriam grandes amigas! — garantiu com um sorriso lindo.

Apesar de não o conhecer bem, notei que ele era uma pessoa muito boa, e ama sua mãe de verdade. Eu não posso duvidar, pois todo o traslado aéreo de sua mãe deve ter ficado uma fortuna. Ele fechou os olhos e eu olhei para frente.

Fiquei ali por alguns minutos pensando como seria

esta viagem, por um momento eu me senti mais leve, o mal-estar não deu sinal de sua glória e isso já era o suficiente para me alegrar, fechei meus olhos e embalei no sono.

Capítulo Dez

Chris

— Estou morrendo de saudades do meu filhão! — A emoção de rever meu filho após anos, me causou um tremendo frio na barriga. Finalmente a espera acabou, Eric está voltando do intercâmbio, a saudade que sinto dele é indescritível e está me matando aos poucos. Me senti amputado como uma parte faltando em mim com a sua ausência.

— Quem vê até pensa que você está sem ver o seu filho há um século? — retrucou Kate ao meu lado com a mesma aspereza de sempre no tom de sua voz com a minha euforia.

Joguei meu olhar cerrado, indignado.

— Eu não sei como uma pessoa consegue ser tão amarga! — Um sorriso forçado de desculpas surgiu em seu rosto com o meu comentário.

Acordei às quatro horas da manhã, quero dizer, na verdade, eu não dormi e não havia como com a ansiedade

e a saudade dentro de mim. Saí de casa por volta das seis e meia da manhã com medo do trânsito rotineiro de São Paulo, para não correr o risco de perder o desembarque do Eric. O meu rosto teria que ser o primeiro que ele visse assim que chegasse ao saguão do aeroporto. Ela estava chata assim por acordar cedo.

— Passei muito tempo esperando ansioso pela volta do meu filho, Kate...

Ela revirou seus olhos azuis.

— Exagera com o cuidado com seu filho, nunca parou para pensar que, com tantos mimos e cuidados excessivos, ele pode se tornar uma pessoa dependente de você pelo resto da sua vida.

Não, não, ela não falou aquilo, me recusei a acreditar que palavras idiotas saíram daquela boca bonita.

Gente!

O que eu fiz da minha vida para merecer um castigo como este?

O que eu tinha na cabeça quando me casei com esta pessoa vazia?

Respirei fundo antes de responder. Eu sabia que se não controlasse minhas emoções, acabaria gritando com ela em meio à multidão que aguardava o desembarque.

— A forma que crio o meu filho não é e nunca foi problema seu. Já conversamos sobre isto centenas de

vezes — falei entredentes em seu ouvido.

Ela ergueu os olhos, mordendo o lábio inferior, então em um pedido de desculpas enlaçou a minha cintura e deitou com a cabeça em meu ombro.

— Eu sinto muito, querido... — Sua voz arrependida me fez relaxar os músculos tensos.

Mudei muito a minha vida, aprendi a ouvir críticas tantos as boas e as ruins, acatando aquelas que acreditava que poderia me fazer bem melhorar em muitos aspectos. Mas uma coisa eu não mudei e nunca vou mudar: a forma como cuido do Eric. A minha vida rege em torno dele, eu não aceito críticas nem sugestões, entrego-me plenamente a ele sem analisar os fatos, ele estando certo ou não. Porém, ele é um excelente filho, educado, estudioso, nunca me deu trabalho, só alegria.

É o meu orgulho!

— Ah, querido, me desculpe... — Tentava amenizar a tensão. Estreitei o olhar diante de sua voz chorosa. — Que mania essa minha de disputar o amor do seu filho! É que dividir seu amor me deixa insegura, sabe? —Acabei rindo, ela parecia estar sendo sincera.

Fui rude demais e nem sei se houve necessidade e me odiei por isso. Só que a culpa era dela mesma, tinha o dom de tirar as pessoas do sério. Perdia a paciência com ela com tantas cobranças em relação à atenção. Ela não entendia que o amor por um era diferente do outro, segurei

sua mão em minha cintura e deitei em sua cabeça.

— Está tudo bem... — Arrastei meu rosto beijando sua testa e ela sorriu carinhosa. — Você não precisava ter vindo, podia ter ficado dormindo um pouco mais.

Ela negou com a cabeça e levantou-a, fitando-me.

— O quê? Perder a emoção do encontro entre pai e filho? — disse ela, me fazendo rir. Era inacreditável o seu talento de mudança de humor repentino. — Nunca — finalizou, se erguendo nas pontas dos pés para alcançar meus lábios selando-o num beijo quente e carinhoso, me deixando com remorso da minha hostilidade com ela.

Quinze minutos de espera, que me pareceu uma eternidade; e, então, pessoas com suas malas enormes começaram a desembarcar e abraçar seus parentes na maior emoção, eram lágrimas para tudo quanto foi lado, meu coração apertava cada vez mais no meu peito com a espera.

— Será que ele não veio? — disse Kate despretensiosa como se acreditasse mesmo nisso.

Ri mais para mim mesmo, incrédulo, pensando como ela conseguia ser tão intragável. Não conseguia deixar de fazer seus comentários maldosos. Aquele comportamento me cansava. Nem me dei o trabalho de olhar na sua cara.

— Engraçadinha! — falei com os olhos fixos na saída.

Todas as pessoas do avião pareciam ter saído, inclusive o piloto com suas fiéis e lindas comissárias de bordo. Mas nada do Eric, minhas pernas formigavam de nervoso.

— Gente, aonde se meteu este garoto? — perguntei olhando para trás para ver se ele já não havia passado por nós sem que percebêssemos.

Kate pôs uma mão em meu ombro e olhando para o corredor de desembarque sorriu.

Comecei a rir e a chorar ao mesmo tempo, Eric vinha em nossa direção, rindo, como uma criança perdida que acaba de encontrar seus pais. Um pouco mais magro, seus cabelos escuros estavam mais longos e meu coração se apertou.

Como são parecidos!

Ele era a lembrança viva de sua mãe enquanto empurrava o carrinho com duas malas enormes. Meu coração quase não cabia em meu peito de tanta alegria, parecia que ia explodir.

Ele correu para meus braços abertos e se jogou sobre eles, ali eu pude sentir o melhor abraço do mundo. Eu o apertei com vontade, só não consegui tirá-lo do chão, é claro que não! Ele tinha o meu tamanho.

A Kate pousou sua mão nas costas de Eric, porém não houve resposta de imediato, a saudade entre nós não

permitiu.

Ao me olhar, ele sorriu tão lindamente. Não era um homem formado que via em minha frente, era um garotinho ingênuo feliz por encontrar seu pai.

O meu garotinho!

— Que saudade, pai! É muito bom voltar — falou com voz ansiosa ao meu ouvido respirando profundamente o ar brasileiro. — É bom estar em casa — concluiu ele quando a Kate rosnou ao nosso lado desviando nossa atenção.

— Acho que mereço um abraço também, né? — ela disse com carinha de choro e Eric a abraçou em seguida.

— É claro que sim. Vem cá. — Deu-lhe um abraço forte e rápido.

— Seja bem-vindo — disse ela em meio ao sorriso, Eric agradeceu e voltou a mim, seus olhos verde-azulados estavam brilhando de alegria e a barba por fazer.

— Se descuidou, hein, moleque?! — Bati levemente em seu ombro, ele esfregou a mão no rosto.

— Não tive nem tempo de fazer a barba e cortar o cabelo, estes últimos dias foram uma correria. — Desci os olhos para suas malas, quase explodindo.

— Deve ter sido uma correria mesmo, sua bagagem está denunciando que comprou os Estados Unidos inteiro — brinquei e ele deu de ombros com um sorriso esperto.

— E quem resiste, pai?

Passei a mão em seu ombro, guiando-o para a saída do aeroporto e a Kate nos seguiu em silêncio.

— Estou brincando, meu filho! Afinal, trabalho tanto justamente para proporcionar-lhe conforto.

— O vovô Pablo não veio?

— Coitado do seu avô, passou o dia inteiro planejando vir comigo te buscar, mas sabe como anda a saúde dele, né? A pressão foi às alturas ontem, então o aconselhei a ficar em casa descansando.

— Então, vamos direto para a casa dele — ordenou Eric sem meias palavras, sua expressão ficou tensa, preocupada, seu amor pelo avô é enorme. Ouvi os rosnados da Kate logo atrás e nem me dei ao trabalho de me virar, ela não gostou da ideia, tinha programado um almoço especial a três num restaurante requintado.

— Será que vocês podem me dar um tempinho, preciso ir ao banheiro — solicitou ela.

Desviamos da porta, eu e o Eric nos sentamos na lanchonete mais próxima, pedimos um café cada um e ficamos ali enquanto a Kate se dirigiu ao banheiro.

— O que você está fazendo aqui? — Uma voz masculina, baixa vindo de trás, despertou a minha atenção, desviando de Eric, que me contava as novidades da viagem todo empolgado.

— O meu trabalho! — respondeu outra voz masculina ainda mais baixa, havia uma leveza naquele tom. — Preciso evitar o pior...

— É, estou sabendo que mesmo com todo o seu esforço ainda fracassou. — A outra voz falou em tom punitivo e soou como um eco que se perdeu no horizonte e aquilo me deixou intrigado.

Não resisti e me virei para trás, a mesa atrás de mim estava vazia, limpa sem sinal de que foi usada há pouco tempo.

— Pai? — Franzi a testa, encafifado, e voltei ao Eric, me olhando com seus olhos verde-azulados questionadores. — Está tudo bem?

Eu não respondi, continuei ali com olhar distante pensando se eu ouvi mesmo pessoas falando atrás de mim, mas diante do absurdo balancei a cabeça para dissipar e concordei com a cabeça.

— Está tudo bem sim, filho — respondi incerto.

Eric me conhecia bem como eu o conhecia, éramos unidos como unha e carne. Porém, não disse nada a respeito, continuou em sua narração e eu fiz o possível para prestar atenção.

***

Susie

Após horas de voo tranquilo com turbulências fracas e um pouso perfeito, eu fiquei aliviada. Finalmente, eu pisava em solo brasileiro, duvidava que um dia isso pudesse acontecer, pois com a vida corrida dos meus pais e a minha covardia de viajar sozinha dificilmente estaria aqui.

— Bem-vinda a minha terra natal — disse Flávio antes de se levantar.

Ele abriu o compartimento de malas, pegou a minha e, em seguida, a da Molly.

— Obrigada — agradeci.

— Estou muito ansiosa para conhecer o Brasil — declarou Molly tirando o fone do ouvido e colocou o fone no bolso da sua calça de moletom preta, enquanto eu fazia um laço nos cabelos, porque eles deviam estar rebeldes enquanto a fila no corredor da aeronave aguardava a porta se abrir.

— O Brasil é tudo de bom, vocês vão adorar! — Felipe falou com orgulho e boca cheia.

Uma reação comum entre os brasileiros.

— Bem que vocês poderiam ir à festa na casa da minha prima, a Gláucia. Hoje, à noite, ela vai comemorar o aniversário de sua filha. Acho que vai ser legal apresentar as meninas à filha dela, devem ter a mesma idade, assim quebra um pouco do clima jururu, o que você

me diz? — convidou Felipe muito atencioso, Flávio olhou para mim e Molly.

— Pode ser legal, afinal de contas o dia vai ser triste e vocês são jovens para carregarem um peso deste.

Eu encolhi os ombros.

— Por mim tudo bem.

— Realmente o convite é tentador, porém faço questão de acompanhar o senhor nas burocracias da internação da vovó. — Ele não concordou com a cabeça. Molly falou antes de ele protestar. — Eu não vou mudar de ideia, passei anos pensando como seria a minha vida se eu tivesse uma família paterna. Agora é a minha oportunidade de esclarecer esta dúvida.

— Não vai ser fácil — ele tentou mais uma vez mudar de ideia.

— Não me importo.

Sorri comovida diante dos argumentos da Molly, ela quando coloca alguma coisa na cabeça *vai* até o fim

Flávio estendeu a mão com lágrimas nos olhos e Molly segurou forte.

— Estamos juntos nessa, sempre juntos! — ela falou tão meiga, tão linda como sempre.

Eu amo esta minha amiga, a sua disponibilidade é algo inalcançável. Sobrepõe o seu jeitinho tempestuoso de dizer tudo o que vem à cabeça, sem pensar.

— Obrigado, minha querida. — Ele sorriu com os lábios apertados e voltou ao Felipe. — Nós aceitamos o convite.

Tudo era muito novo para mim, o ar, o clima as pessoas, cada uma delas que passavam por mim eu não resistia analisar: era diferente a forma como aquelas pessoas conversavam, se tocavam com muito calor humano e eu realmente me encantei com aquele mundo novo. Apesar de todos os seus problemas, Flávio se mostrava sempre com um sorriso nos lábios, mas se olhasse bem em seus olhos percebia-se que tudo era uma casca: a amargura e o medo de perder sua mãe eram enormes.

O Felipe deu todo apoio de um verdadeiro amigo, manteve-se ao nosso lado até finalmente passar pela alfândega onde vários parentes do Flávio o aguardavam ansiosos e, então, seguiu seu caminho.

Foi muito emocionante o encontro, todos muitos emocionados se abraçavam e choravam juntos como uma grande família unida, mesmo com a distância.

— Esta é a Molly — Flávio apresentou após um longo abraço quádruplo.

— Então, você é minha tão famosa sobrinha? — disse uma senhora muito simpática com um sorriso carinhoso nos lábios segurando nos ombros de Molly. Aparentando uns 68 anos, alta, magra com os cabelos

curtos e muito parecida com a mãe do Flávio.

— Esta é a tia Maria Eduarda, irmã de sua avó — informou Flávio e Molly sorriu timidamente.

Eu comecei a rir em silêncio, era a primeira vez que vi a toda poderosa Molly, que não tinha vergonha de nada e de ninguém, tão envergonhada.

— Como vai a senhora? — Estendeu a mão, mas a simpática mulher a abraçou forte com muito carinho como se já a conhecesse.

Molly me olhou por cima dos ombros dela com as sobrancelhas arqueadas, estranhando, é claro, todo aquele calor humano, que não estávamos acostumadas.

— Você tem os olhinhos do seu pai — ela disse segurando o queixo de Molly encantada, estudando seu rosto com atenção.

— É linda como ele — falou Flávio, sorrindo.

— Com certeza. — Acariciou o rosto de Flávio. — Você é um pedaço de mau caminho. — Aquela senhora ganhou meu coração, a simpatia como ela se dirigia a todos realmente era surpreendente.

Ela o abraçou forte muito forte, toda aquela força que ele demonstrou até ali foi por terra. Enfiou a *cabeça* no *ombro da tia e soluçava* desesperadamente, comovendo a todos, cada um de nós queríamos tocar nele, consolar.

— Eu não sei como vai ser a minha vida sem a minha

mãe, tia.

A voz contida e sofrida de Flávio tocou meu coração, as lágrimas fugiam dos meus olhos com aquela cena triste e não fui só eu que emocionei, ouvia fungadas de todos os lados.

— Você não está sozinho, meu querido — Ela dava seu amparo, *passeando* com as suas *mãos* nas costas de Flávio, inconsolável. — Seja forte! A sua mãe não gostaria de ver você sofrendo assim. — Afastou e tomou seu rosto em *suas mãos* e lhe deu mais um beijo. — Lembre-se da alegria que ela irradiava onde estivesse, da pessoa ímpar de extrema simplicidade que fazia todos rirmos por pior que fosse a situação.

Ele concordou com a cabeça.

— Tem razão, tia — As memórias alegres o enchem de *felicidade*, entretanto *ele não* consegue sorrir. — *Minha mãe sempre foi* meu porto seguro. *Sempre foi*.

— Eu sei, meu querido — disse com muito amor, tocando-lhe a face. — Estamos juntos sempre, não se preocupe.

Houve um minuto de silêncio ao nosso redor. E, então, um rapaz jovem, não mais de 25 anos, pele clara, e cabelos e olhos castanho-claros e, ao seu lado, uma moça da mesma idade, de cabelos lisos, longos e castanhos, se aproximou quando Flávio se afastou limpando as lágrimas com as costas das mãos.

— E aí, garoto? Vem aqui, dá outro abraço no seu primo.

Flávio puxou o rapaz para um abraço. Afastou-se e beijou no rosto da moça.

— Você deve ser a Ângela? — Ela assentiu com a cabeça.

— Deixa-me apresentar vocês. Tia, esta é a Susie, ela é amiga da Molly. Veio para fazer companhia a minha filha e aproveitar para conhecer o Brasil, a mãe dela é brasileira — explicou.

— Seja bem-vinda ao Brasil, minha querida. — A senhora muito atenciosa me abraçou. — Este é o meu filho, Lucas — disse olhando para mim e virou-se para Molly, que pareceu que perdeu a língua.

Simpático como as outras pessoas, ele beijou a mim e a Molly no rosto e nos apresentou a sua namorada.

Uma família linda e amorosa.

Me senti bem ali no meio deles com o coração cheio de emoção, após as apresentações segui-os pelo corredor com um sorriso no rosto, um sorriso que há muito tempo eu não sabia se existia, era algo espetacular. De cara, já me apaixonei com tantas pessoas circulando pelo aeroporto, um povo alegre.

Eu me sentia realizada imaginando o que me esperava do lado de fora com um mundo novo a explorar,

se ali naquele ambiente fechado eu já me sentia assim tão surpresa. Seguimos todos juntos conversando em direção à porta de saída.

Eu me punia um pouco com a felicidade que sentia. Não achei justo com a tristeza estampada no rosto de Flávio enquanto conversava com a sua tia, mas quando vi a Molly distraída ao lado do primo e sua bela namorada conversando animada, eu relaxei.

Esqueceu completamente de mim, que caminhava um pouco mais lentamente e fiquei um pouco para trás, distraída, observando tudo ao redor satisfeita, feliz por ter aceitado o convite.

Realmente essa viagem me tirou do mundo obscuro que estava mergulhando e para mim era um alívio, eu pisava em plumas macias sem danificá-las de tão leve que eu estava. Só me sentia um pouco incomodada com os olhares que o Flávio me jogava a cada virada para trás. É claro que seria injusta em condená-lo, pois sua gentileza e atenção era algo surpreendente, não só comigo, mas com todos ali da sua família. Eu não podia falar um a da pessoa adorável, e não era só um disfarce. O fato é que não era um olhar qualquer.

Era diferente, eu sei que ele me achava parecida com alguém que foi muito importante em sua vida, só que eu não era ela, eu me sentia insegura com os seus olhares insistentes, era como se ele procurasse por ela dentro de

mim, era algo perturbador.

E a Molly percebeu conversando com os demais, ela fixou os olhos no pai e seguia seu olhar cada vez que ele olhava em minha direção.

Balancei a *cabeça* para espantar aquele comportamento inoportuno dele, deixei de prestar atenção. E mantive o foco no que me dava prazer, tudo parecia perfeito, com as várias pessoas passando por mim eu não sabia explicar o que estava sentindo, algo muito bom dentro de mim me fazia suspirar, apesar de nunca ter pisado em solo brasileiro, tampouco naquele aeroporto.

Porém, eu me senti em casa, e esta sensação era tão verdadeira, tão forte em meu interior que afetou até os meus sentidos, quando, de repente, fui obrigada a parar no meio do corredor com as mãos em meu ombro, como se tivesse alguém de frente para mim. Gelei olhando para o vazio a minha frente.

Não queria acreditar que tudo ia recomeçar novamente. Que em menos de um segundo minha calma e tranquilidade deu espaço ao medo, meus pensamentos divagaram para algum lugar sem vida, sem sentido sofri um enorme apagão, minha mente esvaziou.

— Susie? Vai ficar por aqui mesmo? — A voz debochada da Molly despertou-me.

Olhei para ela mais para a direita do corredor a alguns metros à frente e ao seu lado Flávio, sua tia, e o

casal parado em frente a uma lanchonete quase na saída do aeroporto, com várias mesas vazias e uma com dois homens um de frente ao outro, de lado para mim, eles conversavam.

Balancei a cabeça sentindo um calor subir pelos meus pés, tomando todo meu corpo junto a um tremor. Acho que fiquei com muita vergonha da minha condição, eu estava parecendo uma caipira em meio à civilização, parada no meio do corredor, obstruindo a passagem das pessoas que desviavam de mim com suas malas.

— Vamos, acorda Susie! — Molly gritou em plenos pulmões, tão alto que meu coração pulou dentro do meu peito, notei que um dos homens na mesa virava a cabeça em minha direção em câmara lenta quando, apavorada e encabulada, eu corri para a lateral quando vi a placa sinalizando o banheiro.

— Só um minuto, que vou ao banheiro — gritei de volta sufocada com um nó que se formou em minha garganta, nem sei se ela pode me ouvir.

Entrei antes de esperar uma resposta, o banheiro estava vazio, diferente do meu coração repleto de amargura. Entrei no primeiro que havia e fechei a porta ajeitando minha mala de qualquer jeito, o espaço era tão reduzido que encontrei uma enorme dificuldade de encontrar um canto.

Fiquei ali, com as pernas trêmulas, com o medo

devorando minha alma, e não compreendia de onde vinha aquele sentimento horrível.

Baixei o vaso cobri com papel higiênico e me sentei e ali, arrependida por ter vindo, insegura com os meus pais longe. Não consegui mais segurar as lágrimas nem os soluços, eu procurava não fazer barulho, no entanto não sei se consegui. Não era possível ser seguida a mais de sete mil quilômetros. Ouvi, então, a descarga do banheiro ao lado ser acionada e, mais que depressa, engoli o choro.

Passei as mãos pelo rosto para limpar as lágrimas e arrumei brevemente o meu cabelo pressionando um lábio sobre o outro. A porta foi destrancada e eu prendi a respiração ouvindo os saltos bateram no chão de mármore, e pararam em frente à porta onde eu estava, não precisei ver para saber que olhos curiosos estavam sobre a porta do banheiro, já sem fôlego eu soltei o ar lentamente sem emitir ruídos. Evitando ser o centro das atenções, quando fui traída por um soluço que escapou dos meus lábios.

Trinquei os dentes esperando algum comentário que não veio, o alívio veio em seguida com o som dos saltos se afastando. Por baixo da porta pude ver a sombra se distanciando e a torneira aberta em seguida.

Então permaneci em silêncio, aguardando o momento de sair dali.

Barulhos de rodinhas de malas se aproximaram.

— Susie, você está aqui? — A voz impaciente de Molly ecoou pelo banheiro.

— Já saio num minuto — respondi da forma mais natural possível, aguardando a mulher que me ouviu chorar sair.

— Oi. — Meu estômago embrulhou ao ouvir a voz macia e profunda. Levei a mão à boca do estômago a fim de amenizar o mal-estar.

— Oi —Molly respondeu em seguida.

Os saltos sobre o mármore se distanciando indicava que a mulher saía do banheiro e, então, abri a porta. Molly parada no meio do banheiro com a boca literalmente aberta observando a mulher de costas de cabelos longos e loiros e brilhantes abaixo da costela sair do banheiro. Seu corpo fabuloso esculpia sua roupa chiquérrima, uma calca preta de um tecido brilhante de um corte de grife, uma blusa de seda de mangas longas e bufantes estampada com detalhes em amarelo, branco e preto por dentro da calça, caminhando elegantemente como se desfilasse naqueles saltos. Meus olhos se prenderam naquela imagem imaculada com medo, sentia uma angústia dentro de mim com o estômago ainda embrulhado e que chegava a doer. Pressionei o local com força em busca de alívio.

Molly se virou para mim, seus olhos brilhavam em admiração.

— Meu Deus! Você viu aquilo? — Um calafrio

percorreu meu corpo quando assenti com a cabeça. — Que mulher chiquérrimaaaaa! — Molly encheu a boca para falar, de um jeito como se aquela mulher não fosse deste mundo.

Corri para a pia e abri a torneira lavando meu rosto, a fim de esconder que chorei e quando sequei é que me virei para minha amiga ao meu lado com o olhar especulativo sobre mim.

— Eu acho melhor a senhorita tomar os remédios, antes que seja tarde demais — chamou-me a atenção. Percebeu, é claro, meu estado. Não adiantou minha estúpida tentativa de esconder. Eu não conseguia mais disfarçar e aquilo estava me deixando preocupada. Baixei meus olhos, pensando que era a melhor coisa mesmo a fazer, afinal não tinha outra opção. Já estava no Brasil e agora era levantar a cabeça e enfrentar.

— É. Você tem razão — respondi pegando em minha bolsa a caixa de comprimidos e joguei na boca sem pensar.

— Agora sim, estou mais tranquila. — Assentiu ela, por fim. — Vou monitorar você, dona Susie. — Piscou. — Se deixar por sua conta a coisa não anda, você não é mais a mesma, as suas atitudes estão me deixando preocupada, não pode esquecer que estamos longe de casa.

Mordi o canto da boca concordando com ela, realmente minha vida deu um salto e tanto e eu não estava

preparada para nada daquilo.

— Eu vou melhorar, se Deus quiser! — Ela sorriu satisfeita e me abraçou forte.

— Vai sim, amiga, e eu estou aqui com você — falou ao se afastar e segurou em meus ombros, fitando-me. — Mas, por favor, siga as orientações médicas — implorou mais uma vez.

— Sim senhora! — Sorrindo, bati continência.

Beijei sua bochecha e, então, saímos do banheiro para se juntar aos demais.

Eles ocupavam a mesma mesa dos dois homens, que não estavam mais por perto. Flávio se levantou oferecendo seu lugar e eu me sentei de imediato, ainda sentia minhas pernas bambas.

Como um choque, uma corrente elétrica subiu pelas minhas nádegas assim que se encostaram à madeira da cadeira me deixando sem fôlego. Trêmula e zonza, saltei no mesmo instante, enquanto todos ali me olhavam apreensivos.

— Susie? — Flávio pousou a mão em meu ombro, aflito. Sem graça, baixei meus olhos, muito envergonhada com tudo aquilo, exausta também em fazer papel de ridícula.

— Estou bem... — Virei-me de costas para aliviar a pressão dos olhares, e discretamente segui em direção à

porta da saída do aeroporto.

E solidariamente todos se levantaram em seguida e saímos para o estacionamento.

***

Chris

— Você está quieto desde lá do aeroporto, aconteceu alguma coisa? — perguntou Kate no final da tarde, depois de ficar me observando o dia inteiro na casa dos meus pais.

— Estou ótimo — respondi simplesmente dando um jeito de me distanciar dela.

O todo-poderoso Pablo quase enfartou ao ver o Eric cruzar a porta, ele parecia um bobão com os olhos cheios de lágrimas e minha mãe não ficou diferente dele, embora meu pai tenha ficado mais agitado, andando de um lado ao outro sem conseguir respirar. Precisei ampará-lo nos braços e o colocar sentado sobre o sofá.

Apesar dos anos e os problemas de saúde, ele ainda estava bem, o tempo até que foi generoso com ele, quase não se via rugas, apenas algumas marcas mais profundas, mas os cabelos já não eram tão iguais, aliás, estavam bem diferentes. Parecia um chumaço de algodão sobre sua cabeça, os pelos do seu peito brancos rendiam-lhe o apelido carinhoso entre a família de urso polar, e ele levava tudo na esportiva, e minha mãe estava muito jovem

após a bioplastia no rosto e os cabelos tingidos de acobreados.

Depois que o Eric nasceu, meu pai mudou completamente, deixou toda a sua arrogância e preconceito de lado e passou a viver de forma simples, com muito, muito amor mesmo. Herança da minha querida Lucy, entra dia, sai dia, e eu não consigo tirá-la da cabeça nem por um segundo. Apesar de pouco tempo de convivência, ela trouxe muitas coisas boas a minha vida, na verdade para toda a minha família.

A convivência do meu pai durão, dono do mundo, com o senhor Marcos e dona Lillian trouxeram mudanças surpreendentes. Claro, eu não poderia me esquecer do Juninho, ele cresceu e se tornou um rapaz e tanto, o amor daquela família era algo indiscutível, a união, era tudo de bom. Após a morte de Lucy, eles se dedicaram a doar todo amor que existe entre eles para mim, o Eric e ainda sobrando para a minha família.

Eu agradeço todos os dias pelo pai que tenho hoje, todos os nossos pecados acho que foram perdoados porque realmente nos arrependemos de todo o mal que causamos um ao outro e aos outros também. Inclusive, aceitei minha irmã Isabel graças ao carinho e coração do tamanho do mundo da tia Sara, e meu pai a assumiu definitivamente não só no papel, mas também com amor trazendo-a para a nossa família hoje tão unida.

Até a minha mãe hoje a ama de paixão e cuida dela como se fosse uma filha de verdade. Isabel se formou médica cardiologista e atende no hospital da tia Sara, hoje aposentada. Passou toda a direção à minha irmã que faz atendimento e cuida da administração.

É uma pena que ela não tenha mais tempo para nos visitar, o fato é que ela é um ser humano sensacional. Dispõe de todo o seu tempo atendendo a pacientes sem recursos financeiros, um trabalho social que lhe rendeu méritos importantes.

Inclusive, acho que é por esta razão que o Juninho continua solteiro até hoje, ele se apaixonou pela minha irmã, mas ela é muito ocupada e resolveu não aceitar o pedido de casamento dele.

Ele não comenta, porém todos sabem que é apaixonado por ela.

Eu queria tanto que a Lucy tivesse tido mais tempo para se orgulhar da família linda que formamos como eu meu orgulho.

Não pensava muito nisto, mas desde o sonho na praia eu não tinha sossego. A imagem do rosto da Lucy cravou minha mente, embora ela sempre estivesse lá e no meu coração.

Durante a tarde toda, eu não consegui tirá-la da minha cabeça, era como se uma porta tivesse aberto em meu coração quase cicatrizado, aquelas vozes às minhas costas

na lanchonete do aeroporto me intrigaram e eu não conseguia esquecer.

Eu não entendia o que foi aquilo, mas lá no fundo da minha alma me senti vulnerável, nossos últimos momentos ao pôr do sol me faziam sofrer em agonia. Toda aquela recusa em aceitar sua morte doía em mim na mesma intensidade daquela época e eu não consegui desviar o foco da dor. Passei o dia todo sofrendo em silêncio, rindo de uma piadinha ou outra.

À minha *frente*, do *outro lado da mesa,* meu pai percebeu eu vagando no meu mundo particular, e percebeu o olhar ameaçador da Kate me observando. Acenou levemente com a cabeça em direção a ela quando escapei dos meus devaneios, e fiz que prestava atenção no que Eric contava sobre bolsa de estudos.

— Nem me venha dizer que está pensando em fazer outro intercâmbio — minha mãe falou em tom de advertência.

— Se esta for sua intenção em nos detalhar sobre este curso, pode tirar seu cavalinho da chuva. — Com as mãos abertas, meu pai bateu sobre o tampo da mesa, com um sorriso torto, brincalhão. — Não vai mais sair de perto de nós.

Minha mãe rosnava baixinho.

— Não é um curso longo, vovô, e é sempre uma oportunidade — explicou Eric todo eufórico.

— Seu avô tem razão, precisamos de você na empresa. — Concordei com meu pai.

— Principalmente agora que me aposentei.

Eric deu de ombros e enquanto bebia sua bebida ficou em silêncio pensando.

Respirei fundo olhando para Eric, analisando aquela situação, eu o entendia perfeitamente, empolgação de jovem cheio de sonhos.

Ele não tocou mais no assunto intercâmbio, notei que em respeito aos avôs, eu achei o máximo sua compreensão, porém sentia pena do meu filho. Não queria obrigá-lo a nada, então resolvi que, quando estivéssemos em casa, voltaria neste assunto com ele, para conhecer seus planos de futuro.

Passamos um dia muito legal, até a Kate desamarrou a carranca. E só no final da tarde foi que consegui me isolar nos fundos da casa dos meus pais, que fica no bairro Cidade Jardim. Não estava mais com vontade de conversar e notei a curiosidade do meu pai com seu neto. O Eric falou mais do que queria, estava cansado da longa viagem, mas ele era um rapaz adorável, longe dele decepcionar o avô querido. E ficou ali lhe dando toda a atenção desejada, meu pai ainda tinha mil perguntas sobre tudo. Disfarcei e num momento em que a Kate foi para a cozinha com a minha mãe preparar um café, aproveitei este momento para sair sem que ninguém percebesse.

A mansão dos meus pais tinha duas varandas, uma na frente da casa em mármore bege do teto ao chão com um enorme lustre, um ambiente lacrado com uma porta de correr de vidro, que poderíamos chamar de hall de entrada, que me fez suspirar com pesar. A Lucy nem chegou a conhecer. E outra, ainda mais espaçosa na mesma extensão da casa dando ao acesso para o fundo. Ampla com redes para descansar, vasos com plantas a enfeitavam, poltronas confortáveis, sofás estofados ricamente de cor bege e grandes. Um ambiente acolhedor, onde foram preservados detalhes originais da casa, tudo continuava como era antes. Descartei as redes, as poltronas e os sofás e fui me sentar no cantinho, bem atrás de uma samambaia que descia do seu vaso do teto em sua elegância até o chão, onde me encolhi para me esconder, encolhi meus joelhos escondendo a cabeça entre eles.

As lembranças do passado, caíram sobre minha cabeça como uma avalanche devastadora. O som dos saltos sobre o chão anunciava que a Kate se aproximava, respirei fundo sem levantar a cabeça com a pergunta.

— É impressão minha, ou você está se escondendo?

— É claro que não... — minha voz abafada e cansada a deixou desconfiada.

— Não é o que está parecendo... — retrucou, impaciente.

Eu conhecia bem aquele joguinho dela, ela montava

pequenas frases para estimular você ir falando até finalmente conseguir o seu objetivo de saber os detalhes. Aquilo me irritava muito, pois ao invés de ir direto ao ponto e perguntar de uma vez para saciar as suas curiosidades não, ela usava aquela tática que para mim não passava de manipulação.

Levantei a cabeça com os olhos fechados e quando os abri, o sol brilhava fortemente acima de nós. Encurvado ali, sentado com os joelhos pressionando o peito, todo o meu corpo estava dolorido. Soltei o ar sem olhar em seu rosto, apenas ouvindo sua respiração ruidosa ecoar ao redor. Sentei na confortável poltrona e me alonguei a fim de me livrar do torcicolo.

— Por acaso, eu fiz alguma coisa que o desagradou? — indagou enquanto se sentava ao meu lado.

Lancei um olhar crítico para ela ao meu lado sentindo uma enorme irritação, notei aonde queria chegar e sabia que não ia demorar muito até me aborrecer com ela.

— Você fez alguma coisa que se arrependeu? — Joguei outra pergunta que a fez apertar os olhos, ainda mais desconfiada.

— Já reparou que nos últimos dias você tem me insultado de forma cruel? — disse direta.

Eu balancei a cabeça.

— O problema Kate não sou eu, é você. Eu só tenho

me defendido das suas carretas de críticas, ou não percebeu ainda? — Ela negou com a cabeça.

— Eu não tenho feito isto! Não, senhor. Não jogue sempre a culpa em cima de mim — defendeu-se.

Revirei os olhos antes de fitá-la.

— Desde que se aproximou da volta do Eric, você me segue pela casa me chamando de exagerado, que eu deveria dar mais atenção a você... — Ela negava com a cabeça. — Pensa que eu não sei que tudo isso é uma forma de querer me afastar do meu filho? — Fui seco fazendo-a corar na mesma hora, me dando a certeza de que estava certo.

Ela é uma excelente manipuladora, eu não posso negar, sabe ter jogo de cintura quando quer alguma coisa, porém o que ela não sabe é que eu sou muito melhor do que ela, ainda mais se tratando do meu filho.

— Eu não sei do que você está falando. — Se fez de desentendida com voz fraca, se entregando e jogou o olhar para o horizonte.

— Sabe sim! — falei sério quando ela voltou para mim com seus olhos azuis brilhando. — Se não percebeu ainda, as suas indiretas são muito explícitas, deixando clara a sua intenção.

Ela levou a mão ao peito com cara de inocente.

— Me desculpe se foi essa a impressão que passei.

— Uma frase decorada que ela vivia dizendo. — Adoro o Eric, estou muito feliz com o seu retorno para casa.

— Precisava pensar melhor antes de falar — aconselhei-a. — Eu gosto de você, é uma mulher maravilhosa, tem me ajudado muito com a minha vida bagunçada, mas o que você precisa entender é que o meu amor entre você e o Eric são sentimentos distintos. Não tem como encostar o Eric para dispensar 100% de atenção para você. Por favor, não faça disto uma disputa com ele — pedi com sinceridade.

Viver em paz era o meu único desejo.

Ela inclinou, se jogando em meus braços e deitou a cabeça no meu ombro.

— Eu não quero que desvie do seu filho, não é isso — fungou. Alisei seus cabelos sedosos sobre suas costas. — Eu só gostaria de um pouco mais da sua atenção, eu o amo. É pedir muito?

Me afastei segurando em seu ombro, estudando seu rosto lindo.

— Eu faço o que posso, minha querida, eu me esforço para dar conforto a todos ao mesmo tempo, e ainda tem as construtoras, sabe como é a correria por lá, ainda mais agora que o meu pai se aposentou e deixou tudo por minha conta, são duas empresas para administrar. Ainda bem que o Eric voltou, pretendo deixá-lo na Construbens com o meu sogro e meu cunhado, isto é, se

ele concordar em assumir o seu lugar de direito. E pretendo cuidar da Caster, e... — Kate fechou a cara e se afastou bruscamente causando-me estranheza. — O que foi?

— Seu ex-sogro, ex-cunhado... — corrigiu-me com voz áspera como se eu tivesse falado algo absurdo. Eu me levantei em defesa.

— No meu caso não existe ex e pare de querer montar a minha vida de acordo com as suas regras. Pare de tentar me afastar do meu filho, isto está fora de cogitação, nunca vai mudar — desabafei.

Kate começou a chorar impiedosamente e desabou sobre o sofá.

— Você não me ama, está me usando como um amuleto de consolo para suas perdas.

Fechei meus olhos, engolindo em seco com sua insinuação

— Você não falou isso! — disse desolado.

Ela notou a besteira que fez e se levantou, se atirando em meu pescoço. Eu fiquei imóvel com os braços na lateral do meu corpo.

— Me desculpe! Eu não queria ofender você! Puxa, vê se me entende! — Balancei a cabeça, com impaciência. — Eu amo você, não aguento mais viver as sombras de um fantasma, pensa que não sei que estava aí pensando

nela? Às vezes, tenho a impressão de que você aguarda ela voltar. — Ela silenciou, sabia que falou mais uma besteira.

— Não queira controlar os meus pensamentos — falei soltando suas mãos do meu pescoço e recuei a uma distância razoável dela.

— Não foi a minha intenção... — Kate balbuciou.

— Nunca é — retruquei.

Ela baixou a cabeça, cabelos dourados caindo na lateral do rosto.

— Olha, se quer mesmo uma vida confortável sem brigas ou discussões você precisa aprender a respeitar os meus sentimentos. — Fui duro.

Ela balançou a cabeça, sentida.

— Quando casou comigo conhecia a minha vida, o quanto a morte da Lucy abalou a todos nós da família e mesmo assim quis arriscar. Eu aprendi a gostar de você, a sua companhia tem me feito muito bem e ao meu filho também — falei com sinceridade. Apesar dos pesares, ela cuidou do Eric na minha ausência, e confesso que, às vezes, ultrapassei os limites.

Ela elevou a cabeça, seus olhos brilhavam de emoção com as minhas palavras. E eu continuei:

— Mas é preciso separar as coisas, eu não tenho como não lembrar o meu passado, e meu filho é a coisa

mais importante da minha vida, eu nunca ficaria longe. E você, Kate, é a minha linda esposa que eu respeito e agradeço por me aguentar dez anos. Só pare com estas suas manipulações, seja mais direta quando desejar saber das coisas.

Ela fungou, avançou alguns passos, inclinou a cabeça e deitou em meu peito.

— Me perdoa? — sussurrou em meu peito.

Comecei a rir, passei a mão pelo seu rosto, pegando seus cabelos e prendendo-os atrás da cabeça e puxei-os levemente, fitando-a

— O que eu mais quero é viver em paz com a nossa família. — Soltei seus cabelos e a abracei forte.

— Não fique bravo comigo, eu prometo que, a partir de agora, vou melhorar este meu jeito. Eu preciso controlar este ciúme que eu sinto da Lucy — confessou.

— Ela não está mais entre nós, seria até injusto querer competir com ela. — Beijei levemente seus lábios. Ajeitei seus cabelos atrás nas costas e ela fechou os olhos com o meu carinho.

O celular em meu bolso começou a vibrar, me afastei de Kate para pegá-lo, o identificador indicou número desconhecido, então suspirei fundo antes de atender.

— Alô.

— Sr. Chris? — A voz feminina soou do outro lado.

— Sim, é ele, quem está falando? — perguntei levantando as sobrancelhas com a Kate ansiosa cutucando o meu braço

— Só um minuto, por favor, que o Sr. Newton vai falar — informou a moça educadamente.

— É o Newton — sussurrei tampando a entrada do celular, só que o Newton escutou.

— E aí, cara? Quem está aí com você?

— A Kate — respondi, rindo, feliz com a ligação do meu amigo. Com a correria nas empresas, nem tive mais tempo de sair com a galera. — Como vai, Newton? Faz um tempão que não nos falamos.

— É verdade! Só que hoje isso vai mudar — garantiu em tom de suspense.

— Opaaaa...

— E não vou aceitar recusa, é até bom a Kate estar aí do seu lado. A Gláucia me pediu para ligar para vocês irem à festa de aniversário da filha dela, que completa hoje 17 anos.

Kate acenava com a cabeça, curiosa.

Na verdade, eu não estava a fim de sair, meu coração estava apertado como há muito tempo não ficava, eu precisava mesmo de um bom banho para lavar esta sensação estranha pelo meu corpo.

— Eu não sei, o Eric chegou hoje do intercâmbio e

nem fomos para casa ainda e...

— Puxa vida, é uma oportunidade para nos encontrarmos, traz a galera toda. A Gláucia faz questão... — interrompeu ele. — E aposto que o Eric vai adorar. Você conhece a filha da Gláucia?

Ri, achando graça, aquilo me lembrou da minha adolescência quando ficávamos todos entusiasmados para estas festas sempre pensando nas gatinhas.

Ele tinha razão, há um ano eu vi a Renata, realmente era uma tremenda gatinha.

— Vou ver aqui com o pessoal — falei, enfim.

— Espero vocês lá na casa, estou ansioso por novidades. Sinto muitas saudades de quando a gente ficava mais tempo junto.

— Tempos bons! — respondi emocionado.

Aquele assunto me fez reviver aquele dia especial, eu e a Lucy, nervosos, catando suas coisas pelo chão no colégio. Fechei meus olhos e, por um instante, viajei no tempo.

— Chris? Chris? Você está aí?

— Sim, sim. — Acordei com a insistência do Newton.

— Você me ouviu?

— Vou fazer uma reunião com votação aqui em casa

— respondi e ele riu animado antes de se despedir e desligar o telefone.

Fiquei um pouco atordoado com as lembranças, me esqueci da Kate ali em minha frente com aquele olhão azul esperando que eu dissesse algo.

— Realmente, hoje você não está bem — disse certa balançando a cabeça, inconformada com as minhas atitudes e silêncio. — Deveria estar pulando de alegria, afinal o seu filho querido está de volta em casa.

Abracei-a pelo pescoço, beijando o topo de sua cabeça.

— Estou mega-hiper-super feliz! — tentei ser convincente.

— Qual foi o convite? — perguntou com aquela cara descrente.

— A Gláucia está chamando a gente para o aniversário da filha dela.

— É mesmo! — Revirou os olhos. — Onde eu estou com a cabeça que havia me esquecido que a Renata faz 17 anos hoje — disse ela exasperada com o seu esquecimento. — E nós vamos, não é mesmo?

Abri um sorriso forçado, com a dúvida sobre mim.

— Se achar que não dá para você, eu vou sozinha, não posso recusar este convite, a Gláucia é uma superamiga.

Kate já tinha mudado até de humor, festas sempre foram seu ponto fraco.

Eu torci a boca em dúvida.

— Eu pensei que a superamiga fosse a Melissa — questionei.

Ela deu de ombros e se afastou.

— As duas são — respondeu secamente, irritada com a minha pergunta. — Faz tempo que eu não vejo a galera, é uma oportunidade e tanto e também não posso deixar de ir neste aniversário.

— Quem está fazendo aniversário, hoje? — A voz de Eric soou curiosa pelo ambiente, atravessando a porta da sala para a varanda.

Sempre era bom ouvir a voz do meu filho, a minha razão de viver. E não era um amor gratuito não. Lancei-lhe um olhar de pai bobão e orgulhoso e passei a mão em seu ombro e beijei-lhe a cabeça quando se aproximou. Ele enlaçou seu braço pela minha cintura.

— É o aniversário da Renata, a filha da Gláucia, você se lembra dela? — antecipou Kate.

Ele arregalou os olhos de imediato.

— Aquela gatinha? Como esquecer? Eu quero ir a esta festa — falou ele todo animado.

Olhei-o convencido, afinal era o meu filho ali demonstrando interesse e eu não sabia falar não para ele.

— Então, nós vamos — concordei. — Tem certeza de que não prefere descansar esta noite, afinal a viagem foi longa.

Eric se afastou de mim e balançou o ombro na maior animação.

— Eu sou jovem, pai, nunca me canso.

— Está vendo só, Chris, esta é a diferença de idades — ela foi irônica e eu me ofendi. Apertei os olhos e balancei a cabeça como quem diz "engraçadinha".

Ela riu toda orgulhosa por ter me atingido.

— Mas ainda temos tempo. — Olhei no relógio em meu pulso. — Tenho um compromisso daqui meia hora, deixo vocês em casa e volto dentro de uma hora e quarenta minutos, as festas na casa da Gláucia sempre começam às dez horas e varam a madrugada mesmo.

Nisso todos concordaram.

— Aproveita, filho, e ligue para o vovô Marcos e a vovó Lillian. Eles ligaram trezentas vezes para o meu celular para saber de você.

Eric deu um pulinho.

— Vou fazer isso já. — E entrou em seguida.

— Eu posso saber qual é este compromisso que você tem hoje? — questionou Kate assim que Eric entrou.

— É sobre uma construção de um prédio, o

proprietário do terreno quer discutir alguns detalhes. — Ela torceu a boca, incrédula, e, por fim, não perguntou mais nada, enlaçou minha cintura eu passei a mão pelo seu ombro. E eu já estava cansado de discutir por hoje, precisava muito relaxar. — Acho que precisamos ir para casa, coitado do Eric deve estar exausto! — finalizei a conversa.

Ela concordou e entramos em casa, abraçados.

Estes últimos dias não foram nada fáceis, além de ficar meio atordoado prejudicando minha produtividade na construtora, para completar aquelas vozes atrás de mim na lanchonete mexeram comigo. Eu era um homem maduro, um empresário que comandava empresas praticamente sozinho com muitas pessoas sob minhas responsabilidades, não poderia me dar ao luxo de enlouquecer.

Eu estava cansado, estressado e cheio de coisas na cabeça, precisava me aliviar com urgência, senão não ia ser uma boa companhia na festa, então peguei minha moto, a princípio com a intensão de procurar a Valesca, mas não era isso que o meu coração pedia. Então desisti e saí em velocidade pelas ruas sem rumo, a moto tinha o dom de me acalmar e foi exatamente o que aconteceu, fiquei renovado e pronto para outra. Só me restou procurar a Valesca, ela ficou chateada, pois a transa rápida a deixou com gostinho de quero mais.

— Me desculpe... Tenho uma festa para ir com a família.

— Ah! — Ela fez um biquinho tão lindo.

Eu precisei me afastar, senão era bem capaz de desistir de festa e ficar ali em sua companhia agradável.

Passei as mãos pela sua cintura e selei seus lábios quentes e macios.

— Eu sei, estou te devendo uma noite — ela concordou com aquela carinha de choro. — Eu juro que qualquer dia eu cumpro a minha promessa e teremos uma noite completa só nossa.

— Hoje, por favor! — implorou com a cabeça levemente inclinada para trás expondo seus lindos seios. Eu beijei um e depois o outro com muito carinho e fitei-a suspirando desanimado.

— Hoje é impossível, não tenho como escapar.

— É claro! A família em primeiro lugar. — Sua voz abatida cortou o meu coração, beijei seu rosto e saí rapidamente.

Cheguei atrasado encontrando a Kate bufando, sentada toda esplendorosa no sofá da sala.

— Achei que tivesse se esquecido de mim e do seu filho e ido direto para a festa — ironizou enquanto se levantava. — Aliás, onde está seu celular?

Olhei em seus olhos azuis fuzilando-me e peguei o

celular no bolso da calça enquanto pensava numa rápida resposta.

— Desliguei na reunião. — Apesar de não ter feito nada de errado mantive a mentira. Me fiz de chateado mostrando o aparelho e abri meu melhor sorriso enlaçando-a pela cintura.

— A conversa com os investidores se prolongou demais, me desculpe! — Beijei levemente seus lábios.

— Às vezes, eu me pergunto se eu tenho um marido. — Afastei o suficiente e a encarei, confuso. — Nunca está em casa.

— Não precisa ser tão dramática! — Soltei sua cintura e segui em direção à cozinha e ela me seguiu.

— É disso que estou falando, Chris. Você foge das conversas! — disse se posicionando ao meu lado enquanto pegava jarra com suco de laranja na geladeira.

Eu não respondi de imediato, fui até a pia, peguei um copo e me servi do líquido enquanto ela me analisava de forma irritante. E virei o copo de uma vez na boca.

— Fale alguma coisa — insistiu diante do meu silêncio.

Coloquei o copo na pia e a encarei.

— O que você quer que eu diga, hein? — Ela deu de ombros.

— Só queria que você fosse sincero comigo, não

minta, dói saber que o meu marido prefere ficar distante. — Seu tom triste quase me convenceu.

— Olha só quem fala! Você vive dando chá de sumiço sem ao menos me dizer para onde vai e nem por isso eu fico te perturbando pedindo explicações. E as ligações que recebe e se esconde para atender, será que é algo ilícito?

Ela fechou a cara na hora, ofendida.

— Assuntos de mulheres, estética... — Balançou a cabeça irritada em me dar explicações. — Coisas que não teria o mínimo de interesse.

Coloquei a jarra de volta na geladeira e fechei a porta, mas ela continuou ali me observando. Eu já estava acostumado com o seu jeito de querer me irritar, ela sabia que quando alcançava o seu objetivo eu desistia de qualquer coisa, mas, desta vez, não a deixaria me manipular.

Pelo meu filho, eu iria a esta festa, precisava mesmo aliviar minha cabeça.

— E não me venha fazer esta cara de coitadinha, não! Pelo menos, eu avisei onde estava.

E antes de ouvir seu argumento que, na verdade, não estava interessado voltei para a sala e a Kate no meu pé.

— O que está querendo dizer com isso, que eu escondo coisas de você? — Dei de ombros.

— E o Eric, onde ele está? — mudei de assunto.

Se seus olhos tivessem o poder de munição, eu estaria morto.

— Fugindo de novo, Chris... — continuou ela

— Ninguém está fugindo, aqui... — defendi-me.

Ela cruzou os braços na altura do peito, fitando-me incrédula.

— Acontece que agora não é o momento mais apropriado para discutir relação — tentei finalizar a conversa.

— Já percebeu que nunca é o momento certo? — questionou com olhar arrasado.

— Falamos disto amanhã, ok? — Seus lábios se abriram para protestar, mas antes eu subi as escadas correndo para evitar mais desentendimentos.

Abri a porta do quarto do Eric, ele conversava ao telefone com um amigo e sorriu ao me ver, acenando com a mão para eu entrar.

— Vou me trocar... — articulei com a boca e ele assentiu com a cabeça, sorrindo.

Capítulo Onze

Susie

Tudo o que vem se passando comigo não é nada comparado ao sofrimento do Flávio, ver sua mãe naquele estado vegetativo o deixou arrasado, sem chão. Qualquer palavra que saía de sua boca, seus olhos brilhavam, tudo fazia lembrar a sua mãe. Meu coração despedaçou dentro de mim e me ensinou que a vida dura e complicada não é só comigo e que todos passavam por isso.

Descobri que Maria Eduarda não era apenas uma tia querida, ela era muito mais do que isso para Flávio, era a sua segunda mãe. E também a pessoa mais sensata que eu já havia conhecido. Além de palavras de forças e o carinho que ela doou ao sobrinho, o que saía de sua boca eram palavras intensas, uma mulher de grande sabedoria que falava da morte como se fosse a própria vida, como se ela conhecesse o outro lado.

Era surpreendente a sua resignação, seus olhos lacrimejados indicavam que sofria com a irmã naquela situação, mas tudo nela parecia iluminado, transmitia uma

força descomunal e fazia a gente acreditar que morrer não é o fim. Uma frase que me deixou intrigada, era como se já tivesse ouvido antes. Nunca entendi direito este assunto sobre espiritualidade já ouvi muito falar, só que sempre tive muito medo e me afastei em todos eles.

Como a minha mãe sempre diz, o que fazemos aqui pagamos aqui mesmo, a terra é o inferno e eu sempre acreditei nela. E o que vem depois nunca me importou, afinal aprendi que devemos seguir um caminho reto, ser pessoas dignas e praticar muito a caridade.

Pois eu acredito que é isso sim.

A caridade traz algo muito bom para nossa evolução espiritual, pois é só observar os sentimentos bons que se apoderam da gente quando fazemos bem a alguém, a pessoa agradece tanto que eleva muito mais do que a nossa autoestima, nos deixa leve e mais feliz. É uma sensação de complemento da vida.

Flávio insistiu que eu e a Molly fôssemos para casa enquanto ele cuidava das burocracias para internar a sua mãe. Ambas não aceitamos, queríamos estar ao seu lado, apoiá-lo neste momento de dificuldade e também porque eu me apeguei a Maria Eduarda e adorava escutar suas palavras de sabedoria, além de ter uma companhia agradável.

O que ela falou foi muito bonito e reconfortante, porém uma frase cravou em minha cabeça que eu não

consegui me libertar, precisava esclarecer melhor, sobre "nunca ser o fim". Uma frase curta, simples, diante de tantas outras que ela falou, mas ela entrou em mim com uma força profunda, todo o percurso até a casa da tia do Flávio eu vim em silêncio.

Até o carro sair da avenida principal e entrar numa rua arborizada, estava quase deserta, se não fosse um ou outro carro estacionado em frente às partes iluminadas pelas luzes fracas dos postes tornando o local não muito seguro.

Era engraçado os meus sentimentos enquanto via a paisagem passar rápido pelos meus olhos, era como se a cena fosse familiar, um aperto em meu peito me fez suspirar e involuntariamente meus olhos se encheram de lágrimas. Levantei minha cabeça do encosto e me ajeitei sobre o banco, para dissipar aquela estranha sensação que fazia o ritmo do meu coração acelerar gradativamente. Sentado no banco do passageiro da frente, o Flávio me olhou rapidamente ali atrás, eu sorri timidamente e ele sorriu e voltou para frente.

Seu primo Lucas era quem dirigia a caminhonete de luxo de cabine dupla na cor prata onde cabiam confortavelmente sete pessoas. Atrás, eu me sentava na janela; a Molly no meio com a cabeça erguida e apoiada no encosto, dormia profundamente; e na outra ponta, a tia do Flávio olhava distraída pela janela. E atrás, a Ângela dormia profundo como a Molly.

A sensação que eu tinha era como se ali representasse alguma coisa importante que tentava sair de algum lugar escondido dentro das minhas memórias. Fechei os olhos tentando me concentrar sei lá no quê. Nunca estive no Brasil e não me recordo de ter lido ou visto algo parecido em livros ou revistas.

Eu não entendia aquele anseio e que, de repente, começou a me fazer mal, me tirar o controle. Dentro do carro tudo se tornou denso e pesado, minha cabeça começou a girar com tanta ansiedade que recebi uma descarga de adrenalina que tomou meu corpo e novamente vi a luz.

E tudo iniciou novamente até conseguir recuperar o equilíbrio e voltar ao real.

Abri a janela, colocando meu rosto para fora e inspirando o ar fresco da noite.

— Você quer eu peça para ligar o ar condicionado? — A voz calma da dona Maria Eduarda cortou o silêncio, olhei para ela, encurvada à frente olhando para mim e Flávio virou-se imediatamente.

Eu corei pensando na possibilidade de eles perceberem o meu estado, exausta com tudo isso, os medicamentos não eram mais capazes de me ajudar.

— Quer que eu ligue, Susie? — ofereceu Flávio.

Eu neguei com a cabeça.

— Imagina, não precisa. Está fresquinho aqui dentro! Só abri a janela para conhecer o ar local — menti, limpando o suor pela testa.

Flávio e a tia se entreolharam.

— Estamos quase chegando! — informou ele com um sorriso tão fofo e se voltou para frente.

No entanto, sua tia não se convenceu, ela não disse nada, simplesmente continuou inclinada para frente e ficou ali me olhando com preocupação. Sem graça, eu sorri e, então, ela estendeu sua mão segurando a minha com força e logo em seguida Lucas parou o carro em frente a um portão de ferro.

Na escuridão, não consegui ver a cor e um muro que parecia ser branco encoberto pela vegetação. Passou pelo portão e parou em frente a uma bela casa, grande, branca, com janelas de madeira, um jardim muito bonito à frente e coqueiros em ambos os lados da enorme porta dando um toque especial à paisagem.

— A sua casa é muito bonita — elogiei com o corpo inclinado para dona Maria Eduarda.

Ela sorriu orgulhosa.

— Obrigada, minha querida — agradeceu abrindo a porta do carro e desceu.

Mergulhada no sono, a Molly nem percebeu que havíamos chegado, eu cutuquei seu ombro e todos já

haviam descido.

— Ah! — Abriu os olhos, assustada. Levantou a cabeça, seus olhos vermelhos sonolentos estavam confusos.

— Acorda, chegamos — avisei antes de descer do carro.

A casa não era só bonita por fora, por dentro tinha o mesmo requinte, mas não era assim propriamente um ambiente elegante, as mobílias eram antigas com um toque contemporâneo, mas o clima ali dentro era muito bom, leve, como se emanasse algo positivo.

Eu me senti muito bem.

A recepção calorosa me deixou muito à vontade, mostrou a casa no andar de baixo, a cozinha muito bem planejada com móveis e eletrodomésticos todos brancos. Subimos dois lances de escada para o andar superior. Andamos por um longo corredor em chão de madeira, passamos o primeiro quarto que ela informou ser o seu, o próximo era o quarto do Lucas, o terceiro ela deu para o Flávio usar e o último quarto do corredor ficou para mim e a Molly.

— Espero que fiquem bem instaladas aqui neste quarto. — Olhou ao redor, preocupada se estava tudo em ordem. Eu segui seu olhar.

Uma janela enorme de vitrais com as cortinas abertas

dava para o jardim onde se tinha visão da rua. Com duas camas de solteiro, uma de cada lado da janela, e entre elas uma cômoda larga na altura da cama com três gavetas e sobre ela um aparelho de telefone. E do lado direito, o banheiro e do esquerdo um armário até o teto com cinco portas.

— Eu adorei! — exclamou, Molly saltando em cima de uma das camas e deitou abrindo os braços e as pernas.

Sua tia sorriu satisfeita.

— Acho que dá para vocês tirarem um cochilo antes de irem à festa — sugeriu com um sorriso e saiu fechando a porta atrás de si.

Eu me sentei na cama em frente à Molly relaxando meus ombros e baixei a cabeça entrelaçando meus dedos trêmulos, perdi totalmente o ânimo de sair, sentia ainda a vibração do que aconteceu no carro.

— Eeeeei. O que foi, Susie? Não gostou daqui? — Se sentou ao meu lado.

Eu lancei-lhe um olhar infeliz e apertei meus lábios.

— O que foi, Susie, por que você está assim? — Colocou uma mecha dos meus cabelos sobre meu rosto atrás da orelha para me ver melhor. — Conheço esta carinha, o que foi?

— Eu não sei... — respondi desanimada.

Ela me abraçou carinhosa como sempre fazia com a

minha tristeza.

— Eu não entendo o que eu tenho, porque sinto tantas coisas estranhas. — Suspirei em seu ombro, ela alisou meus cabelos sobre as costas.

— Aconteceu de novo, quando? — Se afastou e fixou seus olhos nos meus.

— No carro, quando estávamos vindo para cá. Você estava babando... — Omiti a parte do aeroporto. Ela arregalou os olhos e seus lábios se abriram, surpresos. — não quis te acordar.

Ri do seu jeito.

— Eu ronquei? — Vincos de preocupação surgiram em sua testa e eu acabei rindo ainda mais.

— Não! Mas foi por pouco... — brinquei. Ela bateu em meu ombro.

— Engraçadinha! Vamos falar de você, então isto quer dizer que os remédios não estão fazendo efeitos. — Eu confirmei com a cabeça, ainda incerta.

— Estou desconfiada que eles me fazem relaxar demais, talvez eu tenha que diminuir a dose, eu não sei... — Balancei a cabeça novamente, confusa.

— Não pode tomar uma decisão sem consultar um médico, ficou louca?

— Eu já percebi que quando tomo os remédios eu fico mais vulnerável aos sintomas, é como se eu não

conseguisse controlar minha mente, você entende?

Ela disse que não com a cabeça.

— Eu não entendo nada disso — Segurou forte em minha mão. —, mas o meu conselho é que continue tomando como está prescrito na receita. Era o que o médico pedia a minha mãe quando ela fez tratamento com este tipo de medicamento. E também tem que se esforçar, precisa passar por cima, enfrentar. — Apertou um pouco mais minha mão. — A festa de hoje vai te ajudar, você vai ver.

A sua convicção deveria me animar, mas não. Via em sua expressão que tinha muito mais a falar, eu conhecia sua opinião perfeitamente. Como ela mesma dizia: "Vou te dizer umas verdades!", e não me surpreendeu ao não fazer isso, afinal ela nunca me magoaria.

— Eu acho que não vou, não me sinto... — tentei começar a argumentar, quando ela me cortou de imediato.

— É claro que vai. — Foi convicta e se levantou, colocou sua mala sobre a cama e começou a tirar suas roupas e guardar no armário.

Eu me sentia indisposta para acompanhar a empolgação dela. Deixei meu corpo cair de lado sobre o travesseiro e fiquei ali com um olhar perdido sobre a mala de roupa da Molly, percebi sua agitação e eu não queria ser desmancha-prazeres de ninguém, então pensei que, quem sabe, se conseguisse cochilar eu acordaria mais

disposta, então fechei meus olhos.

Não sei quanto tempo dormi, abri meus olhos, sonolenta, na escuridão do quarto quebrada apenas pela luz fraca da lua entrando pela fresta da janela.

A mala da Molly estava no chão ao lado de sua cama, aberta. E ela dormia profundamente de boca aberta,

— Molly? — chamei baixo, mas ela nem se mexeu.

Achei graça, com uma enorme inveja da sua facilidade em dormir tão profundamente. Meu sonho era leve, despertava a qualquer movimento próximo de mim.

Como ela conseguia aquilo?

Me virei de costas na cama e fiquei ali por alguns minutos olhando para o teto, sentindo uma enorme angústia dentro de mim, tudo o que eu conseguia pensar era no erro que cometi ao aceitar o convite do Flávio com a minha saúde em situação frágil.

Vozes no andar de baixo e passos sobre o assoalho de madeira me animou a me levantar e descer, eu não suportava mais ficar ali me remoendo, se, pelo menos, meus pais estivessem comigo, mas, enfim, teria que aguardar eles chegarem na próxima semana como estava planejado.

A respiração de Molly estava ruidosa, levantei e segui para o banheiro nas pontas dos pés com cuidado, havia deixado a porta do armário aberta, mas sequer mexi,

tudo para garantir o silêncio. Lavei meu rosto, penteei os cabelos com a escova da Molly, afinal nem havia aberto as minhas malas, ela continuava no canto da parede com o cadeado. Suspirei satisfeita com o meu visual, nas pontas dos pés atravessei o quarto, abri a porta sem nenhum ruído e a fechei da mesma maneira silenciosa.

O corredor estava à meia-luz, com apenas um abajur alto na parede ao meio.

Percebi que a sala estava com a mesma iluminação.

Assim que cheguei à escada, vi a dona Maria Eduarda na sala de jantar em um canto, sobre a mesa vários livros empilhados e outro aberto com um abajur de luz forte localizado bem em cima da página que ela lia com atenção. Estava tão distraída que nem percebeu quando cheguei ao seu lado. Virou-se rapidamente, então colocou os óculos de leitura sobre a mesa e ergueu a cabeça.

— Oi, minha querida. O que foi, não conseguiu dormir? — Admirei seu sorriso consolador.

Pois foi assim que o classifiquei, acalmou meu coração angustiado.

— Não — respondi apenas com a voz um pouco embargada.

Ela sorriu carinhosa, segurou em minha mão e apertou.

— Sente-se aqui... — Puxou a cadeira ao seu lado, eu dei a volta e me sentei.

Ela se encurvou cruzando os braços sobre o livro e se virou para mim estudando o meu rosto

— Eu sinto você triste, jovem. O que foi, não gostou do Brasil?

Ela apertou os olhos, *franzindo* o cenho quando um soluço escapou dos meus lábios.

— Eu adorei o Brasil, é tudo muito lindo! — Dei meu sorriso mais convincente, aqueles que eu sei que ninguém perceberia o que acontecia comigo. Não falaria com ela sobre um assunto tão íntimo.

— Me deixa adivinhar... — Revirou os olhos e voltou para mim, rindo com humor. — Digamos que esteja com saudades do namorado que ficou lá do outro lado do oceano.

Realmente ela era uma mulher sábia e sabia exatamente como arrancar uma confissão, eu lhe dei o meu melhor sorriso, o único que consegui depois de um dia tumultuado que eu estava perdendo o controle.

— É... pode ser — concordei incerta pensando que seria uma ótima desculpa para mudar de assunto. — O Johnny ficou chateado com esta minha viagem — fui sincera.

— Hummm! Por isso esta carinha triste?! — Segurou

meu queixo balançando-o lentamente. — Não se preocupe tanto com isso, vocês vão se acertar.

Concordei com a cabeça e olhei para o livro aberto em sua frente, ela baixou os olhos e sorriu em seguida colocando seus óculos de leitura.

— O que a senhora está lendo?

— Algo que me faça entender de fato o que aconteceu com a minha irmã. — Soltou um suspiro de pesar. — A Celeste tinha um dom especial, não sei se o Flávio chegou a comentar com você.

Ela inclinou a cabeça e fitou-me. Eu neguei com a cabeça, pensando que fui desleixada em somente agora saber o nome Celeste. Eu a conhecia como a avó da Molly e a mãe do Flávio, nem tive a curiosidade em perguntar o nome. Acho que, na verdade, senti medo.

Maria Eduarda continuou:

— Então, quando ela completou 14 ou 15 anos, eu não me recordo bem, ela começou a ter visões... — Arregalei os olhos e Maria sorriu, apertando minha mão sobre a mesa. — Não tenha medo, minha querida.

— É que este tipo de assunto me assusta um pouco, a minha mãe é uma pessoa extremamente cética e nunca aceitou conversar sobre este tipo de tópico. Talvez nem seja medo que eu sinta e sim desconhecimento.

— Na verdade, a opinião de sua mãe sempre foi a

minha e também dos meus pais, sabe? — Ela tirou os óculos e colocou sobre a mesa novamente, cruzou os braços sobre o livro e me observou. — Quando a Celeste apresentou estes sintomas, estas coisas... ela dizia que via o futuro das pessoas, chegou até ver coisas trágicas e, por incrível que parece, aconteceram depois.

— Sério? — indaguei com um tremor tomando meu corpo.

O ambiente à meia-luz da casa me deixava ainda mais assustada, porém não disse nada por maior que fosse o meu medo, eu estava muito, mas muito curiosa mesmo com a narração dela.

— Sim... Ela sentia muito medo destas visões, sabe? Já me confidenciou que ela via além do que poderia ver e temia que um dia ela fosse silenciada. — Abracei meu corpo, arrepiado, e ela continuou: — Inclusive, quando ela resolveu se mudar do Brasil, foi justamente acreditando que longe daqui ela poderia levar uma vida normal.

— E ela levou? — perguntei. Ela balançou a cabeça em sinal negativo.

— Eu não sei... Desde quando ela se mudou, nunca mais tocou nestes assuntos. E a gente procurou também não perguntar para não reacender suas perturbações. Ela tinha um pavor dentro de si. Tinha medo de que um dia, nestas suas viagens astrais, ela nunca mais conseguisse

voltar ao mundo real. E acho que diante do que aconteceu, foi exatamente isso que aconteceu, ela já previa isso.

Enquanto ela falava, peguei um livro da pilha à minha frente com o título A VIDA DEPOIS DA VIDA e folheei. Mas o larguei em seguida, senti um peso sobre minha nuca e um arrepio que desceu por toda minha espinha e me levantei num pulo.

— Ah, este livro eu ainda não li, separei ele porque o assunto parece bem interessante — explicou ela me observando ali em pé ao seu lado.

— Não tem o nome do autor. — Ela pegou o livro, em silêncio, seus olhos voaram pela capa e depois ela abriu e folhou-os com um vinco profundo em sua testa.

— Sabe que eu não havia reparado. Quando ela se mudou, ia jogar uma caixa repleta de livros fora, eu acabei trazendo para casa. Escolhi justamente ele na caixa devido ao assunto, este livro a Celeste ganhou de presente de uma mulher no Instituto do Bem, um lugar que fomos... época que ela procurava ajuda.

— E encontrou? — Algo dentro de mim pedia para não entrar neste assunto, mas, de repente, uma onda de esperança percorreu meu corpo, quem sabe... Balancei a cabeça discretamente para expulsar aquela possibilidade idiota.

— Ela encontrou apoio em alguns dos lugares onde esteve, mas infelizmente nenhum deles foi capaz de

libertá-la, era o que ela mais desejava. No fim, o jeito foi aprender a conviver com isso, não deixar ser consumida. — Ela sorriu com tristeza. — Estas eram suas palavras. Ah, me lembrei! A mulher que deu este livro para a minha irmã disse na época que escreveu este livro e nunca conseguiu patrocínio para a publicação e este foi o único exemplar que ela mandou imprimir, talvez seja por isso que não colocou seu nome. — Concordei com ela com um movimento lento de cabeça chegando à conclusão que o assunto foi longe demais.

— Acho que vou subir. — Passei as mãos trêmulas sobre as pernas, ela sorriu gentilmente e voltou aos meus olhos.

— Vai se preparar. Daqui a pouco, vocês vão sair para a festa.

Eu concordei e mais do que depressa subi para o quarto.

De repente, tudo o que eu queria era sair daquela casa, eu não entendi o clima sombrio que se instalou ali. Fechei a porta com força sem querer, despertando Molly, que se levantou da cama com as pálpebras mais fechadas do que abertas, sonolenta.

— Que susto! — reclamou jogando o corpo novamente sobre a cama.

Fixou seus olhos em mim, eu tremia como uma vara verde, e mesmo à meia-luz do quarto, apenas iluminado

pelo abajur de luz amarela sobre seu criado-mudo, ela percebeu. — Que cara é essa?

— Desculpe... — falei rápido e fui para banheiro e acendi a luz, eu precisava de claridade, muita claridade.

— Você me parece assustada, Susie — disse ela encostando ao batente da porta do banheiro.

— Impressão sua! — tentei ser convincente.

Não queria dizer o que acontecia comigo, aliás, aquela história estava ficando chata demais até para mim, mas eu não conseguia me livrar daquele medo que me consumia, era como se algo muito forte e inexplicável fosse acontecer a qualquer momento. Como se uma bomba fosse explodir, pegando todo mundo de surpresa.

Um receio fincou em meu coração e não saiu mais.

Abri o chuveiro, me despi e entrei embaixo daquele jato quente e confortante de água. Senti meus músculos tensos relaxarem e, para ampliar a sensação de bem-estar, fechei os olhos.

— Eu te conheço melhor do que você mesma, amiga. Essa sua cara denuncia você. — Molly me arrancou do meu sossego momentâneo.

Lancei um olhar sapeca e ela riu.

— Acho que é por causa da festa, de repente estou na maior ansiedade para conhecer pessoas novas. — Abri o meu melhor sorriso e ela parece que se convenceu abrindo

seu sorriso ansioso.

— Eu também... — Estremeceu. — Não vejo a hora, aliás, acho que já está na hora, você já sabe o que vai vestir? — Eu neguei com a cabeça.

— Nem abri minha mala ainda, daqui a pouco eu vejo.

Ela voltou para o quarto dando-me uma trégua.

A festa veio mesmo a calhar, uma ótima oportunidade para aliviar minhas tensões.

O carro parou na frente de uma casa enorme e muito linda, meu cérebro demorou um pouco para raciocinar qualquer outra coisa que não fosse aquela residência suntuosa, com um jardim impecável muito bem cuidado.

As janelas brancas harmonizavam com o bege das paredes, uma varanda em frente à porta com dois pilares pintados de branco um de cada lado da porta. Um vento fresco levantou meus cabelos assim que a porta do carro se abriu, sorri sem graça para o Fábio que estava segurando a porta, aguardando eu descer. Estava tão admirada com aquele lugar, que mal percebi que todos já desceram do carro: seu primo, a namorada agarrada ao braço dele, a Molly... menos eu.

— Por acaso, a bela desistiu de descer? — perguntou Flávio com um sorriso gentil como todos os outros que ele

me deu.

Estava muito bem na calça jeans clara e uma camisa branca de mangas longas dobradas na metade do antebraço e com detalhes em preto na gola.

— Sim... — respondi enquanto descia e me afastei enquanto ele fechava a porta.

— Olhe só que casa linda! — sussurrou Molly ao meu ouvido e antes que eu pudesse responder, o Flávio segurou em meu ombro.

— Vamos pessoal.

Caminhamos em direção à entrada da casa e à medida que nos aproximávamos da porta podia ouvir a música vinda do lado de dentro.

— É impressão minha, ou você está mesmo tensa? — Havia momentos em que o olhar curioso do Flávio me incomodava como agora.

— Não, claro que não. — Avancei dois passos a sua frente e saí da sua mira, mas logo ele estava de novo grudado.

— Tem certeza? — insistiu bem próximo ao meu ouvido, o calor do seu hálito me incomodou tanto quanto o olhar. Procurei ser discreta novamente e me afastei. Percebendo meu receio, ele soltou do meu braço de imediato, sorrindo sem graça.

— Nunca me senti tão bem — menti.

A preocupação do Flávio tinha sentido, havia algo de estranho comigo, como se algo me puxasse de volta, alertando-me de que eu estava entrando num incêndio. Senti meu coração palpitar e um calor subindo para meu rosto deixando minhas bochechas queimando e nítida aos olhos de quem me olhava devido à pele clara.

— Quero que saiba que pode contar comigo, se precisar. — Ele caminhava ao meu lado na insistência do seu olhar, constrangedor.

— Eu agradeço — disse secamente.

— Pai, a porta está aberta — falou Molly empurrando a porta. — É só entrar ou precisamos apertar a campainha? — indagou ela.

Estava tão ansiosa que deixou todos para trás.

— É só entrar, minha filha.

Eu fui a última a entrar na casa, por um momento me senti um pássaro fora do ninho e olhei para minha própria roupa e por um momento me odiei porque nunca ouvi a minha mãe. A minha forma de vestir não estava combinando em nada com aquele ambiente sofisticado, só o hall de entrada já impressionou: um lustre de cristal com todas as luzes acesas iluminava uma estrela de Davi desenhada com mármores luxuosos no chão.

Eu ajeitei minha camisa, que graças à insistência da Molly eu acabei vestindo. Era uma camisa branca de

manga longa de seda dobrada um pouco acima do pulso, aberta até a altura do colo do meu seio, realçando o volume que, às vezes, me incomoda por achar exagerado. E a calça *flaire* que me permitiu abusar do salto alto por ter uma boca mais larga na barra e por cobrir os pés, o que ajudou a alongar a silhueta dando-me um ar um pouco mais sofisticado.

Depois da conversa com a sua tia, eu fiquei tão apressada para sair daquela casa. Se não fosse a Molly aplicar cores no meu rosto, eu sairia somente com um lápis preto ao redor dos olhos, e o rímel nos longos cílios para realçar o verde dos meus olhos que combinava e muito bem com meus cabelos castanho-escuros, longos e as pontas cacheadas.

Porém, mesmo assim eu não estava à altura das mulheres naquela festa, espalhadas pela sala luxuosa da casa. A Molly não, ela estava vestida adequadamente num tubinho preto na altura dos joelhos, uma gola dourada em estilo anel que deixou seu corpo muito mais bonito, e uma sandália preta de salto, maquiagem perfeita, só faltou as asas de anjo para completar o visual.

Ela era tão delicada!

O Felipe. primo da Gláucia, do outro lado da sala, acenou com a mão que segurava o copo assim que nos viu e veio em nossa direção, abraçando o Flávio.

— Que legal que você aceitou o meu convite.

— Achei interessante trazer as meninas para se divertirem, aliás, elas são muitos jovens para ficarem naquele clima fúnebre — ilustrou Flávio com as mãos.

— Fez bem, meu amigo. — Concordou ele, beijando meu rosto e da Molly.

— *Dá licença,* gente, *vou ali cumprimentar* uns amigos. — Lucas apontou em direção a quatro rapazes da sua idade ou um pouco menos, rindo alto, que também acenaram para ele. Agarrou Ângela pela cintura arrastando-a com ele.

Não sei por que ficamos contemplando Lucas, e quando chegou perto e cumprimentou os amigos, dois deles olharam em nossa direção com movimentos nos lábios, provavelmente perguntando sobre nós, e Lucas deu uma viradinha. Neste instante, como se sentisse ameaçado, Flávio grudou na minha cintura me deixando totalmente corada com o olhar crítico da Molly e ganhando o levantar da sobrancelha de Felipe.

Percebendo sua atitude, e sorrindo fraco, ele me soltou e colocou a mão nas costas da Molly e a guiou entre as pessoas.

— Eu quero apresentar você para a Gláucia, vem comigo. E você também, Susie. — Felipe foi junto.

Passamos por várias pessoas elegantes conversando, cruzamos um corredor e entramos numa outra sala grande, não tão espaçosa quanto a que entramos, porém tão

luxuosa quanto. Uma porta de vidro tomando toda a parede, aberta com acesso a um quintal de tirar o fôlego, com muita vegetação, iluminação colorida e uma piscina redonda com suas luzes coloridas em LED.

Havia vários sofás confortáveis de três, dois e um lugar e, ao centro, uma mesa quadrada onde as taças eram colocadas pelos convidados e grupos de pessoas conversavam enquanto os garçons passavam com a bandeja oferecendo espumantes.

Aproximamo-nos do último grupo, perto da porta de vidro, e imediatamente uma mulher linda de cabelos loiros bem curtos, de aproximadamente uns 37 anos, se levantou. Ela abriu um sorriso escaldante para Felipe assim que o viu, seus olhos azuis-claros brilhavam de emoção quando beijou sua face e o abraçou pelo pescoço.

— Oh, meu querido! Você veio! Que alegria — disse num tom formal e muito educado.

— Faz um tempinho que cheguei, estava na outra sala conversando com o pessoal — esclareceu e ela o abraçou novamente.

— Que saudades, há quanto tempo! — Seus olhos se encontraram com o meu pelo ombro de Felipe. Eu sorri sem graça, meio perdida ali. — São seus amigos? — ela perguntou ao se afastar e se aproximou do Flávio.

— Deixa eu te apresentar, ele é o Flávio, se lembra dele?

Ela revirou os olhos tentando se lembrar dele, então negou com a cabeça.

— Acho que não. — Estendeu a mão. — Mas de qualquer forma seja muito bem-vindo à minha casa.

— Obrigado... — agradeceu Flávio segurando sua mão. — Esta é a minha filha, Molly.

— Muito prazer, Molly, você é muito linda... — elogiou estudando o rosto de Molly com atenção.

— Obrigada, você também é muito bonita. — Ela sorriu feliz, colocando as mãos no rosto.

— Imagina! Em outros tempos, eu diria que fui bonita...

— Você é a mesma, não mudou nada. — O elogio de Felipe a fez corar.

— Sempre tão gentil. — Então, ela olhou para mim. Me estudou por alguns instantes me deixando encabulada e baixei os olhos por algum instante. — E esta linda jovem, quem é?

— Ela é amiga da Molly, veio como companhia, aproveitar as férias.

— Muito prazer. — Estendi a mão e ela segurou forte sem tirar os olhos dos meus.

— O prazer é todo meu, aproveitem a noite. — Olhou ao redor como se estivesse procurando alguém. — Queria apresentar vocês para a minha filha, afinal vocês têm a

mesma idade.

— Ela está na outra sala com os amigos — avisou Felipe.

— Ah sim! Então fiquem à vontade, e Felipe apresente as meninas para ela, tudo bem?

— Apresento sim, pode deixar.

Gláucia era muito requisitada, enquanto conversava com a gente se formou uma fila de pessoas querendo cumprimentá-la. Educadamente, ela pediu licença. Aproveitei para tomar um espumante aqui no Brasil, eu estava dentro das leis.

— Eu também quero. — Molly estremeceu pegando a taça na bandeja. Flávio franziu a testa em reprovação.

— O que foi? Eu tenho 18 anos e neste país é permitido. — Ele sorriu.

— Tem razão. — Enlaçou a mão pela cintura de Molly puxando-a e beijou seu rosto. — Eu estou tanto tempo fora daqui que até me esqueci das leis.

— Estou amando o Brasil, estou até pensando em me mudar para cá — brincou Molly.

— Sério? — Flávio parecia não acreditar. — Acha mesmo que existe esta possibilidade?

De repente, ela respondeu:

— Se a mamãe vir junto, é claro! Eu nunca a deixaria

sozinha.

Ele torceu a boca.

— Se depender da vontade de sua mãe, eu acho que isso nunca vai acontecer.

Eu não disse nada, embora tenha concordado com ele, porque a mãe de Molly não me parecia uma pessoa aberta a mudanças. Passou pela minha cabeça a conversa que tive com ela sobre a verdade que a sua mãe escondeu. Mas como a mãe da Molly mesma disse, não contou ainda devido aos problemas atuais, aguardaria a poeira baixar.

— Ela ainda não o perdoou? — perguntou Felipe, e Flávio deu aquele olhar tipo: "não fale mais nada".

Felipe trincou os dentes e seus olhos se distanciaram para trás dos ombros de Flávio.

— A Renata ali. Vamos lá, quero apresentar vocês.

Molly hesitou, olhava para Flávio especulativo. Percebi sua preocupação e seguiu Felipe, eu fiz o mesmo. Então, vencida, Molly acabou vindo também.

Nos aproximamos de um grupo de jovens, com três garotas da mesma idade e dois garotos, e uma das garotas, que deduzi ser a filha da Gláucia, era tão loira como ela, seus cabelos longos quase na cintura, olhos azuis e um lábio grosso de causar inveja.

— Oi, Renatinha! — Felipe a abraçou pela cintura, ela jogou a cabeça para trás e seus cabelos formavam uma

onda dourada na maior intimidade. — Meus parabéns, minha querida.

— Obrigada, Fe... — respondeu com sua voz aguda toda manhosa e olhou para a gente.

— Deixa eu te apresentar. Este é o Flávio, um amigo meu e da sua mãe, da nossa juventude. — Renata o cumprimentou com a cabeça e um sorriso lindo. Percebi que ela era uma garota meiga, a forma carinhosa como ela sorria até me deixou mais à vontade. Apontou para Molly. — A Molly é filha dele — E apontou para mim. —E esta é a Susie, amiga da Molly.

— Obrigada por terem vindo a minha festa.

— Nós que agradecemos — falou Molly.

Depois das apresentações, nos acomodamos no canto da sala, enquanto uma música boa começou a tocar embalando nossos corações. Inclusive do Flávio, que desabou ali diante da canção, a Molly o abraçou forte dando-lhe o conforto de filha, me deixando emocionada.

Eu, ao contrário, não tinha nada a oferecer, me sentia tão triste como ele, mas não era exatamente a sua dor que sentia, mas algo diferente. Algo que eu não sabia explicar. Levantei a mão com a taça e em pensamento culpei a bebida e acabei abandonando a taça sobre uma mesinha ali no canto.

E fiquei em silêncio, olhando ao redor, observando

aquelas pessoas felizes, como eu era alguns dias atrás antes de tudo começar. Eu ria como eles na maior espontaneidade, mas agora tudo o que eu conseguia era lamentar por dentro e esboçar falsos sorrisos para um e para outro a fim de disfarçar o que realmente acontecia comigo.

Flávio emplacou uma conversa com uma amiga do passado, eu aproveitei e fui até a sala onde a Gláucia conversava com amigos e fui seduzida pelo quintal. O ar fresco que entrava pela porta de vidro e o cheiro bom da natureza que vinha lá de fora tiveram um efeito calmante sobre as minhas angústias, talvez meu corpo necessitasse de um pouco de natureza brasileira.

Aproveitei que não era o centro das atenções e saí. Encostando-me ao tronco de um grande coqueiro, respirei, aspirei e nada surtia efeito analgésico, a verdade é que, desde que tudo começou, eu vivo na expectativa daquele momento do surto, era como se aquilo tudo fosse parte da minha vida, parte de mim, eu não sabia explicar, mas sabia de uma coisa: precisava ir embora e enfrentar o medo que sentia da casa, já que eu não tinha outra escolha.

Voltei e procurei por Molly, ela dava altas gargalhadas com um rapaz da nossa idade, ou um pouco mais, no canto da sala. Pelo seu sorriso alegre eu decidi ficar, porém quando me virei para voltar para fora me deparei com o Flávio parado atrás de mim. Arregalei os olhos com os seus percorrendo meu rosto sem nenhuma

inibição, ele estava tão perto que podia sentir o cheiro de álcool exalando de sua boca.

— Se estava me procurando, me achou — falou ele com malícia na voz.

Meu coração saltou no peito e recuei, preocupada com sua atitude. O Johnny tinha razão, seus olhares evoluíam para investidas e isso me incomodou. Inclusive, a coisa estava ficando tão nítida que até a Molly já questionou sobre o assunto. Mas tudo isto era apenas um detalhe diante da pessoa que ele era: um pai amoroso, um filho espetacular e um amigo fora do comum, sua hospitalidade deveria ser levada em conta.

Ele segurou em meu braço.

— Espere, não precisa fugir de mim...

— E-eu não estou fu-fugindo — gaguejei.

Ele inclinou a cabeça para o meu pescoço e aspirou meu perfume.

Respirei fundo, confusa, quando ouvi vozes e notei que ele ficou paralisado, olhando por cima dos meus ombros como se visse algum desafeto atrás de mim e virei a cabeça para ver quem era. Levei um susto, meu coração palpitou quando meus olhos fixaram naquelas pessoas que acabaram de chegar à festa, eu simplesmente me virei ficando ao lado do Flávio.

Fiquei presa a elas de uma maneira impossível de

desviá-los. Havia dois homens de costas para mim. Ambos na mesma altura, cabelos curtos e de tons diferentes, um claro e o outro um pouco mais escuro, ambos usavam jeans escuro. Um deles com uma camiseta branca justa destacando o ombro largo e os braços fortes; e o outro com uma camisa salmão de manga longa dobrada até o meio do antebraço e mesmo a camisa sendo um pouco larga dava para se perceber que seu porte era atlético. De frente para eles, uma mulher linda com seus 37 e poucos anos, elegante num vestido branco com detalhes vermelho e joias refinadas em toda parte do seu corpo. Loira, olhos incrivelmente lindos, tão lindos que doeu em mim enquanto oscilavam para a Gláucia falando e ao redor ocupados demais para perceber que eu os observava com muita curiosidade.

Disparado, meu coração começou a ficar dolorido e apertado dentro do peito, me deixando desconfortável. Engoli com força para descer o nó que se formou em minha garganta, olhar para ela me causava arrepios. Gláucia colocou a mão no ombro da imaculada ao seu lado e fazia comentários em meio ao sorriso simpático dela que eu não pude ouvir, avancei alguns passos involuntariamente e pude ouvir melhor e claramente, e os quatro riam, mesmo de costas para os dois homens eu sentia uma necessidade de correr até eles e os abraçar pelas costas.

Você está louca, Susie?, Pensei no silêncio dos meus

pensamentos para reprimir esta vontade que me impulsionava para frente.

Suspirei quando a mão de um passou pelo ombro do outro, e o puxou para mais perto, colando ombro no ombro.

— Vem, vamos sair daqui — Flávio segurou em meu braço nitidamente incomodado, ao longe eu ouvia sua voz me chamando para sair dali, no entanto não conseguia me mover, meus olhos se prenderam àqueles dois homens abraçados.

— O meu filhão está de volta. — A corrente de ar trouxe aquela voz macia e aguda que penetrou em meus ouvidos, causando em mim um impacto que me deixou zonza.

Fechei meus olhos enquanto meu cérebro parecia fazer o reconhecimento daquele tom. Era incrível a sensação que fiquei de já ter ouvido aquela voz antes. E os abri com a sensação de pisar no nada e respirei fundo, era como se o chão fugisse dos meus pés e eu flutuasse sobre aquele buraco infinito onde um vácuo me puxava para baixo e quando baixei vi a luz.

Respirei fundo para não me deixar levar novamente, sabia que era o túnel e eu não queria passar por aquilo novamente e com determinação voltei àquelas pessoas, observando.

— Você está cada vez mais lindo, Eric. — Gláucia

colocou a mão em seu rosto. — A Renata vai ficar feliz quando ver você — disse ela olhando ao redor procurando pela filha e Eric olhou em torno também e parou seu olhar em mim por um instante.

Senti um baque no meu coração como se uma faca bem afiada me penetrasse e me rasgasse totalmente por dentro.

O que era aquilo e por que eu me sentia assim?

Não havia uma explicação lógica.

Apenas eu sentia, meus olhos cheios de lágrimas não conseguiram segurar a enxurrada que veio a seguir, apertei meus lábios um sobre o outro a fim de disfarçar, mas estava muito difícil. Aquele rosto lindo, que nunca vi na vida, me trazia lembranças escondidas num lugar dentro de mim que eu não tinha acesso.

Ele sorriu para mim despretensiosamente, eu sorri com os lábios fechados envolvida num sentimento de afeto. Seus olhos verdes mexiam comigo de um jeito que eu não sabia explicar, então ele voltou a olhar para a Gláucia dando-me as costas, senti de repente um vazio quando seus olhos abandonaram os meus.

— Eu vou procurar por ela — avisou ele.

Então, aquele outro homem que eu não vi o rosto, com uma magnitude na voz que me fez delirar, abraçou o filho e beijou-o várias vezes no rosto. Um gesto que me

fez chorar, era como se eu nunca houvesse visto um carinho daqueles.

Eu não aguentei, chorei mais alto, as lágrimas desciam sem vergonha pela minha bochecha, o Eric se afastou quando a mulher linda tomou seu lugar e, então, ele se virou de frente para mim.

Meu coração parou de bater no momento em que seus olhos se encontraram com os meus, puxei o ar com força. Achei que morreria com as pernas bambas, encostei-me a Flávio, que me segurou pela cintura.

— Susie, Susie, o que você tem? — Flávio me abanava desesperado com o meu estado, mas eu não conseguia desviar meu olhar.

Nossos olhos pareciam se fundir, era algo inexplicavelmente forte e intenso, ele inclinou a cabeça e balançou a cabeça de um lado ao outro, incrédulo. Talvez porque eu estava em prantos, não sei. Eu estava totalmente fora da minha *zona* de controle, zonza, olhando para aquele desconhecido que lá no fundo da minha alma trazia-me recordações.

Que recordações, Susie? Para com isso!

Não sabia nada sobre ele, entretanto sentia ao mesmo tempo que sabia muito, muito mesmo... Seus olhos não desviaram dos meus por nenhum instante, causando irritação na loira ao seu lado.

— Susie? — persistiu Flávio tentando me arrastar até o sofá.

Sem sucesso, meus pés estavam pregados ali no chão.

— Molly, Molly... — Ainda ouvi sua voz desesperada chamando pela filha a fim de ajudar me socorrer.

Eu não suportei a dor no meu peito, eu sabia que precisava sair dali e tinha que ser neste instante se eu não quisesse morrer asfixiada. Puxei meu braço da mão do Flávio, e quando passei pelo casal meu braço esbarrou no dele.

Levei um choque.

Foi exatamente isso que senti, como se levasse um choque elétrico de alta voltagem. Zonza com aquela onda de energia percorrendo o meu corpo, eu abri a porta e saí como uma louca daquele ambiente, chorando muito e ouvindo alguém gritar meu nome de longe.

A luz parecia iluminar meu caminho pela calçada, andei naquele facho de luz abraçada ao meu corpo, trêmulo, como se eu fosse encontrar uma saída para aquela angústia que estava sentindo. Quando eu pensava que estava melhorando acontecia um fato novo que me jogava ribanceira abaixo.

Eu já nem sabia mais o que pensar: se estava mesmo enlouquecendo, ou se aquilo pudesse significar outra

coisa. Estremeci sem querer pensar no que eu estava pensando, eu estava muito longe de casa para entrar nisso.

O problema é que agora minhas atitudes insanas ficaram evidentes nos olhos das pessoas, que agora deviam pensar que eu era uma maluca total.

Olhei para o céu com suas estrelas brilhando.

Por que eu vim? Por quê?

Parei na calçada e logo duas mãos pousaram sobre meus braços me puxando para um abraço.

Me joguei no ombro da Molly.

— O que aconteceu, Susie?

Eu não conseguia falar, eu só queria me afastar dali o mais rápido possível.

— Me tire daqui, por favor, por favor — implorei em lágrimas.

Flávio chegava perto, ofegante e se posicionou ao lado da filha, me olhando aflito. Ele concordou com a cabeça e, abraçadas, caminhamos em direção a caminhonete estacionada.

Capítulo Doze

Chris

Meus olhos se prenderam àquela porta por onde saiu aquela linda jovem, o seu perfume ficou no ar. Que olhos são aqueles tão profundos, tão significativos?!

Senti-me como se tivesse sendo invadido por dentro.

Seu olhar teve o poder de atravessar os meus sentimentos como se minha alma fosse aprisionada. Não conseguia sequer sair do lugar.

Eu fiquei tão fascinado em seu rosto que as vozes, os risos e a música no ambiente não foram capazes de tirar-me do encantamento que a passagem relâmpago daquela moça deixou.

Seu total desespero era tão aparente que eu precisei me segurar para não correr atrás dela, senti uma imensa vontade de ampará-la, parecia tão menina, inocente, frágil, necessitada de um abraço... Suspirei só de imaginar tomando-a em meus braços, mas logo balancei a cabeça para dissipar os pensamentos eróticos que começou a

povoar em minha mente.

Ali, olhando para aquela porta, eu revivia o momento do seu sofrimento, pensando o que teria acontecido com ela para chorar daquele jeito? Suspirei sem conseguir conter minha curiosidade.

— Chris? Chris? — A voz de advertência da Kate me fez sair dos meus devaneios. Ela e a Gláucia me olhavam, estranhas. — Você não está ouvindo, estou falando com você — ralhou ela autoritária como se eu fosse sua propriedade. Aquilo acontecia com frequência e não me deixava confortável principalmente na frente das pessoas.

— É claro que sim — respondi com tranquilidade. Mas é claro que não ouvi, minha mente ocupada sequer prestou atenção numa única palavra saída de sua boca. O garçom *passou* por perto e peguei uma taça de espumante virando tudo de uma vez na boca, pois era uma boa oportunidade de ficar quieto e não dizer o que ela merecia ouvir.

— Vai com calma. Isso não é água não — disse a ela. — Cerrei meus olhos, até parece que eu me deixaria ser controlado. Ah, tá!

— Deixa ele se divertir, Kate —interveio Gláucia notando o clima tenso que se instalou. Ela conhecia o temperamento da amiga. E engatou num outro assunto que eu não entendi. De repente, comecei a ouvir uma conversa atrás de mim que desviou minha atenção.

— E agora, o que você tem em mente, não vai mais conseguir controlá-la? — Olhei atrás de mim, a fim de ver quem estava falando às minhas costas, reconheci de imediato aquela voz masculina e calma, a mesma do aeroporto.

Franzi a testa, olhando algum tempo para o vazio, indignado. Quatro rapazes interagiam, animados, porém a distância entre nós não permitia ouvir o que diziam, ainda mais ao pé do ouvido. Me virei para frente, a Gláucia e Kate conversavam distraídas um assunto sobre a Renata.

A princípio tentei negar, *não queria acreditar que aquilo* estava acontecendo pela segunda vez...

Fiquei com a pulga atrás da orelha, mas, enfim, balancei a cabeça para dissipar aquela sensação da minha cabeça, concluindo que isso era coisa de um perturbado.

Deus me livre! Soltei o ar, exausto.

Dei vazão à minha mente que oportunamente visualizou aquela menina linda que saiu há pouco pela porta. Tão desesperada... tão inocente...

Suspirei, e logo a Kate *limpou a garganta* alto, chamando a *minha atenção.*

Seus olhos especuladores se apertaram quando olhei para ela.

— Está tudo bem? — indagou com a testa franzida.

— Tudo... — O que mais eu poderia responder? Não

havia respostas para o que acabou de acontecer, ou seja, para o que vinha acontecendo.

Só aquele rostinho lindo mesmo para equilibrar minha razão. Ela sim era real e linda...

— Chris? — insistiu Kate. Joguei meu olhar perdido nela, vaguei novamente sem perceber. Em advertência, ela passou a mão pelo meu braço e apertou-o como uma forma de me despertar.

— Oi... — respondi ainda meio perdido em pensamentos.

— O que foi? Você está tão esquisito! Me olhou como se eu estivesse com alguma coisa fora do lugar.

Eu neguei com a cabeça e olhei para Gláucia encafifado, encantado... com o que aconteceu ali na sala de sua casa.

— Quem é aquela moça? Ela parecia tão assustada — perguntei ignorando o olhar desconfiado da Kate. Ela franziu o cenho como se não estivesse acreditando que eu fiz tal pergunta, apertou ainda mais meu braço e eu puxei sem me importar com a Gláucia, que limpou a garganta deixando Kate corada de vergonha.

— Acho que não é da sua conta, não acha? — Lancei-lhe um rápido olhar em desaprovação e voltei a atenção a Gláucia. Afinal, eu precisava muito saber.

Ela simplesmente balançou a cabeça, Gláucia parecia

mais confusa do que eu.

— Ela é amiga da filha do Flávio, você lembra-se dele? — Eu revirei os olhos pensando e não me veio nada à cabeça.

— Não, eu acho que não.

— O Flávio você deve se lembrar dele sim. — Ela parecia insinuar alguma coisa, eu não entendia onde ela queria chegar. — Você não reparou, ele estava ao lado da moça, da Susie.

Susie, Susie, Susie, nome doce como ela.

Sem perceber fiquei ofegante, meu coração disparou. Foi uma sensação diferente, gostosa de sentir. Diante de tanta emoção, um sorriso de satisfação brotou dos meus lábios.

— Você ouviu o que eu falei? — perguntou Gláucia com a minha distração.

Divaguei, na verdade eu não ouvi nada, só conseguia pensar: "Susie, Susie...". Aquele nome repetia em minha cabeça como uma ladainha.

— Sim, eu ouvi — menti com um sorriso falso.

— Para mim, ela é uma louca — acusou Kate jogando as madeixas douradas para trás. — Onde já se viu prestar um papelão destes na casa dos outros. — Lançou um olhar reprovador para Gláucia. — Você deve escolher melhor seus convidados, Gláucia. — Olhou ao

redor, eu e a Gláucia seguimos. — Que papelão! Estão todos voltados à cena ridícula daquela moça.

Me afastei dela, aquela amargura doeu em mim. Sem entender os meus sentimentos, eu me senti ofendido.

Por ela?

— Pare de implicância com a moça, ela é só uma criança — a defendi. — Deixa-me pegar algo para beber, me deem licença. — E me afastei antes de ouvir os protestos da Kate.

Peguei mais uma taça de espumante e fiquei ali mesmo perto da porta, que dava para a sala de apoio, onde podia se ter uma conversa mais social, mas eu não estava com cabeça para conversar e fiquei ali bebericando com prazer a minha bebida com o meu pensamento totalmente em Susie.

Eric estava do outro lado da sala em volta com amigos e sua mão dava volta na cintura da Renata, percebi os apertos que colavam seus corpos.

Danadinho!

Sorri orgulhoso.

Olhar para meu filho me fazia sentir importante em ver no homem que ele se transformou, em saber que eu consegui cumprir a promessa que fiz a sua mãe. E agora com ele aqui perto eu me sentia uma nova pessoa, mais segura de si. Desviei minha atenção para a porta, o Ivan

acabava de entrar e assim que ele viu a Kate se juntou a ela e os dois se isolaram no canto e ficaram ali de conversa. Kate parecia agitada com o que Ivan dizia e aquilo despertou minha curiosidade, fiquei ali só observando, as mãos de Kate se levantaram e gesticulava à frente do rosto de Ivan, que balançava a cabeça em negativa.

Apesar de estranho, eu não dei importância: uma, porque Ivan, Newton, Kate e eu sempre fomos parceiros, mas a Kate sempre teve mais afinidade com o Ivan, os dois eram iguais em tudo. E outra, porque a Kate nunca se interessaria por ele, todos os músculos exagerados que ganhou na academia viraram gordura quando abandonou os exercícios, emendou pescoço com o ombro, o cara estava muito fora de forma e, neste quesito de aparência, a Kate era muito exigente.

A cena se apagou de minha cabeça com a imagem que se formou da Susie, meu corpo todo ficou arrepiado e um calor tórrido espalhou pelo meu corpo, e com o suor brotando dos meus poros, eu precisava de ar fresco, então me dirigi para o quintal.

Newton, como sempre vestido de maneira descolada, todo em preto, conversava com a Janette em frente à piscina do outro lado e assim que me viu acenou me chamando. Acenei de volta feliz em revê-lo fazia algum tempo que a gente não se via, o Newton sempre foi um amigo bacana e leal. Sua participação na época da minha

perda foi crucial para superar aquela dor que quase me fez desistir de tudo.

— E aí, cara! — Ele me abraçou forte batendo em minhas costas. — Que legal rever você... — disse ao se afastar.

— E como vai você, Newton? — Ele colocou a mão na barriga avantajada.

— Um pouco gordo. — Gargalhei com seu tom de brincadeira.

Balancei a cabeça, o cara não mudou nada. Bem, acho que mudou sim. Quando era um garoto tirava sarro dos outros, mas agora ele só faz isso consigo mesmo.

— Seu bobo... Você está muito bem, vai? — Ele colocou a mão no meu ombro olhando-me de cima para baixo.

— Você não mudou nada, continua o mesmo de sempre. — Deu de ombros fixando em meu rosto e fez careta. — Bem, tirando as rugas, é claro, do resto continua o mesmo.

Rimos.

— Meu filho é um grande incentivo para me cuidar. Ando fazendo alguns exercícios seguindo o seu exemplo.

— Você está certíssimo, e por falar no Eric onde está ele? — Olhou ao redor à sua procura.

— Na sala de chamego com a Renata.

— Hummm! — Piscou. — Ele sabe escolher o melhor, puxou o pai — insinuou.

Eu desviei os olhos para a Janette, que permanecia em silêncio, porém inquieta aguardando o momento para sair dali. Aliás, desde quando a Lucy faleceu, ela se manteve mais distante de mim, como se tivesse medo de se aproximar, e virou a cara um dia quando nos encontramos depois que me casei com a Kate. Nunca entendi seu comportamento, julgando muito estranho. Afinal não é porque ela rompeu com a Kate que deveria romper comigo. Nunca perguntei o motivo, afinal a Kate era um poço de discórdia a começar pela sua própria família, seu pai mesmo se mudou para um lugar desconhecido que nunca foi revelado o endereço. E com o restante da família ela não mantinha relações saudáveis.

— Meu Deus, Jane? Como você está bonita, menina! — Tentei ser o mais simpático possível a fim de quebrar aquele clima tenso, embora ela estivesse mesmo muito bem, em forma, e sua pele muito bem cuidada parecia mais jovem.

Ela corou na hora, só aí um sorriso surgiu em seu rosto.

— Ah, obrigada! Tudo bem com você, Chris? — respondeu muito sem graça.

— Tudo sim...

— Que bom... — Ela beijou o rosto do Newton e

pediu licença nos deixando sozinhos.

Ficamos olhando ela se afastar e entrou na sala.

— É muito estranho que a Janette me evite deste jeito, eu nunca fiz nada a ela — questionei em tom de dúvida e Newton passou a mão pelo meu ombro em sinal de apoio.

— Não esquenta... Tenho tantas novidades para contar. — Ele me guiou em direção a duas cadeiras do outro lado da piscina.

A conversa entre nós foi agradável, Newton se tornou o cara! Uma pessoa fora de série, muito diferente do que foi no passado, eu até hoje não entendo o que se passou em minha cabeça. Causei tantos desgostos aos meus pais, que até hoje ainda sentia remorso de tudo o que fiz. E por esta razão eu faço tudo e muito além do que posso para reparar os meus erros.

Chegou um momento que tudo o que eu queria era voltar para casa, havia conversado com todos amigos e, de repente, a festa se tornou entediante. Se pelo menos aquela menina de olhos verdes não tivesse saído pela porta como um relâmpago talvez eu me animasse em ficar mais. Era engraçado! Pensar no rostinho triste dela me causava um friozinho gostoso na barriga.

— É incoerente, Chris — disse para mim mesmo, não tinha sentido algum se encantar por alguém tão mais jovem. De qualquer jeito precisava de um tempo sozinho

para pensar naquelas vozes, no vazio, que sempre surgiam em momentos inusitados.

Entrei na sala onde a maioria dos convidados eram jovens, amigos da Renata, a música alta. E logo avistei a Kate e o Ivan no canto mais afastado conversando. Ela virava a taça de champanhe na boca ansiosa e concordando com a cabeça de algo que o Ivan lhe dizia, me aproximei, mas só o Ivan me dirigiu o olhar.

— Tudo bem, Ivan? — falei apenas sem estender minha mão, ele riu em desagrado.

— Pensei que você não falasse mais com os amigos. — Realmente o Ivan se tornou alguém intragável de atitudes suspeitas, e tivemos algumas discussões antes da Lucy morrer, que nos levaram a não nos falarmos mais. E a sua ironia dizia que o melhor era sair dali com urgência, desviei para a Kate.

— Kate? — Eu precisei chamar ela, que estava me ignorando descaradamente. Ela simplesmente inclinou a cabeça em minha direção descontente com a minha presença.

— O que foi, Chris? — O álcool exalou junto com seu hálito em direção a minha cara.

— Estou exausto, quero ir embora.

— Ainda é cedo, querido, vamos ficar mais um pouquinho, por favor.

— Se quiser, pode ficar. Deixo o carro para você e volto para casa de táxi — fui incisivo e ela mudou de ideia.

— Tudo bem, eu vou com você — respondeu em protesto.

— Até mais, Ivan, foi um prazer falar com você. — Minha educação me obrigou a dizer isso. Ela beijou a bochecha dele enquanto eu me dirigia em direção a porta, e fiquei aguardando-a enquanto observava com os olhos marejados Eric e a Renata pertinho um do outro de forma romântica. A cena relembrou muito de mim do meu passado.

***

Susie

— Deita aqui. — Molly puxou o lençol e com muito carinho me ajudou a me deitar e me cobriu.

Meu queixo batia apesar do ar condicionado ligado. Não era de frio que eu tremia, me sentia muito nervosa, eu só sabia que precisava voltar para casa, depois da festa cheguei à conclusão definitiva de que eu nunca deveria ter vindo ao Brasil, nunca.

Desabei.

Molly se sentou ao meu lado, inclinou-se sobre mim me abraçando.

— Fique calma, amiga!

— Eu vou voltar para casa, Molly... — falei entre as lágrimas com um prolongado suspiro. — Eu não posso mais ficar aqui, eu não estou bem. Você viu o que aconteceu lá? Eu não consigo me controlar, sentia a morte se aproximando, eu não compreendia aquela sensação, o fato é que meu descontrole estava chegando ao ponto de me levar ao fundo do poço. Eu não consigo mais, eu não consigo... — Chorei litros, trêmula.

Ela ajeitou o corpo e segurou em minha mão, seus olhos comovidos com a minha situação.

— Isso, chora, vai ajudar você a se aliviar. — Eu neguei com a cabeça.

— Não! Nada pode me ajudar, nada. Estou perdida, Molly. A vida está acabando para mim.

— Não fale assim, que absurdo que está dizendo, amiga! — ralhou Molly, muito brava. Solucei balançando minha cabeça discordando, eu sabia que não era absurdo, era o caminho que eu estava seguindo, um caminho tortuoso e doloroso ao qual eu não podia ir contra ele, não havia forças. — Você é jovem, tem uma vida toda pela frente.

— Acredita mesmo nisso? Porque eu não creio mais... — rebati sua convicção, ela sorriu e me abraçou forte.

— Eu não admito que se entregue. — Afastou segurando em meus ombros obrigando-me a fitá-la. — Você entendeu? — Assenti com a cabeça. — Os remédios... — Ela se levantou e foi em direção à penteadeira. — Onde estão seus remédios, decerto você não tomou, não é mesmo? — Procurou-os pela cômoda.

— Eu não tomei e não vou tomar — Ela girou no calcanhar e com as mãos na cintura olhando-me com indignação. — Os remédios me deixam ainda mais vulnerável, fraca e sem eles eu ainda consigo me segurar em terra firme, pelo menos isso, né?

Ela torceu a boca em total desaprovação e eu continuei não dando tempo de ela questionar.

— E quer saber a verdade? Já vi que remédio algum poderá me ajudar, acredito que nada poderá — falei me baseando na conversa com a dona Maria Eduarda quando ela me disse que a sua irmã nunca encontrou cura para o seu problema, apenas aprendeu a conviver com ele. Fiquei desesperada com o pensamento, o que eu estava dizendo? Meu Deus! Eu não podia aceitar o fato de que minha vida estava sendo invadida por algo espiritual, eu não podia com isso, não estava preparada.

Eu não tinha com quem partilhar sobre o que passava comigo, olhei para a Molly ali encurvada me olhando ainda perplexa. Nem com ela eu podia contar, já deixou claro sua posição cética em nossa última conversa.

— A sua teimosia me tira do sério, amiga. Quantas vezes eu vou precisar repetir? Não pode deixar de tomar os remédios sem antes consultar o médico, por isso que está sentindo estas coisas. — Arregalei os olhos diante de sua voz alterada, muito brava como eu nunca a vi antes.

— Você não ouviu nada do que eu te falei, não é mesmo? Eu fiz o teste, observei os medicamentos... eles me fazem perder o controle de mim... — Ela balançou a cabeça, impaciente e se sentou ao meu lado na cama.

— Me conta, então, o que realmente acontece? O que de fato você vê para se sentir assim tão desesperada a ponto de deixar todos preocupados com você?

Eu balancei a cabeça negando, sabia que ela me interromperia a primeira frase.

— Está tudo bem, não precisa contar se não quiser, mas tome os remédios hoje. E amanhã cedo, a gente vai a algum médico, vou me informar com a minha tia, ela deve ter algum médico para indicar.

— Não vou tomar nada. E amanhã pretendo voltar... — falei decidida, a minha casa perto dos meus pais era o melhor lugar para estar neste momento difícil da minha vida. Virei para o outro lado dando-lhe as costas e ela rosnou.

— Não teria coragem de me deixar aqui, sozinha — sussurrou manhosa.

Eu me virei e fitei-a.

—Não seja dramática, você tem a sua família aqui, não vai estar sozinha — disse determinada.

— Se a sua decisão já foi tomada, então eu volto com você. — Meu coração encheu de ternura com seu gesto, que classifiquei muito mais do que carinho. A irmã que eu não tive. Mais calma eu me sentei na cama e abracei-a forte.

— Precisa ficar do lado do seu pai, ele precisa muito de você — falei baixinho ao seu ouvido.

— Eu já decidi, não vou deixar a minha amiga sozinha, nunca! — Assegurou antes de se levantar e seguir com seus passos decididos para o banheiro.

Realmente eu não sabia o que fazer da minha vida estava num emaranhado difícil de resolver, um nó cego que o único jeito era cortá-lo. Meu cérebro projetou como um filme. O abraço carinhoso daqueles homens, seu rosto lindo, o brilho dos seus olhos presos aos meus. Comecei a tremer sentindo toda a emoção que senti naquele momento. Uma vibração boa, mas ao mesmo tempo perigosa, nunca me senti assim por olhar nos olhos de alguém.

E por que eu chorei, que medo foi aquele? Por que ele me transmitiu algo diferente?

Perguntas sem respostas...

Era como se algo se encaixasse, como se aquele

rosto estivesse presente em toda a minha existência. Balancei a cabeça. Esta conclusão era absurda.

O que é que estou fazendo?

Absurdo ou não, eu sentia ondas de prazer ao pensar nele, uma ansiedade em olhar mais uma vez em seus olhos. E comecei a repensar minha partida, longe daqui eu nunca mais o veria de fato. E aos poucos, com a reflexão, foi espantando a vontade de partir me fazendo parecer uma louca rindo como se tivesse me encontrado neste mundo.

"Pare com isso, sua bipolar!", repreendi-me em pensamento e saltei da cama, ofegante.

Longe do olhar da Molly perambulei pelo quarto. Envolvida na lembrança do nosso olhar, eu flutuava, mas era só em pensamento.

Me sentei no pé da cama, apoiei o cotovelo nos joelhos, segurei minha cabeça, e segurei minha onda, aquelas emoções fortes poderiam desencadear todo aquele mal novamente. Mas minha mente projetava seu rosto de forma absoluta, ocupando todo o espaço dentro da minha cabeça, me perguntava o que tudo isso poderia significar. Qual seria o elo entre nós, quem eram eles?

Eu não tinha resposta para nada, voltei a me deitar antes que a Molly saísse do banheiro. Cobri minha cabeça com o lençol e fiquei ali com os olhos apertados a fim de evitar qualquer pensamento e deu certo, logo adormeci.

— SOCORRO! SOCORRO! SOCORRO!

Despertei, escutando aquela voz angustiante de mulher pedindo por socorro novamente, mas agora estava mais nítido, mais perto, sem muito eco.

Assustada, tentei abrir meus olhos, porém a claridade me impediu.

— Merda de claridade.

Abri-os devagar, adaptando minhas pupilas à luz que se esparramava quarto adentro e observei ao redor, apreensiva em ver aquela garota novamente, mas relaxei quando não vi nada. A respiração ruidosa da Molly era o único som quebrando o silêncio do quarto, ela estava virada de costas para mim, para a parede.

Exausta de pensar, não pensei...

Lá no fundo, eu sabia que nada resolveria reclamar, enfrentei o medo. Meu conformismo me assustou, era uma entrega ao fracasso?

Balancei a cabeça sem saber de mais nada.

Fechei os olhos com força, certa de que só Deus poderia me ajudar.

E pedi a Ele para afastar de mim tudo o que atormentava, ou que me desse forças para suportar tudo aquilo com lucidez, me desviando do caminho escuro, sombrio e desconhecido que eu não sabia onde terminaria.

A oração surtiu efeito, me ajudou a clarear minhas

ideias, abandonando a decisão que já tinha tomado de ficar por aqui. Eu não teria mesmo coragem de afastar a minha amiga do seu pai neste momento difícil. Me animei ao dar-me mais uma chance. E pensar que logo meus pais estariam aqui no Brasil e com eles as coisas tendiam a ser mais seguras.

Com tantos acontecimentos, eu me sentia exausta, me cobri até o ombro e me virei de costas para Molly pensando que deveria dormir de novo, sentindo cada parte de meu corpo reclamar de cansaço. A voz da mulher queria entrar na minha cabeça e eu consegui recusar e me senti leve em me sentir no controle.

Mas não consegui permanecer com os olhos fechados e fiquei ali fitando o nada. Ouvi passos no assoalho de madeira do corredor se misturando a respiração pesada da Molly, e fechei preguiçosamente os olhos. Imaginando ser a tia do Flávio se dirigindo para o andar de baixo, decerto para preparar o café da manhã, o pensamento fez meu estômago roncar, com toda a confusão de ontem eu me lembrei de que não havia colocado nada da boca para dentro, além do espumante.

Levantei-me sem fazer barulho, tomei um rápido banho e no mesmo silêncio me troquei, devido ao ar quente dentro do quarto vesti um short jeans, uma blusa leve creme e por cima um casaquinho manga três-quartos na cor laranja. Cores quentes e cheias de energia combinavam com o clima tropical do Brasil.

Me maquiei na medida e deixei meus cabelos soltos sobre os ombros. Olhei no espelho e fiquei satisfeita antes de sair do quarto e fechar a porta atrás de mim.

— Bom dia, Susie. — Maria Eduarda abriu um sorriso agradável, deslocando da pia em direção à mesa farta com uma garrafa térmica na mão que colocou sobre a mesa e se aproximou de mim na porta.

— Bom dia. — Retribuí com um sorriso fraco.

Sentados à mesa, Lucas e Ângela me olhavam com um ar curioso, o que me deixou constrangida vindo à minha mente o ocorrido na festa.

— Você dormiu bem? — ela perguntou secando as mãos no avental em sua cintura.

— Claro. — Dei o meu melhor sorriso embora fosse difícil com os olhares sobre mim.

— Fico feliz que tenha descansado, apesar de ser muito cedo. — Olhou para o relógio acima da porta. — Vem tomar café — disse ela segurando meu braço me puxando em direção à mesa e voltou para a pia.

— Precisa de ajuda, dona Maria Eduarda? — Ofereci assim que me sentei e virei para ela, foi a forma que encontrei de fugir dos olhares especulativos do casal.

Por que eles me olham assim, gente?!

— Imagine, minha querida — disse sorrindo, voltando à mesa e se sentou ao meu lado.

— E me conte como foi a festa, se divertiu?

— Afinal, o que aconteceu com você, por que saiu chorando daquele jeito? — indagou Lucas e Ângela lançou um olhar curioso.

Senti um calor insuportável subir para meu rosto, eu sabia que corei e respirei fundo, fechando os olhos para segurar meu nervosismo, tremia dos pés à cabeça, extremamente envergonhada. Inclinei meu corpo para frente apoiando meus braços na lateral da xícara à minha frente e tentei encarar Lucas, não foi nada fácil.

— Me desculpem por ontem, eu... — não consegui continuar, pois as *palavras* pareciam ter fugido da *minha boca.*

— Ela só teve um mal-estar súbito. Mas já passou, né? — Molly me salvou entrando naquele instante, ela parou atrás da minha cadeira segurando em meus ombros e apertou, em sinal de apoio. Levantei a cabeça e olhei para *ela*, que *piscou.*

É por esta razão que amo minha amiga, é nestas horas que vejo o quanto ela me entende e merece também o meu amparo.

— É-e... — balbuciei. — Foi um mal-estar apenas.

Maria Eduarda estendeu sua mão colocando sobre a minha.

— Você está melhor mesmo. Se precisar, a gente

pode marcar uma consulta, tem um amigo da família que é um excelente médico.

Eu neguei com a cabeça.

— Não precisa se preocupar, eu estou muito bem, obrigada. — Molly puxou a cadeira do meu lado e sentou.

— Bom dia a todos... Desculpa a minha falta de educação.

Todos cumprimentaram.

— Eu não vi quando você saiu, se eu tivesse visto teria vindo embora com vocês — falou Ângela, solidária.

— Eu que peço desculpas, foi muito desagradável — comecei a falar e Maria Eduarda apertou minha mão.

— Não precisa se desculpar, minha querida — Seu sorriso maternal me emocionou.

— Obrigada...

— Uau! Tanta delícia, nem sei por onde começar. — Os olhos de Molly reviravam a cada alimento naquela mesa farta.

Realmente era de encher os olhos, agora eu entendia quando minha mãe comentava sobre a fartura que era nas refeições. Um sonho! Além de frutas diversas, sucos naturais, pães frescos havia também doces de comer com os olhos.

— Fique à vontade, Molly, preparei esta mesa

excepcionalmente para vocês. — Ela arregalou os olhos passando a mão por cima da mesa.

— Me deixa ver o que vou comer primeiro... — Todos riram do seu jeito espontâneo.

Ainda bem, pois dali em diante o assunto de ontem desviou completamente.

Conversamos sobre o Brasil, sobre a cidade de São Paulo. Flávio entrou logo depois, beijou sua filha com tanto carinho. Ela me olhou toda derretida, mesmo o conhecendo há pouco tempo, o brilho dos seus olhos e jeito carinhoso que falava dele demonstrava o tamanho do seu amor.

Mas não tinha como não gostar do Flávio, além de ser um ótimo pai era também uma boa companhia, suas conversas eram sempre animadas. Eu percebi que ele se esforçava para não chorar, entre um assunto e outro sua mãe sempre estava nele, e seus olhos se enchiam de lágrimas, da dona Maria Eduarda também, mas ambos procuravam não jogar aquele momento doloroso sobre mim e Molly como se nos preservasse.

E isso fazia com que eu gostasse ainda mais desta família, relaxei durante o café, todos eram muito agradáveis e acabei me esquecendo do que aconteceu: do medo que senti da casa. Algo mudava dentro de mim esta manhã e eu me animei, estava esperançosa que tudo acabasse de vez e minha vida voltasse o que era antes.

Então, uma grande esperança nasceu.

— Podemos ir para o Guarujá amanhã? — sugeriu Lucas.

Ângela saltou toda feliz da cadeira.

— Ah, jura! Eu adoraria — disse ela estendendo o braço. — Estou mesmo precisando de um bronze. — Lucas lançou um olhar apaixonado dando-lhe um selinho tão fofo, que sorri suspirando e quando virei me deparei com o Flávio me devorando com os olhos. Eu gelei e me virei para frente com o coração saltando no peito, de susto.

Percebi sua intenção e aquilo já estava me deixando preocupada.

— Sério... — Molly não se aguentava de tanta felicidade. — Mas eu preciso comprar um biquíni brasileiro... Aqueles que a gente vê na revista. — Ela se levantou e foi para a sala e voltou dois segundos depois com uma revista nas mãos.

Abriu a página de uma modelo usando um biquíni maravilhoso e muito pequeno, um modelito que revelava todas as curvas femininas que meus olhos brilharam. Eu queria um daquele também.

— Posso deixar vocês no shopping aqui perto, antes de ir para o hospital. Depois eu passo lá para buscá-las — ofereceu Flávio, gentilmente.

Molly saltou da cadeira e beijou sua face, rindo toda eufórica.

— Eu vou com você ao hospital — avisou Maria Eduarda se levantando e já tirando a mesa do café, enquanto eu, Molly e Ângela a ajudamos.

***

Chris

Passei a noite em claro, aquela menina chorando ficou gravado em minha mente, seus olhos verdes, seu jeito muito peculiar. Até agora eu não entendi, coisa esquisita! Por que este interesse súbito nesta moça? Ela tem idade para ser minha filha.

Meu Deus!

Balancei a cabeça com o rumo que estava indo os meus pensamentos, eu não me interessei por ela, é claro que não. Tentei me convencer:

— Só fiquei preocupado com a sua crise de choro como todos ali na festa que presenciaram a cena.

Eu sabia que não era só isso, os meus sentimentos me deixavam confuso, eu não entendo a reação do meu coração, ele quase explodiu lá dentro do meu peito com sua batida furiosa, era como se ele quisesse me dizer alguma coisa, me alertar, mas do quê?

Levei minhas mãos à cabeça e apertei com força.

"Pare com isso, Chris, ela é só uma criança... Pelo amor de Deus!", pensei com toda a força da minha alma, embora eu quisesse gritar, me sentindo sufocado. Mas eu não podia fazer isso com a Kate dormindo ao meu lado.

Eu precisava fazer com que Deus ouvisse as minhas preces, eu tinha que esquecer, não podia ficar pensando em algo ridículo, era uma loucura, já chega ficar ouvindo vozes ao meu lado.

Pulei da cama, vesti meu roupão e desci para o andar de baixo da casa, longe da Kate eu podia me expressar melhor com meu corpo. Eu não conseguia me acalmar, não conseguia esquecer.

Que sensação é essa de achar que eu deveria correr atrás dela e oferecer meu ombro?

— Diabos! — gritei desabando sobre o sofá.

— Pai? — Eric entrou na sala no momento do meu descontrole emocional, seus cabelos bagunçados, a camiseta toda amassada, eu não podia dizer-lhe o que se passava comigo, então me levantei fingindo que estava tudo bem.

— Oi, filhão. — Ele sorriu desconfiado, mas não disse nada e eu não queria dar-lhe esta oportunidade, nem sabia como responder. — Dormiu onde, filho? —Voltei a me sentar novamente.

Ele abriu um sorriso satisfeito.

— Dormi na casa da Renata. — Se sentou ao meu lado. — A gente ficou conversando até quase amanhecer e acabei ficando por lá.

— Conversando... — brinquei olhando-o de cima em baixo, e ele sorriu divertido.

— É... conversando e algumas "cositas" a mais... — admitiu ele, com aquela cara de safado.

Passei o braço pelo seu ombro, colando nossos corpos.

— Este é meu filhão, a Renata é uma menina doce, se gosta dela tem a minha aprovação.

Ele grunhiu.

— A gente só ficou, pai... — disse em seguida me deixando intrigado.

Joguei meu olhar, incrédulo.

Mas logo abri um sorriso daqueles, pensando que ele se tornou um tremendo mulherengo, comparando-me na adolescência, isto antes de conhecer minha Lucy. É uma pena que passamos muito pouco tempo juntos. Um sorriso saudoso escapou dos meus lábios, isso sempre acontecia porque foi a marca que ela deixou na minha vida, na minha alma.

Ele se levantou em seguida e se dirigiu à escada e parou antes de subir o primeiro degrau.

— Pai, você viu o que aconteceu na festa? Eu não vi,

mas todos comentaram sobre uma garota que passou mal, saiu chorando.

Gelei com seu comentário.

Eu estava aqui justamente pensando nela.

— Não foi nada de mais. — Dei de ombros demonstrando imparcialidade. — Foi só uma jovem, eu nem sei quem ela é.

Ele balançou a cabeça sem dar importância, mas antes de subir disse:

— Sabe, pai, estou tão feliz de estar de volta, em casa.

— Eu também, meu filho. Senti muito a sua falta.

— Eu gosto muito desta casa. — Franzi a testa, havia dúvida em sua voz enquanto olhava ao redor. — É uma casa muito luxuosa e você merece isto, trabalhou duro para conquistar este conforto, eu sei. Não interprete como uma reclamação, por favor, é que, às vezes, sinto uma saudade da nossa antiga casa.

Olhei para o lustre acima de minha cabeça, pensando que os meus sentimentos não eram diferentes dos dele.

Eu até pensei em comprar uma casa mais próxima à antiga casa, mas acabei deixando isso para lá. Até mesmo porque a Kate não aceitaria sair daqui.

— Às vezes, eu penso nisso também — confessei. — Contudo, pelo menos, aqui a gente tem mais segurança —

falei hipoteticamente, ele torceu a boca, pensativo.

— Sei lá! Eu queria mesmo morar mais perto dos meus avós. Aliás, eu preciso ir até lá, devem estar chateados comigo, esqueci até de ligar, o vovô Marcos já até mandou mensagens bravas no meu celular.

Entregou-me o aparelho para ver as mensagens.

— Se quiser, a gente pode ir lá hoje.

— Você vai comigo? — Me olhou incrédulo e com razão. Ele sabia que a Kate faria de tudo para mudar esta ideia.

— É claro que sim... — confirmei confiante e ele sorriu muito feliz.

— Pai, se não for dormir mais, que tal ir comigo até o shopping? Eu não comprei nada para a Renata, aí a gente passa na vovó depois — sugeriu com olhar esperançoso.

Não estava nem um pouco a fim de ir a shopping, mas diante daquele rostinho de esperança eu nunca iria recusar.

— Acho uma ótima ideia. — Passei um braço pelo ombro dele e subimos as escadas. — Só preciso de um banho antes.

Olhou para si todo amarrotado e fez careta.

— Eu também preciso de um.

— Eu acho bom, né? Senão... — Franzi o nariz, então rimos.

CAPÍTULO TREZE

Susie

Chegamos cedo demais ao shopping e encontramos a maioria das lojas ainda fechadas. Eu e Molly fomos dar uma voltinha pelos corredores, havia um fluxo até bom de pessoas caminhando por ali. Andamos muito e quando chegamos ao térreo na praça de alimentação meu corpo cansado pediu para sentar.

Não havia pregado os olhos a noite toda e meu organismo já estava me cobrando. Me arrastei em direção a primeira mesa que encontrei e me sentei relaxando meu corpo tenso e cansado.

— Ah, não! — protestou Molly a dois passos à minha frente e recuou, segurou em minha mão e puxou. — Pare de ser preguiçosa, Susie, tem muita coisa para a gente ver ainda.

Como se fosse possível com as lojas fechadas!

Sorri do seu jeito de convencer. Bem, na verdade estava acostumada com seu jeito espevitado e a

disposição invejável.

— Vai você, eu vou ficar aqui te esperando. — Joguei a ideia fazendo cara de preguiça, ela resmungou tipo praguejando algo que não entendi antes de se sentar na cadeira à minha frente. — Não entendi. — repreendi-a com olhar sério, ela deu de ombros.

— Por favor, Susie! Eu não quero andar sozinha, não tem graça — reclamou com voz manhosa. — O que foi, sentiu aquilo de novo?

Eu neguei com a cabeça, sorrindo, e mesmo se tivesse sentido não comentaria mais nada com ela.

— Não... graças a Deus, hoje estou me sentindo ótima. — Levantei as mãos para o alto e ela sorriu aliviada.

— Ufa! Por um momento, eu fiquei...

— Não diga mais nada — interrompi-a. Ela arqueou a cabeça travando os lábios um sobre o outro em obediência. — Só estou cansada, nada de mais — Bati na sua mão sobre a mesa. — Vai lá! Eu te espero aqui — encorajei-a.

— Tem certeza? — perguntou já se levantando e se afastou sem esperar resposta.

— Me avisa quando a loja do biquíni abrir, ok? — gritei, rindo.

Sem olhar para trás, ela acenou com as mãos.

Molly tinha uma ansiedade enorme, eu sabia que ela ficaria parada na porta da loja até abrir, ainda mais quando viu o biquíni exposto no manequim da vitrine. Sabendo disto resolvi esperar ali sentadinha.

Aproveitei o momento de privacidade para repensar na minha vida, nas coisas estranhas desde o dia do meu aniversário, mas tentei bloquear, afinal aquilo trazia maus fluídos ao meu coração. Estava mais do que na hora de dar um basta, quero dizer já passou da hora!

O primeiro passo era esquecer tudo aquilo aproveitar que hoje me sinto melhor, mais leve, aquela angústia deu-me uma trégua. Eu carecia de me ver como uma garota como todas as outras da minha idade, sou muito jovem para ficar louca.

Preferia pensar assim a pensar em algo espiritual. Estremeci só de pensar nas palavras de dona Maria Eduarda. Eu não queria apenas um apoio como teve sua irmã, seria incapaz de conviver com aquilo para o resto da vida sem motivações de cura, nem sei como poderia chamar isso!

Apoiei os cotovelos na mesa e apoiei minha cabeça nas minhas mãos. Estava muito difícil uma definição, tudo era uma bagunça generalizada em minha cabeça. Mas eu precisava levantar a cabeça e enfrentar, remédio nenhum poderia me ajudar se eu mesma não acreditasse na minha força de vencer. Decidi reagir, levantei a cabeça e olhei

ao redor. Tinha tantas pessoas ao meu redor, algumas sentadas nas mesas sorriam numa conversa leve, animada, outras até preocupadas, algumas se levantavam e outras se sentavam em um movimento constante como o giro do universo. Todas aquelas pessoas seriam testemunhas da minha decisão, tomei coragem e respirei fundo, ainda era uma gota no oceano, mas havia um espaço oco que precisava preencher.

O dia me proporcionou isso, e já comecei a me sentir diferente, um horizonte se abria à minha frente e assim fiquei mais animada.

Até o Johnny veio à minha cabeça. Ele simplesmente sumiu dos meus pensamentos, era como se nunca tivesse sido parte de mim, uma grande injustiça de minha parte e acabei me punindo. E, de repente, todo aquele alicerce que acabei de construir ruiu. Tudo recomeçou novamente sem que eu percebesse, a luz branca tomou e cobriu tudo ao meu redor. Não havia mais pessoas, só eu e aquela luz que não parava de me perseguir. O medo não existia desta vez, sentia uma espécie de vibração pelo corpo e era bom. Seduzida por ela, eu me deixei levar.

Num suspiro de satisfação, um buraco abriu em meio à luz e um vácuo me puxou para dentro dela. Meus pés se elevaram e como se não tivesse controle do meu corpo fui flutuando para dentro do túnel me aprofundando cada vez mais, meu coração acelerava mais e mais e uma dor profunda, como de uma estaca afiada, o penetrasse

destruindo-o.

Céus! O que está acontecendo, onde estou indo? Volta, Susie, volta!

Eu precisava voltar, agora tudo parecia diferente, real e o mais preocupante sem medo algum.

Meus pensamentos firmes fizeram tudo parar, mais uma vez no controle e isso me deu segurança.

Abri meus olhos.

— Moça? Oi?

Demorei alguns segundos para voltar à realidade. Aquela voz novamente, a mesma da festa, a voz que adentrou em minha alma fazendo uma bagunça por lá.

Quando consegui acordar fixei meus olhos naquele homem lindo, minhas mãos não paravam de tremer e meu estômago parecia estar amarrado por um milhão de nós.

Não podia acreditar que era ele, ali, bem na minha frente, inclinado com a mão sobre a mesa. Seus olhos castanhos mel estavam brilhando, aqueles lábios grossos, aqueles cabelos castanho-claros como os olhos, analisando cada ponto do meu rosto de um jeito que me fez suspirar, perdi o controle que já não tinha, ofegante e trêmula.

Engoli em seco.

— Lembra-se de mim? — Balancei a cabeça que sim sem conseguir falar, eu fiquei sem fôlego com a imagem

imaculada à minha frente.

Tudo o que eu queria naquele momento era tocá-lo, sentir a textura de sua pele.

— Sim... — Balbuciei por fim e mesmo assim com muita dificuldade. Ele sorriu de uma forma descrente.

Como se não acreditasse no que seus olhos viam, assim como eu.

— Se importa se eu me sentar aqui com você?

Neguei com a cabeça com raiva de mim por não consegui me controlar. Quem era esse homem que me desestruturava deste jeito? Por que me sentia assim?

— Claro! — Acenei com a mão em sua direção, mas logo a escondi para ele não perceber meu nervosismo embora achasse difícil, eu devia estar corada sentia o calor no meu rosto.

— Susie... Este é o seu nome, não é mesmo?

Olhei-o surpresa.

— Sabe meu nome?

— A Gláucia mencionou ontem. É que você me pareceu tão nervosa, aí eu acabei perguntando seu nome... — Seus olhos devoravam os meus, me senti encabulada, mas não a ponto de desviar meus olhos.

Aqueles olhos mel me encarando eram fascinantes, e, ao mesmo tempo, *me* deixavam insegura, tensa.

É como se atrás deles houvesse todas as respostas as quais eu procurei a minha vida toda.

Respirei fundo para sentir a fragrância de seu perfume amadeirado. Fiquei zonza, pois tudo nele me perturbava, o jeito como movimentava os lábios, seu perfume. Era incrível o que acontecia ali naquela mesa, o clima entre nós era algo intenso e inexplicável.

Ficamos nos olhando profundamente, como se nossos olhos conversassem por si sós, como se nossas almas se falassem no silêncio de nossos interiores. Ele se moveu primeiro, passou os dedos nos cabelos loiros bagunçados, seus dedos tremiam como todo o meu corpo, ele estava mexido como eu estava.

— Eu fiquei preocupado com você... — disse ele num fio de voz, estremeci.

— Preocupado? — Eu não podia entender, como um estranho poderia se preocupar comigo? Deveria ser o contrário, me achar uma maluca depois do vexame que dei.

Ele pareceu ler meus pensamentos, na hora seu rosto ganhou uma cor de um vermelho intenso.

— Me desculpe, deve estar me achando um tarado... — Eu neguei com a cabeça.

— Não, claro que não... Eu só estranhei o fato de você não me conhecer, e... — Não encontrei as palavras

certas e silenciei. Ele estendeu a mão em cumprimento, baixei meus olhos para ela, sentindo um certo receio de tocá-la e voltei aos seus olhos, ele sorriu.

— Chris Caster — ele falou. — Eu não sou nenhum maníaco, juro. Realmente fiquei preocupado com você, ontem à noite.

Sorrindo, eu apertei sua mão, elas suavam frias.

— O prazer é todo meu, Susie Vargas Meyer — disse meio envergonhada. — Não gosto nem de me lembrar de ontem, que vergonha!

— Você não precisa se envergonhar, todos nós temos o nosso momento de descontrole. — Seu tom de voz soou sem nenhum julgamento, fiquei até mais à vontade. — Você está esperando alguém? — Olhou ao redor e voltou aos meus olhos percorrendo cada centímetro do meu rosto.

— Não! — respondi totalmente desconcertada com a sua curiosidade.

Nunca consegui esconder meu nervosismo. O suor logo me denunciava, agradeci por ele não me conhecer a ponto de desconfiar.

— Posso fazer um comentário? — A sua educação me conquistou. Fiz que sim num movimento de cabeça e ele continuou: — Você me intriga! — falou sem desviar o olhar. — Há algo de muito familiar em você... — Engoli

em seco sem acreditar que ouvi aquelas palavras. Como isso poderia ser possível? Como duas pessoas completamente desconhecidas separadas pelo oceano eram capazes de possuir o mesmo sentimento?

O *silêncio* se fez *novamente* por um momento ou dois, não *era* um *perturbador*, *mas* sim cúmplice, algo *muito* estranho, porém parecia inofensivo e era muito bom, prazeroso.

O mundo ao nosso redor parecia não existir, era só eu e ele ali, um olhando para o outro, fazendo o reconhecimento que eu sabia que não seria possível, mas existia entre nós. Minha vontade era de levantar daquela mesa e me jogar em seu colo, beijar sua boca linda, acariciar aqueles cabelos rebeldes, aqueles ombros largos e os braços musculosos expostos na regata branca. Uma saudade se apoderou de mim, balancei a cabeça discretamente para expulsar tal sentimento.

— É como se eu conhecesse você, sabe?

Minha boca despenca, chocada. Foi como tirar as palavras de minha boca, e ele continuou:

— Sinto que já a conheço... — Sorriu do seu próprio comentário enquanto um gelo percorreu meu corpo,

É exatamente assim comigo.

Pensei apenas, soou ridículo dizer aquilo para aquele estranho a minha frente.

— É como se eu soubesse tudo sobre você, mas não a conheço, eu sei que não.

Travei ali naquele instante, a coincidência entre nós era absurdamente igual, ele percebeu meu estado e sorriu quebrando o clima intenso que se instalou entre nós.

— Perdão eu dizer estas coisas para você. — Notei seus lábios trêmulos. — O seu sotaque me diz que você é estrangeira — disse por fim se jogando no encosto da cadeira me dando espaço.

Eu relaxei.

— Eu sou americana, de Miami.

— Você fala muito bem o português.

— Minha mãe é brasileira, e desde pequena ela fez questão de conversarmos em português e ainda que eu fizesse aulas, acho que aprendi bem — expliquei confiante.

Ele sorriu com os lábios fechados com seu olhar insistente.

— Você me lembra alguém... Me faz bem olhar para você... é tão linda, meiga.

Baixei meus olhos, encabulada.

— Olha eu aqui de novo, me desculpe mais uma vez. — Levantei os olhos, suas mãos estavam no ar em minha direção. — Eu não devia falar isso, vai ficar claro que estou te passando uma cantada, e...

— Tudo bem... — falei a fim de deixá-lo menos constrangido e ele abriu um sorriso lindo.

— Chris, Chris... — Aquela voz irritante gritando em nossa direção me deixou arrepiada.

Lancei um olhar na direção do som e vi aquela mulher linda, elegante, loira e maravilhosa em seus trajes sofisticados, calça jeans de boca larga, e uma camisa de seda transparente preta e laranja com mangas bufantes, reluzente em suas joias douradas decorando-a.

Revirou os olhos reconhecendo a voz antes de olhar na direção dela.

Ela acenava para ir ao seu encontro, ele não o fez e voltou seu olhar para mim.

— Espero poder ver você de novo.

Eu gelei, embora não soubesse como. Decerto aquela loira linda era sua esposa.

— Você não me ouviu? — ela protestou com voz fria e seca com os olhos em mim quando se aproximou. — Ah... a maluquete! — ironizou cruelmente.

— Kate, por favor! — repreendeu-a com um olhar fuzilante que até eu senti medo.

A loira imaculada deu de ombros sem desviar os olhos nitidamente furiosos de mim, mas era incrível, não me abalou! Se essa foi a sua intenção, ela fracassou.

— Me desculpe, menina — falou em seguida sem

nenhum arrependimento. — É que você deu um show na casa da Gláucia, tem que concordar comigo que não pegou bem. — Balancei a cabeça, incrédula com o comentário arrogante, ela fazia de propósito.

Chris se levantou e agarrou com força em seus braços.

— Ai! Está me machucando, Chris — reclamou vitoriosa.

— Foi um grande prazer encontrar você. — Seu sorriso diferente, lindo, me deixou sem ar, zonza. Toda minha atenção era dele, ignorei completamente a loira irritada em seu olhar assassino achando minha atitude uma afronta.

— O prazer foi meu — respondi.

Na medida em que se afastava de mim, meu coração foi se partindo. E aquele *sentimento de perda* e vazio foi tomando conta, fiquei muito triste, uma emoção sem tamanho tomou conta de mim, tudo o que eu queria era correr até ele, dependurar em seu pescoço, beijá-lo muito e pedir para não ir embora, para não me abandonar.

Porém, ainda assim me sentia alegre e todo aquele sentimento ficou nítido em minha expressão.

Fiquei ali encantada, fascinada, que não percebi quando a Molly chegou à mesa e desabou sobre a cadeira. Ela me observava, intrigada.

— Susie... — Joguei meu olhar perdido nela. — Você viu o passarinho azul? — perguntou em meio a um sorriso, curioso.

Eu fechei os olhos instintivamente com um arrepio que percorreu minha coluna e senti um friozinho gostoso na barriga. Ela debruçou sobre a mesa analisando-me, desviei os meus e foi aí que percebi aquele rapaz parado ao nosso lado. Lindo, tão parecido com o Chris... Seus olhos me diziam tanto... Senti muita vontade de chorar, e me segurei.

— Este é o Eric.

Senti uma onda de felicidade ao ouvir aquele nome, ele soou como música ao meu coração, sabe quando a gente ouve aquela canção que tem vontade de sair dançando, pois foi exatamente assim que me senti. Eu queria sair dançando, flutuar em meios às pessoas cada vez em maior número no shopping com a aproximação da hora do almoço. Analisei aquele garoto, enquanto uma emoção se apoderava de mim, como se já não bastasse emoções por hoje.

— Oi, Eric — o cumprimentei analisando seu rosto com afeto, eu acho que até abobada.

Molly encarava-me, estranhando a minha atitude. Mas não questionou, apenas pediu o meu celular emprestado.

Ligou para o número que o Eric informou e o incluiu

na agenda.

— Bem, agora você tem o meu número. — Me derreti toda, com a voz melosa do Eric e voltei meu olhar ao casal se afastando, rindo e chorando ao mesmo tempo. — Vou aguardar sua ligação.

Voltei meu olhar rapidamente a ele no momento em que beijou a face da Molly e acenou com a cabeça me olhando curioso antes de se afastar.

Ele deve ter me achado uma maluca fitando-o daquele jeito.

— O que foi aquilo? — perguntou Molly, inconformada abrindo os braços.

Ainda rindo abobalhada apontei para o casal se afastando e logo o Eric se juntou a eles.

— Aquele homem... — balbuciei.

— O que tem ele? — Seu olhar oscilava entre mim e a família se afastando.

— Ele... ele... — eu não conseguia respirar, imagina falar! Tudo aquilo era muito novo, e abalou completamente o meu emocional. — ele... — fiz mais uma tentativa, em vão!

— O que tem ele, Susie? Você está de olho no pai do Eric? Ele é casado! — alertou-me antes de qualquer coisa me olhando com desaprovação.

Eu neguei com a cabeça, de certa forma, assustada

com a informação que já imaginava.

— E aquela mulher é a esposa dele, lembra? Era ela quem estava no banheiro no aeroporto.

Na hora me recordei da voz, já que só a vi de costas.

— Ele é tão lindo! — Suspirei deixando-a de boca aberta.

Ela inclinou sua cabeça mais uma vez sacudindo em desaprovação.

— É velho para você, Susie — alertou-me como se aquilo fosse algo importante.

— Ele é lindo... — repetia a frase sem perceber deixando-a espantada.

— Você está bem, amiga? Tomou os remédios? Está sentindo aquilo de novo? — Molly começou o bombardeio de perguntas.

— Não! Eu estou feliz como há muito não me sentia, entende?

Ela franziu a testa negando com a cabeça e apertou minha mão.

Debruçou na mesa e com a outra mão mediu minha temperatura pela testa.

— Bem, todo este suor garante que não é febre. — Eu bati na sua mão com humor.

— Eu não estou com febre, eu nem sei como estou.

Eu só queria vê-lo novamente, como se ele fosse toda a explicação que precisava.

— E o Eric? Conheceu-o aqui? — perguntei abelhuda.

— Ontem, quando me enrosquei com um carinha. Ele estava com a Renata, mas percebi que ele não tirava o olho de mim. — Balançou a cabeça. — Safado! A coincidência foi que ele estava na loja comprando um presente de aniversário para ela e conversamos. Fala sério, ele não é um gato?

— Lindo! — Me perdi na imagem do pai e do filho povoando minha mente.

E isso era reconfortante.

Ela se levantou e bateu no meu ombro.

— Eu, hein, você está esquisita! Vamos sair, o meu pai deve estar lá fora esperando a gente para almoçar. — Ergueu a mão com o celular. — Meu telefone morreu, esqueci de carregar ontem à noite.

Algo estava diferente dentro de mim, até a brisa leve no dia quente de sol forte em contato com o meu rosto serviu como bálsamo, um sorriso espontâneo estava em meus lábios e meus olhos distantes no horizonte, eu sentia-me flutuar com uma alegria contagiante.

Como Molly previu, Flávio nos aguardava dentro da pickup que alugou por um mês, durante o período de

férias, do outro lado da rua. E acenou assim que nos viu sair pela porta de vidro. Perdi o rebolado com o olhar inquisidor dele. Parecia estar só enxergando a mim, rezei para Molly não perceber e ela não percebeu, mas dona Maria Eduarda sim.

Disfarçadamente, ela oscilava olhares para mim e ele.

Entramos no carro e a Molly começou a falar do shopping e do quanto ela adorou as roupas brasileiras, mostrou seu minúsculo biquíni. Eu escutava tudo o que ela dizia, mas era distante, minha atenção se dividia ali dentro do carro e também para Chris e Eric... Crescia dentro de mim, uma vontade sem procedentes de procurar por ele, longe de todo mundo e saber de sua vida, sobre o que ele faz. Era como se depois muito tempo longe, com aquela saudade apertada no peito, de repente, ele tivesse chegado.

Eu precisava vê-lo novamente e com urgência.

— E você, Susie, comprou um biquíni? — Meu coração pulou com a voz doce de Maria Eduarda.

Tirou-me dos meus devaneios, lancei lhe um olhar envergonhado me sentindo flagrada com seus olhos estudando meu rosto com atenção, como se fizesse uma leitura de expressão, como se ela soubesse o que se passava dentro de mim.

Meus lábios se abriram num sorriso fraco.

— Acabei ficando sentada na praça de alimentação e acabei me esquecendo, e... — tentei explicar, mas não consegui com a interrupção da Molly.

— É... — O tom de voz acusador dela desviou minha atenção para ela, que me olhava com um olhar delator. — A Susie se esqueceu do mundo, acho que ela viu o passarinho azul — implicou.

Um sorriso sem humor algum se formou em meu rosto, apertei meus lábios franzindo a testa, repreendendo-a.

Ela sorriu e imediatamente mudou de assunto:

— Sabe quem eu encontrei, pai? — Flávio ajeitou o retrovisor e olhou para ela. — O Eric, ele estava ontem na festa acho que você conhece o pai dele, o Chris.

Eu ofeguei ao ouvir aquele nome com um sorriso se abrindo em meus lábios, quando os olhos de Flávio encontraram os meus pelo retrovisor, e de uma maneira questionadora, como se a informação que a Molly deu significasse alguma ameaça.

Baixei meus olhos, intimidada com a pressão.

— Conheço muito pouco — ele disse simplesmente.

E dali em diante só a Molly falou, perguntou da avó e Maria Eduarda respondeu. Flávio se trancou num silêncio quase absoluto, se não fosse sua respiração ruidosa e umas bufadas como se estivesse muito cansado. Sua tia

vira e mexe dava olhares desconfiados, enquanto nos contava sobre o estado da irmã, que estava na mesma e que nada poderiam fazer, a não ser orar e esperar.

E prometeu nos levar para a próxima visita.

Estava tudo preparado para nossa viagem para o Guarujá, só aguardando o Lucas chegar, ele havia ido à casa de Ângela para buscá-la.

A Molly nem teve tempo para conversar com ninguém. Depois que chegamos em casa, ela carregou o seu celular e passou todo o tempo conversando via mensagem com o Eric. Eu não me aguentava mais de tanta curiosidade para saber as notícias, se eles iam se encontrar novamente. No entanto, notei que, quando eu chegava perto, ela disfarçadamente se afastava o mais longe de mim e aquilo me irritou.

Quando ela foi para a varanda da casa, eu fui atrás dela soltando faíscas pelas ventas.

— Pare de ficar fazendo este joguinho, Molly! Qual é o segredo em você trocar mensagens com este Eric, hein? — perguntei com as mãos na cintura. Ela sequer elevou a cabeça e continuou digitando.

— Simplesmente porque o que está planejando aí na sua cabeça não é legal. O pai do Eric é CA-SA-DO... — frisou bem com seus olhos cravados aos meus.

Desviei para o lado a fim de fugir de toda aquela

pressão com um aperto enorme em meu peito. Embora já soubesse, sentia uma pontinha de ciúmes com aquela informação que pareceu nova.

— CA-SA-DOOO — falou, mais uma vez, alto e pausadamente para enfiar na minha cabeça.

Eu fiz cara de choro, embora quisesse mesmo chorar, fiquei chocada. Então, ela colocou o celular no bolso do short. Ajeitou a camiseta branca no corpo e se posicionou em minha frente me olhando diretamente nos olhos.

— As pessoas costumam julgar, sabia?

Inclinei minha cabeça, perplexa com suas atitudes.

— Você está julgando... — afirmei, mas ela prosseguiu:

— O problema não sou eu, a minha preocupação é com os comentários maldosos que poderiam ter, caso você se engraçasse com um homem casado. Além do mais, ele é velho para você. O Eric tem a nossa idade, sabia? — alertou-me como se eu não soubesse.

Ganhei um balde de água gelada sobre minha cabeça, senti meus ossos congelando. Molly tinha mesmo razão, não era correto me aventurar com um homem casado, desfazer um lar... Mas não podia concordar com ela sobre ele ser um velho, pelo contrário eu enxergava nele juventude, vitalidade, além de um olhar extremamente sedutor.

Apertei meus lábios antes de falar:

— Tem razão! Tem razão. — Levantei a cabeça para o céu com as nuvens brancas se movimentando abaixo da imensidão azul.

Aquele tom de azul-turquesa sempre era um espetáculo especial que encheu meu coração de ternura. Por mais que eu tentasse não pensar, eu não conseguia. Tudo em mim se interligou àquelas pessoas e eu não sabia por quê.

Mas era uma sensação boa de felicidade, então como recusar algo tão bom?

Eu não fazia ideia, eu só queria olhar para aqueles olhos mais uma vez, queria ter certeza de algo que nem sabia exatamente o quê. Por enquanto eu não podia dizer a verdade a Molly, ela estava preocupada com a imagem negativa que passaria para a sua família, e a minha reputação, é claro! Ambas sempre nos ajudamos e isso era um princípio que adotamos desde o primeiro dia que conversamos.

— Eu me iludi... Mas já passou. — Levantei a mão ao céu e rebolei com humor e ambas rimos alegres.

— Tem muitos gatinhos nesta cidade, se já não percebeu... — alertou-me

Eu concordei.

— É claro que sim.

Ela sorriu satisfeita e entrou para pegar suas malas e eu a segui.

O Lucas acabava de chegar com a Ângela.

Na pickup foram a Molly no banco ao lado do seu pai e eu no banco de trás; e no sedan, Lucas e a Ângela. Dona Maria Eduarda resolveu ficar, mas recomendou muito o seu apartamento e deixou-nos à vontade para usá-lo.

***

Chris

Saí do shopping com a cabeça a mil com a Kate azucrinando minha cabeça durante todo o percurso. Ela só criticava a moça fazendo questão de lembrar o quanto desagradável foi a cena que ela fez na festa. Por nenhum momento sentiu compaixão, afinal não conhecia os motivos que a levaram àquele sofrimento. Tinha horas que eu sem querer julgava a Kate uma pessoa cruel e sentia medo desta minha conclusão, mas, aos poucos, me convencia de que ela era sim uma pessoa má.

Apesar do Eric estar ali no banco de trás do carro, não esboçou nenhum comentário e nem havia como, ele estava mergulhado trocando mensagens pelo celular.

Eu procurei não retrucar para não colocar mais lenha na fogueira. Porém, ela conseguiu com sua chatice abrir minha mente, eu sabia exatamente que deveria fazer, o que eu deveria ter feito há muito tempo, ambos não

combinávamos ela tinha a sua vida própria e não permitia eu ter a minha. Decidi que pediria o divórcio assim que possível. E, contudo, eu acabei mudando os planos de ir visitar meus sogros, e me dirigi diretamente para casa tendo que aguentar os risinhos de satisfação da Kate, que aceitou o convite apenas em razão dos protocolos.

Eric nem percebeu quando estacionei o carro na garagem de casa, ele simplesmente desceu e entrou, eu fiz o mesmo deixando a Kate para trás resmungando. E quando entrei fiz o mesmo que o Eric, fui para o quarto e me tranquei em tom de protesto.

— Chris, por favor, abre a porta eu preciso de um banho rapidamente. — Kate movimentava a maçaneta de um lado ao outro com impaciência.

— Só um instante. — Saltei da cama e abri a porta dando-lhe espaço para entrar. Então, saí em seguida.

— Aonde você vai? — Ela me segurou para eu não fechar a porta.

— Lembrei que preciso repassar mais uma vez a pauta da reunião — falei o que veio à minha cabeça sem medir as consequências daquilo.

— Será que você nunca relaxa, só pensa em trabalho, Chris?

— É rápido, estarei de volta antes de sair do banho. — Ela fechou a cara e, então, fechou a porta do quarto na

minha cara.

Dei de ombros, eu precisava mesmo de um tempo sozinho para refletir, meus sentimentos estavam tão confusos que nem ousava mais dizer o que sentia, com medo da verdade. Me joguei ali mesmo no sofá da sala.

Não conseguia sequer definir com precisão, mas algo dentro de mim me castigava, me dizia que eu não podia. Que era incoerente, pecaminoso e inconstante.

A Susie era só uma menina inocente...

Linda...

Balancei minha cabeça com a tremenda bagunça que ficou lá dentro depois que coloquei meus olhos nela.

O que eu estou fazendo?

Todas as mulheres que cruzei nestes dezoito anos, e foram inúmeras, sem exceção despertaram em mim desejos sexuais nada mais além disto, meu coração ficou blindado.

Então, por que agora esta menina despertava o meu coração?

Por que eu a queria por completo, por que acendia minha ereção sempre que ela povoava os meus pensamentos?

Levei minha mão por dentro do elástico do moletom e a cueca e segurei meu membro duro querendo explodir, e massageei a fim de me aliviar, com ela em meus

pensamentos. Em seus lábios se movendo, seus olhos verdes brilhando tudo o que via nela era a Lucy. Ela despertava em mim algo diferente, me fazia esquecer quem era e me sentir um adolescente novamente.

— Pai, eu posso descer para o Guarujá? — A voz de Eric descendo as escadas me fez pular no sofá.

Acho que passei mais de uma hora ali perdido em minhas reflexões. Com a respiração ofegante fui até o bar a fim de esconder o volume na calça de moletom e me servi de um bom uísque para disfarçar. Virei o copo de uma vez na boca, a bebida desceu rasgando minha garganta e eu comecei a tossir.

— Mas é claro que sim, não precisa nem pedir, meu filho — respondi me servindo de uma segunda doze e me virei.

Seus olhos estavam no celular e seus dedos se movimentavam sobre o teclado, digitando.

— Pretende levar a Renata? — perguntei.

Ele sorriu e quando terminou de digitar levantou a cabeça, seus olhos brilhavam de emoção.

— Não... Conheci uma gatinha na festa, só que ela estava junto com o Jefferson, o amigo da Renata, e hoje lá no shopping encontrei com ela.

— No shopping? — Fiquei surpreso e meu coração acelerou no peito, shopping, festa... — Qual é o nome

garota?

— Molly, ela é americana, filha de um amigo do primo da Gláucia, o Felipe.

— Flávio... — disse mais para mim mesmo recordando-me dele ao lado da Susie.

A princípio eu nem levei em conta, pois os meus olhos eram só para a Susie.

— É... Você conhece? — perguntou Eric. Balancei a cabeça ponderando.

— Mais ou menos... E você vai levá-la para o Guarujá?

— Ela nem sabe que eu pretendo ir, quero fazer surpresa. Ela diz aqui na mensagem... — Mostrou o celular. — que está descendo com a família e sua amiga.

— Amiga? — Meu coração acelerou ainda mais, a possibilidade de ver aquela menina novamente acendeu em mim uma chama que me deixou nervoso, suando. — Se importa se eu descer com você, filho. Estou mesmo precisando relaxar, aliás, faz algum tempo que não curto uma praia.

— Legal, vai ser ótimo. — Sorriu animado. — Só estou chateado por ficar mais um dia sem ir à casa da vovó — lamentou.

— Na segunda, você vai... Eles vão entender — garanti sentindo meu corpo em chamas, eufórico com a

oportunidade de revê-la.

— Eu ouvi alguém falar em Guarujá, ou foi impressão minha? — Kate descia as escadas, espreguiçando e bocejando ao mesmo tempo com um semblante mais relaxado, enrolada no roupão branco e macio.

Torci a boca, contrariado. Viajar para o Guarujá com a Kate como companhia ninguém merece! Mais um ponto favorável à nossa separação. Ela não suporta o sol e a areia, ao contrário de mim que curto muito fazer caminhada durante o dia e à noite. Todas as vezes que descemos juntos, ela só reclamou: que estava quente demais, que sua pele branca estava toda cheia de bolinha devido ao suor, da areia que ficava impregnada na pele. Além de ficar ignorando os meus sogros que são tudo para mim, eu não permitiria mais este tipo de coisa, nunca mais.

Pensa em alguém chato falando ao seu ouvido durante vinte a quatro horas.

— O Eric quer descer e eu estou pensando em acompanhá-lo — falei já imaginando sua resposta e torci para que fosse a mesma de sempre.

Ela revirou os olhos fazendo aquela careta rotineira.

— Deus me livre, odeio areia... — Se aproximou inclinando a cabeça em meu pescoço. — Se importa se eu ficar, querido? — sussurrou ao meu ouvido e eu não

segurei a onda, soltei o ar aliviado fazendo-a hesitar, mas logo abri o meu melhor sorriso compreensivo beijando sua face em agradecimento.

— Imagina, meu amor! Eu sei o quanto odeia praia, por isso mesmo eu acho compreensível que fique. Eu só vou mesmo para fazer companhia ao Eric.

Eric deu um sorrisinho sapeca, eu pisquei.

— Está tudo bem, meu amor — disse antes de se jogar no sofá, com tamanha indiferença aumentando mais a certeza do que eu planejava. — Eu só preciso que se comporte por lá.

— Quanto a isso, não precisa se preocupar. —Sorriu satisfeita com a minha resposta.

A Kate é uma caixinha de surpresas, é difícil entender o que se passa na cabeça dela. Algumas vezes ela se tornava uma pessoa chata, obsessiva, ciumenta. Um ciúme doentio que já me causou muitos problemas que muitas vezes me deixou constrangido diante dos meus amigos, e também pessoas que por alguma razão cruzava em nosso caminho em viagens, festas... E na maioria das vezes, ela se mostrava compreensiva, imparcial como se não se importasse.

Vai entender!

Enfim, a Kate era o menor dos meus problemas, tudo o que eu precisava era de uma oportunidade de ver aquela

menina mais uma vez, olhar novamente em seus olhos. Tinha esperanças de encontrar algo por lá, era uma certeza dentro de mim tão grande que senti um frio gostoso na barriga, coisa que sentia quando era um adolescente.

Susie, Susie, Susie...

Seu nome não saía da minha cabeça como toda a sua pessoa, seus gestos, o som de sua voz. Só de pensar nela, meu corpo reagia, um tremor generalizado que me deixava completamente excitado. Senti minha ereção crescer dentro do moletom e desviei em direção às escadas e falei subindo os degraus.

— Vou arrumar minhas malas — avisei.

— Vocês vão agora à tarde? Por que não deixam para descer amanhã cedo.

— Amanhã eu quero acordar na praia — Eric respondeu subindo logo atrás de mim enquanto ela rosnou em desaprovação sem fazer mais nenhum comentário.

***

Susie

O mar estava calmo, no céu o sol brilhava forte, às cinco horas da tarde as gaivotas passeavam no ar, encantando meus olhos com tamanha harmonia, quando pegamos a avenida à beira-mar.

Uma praia linda e limpa com excelente infraestrutura,

pela janela da pickup eu contemplava cada detalhe com aquela forte sensação de que conhecia aquele lugar. Eu poderia dizer que o mar é mar em qualquer lugar no mundo, mas não era assim que eu via, cada detalhe que os meus olhos captavam era diferente.

E, mais uma vez, a saudade batia em meu coração, era como se eu retornasse ao lugar mais importante da minha vida. Esta minha linha de raciocínio era muito confusa e dolorosa também, que deixaram meus olhos marejados.

— Eu quero muito ir para a praia ainda hoje. — A voz eufórica da Molly sorrindo nos fez rir.

Minha amiga era apaixonada pelo mar, quantas vezes mudamos nosso itinerário já planejado para outro lugar qualquer e acabávamos na praia.

Flávio segurou em sua mão, sorrindo, satisfeito.

— Você vai muito à praia, filha?

— Muito. Sou capaz de ficar dias e dias numa praia. É o meu passeio predileto — respondeu ela olhando pela janela.

— Às vezes, penso que a Molly é uma sereia disfarçada de humana — brinquei e todos riram.

— É. Eu gostei da comparação... Amo tudo relacionado ao mar, a areia, o sol... — Pensou um pouco. — E amo ver o pôr do sol.

Meu coração parou de bater por milésimos de segundo, mas foi o suficiente para me deixar sem ar enquanto meu cérebro buscava aquelas palavras em minhas lembranças confusas: “Pôr do sol”. O esforço me deixou exausta.

— É sério que gosta do pôr do sol? — Ela assentiu e o encarou. — Então, antes de voltarmos a Miami vou levar vocês para conhecer o melhor lugar: a Praça Pôr do Sol. E ó lugar mais conhecido de São Paulo pela vista fantástica no finalzinho da tarde.

— Eu vou adorar... — Ele sorriu todo satisfeito com a aprovação da Molly e olhou para mim pelo retrovisor. Eu continuava ali tentando assimilar tudo aquilo, sem entender a familiaridade que aquilo me fazia sentir.

— E você, Susie? Me conte a sua história o que você gosta de fazer, seus hobbies.

Corei com a especulação, não havia muito o que contar que ele pudesse achar interessante nesta vida conturbada que tinha. Mas, enfim, sorri.

— A Susie curte mais seu quarto, livros, cinema estes entretenimentos a quatro paredes. — A Molly sempre me tirou das enrascadas, mas não sei por que senti aquilo como um ataque e franzi a testa descontente, ele sorriu e deu de ombros.

Gostava do mar sim, no entanto, ao mesmo tempo, sentia medo dele, era como se ele me puxasse quando

estava à sua frente.

— Duvido que ela não goste nem um pouco das águas salgadas, afinal fazem bem para o corpo e a alma.

Era exatamente a minha alma que pedia distância.

— Claro que gosto do mar — respondi séria batendo no ombro da Molly, que sorriu, sapeca. — Só não tenho esta obsessão que a sua filha tem.

Ele sorriu dos nossos ataques e segurou na mão da Molly mais uma vez.

— Com certeza nós vamos curtir o resto da tarde. E a noite é uma criança.

Molly suspirou ansiosa e eu também. Apesar dos meus sentimentos conturbados, eu queria explorar tudo o que o Guarujá poderia oferecer e fiquei ansiosa para conhecer este lugar magnifico do pôr do sol.

E pela beleza ao redor eu previa que seria muita coisa.

— Existe muito que se fazer nesta cidade, muita coisa legal, eu não te falei que ia se amarrar no Brasil?

— Eu amei tudo até agora. — Molly sorriu, olhando ao redor, encantada.

Aquelas palavras me deu uma vontade de chorar, era exatamente o que acontecia comigo, existia uma magia neste país que me conquistava a cada instante.

O rosto do Chris veio à minha mente e isso já foi o suficiente para surgir um friozinho gostoso na barriga, tamanha era minha ansiedade.

Eu queria tanto vê-lo novamente, tanto...

— E você, Susie, está gostando da viagem. — Assustei-me com a voz do Flávio.

Seus olhos capturaram os meus pelo retrovisor, notei que ele percebeu minha distância, também não tirava os olhos!

— Muito... Adorando cada momento.

A cada palavra que saía da minha boca, eu ganhava o olhar crítico da Molly. Ela ficou me observando com mais atenção, decerto com medo da imagem que poderia passar para sua família. O bom foi que ela não tocou mais no assunto porque eu também guardei tudo dentro de mim, a sete chaves, como se fosse um segredo só meu.

O prédio ficava numa travessa da avenida da praia, um prédio de cinco andares todo branco com ampla varanda de frente no estilo gourmet, o apartamento era muito espaçoso com suítes. Uma sala enorme dividida em dois ambientes, sala social e jantar. Apesar de rústica, sua decoração tinha um toque sofisticado.

Rapidamente nos trocamos para aproveitar o resto da tarde, a Ângela me emprestou um biquíni branco que ela nem havia usado ainda. Apesar de pequeno, ele estava

longe de ser vulgar. Pelo contrário, a parte de cima com bojo na medida certa, que deixou o colo do meu seio um pouco mais avantajado dando um toque mais sensual, e a calcinha de amarrar nas laterais modelou meu corpo de uma forma que nunca havia prestado atenção.

Deu uma forma mais arredondada ao meu quadril e afinou ainda mais a minha cintura. Quando me olhei no espelho, não pude acreditar que aquela pessoa que meus olhos viam era eu mesma. Me sentia mais madura, mais mulher e adorei o resultado.

— Adorei o resultado, Susie. E você gostou? — perguntou Ângela dando uma geral pelo meu corpo.

O biquíni dela era na cor preta, minúsculo e estava visível na canga até o tornozelo transparente. Nem sei por que ela usava aquela peça, a meu ver desnecessário. Se ela fosse mais próxima com certeza esboçaria um comentário.

— Eu também gostei — respondi inclinada na frente do espelho olhando-me nas costas. — Como diz você: o resultado ficou ótimo.

— Que bom que gostou — disse ela seguindo em direção à porta do quarto. — vou esperar você lá na sala com os outros. — E abriu a porta se deparando com a Molly e sorriu. — Espero vocês lá na sala — repetiu para a Molly e fechou a porta assim que ela entrou.

— Gente! — exclamou minha amiga com a mão no

peito e a boca aberta. — Não reparei no seu corpo, é perfeito, não existe gordura em lugar algum. — Ela segurou na minha mão, me ajudando a dar uma volta em demonstração. — Este biquíni ficou perfeito em você.

— Eu também amei... Quando a gente tiver um tempinho quero voltar ao shopping.

— E o meu, acha que ficou bem? — Ela fez pose, deu uma volta. Achei minúsculo demais, mas ela tinha um corpo bacana que a deixou bem.

— Está ótima também! — Ela sorriu satisfeita e jogou uma saída branca por cima, tipo um camisão cinco dedos abaixo do quadril.

— Então vamos nos apressar! Daqui a pouco, o sol vai embora.

Vesti uma saída de praia da mesma cor do biquíni, um óculos grande na cor caramelo e um bracelete de cinco argolas dourado no pulso e saímos.

Fomos de carro à beira-mar até próximo a marina, o local onde havia centenas de jet skis e barcos. Ângela reclamou de fome quando estacionamos o carro e a Molly não ficou atrás, existe um ditado que diz: tem pessoas que comem para viver e outras que vivem para comer. A Molly se encaixa muito bem na segunda, é de admirar seu corpo bem delineado sem nada fora do lugar. Acho que seu hobby predileto seja comer, ela nem lembrou que logo mais o sol daria tchau.

Do outro lado da calçada havia um restaurante muito bonito, todo em vidro.

— Eles servem ótimos pratos, tem certeza de que vai perder — Flávio instigava-me.

Fiquei tentada olhando pelo vidro algumas mesas de clientes com comidas que pareciam deliciosas. Mas, por fim, concluí que era pura gula, não sentia fome e também não queria perder tempo, sentia um desejo sem igual de ir até o mar como se ele me chamasse, diferente das outras vezes fiquei tentada.

— Eu não estou com fome — expliquei. — Se não se importa, vou até o mar molhar meus pés.

— É claro que não me importo, então siga nesta direção. — Apontou a frente na direção do restaurante. — E procure não se afastar para não nos perdermos.

— Pode deixar... — Entreguei minha bolsa para Molly, já que recebi instrução para não abandonar nada de valor na areia devido à violência.

— Flávio, eu e a Ângela vamos recusar o convite — falou Lucas. — A gente vai se encontrar com uns amigos na praia de Pernambuco.

— Beleza... — Fez um sinal positivo com o dedo e se dirigiu com a Molly ao restaurante.

Enquanto eles entraram no restaurante, eu me dirigi em direção ao mar.

Parei em frente à imensidão azul, o mar quebra na areia, ondas que vão e vêm causando em mim uma explosão de uma sensação muito poderosa, me deixando vulnerável e forte ao mesmo tempo. Eu sentia meus pés presos a areia, podia sentir os grãos abraçá-los os mantendo no mesmo lugar como se soubesse que se me soltasse eu partiria para um lugar que não pertencia. Era como os movimentos das ondas, aquele lugar tinha uma magia especial.

Lágrimas de felicidade rolaram por minha face e algumas voavam com o vento e se juntavam ao oceano.

Eu me sentia forte e feliz.

Já não perdia mais a noção de tempo, do espaço e me convencia que toda aquela perturbação estava indo aos poucos embora, agora eu conseguia me manter na realidade e aquilo me deixou muito, mas muito feliz. Então, comecei a rir e ao chorar ao mesmo tempo.

Leve, era assim que me sentia com essa sensação fabulosa. Tirei a saída de banho e joguei o mais distante que consegui onde as águas não alcançavam, corri até meus pés serem cobertos pelas ondas e comecei a chutar as águas e não acreditei.

Pensei que estava sonhando, apertei meus olhos duas vezes para ter certeza.

Num giro, na minha brincadeira de criança me deparei com o Chris a alguns metros de mim, vestido

numa bermuda branca de cintura baixa, seu peito nu, com todos seus músculos definidos expostos como uma obra de arte. Era a visão mais linda que já vi na minha vida, o vento bagunçando seus cabelos, me olhando com desejo e admiração ainda mais encantados com a barba cerrada.

Eu mal conseguia respirar, meu coração batia tão forte que levei uma das mãos ao peito.

— Oi. — Eu me sentia insuportavelmente tímida com seus olhos percorrendo cada curva do meu corpo.

Como ele consegue ter esse efeito em mim?

— Oi. — Sua voz rouca, embargada encantou minha alma iluminando ainda mais o sorriso radiante em seu rosto.

Eu esperei um momento para admirar a sua beleza.

Oh, meu Deus, ele está tão sexy! Tão lindo!

Gelei quando ele avançou alguns passos se posicionando em minha frente, mudo. Seus olhos diziam mais que mil palavras enquanto faziam um reconhecimento facial prendendo meu olhar, sem nenhuma hesitação, cerimônia, ele sequer disfarçava. Se fosse qualquer outra pessoa com certeza ficaria irritada e daria as costas pela ousadia. Mas com o Chris tudo tendia a diferença, seu olhar não era nada estranho, ele era muito mais conhecido a minha alma do que aos meus olhos. Eu juro que explicaria se fosse possível!

E mesmo tremendo dos pés à cabeça, eu me deliciava com a sua curiosidade, ambos tínhamos a necessidade de se descobrir, era curioso, havia algo revelador além dos seus olhos, por um momento tive a impressão de ver um passado através deles, um passado que dizia de mim, dele...

A constatação causou em mim um arrepio que percorreu minha espinha e precisei fechar os olhos por um instante.

E ao abri-los, a tão conhecida luz crescia a minha frente cobrindo seu rosto, deixando a imagem borrada.

Não saia daqui, você consegue, força, você consegue!

Eu sabia que dependia de mim, e eu não pretendia sair daqui, muito pelo contrário, desejava saborear cada momento que ele me proporcionava.

A força do meu pensamento unida à emoção de estar perto deste homem me trouxe toda a força e coragem que precisei, a imagem se tornou nítida novamente.

Ele riu levemente enquanto olhava para mim e deu mais um passo à frente, diminuindo a já pequena distância entre nós dois.

— Eu nunca imaginei que encontraria você por aqui... — consegui falar após um esforço tremendo para recuperar meu equilíbrio com os seus olhos penetrados

nos meus.

Ele sorriu, emocionado.

— Eu não posso dizer o mesmo... — Sorri sem entender.

Suas mãos infinitamente quentes vieram ao meu rosto, um calor inumano começou a se espalhar pelo meu rosto e descer pelo pescoço, tendo sua mão como a única fonte.

— Eu precisava muito te ver, mais uma vez, e entender este seu olhar. — Engoli em seco com seus olhos sondando meu rosto e fixando nos meus, eles pareciam raios laser. — E quando soube pelo Eric que estaria aqui, eu não pensei duas vezes.

Me ajuda, Deus!

Eu não sabia como agir, estava muito envolvida com este homem de uma maneira insana de ser. Eu não podia me jogar em seus braços sem ao menos conhecê-lo. Sempre fui tachada de careta, nunca gostei de ficar com alguém simplesmente apenas por causa de um rosto bonito só para falar que peguei alguém. Era exigente, queria sempre uma boa conversa antes, saber mais da pessoa. Mas ser envolvida por seus braços era o meu maior e único desejo.

Que merda, como é que posso resolver este impasse?

— Você o entendeu? — Minha voz saiu tão baixa que

nem eu mesma quase não ouvi.

Ele deu de ombros, e seus olhos lacrimejaram como os meus, estava impossível segurar a emoção, era como se uma dinamite tivesse sido ativada e explodiria a qualquer momento causando um caos.

Fechei meus olhos por um instante até a corrente elétrica atravessar meu corpo e mergulhar na areia e quando os abri, ele abriu os seus também, seus lábios estavam trêmulos como os meus, nossos corpos tremiam numa sincronia fora do comum.

— Eu não sei como entender seu olhar, há algo nele que diz respeito ao meu passado.

— Passado? — Eu não compreendi e comecei recuar alguns passos, sei lá, fiquei receosa de repente com aquela frase que não saía da minha cabeça, desde que coloquei os olhos nele. Sua mão em minha cintura me impediu de continuar recuando, me prenderam.

— Estou te assustando, não é?

— Não — respondi apenas, sem conseguir pensar em algo a mais para dizer. Por um lado, sentia uma grande emoção, mas do outro certo desconforto.

Ele suspirou em meio ao seu lindo sorriso, olhando em direção ao céu. O sol começava a se esconder atrás das nuvens e uma brisa muito fresca passava por nossos corpos.

— Você quer caminhar um pouco?

Pensei um pouco para responder olhando em direção ao restaurante.

— Acho melhor não, não posso me afastar do restaurante — hesitei. Ele olhou e sorriu.

— Eu posso garantir que não vai se perder, e*u sou* um *guia* turístico ótimo, praticamente nasci nesta cidade além de ser muito divertido.

— Não me diga! — O encarei divertida, ele deu de ombros orgulhoso, um fofo. — Será que o guia é capaz de me salvar também, caso venha um dilúvio?

Ele concordou com um movimento de cabeça e sorriu, e eu estremeci.

— Como te disse, nasci praticamente aqui, posso assegurar que conheço todos os becos, caso precisemos fugir deste teu dilúvio. Eu diria maremoto, tsunami... — Desviou os olhos em direção ao mar, levando a conversa na esportiva, ambos rimos. Ali, eu tinha certeza de que iria caminhar com ele.

— Tá bom — concordei.

Caminhamos lado a lado, tínhamos toda a areia à nossa disposição com as pessoas saindo com o fim de tarde.

— Fiquei curioso com o jeito que saiu da casa da Gláucia — falou num fio de voz segurando minha mão e

apertou. Levei um baita choque, respirando fundo para responder.

— Na verdade, nem eu sei o que me deu lá — falei sentindo que estava começando a ficar vermelha. Olhei para ele, *que sorriu* e balançou a cabeça, *compreensivo ao notar o quanto este assunto era embaraçoso para mim.*

— E há quanto tempo está na cidade? — *perguntou*, genuinamente interessado

— Dois dias.

Ele parou me olhando de um jeito como se a melhor ideia passasse por sua cabeça.

— Acredito que precise mesmo de um guia turístico para apresentar a você as maravilhas de São Paulo.

— Está se oferecendo para ser meu guia, é isso que estou entendendo?

Um sorriso lindo, empolgante surgiu em seu rosto. Ele pegou minha mão e apertou forte. Levei outro baita choque em contato com ele, uma corrente deslizou por todo meu corpo me fazendo fechar os olhos e prender a respiração por uma fração de segundos, ainda bem que ele não percebeu.

— Eu teria o maior prazer nesta função. E o melhor! — Ergueu o dedo indicador da mão livre. — O único pagamento pelos meus serviços é a sua companhia.

Comecei a rir de sua espontaneidade, a cada instante ele me conquistava mais. Levantou as sobrancelhas.

— E aí, o que me diz?

— A oferta é tentadora, além, é claro, de ser uma pechincha.

— Está fechado? — perguntou levando minha mão aos lábios e beijou-a com ternura. Eu sorri sem graça total embaraçada com meu coração na garganta, o calor fazia o suor brotar de minha testa e ele percebeu. Levemente secou com as pontas de seus dedos, e colocou meus cabelos atrás da orelha me olhando de um jeito estranho, intenso, confesso que me assustei do que estava sentindo. — Talvez um banho de mar possa facilitar a sua resposta, além de refrescar você.

Assenti com a cabeça e saí correndo em direção ao mar e ele correu atrás de mim.

De mãos dadas fomos pulando as ondas, sorrindo, brincando, estava muito bom tudo aquilo, diferente. Um mundo novo e, ao mesmo tempo, tão conhecido. Paramos com a água na cintura com as ondas fortes nos jogando de um lado ao outro.

— Me dê sua mão, Susie. — Eu obedeci. Ele me puxou para perto, mas não houve tempo para mais nada com uma enorme e inesperada onda nos jogando em direção a areia.

Ele me carregou no colo e me colocou numa pedra. E nós rimos muito e conversamos assuntos sem importância, e quem precisava de assunto sério? Nenhum de nós. Era um momento único que eu estava amando. E quando saímos da água retornamos para o local do restaurante.

— Me diverti muito, obrigado — ele disse, sincero. Eu olhei para ele, sorrindo, quando ele me puxou.

— Você é real? — murmurou, inclinando a cabeça em direção ao meu rosto.

Nossos olhos se fecharam no mesmo instante enquanto a ponta do seu nariz encostou-se em meu rosto deslizando por toda a minha pele até minha orelha, despertando cada terminação nervosa do meu corpo, causando em mim sensações desconhecidas, mas que lá, no mais íntimo de mim, fazia algum sentido, impossível de explicar.

A emoção era recíproca.

— Eu acho que sim... — Um fio de voz escapou de minha boca.

— Quem é você? — ele murmurou. Segurou meu rosto novamente com as duas mãos e nos encaramos, eu podia sentir sua respiração tocar meu rosto suavemente como a brisa do vento, seu hálito quente batendo no meu rosto, meus olhos se prenderam aos seus lindos lábios e tudo o que queria era um beijo dele.

— Você mexe comigo de um jeito que não consigo controlar, eu sei que não devo. — Recuou soltando meu rosto deixando seus braços caírem na lateral do corpo.

Notei que ele me queria, mas o medo era o mesmo que o meu.

— Oh céus, você é só uma criança!

Aquelas palavras doeram em meu coração, uma sensação de perda me tomou e eu não podia arriscar.

Era como perdê-lo novamente.

Confuso isso!

Então sem pensar, eu avancei meus passos ficando em sua frente com minha cabeça inclinada, fitando seus olhos aflitos.

— Não tão criança que você não possa me tocar. — Peguei em sua mão, levei aos meus lábios e beijei com ternura, paixão, tudo...

Seus braços foram para o redor do meu pescoço. Ele beijou o topo da minha cabeça e com as pontas segurou meu queixo levantando meu rosto para me encarar.

— Você é tão jovem ainda! — Inclinou-se cheirando ao redor do meu rosto. — Eu sei que estou errado, mas não consigo me controlar, eu quero muito beijar você. — Seus olhos desceram para os meus lábios. — Sentir o sabor de seus lábios.

Mordi levemente o canto da boca em tom de

provocação, fazendo-o gemer.

E aproximou o rosto de um dos meus ombros, encaixando-o na curva do meu pescoço.

— Seu cheiro é inebriante... — O nariz dele traçou uma linha até meu queixo e subiu até minha orelha, fazendo todos os pelos do meu corpo eriçar, de tão rápido que se arrepiou.

Eu não conseguia dizer uma palavra, me sentia envolvida num turbilhão de emoções que qualquer palavra pudesse despistar, eu não podia sequer deixar meus pensamentos se afastar dali. Ele era, sem dúvida, meu sonho de consumo.

— Me autorize beijá-la, por favor. — Sua voz rouca na minha orelha, a respiração morna contra minha pele, seus lábios roçando em meu pescoço me levaram à loucura.

Minhas pernas perdiam toda sua força e queria vacilar, deixei que minhas mãos passassem por cima de seus ombros e a coloquei apoiada na curva do seu pescoço, acariciando-o. Então seus lábios vieram roçando a minha pele até os meus entreabertos, roçando-se neles, até sua língua ir para o interior de minha boca com urgência, como se implorasse para ser sugada e foi o que eu fiz. Suas mãos seguraram minha cintura, o contato estremeceu e aqueceu todo meu corpo.

Nossos corações estavam num ritmo tão frenético,

estar ali nos braços dele era como se fosse algo que esperei durante meus 18 anos de vida. Era inacreditável tudo aquilo. E bom demais, nossas línguas bailavam felizes, numa dança natural e sensual, tocávamos todos os cantos um da boca do outro ouvindo o som das ondas se quebrando, das gaivotas em seus voos rasantes logo acima de nossas cabeças e sentindo a brisa fresca chocando contra nossos corpos quentes. Nosso suor se misturava ao sal da água do mar e tão lentamente quanto o nosso beijo, uma magia que desejei que nunca fosse quebrada.

Envolveu ainda mais a minha cintura e puxou-me, colando nossos corpos. Senti seu membro duro atrás do tecido fino de sua bermuda e um gemido abafado escapou dos meus lábios sem me conter, o desejo era absurdamente grande, rebolei em sua ereção, ele gemeu soltando meus lábios. Suas mãos puxaram levemente meu cabelo fazendo-me arquear a cabeça, eu mergulhei no mar mel de seus olhos brilhando de desejo.

— Você me deixa louco, menina... — murmurou em meus lábios, mordendo-os devagar e puxando-o me levando à loucura.

— Pai? — Ouvi alguém chamar, mas eu estava tão distante que só notei quando o Chris saltou para trás de susto, me deixando no vazio.

Precisei de alguns segundos para me equilibrar para não cair.

— É... é... — Chris ficou nervoso, não sabia o que dizer diante do olhar horrorizado de Eric.

Molly ao lado dele olhava para mim com um olhar decepcionado e logo atrás dela o Flávio fuzilava o Chris com um olhar assassino, foi uma energia negativa e pesada que me causou um calafrio pela minha espinha.

— Eu estava aqui... — Ele tentou embora não tinha como dizer nada.

Então ele voltou até mim, sorriu carinhosamente e beijou minha face.

— A gente se fala depois.

Mesmo com o coração disparado com medo do que se passava na cabeça do Flávio e da Molly, ainda bem que não havia sinais de Lucas e Ângela.

Eu me sentia aliviada com a promessa de que nos veríamos novamente, eu não me imaginava mais longe dele. Era um absurdo, eu tinha plena consciência disto, além dele ser casado, mais velho, ainda assim não deixava de ser um estranho.

— Vem, vamos embora que eu explico para você. — Pegou no braço do filho o puxando para distante de todos.

— Eu ligo para você — gritou Eric fazendo um gesto com a mão para Molly.

Não havia uma desculpa coerente que eu poderia dar diante dos olhares acusadores de Flávio e Molly.

— Bem, podemos voltar ao apartamento — falei baixo seguindo a direção onde havia deixado minha saída de banho.

E foi no silêncio que fizemos o caminho até o apartamento, o episódio deixou um clima meio confuso entre nós, parece que todos se desestimularam a aproveitar a noite como era a promessa quando saímos de São Paulo.

CAPÍTULO QUATORZE

Chris

— Poderia me explicar o que foi aquilo? — Eric exigiu assim que entrei no carro e fechei a porta. Respirei fundo, encostei a cabeça no banco e virei para ele, que estava me olhando. Seu olhar de protesto me deixou muito envergonhado.

— Por favor, não diga nada a respeito — pedi enquanto colocava o cinto de segurança. — Foi horrível, eu sei... Desculpe-me, filho. — Lancei meu olhar de culpa e ele sorriu compreensivo.

— Não precisa se desculpar, é claro que não. —Deu dois tapas em minha perna.

— Preciso sim, constrangi você... Perdão.

Eric grunhiu e segurou o volante com força e me olhou sério.

— Eu sei que você sai com outras mulheres, como sei que você não ama de fato a Kate, já percebi que casou com ela como uma fuga para suportar a ausência da

mamãe.

Eu comecei a rir.

Meu filho cresceu mesmo.

Inclinei meu corpo e o abracei forte.

— *A vida é* tão imprevisível que *algumas vezes*, ela pode nos *pregar algumas surpresas, indesejáveis — balbuciei baixo e me joguei no banco enquanto olhei para ele, sério, me observando com atenção.*

— Eu não sou cara de sair atrás de mocinhas inocentes — tentei explicar. — Aconteceu, está bom?

Ele apertou os olhos.

— Realmente foi no mínimo esquisito. Aquela garota tem a minha idade! — Eu baixei a *cabeça envergonhado.*

— Eu concordo com você, filho, foi horrível! — Encarei-o, embora quisesse me esconder dentro de um buraco bem fundo. — Eu deveria ser forte, resistir, mas eu não consegui, ela tem algo de especial que me atrai.

Céus! Ela é só uma menina inocente.

— Eu não sei o que dizer, pai. Sinceramente! — O tom de voz do meu filho soou como punição, meu coração se apertou.

— Tem razão... Tem razão! Eu passei dos limites, fiquei fora de mim... — tentava explicar o que não tinha explicação. O fato era que aquela menina linda enfeitiçou

meu coração e ponto.

— Agora que caiu a minha ficha — disse Eric com olhar distante, se lembrando. — quando você quase pulou do carro em movimento, ela atravessava a rua em direção ao mar.

Corei de vergonha e respirei fundo.

— Por favor, poupe-me de julgamentos, não me faça sentir pior do que já estou me sentindo... — pedi.

Ele riu e concordou, deu a partida e seguimos para a mansão do meu pai não muito longe dali.

Meu coração não se acalmava nunca, e calafrios desciam por minha espinha e um frio na barriga me acompanhou durante todo o percurso, em silêncio.

Uma qualidade indiscutível do Eric era saber respeitar o espaço dos outros. Mesmo presenciando tantas discussões entre mim e a Kate, ele nunca fez nenhum comentário.

Percebi seus olhares enquanto seguíamos lentamente pela orla da praia em seu trânsito interminável de sábado ao cair da noite. Todos queriam assistir ao espetáculo da natureza: a nostalgia do sol se pondo sobre o mar incendiando as águas para logo mais a lua tomar seu lugar.

Encostei a cabeça no banco pensando no sabor de sua boca, no calor de seu corpo e meu coração acelerando cada vez mais, deixando-me ofegante, eu não conseguia

mudar o foco. Não conseguia sequer dizer algumas palavras, pois a minha mente ficou totalmente ocupada com o que eu vivi ali com os pés mergulhados nas ondas do mar.

Eu ainda podia sentir o perfume de sua pele.

O celular vibrou no bolso da minha bermuda, arqueei o quadril e peguei e quando olhei no visor, senti uma angústia ao ver a foto da Kate e desliguei o aparelho. Pelo canto do olho, notei Eric me olhando disfarçadamente, no entanto não disse nada e foi assim até entrarmos em casa.

Ele bateu nas minhas costas e me deixou sozinho ali na sala e foi para o seu quarto.

Respirei fundo e desabei de costas sobre o sofá e estiquei os braços acima da cabeça, rindo como um garoto de 18 anos, apaixonado com meu corpo em chamas, arrepiado, excitado, meu pênis latejando.

Eu estava ansioso, daria tudo para tê-la agora comigo, tomá-la em meus braços e fazer dela minha, só minha. Eu sabia que estava errado, mas nenhum outro pensamento a não ser beijar seu corpo todinho, possuí-la existiam em minha cabeça. Eu voltei no tempo até que o cansaço me tomou e, então, adormeci.

O vento soprou aos meus ouvidos, o som das ondas se quebrando.

Chris, Chris, Chris.

Aquela voz macia que mais amei na vida vinha distante com a brisa fria e aconchegante. Meu ímpeto foi abrir os olhos, contudo me contive ciente de que se eu abrisse meus olhos toda aquela magia ia desaparecer, me permiti ficar ali com os olhos fechados enquanto a voz macia da Lucy preenchia meu ser.

Chris, Chris...

O vento soprou mais uma vez, pude ouvi-los antes de senti-lo em minha pele, aquela voz me causava um anseio forte que eu não conseguia controlar e abri meus olhos.

Comecei a chorar e a rir ao mesmo tempo, novamente eu sonhava com ela à minha frente, caminhando sobre as águas, naquele mar envolto pelo vento, vindo em minha direção guiada pela luz platinada da lua. Eu tinha consciência de que tudo era um sonho, um sonho lindo, talvez o mais lindo que já sonhei. Seus cabelos longos dançando ao ar, suas mãos estendidas me chamando.

Chris, Chris...

— Lucy... — seu nome escorregou dos meus lábios antes que pudesse pensar, então me vi sentado no sofá, o suor pingando de minha testa, meu coração a mil, minha respiração acelerada em meu peito.

Saltei do sofá e fiquei ali na imensa sala caminhando de um lado ao outro, nervoso, ansioso com olhos no chão, pensando como um sonho poderia se repetir assim. Eu precisava encontrá-la e não podia mais esperar, eu

precisava saber e urgente. Estava imerso em minha conclusão mental que nem notei o Eric encostado no batente com os braços cruzados me observando.

Ele sorriu condescendente.

— Eu estou preocupado com você, pai. — Se aproximou e colocou a mão em meu ombro.

Bati levemente em seu rosto e fui me sentar no sofá e um suspiro escapou dos meus lábios, eu não conseguia mais disfarçar o que passava dentro de mim e nem por fora. Ele se sentou ao meu lado, juntou suas mãos e inclinou a cabeça me fitando, por ele eu senti uma necessidade de me explicar novamente, pisei feio na bola em frente aos seus amigos e me odiei por isso.

A minha missão nesta vida era dar-lhe o exemplo... Porém, antes disso era muito mais fácil...

— Filho, me desculpe por aquilo. Eu não queria te constranger diante dos seus amigos, me perdoe. — Ele balançou a cabeça em negativa.

— Não precisa pedir desculpas. — Sua voz era baixa e fofa, seus olhos tão iguais os da sua mãe brilhavam em contato com os meus.

— É o mínimo que posso fazer depois de tudo. Você ficou envergonhado, e... — disse um tanto nervoso.

— Pai... — ele me interrompeu. — está tudo bem, de verdade!

Baixei meu olhar, engasgado. Eu precisava desabafar e ele ali, disponível, me pareceu uma boa oportunidade de colocar o que me sufocava para fora, então arrisquei:

— Existe algo naquela menina que me deixa fora de órbita. Eu perco totalmente o meu juízo, entende? — falei exaltado ao invés de me sentir melhor.

Ele bateu levemente em meu joelho.

— Fique calmo, ok? — Respirei fundo olhando em seus olhos e concordei com a cabeça.

— Quando eu penso nela, sinto todo o meu corpo formigar, meu coração palpita. — Levei a mão à barriga. — É ridículo, eu sei, no entanto, é exatamente assim que me sinto, de volta ao passado como se eu tivesse 18 anos, não estou entendendo nada... Você sabe e me conhece! Eu sou um homem sensato, pé no chão. Não sou pessoa de me iludir. Com ela não é assim, fico abobalhado — confessei ficando nítido os vincos em minha testa.

Ele sorriu orgulhoso.

— Olha! — Estendeu o braço mostrando os pelos em pé. — Fiquei arrepiado, eu ainda não gostei de alguém assim, eu invejo você — ele parecia sincero. Eu neguei me sentindo ridículo, parecendo um adolescente. — De verdade, pai. É legal isso, estou muito feliz por se abrir comigo.

Eu o abracei e me levantei e fiquei de frente a ele.

Com a cabeça erguida, ele analisou meu rosto e sorriu.

— Eu não escolhi sentir isso, é muito parecido com a emoção de quando conheci sua mãe. Mas nosso amor durou tão pouco! — Passei a mão direita pelos cabelos. — Quando sua mãe morreu ficou aquela sensação de incompleto, sabe?

Ele assentiu em silêncio com o olhar atento a minha explicação, me estimulando a continuar.

— Eu sempre penso como teria sido se tudo fosse diferente, o fato é que o nosso amor não amadureceu e não tive a chance de descobrir.

— É uma pena que não presenciei este amor entre vocês — pronunciou com tristeza no olhar.

— A vida dela foi tão curta... — Coloquei a mão na cintura e olhei para o teto, para segurar as lágrimas.

Foi difícil esquecer, superar, só Deus sabe o quanto eu lutei para conseguir seguir em frente, criar o meu filho. Mulheres interessantes cruzaram o meu caminho e nenhuma delas foi capaz de nutrir a fome do meu coração que endureceu para este tipo de amor, até agora.

— E agora a *vida está me pregando* uma *peça*, só pode! — Sorri incrédulo. — A Susie é instigante, quando eu olho para ela é como se eu visse a sua mãe... — Por nenhum momento senti julgamento em seu olhar, nem críticas. Fechei meus olhos por alguns minutos com os

bombardeios do sonho em minha cabeça. — É confuso, né?

— Estava lá no quarto pensando em tudo o que aconteceu, e por isso eu vim aqui para te mostrar uma coisa.

Eric se levantou, tirou seu celular do bolso, seus dedos faziam uma pesquisa nas mensagens, então se posicionou à minha frente e estendeu a mão em minha direção com o aparelho.

Levantei meus olhos e ele sorriu de um jeito confiante.

— O que é isso? — perguntei confuso.

— O número do telefone da Susie.

— O número da Susie? — indaguei com dúvida.

— É... Eu encontrei com a Molly no shopping e o celular dela estava sem bateria, ela mandou uma mensagem do telefone da Susie — explicou ele enquanto eu sentia um arrepio pelo meu corpo, empolgado ao ver aquele número ali no visor. Precisei me controlar para não fazer papel idiota na frente do meu filho. — Eu aconselho você a tentar falar com ela ao invés de ficar nesta aflição toda.

A sugestão soou maravilhosa, olhar para ela mais uma vez era tudo o que eu precisava, senão eu teria um infarto de tão nervoso que estava o meu coração. Sem

mais pensar, peguei o celular de suas mãos como uma criança arranca o doce das mãos de seus pais.

— Tem certeza de que vai me apoiar? — indaguei incrédulo.

— Pai, o que você está sentindo é algo muito bom, e quem sou eu para atravessar o seu caminho, não é mesmo? E tem o fato de que você doou toda a sua vida por mim, foi o melhor pai do mundo. Eu preciso te apoiar, sei que o seu casamento com a Kate foi apenas uma fuga. Aliás, muitas vezes após as discussões, pensei que viria o divórcio, acho que durou demais.

O abracei forte e me afastei segurando em seus ombros olhando em seus olhos.

— Eu me esqueci de que você agora é um homem... Está até aqui me dando conselhos, as coisas se inverteram.

— Vai lá, coragem, liga logo para ela e resolve logo isso. E precisa ser rápido, combinamos de ir para a balada e a Susie vai junto.

Corri, peguei meu celular sobre a mesa de centro de madeira escura e anotei rapidamente o número e entreguei seu aparelho.

— Eu vou lá no meu quarto ligar pra ela — falei meio sem jeito e ele sorriu.

— Boa sorte! — Ele caminhou em direção à cozinha

e parou na porta. — Ah, a balada vai virar a noite, então... — Abriu os braços. — a casa é toda sua.

— Valeu, filhão! — agradeci e corri em direção ao corredor do quarto e me tranquei, me sentei na beirada da cama e digitei:

"Oi, Susie. Sou eu, o Chris, a gente precisa conversar, eu preciso muito falar com você, muito, muito, muito, muito, muito... Eu poderia ficar aqui muito tempo escrevendo milhões de muitos, mas eu prefiro gastar este tempo falando pessoalmente olhando em seus olhos. Só preciso de um sim... Rapidamente, agora... Beijos. Chris."

Fiquei ali com o dedo na tecla enviar, pensando se não soaria ridículo uma mensagem desta. Eu não era mais um garoto inconsequente.

Mando ou não mando?

E antes mesmo de uma conclusão eu apertei o botão e soltei o ar com força, ansioso.

***

Susie

Eu estava me sentindo muito mal com o clima que se instalou após o flagrante na praia.

A Molly veio durante todo o trajeto lançando seus olhares decepcionados e quando chegamos, ela se fechou no seu mundo, mal falou comigo, somente alguns sins ou não e nada mais. Eu puxei conversa, só que ela se ocupou com aquele celular mandando mensagens com aquelas inúmeras expressões, sorrindo, fazendo cara de apaixonada...

Acho que eu preferia que ela me repreendesse, gritasse comigo do que me ignorar, aquilo estava ficando chato.

O Flávio estava observando cada movimento meu em silêncio, seu olhar era diferente, indecifrável, eu não sabia definir ao certo.

O Lucas e a Ângela deram um chá de sumiço, nem ligaram para dizer onde estavam. O que não estranhamos, pois os dois tinham uma vida descolada e sempre estavam no mundo deles.

Fiz o possível e o impossível para suportar aquela pressão toda até que desisti e quando me levantei do sofá. Parei por alguma razão desperta com aquele livro sobre a mesa onde a tia do Flávio costuma fazer suas leituras. “Vida após a vida”. Tive o ímpeto de ir até ele e no mesmo instante um calafrio passou por minha espinha. Fechei os olhos com força para reprimir e andei em direção ao quarto.

Do outro lado do corredor ouvi a voz seca da Molly.

Parei sem me virar, com a informação:

— O Eric nos convidou para uma balada hoje à noite, vamos sair às nove.

Senti um enorme aperto no peito, aquela era uma grande oportunidade de ver o Chris novamente, fechei os olhos revivendo o momento mágico que vivi em seus braços, meu corpo se arrepiou sentindo suas mãos deslizando por minha pele.

— Acho uma ótima ideia, afinal a promessa era aproveitar a noite inteira — disse Flávio, pelo ombro via seus braços abertos e seus olhos sobre mim.

Eu queria pular de alegria, apesar de toda hostilidade que estava passando, ainda assim eu só enxergava aquele homem maravilhoso na minha frente. Não tinha seu número e não podia pedir a Molly.

Soltei um suspiro de esperança e segui rumo ao quarto.

Fechei a porta atrás de mim.

Eu encostei-me a ela fechando os olhos, ainda sentia o calor de suas mãos quentes, fortes hábeis, passeando livre pelo meu corpo, sua língua em minha boca em total sincronia com a minha. Meu corpo todo tremia com a emoção à flor da pele.

Será que o Chris vai também?

Aquela pergunta incessante me deixava ainda mais

eufórica só de imaginar estar de frente a ele novamente.

O que foi aquilo? Que sentimento era aquele? Deus! Eu nunca me senti assim antes e queria muito repetir.

Nem que para isso eu tivesse que perambular por toda a cidade do Guarujá à sua procura.

O som do celular vibrando sobre a minha cama tirou-me dos meus devaneios eróticos. Corri para atender pensando que eram meus pais, ainda não tínhamos conversado direito depois que cheguei. Olhei no visor e lá estava a fotos dos meus pais queridos com seus rostos colados e aqueles sorrisos lindos que eu tanto amava, atendi.

— Filha, é a mamãe. — Sua voz era cheia de saudades, ouvi suas fungadas e sabia que ela chorava.

— Ah, mãe que saudades! — Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Nós também estamos com muitas saudades, minha filha! E como estão as coisas por aí? Está gostando do Brasil?

Eu balancei a cabeça concordando, rindo para mim mesma, ainda envolvida na emoção do beijo.

— Muito... — respondi.

— Fico mais tranquila em saber que você está feliz. Eu e o seu pai ficamos preocupados — ela falou baixo,

com a fala entrecortada, com medo talvez de ouvir que eu não estava bem, conhecia muito bem minha mãe.

— Eu estou bem... — afirmei e um suspiro de alívio soou do outro lado da linha.

— Não imagina como me deixou tranquila com a notícia. A viagem foi mesmo uma boa para você.

— Não se preocupe, mamãe, eu estou superbem agora. — *Muito bem*, pensei.

— Não deixe de tomar os remédios direitinho, Susie. — Não queria mentir, mas não tinha o direito de tirar sua tranquilidade porque era exatamente isso que aconteceria se dissesse que abandonei os remédios.

— Pode deixar.

— E por falar em remédios, o Dr. Giorgi ligou hoje pela manhã aqui em casa. Ele chegou de viagem e queria muito falar com você. Disse para ele que estava no Brasil e que voltaria só no início do próximo mês.

Parei por um instante me lembrando da sua cara assustada.

Seria sobre isso que queria falar comigo?

Mas sacudi a cabeça. Se for, ele perdeu seu tempo, eu estava me sentindo melhor e por mim nunca mais falaria sobre o assunto.

— E o papai, está aí com você? — mudei de assunto.

— Infelizmente ele precisou entrar numa reunião, mas mandou te dizer que te ama, que está morrendo de saudades.

— Fala para ele que o amo também, amo vocês dois.

— Olha, meu amor, talvez não consigamos ir na data programada ao Brasil, sabe como os negócios tomam nosso tempo, e... — ela desatou a dar explicações sobre o trabalho, tempo, dinheiro.

Como sempre!

— Eu sei mãe, não se preocupe. Eu estou bem.

— Mas assim que nós conseguirmos dar uma escapada, estaremos aí. Eu prometo! — O celular vibrou, indicando uma mensagem e vi que era de um número desconhecido, e de São Paulo, eu não fazia a menor ideia de quem poderia ser.

Despedi da minha mãe depois de mil e uma recomendações e li a mensagem do Chris.

Eu não conseguia parar de ler, li uma, duas, três, quatro, e à medida que lia fui ficando cada vez mais eufórica. Parecia mentira, o Chris ali me dizendo palavras lindas, urgentes...

É um sonho e logo vou acordar.

Feliz, comecei a beijar o aparelho em minhas mãos como uma louca, enquanto me preparava psicologicamente para responder.

Simmmmmm.

Digitei com as mãos trêmulas em uma alegria que não cabia dentro de mim.

Prendi a respiração aguardando sua resposta, ele estava grudado no aparelho porque, em seguida, apareceu digitando.

Sério? Você disse sim? Repete, eu preciso que você repita...

Me joguei de costas na cama, rindo, feliz.

Sim...

Me dê seu endereço. Estou indo agora buscar você...

"Não...", pensei preocupada, depois do que aconteceu, eu precisava evitar constrangimentos com a família da Molly.

Ela já estava morrendo de vergonha de mim.

Agora não dá... Mais tarde, depois das 21h. Todos vão sair para a balada, então eu encontro com você no mesmo lugar onde nos encontramos hoje.

Ele respondeu:

Combinadíssimo... Estarei lá a partir das 21h te esperando, ansioso... Um grande beijo, o maior do mundo, minha linda!

Era difícil acreditar que depois de tantos sofrimentos, finalmente veio a bonança, a mudança dentro de mim deu um salto do medo à alegria. Eu não entendia a cumplicidade com o Chris, sabia que estava errada, nunca me envolvi com homens casados, nunca...

Com ele era diferente, sentia como se já o conhecesse há muito tempo e ficamos separados por motivos desconhecidos e que agora era mais do que uma necessidade matar a saudade. Abracei o celular com os olhos fechados, imaginando abraçando-o quando a maçaneta da porta girou. Joguei o celular ao meu lado e coloquei as mãos atrás da cabeça, mas meu sorriso de felicidade, eu não consegui tirar do meu rosto.

— Para quem aprontou, você não deveria sorrir e sim chorar — atacou Molly enquanto fechava a porta e foi até o guarda-roupa e dedilhou as roupas no cabide.

— Eu já pedi desculpas... — Senti uma pontada de remorso.

Ela girou no calcanhar, me fuzilando com os olhos.

— Você me fez passar uma vergonha daquelas! Já pensou no que a minha família pode estar pensando de você? — Percebi seu nervosismo, ela tinha razão.

Eu me envolvendo com um homem casado, no mínimo, pensariam que eu sou uma vadia. Saltei da cama e segurei em suas mãos, olhando-a diretamente nos olhos.

— Você é minha amiga, me conhece... — Ela soltou o ar relaxando os músculos e torceu a boca se rendendo ao meu olhar de pedido de perdão. — Sabe que eu seria incapaz de atrapalhar lares felizes, nunca me envolvi com homens casados...

— Se você se esqueceu, eu vou lembrá-la. O pai do Eric é um homem maduro, um executivo, além de ser casado, e sua mulher é belíssima, acha mesmo que ele vai trocar ela por você? — Molly foi direta.

Aquele comentário despedaçou meu coração com o grande fundo de verdade.

Soltei suas mãos e me virei de costas com meus olhos se enchendo de lágrimas, sua mão foi ao meu ombro.

— Me desculpa a sinceridade, Susie. Está cega e não consegue ver a realidade, ele está se divertindo com você.

E além do mais, tenho medo da imagem errada que as pessoas podem formar sobre mim também.

Respirei fundo e me virei com meus olhos percorrendo seu rosto com expressão acusadora.

— Estou ciente de tudo isso... — Uma lágrima escapou dos meus olhos, sua expressão de carinho e amiga veio à tona, então ela sorriu e limpou minha lágrima com as costas de suas mãos e eu sorri também. — É impossível controlar, o que estou sentindo pelo Chris é algo maior do que eu. — Solucei sem conseguir continuar.

Ela segurou em minhas mãos e me puxou para sentar com ela na beirada da cama. Eu inclinei para trás, estiquei meu braço, peguei o celular, coloquei na mensagem do Chris e entreguei para ela. Seus olhos subiram até os meus em dúvida.

— Leia, por favor — implorei.

Receosa, ela leu as mensagens e me olhou séria.

— É sério isso, vai se encontrar com ele?

Concordei com a cabeça.

— Eu preciso entender. Eu daria a minha vida para encontrá-lo novamente e eu nem sei de onde vem este sentimento — confessei.

Ela sorriu convencida, analisando meus olhos emocionados.

— E pelo jeito ele está como você. — Ela soltou o ar

com força em rendição.

E voltou ao armário me deixando com a dúvida.

— Não vai dizer nada? — perguntei.

— Acho que você deve vestir sua roupa mais sensual e cair de cara nesta aventura... — disse certa.

Levei a mão ao peito e um suspiro ruidoso escapou dos meus lábios, afinal com a aprovação da minha melhor amiga as coisas ficavam mais fáceis.

Ela se virou, me olhando séria.

— Seja cuidadosa para não ser vista por com ele, ok? — pediu-me e voltou ao armário. — Afinal, é só um amor de férias, logo estaremos de volta a Miami e você vai voltar a sua vida de verdade. Ou se esqueceu do Johnny? — Ela se virou. — Tem falado com ele, Susie?

— Não, ele deve estar ainda chateado porque até o momento não me ligou, nem mandou mensagem.

Ela riu de canto de boca.

— Bem, nem vou perguntar se você tentou entrar em contato com ele. Porque se não entrou até agora, então imagino que daqui para frente não vai sobrar tempo — insinuou tirando um vestido branco e jogou sobre mim. — Toma veste este vestido, achei lindo e combina com praia.

Abri diante dos meus olhos e concordei com ela, um vestido soltinho e curto de um tecido leve, bem apropriado para o clima quente.

— Veste esta sandália também. — Me entregou em mãos uma rasteirinha fofa com muito glitter e pedras.

— É linda! — exclamei. — Tem certeza de que quer que eu estreie suas roupas novas?

— Só quero que você tenha boas lembranças do Brasil quando voltarmos para casa.

— Obrigada, amiga.

— De nada... — respondeu sem me olhar e foi para o banheiro e fechou a porta.

O Flávio ficou muito decepcionado quando soube que eu preferia ficar em casa, eu e Molly combinamos que eu estava indisposta e que resolvi ficar descansando. Só ele, os demais aceitaram minha decisão numa boa ali na sala. E antes de algum protesto que notei que viria pelo seu jeito, fui andando até o corredor do quarto. Mas o infeliz segurou meu braço, me fazendo virar para si, ele já estava me irritando com seu comportamento inadequado.

— Você tem ideia do quanto vai ser divertido? — ele perguntou com um sorriso de convencimento.

— Imagino! Mas, infelizmente, eu não seria uma boa companhia e estragaria a noite de vocês. Por favor, se divirtam por mim. — Ele continuou ali segurando meu braço um pouco mais forte causando uma certa tensão ali na sala, afinal todos notaram.

— A gente espera vocês lá embaixo — avisou

Ângela, pegando na mão de Lucas e os dois saíram.

— Não vou te deixar sozinha...

— Qual o problema disso? Dá para me soltar? Está me machucando! — resmunguei baixo e ele soltou meu braço, voltando para o sofá.

— Se você quer tanto ficar trancada dentro deste apartamento, fique à vontade — ele falou indiferente e eu senti uma pontada de desapontamento em sua voz.

— Ela não quer ir, então vamos respeitar sua vontade — interferiu Molly, indignada. Flávio começava a passar dos limites.

— Já não está mais aqui quem falou — disse com as mãos erguidas nitidamente contrariado.

Já era quase nove horas quando finalmente a porta do apartamento se fechou, enfim o silêncio reinou por ali.

Rapidamente corri para o banheiro, tomei um banho rápido, não queria perder um minuto a mais de tempo, já imaginando o Chris me esperando, meu coração palpitava no peito com aquele frio gostoso na barriga.

Fiquei perdida sem saber se estava mesmo bem.

Ali, em frente ao espelho, analisando o meu look, vi que estava legal, mas achei meu cabelo certinho demais, e ri para minha imagem. Nem sei porque perco meu tempo escovando meus cabelos, não gosto deles assim. Como de rotina, baguncei um pouco com as mãos e ajeitei por cima

dos meus ombros. E mesmo assim faltava algo, coloquei um brinco grande de argola cromado, risquei ao redor dos olhos um pouco mais para realçar a cor verde, passei mais um pouco de rímel.

Suspirei satisfeita, agora sim eu estava preparada, faltava o último detalhe: antes de sair borrifei um perfume e saí do quarto fechando a porta atrás de mim e indo ao encontro do que o meu coração ansiava.

Muitos turistas caminhavam pelo calçadão, a noite estava agradavelmente fresca e o vento soprando forte levantava meus cabelos quando vi a silhueta masculina iluminada apenas pela luz prata da lua. Eu sabia que era ele, mesmo vendo tão pouco com os olhos, meu coração conseguia analisar com clareza cada parte dele. Ele vestia uma bermuda escura, e uma camisa clara, provavelmente branca, justa nas costas e com mangas três quartos.

Tirei a rasteirinha para andar na areia, observando de longe ele parado de costas olhando para o mar, sentindo sua brisa até que ele se virou e me viu.

Ele ficou me olhando por alguns segundos antes de andar em minha direção e segurou em meu rosto quando cheguei perto. Estremeci ao contato quente, enquanto seus olhos percorreram meu rosto, ele parecia não crer que eu estava ali na sua frente, olhando diretamente em seus olhos. Na verdade, nem eu acreditava.

— Você parece um sonho que se tornou realidade...

— sussurrou. — Nem acredito que veio! — Despejou seu hálito quente em meu rosto, fechei os olhos, emocionada.

O que eu sentia por ele era algo sobrenatural não era humano, não é possível. Seus lábios úmidos tocaram levemente os meus e ele se afastou o suficiente para me olhar.

— Eu tinha quer vir... — falei alguns segundos depois de recuperar o tremor pelo corpo com seus lábios aos meus. — Eu preciso entender por que você me faz sentir diferente, é adverso a tudo o que experimentei. Pela lógica, eu deveria permanecer longe, bem longe, estou sofrendo uma pressão enorme por você ser um homem casado.

Seus olhos se entristeceram.

Então, ele me abraçou forte, deitei em seu peito sentindo seu perfume e embalada nas batidas furiosas do seu coração e ele apoiou seu queixo em minha cabeça.

— Eu sofro da mesma pressão, você é só uma menina, tem idade para ser minha filha, entretanto estou curioso... — Fitou-me novamente com intensidade como que buscando resposta. — Existe algo em você que me puxa, me prende.

Abobalhada, esta era a minha situação.

Fiquei admirando seus olhos umedecidos juntamente com um sorriso lindo que se abriu de seus lábios.

Naquele momento, eu descobri que amava tudo nele, mesmo não o conhecendo ou conhecendo tão pouco, não importava, eu queria permanecer ali em seus braços, ouvindo de sua boca que ele se importava comigo, e isso já era o suficiente.

Sorri preguiçosa.

— Então, nós dois estamos em apuros. — Ele sorriu com a minha resposta, enquanto suas mãos deslizaram carinhosamente do meu rosto às minhas costas. Seus braços prendiam-me ao seu corpo com força, colando nossos corpos nos tornando um apenas, as batidas de nossos corações se misturavam, e seus lábios roçaram os meus lentamente causando um arrepio por todo o meu corpo, fiquei amolecida, minhas pernas bambas.

Envolvi seus ombros com minhas mãos, abraçando seu pescoço aprofundando o beijo.

Chris apertou minha cintura com mais força, enroscando meus dedos em seus cabelos e puxando-os pra trás. Seus olhos mel, famintos, me devoravam. Ali eu perdi a vergonha, e tomei a iniciativa, mordi seu lábio inferior levemente e puxei.

Ele voltou a me beijar.

Eu me entreguei, o deixei tomar posse de mim, suas mãos passeavam livremente por minhas costas, quadril, coxas, eu gemia em sua boca. O peso de seu corpo sobre o meu acelerava meu coração de um jeito indescritível,

como se suas mãos existissem para estar em meu corpo.

Ele afastou dos meus lábios para respirarmos e suas mãos caíram na lateral de seu corpo enquanto eu fiquei ali dependurada ainda em frenesi até notar sua ausência e deixei meus braços adormecidos caírem também.

Balançou a cabeça em sinal negativo, nitidamente nervoso.

— Eu não posso.

Exasperou, virando de costas para mim e se afastou fixando seus olhos no mar com suas ondas revoltas se quebrando próximos aos seus pés.

Eu não entendia aquela reação, era uma rejeição? Porque se fosse, eu deveria sair correndo e me afastar, mas eu não queria me afastar, não podia parar por ali, me aproximei e coloquei a mão nas suas costas.

— Qual o problema? — Saiu apenas um fio de voz abafada com meus olhos bêbados de desejo.

— Você precisa ficar longe de mim, Susie... Eu sou um perigo para sua inocência... — Sua voz saiu tão abafada quanto a minha e seus olhos tinham um brilho intenso, carinhoso que não me convenceu a me afastar.

— Acho que esta definição não combina com o momento, não acha? — indaguei com medo da sua reação, eu o queria de qualquer jeito e não ia permitir se afastar desta forma.

E me aproximei de novo e me posicionei em sua frente.

Ele desviou seu olhar, para cima, para os lados, nitidamente nervoso.

— Olhe para mim, por favor — implorei num fio de voz.

Ele obedeceu, fitando-me intensamente.

— Se existe algo entre nós, precisamos descobrir... — falei com certeza do que eu queria.

Ele respirou fundo e me tomou em seus braços novamente, uma corrente elétrica deslizou pelo meu corpo.

— Tudo bem, então vamos fazer direito. Vamos até a minha casa, a gente come alguma coisa e conversamos. E eu vou tentar me controlar, pode ser?

Mas do que ele estava falando? Eu não queria controle entre nós, é claro que não!

Eu sentia algo absurdamente forte dentro de mim e sabia que só estando com ele para entender.

— Eu topo.

— Tem certeza?

Concordei.

Ele sorriu tão lindamente, segurou em minhas mãos e fomos correndo até seu carro.

Ele abriu a porta de seu carro para que eu entrasse e me sentei no banco sentindo-me tonta, e depois ele deu a volta e entrou no carro e suspirou ao fechar a porta, e virou para mim. Ficamos em silêncio, um olhando para o outro, nossas respirações ofegantes, lá no fundo eu tinha uma percepção estranha de ver além de seus olhos, a cada instante vinha a convicção de que realmente havia muita coisa além deles que queriam me dizer alguma coisa.

Sem resposta mergulhei naquela atmosfera romântica quando ele abriu um lindo sorriso, um brilho de emoção nos olhos antes de se endireitar no banco e deu a partida no carro.

— Podemos ir? — Assenti, eu desejava e muito esta aventura. Em seguida, saiu lentamente.

Olhei em volta sem fôlego ao atravessar a portaria principal do condomínio, fiquei encantada com o lugar, era simplesmente maravilhoso. Ainda na rua admirei a mansão que era de tirar o fôlego, mas no interior dos portões algo de estranho aconteceu comigo. Senti uma espécie de insegurança igual quando hesitei para entrar na casa do Flávio, uma amargura constante que não combinava com o clima descontraído e alegre até ali.

Nos braços do Chris eu me sentia protegida, feliz e tudo mais, porém havia um turbilhão de sensações estranhas dentro de mim.

Assim que o carro parou em frente à casa, eu desci

sem dizer nenhuma palavra, observando cada detalhe do lugar, o jardim grande logo na entrada, aquelas flores coloridas de várias espécies, prendi a respiração com um soluço com os meus olhos se enchendo de lágrimas.

— Gostou da casa? — sussurrou ao meu ouvido fazendo-me fechar os olhos por uma fração de segundos e olhei em meus ombros.

Ele estava tão próximo, seu hálito quente batia em meu rosto.

Precisei me afastar um pouco para não cair com a imagem borrada que ficou ao meu redor como uma tontura, respirei fundo para me equilibrar e fiquei feliz, realmente, aos poucos, eu estava aprendendo a me controlar das visões e os apagões repentinos.

— Não tem como criticar uma casa linda como esta. — Olhava ao redor de boca aberta quando tudo clareou. — O local é maravilhoso...

— Vem, vamos entrar. — Sua mão foi para as minhas costas e me guiou em direção à entrada da casa.

A casa era linda.

Rústica e sofisticada ao mesmo tempo, um estilo bem praiano. Ele acendeu as luzes revelando um ambiente claro, mas algo estava estranho por ali, eu não sabia se era eu ou a casa, havia algo de muito assustador e silencioso, e aquela mesma sensação de medo ao chegar

se fez presente, era realmente intrigante.

Muito gentilmente, ele me apresentou cada espaço da casa. Com o coração aos pulos, eu sorria falsamente, acho que, na verdade, eu queria ir embora o quanto antes. Ele me levou até a cozinha, em estilo ilha toda branca e perguntou se eu estava com fome.

Nossa! A pergunta bateu forte em meu estômago que roncou de imediato.

— Muita fome...

— Sente-se, por favor. — Apontou para a banqueta alta em frente à bancada em pedra e se dirigiu a uma pequena adega que ficava no canto da cozinha, espaçosa. — Vamos comemorar o nosso encontro. O que quer beber? — Ele se virou com o meu silêncio.

Eu olhava ao redor presa em meu vazio aquele silêncio dentro de mim ecoou como solidão. E quando encontrei seu olhar confuso sobre mim ali perdida, eu tentei sorrir, disfarçar.

— O que foi? Arrependeu-se de ter vindo a minha casa, porque se for isso...

— Por favor, eu estou adorando estar aqui com você. — Uma sobrancelha dele se ergueu em dúvida. — De verdade — afirmei abrindo um sorriso feliz e contagiante que o fez respirar aliviado.

— Mesmo?

Assenti, emocionada com seu jeito delicado comigo, me fez sentir mais leve, confiante e sobrepôs ao medo.

— Você toma vinho?

— Pode ser... — concordei, pensando que uma taça de vinho viria a calhar, pois acreditei que conseguiria relaxar.

Sentei na banqueta e inclinei-me, apoiando os cotovelos sobre a bancada e segurei meu queixo, observando-o enquanto seus olhos percorriam a adega à procura de algo especial.

Em alguns minutos, voltou rindo colocando a bebida em duas taças de cristal e me entregou uma.

— Vamos começar com algo mais leve.

Dei um gole no meu vinho, sentindo o líquido encorpado descer por minha garganta, já organizando em pensamento a quantidade que eu poderia tomar sem ficar alcoolizada, pois não estava acostumada a beber, enquanto Chris sorria com os olhos, bebendo o seu.

— Adorei a sua casa, é linda! — falei olhando todos os detalhes dali, sem mentir, afinal era tudo no seu perfeito lugar, tudo combinando.

— Obrigado. É um prazer ter você aqui...

Ele colocou a taça de vinho sobre a bancada, e se virou de costas para mim de frente aos armários e tirou de lá pratos e talheres e deu a volta, no outro canto atrás de

mim havia uma mesa, onde ele arrumou de maneira sofisticada. Cada movimento seu era feito com muito cuidado e um lindo sorriso no rosto, lindo! Eu não me cansava de admirá-lo, ele parecia incomum diante dos meus olhos.

A mesa ficou fofa a ponto de eu não deixar de elogiar. Aplaudi o resultado.

— Você é bom nisso. — Ele sorriu orgulhoso parando com sua tarefa e se posicionou ao meu lado com a cabeça levemente inclinada.

— Quero que o nosso jantar seja especial. — Estudou o meu rosto com muita curiosidade, coisa que ele vinha fazendo desde a primeira vez.

Céus! O que ele significa em minha vida?

Como se lesse os meus pensamentos, sua mão veio à minha face em forma de concha, fechei os meus olhos por uma fração de segundos com o choque eletrizante que percorreu meu corpo, intensificando o efeito da bebida, aumentando a minha temperatura, o suor brotou de minha testa.

— Especial como você — concluiu.

Eu corei de imediato e, era a primeira vez que isso aconteceu, precisei desviar os olhos por um instante. Muito experiente e gentil como era, ele sorriu compreensivo e voltou para o outro lado da bancada e

começou a manipular os ingredientes, macarrão, molhos e temperos específicos manuseando com uma habilidade que me encantou.

— Espero que aprove minha comida. Tenho me esforçado muito para aprimorar meus dotes culinários. — Estufou o peito e eu gargalhei.

— Espero um dia saber cozinhar assim.

Ele elevou a cabeça me olhando com humor e indignação.

— Vai me dizer que não sabe cozinhar?

Ri mais para mim mesma, era a mais pura verdade. Com os meus pais donos de restaurantes e bons cozinheiros, eu mal sabia fritar um ovo.

— Talvez fritar um ovo — falei bem baixinho, franzindo o nariz e encolhendo os ombros.

Ele jogou a cabeça para trás, gargalhando.

Ai! Como ele fica lindo!

— Atualmente isso não me surpreende, os jovens de hoje não se ligam na arte culinária.

Entramos no assunto alimentação e ali eu abri a minha vida, sobre os meus pais serem donos de uma grande rede de restaurantes, ele ficou encantado com tudo, enquanto preparava o jantar me olhava com admiração. Tudo o que saía da minha boca fazia ele me olhar com olhos emocionados e seus lábios se abriam surpresos. Era

bem legal ver alguém se interessar tanto por mim em uma conversa.

Seu jeito de me tratar me encantava a cada instante, me conquistando mais e mais...

Falei para ele que morava em Miami, acabei de completar 18 anos, ele não se surpreendeu, pois disse que só de olhar para mim percebia que eu era apenas uma menina. E contei também os motivos que me trouxeram ao Brasil, sobre a mãe do Flávio. Ele ficou em silêncio quando ouviu o nome do Flávio e notei que por um momento tentou mudar o assunto, servindo-me uma colher do molho suculento e perfumado.

— Divino! — Lambi os beiços, o sabor era sem igual.

Aliás, todos os alimentos que eu experimentei no Brasil caíram no meu agrado, o sabor era indiscutível.

Ele sorriu todo orgulhoso.

Eu não acreditei que fiz aquilo, contei quase toda a minha vida a ele detalhadamente, exceto sobre o Johnny e as coisas estranhas que me perseguiam com receio que me achasse uma louca.

Depois de um tempo, o jantar finalmente ficou pronto.

O ajudei a levar até a mesa lindamente preparada e sem mais esperar começamos a comer. Preciso admitir que Chris era um cozinheiro de mão cheia. Estava tudo

perfeito e delicioso. Atrevo-me a dizer que foi uma das melhores comidas que eu já havia provado desde que cheguei.

Ele precisava saber disso.

Chris serviu mais uma taça de vinho.

— Parabéns... Posso afirmar que você é excelente *chef* de cozinha!

Ele riu todo orgulhoso e segurou na minha mão sobre a mesa com seus olhos presos aos meus lábios. Apertei-os, meio sem jeito.

— Acho que agora é a sua vez de falar sobre você, sua vida... Faz tempo que é casado?

Ele me olhou de um jeito confuso, processando sobre minha pergunta antes que seus olhos rolassem para longe de mim, e suas mãos se soltaram da minha. Percebi que ficou contrariado com a minha pergunta, todo seu nervosismo estava em suas mãos quando pegou a taça e levou aos lábios. Senti um aperto no peito, decerto eu mexi em sua ferida, afinal o que estávamos prestes a fazer era uma das maiores traições e, de repente, ele tenha se arrependido ou algo parecido, remorso, por exemplo.

Senti-me mal como se estivesse sendo usada e, de repente, tudo o que queria era ir embora, pois um nó na garganta me deixou sufocada e meus olhos se encheram de lágrimas.

Arrastei a cadeira para me levantar e ele segurou em minha mão, me prendendo.

— Por favor... — Havia súplica e angústia em seu tom de voz e eu fiquei confusa, e me sentei novamente olhando-o no fundo dos olhos.

— Eu não deveria estar aqui, deve estar arrependido em trair a mãe do seu filho e...

— Não! Não! — me interrompeu. — A Kate não é a mãe do Eric, a mãe dele morreu quando ele nasceu — falou rapidamente com a voz chorosa e sufocado.

Seus olhos ficaram marejados e aquilo dilacerou meu coração. Entrelacei meus dedos nos dele e apertei em sinal de consolo. Era nítida a infelicidade por sua perda.

— Me desculpe, eu não queria trazer aborrecimentos a você. — Me sentia extremamente arrependida.

Ele sacudiu a cabeça com um sorriso triste.

— As lembranças que eu tenho da Lucy nunca me trazem aborrecimentos, ao contrário. Traz saudades...

Ele me olhou de um jeito estranho como uma forma de acusação, eu senti meu corpo congelar e não sei por que soltei a mão da dele, era como se ficasse mais segura longe dela.

— Olhar para você é lembrar o que ela poderia ter sido, se não tivesse morrido tão jovem...

Relutei um pouco com suas palavras, passou pela

minha cabeça que poderia ser uma tentativa patética de conseguir o que pretendia de mim.

Será que a Molly tinha razão, será que ele só queria se aproveitar?

Por mais que o caminho se direcionasse a este ponto, eu não conseguia enxergar isso, ele estava tão mexido quanto eu.

Não havia dúvidas, por mais que eu quisesse encontrar uma.

— Sabe — continuou ele com cautela, analisando cada reação minha. — Pode parecer estranho, mas passa pela minha cabeça que o nosso encontro não seja apenas uma coincidência.

Apertei meu olhar.

— Eu juro que não é uma cantada. — Foi convincente em sua convicção.

Senti a verdade em suas palavras, afinal ele demonstrou se preocupar com a minha idade.

— Do que você está falando? — A frase alterou meu ritmo cardíaco, por mais próxima que me sentia dele ainda assim havia um grande temor. As palavras da tia do Flávio sempre se faziam presente em minhas lembranças. Se o Chris percebeu minha hesitação eu não sei, porém ele desviou o assunto.

— Eu vou te contar tudo em detalhes sobre a minha

vida...

Eu balancei a cabeça negando.

— Não precisa fazer isso se não quiser, imagina!

— Eu faço questão. Eu quero que saiba que eu não sou um canalha que corre atrás de mocinhas jovens para se divertir.

E começou a narrar sobre sua vida.

A cada frase seus olhos se enchiam de lágrimas e a emoção tomou conta daquele homem. Eu suspirava pensando o quanto era forte o seu amor pela sua esposa falecida e senti inveja dela.

— Eu havia perdido a minha fé, briguei com Deus o chamando de cruel... Ele não teve paciência em deixar chegar o coração que ela tanto precisava, ele simplesmente a arrancou de mim de forma brusca, sem dar ao menos uma chance — fungou profundamente me fazendo chorar com ele, apertei sua mão.

— Sinto profundamente! — Eu sentia exatamente a sua dor como se ela fosse minha também, as lágrimas explodiam dos meus olhos e meu coração doía em meu peito. Solucei tão alto que Chris se levantou inclinando sobre mim e me abraçou forte.

— Você é linda... — Sua voz embargada me fez chorar ainda mais, e ambos ficamos ali abraçados em uma necessidade de estarmos juntos.

Incrível!

Após algum tempo, com as lágrimas contidas ele inalou fortemente o ar se afastando e voltou ao seu lugar. Um clima nostálgico criou-se entre nós e nos olhando de repente começamos a rir enquanto cada um secava suas lágrimas.

— É inacreditável como você me completa — ele falou primeiro. — Até partilhar o meu sofrimento você partilha! — Estiquei meu braço sobre a mesa até que meus dedos tocassem nos deles.

— Pois é... Há mistérios entre nós, algo acima de nossa compreensão.

Ele concordou, sorrindo, com seus lábios fechados.

— Sei lá, de repente eu me vi na cena e... — Parei de falar com uma tontura que me tomou subitamente e ele percebeu.

— Você está bem? Ficou pálida de repente. — Assenti com a cabeça e ergui as mãos.

— Acho que é o efeito do vinho, já passou. A sua história é muito comovente. — Voltei ao assunto no momento em que uma lágrima escapou de meus olhos.

— Realmente não tem como não me emocionar com o meu passado, sabe? — Limpou as lágrimas embaixo dos meus olhos e respirou fundo. — A Lucy foi o maior amor da minha vida.

— Levando-se em conta sobre tudo o que me contou, eu tenho que concordar com você. — Meus pensamentos foram para a loira imaculada e um arrepio desceu por minha espinha.

Como se a imagem dela tivesse alguma maldição que me assombrava de um jeito diferente, meu coração acelerou e uma angústia tomou meu coração, que precisei me levantar.

— Mas não pode se esquecer de que se casou com a Kate e que deve respeito a ela. — Nem sei por que falei aquilo.

Ele ergueu a cabeça, me olhando com os olhos apertados, então se levantou, passou os braços ao redor da minha cintura e colou nossos corpos. Ergui a cabeça e encontrei seus olhos mel brilhando e seus lábios entreabertos, senti uma fisgada entre minhas pernas, ao mesmo tempo que um frio dominou minha barriga.

O calor de seu corpo me prendia a ele.

— Eu concordo com você... — Beijou minha testa e voltou aos meus olhos. — Não tenho a intenção de magoar ninguém, e já tomei a minha decisão de me separar antes mesmo de vir para o Guarujá. Não quero abrir mão do que estou sentindo agora, é como se fosse uma oportunidade de resgatar o tempo perdido, você me entende?

— Eu não sei se entendo você. Muito menos a mim, na verdade eu não consigo sequer pensar na possibilidade

de ficar longe. O que estou sentindo agora é algo que eu simplesmente não sei explicar — falei pensando que estar diante dele era como se fosse uma cura para os meus males, expulsou as sensações maléficas que ameaçou invadir a minha vida, minha alma.

Pelo menos, foi o que eu achava.

— Nem eu — disse ele, recolhendo nossos pratos sobre a mesa e os colocou sobre a pia, eu ofereci minha ajuda e ele recusou.

— Não precisa, sente-se, por favor! Você é minha convidada. — Segurou em minha mão e, em seguida, me levou para a sala. — Sente ali. — Apontou para o confortável sofá estilo praiano. — Vou colocar uma música ambiente para a gente conversar.

Eu desabei no sofá enquanto ele foi até um balcão onde havia várias bebidas. Acima havia um painel com várias taças penduradas de boca para baixo. Serviu dois copos de vinho, mas antes de me trazer foi até um aparelho pequeno de som e escolheu uma boa música enquanto o som foi deixando um clima muito agradável.

Eu não parava de me surpreender com ele, cada passo, cada gesto, ele fazia de forma tão convincente de uma pessoa decidida e, na minha inexperiência, aquilo era instigante. Eu queria saber mais sobre ele, que atração fatal era essa que nos prendia desta forma, eu não queria de verdade ser uma destruidora de lares, entretanto eu não

tinha a menor ideia de como me afastar dele...

— Gostou da música? — ele perguntou me entregando a taça de vinho, eu peguei e agradeci.

— A música é perfeita, só não sei se devo beber mais, afinal não estou acostumada a mais de uma taça de vinho, e acho que bebi umas... — Revirei os olhos pensando, ele riu gostoso antes de se sentar ao meu lado. — três.

Ele sentou em cima da perna direita e inclinou-se para mim, seus olhos curiosos percorriam meu rosto sem a mínima cerimônia. Eu nem nervosa estava, muito pelo contrário, não sabia se era efeito da bebida ou se eu estava realmente confortável ao seu lado.

O fato é que estava com a boca cheia de água para saborear sua boca e a minha mente era preenchida somente de pensamentos libidinosos ao seu respeito.

— Sabe, Susie, eu gostaria que você esquecesse a Kate, vamos fazer de conta que no mundo, hoje, só existe nós dois e ninguém mais — sugeriu com os olhos em comoção.

Seu dedo indicador foi para meu nariz.

Encostei meu rosto no encosto do sofá, sentia minhas bochechas pegarem fogo.

— Não há como fingir, vocês são casados... — afirmei com as sobrancelhas levantadas.

Ele deu de ombros e bebericou um pouco do vinho. Colocou sua taça sobre a mesa de centro e depois colocou a minha. Eu continuei ali, sentia uma moleza por todo o corpo com o efeito do álcool correndo em minhas veias. Ele arrumou uma mecha dos meus cabelos atrás da orelha que caíam em meu rosto.

— Não pode esconder seu rosto, é lindo!

Eu sorri.

— Bem, vamos falar da Kate então — disse ele.

Eu abri um sorriso satisfeito, apesar da atração e, independente do que seria, eu fui fisgada, mesmo assim queria ter certeza onde estava pisando.

— Não quero esconder nada de você, mesmo porque o meu desejo é ter a sua confiança...

— Então me conte, por favor.

Ele concordou e começou sua narração.

— Quando a mãe do Eric morreu, eu perdi meu chão... Afinal, durou tão pouco nosso relacionamento, alguns meses — continuou ele, mas, desta vez, não vi em seus olhos a tristeza de antes, ele parecia mais confiante agora. — Fiquei sem chão, perdido. A responsabilidade de cuidar de um filho sozinho, a educação... — Suspirou com pesar e seus olhos distanciaram antes de continuar: — Eu não tinha forças para isso, eu só queria morrer, um pensamento egoísta meu, não podia deixar de pensar no

meu filho, ele dependia de mim e eu queria dar tudo o que eu não tive do meu pai.

— Seus pais são vivos?

— Sim... É que antes de conhecer a Lucy, meu pai era um cara ausente, mulherengo estas coisas... Não gostaria de entrar em detalhes... — Concordei e, em seguida, segurei em sua mão apoiando sua decisão.

— Está tudo bem... — tentei transmitir meu apoio.

Então, ele continuou:

— Na época, a gente estava no início de um negócio, eu e os pais da Lucy, então me dediquei de corpo e alma. E só me casei novamente há oito anos, a Kate é uma amiga de colégio, a gente nunca namorou de fato, mas eu estava há tantos anos sozinho e ela ali disposta, me ofereceu sua companhia e, como já tínhamos intimidade, eu acabei me casando...

Chris ficou me olhando como se aguardasse minha opinião, porém nada disse, apenas queria ouvir sobre ele.

— Eu nunca amei a Kate, e ela sabe disto... — foi convicto na afirmação.

Abri o sorriso mais aliviado do mundo, se ele mentia, isso eu não sabia, contudo optei acreditar, seus olhos irradiavam pura sinceridade, mesmo assim não resisti em perguntar sobre seu filho.

— E o seu filho, por acaso ele sabe que não ama sua

esposa? Afinal, ele como todos os outros ficaram perplexos quando nos flagraram na praia.

Ele sorriu confiante.

— Por mais que eu quisesse, nunca consegui esconder nada do meu filho, a nossa relação sempre foi transparente e de muita cumplicidade. Tanto eu quanto ele abrimos nossos corações, se vai te deixar mais tranquila, foi ele quem me aconselhou a ligar para você. Eu não tinha seu número.

As lembranças do shopping vieram à minha cabeça.

É claro! A Molly passou uma mensagem para Eric do meu celular...

Ficamos por alguns instantes em silêncio, nossos olhos se comunicavam de maneira esplêndida, eles perguntavam e respondiam sem sequer precisarmos abrir a boca. Era uma magia de verdade e eu que pensei que histórias de príncipes encantados não existiam.

Enganei-me redondamente: existia sim e o meu príncipe estava ali bem na minha frente.

Uma música romântica tomou o ambiente ao nosso redor esquentando nossos corações e ele abriu um sorriso lindo e suspirou.

— Me daria o prazer de uma dança? — perguntou se levantando, estendendo os braços e esticando as mãos em minha direção, pegando a minha, me fazendo sentir uma

eletricidade com seu simples toque.

Não hesitei, acho que a bebida já subiu e se instalou na minha corrente sanguínea, porque me sentia totalmente desinibida e completamente relaxada. Eu mais do que nunca o queria para mim. Coloquei na minha cabeça que o teria, nem que isso fosse apenas uma aventura de férias como a Molly insinuou.

E se fosse apenas uma única noite, eu ia entrar de cabeça neste momento desconhecido e bom, muito bom, eu me sentia curada de todo o mal que me perseguiu até ali, era como se ele fosse o médico responsável pela minha melhora.

Chris me levou em direção ao bar, o local onde havia um grande espaço. Espaço o suficiente para bailar como nossos corações bailavam naquele momento, poderia dizer que estou sendo muito melosa na explicação, eu sei disso, mas não estou exagerando, era exatamente assim que acontecia com a gente, inexplicavelmente assim...

Suas mãos foram ao redor da minha cintura, as minhas espalmadas no seu peitoral com os botões da camisa aberta, sem nenhuma hesitação enquanto nos mexíamos de acordo com a música. Alguns minutos depois, ele me virou de costas para ele. Com seus lábios em minha nuca, ele não disse nada, apenas puxou meus quadris para mais perto de si. Sua mão esquerda escorregou por minha coxa indo em direção a parte

interna e foi subindo lentamente para me deixar louca… esfregando sua virilidade em mim me deixando completamente excitada. Sentindo-a crescer em contato comigo, rebolei nele sem pudor algum e arqueei a cabeça para trás deitando em seu ombro.

— Olha só o que você faz comigo... — sussurrou ao meu ouvido fazendo com que um gemido de prazer escapasse de meus lábios.

Um gemido que o deixou agitado.

Ele me virou de frente, seus olhos brilhavam com tanta luxúria e eu sabia que os meus não estavam diferentes. Eu me deliciava com seu calor, cada toque era muito mais que especial. Me puxou novamente para seu encontro e suas duas mãos escorregaram pelas minhas costas até chegar a minha bunda, onde ele deu um ligeiro aperto contra ele. Mordi os lábios sorrindo com *meus* olhos brilhando demonstrando minha aprovação.

Sorrindo satisfeito, ele se aproximou beijando meu pescoço. Com nossos corpos grudados, eu rebolava cada vez mais contra seu membro duro.

— Chris... — murmurei seu nome sem conseguir dizer mais nada, e sua língua invadiu minha boca, num beijo terno e sensual.

Apertei mais um pouco meu corpo ao seu, aproveitando o contato físico, suas mãos passeavam pelo meu corpo e eu sentia seu hálito gostoso, quente, soprando

meu ouvido e só conseguia ouvir seu sussurro:

— Está com medo de mim? — Aquelas palavras preocupadas me deixaram ainda mais segura, esvaziou de vez o medo do meu interior.

— Nenhum medo... — murmurei jogando a cabeça para o lado.

Deslizando seu nariz por todo meu pescoço até chegar ao meu ouvido, ele sussurrou com uma voz extremamente extasiada pela nossa excitação:

— Você tem certeza? Eu não quero avançar o sinal, porém é difícil me controlar, me sinto muito atraído e você está me deixando maluco... — grunhiu, sorri maliciosa e mordi meu lábio inferior.

— Se for sonho, me deixa acordar só quando eu experimentar você por completo — disse entre o gemido. Ele sorriu, emocionado.

Seus beijos desceram para o meu pescoço até alcançar minha boca, roçando meus lábios com os seus, sua respiração batia contra minha boca entreaberta em total provocação; e voltou ao meu pescoço, me deixando maluca de um jeito que eu não sentia medo. Um arrepio que percorria minha espinha, eriçando meus pelos da nuca, me deixando excitada, molhada, louca... mole, totalmente entregue aquele homem, lindo, maravilhoso, gostoso...

Em total rendição, era este o meu real estado: muito excitada, eu precisava escolher fugir neste instante ou tudo ia se consumar, pois não havia como fugir da atração que nos tomava por completo. A necessidade de satisfazer os meus desejos era mais forte do que eu. Nem pensar era mais possível, sem analisar os prós e os contras, porque meu corpo e alma desejavam simplesmente se entregar.

— Chris. — Minha voz saiu rouca e abafada pelo desejo.

Ele se afastou sem me largar, só o suficiente para me fitar nos olhos. Eu me deliciei nos seus méis, calmos, se tornando como os de um felino pronto a devorar sua presa, me deixando ainda mais excitada. Suspirei e fechei os olhos, me esquecendo completamente o que ia dizer, porque seu olhar engoliu minhas palavras, me deixando muda.

Ele tomou-me em seus braços com urgência, notei que não pretendia conversar, aliás, nem eu, pois me sentia bem aprisionada em seus braços fortes e me empurrou em direção à parede e olhou com aquele mesmo olhar intenso, sedutor e cheio de desejo me fazendo perder os sentidos. Suspirei e fechei meus olhos para receber seus lábios sedentos e fui tomada por uma sensação indescritível com seus lábios pressionando os meus.

Sua língua quente e dominadora explorava minha boca de formal brutal enquanto eu retribuía na mesma

intensidade, seus lábios me devoravam e chupavam, a língua me lambia enquanto suas mãos se movimentavam nas laterais do meu quadril e deslizavam para cima, levantando a barra do meu vestido até segurá-lo na minha cintura, me deixando só de calcinha. Só de imaginar ele me tocando mais intimamente, eu me sentia ainda mais encharcada com fortes contrações.

Ele dobrou um pouco o joelho para nossas intimidades ficarem na mesma altura e começou a esfregar o membro duro preso na bermuda, de cima a baixo, aí eu não pude evitar, comecei a gemer alto.

Minha reação o deixou enlouquecido com seus beijos quentes, sua língua me devorando, passando nos meus lábios... Sentia meu coração acelerar, meus lábios tremerem quando uma de suas mãos entrou pelo meu vestido e tocou em meu seio e o apertou.

Eu dei um gemido ao sentir sua outra mão passear por cima da minha calcinha e invadir o elástico. Estremeci enquanto seus dedos hábeis e experientes circulavam ao redor do meu clitóris inchado, e deslizava de cima para baixo escorregando em minha excitação. Eu gemia jogando minha cabeça levemente para trás, enquanto ele, muito excitado, beijava meus lábios com força, o pescoço, rosto, queixo... era uma loucura. Alguns segundos depois encarando-me lambeu os dedos.

— Você tem um gosto tão doce! — sussurrou

voltando às carícias novamente, deslizando de cima a baixo, e vice-versa, me levando à loucura antes de ir escorregando e ficar de joelhos. Em seguida, desceu minha calcinha calmamente.

Ofegando, o observei com admiração.

Ergueu os olhos, sorrindo com malícia enquanto introduziu seus dedos dentro de mim e moveu um pouco antes de atingir meu ponto G.

— Oh, céus! — Deixei escapar junto ao gemido enquanto ele me masturbava como um comandante, eu já estava crendo que ele era realmente o comandante da minha vida... Seus dedos atrevidos deslizavam deixando minha vagina cada vez mais lubrificada, eu o queria por completo e deixei toda minha timidez de lado.

— Estou machucando você? — Neguei com a cabeça porque era impossível falar, pois minha respiração acelerada não permitiu. — Isso é bom? — perguntou.

Disse que sim com a cabeça.

Então, ele abriu meus lábios vaginais com muito cuidado e carinho, e agora foi a vez da sua língua quente percorrer toda a minha intimidade. Chris envolveu meu clitóris com seus lábios e chupou gentilmente. E gemia a cada movimento enquanto eu sentia espasmos.

Satisfeito, ele voltou a mim com suas mãos ao redor do meu corpo.

Eu olhei para ele e sorri enquanto desabotoava sua bermuda.

Agarrei firme em seu membro macio, sentindo a textura de sua pele, sua grossura, não precisei olhar para saber o quanto era grande. Eu precisava daquilo tudo dentro de mim, e fazia movimentos de vai e vem, ele gemia alto em minha boca e voltou com o dedo circulando ao redor do meu clitóris.

— Você me deixa doido — sussurrou no meu ouvido me fazendo arrepiar introduzindo um dedo em mim e soltei um grito de prazer. — Você tem certeza, Susie, que quer continuar com isso?

Eu assenti com a cabeça, abrindo sua camisa.

Enquanto tirava, ele me olhou com os olhos cerrados enquanto seu corpo lindo e cheiroso de pele bronzeada era revelado para mim. Tirei sua camisa pelos ombros, ele sorria, seus olhos brilhavam de desejo, admirei seu peitoral definido com a boca cheia de água e risquei com as unhas dos meus dedos deixando-o todo arrepiado.

— Acha mesmo que preciso responder? — provoquei ao mesmo tempo incentivando-o.

Ele balançou a cabeça em sinal negativo.

Eu não sabia se ele ria ou chorava.

Suas emoções se misturavam me conquistando por completo.

Meus joelhos se dobravam lentamente, suas mãos em minha cabeça me direcionavam a sua ereção, seu abdômen ganhou um selinho depois, escorreguei a língua pelo seu obliquo até a sua cueca e a tirei com os dentes. Eu nunca havia me relacionado com alguém desta maneira, eu nem sabia se fazia corretamente, mas acreditei que sim, pois todo o seu corpo tremia aos meus toques e meus gestos.

Sei lá, eu queria que ele me visse como uma mulher madura, não como uma menina e eu não queria que ele se preocupasse, então tentei demonstrar maturidade o suficiente para convencê-lo. Ele fechou os olhos enquanto eu passava as mãos completamente por seu membro que estava extremamente quente e pulsante.

O masturbei primeiro com as mãos, e depois escorreguei minha língua por sua glande e, em seguida, o coloquei na boca sentindo cada centímetro quente invadir a minha boca vagarosamente. Chupando, lambendo e engolindo-o, alternando entre movimentos, rápidos e lentos, ele me ajudava com suas mãos ao redor de minha cabeça, gemendo e falando palavras sensuais, que me deixavam zonza de prazer.

— Como você é boa nisso... É tão bom... — Segurou firme em meus cabelos. — Você é tão gostosa, olha para mim, olha! — Eu não queria tirar a boca do seu mastro porque estava me deliciando, então só levantei os olhos encontrando-o, inclinado olhando para mim. — Nossa, como isso é bom, você é tão... perfeita! Aonde você

estava, que demorou tanto para aparecer? — murmurou entre um gemido e outro.

Minha resposta veio num gemido profundo com o meu coração quase apaixonado... Quero dizer, literalmente apaixonado.

Depois de muitos gemidos, ele arfou mais alto e segurou em meus braços me fazendo levantar, meus lábios faziam caminho acima roçando na pele de seu abdômen definido. Chris segurou em meu rosto e ficamos ali nos olhando, enquanto nossos peitos subiam e desciam com a respiração acelerada, então ele aproximou sua boca de minha orelha.

— Eu quero muito você... — sussurrou.

Minhas pernas ficaram bambas, de tanto tesão, passei minhas mãos pelo seu pescoço para me pendurar jogando minha cabeça levemente para trás. Seus lábios se curvaram num sorriso safado que se fosse outra pessoa, com certeza eu me ofenderia, mas vindo dele tudo era permitido.

Ele segurou em minha bunda me suspendendo do chão.

— Vem cá.

Assim que ele disse isso, segurou firme em minha bunda me suspendendo fazendo com que entrelaçasse as minhas pernas em sua cintura, e me levou em direção ao

corredor dos quartos com aparadores rústicos, mas sofisticados como em toda a casa, com todas as luzes apagadas. Passamos por duas portas, então ele entrou na terceira que estava aberta e todo o percurso até ali Chris veio me lambendo e beijando meus lábios de forma sensual.

A luz prateada da lua entrava por uma porta balcão de vidro com as cortinas presas nas laterais, eu fechei os olhos e aspirei profundamente, inebriada com o cheiro bom do perfume dele com uma mistura suave do cheiro da maresia. Todo aquele ambiente tinha o cheiro dele.

O quarto seguia a mesma decoração da casa.

As paredes tinham quadros que descontraíam um pouco o ambiente. Ao lado da cama havia um criado-mudo e do outro lado uma mesa e duas cadeiras, e sobre ela um notebook. Um conforto enorme. No fundo, uma porta que levava ao banheiro de mármore branco, e um guarda-roupa simples no canto oposto.

Com muito carinho, ele me colocou deitada na beirada da cama enorme e macia, de lençóis brancos e perfumados, com minhas pernas um pouco afastadas ele se ajoelhou a minha frente no meio delas. Suspirei e ergui-me rapidamente, me apoiando nos cotovelos, me deparando com um espetáculo fora do comum, era incrível o que sentia naquele momento olhando para ele com seus olhos claros brilhando com a luz da lua o iluminando.

Ficamos em silêncio por alguns momentos e nossos olhares se prenderam, como se desejassem descobrir algo.

Aquela luz nos deixava um clima de suspense e euforia. Era algo mágico.

— Você é real mesmo, não é uma miragem? — A pergunta saiu num fio de voz enquanto ele trazia sua mão para meu rosto, eu deitei nela e fechei meus olhos.

— Muito real... — Era quase um juramento que saiu com a minha voz melosa e olhos fechados.

Sua mão desceu até meu pescoço, desci meu rosto voltando a olhar para ele. Seus olhos seguiam sua mão. Com as duas mãos, ele tomou posse dos meus seios massageando-os com vigor sem machucar e descia para minha barriga, em direção ao meu ventre e púbis e retornava novamente. Joguei minha cabeça para trás e fechei meus olhos, gemendo com o meu corpo todo arrepiado, totalmente convulsionado.

Eu ardia em chamas sentindo meu sangue fervendo vibrar em minhas veias. O poder dele sobre mim era algo simplesmente surpreendente, algo que a vida preparou para mim de maneira estranha, eu precisei cruzar o oceano para me sentir feliz.

A felicidade que ele me proporcionava era muito boa e o melhor de tudo era que ele demonstrou sentir o mesmo, tudo era intenso para ambos, mas eu não queria

pensar nisso, eu só queria senti-lo completamente, eternizá-lo em mim. E se não desse certo, eu teria algo lindo para recordar em toda a minha vida.

De repente, uma súbita falta de ar me tomou tirando-me dos meus devaneios, abri os olhos rapidamente e o olhei: seus olhos subiram dos meus seios e vieram aos meus com um sorriso carinhoso nos lábios. E não consegui retribuir o sorriso, a luz surgia em frente ao seu rosto, deixando-o borrado e ela foi se intensificando, meu coração acelerou era como se algo quisesse sair de mim, sentia um impulso, era como se minha alma quisesse me deixar.

Fechei os olhos com força a fim de me segurar ali e respirei com toda a força que consegui e logo fui me acalmando, ouvi sua respiração, voltei a sentir o cheiro do perfume no ar, e sua mão em meu braço.

— Tudo bem? — Sua voz preocupada me fez abrir os olhos, repassei o olhar ao redor e voltei a ele, suspirando aliviada, pois tudo havia passado.

Com ele por perto, eu conseguia me segurar na realidade e aquilo não tinha preço para mim, então abri um sorriso estonteante para convencê-lo e estendi uma das minhas mãos o chamando.

— Estou ótima... Vem pra mim, vem... — O sorriso se alargou em seu rosto e com muita delicadeza, ele veio de joelhos em meio as minhas pernas com seus olhos

presos aos meus. Curvou-se e tirou meu vestido pela cabeça e desabotoou o meu sutiã me deixando do jeito como vim ao mundo. E ficou ali por algum tempo admirando cada parte do meu corpo com seus olhos cheios de desejo. Era uma visão imaculada que se passasse mil anos eu nunca esquecerei.

Ele deitou sobre mim, de forma apaixonante, era um amor sem limites que eu sabia que não conseguiria mais viver sem. Segurando seu membro, percorreu minha carne, minhas curvas e o esfregou incrivelmente duro na junção de minhas pernas e tudo dentro de mim rodou me deixando ainda mais sedenta por ele.

Beijou meus lábios com calma, saboreando lentamente enquanto eu arfava querendo ser penetrada, mas ele não tinha pressa. Estava calmo, sabia exatamente quando e o quanto queria e eu deixei que a sua experiência falasse mais alto, fechei meus olhos e mordi meu lábio inferior quando os seus escorregaram para meu seio.

Sua língua quente e úmida circulava em volta da aréola e mordia fracamente o bico do meu seio, e depois ele foi para o outro, enquanto eu gritava de prazer a cada gesto ou toque dele. E quando satisfeito seus lábios escorregaram para baixo, enquanto suas mãos ficaram acariciando meus seios, e sua boca foi descendo, deixando mordidas pela minha barriga me fazendo agarrar os lençóis ao meu redor aumentando e muito o meu nível

de tesão.

— Eu quero sentir, mais uma vez, seu sabor... — Passou a língua lentamente entre meus lábios vaginais separando-os, provando tudo de mim, fazia sua tarefa majestosamente e me olhou por cima dos olhos.

— Puxa vida! — gritei me contorcendo na cama. Ele apertou meus seios sem machucar enquanto pressionava sua língua plana entre meus lábios vaginais, deixando-me ainda mais úmida do que já estava. — Nunca experimentei nada parecido... — Suspirei, abrindo mais minhas pernas. — Isso, isso...

As palavras me falharam quando ele mordiscou meu clitóris e me provocou calafrios por todo o meu corpo.

Engoli em seco quando sua língua empurrou em minha passagem apertada; contraí meus músculos, tentando aproveitar mais dele dentro com sua língua entrando em mim e saindo, sentia espasmos por todo o meu corpo enquanto sua língua fazia coisas deliciosas em mim, era algo delirante.

Gemi quando seus lábios se soltaram e vieram por minha barriga até minha boca, num beijo excitante e urgente. Ali era o momento crucial, nossos corpos nus, todas as preliminares cumpridas, era só finalizar.

Ele afundou o rosto no meu pescoço enquanto arqueou o quadril e posicionou todo seu membro pulsante em minha intimidade, deslizando a cabeça de cima a baixo

em minha excitação.

— Você tem certeza? — sussurrou ao meu ouvido.

— Eu nunca tive tanta certeza na minha vida... — respondi com muito esforço por causa da respiração acelerada e meu coração furioso quase me sufocava, o calor irradiava de nossos poros colando nossos corpos com o suor.

Estendeu a mão até o criado-mudo ao lado da cama, abriu a gaveta e tirou de lá um preservativo, se ajoelhou entre minhas pernas enquanto abria a embalagem eu o encarava freneticamente sem desviar os olhos nem por um segundo, eu não me cansava de olhar para ele, admirar.

Lindo... como ele é lindo!

Eu sabia que podia ir até o fim, não sei por que tinha plena convicção de que nunca ia me arrepender disto.

Então, eu abri mais as pernas dando-lhe espaço, ele segurou meu quadril com uma mão e com a outra posicionou seu membro na entrada da minha intimidade.

— Você me avisa se eu te machucar — pediu e eu assenti.

Eu estava pronta, prontinha para recebê-lo dentro de mim, precisava daquele momento, eu não aguentava mais esperar, era como se estivesse esperando tempo demais na minha vida. Ele empurrou devagar e, quando entrou, eu apertei suas costas sentindo dor, tentando engolir meu

desconforto.

Me lembrei da minha virgindade, mas não ia alertá-lo, eu suportaria a dor por ele, pelo que estava sentindo dentro de mim e fechei os olhos à medida que ele ia me preenchendo.

A princípio rebolei em seu membro bem devagar e fui intensificando me acostumando com a dor até que o prazer se sobrepôs totalmente, me deixando totalmente relaxada sem conseguir pensar mais, só sentia.

Juntos, soltamos um gemido longo, então ele me olhava preocupado segurando-me na cama, como se percebesse que eu era virgem e acho que ele percebeu e paralisou, ofegando.

— Você é tão apertada... — murmurou.

Eu o agarrei trêmula pelo pescoço e nos beijamos.

— Deliciosamente apertada — sussurrou em meus lábios. — Você é virgem, não é mesmo? — Balancei a cabeça em sinal afirmativo. Quando ameaçou sair de dentro de mim, frustrado, eu o segurei.

— Por favor... — foi o que consegui dizer com a emoção que sentia.

Ele negou com a cabeça.

— Eu seria um canalha... Eu não posso. — Selei seus lábios com os meus.

— Eu quero você, Chris! Escolhi você para ser o

meu primeiro. Não se afaste de mim, por favor! — Ele me beijou forte agarrado ao meu corpo. — Por favor... — implorei em seus lábios.

Então, ele se convenceu de que não teria mais volta e numa emoção sem procedentes ele me possuiu.

Eu entrei em colapso de pura agonia, a sensação dele dentro de mim era maravilhosa, se movimentando mais rapidamente, o sentia saindo e entrando com força tomando posse, meus gemidos se multiplicavam com as suas mãos em meus seios fazendo meu corpo estremecer, enquanto eu me contorcia de tesão.

Sua boca chupando meu pescoço me levava às nuvens. Ele saiu de dentro de mim, deitando na cama e me colocando de costas para seu pênis e me penetrou por trás, sem parar seus movimentos; enquanto uma de suas mãos massageava meus seios rijos, a outra brincava em meu clitóris e aí não teve jeito: logo os espasmos tomaram meu corpo, estremeci pressionando minha vagina apertando-o de um jeito intenso que ele gemeu alto e chupou com firmeza a pele do meu pescoço.

— Você é muito gostosa, eu vou gozar... Vem comigo... — disse me penetrando mais forte fazendo-me gritar, joguei minhas mãos para trás para seus cabelos sedosos e agarrei com força me contorcendo de prazer com as suas estocadas e carícias. Senti minhas pernas fraquejarem e as paredes vaginais se contraírem

apertando seu membro e logo gozei.

Suas mãos me apertaram e a minha respiração falhou mais uma vez depois de algumas estocadas fortes, que foram diminuindo até sair de mim por completo.

Estávamos em um estado de intimidade tão grande que ficamos ali abraçadinhos, em silêncio absoluto, ou quase: os ruídos de nossas respirações ofegantes, exaustos, ecoavam pelo quarto.

O calor de nossos corpos ganhou o ambiente, o suor descia por meu rosto como se eu tivesse acabado de sair de um chuveiro.

Passei a mão pelo rosto para tirar o excesso do líquido.

— Acho que preciso de um banho — falei. — Se importa se eu tomar um banho antes de ir embora?

Ele se afastou, olhando-me diretamente nos olhos com uma expressão de espanto no rosto.

— Ir embora? Está arrependida? — perguntou assustado.

Balancei a cabeça, curvei minha cabeça selando seus lábios num beijo rápido.

— Eu estou é muito feliz... — falei fitando-o nos olhos para não restarem dúvidas. Ele sorriu aliviado e relaxou os músculos. — Acho que por precaução deveríamos nos vestir, vai que o seu filho resolve sair da

balada mais cedo, e...

Seu dedo indicador veio ao meu lábio silenciando-me.

— Ele não faria isso, eu sei que não... — garantiu.

De qualquer forma resolvi não arriscar e me levantei, me sentando ao seu lado na cama e inclinei-me para ele.

Ele secou o suor de minha testa e sorriu.

— Tudo bem, está suando mesmo. Está muito quente aqui dentro.

Levantou-se e com o controle remoto no criado-mudo ao lado da cama ligou o ar condicionado.

— O banheiro é ali. — Apontou para a porta do outro lado do quarto. — Quando sair do banho vai encontrar um ambiente mais fresquinho. — Assenti e fui nua para o banheiro, não precisei olhar para trás para ver que ele me comia com os olhos, seus suspiros já o denunciavam.

Encontrei sobre a pia de mármore branco, uma touca de banho. Prendi meus cabelos, percebi um fio de sangue que escorria pelo interior de minha coxa. Rapidamente liguei o chuveiro, deixei o boxe espaçoso aberto ficando de costas para a porta, serena e ansiosa para Chris entrar naquele banheiro e me tomar mais uma vez, eu ainda não estava satisfeita, o queria novamente.

Mãos masculinas seguraram ambos os lados do meu

quadril.

Eu paralisei.

Meus cabelos presos dentro da touca deixavam meu pescoço e nuca livres, dando a Chris a liberdade para colar os lábios à minha nuca e beijar. E foi exatamente isso que ele fez, me deixando zonza e totalmente entregue. Fechei meus olhos com a cabeça inclinada ao lado, respirando fundo com seus lábios tomando posse.

— Desculpe atrapalhar o seu banho... — murmurou em meu ouvido pressionando seu membro duro em minha bunda enquanto eu rebolava nele gemendo, com contrações em minha vagina e tremores pelo meu corpo.

— Ainda bem que pensou nisso, eu estava justamente pensando que você poderia entrar aqui...

Ele riu baixinho enfiando a língua dentro do meu ouvido colando ainda mais seu corpo no meu, arrastando os lábios para o meu ombro, distribuindo mordidas leves e prazerosas me levando às nuvens e deixando minhas pernas bambas, joguei-me para trás buscando apoio em seu corpo

Suas mãos deslizaram do meu quadril para a cintura e vieram até meus seios livres. Brincou com os bicos entre os polegares e fez movimentos circulares. A barba a fazer roçava e arranhava a minha pele úmida, roubando de mim todo o meu controle, escapando um gemido longo dos meus lábios, ali eu não mandava em mais nada, estava

presa num cativeiro que nunca mais queria sair.

— Se fosse possível, eu ficaria assim colado com você por uma vida toda, sabia? — cochichou em minha orelha, onde passou a língua como provocação aumentando e muito a minha temperatura.

— Eu sinto a mesma necessidade — declarei rebolando e suspirando.

Recuou apenas um passo, tirando as mãos de mim e envolvendo meu pulso.

Um calafrio deslizou pelo meu corpo.

A forma de me tocar era muito mais que sensual e me deixou entorpecida por seus gestos anteriores e expectativa pelo que estava por vir, só de pensar nele dentro de mim, sentindo-o me preenchendo e sendo explorada novamente fez com que eu ficasse ainda mais molhada com fortes contrações.

— Pois só de pensar e... de falar essas coisas quentes eu... estou começando a pegar fogo!

— Eu me sinto um garoto na adolescência, estou tão excitado! — murmurou.

Ele não precisava dizer aquilo, eu sentia na minha bunda o tamanho da sua excitação.

— Estou sentindo. — Rebolei em tom provocador.

— Mas aqui está meio desajeitado, eu quero lhe proporcionar conforto, quero que você relaxe.

Ele fazia de tudo para me agradar e aquilo me deixava muito feliz, afinal se estivesse apenas se aproveitando, se fosse apenas por uma noite ele não perderia tempo em me agradar. Então, fechou o chuveiro, pegou uma toalha branca e macia ao lado do boxe e me enxugou, depois enxugou a si.

Agarrou pela minha cintura, colado a minha bunda e me guiou para fora do banheiro. O ar gelado em contato com a minha pele úmida e quente do banho me fez bater o queixo.

— Vamos fazer algo diferente.

Eu simplesmente assenti e ele continuou me guiando para fora do quarto em direção à sala onde parou de frente para o sofá e afastou a mesa de centro. Não sabia se deveria sentar ou se ele me queria de pé, fiquei aguardando as suas ordens, precisava saber que tipo de coisa diferente ele havia pensado. Eu não estava nem aí, com ele eu faria tudo sem o menor pudor. Ri dos meus pensamentos, eu parecia uma vadia acostumada a sexo, havia até me esquecido que perdi minha virgindade. Mas no fundo nada mais me importava, só ele.

Chris acariciou meu rosto ao segurá-lo de ambos os lados. Mordeu meu lábio inferior e o chupou, só soltando quando tomou a minha boca em um beijo ardente. Retribuí com o mesmo fogo, tocando seu peitoral ainda úmido e muito quente. Suas mãos deixaram o meu rosto e

escorregaram pelas costas até tomar posse da minha bunda. Apertou-a com força, erguendo-me para a ponta dos pés.

Seus lábios soltaram os meus, e segurando em meus ombros ele foi me derrubando sobre o sofá atrás de mim e veio sobre mim. A expectativa acelerou ainda mais o meu coração que batia com força no peito. Chris mordia o lábio inferior, me vendo naquela posição entregue e vulnerável.

Logo estava ajoelhado na minha frente, abrindo as minhas pernas para se encaixar entre elas. Ergui o tronco, indo de encontro com o dele. Chris tocou a minha cintura com a mão direita e traçou um caminho de beijos pela minha barriga até entre os seios, prosseguindo a abocanhar um deles enquanto apertava o outro desejosamente quando ouvimos um ronco de motor, como se algum carro estacionasse em frente à casa.

No mesmo instante, ele saltou de cima de mim e segurou em minha mão, ajudando-me a levantar.

— Será que é seu filho? — fiquei aflita com a possibilidade.

— Acho que não. Vai lá para o quarto. — Eu nem respondi.

Saí correndo em direção ao corredor, entrei no quarto, mas estava muito frio ali, abracei meu corpo, mas o tremor não me deixava pensar, parecia que eu estava

dentro de um congelador. Então, peguei meu vestido e sutiã e me lembrei da minha calcinha que havia deixado na sala. Meu coração parou dentro do peito, mas, enfim, eu não podia fazer nada a não ser rezar para o Chris escondê-la antes que mais alguém veja.

Que vergonha!

Corri para o banheiro e me vesti.

Me assustei com os meus cabelos desgrenhados. Procurei um pente ou escova por ali e nada. Abri as gavetas da pia do banheiro e na última gaveta vi uma escova de cabelos, com pinos dourados e bolinhas em suas extremidades. Ideal para desembaraçar e pentear com suavidade.

Franzi a testa com um pouco de nojo ao ver embrenhado nos pinos alguns fios de cabelos não tão dourados como o sol como da Katie, mas ainda assim mais claros do que o meu castanho. Hesitei em usar aquela escova, mas por fim era o que tinha para hoje, não podia me apresentar com os cabelos da forma como estavam.

Abaixei-me e assim que meus dedos circularam o cabo dela, um frio me passou pela espinha e trinquei os dentes, pensei que talvez o mal-estar foi causado pela hipotensão postural, por ter me levantado muito rapidamente. Coloquei a escova sobre o tampo de mármore e com as duas mãos sobre ele, me apoiei e

respirei calmamente a fim de recuperar o equilíbrio.

E quando voltei ao normal, segurei a escova com uma mão e com a outra pretendia tirar aqueles fios antes de usá-la. No entanto, foi um choque eletrizante quando entrei em contato com aqueles fios: eles pareciam fios de alta tensão, recebi uma descarga elétrica.

— Ai... — gritei abafado, sem emitir nenhum som, o choque me fez mergulhar de repente e sem nenhum aviso em minha inconsciência. Quando retornei, tentava gritar, mas estava sufocada. Podia ouvir ao longe as vozes do Chris e de outras pessoas que se misturavam.

Entre o meu sufoco, de repente fios de luzes finos se lançavam dos meus dedos em contato com aqueles fios em direção aos meus olhos, meu corpo trepidava no chão.

Fechei meus olhos em desespero, eu tentei mais uma vez gritar pelo Chris, mas toda aquela energia fritava minhas palavras antes delas conseguirem sair por minha boca.

Mal conseguia pensar, as lágrimas explodiram dos meus olhos, meu coração batia tão forte em meu peito. A impressão que eu tinha era de que cada osso da minha costela ia se despedaçar em pedaços, que viraria pó e explodiria sobrando nada de mim.

Antes que eu pudesse pensar em algo, um assobio vindo do espelho à minha frente me fez levantar os olhos e fixar no espelho e, aos poucos, a minha imagem foi se

desfazendo como uma luz, e tudo ficou borrado e logo claridade da luz diante de meus olhos era tudo o que eu podia ver, ela veio ao meu redor como se me abraçasse e, de repente, um minúsculo buraco escuro surgiu entre a luz, e foi crescendo gradativamente e junto ao seu crescimento eu fui sufocando com o pouco ar que ia diminuindo, meu peito subia e descia, com o pouco ar e o coração acelerado eu tive a certeza de que, desta vez, eu não conseguiria me manter na realidade, eu não conseguia me mexer nem falar, eu lutei com todas as minhas forças, me sentia partindo desta vida sem ao menos com a chance de lutar, tudo aquilo estava acima de minha compreensão.

E sem ao menos esperar, o buraco atingiu um tamanho suficiente para atravessar por ele um corpo adulto, uma mão saiu de dentro dele em direção ao meu peito. Senti meu coração descolar das fibras e músculos, que o seguravam no seu devido lugar, onde deveria ficar até a minha morte, por isso imaginei que ali era meu fim definitivo. Sem me tocar, aquela mão continha uma força fora do comum sobre mim, como um imã.

Eu ainda tentei resistir, finquei os pés no chão, estiquei meus braços e a cabeça para trás enquanto meu peito era puxado. Eu fiquei encurvada tentando resistir, porém a força sobre-humana começou a puxar-me ainda mais intensamente até que não consegui me manter ali no chão, e quando menos esperei meu corpo foi sugado para dentro daquele buraco, para dentro do espelho.

O impacto me fez gemer de dor, quando meus olhos se abriram eu nada podia ver, eu caí literalmente de boca no chão frio em meio à escuridão total. Senti meu sangue gelar em meu corpo, meu corpo todo tremia, mas não era frio que eu sentia, mas um medo horripilante do desconhecido. Eu deveria estar acostumada com os acontecimentos bizarros que acontecia comigo desde a meia-noite de quando completei meus 18 anos, mas não tinha como suportar aquilo, e muito mais que bizarro que tudo aquilo era a morte.

Eu não aguentava mais e comecei a chorar, me levantei devagar com medo do que encontraria acima de mim, pois não era possível ver nada... Ouvir nenhum som... Nada.

Eu sabia que estava distante do banheiro da casa do Chris. Perguntava-me se finalmente atravessei o túnel, mas não vi aquela luz brilhante ao fundo, tampouco aquelas vozes, os choros. Tudo era um silêncio absoluto de me deixar com aquele frio tremendo na espinha.

E quando eu achei que estava perdida surgiu uma luz no fim do túnel, ao longe vi um foco de luz que surgiu na escuridão, mas estava a quilômetros de mim. Eu precisava chegar até ele e sem pensar comecei a correr entre a escuridão, rezando para não cair em nenhum buraco fundo.

Corri, corri, corri...

Quanto mais me aproximava, a luz queimava meus

olhos, era como um sol forte, se chocando com minha visão, me obrigando a cobrir o rosto com uma das mãos. Mas não parei de correr e vi que ainda tinha muito chão, entendi como se aquilo fosse uma provação que eu teria que vencer caso quisesse sobreviver.

E quando abri meus olhos, me assustei ao perceber um vulto em meio à claridade, parei de repente e fixei meus olhos e à medida que o foco foi aumentando tornou uma silhueta, percebi que se tratava de uma mulher de cabelos longos, eu não identifiquei de imediato, mas, aos poucos, tudo foi clareando, ela vinha a passos lentos como se flutuasse, e conforme se aproximava, eu a via com clareza, toda aquela luz desenhou em sua silhueta com perfeição, e ao redor se tornou novamente a escuridão, mesmo translúcida ela ficou nítida, brilhante dentro da luz branca.

Então, ela parou em minha frente jogando seu foco de luz ao meu redor, clareando nós duas, fazendo uma conexão que podia senti-la.

Ela tinha uma expressão triste, as lágrimas deixavam seus olhos verdes muito brilhantes, seu rosto angelical, seus lábios bem delineados, ela me olhava de um jeito que partiu meu coração, era como se suplicasse por alguma ajuda. Eu não sei explicar, mas eu sentia a sua dor, sua tristeza e chorava com ela e nem sei por que, havia muita afinidade entre nós, algo surreal, a mesma dor que ela parecia sentir estava em mim, a aflição, tudo!

Então, vozes romperam o silêncio, ao nosso lado, ela virou a cabeça em direção ao som com um longo suspiro, soluçando, segui seu olhar e não sabia o que ela via ali na escuridão, que vozes eram aquelas e, de repente, ouvi os choros de desesperos angustiantes de homens e mulheres.

Eu não compreendia o que havia acontecido para tamanho sofrimento.

Voltei meus olhos para aquela mulher, ela não se moveu, então voltei em direção ao som quando um flash de luz surgia à minha frente, enquanto imagens iam e vinham numa rapidez que não compreendia.

Até que eu vi pessoas de costas chorando em frente a uma cama de hospital, sobre um corpo que não pude ver. Meu coração disparou de tal forma que comecei a perder o fôlego, aqueles choros me deixaram atordoada como se aquela cena falasse de mim. Coloquei a mão sobre meu peito que doía muito, quase não conseguia respirar.

Tentando puxar o ar em desespero, eu me virei para aquela mulher à minha frente, atrás dela vi o banheiro através de uma pequena porta que começou a diminuir de tamanho. Um pânico me tomou em pensar que, se aquela porta se fechasse, eu jamais sairia dali e quando comecei a ficar tonta, aquela mulher estendeu seu braço até sua mão direita segurar a minha na lateral do meu corpo, e levantou-a até a altura de nossos olhos. Havia os fios de cabelo que tirei da escova que emaranharam em meus

dedos, ela tirou os fios com os olhos fixos nos meus. A dor insuportável me fez jogar a cabeça para trás, então meu corpo foi arremessado para fora daquela porta.

— Socorrooooo! — gritei tão alto que senti dor nos tímpanos.

Tudo o que queria era que o meu pedido de socorro fosse ouvido, embora a dúvida pairasse sobre mim, pois o eco reverberou como se batesse em algum obstáculo e retornasse até mim antes de eu apagar de vez.

Foi a única palavra que saiu da minha boca e, então, tudo se apagou.

CAPÍTULO QUINZE

Chris

Demorei alguns segundos para acreditar no que os meus olhos estavam vendo: meus sogros. *Fiquei* em choque, sério, sem conseguir esboçar nenhuma outra expressão facial a fim de disfarçar.

Lillian foi a primeira a descer carregando uma caixa de presente em suas mãos com seu sorriso feliz de orelha a orelha. E Marcos desceu logo depois, ajeitando a calça na cintura como costumava fazer sempre ao descer do carro.

— Seus fujões... — Lillian levantou na ponta do pé e beijou meu rosto, enquanto meu sorriso fraco e, ao mesmo tempo, nervoso chamou sua atenção. Ela me olhou receosa ao se afastar. — Está tudo bem com você? — Suas sobrancelhas arqueadas e seus lábios entreabertos significavam que eu estava em perigo.

Ele de cara percebeu, afinal eu não conseguia enganar os meus sogros. Desde que a Lucy faleceu, eles se

tornaram meus segundos pais, nossa relação sempre foi de total transparência. Marcos se posicionou ao lado da esposa e passou o braço em seu ombro olhando-me da mesma forma especulativa.

— E o Eric, onde ele está? — Sua expressão se fechou em preocupação.

— E... — Cocei a cabeça, enquanto pensava numa resposta, mas estava difícil. — Saiu com os amigos! — falei finalmente olhando para dentro da casa, preocupado.

— Puxa, você me assustou! Está esquisito — emendou Marcos estendendo a mão e eu apertei.

— Surpreso... Não esperava a visita de vocês... — Dei passagem para entrarem após certificar de que o caminho estava livre.

— Será mesmo? — retrucou minha sogra, passando por mim e meu sogro e seguiu em direção à cozinha. — Ele chegou de viagem e não foi visitar a gente, se Maomé não vai até a montanha, então a montanha vem até Maomé. — Ela entrou na cozinha, voltou e olhou ao redor, desconfiada. — Será que ele vai demorar? Estou morrendo de saudades?

— Socorroooo! — O grito de Susie me pegou de surpresa.

Instantaneamente, os três olharam em direção ao corredor.

Saí correndo antes de qualquer coisa e quando entrei no banheiro meu coração quase saiu pela boca. Em um primeiro momento, eu não soube como reagir devido ao susto de ver a Susie caída de bruços no chão frio, como se tivesse caído e batido a testa. Desmaiada, seu corpo estava imóvel e o vestido levantado até a popa da bunda. E, em seguida, gelei ao ver ao seu lado a velha escova da Lucy. Eu a havia guardado há 18 anos e nem me lembrava mais dela.

— Susie... Susie... — Sacudi seus ombros ao me abaixar ao seu lado e nada.

Virei seu rosto de lado e coloquei o dedo em seu nariz por um momento. Me passou pela cabeça que ela pudesse estar morta, o ar quente de sua respiração me aliviou, soltei o ar com força, ela respirava serenamente.

— Céus! Quem é esta moça? — gritou Lillian atrás de mim.

Virei-me, deparando com seu olhar incrédulo sobre a Susie.

— Por que veio aqui? — falei sem pensar na minha falta de educação.

— Eu pensei que fosse a Kate... — ela falou baixinho e se abaixou ao meu lado. — Vamos levá-la para a cama, pobrezinha! — ordenou e já foi levantando a cabeça de Susie e com muito jeito me ajudou a ajeitá-la para que eu a pegasse no colo.

Eu fiquei aliviado com o seu jeito prestativo e a colocamos na cama.

— Acho que seria melhor levá-la ao hospital — falei desesperado enquanto Lillian media a temperatura e analisava seu corpo.

Eu não sabia como agir, o que pensar.

Ainda bem que Lillian estava ali tomando as rédeas da situação. Esqueci completamente a imagem que passava aos meus sogros, eu não me importava...

A Susie agora era parte da minha história e eu não abriria mão disto.

— Ela desmaiou, traga álcool para mim, rápido, que vou tentar reanimá-la — pediu.

Saí correndo do quarto me deparando com o meu sogro vindo pelo corredor em sua expressão especulativa e sem tempo para conversar passei por ele correndo.

— O que aconteceu com a Kate? — ele gritou.

Eu não respondi e entrei na cozinha.

Voltei segundos depois, minha sogra estava sentada ao lado de Susie e o meu sogro em pé do outro lado da cama, olhando-a inconformado e quando me viu, seu olhar reprovador caiu sobre mim. Baixei meus olhos entregando o vasilhame com o álcool a Lillian. Não havia tempo para explicação, eu estava desesperado, apesar de notar que ela respirava normalmente, mas estava muito preocupado.

Por que ela não acorda! O que será que aconteceu?

Lillian encharcou um pano que eu trouxe com o álcool.

— O que aconteceu? — perguntou meu sogro.

— Eu não sei... — disse desesperado, observando minha sogra molhando o pano no álcool. — Cheguei ao banheiro e encontrei-a neste estado.

Lillian aproximou o pano do nariz dela.

Eu observava aflito as fundas *olheiras* roxas que contrastavam com a acentuada *palidez* do rosto.

Finalmente, alguns segundos depois com o pano em seu nariz ela começou a se mexer.

Então, Lillian levantou-se e eu me sentei ao lado dela no mesmo instante que ela abriu os olhos.

Seu queixo batia com um tremor pelo seu corpo e seus lábios estavam levemente arroxeados como sua testa. Acenei para meu sogro desligar o ar condicionado, que entendeu de imediato, e a cobri com um lençol branco até seus ombros.

— Como está se sentindo? — perguntei angustiado com a mão em seu rosto pálido e frio.

Ela parecia confusa, seus olhos desviaram dos meus e percorreram ao redor, parou por um instante em Lillian em pé ao meu lado e depois em Marcos, que sorriu meio forçado. Havia sombras em seus olhos verdes, como se

ela estivesse em choque e em estado de pânico.

Ela fixou nos meus e as lágrimas rolaram pela lateral do seu rosto.

— Eu não sei... — murmurou ela, aquele seu jeitinho inocente de criança me fez sentir culpado.

— Eu *estou aqui, tá? V*ai ficar *tudo bem*, eu não vou deixar nada acontecer com *você*... — *Ela* apenas sorriu e *assentiu* temerosa, parecia com medo enquanto seus olhos percorriam ao redor do quarto.

— Dói alguma coisa, querida? — especulou Lillian.

— A minha testa dói um pouco — respondeu passando as mãos pela testa. — O que aconteceu?

— Eu te encontrei desmaiada — falei colocando a mão sobre a testa dela. — Acho melhor te levar a um hospital.

— Não preciso de hospital! — ela quase gritou, negando veementemente que até engasgou, me deixando intrigado. Eu notei pavor em sua expressão quando falei de hospital.

Do que ela tem tanto medo?

Sentou na cama rapidamente e após respirar profundamente, ameaçou se levantar. Eu a impedi segurando em seus ombros.

— Eu estou bem, eu juro! Só preciso ir para casa. — Ela tentou me convencer, mas o tom de medo em sua voz

estava evidente. Fiquei muito mais encafifado do que já estava, mas não comentei nada, apenas conduzi seu corpo de volta à cama.

— Por ora, está tudo bem, mas descanse mais um pouco. Depois, se ficar bem, eu levo você para sua casa, ok?

Após pensar um pouco, ela concordou com a cabeça.

Eu fiquei ali observando, segurando em suas mãos que agora começavam a esquentar, ela respirava mais calmamente, mas eu estava completamente apavorado. Depois que a Lucy morreu eu nunca havia sentido tanta preocupação com alguém como tinha sentido naqueles instantes.

Talvez isso faça sentido ou não... E não sabia.

Talvez Deus queria fazer as pazes comigo, me dando duas pessoas parecidas, ambas virgens... algo inexplicável, mas que considerei como um presente.

O fato é que sentia o universo conspirando a meu favor, vê-la desmaiada de alguma forma me fez lembrar o dia fatal em minha vida e um nó se formou em minha garganta. Foi impossível segurar o choro, uma lágrima fugiu do meu olho.

Disfarçadamente limpei-a antes que alguém ali percebesse.

Aos poucos, o seu sorriso surgiu em seu rosto que

começava a ganhar cor.

— Está se sentindo melhor?

— Estou sim, obrigada... — Sorriu fraco sem me convencer. — Minha pressão deve ter caído... — Eu não sei por qual razão, eu não acreditei naquilo. — Acho que foi excesso de álcool — completou ela.

— Ah, então está explicado. Com certeza, uma jovem como você não deve estar acostumada a beber. — Eu corei com o tom gélido de Marcos olhando acusador para mim.

— Marcos... — recriminou Lillian.

Ele elevou as mãos ao alto em sinal de desculpas.

— Bem, agora que está tudo bem, vamos deixá-los sozinhos. — Contrariado, Marcos deu de ombros retrucando, mas Lillian segurou em seu braço e o direcionou até a porta e saíram fechando-a em seguida.

Eu beijei o alto da sua cabeça analisando seu belo rosto por alguns instantes, ainda preocupado.

— Quem são essas pessoas? — perguntou.

Sua bochecha estava rosada agora e seus lábios tão lindos, que senti uma tremenda vontade de devorá-los. Eu não sabia o que responder, por um momento me bateu um medo terrível, desviei os olhos para a porta de vidro e fiquei ali pensativo.

— Por acaso, deixei você em maus lençóis? — Sua

voz preocupada me deixou emocionado.

Como ela podia ser tão jovem e tão madura.

Eu olhei para ela e vi em seus olhos o reflexo do rosto da Lucy e me arrepiei todo deixando escapar um grunhido de indignação. Eu não poderia me prender ao passado, precisava separar as coisas. Se eu começasse com estas coisas estranhas a deixaria com medo e o medo significaria ficar sem ela. Com certeza, ela me deixaria ao pensar que eu não passava de um louco.

— Não, é claro que não. — Segurei em sua mão, ela suspirou aliviada e sorriu.

— São os seus pais? — Neguei com a cabeça, e acho que deixei transparecer a minha hesitação quando ela teve uma reação inesperada.

Olhou por cima dos meus ombros e, em seguida, como se visse algo ela se sentou rapidamente e se arrastou para mais longe de mim, encostou-se à cabeceira da cama e recolheu os joelhos me olhando assustada lançando olhares em direção à porta do banheiro.

Intrigado, me virei.

A porta do banheiro estava aberta e franzi a sobrancelha, estranhando suas atitudes.

— Então quem são? — continuou ela sem tirar os olhos da porta do banheiro.

Percebi seus lábios trêmulos, ela tentava disfarçar

embora estivesse difícil, pois seus olhos se lançavam de segundos a segundos para a maldita porta.

— Não vai me dizer que são os pais da sua esp...

Por que diabos ela não tira os olhos do banheiro?

— Não... — interrompi-a de imediato. — Eles são os avós do Eric. Por que está olhando tanto para o banheiro? — indaguei muito curioso.

Ela suspirou forte, seu rosto ficou vermelho como uma pimenta, daquelas bem vermelhas.

E torci a boca, desconfiado.

— Meu Deus! — Ignorou minha pergunta em total aflição, cobrindo o rosto com as mãos. — Ai, que vergonha, eles vão achar que sou uma qualquer e... — Apertei o olhar

— Você não tem o dom de disfarçar, me desculpa a sinceridade.

Ela me olhou séria.

— É que estou envergonhada, só isso. — Mais uma vez fugiu do assunto.

Ela tentou ser convincente, mas suas palavras não tinham força alguma de sustentação.

Mas eu não queria pressioná-la, resolvi deixar para lá. Até mesmo porque ela era tão linda, tão inocente. Arrastei-me na cama e inclinei-me selando seus lábios

com carinho e ao me afastar, a olhei em seus olhos preocupados com admiração, e ganhei o mais leve sorriso do mundo acompanhado de uma carinha simulando choro.

— Me desculpe, tá? — falou ela segurando em minha mão.

Levantei nossas mãos unidas e entrelacei meus dedos nos dela, olhando-a profundamente, eu não me cansava de olhar para ela.

— Eu não... — ela começou a falar, mas eu não resisti, inclinei e beijei sua testa e ela gemeu de dor.

— Ai...

— Me desculpe, esqueci...

Ela balançou a cabeça.

— Tudo bem — falou com expressão de dor com os dedos sobre o hematoma e seus olhos novamente se foram à porta daquele maldito banheiro, eu fiquei muito curioso, mas antes que eu questionasse novamente, ela se levantou brutamente. — Eu realmente preciso ir agora.

— Não precisa ir ainda, por favor, fique.

Ela balançou a cabeça em sinal negativo me olhando nos olhos, tentando mantê-los fixos em mim, sem sucesso. Eu fiquei sem entender, mas, enfim, eu não queria que ela fosse embora, me posicionei à sua frente e coloquei seus cabelos ao redor do rosto atrás da orelha, estudando sua expressão confusa.

Ela era um enigma para mim, um código secreto que eu queria desvendar.

— É melhor eu ir... — falou baixinho se afastando.

— Se está com medo de ser julgada, eles não irão fazer isso. Não é do feitio deles — garanti enlaçando meus braços ao redor de sua cintura, colando nossos corpos.

— A gente se fala depois, num momento mais apropriado. — Senti um calafrio percorrer minha espinha, pois ficar sem ela me deixou assustado.

— Por favor, fique mais um pouco... — Olhei pidão ganhando um lindo sorriso seu e os olhos estudando-me com admiração.

Era como eu a via, havia algo que nos unia e eu estava disposto a descobrir o que, e por quê?

— Eu vou me despedir dos seus sogros e agradecer... — ela falou simplesmente e finalmente se afastou de mim, deixando um vazio enorme em meu coração.

Fiquei ali a contemplando até sair pela porta e sumir no corredor. Incomodado, joguei meu olhar para a porta do banheiro e antes de sair dei uma corridinha, entrei e com as mãos na minha cintura olhei em torno, nada de estranho... Meus olhos fixaram na escova da Lucy ainda ali no chão, o dourado do cabo refletia uma luz dourada que me puxou até ela.

Agachei, peguei-a e sentei no vaso sanitário, analisando o objeto que se tornou uma das minhas maiores relíquias, trouxe até minha face num movimento de sobe e desce sentindo os fios de cabelos embrenhados ali e inalei aquele perfume. Era incrível, após tantos anos seu perfume permanecia quase que intacto.

Retomei boas *emoções* ao recordar a minha felicidade no passado, porém agora não doeu nada. Ao invés da dor da perda eu sentia esperanças com o rosto da Susie povoando minha mente, seus olhos verdes brilhantes me fizeram arrepiar, e cada pelo do meu corpo ficou em pé. Estreitei o ombro, rindo.

Alguns minutos apenas longe dela e eu já estava morrendo de saudades daquela menina. De senti-la bem juntinho a mim, tua pele colada na *minha... Arrepiei-me por inteiro*. Ela trouxe um novo sentido a minha vida, ah, se trouxe!

Então, me dei conta de que a Susie estava lá sozinha com os meus sogros na sala. Rapidamente, coloquei a escova no mesmo lugar que sempre esteve e corri para me juntar a ela.

Sentada à mesa da sala de jantar, minha sogra estava sentada em frente a ela, debruçada sobre a mesa, segurando sua mão sob o tampo de vidro.

Parei no fim do corredor, analisando-as numa conversa que ao meu parecer era muito íntima. Percebi

que eu não era o único a me afeiçoar a ela, o jeito carinhoso, quase um fascínio da Lillian observá-la me dizia que, assim como eu, ela via algo a mais nos olhos de Susie.

Marcos não, ele estava do outro lado sentado no sofá, segurava o controle da televisão trocando o canal impaciente com cara de poucos amigos, mas notei que em alguns momentos olhava para a esposa em desaprovação.

— Chris, querido! — Lillian acenou quando me viu ali parado, eu sorri sem graça e me aproximei, me sentando na cadeira ao lado da Susie. — Estava falando aqui para a sua amiga que ela pode ter algum problema de hipoglicemia, esta disfunção costuma resultar em desmaios às vezes — explanou com um sorriso confiante.

Agora até estava estranhando a recepção digamos que até calorosa.

— É... Eu concordo com a minha sogra, de repente seria prudente fazer alguns exames para tirar as dúvidas. Um desmaio sempre pode ser indícios de que algo não está bem. — Ela franziu a testa, inalando muito ar para os pulmões e mordeu os lábios com uma expressão estranha, que não consegui identificar.

Fiquei em dúvida, pois entendi em seu gesto e expressão que ela era conhecedora do seu mal-estar. Ou eu estava enganado?

— Ele tem razão, minha querida — Lillian

concordou.

Desta vez, Susie concordou com a cabeça e sorriu fraco, sem certeza.

— Eu vou fazer isso sim. — Ela me olhou rapidamente antes de voltar para Lillian e suspirou se levantando. — Bem... eu queria agradecer... e pedir desculpas pelos transtornos.

Lillian se levantou em seguida balançando a cabeça.

— Imagina! Transtorno algum. — Ela a abraçou com tanto carinho causando surpresas em toda a sala. Meus lábios se entreabriram e Marcos grunhiu.

E Susie, então! Ela me olhou por cima dos ombros, com um sorriso totalmente sem graça.

— Olha, minha querida, eu faço questão que você vá nos visitar antes de viajar — convidou-a gentilmente.

Eu não acreditei.

Susie me olhou sorrindo, embora confusa com aquele convite, acho que ela nunca esperava uma recepção daquelas depois de tudo.

— Vai ser um prazer — agradeceu com um sorriso.

— Eu levo você em casa — ofereci.

A Susie foi até o sofá se despedir de meu sogro e eu a segui, mas parei com Lillian segurando em meu braço.

Eu me virei e vi seus olhos cheios de lágrimas.

— Eu sei exatamente o que você viu nesta moça — cochichou ela com a voz embargada, que me fez gelar. Uma emoção e uma alegria que não cabia em mim tomou meu coração.

Alguém me entendia. Alguém mais via o que eu via... Eu não estava ficando doido.

Concordei com a cabeça, e me afastei antes que caísse nos braços da minha sogra para chorar. Esta menina me deixou muito emotivo.

Uma brisa fresca bateu em meu rosto e entrou pela porta assim que eu a abri, como se nos empurrasse de volta para não sairmos, era exatamente esta a minha intenção, eu queria aprisioná-la a mim. O simples fato de ela ir embora já me deixava morrendo de saudades, virei meu rosto e meu coração acelerou com seu rosto bem próximo ao meu, ela sorriu e notei sua respiração ofegante.

Sei que ela se sentia como eu, uma sintonia forte.

Do nada outra brisa fresca bateu sobre nós. Seus cabelos brilhantes voavam, enquanto eu a olhava com intensidade.

— Vamos... — ela falou baixinho.

— Vamos sim... — falei colocando minha mão em suas costas, a conduzi até a porta do carro e a abri. Ela me olhou surpresa.

— Você me surpreende a todo o momento. — Dei de ombros sem entender. — É realmente um perfeito cavalheiro. — Sorri diante do elogio.

Eu não me aguentei, soltei a porta e a abracei forte.

Ela ofegou em meu ombro e quando me afastei, seus olhos fechados e seus lábios entreabertos me convidavam para um beijo, cheguei um pouco mais perto, inalando seu hálito fresco e não resisti.

Ela cheirava a roupa limpa e fresca.

Oh, meu Deus, é inebriante!

Aspirei rapidamente antes de devorar seus lábios macios num beijo violento apertando-a contra meu corpo, acho que tentava nos unir num único ser, era exatamente que eu faria se pudesse. Eu não conseguia raciocinar, ela tirou de mim qualquer pensamento sensato. Eu só a queria para mim e para sempre. Era como se ela me pertencesse.

Enquanto os dedos de sua outra mão, suavemente rastreava meu rosto sondando, examinando-me, eu a beijei novamente.

— Eu queria tanto passar a noite com você — sussurrei em seus lábios, sentindo o morno de sua respiração acelerada.

— Se não formos embora nestes próximos segundos, eu não respondo mais por mim — murmurou ela com os olhos fechados roçando seus lábios nos meus,

pressionando sua pelve contra meu pênis duro como uma rocha, sendo esmagado pela bermuda.

Sorri feliz.

— Você topa? — falei todo esperançoso, arqueando a cabeça. As costas de suas mãos vieram em meu rosto, esfregando na minha barba cerrada, fechei meus olhos com arrepios por todo o corpo.

Essa menina me deixa louco!

— Em outra oportunidade — disse num fio de voz. — Hoje realmente não é um bom dia para mim, ainda sinto as sequelas do desmaio... — Sorri compreensivo. — Eu preciso me recuperar...

— Claro! Tem razão — concordei enquanto meus dedos subiram a sua face, suavemente rastreando seu rosto apreciando cada ponto, examinando-a. Hesitante dei passagem, porém ela me assustou quando seus olhos se distanciaram ficando num ponto como se visse alguém, seu rosto ganhou uma cor branca. Olhei para direção que ela olhava e não vi ninguém, e quando voltei ela balançou a cabeça, indignada, entrou no carro e eu fechei a porta em seguida.

— Susie, eu não quero ser chato, mas eu preciso perguntar novamente? — falei depois que coloquei o cinto e olhei para ela. Ela baixou os olhos prevendo, é claro, sobre o que perguntaria.

— Se não se importa, eu não gostaria de falar sobre este assunto. — Ela levantou a cabeça, fitando-me de um jeito que apertou meu coração. Notei que precisava de ajuda, no entanto, eu achei melhor respeitar o seu espaço, considerando muito cedo para pressioná-la em alguma coisa.

— É claro!

Fechei meus olhos e dei a partida, com uma única certeza na minha vida, eu a quero para mim desesperadamente e sinto que é recíproco. Enquanto dirigia, a observava pelo canto de olho, estranhei seu jeito e pelo seu perfil notei sua tensão, uma linha se formava em seus lábios. O que me chamou a atenção foi quando baixou a cabeça e cobriu os ouvidos com as mãos e fechou os olhos com força.

— O que foi? — perguntei apreensivo, por um momento senti medo do que ela poderia dizer: que não me queria, que nunca mais quisesse me ver, coisas do tipo. Prendi a respiração. Ela ergueu a cabeça rapidamente, assustada encostou-se ao assento e virou para mim, sorrindo forçado.

Vi que ela tentava disfarçar, sem sucesso.

Misteriosa!

— Nada... Só estou ainda com um pouco de dor de cabeça — respondeu e voltou a olhar para frente como se não desejasse mais conversa.

Franzi a testa e voltei a olhar para frente, preso na desconfiança. Ainda era meia-noite, o Guarujá estava abarrotado de turistas caminhando pelos calçadões e a rua da orla congestionada. Todos queriam apreciar a luz da lua na superfície das águas, menos eu que estava mergulhado no medo de uma rejeição.

— Os avós do seu filho se dão bem com a sua nova esposa? — Ela quebrou o silêncio, e eu soltei o ar preso, relaxando os músculos, afinal qualquer coisa era melhor do que uma rejeição.

Lancei um olhar aliviado.

— Na medida do possível, sim... — Ela cerrou os olhos e deu de ombros com dúvidas. — A Kate é uma pessoa difícil, geniosa — continuei olhando para ela. — Confesso que não é nada fácil manter uma convivência saudável com ela.

— Então, por que você se casou com ela? Deve ter namorado antes, você disse que a conheceu na escola, então isso quer dizer que conhecia seu gênio, certo?

Eu balancei a cabeça de um lado ao outro.

— Na verdade, não sei te dizer, talvez seja porque ela era uma amiga de infância e isso influenciou na minha decisão.

— É difícil de entender como é possível passar tanto tempo ao lado de uma pessoa que não amamos! — Seu

comentário me fez repensar em minha vida, segurei o volante com força.

— Por incrível que possa parecer... considero-a como um apoio de vida.

— Já disse isso a ela? — Fitou-me com reprovação.

Eu gelei e por fim resolvi ser sincero.

Eu queria dizer a verdade, que em todo este tempo eu me distraí com várias mulheres e que nenhuma delas conseguiu nutrir o meu coração, mas eu não podia dizer isso nunca, principalmente a ela, pois me acharia "um galinha" e cairia fora mesmo antes de começarmos.

— Não... — Fechei os olhos com força com medo da sua reação, mas achei que deveria ser sincero.

Que eu nunca amei a Kate isso era verdade, mas nunca revelei meus verdadeiros sentimentos a ela. E pra quê? A forma como era nosso relacionamento até muito frio às vezes, era evidente que ela sabia exatamente qual era o grau dos meus sentimentos. E agora a vida me cobrava por minha omissão.

E o pior, a punição poderia ser perdê-la, eu não queria mais sofrer nenhuma perda significativa em minha vida.

Agarrei o volante com força e aguardei que dissesse alguma coisa.

E ela não disse uma palavra sequer, deixando a

dúvida pairando no ar, voltou à estrada e balançou a cabeça, antes de se ajeitar no banco e voltou-se em minha direção, me encarou um instante e voltou a fixar os olhos na estrada novamente.

Um pouco distante.

Liguei o rádio.

O interior do carro foi preenchido pela música mais doce e mágica. E seguimos em silêncio por fora, porque por dentro tudo estava em total desordem. Arrepios deliciosos caminhavam por minha coluna.

Repentinamente, o som de um celular interrompeu a música. Susie pegou em sua bolsa o celular, olhou para o visor e voltou em minha direção antes de apertar o botão para atender.

— Oi, mamãe... — falou baixinho. — Não é preciso se preocupar, é claro que estou bem. Estou aqui jantando com um amigo. — Ela me olhou e sorriu, eu retribuí o sorriso antes de olhar para frente, percebi que estava constrangida com a minha presença. Estava claro que a mãe lhe passava um sermão. — Tá, mãe, eu ligo sim. — E logo ela desligou.

— Sua relação com a sua mãe me pareceu muito boa — especulei e ela sorriu concordando.

— Muito, aliás, com os dois. O meu pai também é uma pessoa muito participativa na minha vida.

— E você os ajuda com os negócios?

— Às vezes — ela falou incerta eu a encarei. — Quero dizer, quase nunca! — Ela riu tão gostoso. Levei minha mão ao seu joelho.

Seus olhos vieram aos meus depois de alguns instantes.

— Eu só estudo e aproveito a vida, na verdade. — Eu a olhei surpreso com sua sinceridade.

— Mas isto não quer dizer que não possa se transformar numa boa *chef* de cozinha — disse com humor, ela bateu a mão no meu joelho sorrindo, muito animada, muito linda. Então estacionei o carro em frente ao prédio onde ela passava o fim de semana.

— Até parece! Eu nunca conseguirei chegar ao seu pé. — Inclinei para o lado e fiquei olhando-a com atenção.

— Susie... — falei pensativo.

Ela olhou-me com uma expressão estranha como se soubesse da minha pergunta, mas não me importei, eu precisava saber.

— Sim.

— Você tem namorado?

Seus lábios se abriram e sua expressão ficou tensa, o que fez me arrepender da minha curiosidade.

— Tudo bem, não precisa responder... — Seus dedos apertaram meu joelho, e eu fitei-a.

— Na verdade, eu tenho — disse pensativa em dúvidas. — eu nem sei mais se tenho. A minha vinda ao Brasil trouxe muitas discórdias, e desde que saí até agora não nos falamos ainda.

Uma avalanche de ciúmes *tomou meu coração* sem pedir licença. Senti um calor subir pelo meu rosto, respirei fundo a fim de me segurar.

— E você o ama? — Fechei os olhos com medo da resposta que não veio e os abri com o seu sorriso divertido.

Ela inclinou-se e beijou meus lábios rapidamente e deslizou até meus ouvidos.

— Você deu uma boa bagunçada na minha vida, senhor Chris — sussurrou, acariciando o meu queixo e levantando minha cabeça de forma que nos olhamos atentamente.

De repente, era como se nós estivéssemos num lugar apropriado. Apenas nós dois, meu corpo inteiro ficou vivo, cada terminação nervosa estava suavemente cantando, aquela eletricidade entre nós me puxava para ela.

— O que aconteceu com a gente foi algo tão especial para mim que nem tenho palavras para descrever. — Ela

chegou aos meus lábios, mordeu levemente e puxou de forma muito sensual, alertando meu pênis que entrou em estado de ereção; de repente, apertou tanto na bermuda que doeu. Mordi o lábio inferior dela e fechei os olhos muito excitado e passei as mãos ao redor do seu corpo, arrastando-a até o bloqueio do câmbio.

Maldito câmbio!

Suas mãos delicadas espalmaram meu peito e muito lentamente ela me empurrou, me afastando dela.

— Acho melhor, eu descer... — Sorriu, se virou, abriu a porta e desceu.

Eu fiquei ali a observando até dar a volta pela frente do carro e parar na calçada. Contrariado, soltei o ar com força, desci em seguida e fechei a porta encostando-me a ela.

Enlacei Susie novamente pela cintura, estava muito difícil se despedir.

— Você me deixou sem resposta... Eu preciso dela, sabia? — cobrei.

A princípio seu gesto foi de desgosto, gelei do pé à cabeça, mas logo sorriu beijando meus lábios rapidamente.

— Gostei do que aconteceu com a gente, também... — frisou ao se soltar dos meus braços me deixando ofegante e feliz.

Abriu o portão e entrou, subiu os degraus correndo em direção à porta de vidro, mas antes de abri-la ela se virou. Levou as mãos aos lábios, beijou e jogou no ar em minha direção, sorrindo com o coração apaixonado. Simulei pegar seu beijo no ar e levei aos meus lábios beijando estalado. Sem tirar os olhos dela, que sorria lindamente. Eu não me cansava de olhar aquela beleza natural, seus cabelos voando com o vento e seu vestido criando uma roda ao seu redor...

Pela porta de vidro vi o Flávio saindo do elevador me fuzilando com ódio. Mal olhou para Susie e passou por ela como se não existisse e desceu os degraus saindo pelo portão. Em seguida, me enfrentou posicionando-se à minha frente e encarando-me com fúria.

— Flávio...

Ouvi a voz dela descendo os degraus, vindo em nossa direção e voltei a encará-lo.

— Então é isso, agora a sua aventura é dar em cima de garotinhas indefesas... Você não presta mesmo, Chris... — acusou-me.

— Por que está fazendo isso, Flávio? — perguntou Susie incrédula segurando em seu braço e ele puxou com força, quase a derrubando.

Ele estava totalmente fora de si, aquela cena me deixou muito irritado.

— Você está louco, cara! — Afastei-a dele colocando-a ao meu lado de costas para o carro.

— O louco aqui é você... Ela é só uma criança, não percebeu, a sua ganância por conquistas o deixa cego a este ponto?

Meu sangue ferveu e apertei os punhos ao redor do meu corpo.

— Será que é esta mesmo a sua preocupação? — Olhei de forma irônica e ele travou os dentes. — Talvez esteja ressentido, afinal é a segunda garota que perde para mim — falei sem pensar, fui subitamente questionado com o olhar surpreso de Susie ao meu lado. Houve um momento de distração que nem percebi a mão fechada de Flávio voar em direção ao meu nariz, me socando com vontade, arqueando minha cabeça para trás, me deixando desnorteado. Vi somente estrelas e senti um líquido quente descer em direção aos meus lábios.

Levei a mão ao nariz enquanto me equilibrava.

— Não, Flávio! — O berro de Susie me despertou.

Ela se posicionou à minha frente como um escudo impedindo o próximo golpe, que parou a um centímetro do seu rosto.

— Seu imbecil! — gritei agressivamente colocando a mão na cintura de Susie para tirá-la da minha frente, mas ela se virou de frente e jogou seus braços ao redor do meu

pescoço.

— Por favor, não... — sussurrou. — Por favor — implorou.

Eu deitei a cabeça em seu ombro, manchando a alça de seu vestido de sangue, e concordei com a cabeça.

Então, ela estendeu a mão para trás.

— Por favor, Flávio, suba que eu já vou em seguida...

Com as mãos na cintura, ele olhou para o céu estrelado por um instante e grunhiu antes de se virar, entrar e fechar a porta de vidro finalmente.

— Me deixa ver isso — ela pediu toda preocupada analisando o ferimento no meu nariz. — Preciso limpar isso, você tem lenço de papel no carro?

Eu assenti.

Prestativa, ela pegou no porta-luvas e logo fazia toda a higiene pelo meu rosto.

— Eu devo estar horrível — disse com humor quando ela limpava meu queixo. Eu sentia meu nariz latejar, que parecia ter aumentado dez vezes de tamanho com o inchaço.

— Bem... Não está na sua perfeição... — Riu e eu ri também. — Mas quando chegar em casa, aplique uma compressa de gelo que tenho certeza de que vai ficar bem melhor.

Abracei sua cintura e inclinei minha cabeça, louco por um beijo seu quando ela me afastou com suas mãos em meu peito.

— Não... Não é prudente a gente continuar com isso aqui, afinal você tem que me explicar o que foi aquilo que disse, sobre uma segunda garota. — Abri meus lábios, porém seus dedos me silenciaram. — Depois... Agora preciso subir para acalmar a fera.

— Tem razão — concordei.

Ela se afastou e, mais uma vez, eu segurei em sua mão com força impedindo-a de partir. Eu sabia que não seria possível e o máximo de tempo que conseguisse já seria de grande valia. Ela sorria e ia se afastar novamente, mas eu a puxei para mais um abraço, e o beijo foi inevitável. Um beijo longo, quente, que me deixou com a esperança de um próximo encontro.

— Eu te vejo depois? — sussurrei ao soltar suas mãos, ela riu e concordou antes de se virar e entrou pelo portão.

Eu fiquei ali contemplando até a porta de vidro se fechar, com o nariz enorme de inchado, porém completamente feliz.

***

Susie

Suspirei ao abrir a porta do apartamento, me preparava para enfrentar Flávio.

Surpreendi-me ao encontrar as luzes da sala apagadas e acendi no interruptor ao lado do batente e varri o olhar ao redor, ninguém.

Finalmente relaxei meus músculos tensos.

Fechei a porta, apaguei a luz e aproveitei para seguir nas pontas dos pés para meu quarto respirando lentamente a fim de evitar qualquer ruído. A porta do Flávio era a primeira e notei que o silêncio era absoluto e continuou até entrar no meu quarto e fechar a porta muito devagar a fim de evitar qualquer ruído.

E só, na segurança, é que respirei normalmente, acendi a luz ao lado da porta e me sentei nos pés da cama, apoiei os cotovelos nos joelhos e segurei minha cabeça, e ali eu desabei, chorei tudo o que estava acumulado desde a aventura sinistra dentro daquele espelho.

Céus! Mas o que aconteceu? O que foi aquilo? Quem é aquela mulher dentro do espelho? E a outra que vive me atormentando me pedindo ajuda, e por que ela estava lá na casa do Chris. Aos poucos, deixava de ser apenas um flash que eu via, era possível definir um pouco mais com clareza seu rosto, ficou claro que as duas eram pessoas diferentes.

Afinal quem são estas pessoas? Ou quem foram elas? Esta era a pergunta correta.

Essas perguntas não tinham respostas e talvez nunca viesse a ser esclarecidas.

Socorro! Socorro!

E esse maldito pedido de socorro de novo?

Olhei ao redor, tremia muito de nervoso.

— Sai daqui... O que você quer comigo? Sai daqui... — gritei abafado entre as lágrimas para não chamar a atenção do Flávio.

Levantei bruscamente da cama e fui me encostar na parede do outro lado.

Socorro! Socorro!

Aqueles pedidos cada vez mais perto de mim me assustavam. Tão perto que estendi minha mão no vazio movimentando de um lado ao outro, com a impressão de que ela estava muito próxima.

— Sai daqui! Vai embora, por favor, por favor! — Desesperada entre as lágrimas, me deixei cair de joelhos e chorei. — Vai embora, me deixe em paz...

O silêncio tomava conta do quarto, só minhas fungadas eram possíveis de se ouvir.

Apoiei meus antebraços no chão, apoiando minha cabeça neles e chorei como nunca chorei antes.

Estava farta de tudo aquilo, nem feliz mais eu podia ser.

Justamente agora que conheci alguém tão maravilhoso, eu não poderia seguir em frente. Os fantasmas me perseguiam e não me deixavam em paz e depois que atravessei aquele espelho parece que as coisas cresceram, tomaram uma dimensão que eu não poderia suportar.

— Eu quero morrer — sussurrei entre as lágrimas.

Socorro! Socorro!

— Pare! Pare com isso, eu não posso ajudar seja quem for não entende que você está fora do meu campo de visão.

Um ruído de porta se abrindo vindo do corredor fez aquela voz ir embora.

Tentei segurar o choro, mas estava difícil, eu não sabia mais o que fazer, tive que me esforçar na casa do Chris para que ele não percebesse meu estado, aquela maldita fantasma me pedindo socorro na porta do banheiro, me seguiu até a sala. Quase não consegui prestar atenção na gentil senhora, a sogra do Chris, dedicando tanta atenção a mim. Tudo porque precisava mostrar que era forte, madura, quanto na verdade eu estava em pedaços, fraca sem forças.

Eu comecei a repensar minha vida, embora resistisse eu chegava a terrível conclusão de que não era exatamente de remédios que eu precisava.

Balancei a cabeça expulsando aquela conclusão, eu não podia entrar nessa, não estava preparada. O melhor mesmo seria voltar na segurança do meu lar, com o apoio dos meus pais.

E aproveitaria que o Flávio, furioso como ficou, me expulsaria de sua casa e com toda a razão. Como a Molly mesmo disse, eu estava envergonhando-a. Decerto o Flávio estava pensando que eu era uma vadia acostumada a sair com muitos homens, ele não permitiria uma companhia assim para sua filha...

A porta do quarto se abriu tão repentinamente antes que eu pudesse me recompor. Era como se o Flávio estivesse com a mão na maçaneta pensando se entrava ou não até que decidiu que sim.

— Susie... o que aconteceu? — Ele correu e segurou em meu ombro ajudando-me a levantar.

De cabeça baixa fui me sentar na beirada da cama, tentando disfarçar as lágrimas.

Ele se abaixou a minha frente e segurou em meu queixo.

— Eu ficaria muito mal se você me dissesse que eu sou o causador desta tristeza — ele falou tão envergonhado que levantei os olhos me deparando com os seus olhos aflitos de profundo arrependimento.

— Não. É claro que não! — falei desabando.

Ele me abraçou confortavelmente, deitei minha cabeça em seu ombro.

— Então me diz o motivo deste choro, por favor, eu preciso me redimir... — Arqueou a cabeça para olhar em meus olhos.

Dei de ombros com um soluço, sua mão se soltou de mim e as costas delas secaram minhas lágrimas, e sorriu compreensivo.

— Então deve ter a ver com algo que trouxe com você. — Fiquei surpresa e o olhei intrigada.

Ele balançou a cabeça, se levantou e se sentou ao meu lado.

— Desde que você chegou, notei que tem algo que perturba você, percebi algumas vezes você conversando com a Molly sobre remédios... — falou baixinho, eu virei a cabeça para seu lado e o encarei.

— Ouviu? — perguntei indignada Ele ficou preocupado.

— Eu prometo que não andei ouvindo atrás da porta, eu juro. — Ele cruzou os dedos indicadores e beijou em sinal de juramento, eu achei muito engraçado seu jeito e arrancou um risinho fraco. — É que vocês falavam um pouco alto demais, sabe? — disse com os dentes trincados aguardando minha reação, então achei uma boa oportunidade para despistá-lo.

— Eu não pensei nisso... — confirmei. — Os remédios são para as dores fortes que sinto na cabeça — menti e ele me olhou atribulado.

— Ai, me desculpe, acho que ficou chocada com o que fiz! Mil desculpas. Eu só queria proteger você, acredita em mim, não é mesmo? — Sua mão segurou a minha sobre o joelho.

— Não precisa se desculpar, estas dores persistem desde hoje de manhã.

— Precisa tomar os remédios, eu concordo com a Molly que não pode parar um tratamento sem ordem médica. — Ri e franzi a testa.

— Pelo jeito você ouviu demais! — falei com humor e ele se levantou rapidamente, confuso com a suas mãos sem saber onde colocá-las.

— Me desculpa, mais uma vez... — disse após colocar as mãos, no bolso da calça.

— Está tudo bem, eu só preciso descansar um pouco... — Ele assentiu sem dizer mais nada.

Virou e seguiu em direção à porta.

— Flávio, o que o Chris quis dizer sobre a segunda garota? — Ele parou com a mão na maçaneta, notei certa angústia com a minha pergunta. Como se pensasse em algo para responder demorou alguns segundos antes de se virar de frente a mim, tenso.

— Nem eu sei... — Encolheu os ombros. — O Chris e eu tivemos alguns desentendimentos na adolescência e acho que ele guardou rancor.

Ele tentava ser convincente, porém não conseguiu, hesitou a cada palavra.

— Tipo assim: com garotas? — insisti.

Um vermelhão subiu para seu rosto, suas mãos ficaram trêmulas, ele brincava com os dedos a fim de disfarçar.

— Coisas de moleque, só isso. Boa noite e tome seu remédio, viu? — Eu concordei e o acompanhei com o olhar, sem falar nada, até que ele saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

Sequei minhas lágrimas com as costas da mão e me levantei. Abri o armário, peguei minha camisola de seda branca e troquei de roupa, deixando meu vestido para lavar. Mas algo me alertou em relação ao perfume e o sangue do Chris impregnado nele, peguei segurando com as duas mãos e trouxe até meu nariz inalando o perfume.

Fechei meus olhos com um frio na barriga, revivendo nosso momento sublime. Eu daria qualquer coisa para estar com ele, e por ele eu não podia partir, não seria possível.

Mas refleti um pouco, tinha que ser discreta, não desejava contrariar mais o Flávio. Ele foi tão receptivo

comigo, eu não poderia magoá-lo principalmente nesta fase de sua vida, com a sua mãe só esperando para morrer.

Eu conseguia sentir sua dor.

Guardei o vestido dentro da minha mala, queria levar seu cheiro comigo, aquele vestido passou a ser um elo entre nós. O pensamento levou o medo embora, a voz sumiu e finalmente senti um momento de paz. Entrei no banheiro, fiz toda a minha higiene pessoal sem olhar para o espelho nem por um segundo, não queria correr o risco de viver aquilo novamente, nunca mais. E voltei para o quarto, apaguei a luz e deitei cobrindo-me até a cabeça, colocando o celular embaixo do travesseiro quando ele vibrou.

"Delete de sua mente todos os problemas que vivemos hoje, deixe só a parte boa fazer sua morada. É exatamente assim que estou fazendo e meu coração está pulsando enquanto eu estou morrendo de saudades! Durma com os anjos pensando em nós... Beijos e até amanhã."

Escrevi de volta:

"Até amanhã, até amanhã, até amanhã..."

E a resposta veio com um coração enorme pulsando.

Eu não tinha certeza se ia conseguir dormir, todo o meu corpo ansiava por ele, nunca me senti tão feliz. Segui seu conselho, mergulhei nas lembranças somente boas que sobrepuseram as ruins e acabei adormecendo.

Senti um toque em minha bochecha e abri os olhos lentamente, acostumando-me com a claridade que entrava pela janela. Ao meu lado com o corpo inclinado, a Molly me encarava com um sorriso insinuante nos lábios, seu rosto amassado e o cabelo levemente bagunçado.

Era típico de quem acabou de acordar.

— Bom dia! — sussurrei arrastadamente, abrindo a boca num bocejo. Ela rosnou e eu nem sei por quê. — Não era para você estar dormindo? — perguntei ao me lembrar da balada.

Ela revirou os olhos, impaciente.

— E quem é que consegue dormir com o seu celular vibrando debaixo da sua cabeça. — Senti aquilo como um ataque antes dela voltar a se deitar.

— Sério? — Apoiei o cotovelo na cama e o peguei. — Nossa, nem percebi.

Olhei para o visor.

— A noite deve ter sido mesmo exaustiva para dar este apagão em você — insinuou com humor.

Eu nem te conto!

Ela cobriu a cabeça enquanto eu lia a mensagem do Chris com o meu coração agitado no peito:

"Acorda, dorminhoca, espero poder contar com a sua companhia neste domingo, afinal é um finalzinho de semana, posso? Não aceito não como resposta, somente um SIMMMMM."

Pensei por um instante, eu não via como poderia sair sem que o Flávio percebesse, ele de imediato notaria que me encontraria com o Chris. O jeito era pedir a ajuda da Molly, mas não tinha certeza se ela estava disposta a me ajudar, até mesmo porque não ia contar a ela o que aconteceu.

— Molly...

— Hummm! Me deixa dormir... — rosnou nervosa virando para o outro lado.

— Molly, acorda, eu preciso de um favor seu, você precisa me ajudar.

— Mas tarde! Tá bom?

— Não, Molly, tem que ser agora, você é minha amiga e só posso contar com você. — Ela coçou a cabeça e se virou para mim, sonolenta.

— O que é que você quer?

— A mensagem é do Chris. — Revirou os olhos com impaciência.

— E o que eu tenho a ver com isso? Se vira com ele. — Então, se virou de costas novamente.

A Molly quando pega no sono é difícil de acordá-la. Eu já estava acostumada com este seu jeito e insisti mais um pouco.

— Vai, amiga, seja camarada — insisti com voz manhosa.

Ela bufou e se virou novamente.

— Falaaa, malaaaa! — brincou colocando a mão debaixo da cabeça. — Agora você me acordou mesmo. Vai, desembucha!

— Ele está me convidando para sair com ele. — Ela deu de ombros.

— E o que isto tem de mais, saia com ele, se quiser, é claro — respondeu diretamente.

— Eu quero e muito, mas se esqueceu do seu pai? Acho que ele não vai ver isto com bons olhos — falei ao recordar a noite de ontem.

Ela coçou em cima das pálpebras e grunhiu.

— Tem razão! — Ficou em silêncio por alguns instantes enquanto pensava. — Bem, se ajudar, marcamos um passeio para hoje, o lugar que se chama... — Pensou um pouco. — Acho que é... Juréia, uma estação ecológica

não muito longe daqui... — Abri aquele sorriso esperançoso, era uma grande chance, eu precisava dela. — De repente, você pode continuar com a indisposição de ontem, sei lá.

E se virou dando as costas mais uma vez.

Depois do que aconteceu ontem, eu não estava certa se a desculpa ia colar, por fim resolvi arriscar porque precisava ver o Chris mais uma vez.

— E que horas vocês marcaram? — perguntei, ela voltou e pegou o seu celular sobre o criado-mudo.

— Às 9h30. Eu teria mais uma hora e meia para dormir se você não tivesse me acordado — protestou entre um bocejo.

Imediatamente eu respondi a mensagem.

— E como foi sua noite ontem, boa? — quis saber finalmente desistindo de dormir.

— Muito. Só um minuto que já te conto. — Terminei a mensagem e coloquei o celular embaixo do travesseiro.

— O Chris é um cara muito legal, carinhoso... — Fiz cara de apaixonada e ela me olhou torto.

— Ei, Susie! Não vale se apaixonar... Ou esqueceu que a distância entre você é de apenas um oceano? — Dei de ombros. — Seria uma grande burrice se apaixonar por ele. — Se sentou na cama me olhando, perplexa. — Não... Você transou com ele?

Eu assenti, sorrindo com os lábios apertados, emocionada sem nenhum arrependimento.

— Meu Deus, gente! E onde fica o Johnny nesta história? — Ela colocou as mãos à cabeça eu gelei ao me lembrar dele.

Senti uma mistura de pena, sei lá.

Nunca deveria ter feito a promessa que ele seria o meu primeiro.

— Pois é, amiga! Quebrei a promessa que fiz a ele, pensei que eu quem comandava meu destino, mas agora sei que o destino é quem me conduz.

— Eu estou bege... e preocupada.

— Com o quê?

— Quando eu concordei com você sair com ele, era apenas para se divertir, só isso. Ele é um homem casado, mais velho e como acha que isso vai acabar? — Ela plantou uma dúvida enorme dentro de mim.

Fiquei em silêncio pensando até me convencer de que eu não deveria me preocupar com o futuro, o presente estava de muito bom tamanho. Feliz, sóbria e, na realidade, era só o que importava.

— O futuro a Deus pertence, eu só sei que preciso conhecer um pouco mais sobre ele.

Ela se jogou de costas na cama olhando para o teto.

— Espero que não se machuque... — E então virou para mim novamente. — E como foi transar com um cara mais velho? No fundo, eu sempre tive vontade de conhecer um cara mais velho, experiente. — Trincou os dentes apertando os olhos.

— Assanhada — brinquei e ela riu alto, abrindo os braços na cama.

— Foi bom?

— Apesar da minha inexperiência sexual... foi divino! — frisei longamente e ela riu estremecendo sob a cama.

— Ai que inveja! — murmurou. — Será que o filhão é tão bom quanto o papai? — indagou ela safada, mordendo o lábio inferior.

Rimos juntas.

— Isto eu já não posso afirmar... Por que você mesma não faz um teste? — Pisquei e ela sorriu.

— Acha mesmo que vou deixar passar a oportunidade? Nunca, minha filha. O problema é que ainda não deu certo de ficarmos sozinhos. Só estamos mesmo nas mãos — seu tom de voz soou decepcionado. E voltou a me olhar sério. — Mas cuidado para não se machucar, ok?

Eu concordei com ela, feliz por ter uma amiga de verdade, alguém que eu podia contar sempre. Ela era a

minha irmãzinha do coração.

Flávio não fez comentário algum quando eu pessoalmente lhe disse sem hesitação que estava indisposta. Pela sua cara deixou claro que conhecia a minha intenção e depois de ontem acho que caiu no real e resolveu me deixar em paz.

Não ia deixar escapar a felicidade por entre os meus dedos.

Sentia esta fase da minha vida como uma oportunidade e nem sabia quanto tempo ia durar, mas também nem estava interessada. O tempo que durasse para mim já era o suficiente. Não deixaria o Flávio me intimidar, não tinha nada a ver com a minha vida, este controle já estava passando dos limites.

Chris segurou forte a minha cintura me puxando, como se já estivéssemos sem nos ver há dias.

Beijou meu pescoço.

— Não aguentava mais de saudades... — sussurrou ao meu ouvido.

Então me virou de frente a ele.

— Então, vamos aproveitar logo porque eu estarei indo embora e...

— Não. — Foi impossível continuar explicando com o seu não horrorizado.

Sua expressão se fechou de imediato e suas mãos

seguraram em meu rosto, me obrigando a encará-lo. Havia medo em seus olhos que se abriram um pouco mais.

Eu estaria vendo o que achava ver?

Será?

Ou era apenas o que o meu cérebro sugeria?

— Você não pode ir embora... — Sua voz saiu tão desesperada que seus olhos se encheram de lágrimas, aquilo parecia um sonho para mim.

Fechei meus olhos conforme seus lábios se aproximavam dos meus, roçando sobre os meus, antes de sua língua invadir minha boca de forma lenta, deliciosa, apaixonante, excitante. Todo o meu corpo correspondeu ao seu carinho e uma tocha se acendeu me incendiando por dentro. Um calor tomou conta de mim e toda aquela energia explodia de meus poros em forma de gotas de suor.

Um beijo perfeito, calmo... apaixonado.

A conclusão me deixou temerosa, então parei de beijá-lo. Eu não poderia me apaixonar, não com tudo me afastando dele...

Ele percebeu meu receio e se afastou para olhar em meus olhos.

— A minha vida é em Miami... — Meu coração se apertou conforme eu falava.

Ele balançou a cabeça em sinal negativo.

— Quando você pretende voltar para Miami? — perguntou ele num fio de voz.

— Ainda temos tempo de sobra, meus pais virão se encontrar comigo.

Ele selou meus lábios.

— Então não falaremos de partida, ok? Não por enquanto.

Eu assenti que sim recebendo um forte abraço dele.

Passeamos o dia todo pelo Guarujá, almoçamos, caminhamos pela praia, circulamos por toda a cidade. Ele me apresentou todos os pontos turísticos, eu fiquei encantada com tudo. E antes do sol se pôr, fomos para sua cama e tivemos mais longos momentos de amor, transamos três vezes, tudo foi maravilhoso, perfeito.

— Ontem eu fiquei muito intrigado com a forma que o Flávio agiu, ficou claro o interesse dele em você.

— Nossa relação é apenas de amizade. Ele é o pai da minha melhor amiga e isso é tudo.

— Muito diferente do que ele demonstrou ontem, aliás, eu queria pedir desculpas pela grosseria, eu não entendi nada do que aconteceu, realmente.

Ele franziu o cenho, me deixando curiosa.

— Confesso que já notei seu interesse, da forma incômoda que me olha, no entanto ele comentou que eu trago as lembranças do passado, o faz lembrar-se de

alguém especial.

Chris ficou branco de repente, colocou as mãos atrás da cabeça e seu olhar se distanciou.

— O que foi? — Fiquei assustada. Ele voltou o olhar indecifrável.

— Nada... — respondeu.

Socorro! Socorro!

Prendi a respiração ao ouvir aquela maldita e irritante voz novamente, próxima, alta em total desespero. Olhei ao redor e Chris acompanhou meu olhar e voltou com cara de quem não entendeu nada.

Embora ele já tenha percebido e perguntado sobre este meu estado anormal preferiu a discrição. *Que lindo!*

Eu precisava me controlar para não deixar transparecer o que se passava comigo.

— E que história foi aquela de que ele perdeu duas garotas... — lembrei-me.

Ele olhou-me por cima dos olhos.

— Nada de mais, é que no passado disputamos a mesma garota e parece que agora está acontecendo de novo — gelei com o tom baixo de sua voz.

— E você ganhou a garota do passado? — perguntei com um aperto no peito.

Ciúme!

Sei lá o que eu sentia, apertei meus lábios para impedir as lágrimas de caírem e aguardei a resposta que me pareceu tão dolorosa sem mesmo conhecê-la.

— Nenhum de nós dois, ficamos a ver navios. — Sua voz saiu contida, triste e eu não entendi, mas achei que toquei em alguma ferida que o machucou e resolvi mudar o rumo da prosa.

— Agora é diferente... — garanti.

Ele inclinou a cabeça olhando-me lindamente com sua testa enrugada.

— Você não está disputando ninguém, eu nunca tive e nunca terei nada com ele. Eu juro.

Um sorriso de satisfação se abriu em seus lábios.

— Ainda bem, eu quebraria a cara dele se colocasse as mãos em você — ameaçou com humor.

— Pega leve com ele — pedi. — O coitado está passando uma fase difícil, a mãe dele está em coma no hospital, você a conheceu?

— Não... mas soube o que aconteceu, e sinto muito por isso. A vida é assim mesmo, as perdas existem e não podemos fazer nada em relação a isso a não ser nos conformamos e seguir em frente. — Fiquei com o coração partido com a forma dolorosa de suas palavras ditas, queria compartilhar com ele toda a sua vida, não só agora.

Arrastei-me sobre o lençol, sua mão passou pelo meu

ombro, eu deitei a cabeça sobre ele e ele deitou a sua sobre a minha. Um segundo de silêncio surgiu entre nós, compartilhava com ele a sua perda que deixou sequelas profundas, como se ela fizesse parte de mim. Entrelacei as pernas ao redor de seu corpo e deitei a cabeça em seu peitoral quente, úmido pelo suor, tínhamos um pouco mais de tempo para ficarmos juntos e não desperdiçamos.

Já era noite quando Chris estacionou o carro em frente ao apartamento da tia do Flávio.

Capítulo Dezesseis

Chris

Ainda bem que o Eric dominou o volante em retorno a São Paulo, aproveitei o momento para sonhar com a Susie, com a cabeça encostada no encosto do banco, olhando a paisagem da serra passar rapidamente pela janela, suspirando e me deliciando em pensamento.

— Acho que eu posso até adivinhar o que se passa aí na sua cabeça, seus suspiros o denunciam.

A voz de Eric cortou o silêncio dentro do carro, virei a cabeça em sua direção e ele sorria divertido com os olhos na estrada.

— Pois é, meu filho, pensei que nunca mais ia me apaixonar na vida e acho que me enganei completamente — confessei em meio a um suspiro.

Ele riu orgulhoso e me olhou rápido.

— Percebe-se. — Seu tom de voz mudou, passou para preocupado. — Pai, não quero ser estraga-prazeres, mas não pode esquecer que a garota está aqui no Brasil de

férias e logo ela vai embora e seguir a sua vida, e...

— E voltar para o auge da sua juventude! Eu sei... — Aquela verdade me dava um enorme desânimo e vazio dentro de mim.

— Não foi isso que eu disse, pai... — ele tentou continuar.

Endireitei-me no banco e estendi a mão para ele silenciar.

— Você tem razão... — Passei as mãos pelos cabelos ajeitando-os para trás. — Eu penso em tudo isso, às vezes até me envergonho deste relacionamento, do que as pessoas poderão dizer. — Olhei para ele orgulhoso de sua postura madura aos 18 anos, pensando que eu tinha o melhor filho do mundo e o melhor amigo. — Mas quer saber, não importa o que dizem ou pensam, o importante é o que estou sentindo.

Ele me olhou em dúvida.

— Ela sente o mesmo que eu... — afirmei, com uma certeza que eu não sabia de onde vinha.

— Bem, se você está ciente dos riscos acho que você está certo, deve seguir em frente e curtir este momento.

— É exatamente isso que vou fazer, não quero mais pensar no amanhã, eu já fiz isso no passado e o amanhã não existiu e eu deixei de fazer tantas coisas e fiquei perdido no tempo. E agora que encontrei meu tempo, é

nele que quero pensar no presente, quem sabe eu reescreva um lindo futuro. — Pisquei, confiante.

Eric sorriu.

— A Susie mexeu mesmo com você! — Eu assenti com a cabeça.

— Completamente... E você e a amiga dela, a Molly?

— A gente se dá muito bem, pai.

— É algo sério? — perguntei ao me lembrar da Renata.

Ele deu de ombros.

— Talvez... Eu ainda estou confuso.

— Por causa da Renata? — Ele apertou os lábios, chateado. Seus olhos verdes estavam confusos.

— Na festa, eu oficializei o namoro com a Renata, e agora não sei mais qual desculpa eu vou dar a ela... Ela não merece ser magoada, é uma pessoa e tanto.

— Se suas conclusões chegaram a este ponto, então quer dizer que não sente exatamente pela Renata o que achou que sentia, certo? — Ele concordou agarrando o volante com mais força sem olhar para mim.

— Então, meu filho, o melhor a fazer é ser sincero com a Renata. Joga limpo com ela, a verdade sempre é a melhor escolha — aconselhei.

— É, você tem razão, vou fazer isto.

Comecei a rir no silêncio, refletindo sobre tudo. Sentia-me dezoito anos mais novo e estava gostando desta minha fase. E esta alegria me trouxe uma vontade sem igual de continuar a minha vida, agora que ela tinha um novo sentido.

Afinal eu estava à frente de duas empresas que somavam mil funcionários. A Construbens cresceu muito nestes dezoito anos, o que me tomou muito tempo. O que foi ótimo, me ajudou a superar a perda e a responsabilidade de criar um filho sozinho...

Bem, na verdade eu estaria sendo injusto com os meus sogros e meus pais. Eles estiveram ao meu lado, dividindo todas as responsabilidades na criação do Eric.

O fato é que eu estou diferente, é como se eu tivesse voltado no túnel do tempo.

Eric entrou na garagem e o seu celular tocou, notei que ele falava um assunto íntimo com a Molly, então desci para dar-lhe mais privacidade, abri o porta-malas, peguei minha mochila e a dele e entrei em casa pela porta da cozinha. A casa estava um silêncio com as luzes apagadas, um breu absoluto, imaginei que Kate dormia, pois seu carro esporte vermelho estava na garagem.

Larguei a mochila na lavanderia sem tirar nada de dentro, pois todas as roupas haviam sido usadas precisando de uma boa lavagem e subi para o quarto. A janela do fundo iluminava o corredor escuro, nem acendi

a luz e entrei no meu quarto.

A cama arrumada despertou desconfiança.

Diabos, onde a Kate se escondeu?

Voltei para o corredor e deixei a porta do quarto aberta e no fim do corredor percebi um pequeno facho de luz que saía debaixo da última porta, estranhei, afinal o quarto de hóspedes ficava sempre com as luzes apagadas.

Segui em direção quando ouvi sussurros:

— E por que hoje não dá? — Ouvi uma voz masculina ao fundo, de imediato reconheci a voz do Ivan.

Abri a porta, o quarto estava no escuro iluminado pela luz do banheiro, então cruzei a porta e me deparei com a Kate, sentada sob o tampo do vaso sanitário falando ao celular no viva voz.

Ela ergueu a cabeça, dentro de seus olhos azuis formaram-se sombras, e seu rosto ganhou uma tonalidade vermelha ao mesmo tempo que, com suas mãos trêmulas, apertou o aparelho entre os dedos.

— Tudo bem, então eu vou falar com ele, se ele concordar eu volto a te ligar — falou ela com os olhos fixos em mim, parado à porta com a mão no batente. Então, desligou em seguida se levantando e vindo em minha direção.

— Até que enfim você chegou, querido. Esta casa sem você e o Eric fica um vazio tremendo. — Beijou

minha bochecha.

Franzi a testa, não sei por que eu sentia um cheiro da mentira por ali.

— E quem era ao telefone? — perguntei áspero embora já soubesse exatamente.

— Ah... — ela começou a falar erguendo o aparelho diante de nossos olhos. — É o Ivan, imagina, ele quer fazer o aniversário dele no sítio do pai e faz questão da nossa presença. Até parece que eu vou sair do conforto da minha casa para ir aquele sítio pavoroso no fim do mundo.

O sítio não era tão ruim como ela pintava. Era um lugar simples no interior de São Paulo. Era afastado, mas um lugar até bom para descansar e para quem realmente gosta de curtir a natureza. O Ivan sempre esteve acostumado ao luxo, mas até seu pai perder toda sua fortuna com jogos de azar. Então, comprou esta propriedade e se isolou por lá.

Desde então, o Ivan mudou muito, ele já era meio esquisitão na adolescência e na falta do dinheiro começou a andar com companhias que desagradou a todos nós. Só a Kate mesmo continuava com a amizade ainda, nunca questionei esta amizade porque os dois eram unidos na nossa época de escola, no entanto me incomodava o fato dele estar sempre presente e algumas vezes cochichando com ela.

Não por ciúmes, o Ivan destratou muito a Lucy e eu

nunca esqueci sua hostilidade só que este comportamento se agravou e, de repente, ele começou a me tratar com brutalidade sempre me atacando verbalmente e aquilo me irritava e a Kate sabia muito bem disso e mesmo assim ignorava.

— Ir hoje ao sítio? — falei intrigado e ela arregalou os olhos assustados.

— Ah... vo-você ouviu? — gaguejou diante do meu olhar indagador. — É... Imagina sair hoje?

Passou por mim em direção ao quarto e saiu sumindo no corredor.

O que será que esta mulher está aprontando?

Bem...

A felicidade que eu sentia era algo muito maior do que aquele problema, não ia perder meu tempo, então voltei ao quarto. Ela já estava na cama embaixo dos lençóis e sorriu quando fechei a porta.

Eu passei por ela direto para o banheiro, neste momento as emoções tomavam meu corpo e só um banho frio para me acalmar. Demorei pacas debaixo do chuveiro, quando a Kate apareceu na porta e encostou-se ao batente me olhando com curiosidade.

— Pelo jeito, a viagem foi boa...

— Muito... — Não consegui esconder meu sorriso de felicidade deixando-a com olhar conjeturado.

— E o que aconteceu por lá? Você está diferente, suspirando pela casa... — investigou se aproximando do boxe e o abriu, seus olhos desceram para meu pênis ereto, pulsando. Cobri-o com as mãos e ela ergueu a sobrancelha, neste instante o toque do celular sobre a bancada de mármore branco da pia ecoou pelo banheiro. Kate inclinou a cabeça em direção a ele e eu estremeci. Saí do boxe correndo com água escorrendo do meu corpo formando-se poças no chão de mármore, quase a derrubando.

Ela fez careta me olhando enraivecida.

Logo quando coloquei meus olhos no visor, vi a mensagem da Susie e apaguei a luz de imediato.

— De quem é a mensagem? — perguntou desconfiada sobre meus ombros. Olhei-a por cima dos ombros.

— Meu pai, reclamando que não avisei sobre ir à praia — menti me afastando e peguei a toalha para me secar.

Seus olhos safados desceram para meu pênis. Ela se aproximou e encheu sua mão com ele e beijou meu pescoço. Eu estiquei o pescoço. Sua boca era como navalha me perfurando, me machucava escorreguei para o lado para fugir e ela me fuzilou com os olhos.

— É impressão minha ou eu estou sendo rejeitada aqui? — indagou com sua voz áspera.

Típico de quando está com raiva, a Kate é daquelas pessoas acostumadas a ter tudo o que quer e na hora que bem entende. E este seu jeito sempre foi um dos maiores obstáculos entre nós. Ela não suporta o fato de ser contrariada e quando isso acontece, ela se transforma em uma felina selvagem pronta a devorar.

Enrolei a toalha na cintura e andei em direção à porta pensando se era uma boa hora para comentar sobre o divórcio, mas, enfim, desisti porque estava feliz demais para me chatear.

— Como sempre, dramática. É claro que não... É que me lembrei de uma reunião logo cedo amanhã e preciso dar mais uma lida no relatório.

Ela me seguiu até o quarto bufando com seus olhos azuis demoníacos me perseguindo. Vesti uma camiseta branca de manga curta, um shortinho de algodão que costumo dormir e abri a porta do quarto.

— Vou até o escritório, prometo que em cinco minutos eu volto.

Ela cruzou os braços e franziu os olhos, bufando de raiva

— Me espera, hein! — E fechei a porta logo ao sair.

Hoje em especial eu queria dormir com o sabor da Susie. Tudo dela ficou impregnado em mim.

Entrei no escritório e tranquei a porta antes de ler a

mensagem.

"Fez uma boa viagem, espero que sim. Acabamos de chegar e quero que saiba que já estou morrendo de saudades. Um beijo do tamanho do mundo. Boa noite."

"*Que bom que chegou bem... Eu cheguei em paz também, e com ainda mais saudades, amanhã após o trabalho quero jantar com você. E não aceito um não como resposta."*

"Marcamos amanhã, então. Beijos! Sonhe com os anjos e comigo."

Com o coração aos pulos, parecendo criança com um brinquedo novo, respondi:

"Com certeza."

Assim que coloquei o celular sobre a mesa de madeira escura ele vibrou, atendi de prontidão ao ver que era minha sogra.

— Alô.

— Oi, Chris. Não consegui dormir antes de saber se vocês chegaram bem — ela falou com aquele seu jeitinho

de mãe que se preocupa com seu filho. Era sempre assim, ela me adotou como filho e por isso eu amo os meus sogros.

— Chegamos sim, dona Lillian, graças a Deus! —Eu podia visualizar sua expressão de alívio.

— E aquela moça, teve notícias dela, sabe se ela melhorou?

— Melhorou sim... — Resumi as palavras, meio sem graça com aquela situação. Ouvi seu sorriso aliviado.

— É impressionante como ela lembra nossa Lucy, você não acha, Chris?

A pergunta me pegou de surpresa, mas eu não poderia mentir para ela, vi a alegria nela quando conversava com a Susie.

— Lembra muito, mesmo! — Concordei, visualizando seus olhos verdes tão parecidos.

— Eu gostaria muito de vê-la novamente, conversar um pouco mais... Por que você não a traz aqui em casa? — sugeriu ela toda eufórica.

— Levá-la a sua casa, tem certeza?

— Nada me daria maior prazer. Olhar para ela foi o mesmo que ter a minha filha perto — fungou.

Cortou meu coração, o correto era mantê-la a distância da família, principalmente da Kate, mas eu não poderia dizer não para a minha sogra.

— Eu vou fazer o convite...

— Amanhã...

— Amanhã? — quase gritei assustado.

Aquilo não estava acontecendo, é claro que não!

Mas estava sim.

— É, Chris, traga-a para jantar. Geralmente segunda-feira as pessoas não têm compromissos.

— Eu não sei... Fiquei com dúvidas...

— Por favor... — Seu tom de voz implorando acabou me convencendo.

— Tudo bem... Eu vou falar com ela. — Seu suspiro empolgante, empolgou até a mim.

— Espero vocês amanhã. — E antes que eu dissesse mais alguma coisa, ela desligou.

Fiquei ali rindo olhando para aquele aparelho na minha mão, pensando em como era o destino. Ele faz traços na nossa caminhada que não podemos desviar.

Incrível!

Pensei em ligar de imediato para a Susie para fazer o convite, seria uma ótima desculpa para falar com ela mais um pouco, porém resisti àquela vontade, ela poderia ver aquilo como um grude. Joguei o celular sobre a mesa, fui até a estante com vários livros escolhi qualquer um na verdade sem ler o título e desabei sobre o sofá de couro

no canto do escritório. Ficaria por ali até que a Kate adormecesse.

***

Susie

Dona Maria Eduarda estava em sua mesa de leitura com seus livros sobre vidas passadas, viagem no tempo, túnel, estas coisas. Conversamos um pouco na sala, contamos as novidades e ela demonstrou muita felicidade com a nossa empolgação.

Sério o tempo todo, Flávio quase não falava e me ignorou desde o Guarujá.

Eu fiquei constrangida com o seu comportamento e comecei a pensar na possibilidade de ir para um hotel.

Ir embora nunca!

Eu queria ficar no Brasil o maior tempo possível, curtir a paixão. Parecia mentira que eu estava vivendo toda aquela felicidade, porém a cautela era importante neste momento para não chatear a Molly. Embora ela já tenha notado o interesse do seu pai em mim, mesmo assim qualquer coisa que o magoasse poderia atingi-la. E eu queria poupá-la.

Socorro, socorro... Ajude-me!

Mais uma manhã e aquela voz irritante me perturbava.

Socorro, socorro... Ajude-me!

Relutei a abrir meus olhos, acreditei que se ignorasse aquilo ia embora, mas não foi, continuou ali, me atormentando. Vencida, abri meus olhos devagar, o corpo mole, me sentia estranha. Os raios do sol atravessavam as frestas da janela clareando um pouco o escuro do quarto. Em meio aos raios, uma luz mais forte tomava forma, lembrando a silhueta de uma mulher, não era mais apenas flash. Embora transparente, eu a vi de forma clara e real. Seus cabelos longos escuros brilhavam com a luz do sol, ela tinha mais ou menos o meu tamanho.

Eu congelei com a visão, fechei os olhos com força e saltei da cama e parei em frente a cama de Molly e os abri para ter certeza de aquela visão era real e era.

Ela estava mesmo ali. Eu quase não conseguia respirar de tão nervosa.

— Socorrooooo! — ela falou mais uma vez antes de se desmanchar em luz e seguir o raio do sol em direção às frestas da janela e desaparecer completamente.

— Susie? — A voz sonolenta de Molly atrás de mim me trouxe de volta à realidade.

Com os olhos arregalados, dei meia volta no calcanhar, ela estava sentada na cama esfregando um dos olhos.

— Está muito estranho isso! Afinal, o que faz em pé

com esta cara aterrorizada como se tivesse visto um monstro e parada na minha frente? Eu, hein?

— E-eu... — as palavras não vinham, ainda bem eu não poderia dizer nada.

Já aborreci demais minha amiga com os meus problemas.

E pelo que estava percebendo só eu poderia resolver, ninguém poderia me ajudar, ninguém. Sem dizer nada, fui até a cama, me deitei e cobri a cabeça com o lençol.

— Olhe, amiga, estou convencida de que você precisa mesmo de um tratamento sério — disse ela por fim irritada com o meu silêncio. Ela me conhecia muito bem e sabia que escondia algo importante. — Estes seus comportamentos bipolares ainda vão levá-la ao fundo do poço, não se cuida para você ver...

— Pare de jogar praga, Molly... — reprimi ao descobrir a cabeça.

Ela abriu as mãos.

— É o que vai acontecer se continuar trilhando este caminho...

Como se eu fosse responsável...

— Eu sonhei, foi isso e quando acordei estava em pé ao lado da sua cama... — menti.

Ele revirou os olhos de quem não acreditou, então voltou a se deitar e virou para o outro lado e logo sua

respiração pesada ganhou todo o ambiente. Eu não conseguia nem respirar de medo, meus olhos ficaram presos nos raios até o chão, receosa daquela mulher retornar.

O meu maior consolo era que logo mais falaria com o Chris como se ele fosse o meu amuleto da sorte, o amuleto que espantaria todo o mal que atormentava a minha vida.

Todos saíram cedo, a Molly foi ao hospital com o Flávio, a dona Maria Eduarda trabalhava como secretária no centro da cidade, Lucas na área de administração também no centro e a Ângela voltou para sua casa na noite de ontem.

Eu fiquei em casa sozinha, agarrada ao meu celular, torcendo para o Chris me chamar e nada, assim foi o dia todo, embora meu celular tenha tocado várias vezes, e era o Johnny, eu não o atendi já que pretendia terminar definitivamente o namoro não atendê-lo já deixaria claro a minha posição.

Eram cinco da tarde quando o Chris me ligou, falou sobre o convite para jantar na casa dos seus sogros. No princípio eu resisti, achei falta de respeito, eu não poderia me esquecer de que o Chris era um homem casado e que o seu sogro não me olhou com bons olhos, percebi sua contrariedade.

— Seria mais prudente não ir... — tentei persuadi-lo

da ideia.

Ele protestou do outro lado a minha decisão.

— Já falei para você não se preocupar com o meu sogro, ele tem este jeitão sério, mas é um cara bacana. Ele não é como a carranca dele. É mansinho! Eu lhe asseguro.

— Eu já estou me sentindo desconfortável em sair com um homem casado — inventei isso, nem passou pela minha cabeça. Era como se a tal Kate não existisse.

— Eu vou resolver isso! — prometeu. — Em pouco tempo tudo estará esclarecido e as coisas nos seus devidos lugares.

Me animei com sua certeza, encheu meu coração de alegria. Pulei com o telefone na orelha de tanta felicidade.

— Susie... Susie... — chamou ele.

— Oi, estou aqui... — ofeguei. — Legal!

— Você ouviu o que eu falei?

— Cada palavra... — respondi com lágrimas nos olhos.

Eu só queria estar com ele, não importava em que circunstâncias.

Enfrentaria o mundo com o seu apoio.

Ouvi sua respiração ruidosa, emocionada do outro lado.

— Eu queria muito estar na sua frente agora, te beijar

todinha... — sussurrou em tom sensual e eu me arrepiei toda.

— Seria ótimo... — devolvi na mesma sensualidade.

— Vamos nos ver agora... — Sua voz autoritária alarmou meu coração, minha mão voou ao peito.

— Agora?

— Já... Eu já resolvi todas as pendências por hoje aqui na empresa, a gente fica um pouco juntos e depois vamos jantar da casa dos meus sogros.

— Ah! Eu não sei... — Fiquei em dúvidas de repente, sentia medo de algo e não era exatamente do pai da falecida... A verdade é que nem sabia a angústia que sentia por dentro só de imaginar entrando na casa deles. Mas, enfim, se eu queria o Chris teria que aceitar o pacote inteiro. Como diz o velho ditado, você não casa só com a pessoa, casa com a família inteira dela, o pacote é fechado.

— Tudo bem — aceitei após refletir. — Onde podemos nos encontrar?

— Eu pego você.

— Nãoooo! — falei de imediato.

— Qual o problema?

— Depois do que aconteceu entre você e o Flávio, eu prefiro ir ao seu encontro.

Marcamos a dois quarteirões daqui a meia hora.

Tomei um banho rápido, queria sair antes de alguém chegar em casa, escolhi uma roupa leve, pois o clima em São Paulo estava muito abafado nos seus quase trinta graus e discreta para causar boa impressão. Vesti uma calça branca justa ao corpo, marcando as curvas, uma blusa de malha fina de um ombro que coloquei dentro da calça. Um look discreto para impressionar os sogros e, ao mesmo tempo, sexy. Queria provocar o desejo em Chris quando colocasse os olhos em mim, uma sandália de salto bege, e alguns acessórios combinando. Pouca maquiagem, o suficiente para realçar meus olhos verdes.

Escovei meus cabelos deixando-os com as pontas cacheadas e olhei-me no espelho e dei uma volta me lembrando da minha mãe, o quanto orgulhosa ela se sentiria em me ver tão bem-vestida. Borrifei sobre meu rosto e corpo o meu melhor perfume, coloquei minha bolsa do mesmo tom da sandália no ombro e saí ao encontro tão esperado.

Seu carro esporte com teto solar já me esperava quando cheguei ao endereço combinado, assim que me viu ele desceu do carro e veio em minha direção. Meus olhos brilhavam fascinados medindo-o de cima a baixo, lindo, elegante no terno azul-marinho, eu me perguntava como uma roupa tão clássica poderia deixá-lo tão moderno e pra completar seus óculos escuros, era a combinação perfeita.

— Oi, querida! — Enlaçou a minha cintura me grudando a ele num beijo intenso, bem ali na calçada, com pessoas passando de um lado ao outro. — Você está linda! — sussurrou ao meu ouvido.

Corei, sorrindo timidamente.

Ele tirou os óculos.

— Você também! Gostei do traje! O clássico caiu-lhe bem.

Ele olhou para si com um sorriso satisfeito.

— Obrigado. Vamos beber alguma coisa? — Ofereceu enquanto me conduzia com a sua mão às minhas costas até o carro.

— Eu me recuso a beber... — Já fui avisando sabendo da sua pretensão.

Ele abriu a porta e, antes de entrar, eu o olhei aguardando sua resposta e ele riu.

— Tudo bem, em solidariedade ninguém bebe hoje — proferiu com as mãos ao alto em tom de rendição. Eu entrei satisfeita.

Ele cumpriu sua promessa, me levou a uma sorveteria, apesar da luz se pondo em seu lugar de direito, ainda se dava a impressão de ser dia e estava quente. O local era aconchegante, no fundo havia uma área aberta encoberta com galhos e flores. Escolhemos o canto mais reservado e ficamos ali, embalados numa boa conversa e

saboreando o melhor sorvete que já tomei na vida. A Molly ligou para saber onde eu estava, já que chegaram em casa e não me encontraram, menti que saí para dar uma volta pela cidade e que não ia demorar. Ela insistiu para dizer o endereço e acabei cedendo, ela ficou bege. Mas guardou segredo para não desagradar a sua família.

A intimidade entre nós crescia a cada instante, e era absurdamente bom. E pela forma como ele me tratava eu tinha certeza absoluta que com ele não era diferente. Nossa conversa não era nada formal, muito pelo contrário tinha um frescor.

É claro, afinal ele contava sobre sua vida em detalhes, detalhes que eu desconhecia, porém algo dentro de mim se familiarizava com cada frase, cada sentença abalando o meu eu interior que gritava em lágrimas, enchendo meus olhos de lágrimas.

— Você está chorando, meu bem? — Chris perguntou, debruçando-se na mesa e limpando uma lágrima fujona embaixo dos meus olhos.

— É difícil não se emocionar com a sua linda história de vida! — funguei e ri sem graça. Com a cabeça inclinada, ele sorria com os lábios fechados.

Entre a conversa que se estendeu de forma natural, por um instante minha visão ficou turva dando-me a impressão de ver a sombra de um vulto passar muito rápido atrás dele.

Gelei no mesmo momento.

Chris me olhou intrigado e depois se virou ao ponto em que meus olhos ficaram presos e ao não ver nada retornou cheio de suspeitas. Eu não sabia o que era pior: ver a sombra ou encarar o fato dele me achar uma esquisita.

Eu precisava tomar cuidado.

— Sabe, Susie! — Joguei meu olhar nele assim que começou a falar. — Eu já te perguntei uma vez e você se recusou a responder. — Baixei meu rosto e segurando meu queixo ele levantou, obrigando-me a encará-lo. — Mas acho que chegou a hora de me dizer o que realmente a aflige. Às vezes, você me passa uma impressão estranha! — Fechei meus olhos ciente que eu não podia contar nada. Nunca!

Apenas encolhi os ombros tipo: "Do que você está falando?".

— Agora, por exemplo! Olha só para você, está pálida, como se visse algo muito monstruoso atrás de mim e está em pânico.

Me senti encurralada, o que diria, qual a desculpa, só sabia que não falaria a verdade.

— Estou pálida? — Me fiz de desentendida batendo levemente em meu rosto, o Chris era um homem experiente, percebeu que fugia do assunto e sorriu antes

de pegar na minha mão e beijou com muita ternura.

— Você não entenderia, ninguém entenderia — um fio de voz saiu de minha boca e ele acariciou meu rosto com carinho.

— E por que você não tenta? Sou todo ouvidos.

— É um conflito interno, não tem como conversar este assunto com você. Por favor, eu prefiro não dizer nada, pelo menos por enquanto. — Seu sorriso compreensivo me fez me apaixonar ainda mais.

— Eu entendo, mas eu quero que saiba que estou aqui caso queira desabafar. — piscou tão lindamente e sorriu eu retribuí o sorriso. Aceita mais como um sorvete?

— Seria o máximo — falei na maior expectativa e, sorrindo, ele chamou o garçom.

O fato de ele desviar o assunto para outros mais rotineiros, que ríamos muito, me deixou mais tranquila, mas havia algo me perturbando, sentia que havia olhos sobre mim me observando, reprimi a vontade de ver porque sabia que tudo poderia ser perturbador e eu não queria aumentar ainda mais as suspeitas no Chris.

Mas não consegui segurar muito tempo, pois a sensação era angustiante e numa fração de segundo desviei os olhos em direção à uma mesa do canto na mesma direção que vi o vulto ao passar de relance atrás do Chris.

Aquele homem de pele muito branca, cabelos negros e curtos com seus olhos tão azuis como as águas dos mares do Caribe observava-me, eu o reconhecia de algum lugar que não me veio à cabeça. Ele abriu um sorriso singelo, imediatamente baixei meu rosto para o Chris não perceber que ele flertava comigo, e aquilo poderia acabar em discussão.

— Quase oito horas, acho que já está na hora de irmos — avisei olhando no relógio. Então me lembrei dele, na minha casa usando o uniforme de polícia e estava em companhia do Flávio. Olhei novamente para desfazer a impressão que fiquei dele e ele não estava mais lá, fechei meus olhos com força, me odiando com a minha falta de educação.

Chris torceu a boca eu não sabia se era porque notou a mudança brusca na minha expressão ou se era surpresa com a minha pressa. Eu acho que corei naquele momento, senti o sangue quente subir para o meu rosto, porém deixei isso para lá, não era importante no momento.

Não satisfeito, ele sondou o relógio em seu pulso.

— É verdade, então vamos... — disse por fim dando sinal com a mão para o garçom simulando para fechar a conta.

Em menos de meia hora, o Chris saiu de uma avenida movimentada e entrou em uma rua mais calma, onde a placa de sinalização informava o bairro da Aclimação, de

imediato senti uma euforia dentro de mim, fiquei agitada olhando a paisagem passando rapidamente pela janela. Notei que o Chris lançava olhares me analisando e para disfarçar me ajeitei no banco e olhei para frente.

Ele sorriu e se fechou com algumas linhas franzidas em sua testa.

E logo ao estacionar o carro em frente a uma casa de dois pavimentos, de classe média, mas que me encantou, ainda mais com um lindo jardim bem cuidado à sua frente dando uma sensação de leveza.

Jardins me encantam desde criança.

— Chegamos... — Chris anunciou desligando o motor, tirou o cinto e desceu.

Eu fiquei mais algum tempo ali discernindo a casa, a rua tranquila, um lugar que me pareceu seguro. Todas as casas da rua eram do mesmo padrão, mas a três ou quatro casas na mesma calçada não. O seu tamanho maior o charme chamou-me atenção, mesmo estando na lateral, notei seu jardim com suas árvores grandes que atravessavam o muro, me deu uma enorme vontade de ir até lá.

Coisa de louco.

Balancei a cabeça para dissipar tudo dentro de mim e desci do carro, com a mão do Chris em minhas costas guiando-me até a entrada da casa e a abriu de forma

íntima.

Assim que coloquei meus pés dentro de casa, senti aquele cheiro maravilhoso de comida brasileira, o que me causou um enorme prazer. Eu nem sabia que gostava tanto daquele aroma!

Enfim, eu amo!

Fiquei observando os móveis, que sem entender o porquê, me davam saudade, até a sogra do Chris surgir na porta na lateral, deduzi que era a cozinha pelo cheiro gostoso que chegava a mim, me tirando da minha "viagem".

— Ah, que bom que vieram! — Ela tirou o avental colocando-o na maçaneta da porta e abriu os braços e veio com aquele sorriso carinhoso me abraçar.

Me deu um abraço forte e eu a abracei também e antes de se afastar beijou minha bochecha, eu corei de imediato, pois confesso que ainda não me acostumei com as recepções brasileiras.

O sorriso do Chris ia de um lado ao outro no rosto deixando-o deslumbrante.

Ela o cumprimentou da mesma maneira carinhosa e cochichou algo em seu ouvido que eu não pude ouvir.

— Eu falei que vinha — ele informou.

— Que bom! Venham se sentar, por favor.

Ela nos levou até o outro canto da sala e nos

sentamos no confortável sofá. Ali nada era luxuoso, mas a decoração era linda e agradável. Amei cada detalhe e meus olhos percorreram tudo na mais alta nota.

— Sua casa é muito gostosa! — Ela abriu um sorriso orgulhoso com o meu elogio.

E olhou ao redor.

— Decorar minha casa, é o que faço de melhor... Obrigada pelo elogio — Elevou as mãos. —, ganhei o meu dia...

— Ela tem razão, você tem muito bom gosto. — Chris olhou em torno. — Eu venho muito aqui, acho que na verdade fico mais tempo aqui do que na minha própria casa.

Tanto seu olhar como o tom de sua voz soaram saudosos.

Senti um aperto no meu coração.

— Eu até já pensei em sair daqui — confessou ela. — Mas nunca consegui, esta casa tem algo especial que não conseguiria viver sem, ficaram marcas profundas. — Ela jogou seu olhar nos meus.

Como não percebi seu olhar antes? Verdes e puxados como olhos de felina, lindos com aqueles cílios enormes.

Estranho olhar em seus olhos, era como estar me olhando no espelho! Um frisson me fez desviar os olhos,

olhei rapidamente para o lado do Chris, ele sorriu e pegou em minha mão sobre minha perna.

— E onde está o Marcos? — Chris mudou o assunto.

— Ele está lá no quarto conversando com o Juninho, só um minuto que vou chamá-los.

Se levantou e subiu as escadas.

— Sua sogra é muito simpática. — Ele concordou com um sorriso.

— Ela é a minha segunda mãe. — Com orgulho, passou a mão pelo meu ombro colando nossos corpos.

Minutos depois ouvíamos a conversa e passos *vindos* da *escada, e uma das vozes desconhecidas que presumi ser o tal Juninho me deixou em alerta.*

— Isso não vai acabar bem...

A frase caiu sobre mim como uma bomba, fazendo o maior estrago, meu coração saltou no mesmo instante e tudo o que conseguia pensar era em sair daquela casa o quanto antes e recuperar o meu juízo.

Se o Chris percebeu o meu desconforto, ele disfarçou bem, se levantou e eu me levantei também.

Eu fiquei apreensiva, sabia exatamente o que ele queria dizer, e concordei, ele estava coberto de razão, afinal o que eu tinha que fazer naquela casa, a maior de minha ousadia.

O Chris é um homem casado e isto é fato, a quem eu estou tentando enganar?

Juninho é um rapaz alto, com os mesmos olhos da sogra, um pouco acima do peso, mas nada que tire sua beleza, alguns fios brancos perdidos nos cabelos castanhos e com um rosto ainda de menino.

— Então, você está aí? — Rindo, abraçou Chris que bateu levemente em suas costas.

— Eu que o diga... Pois o sumido aqui é você, não eu — retrucou Chris em tom repreensão, ele fez careta.

— Pois é, cara, ando mergulhado nos meus negócios! — explicou olhando de relance para seu pai.

— Está na hora de repensar na sua vida! — vociferou Marcos, com as mãos nos bolsos. — A empresa necessita de você. — Olhou para Chris. — Não é mesmo, Chris?

Chris concordou.

— Seu pai tem razão, cara. Estamos abrindo uma nova filial e seria maravilhoso se você assumisse os comandos...

— Tudo bem, depois falamos disso. Deixe-me cumprimentar a moça, que falta de educação — interrompeu-os não demonstrando nenhum interesse no assunto, deixando Marcos possesso, que fechou a cara em desaprovação. — Olá... — Revirou os olhos, pensativo. — Susie, certo? — Eu assenti que sim com a cabeça. —

Muito prazer, eu sou o Juninho... — Abriu seu melhor sorriso galante estendendo a mão e eu apertei.

— O prazer é todo meu.

— Como vai, Susie? — Marcos cumprimentou-me em seguida. — Me desculpe, é que este meu filho aqui — Bateu levemente em seu ombro. — me tira do sério às vezes.

Juninho revirou os olhos e foi se sentar no sofá abrindo os braços sob o assento e encarou seu pai com desdém.

— Por favor, Marcos, não vamos discutir na frente da visita — repreendeu-o Lillian ao perceber sua intenção de voltar ao assunto.

Ele sorriu forçado e foi se sentar no sofá a frente do filho, ambos trocavam farpas com olhares.

— Então, onde está aquele moleque do Eric? Chega de viagem e nem liga pro tio dele.

— Não julgue meu filho, vai... — pediu Chris tão lindinho que me emocionei com sua forma carinhosa de defender o filho. — É que desde que chegou, ele se envolveu com uma garota. — Me olhou de relance. — Mas ele vem em breve... — assegurou e mudou de assunto.

Dali em diante, a conversa passou para um rumo leve, sem cobranças.

Eu comecei a rir imaginando que problemas familiares eram semelhantes em qualquer lugar do mundo.

A princípio eu participei da conversa entre os homens sobre a empresa. Eles falavam sobre as novas tecnologias, sobre o mercado de trabalho, sobre como a economia atual afetou os novos investimentos e depois me entreti com a doce senhora. Sentada na cadeira ao meu lado, Lillian colocava sua mão sobre a minha em várias situações conforme íamos conversando. Eu não me incomodei, aliás ela era uma pessoa extremamente agradável e me encantou.

Estranhei o fato de nenhum deles ali na mesa tocar no assunto da Lucy, sobre sua doença e morte nem mesmo falaram da Kate.

O que certa forma foi um alívio, eu queria ser a única na vida do Chris.

O jantar foi maravilhoso, até o sogro mudou suas atitudes comigo, falei muito sobre meus pais, seus negócios e os convidei a irem a Miami deixando claro que toda estadia seria por minha conta, na minha casa.

Ele agradeceu, disse simpatizando comigo e pediu desculpas pela forma agressiva que se dirigiu a mim. E começou a me tratar diferente, carinho, atenção e sempre com um sorriso gentil e amável e logo toda a família me conquistou. Principalmente dona Lillian que não tirava os olhos de mim. E quando tiramos a mesa, ela me chamou

para a cozinha, e os homens ficaram ali conversando na sala degustando o vinho.

— Não é só amizade que está rolando entre vocês, né? — questionou Juninho, quando eu estava guardando a jarra de suco na geladeira perto da porta. E fiz tudo lentamente a fim de escutar.

— Por favor, Juninho, eu não quero falar sobre isto — Chris sussurrou só que eu ouvi perfeitamente.

— Vi o jeito como olha para ela. Aliás, não vejo mal algum nisto, mas acho que você precisa resolver isto com a Kate e logo, antes que ela descubra. Sabe muito bem que ela adora um barraco, eu não gostaria que ela viesse até aqui pregar terrorismo em meus pais — ele alertou.

— Nisto eu concordo com ele. — Agora foi a vez do senhor Marcos.

— Eu vou resolver... Mas, por favor, vamos mudar de assunto. — Novamente Chris sussurrou e percebi seu nervosismo.

Senti um aperto em meu peito, eu queria ir embora dali, não queria ser motivo de discórdias nas famílias.

— Susie... — Pulei de susto com a voz de dona Lillian e levei a mão ao peito com o coração disparado.

— Ai, desculpa... — Ela sorriu sem graça.

— Imagina! Está tudo bem, eu que vivo no mundo da lua.

Literalmente.

— Vamos lavar logo esta louça... — Peguei o pano de prato para secar e ela negou com a cabeça.

— De jeito nenhum, pode se sentar que eu faço este serviço. Você é minha convidada especial.

Grunhi.

— Mesmo assim, convidados ajudam com a limpeza.

Ela riu, animada.

Conversamos muito neste período de limpeza.

Então, pela primeira vez ela falou da Lucy.

Roí as unhas de curiosidade, fazendo perguntas.

— Eu gostaria de ver uma foto dela — expus minha vontade ao perceber que não vi nenhuma foto dela pela casa.

Dona Lillian respondeu emocionada.

— Nós tivemos que retirar todas, em respeito a Kate, se é que me entende. — Assenti.

— Compreendo.

— Mas se realmente estiver interessada, podemos ir até a antiga casa deles.

— Eu adoraria.

Ela sorriu, satisfeita.

Saímos pela porta da cozinha, atravessamos a

garagem e ela me levou justamente a casa que me chamou a atenção.

— Vamos entrar rapidinho e sair, talvez o Chris se chateie de trazê-la aqui.

— Tudo bem... — concordei.

A casa era linda, aconchegante, uma casa até luxuosa demais para o bairro e muito limpa.

Aspirei o perfume dos produtos de limpeza espalhado pelo ambiente.

— Mora alguém aqui? — perguntei olhando ao redor, a casa tinha um ar de que estava habitada.

— Não... Desde que minha filha morreu, a casa está fechada, mas o Chris sempre fez questão de deixar tudo limpo, tem uma mulher que vem aqui limpar três vezes por semana.

— Entendi... Ele amava muito sua filha, pelo jeito.

Ela sorriu saudosa.

— O amor deles era algo surpreendente...

As lágrimas desciam de seus olhos enquanto caminhou até o sofá e se sentou. Examinou em torno, havia muita dor em seus olhos verdes que me emocionei.

— Eles enfrentaram o mundo para ficarem juntos. — Suspirou entre um soluço.

Eu me sentei ao seu lado e segurei em sua mão com

força em sinal apoio.

— Me desculpe, eu não queria trazer sofrimento.

Ela balançou a cabeça e fitou-me

— Eu gosto de me lembrar. Na verdade, eu nunca me esqueci, a presença dela sempre esteve viva dentro de mim. — Colocou a mão livre no peito. — Ela sofreu muito, muito mesmo, mas ao mesmo tempo ela foi feliz, o Chris deu a ela a oportunidade de seus últimos dias serem os melhores e os mais completos. E ainda deixou uma semente linda. Meu neto é maravilhoso, ele lembra a mãe em tudo, sabe?

— Eu o conheci, e gostei muito dele.

Ela limpou as lágrimas.

— Vamos deixar a tristeza de lado. Eu não vim aqui para chorar, mas para mostrar o quanto você lembra a minha filha.

Se levantou e foi para o outro ambiente da sala, com uma mesa de jantar com oito cadeiras em madeira escura e pegou sobre um aparador com algumas taças de cristal um porta-retrato e voltou até mim ali sentada no sofá. Por alguns instantes, olhou *a foto* de sua filha com uma expressão de *saudade e, então*, estendeu a mão me entregando.

Levantei minha mão direta no ar a fim de pegá-lo e quando meus dedos se fecharam no objeto recebi uma

descarga elétrica que percorreu meu corpo, um arrepio desceu por minha espinha fazendo meu coração disparar no peito. Tudo ficou uma desordem dentro de mim e, de repente, minha visão ficou turva e sombras pairavam atrás daquela mulher em movimentos relâmpagos, eu não conseguia entender.

Lillian me olhava com espanto.

Tentei abrir meus dedos para me livrar daquela horrível sensação, eu queria que tudo parasse, mas tudo continuou assombroso, tentei puxar meu braço, porém ele continuou esticado, uma força o segurava estendido no ar como se meu punho estivesse amarrado a uma corda que vinha do teto.

Comecei a pensar nas piores coisas, que ali era o início finalmente de uma insanidade sem retorno.

— Susie, você está bem? — Ouvi seu sussurro sem ao menos ver seu rosto.

Me sentia fora de mim quando uma sombra branca passou entre nós como uma navalha que cortou aquela corda invisível, meus dedos se abriram e o porta-retrato caiu com violência no chão como se alguém o arremessasse em direção ao chão sólido de propósito para destruí-lo, como que impedindo o meu contato visual com ele.

Então consegui recolher meu braço, me levantei e cruzei meus braços ao redor do peito, tremia muito e não

era de frio e sim de pânico. Com a respiração ofegante permaneci com o olhar imóvel olhando para o horizonte sem coragem de olhar para baixo enquanto Lillian abaixou para pegar o que sobrou dele e depois pegou o papel da foto e se levantou.

— Ah, meu Deus! — Seu desapontamento era enorme com os fragmentos do objeto de madeira em uma mão e na outra o papel.

E quando estava em pé, a silhueta da mulher que me pedia ajuda todo este tempo se formou ao seu lado, e diferente das outras vezes que surgiam e desapareciam como flash, ela se firmou numa imagem transparente. Era possível ver seu corpo inteiro, somente seu rosto estava manchado.

Apertei o olhar quando ela segurou na mão de Lillian que inocentemente nem percebeu e trouxe até meus olhos.

— Veja a minha filha e me diga se não tenho razão, vocês se parecem demais!

Eu sentia uma pressão em meus ombros, uma força, como duas mãos empurrando-me para trás. Fechei os olhos rapidamente porque eu precisava me equilibrar, aquela doideira já estava passando dos limites. Então com toda a força que busquei no mais profundo de mim, segurei de uma vez aquela foto até mesmo para provar que eu estava no controle de tudo.

Eu não deveria ter feito aquilo, eu tenho certeza de

que não...

CAPÍTULO DEZESSETE

Susie

Todos os sinais eram claros, me alertaram e eu não entendi nenhum deles.

Minha respiração ficou ofegante e eu comecei a chorar sem pausa, enquanto meus olhos repassavam aquela foto.

Lillian apontou para a moça de olhos verdes.

— Esta é a Lucy... — falou imersa em lágrimas.

Eu não levantei meus olhos, um nó em minha garganta não me deixava nem respirar, eu a conhecia eu a vi dentro do espelho.

Mas como! O que isso quer dizer?

— Esta é a Clarinha, elas eram as melhores amigas e prima da Kate! Coitada... — falou com pesar. — Ela está desaparecida há oito anos, ninguém sabe dela!

Socorro, socorro, me ajuda!

O pedido de socorro ecoou no ar, como se quisesse

chamar a minha atenção. Levantei os olhos e a fitei. A face da Clarinha da foto se fundiu àquele rosto borrado. Solucei sem acreditar no que eu via ali diante de mim. Então era verdade, eu não estava sonhando, delirando nem mesmo enlouquecendo. Por alguma razão, a tal Clarinha queria fazer contato comigo, e por quê?

Lá no fundo da minha alma, eu sabia exatamente o que estava acontecendo, estava ali diante dos meus olhos, porém eu não queria acreditar. Levei minha mão à cabeça, confusa, com meus olhos presos na Clarinha. Ela tinha uma expressão de uma dor profunda que cortou o meu coração. Ela estendeu as mãos em minha direção e suspirou.

Não, não, não...

Fechei meus olhos em pânico, tentando me convencer de que aquilo não estava acontecendo, eu não estava preparada para mergulhar neste mundo sobrenatural ao qual eu não compreendia, ao qual a mãe do Flávio nunca encontrou apoio. Eu não queria passar a minha vida aprendendo a me adaptar aquilo. Insisti na estúpida esperança de que eu estava fora da realidade, e se respirasse com mais calma eu voltaria a ela... Então, respirei uma, duas, três vezes e ao abrir os olhos ela continuava ali na mesma posição com seus braços estendidos para mim.

— Socorro, socorro, me ajuda!

Entrei em pânico e comecei a chorar, larguei a foto que voou no ar e caiu no chão e com as mãos na cabeça chorei, eu não conseguia me controlar.

— Querida, o que foi? — Lillian segurou em meu braço para me ajudar, e eu me livrei brutamente do seu toque.

— Não me toque... Por favor... — pedi em prantos como se ela fosse aquele elo terrível do que estava me acontecendo.

E saí correndo dali, sem olhar para trás.

— Susie, aonde você vai? Espera! Espera! — Ouvi os gritos dela como trovões na minha cabeça, meus tímpanos doíam.

Eu só queria sair dali.

Capítulo Dezoito

Não parei, abri o portão, peguei um sentido qualquer porque eu precisava estar o mais longe possível.

Toda aquela vibração massacrava o meu coração, eu estava perdendo totalmente o meu controle e não havia nada que eu podia fazer.

Eu queria me enganar dizendo para mim mesma que era loucura, quando na verdade eu estava realmente sendo assombrada?

Distanciei-me e comecei a correr sem sentido pelas ruas, em prantos, chamando a atenção das pessoas que passavam por mim. Os sons das buzinas e os faróis dos carros eram perturbadores para mim.

Corri sem rumo, sem direção.

Nem sei quanto tempo fiquei vagando pelas ruas de São Paulo sem saber onde estava, apenas chorando.

Demorou algum tempo até que me acalmei e me sentei em uma mesa do lado de fora de um barzinho com poucos clientes e peguei meu celular no bolso, havia mais de cinquenta mensagens, e muitas eram chamadas perdidas

do Chris e foi o mesmo que sofrer tortura.

Ali, olhando para o aparelho, eu chorava de dor e desespero. O que eu sentia por ele era realmente algo tão grandioso, uma paixão tão forte e poderosa. Algo que ia além da minha compreensão e que me assustava e muito.

Era como fundir dois tempos... na verdade, estava difícil entender o significado da minha nova existência, balancei a cabeça para dissipar esta ideia que se tornava cada vez mais verdadeira. Eu não podia pensar nisso, eu não podia acreditar que um amor pudesse atravessar a barreira do tempo por gerações.

Eu não podia crer nisso.

Mas, ao mesmo tempo, essa era a minha certeza, tudo o que sentia, a saudade que me perseguiu até aqui, tudo parecia claro agora. Embora fosse assustador e eu não estivesse preparada, eu tinha todas as respostas para milhares de perguntas que me fiz durante toda a minha vida. E aquela certeza me deu muito medo.

Solucei alto, um casal na mesa ao lado me olhou com curiosidade, apertei meus lábios, decidida. Apaguei todas as mensagens do Chris com uma dor profunda no peito e um nó na garganta.

Era o mais coerente a fazer: esquecer de tudo e tentar levar a minha vida de antes. Eu só não sabia como, mas sabia que precisava encontrar um caminho... Então acessei o número da Molly.

Molly, me passe o endereço da casa da sua tia, por favor.

Escrevi a mensagem e um segundo depois veio a resposta:

Onde você está, sua maluca? O que aconteceu? O pai do Eric está feito louco atrás de você, deixou sua bolsa aqui em casa e disse que você saiu chorando, muito nervosa. Surtou, foi?

Respirei fundo antes de responder:

Depois falamos, só me passa o endereço, por favor...

Ela informou e, então, pedi ajuda para algumas pessoas no ponto de ônibus, era a única condução que podia pagar com os trocados no bolso da calça. Minha sorte é que, sempre ao sair aqui no Brasil, coloco um trocado em algum bolso, depois dos sermões de Flávio sobre a diferença da segurança, e que a violência era um fator constante, ele sempre pedia para carregarmos dinheiro, em outro local, diferente de bolsas. Dessa vez, o conselho foi providencial.

O tempo havia mudado, havia nuvens negras no céu encobrindo as estrelas deixando-o triste como o meu coração. As lágrimas quentes que desciam pelo meu rosto se chocavam com a garoa fina e fria dando-me uma angústia em minha alma que gritava como louca quando desci do ônibus.

Eu precisava voltar para casa, eu não podia mais suportar tudo aquilo sozinha, não...

O vento batia em meu corpo como navalhas arremessadas contra mim acertando-me, causando dores de corte. Não me importei com o frio, com o vento ou com aquela garoa. Eu estava perdida totalmente perdida e para completar quando entrei na rua da casa, eis que vi aquela linda mulher elegante descer de um carro de luxo estacionado do outro lado da rua.

Era tudo o que me faltava acontecer.

Eu parei um pouco antes do portão e esperei e nem sei por que esperei.

Os saltos de seu sapato soaram pelo asfalto no silêncio da noite e a rua deserta. Em seus passos elegantes e apressados, ela parou em minha frente, seus olhos azuis furiosos estudaram meu rosto antes de levantar a mão e acertá-lo com um tapa estridente, antes de emitir qualquer som. Senti o ódio dela naquele tapa, um rancor vindo do fundo de seu peito e fiquei sem palavras chorando com a mão sob meu rosto queimando.

— Sua vagabunda! Ordinária, não acredito que pretende roubar o meu marido! — Kate gritou para qualquer um ouvir.

— E-eu... — tentei falar. Porém, sem que eu percebesse ou tivesse tempo de me desviar, outro tapa ainda mais forte no outro lado do meu rosto me fez desequilibrar e cair no chão.

— Cale sua boca, sua prostitutazinha! — berrou ela encurvada sobre mim ali no chão. — Eu não quero você enfiada na casa da minha família, você me entendeu?

Eu não sentia medo dela, poderia me levantar e investir naquela loira folgada, afinal nós temos o mesmo tamanho, e eu sabia que tinha mais força pelos treinos de academia. Mas eu me sentia culpada, o que eu estava fazendo estava errado e comecei a me julgar e a olhei soluçando sem reação.

— Eu vou falar apenas mais uma vez, sua prostitutazinha: fique longe de mim, de minha família e do meu marido! — Seus pés se levantaram em minha direção ali no chão, prontos a me acertar um chute, o salto alto e fino de sua sandália me rasgaria com certeza, quando o punho fechado de Molly acertou o rosto da loira, jogando-a distante de mim.

— O que pensa que está fazendo? — gritou Molly com a minha bolsa em seu ombro e voltou até mim me dando a mão para eu levantar.

Então me soltou com a Kate vindo sobre ela e se posicionou a sua frente.

Apesar de pequena, a Molly sempre foi uma guerreira muito forte e, apesar de não demonstrar, a loira deve ter sentido a força da minha amiga, seu rosto estava tão vermelho como uma pimenta malagueta na sua melhor fase de colheita. Molly tinha uma boa esquerda, e a loira respeitou após experimentar ou talvez porque se viu em desvantagem, já que agora éramos duas contra ela.

Ela recuou um pouco e seus olhos vieram em mim.

— Precisa aconselhar esta sua amiga vagabunda! — gritou Kate, quando recebeu outra esquerda de Molly.

— Ninguém vai falar assim com a minha amiga, entendeu? — A Molly segurou em seu colar de ouro que parecia custar uma fortuna, puxando-a para si, pronta a dar-lhe mais um soco.

Coloquei a mão em seu peito.

— Por favor, Molly, não...

No fundo eu a entendia, eu estava invadindo o seu território e ela defendia o que era seu, eu faria o mesmo. Eu não pertencia a este mundo e mais do que nunca queria sumir dali.

Eu sentia medo do tudo o que vi e do que pudesse significar. O fato é que não estava preparada para enfrentar uma realidade que ficava cada vez mais clara.

Eu tinha até medo de pensar ou falar.

A princípio, irritada a Molly a puxou novamente.

— Não... Deixe-a, ela está em sua razão.

Kate suspendeu a sobrancelha, surpresa.

— Hum... gostei de ver, até que a vagabundinha tem um pouquinho de consciência... — ironizou.

Molly soltou o colar e a empurrou em direção à rua.

— Vai embora, se xingar minha amiga novamente, eu vou quebrar todos estes seus dentes branquinhos — ameaçou.

— Kate? — A voz de Flávio desviou nossa atenção.

Ele saiu, fechou o portão e veio se juntar a mim e a Molly.

— Obrigada por me avisar sobre esta sem-vergonha... Acho que agora ela aprendeu... — Olhou-me com ódio profundo. Contaminada por uma raiva sem precedentes, não respondi. Decepcionada, olhei para o Flávio, descrente.

A dor da sua traição foi maior que a dor dos tapas em meu rosto: o pior golpe da minha vida.

— Você fez isso, pai? — Molly o olhava com uma decepção maior do que a minha.

Ele corou e tentou explicar.

Eu não podia ouvir mais nada.

Kate entrou no seu carro e saiu cantando os pneus.

Solucei alto e peguei minha bolsa do ombro da Molly, ela percebeu minha intenção e segurou em meu braço.

— Vamos entrar, conversamos lá dentro — Flávio sugeriu, arrependido.

Molly lançou um olhar indecifrável.

— Por quê? Por favor, nos deixe sozinhas — pediu.

Ele hesitou, mas diante do olhar reprovador da filha concordou e se afastou.

— Obrigada por tudo, minha amiga! — Abracei-a sem conseguir segurar as lágrimas e me afastei.

Eu precisava ficar sozinha, pensar em tudo.

— Mas aonde você vai sozinha? — Molly me perguntou, preocupada.

Parei e dei de ombros.

— Qualquer lugar onde eu possa pensar e refletir — falei entre o choro.

— Eu vou com você. — Ela passou o braço em minha cintura e eu me afastei novamente.

— Não me leve a mal, tá? Eu preciso ficar sozinha, preciso de um tempo.

Ela me abraçou mais uma vez e eu fui...

Caminhei em direção à avenida e dei sinal para o primeiro táxi. O shopping foi o destino escolhido. Nada ideal, eu sei, mas era o que conhecia naquela cidade. Eu não tinha muita opção.

Sentei-me à mesa mais afastada que consegui, debrucei sobre ela e deitei minha cabeça. Desabei alto sem me importar com a plateia, sequer levantei minha cabeça. Eu só precisava chorar e foi o que fiz.

— Talvez uma boa conversa possa trazer paz ao seu coração. — Uma voz suave masculina e doce adentrou em meus ouvidos. Levantei a cabeça, me deparando com aquela figura conhecida, sua pele branca, seus olhos azuis. Ele vestia tudo branco, calça, camisa até seu calçado.

Tentei um sorriso em vão.

— Você? — Passei as mãos no rosto a fim de limpar as lágrimas. — Eu não tenho nada para falar, eu não preciso da sua ajuda, aliás, ninguém pode me ajudar. — Peguei a bolsa na cadeira ao lado e ameacei me levantar.

— Eu posso me sentar, reflita sobre conversar, desabafar ajuda muito, eu garanto.

Ele se sentou sem ao menos aguardar minha resposta, eu fiquei olhando-o intrigada.

— Está de férias aqui no Brasil? — Seus olhos azuis percorriam meu rosto, ele nada falava. — Eu não me lembrei de você sem a farda lá na sorveteria, por isso não

o cumprimentei. — Ele continuou mudo e, de repente, senti um gelo ao pensar que ele poderia estar me vigiando e me levantei por fim.

— Não vá ainda... — Apertei meu olhar com a impressão de que ele teria algo a me dizer.

— Por que você está falando isso? — retruquei desconfiada. — Alguém mandou você me vigiar, é isso? — A imagem do traidor do Flávio veio à minha mente. Ele sorriu tão calmamente, seu rosto contagiante me acalmou por um instante, então voltei a me sentar e permaneci com a cabeça baixa.

— Fique tranquila... Eu só estou aqui para ajudar você.

Levantei meus olhos o encarando, incrédula.

— Como quer me ajudar? Você... você não me conhece... — falei nervosa, eu não sei por que não me levantei e fui embora, não sabia de mais nada, nada mesmo.

— Por isso mesmo, por ser um desconhecido talvez seja mais fácil desabafar, até mesmo porque não posso julgá-la ou até posso, mas, enfim, não faz a menor diferença, você talvez nunca mais me veja!

Levantei meus olhos e, por alguma razão, eu confiei nele.

— Então, me conta o que está acontecendo? A sua

aflição é de causar pena — disse ele.

Eu balancei a cabeça, concordando.

— É verdade, eu não estou bem... Eu não estou nada bem, acho que a verdade é que eu estou enlouquecendo.

Pelo menos, era isso que eu queria que fosse na verdade, o que eu pensei ser uma loucura está se revelando ao contrário para mim.

Ele sorriu compreensivo. E eu continuei:

— Tudo o que parecia loucura, agora eu vejo que são, na verdade, lembranças. — Balancei a cabeça com medo da definição que eu fazia. Eu não podia deixar aquilo tomar forma. É impossível que seja verdade, é impossível.

A cada segundo, eu passei tentando me convencer, com medo da verdade.

— Eu me sinto perdida, sozinha. — Levei as mãos à cabeça. — Meu Deus, por que isso está acontecendo?

Suas mãos quentes e suaves como as de uma criança seguraram em meus punhos. E uma sensação de paz deslizou pelo meu corpo como um banho de plumas. Seu toque era muito reconfortante.

— Calma, moça, calma!

— São muitos problemas... — falei, balançando a cabeça de um lado para o outro. Soltando meus pulsos, segurei com força na lateral da cadeira.

Olhando atrás dele, lá estava a Clarinha com os olhos tristes, movendo seus lábios. Embora não ouvisse seu pedido de socorro, eu lia em seus lábios. Olhar para a imagem dela era angustiante, mas eu não conseguia desviar, ela me prendia, era como se quisesse algo de mim.

Ele virou rapidamente seguindo a direção dos meus olhos e voltou.

— Eu nem sei se estes problemas são meus. — Lá no fundo eu sabia que sim, só tinha medo de encarar a verdade. — Enfim, decidi que vou embora, voltar para casa.

Ele sorriu satisfeito me deixando intrigada.

— Acho que é a melhor coisa a fazer, estar ao lado da família em momentos como o seu é a melhor e única opção.

Seu conselho arrancou lágrimas e massacrou meu coração de ansiedade.

Ele estava certo, eu deveria partir. Só de pensar no conforto e na segurança do meu lar, eu me senti melhor, mais forte. Eu não precisava passar por aquilo sozinha, me levantei rapidamente e peguei minha bolsa.

— Obrigada pelo conselho. — Ele sorriu satisfeito novamente.

Olhei no lugar onde Clarinha estava e só havia o

vazio.

Suspirei aliviada, ela deve ter entendido que não podia ajudá-la.

— Espero que você fique bem — ele disse muito sincero com um sorriso angelical.

— Susie! — o grito estridente de Molly me fez levantar os olhos, ela vinha rapidamente ao meu encontro.

— Obrigada mais uma vez.

— Disponha — ele falou e eu fui me encontrar com Molly.

Ela segurou forte em minhas mãos, ofegante.

— Como soube que eu estava aqui? — perguntei incrédula. Então, ela me mostrou o celular em suas mãos e sorriu sapeca.

— Esqueceu que temos o rastreador uma da outra? — Soltei o ar com força me lembrando do dia em que conectamos nosso rastreador. Ele foi útil num dia que a Molly desapareceu num show de uma banda brasileira em Miami e foi útil agora.

— Eu havia me esquecido...

— Mesmo se não fosse por ele, eu sabia que encontraria você aqui... — Ela estudou meus olhos por alguns instantes. — Com estes olhos inchados, chorou à beça, né?

Eu concordei diante do seu sorriso carinhoso.

— Agora estou me sentindo bem. Olha ali quem eu encontrei? — Acenei para a mesa vazia e franzi a testa. Não teria como ele sair sem que eu percebesse. — Aquele policial que esteve em casa com o seu pai. — Ela parecia duvidar do que eu dizia. — Aquele no dia da ocorrência, lembra? — Ela continuou com olhar preocupado. — Bem, ele deve ter ido embora.

Ela torceu a boca, desconfiada.

— Você estava falando sozinha, não tinha ninguém com você — garantiu.

Fechei meus olhos com força e respirei fundo buscando equilíbrio que nem eu sabia que tinha.

Agora foi o estopim: ou eu ia embora, ou não sabia mais o que poderia acontecer comigo.

Ela veio com o Flávio, eu relutei a voltar no seu carro, mas ela me convenceu. Ele tentou me pedir desculpas de todas as maneiras, eu fingi que acreditei porque queria informações sobre a Clarinha e achei que talvez ele pudesse me dar alguma informação.

— Flávio, você conheceu a Clarinha? — Ele ajeitou o retrovisor me olhando sério.

— Sim, eu conheci. Por quê?

— Curiosidade. Mas você sabe o que aconteceu com ela? Me falaram que ela está desaparecida.

— Fiquei sabendo disto na festa da filha da Gláucia. Parece que ela desapareceu no dia do seu casamento, há oito anos, e até hoje ninguém sabe do seu paradeiro.

— Nossa, que horror! — disse Molly em tom de pavor.

— Mas por que está interessada neste assunto? — quis saber ele.

— É que eu ouvi a sogra do Chris comentando e fiquei curiosa, só isso. — Sua expressão mudou quando falei o nome do Chris.

Então desviei meu olhar e fiquei olhando a paisagem passar pela janela, quando ele continuou:

— Ela não merecia isso, eu gostava dela.

— Eram amigos?

— Com ela mais ou menos, tivemos algum contato na época que namorei com a Lucy. — Prendi a respiração ao ouvir a revelação.

— A Lucy... — Meus lábios se abriram em espanto, eu não podia acreditar. — A moça que morreu, a esposa do Chris? — Minha voz falhou.

Fechei os olhos com o calor espalhando pelo meu corpo.

É claro!

Existia mesmo esta ligação, flashes de imagens

distorcidas iam e vinham de minha cabeça, me sentia saindo do meu corpo quando a luz surgiu à minha frente, e o túnel me puxou como um aspirador gigante de pó, flutuei para dentro dele sem me conter, mas, desta vez, eu queria ver até onde aquele túnel poderia me levar. Via lá no final uma luz forte que ia me chocar e ouvi choros, gritos de agonia e uma dor agonizante em meu peito que me fez prender a respiração devido à dor cada vez mais forte.

— Lucy! — Reconheci o grito estridente de Chris e comecei a chorar.

— Não! — gritei empurrando meu corpo para trás contra a força do vento sem suportar aquela sensação de dor e quando me vi estava sentada no banco, o carro parado no acostamento, buzinas atrás de nós e Molly e Flávio debruçados no assento do banco, olhando apavorados para mim.

— Susie... — Molly balbuciou, seus olhos pareciam saltar de tão arregalados.

— Vou levá-la ao médico — informou Flávio se ajeitando no banco e deu seta saindo com o carro enquanto debrucei sobre o banco colocando a mão em seus ombros.

— Vamos para casa, por favor. Eu estou bem, eu juro! — Ele olhou indeciso para Molly.

— É, ela está bem, pai. Segue para casa. — Ela entendeu meu pedido somente com o olhar e me deu um

voto de credibilidade.

Ele pensou por um minuto e, por fim, obedeceu.

Percebi que a Molly estava louca para fazer perguntas, mas assim que entrei vi a tia do Flávio concentrada em suas leituras e me aproximei, me sentando em seguida.

— Oi, minha querida, onde você estava? — perguntou dona Maria Eduarda, segurando em minha mão, seu calor irradiou pelo meu corpo, senti um alivio...

— Fui dar uma volta... — Tentei sorrir, porém foi impossível.

— Susie, vamos lá para o quarto — chamou Molly apertando meus ombros com força. Levantei a cabeça encontrando seus olhos ansiosos. — A gente precisa conversar, né?

— Sobe na frente, eu vou logo atrás, prometo. — Ela hesitou e, por fim, obedeceu.

Eu peguei o livro *Vida depois da vida* e comecei a folheá-lo, agora sabia exatamente o que eu procurava. Ela me olhou receosa.

— Tem certeza de que vai ler este livro? — Dei de ombros. — Você falou que não gostava deste tipo de assunto.

— É que naquele dia, eu vi uma frase que chamou a minha atenção. — Era mentira, eu não havia lido nada, o

título me chamou atenção, eu estava me borrando de medo de ler o que achava que ia ler. E meu coração estava a mil dentro do meu peito. Mesmo assim continuei e ela se entreteve na sua leitura. Estava ansiosa demais para prestar atenção nas palavras, então respirei fundo.

— Dona Maria Eduarda?

— Sim. — Ela tirou os óculos e colocou sobre o livro que lia.

— Acredita que as pessoas depois que morrem possam nascer novamente?

Ela sorriu confiante.

— Sim, acredito piamente nisto. Por que quer saber? — Fiquei em dúvida por alguns instantes.

— Mas acha que a pessoa quando nasce, ela pode ficar sofrendo influências da vida passada? — Seu queixo caiu com a pergunta.

— Olha, já ouvi relatos, e quando éramos mais jovens frequentamos alguns lugares que aplicavam ensinamentos nestes casos. Inclusive estou aqui justamente lendo sobre o assunto para ver se posso ajudar a minha irmã. A Celeste sempre recebeu mensagens do além e acho que o seu estado tem a ver com isso, entende?

Senti uma tontura imediata, precisei segurar na mesa para não cair.

— Aqui no Brasil tem muitos destes lugares que

ensinam sobre espiritualidade? — O medo exalou ao meu redor no tom de minha voz, ela me olhou, confusa.

— Sim, claro! E nos Estados Unidos também, minha irmã comentou alguma coisa comigo, nunca ouviu falar a respeito? — Eu neguei com a cabeça.

— Não. Como eu disse na outra nossa conversa, a minha mãe tem pavor destes assuntos, é cética e acho que todos ao me redor também — falei pensando na Molly. Ela sorriu compreensiva.

— Entendo. Bem... a doutrina espírita causa receio em muita gente, é compreensivo que sua mãe pense assim.

Um novo horizonte se abria a minha frente, agora tudo fazia sentido, tudo estava se encaixando.

O Flávio, o Chris, a mãe da Lucy e agora a Celeste... Ela entrou em coma quando me viu e a Clarinha me pedindo socorro, o tempo todo me pedindo ajuda, havia um elo entre eles e eu, e era forte demais. Comecei a entrar num estado de pânico generalizado, trançando meus dedos trêmulos. Eu deveria fazer o que aquele homem, que só esteve no meu campo de visão, me alertou: ir embora. Pensando na possibilidade de buscar ajuda ao lado dos meus pais nos lugares citados por dona Maria Eduarda, talvez os ensinamentos era o que eu precisava no momento.

Fiquei arrepiada com aquele espaço que abria na minha compreensão, e tentei desviar. O Dr. Giorgi

presenciou também, eu deveria procurá-lo e tentar convencê-lo a me dizer a verdade. Com ele eu me sentia mais segura e pé no chão.

A lembrança do túnel e o choro do Chris era a confirmação de que eu precisava voltar rapidamente para casa.

Levantei-me de imediato.

— Você está bem? — Maria Eduarda se levantou assustada.

— Estou sim... Vou subir, boa noite. — Ela sorriu incerta e eu mais que depressa fui para o quarto.

Resolvi na madrugada sair sem que ninguém percebesse. Sabia que havia voos nesse horário para Miami e eu pegaria o próximo.

— Eu estou começando a ficar assustada, amiga! — A voz da Molly caiu em meus ouvidos como uma explosão.

Fechei a porta do quarto e me virei.

Deitada com as mãos embaixo da cabeça, ela me olhava de forma estranha.

Se você está, imagine eu?

Soltei o ar com força e fui me sentar na lateral da minha cama e fiquei de frente a ela, seus olhos analisaram meu rosto com preocupação.

— Eu não deveria ter vindo ao Brasil... — falei simplesmente. Ela se sentou à minha frente.

— Não culpe o Brasil pelos seus descontroles... — Levantei os olhos encarando-a. — Estes seus mal-estares começaram lá em Miami, então não tente arrumar desculpas para o seu desequilíbrio — ela falou sério me dando um sermão.

Eu arregalei os olhos estranhando.

— É! E se existe um culpado aqui é você. Só o fato de deixar os remédios guardados dentro da mala, já é um indício de indisciplina.

Abri o meu melhor sorriso segurando as lágrimas que queriam vir à tona. Ela não sabia da missa a metade!

Eu também não a envolveria neste assunto, um assunto que eu ponderava esquecer. E voltar para a casa era a coisa certa a fazer, só com a presença dos meus pais eu seria forte o suficiente para decidir. Seguir em frente com a descoberta ou superar e colocar uma pedra enorme definitivamente por cima.

Apertei sua mão.

— Tem razão. Eu... — Parei para pensar o que dizer. — Vou agora mesmo tomar os remédios, seguir à risca os horários, e amanhã será um novo dia.

Ela sorriu satisfeita.

— É assim que se fala, vai se sentir melhor, eu tenho

certeza, aí você vai aproveitar melhor a viagem.

Eu concordei.

— Afinal, seus pais logo estarão aqui, não é mesmo?

Gelei com a lembrança e distanciei meu olhar. Eu ligaria logo pela manhã avisando que estava de volta, antes que eles embarcassem.

— Não ficou feliz?

— Claro! — respondi com remorso por mentir para a minha melhor amiga.

— Agora você precisa se distanciar do Chris, já que você mexeu com o orgulho de uma mulher. Já ouvi falar que orgulho de uma mulher ferida é perigoso e você não precisa disso.

Aquela era a pior parte, deixá-lo foi o mesmo que arrancar um pedaço do meu coração que se apertou em dor.

— Eu não quero mais falar com ele... — falei decidida, pelo menos tentei. Levantei-me, abri o armário, troquei minha roupa e coloquei o pijama. — Quero esquecer o que aconteceu entre nós — balbuciei num fio de voz, quase imperceptível enquanto me dirigia para o banheiro.

— O Eric está me perguntando de você, o que eu digo? —ela gritou do quarto.

Apoiei as mãos na pia de mármore e fiquei ali me

olhando no espelho. Levei a mão sobre o vermelho deixado pelos tapas da Kate e comecei a chorar, sentindo uma dor profunda.

Um adeus.

— Diga que estou dormindo — respondi enquanto em meus pensamentos eu dava adeus para sempre.

Demorei tempo demais no banheiro, chorando, pensando, sofrendo. Deixar o Chris era o mesmo que morrer, mas eu não tinha escolha.

E quando retornei, a Molly já dormia profundamente. Apaguei a luz e com a lanterna do meu celular tirei todas as minhas roupas do armário e guardei na mala. Me troquei, conferi todos os meus documentos e coloquei a mala novamente no armário.

Deixei um bilhete para Molly.

"Querida amiga, eu agradeço do fundo do meu coração pela sua amizade e peço mil desculpas por sair sem avisar você. É que eu preciso me afastar, meu coração está confuso demais para suportar. Não dê meu endereço para ninguém, por favor... Eu sei que posso contar com você. Agradeça a todos por mim. Beijos. Te amo. Susie."

Deitei me cobrindo para esconder que estava pronta

para ir embora. E aguardei até a madrugada quando todos dormiriam para sair, sem que ninguém me visse. Na varanda da casa, eu liguei para o número do táxi que o Flávio havia me dado para registrar no meu celular para uma eventualidade. O táxi chegou rápido e com o meu coração despedaçado fui embora.

***

Chris

— Ah! Então você resolveu voltar para casa? — A voz irritada de Kate me fez fechar os olhos.

Tranquei a chave e me virei.

No escuro e sentada no sofá com seus braços reluzentes ostentando seus braceletes de ouro, apoiada no encosto, ela me olhava de forma severa.

Notei um pequeno ferimento ao lado do seu lábio direito.

— Bateu a boca? — disfarcei.

Tudo o que eu precisava agora era ouvir questionamentos.

Meu coração encontrava-se partido, eu me sentia rejeitado ou sei lá como me sentia. Com o sumiço da Susie foi como perder um pedaço dele que ficou doente.

Ela se levantou, se aproximou de mim próximo à porta e se posicionou em minha frente. Com a cabeça

inclinada próximo aos meus olhos e com o dedo indicador mostrou seu ferimento.

— Está vendo isso aqui? Você foi o responsável. — Confuso, não estava entendendo nada. — Não se faça de desentendido — continuou ela com as mãos na cintura. — Que ideia foi essa de levar aquela vagabundinha na casa dos avós do Eric... Quer me humilhar? É isso que pretendia?

— O quê? — Segurei em seu ombro sacudindo-a, nervoso. — O que você fez?

— Me largue, seu imbecil! — gritou ela se desvencilhando de minhas mãos, recuando-me, olhando na defensiva.

Agora eu entendia o sumiço da Susie, só o fato de pensar naquilo eu perdi totalmente o controle.

— O que você fez, Kate? — gritei avançando e ela recuou alguns passos.

— O que eu fiz? — Ela sorriu irônica. — Mostrei a ela o seu devido lugar — completou orgulhosa.

— Você não podia... — disse inconformado.

Ela franziu a testa.

— É claro que eu podia! Você é o meu marido, se esqueceu? — Eu balancei a cabeça em negativo. Como poderia me esquecer, se foi a pior burrada que fiz na minha vida? — Dei-lhe umas boas bofetadas — continuou

ela com aquela cara de quem fez a coisa mais especial do mundo. — Eu acho que ela entendeu o meu recado.

Senti meu sangue subir, apertei meus punhos. Nunca na minha vida sequer pensei em bater numa mulher, mas ali, naquele momento, eu não consegui me controlar e parti para cima dela apertando seu braço enquanto a mão livre foi em direção ao seu rosto.

— Bate, bate, seu covarde — incitou-me arqueando a cabeça para trás a fim de escapar do golpe.

Paralisei.

Mas o que eu estava fazendo?

Baixei minha mão, desolado, este não era eu. Esta mulher despertava o que havia de pior em mim e aquilo me deixou arrasado.

— O que está acontecendo aqui? — Eric entrou na sala neste instante, soltei-a e me afastei envergonhado com o espetáculo.

Nunca havia perdido meu controle ainda mais diante do meu filho.

Eric foi criado num lar calmo cheio de paz e harmonia.

— Seu paizinho perdeu o juízo — acusou-me com sua voz diabólica.

Eu a olhei furioso e ela arqueou a sobrancelha com um ar de vitória, que me irritou profundamente.

Eu não queria sentir ódio, juro que não, mas como não podia sentir?

— Agora deu para sair com crianças... — Cuspiu as palavras como se fosse a maior santa da face da Terra.

Acusou-me de forma brutal e aquilo me fez perder mesmo o juízo.

Aproximei-me apontando o dedo em sua cara:

— Nosso casamento sempre foi uma farsa e você sabe muito bem disto. — Ela respirou fundo e prendeu a respiração, seu rosto vermelho destacou o loiro do cabelo e os olhos assassinos azuis. — Eu quero deixar claro que você, como mulher, foi um fracasso, nunca me satisfez, eu sempre precisei buscar consolo na rua. E este seu jeito petulante de ostentar — Olhei-a de cima a baixo fazendo um tom de desfeita, que fez com que ela trincasse os dentes em silêncio. —, me dá nojo.

— Seu idiota! — esbravejou num fio de voz.

— Pai... — Eric me chamou a atenção e eu estendi a mão para ele silenciar.

Sabia que estava indo longe demais, mas o fato é que cheguei ao meu limite.

Cansei de ver e ouvi-la desfazer das pessoas, dos meus sogros, do próprio Eric.

Eu aguentei todo este tempo calado, mas agora sentia que chegou o momento de desabar, tirar o que estava

engasgado em minha garganta.

Eu não suportei o que ela fez a Susie, já chega o que fez a Lucy.

— É o seguinte: eu quero o divórcio. Ou você sai desta casa ou eu e o meu filho saímos.

— Se pensa que vai receber sua carta de alforria, está enganado. Não vou deixar o caminho livre. Pode tirar seu cavalinho da chuva, senão ele vai se molhar — confirmou ela certa.

— Vem, pai, vem. — Eric colocou a mão no meu ombro e juntos subimos para seu quarto.

— Que ideia foi aquela de falar aquelas coisas para a Kate, pai? Você enlouqueceu? — Tão sensato ele repreendeu-me ao fechar a porta do quarto com a chave.

Sentei-me em sua cama e baixei a cabeça, desolado.

— Ela assustou a Susie, eu não consigo falar com ela. — Levantei a cabeça e o olhei perdido.

Ele riu da forma que eu deveria sorrir, paternal.

Eu sempre me esqueço que ele cresceu, é um homem agora e estava ali cuidando de mim.

— Está gamadão... — falou convencido e eu concordei.

— A Susie é a parte que me faltava — Respirei fundo. — A parte que perdi.

Eric franziu a testa.

— Às vezes eu acho que você está confundindo as coisas, pai. — Eu dei de ombros. — A Susie e a mamãe são pessoas diferentes. Você me assusta quando une as duas.

Podia parecer estranho, eu concordava com ele, mas era assim que eu interpretava as coisas, e nada podia mudar isto.

Mas não disse isso a ele.

— É, você tem razão. — Bati levemente em seu ombro. — É que, às vezes, eu me pego abobalhado como se tivesse visto o passarinho azul. — Eric sorriu de canto de boca por um momento, me achei ridículo. Ainda mais eu, um homem maduro, executivo, mas eu não queria pensar assim, não de novo, já fiz isso no passado com a Lucy até descobrir que, com o meu comportamento de medo das críticas dos outros, eu quase perdi a oportunidade de ser feliz, e não ia permitir que a história se repetisse, eu queria me sentir livre, me sentir eu. Hoje, este eu não sou eu, levantei a cabeça olhando bem em seus olhos. — Quer saber, que se dane que eu pareça um idiota apaixonado, mas é isso mesmo que estou, não importo que pense que estou meloso, eu amo esta mulher, a quero e ponto-final. — Seus lábios se abriram e falei logo para não me interromper, eu precisava daquilo, precisava colocar o que me sufocava para fora. — Eu só a quero na

minha vida, ela é uma oportunidade de felicidade, uma felicidade que não pretendo mais ficar sem. Passei tempo demais sozinho. — Ele sorriu compreensivo. — Eu só preciso convencê-la que eu sou o melhor para ela.

— Uau! Você não é um idiota, pai. Você é a pessoa mais sincera que já conheci, e quer saber? — Abraçou-me forte e bateu em minhas costas antes de se afastar e me olhar nos olhos. — Quem me dera um dia sentir o que está sentindo e poder gritar para o mundo este sentimento.

— Eu a amo muito meu filho. — Ele sorriu com a minha cara de bobo da corte, apaixonado.

— Então, lute por este amor! Sabe que pode contar comigo.

— Então, por favor, me ajude, mande uma mensagem para a Molly, pergunta da Susie, vê se consegue entrar em contato. Deixei inúmeros recados, liguei e nada e agora seu celular está dando fora de área.

Ele tentou, mas a Molly foi resistente e informou que ela dormia. Não consegui pregar os olhos a noite inteira.

Levantei às oito da manhã e antes de ir ao trabalho fui até a casa onde Susie está hospedada e para a minha infelicidade descobri que eu a havia perdido, que ela havia partido para casa na madrugada às escondidas, até desconfiei, mas notei que todos estavam tão surpresos quanto eu, exceto Flávio que me olhava com aquele jeito vitorioso, que me irritou. Acabei indo embora para não

bater na sua cara.

Perdi meu chão, não sabia como agir, trabalhar, então foi impossível. Permaneci a maior parte do dia em frente à janela de vidro do chão ao teto do meu escritório. Do último andar do prédio luxuoso, eu podia ver toda São Paulo, olhei cada canto com cuidado, cada avião sobrevoando sobre o prédio como se a qualquer momento eu a encontrasse.

Não conseguia parar de pensar, acabei convencendo o Eric em me fornecer o número do celular da Molly, eu mesmo falei com ela, mas ela deixou clara a posição de Susie em não querer mais me ver na vida. E aconselhou-me a esquecê-la.

Como?

Desliguei o telefone, peguei minha maleta, a Valesca era a única pessoa que podia me ajudar a relaxar neste momento. E parti para seu apartamento.

Ela abriu a porta, linda, apenas numa linda lingerie preta, que a deixava muito sensual e, como sempre, pulou no meu colo entrelaçando suas pernas ao redor da minha cintura.

— Eu preciso de você... Vem me dar o que preciso... — Ela deu uma risada, arqueando a cabeça me olhando nos olhos enquanto com o quadril eu empurrei a porta para fechar.

— Tudo o que você quiser! Tudo! — sussurrou ao meu ouvido circulando seu interior com a língua. Aquilo em outros momentos me deixava maluco, porém o desejo não veio, não surgiu nenhum efeito. Eu só conseguia pensar em Susie, mas segui em frente passeando livremente a mão pela sua bunda, seu quadril arredondado, sua cintura e a levei para o quarto.

Valesca arfou ansiosa com seus seios fartos subindo e descendo, e o desejo evidente em seu corpo.

Invadi o elástico de sua calcinha alcançando sua intimidade encharcada, ela jogou a cabeça para trás, gemendo. O desejo me abandonou, fechei os olhos enquanto massageava seu clitóris visualizando a Susie em minha mente, e mesmo assim continuei frio. Não surgiu efeito de quando pensava em Lucy, ri comigo mesmo convencido de que a Lucy era alguém que não podia mais ter, diferente da Susie que era só encontrá-la, mas eu não sabia como.

Levei minhas mãos até a minha camisa branca e a puxei de dentro da calça social na cor preta. Desabotoei e Valesca riscou meu tórax com suas unhas bem feitas e me olhando submissa.

Eu preciso tentar!

Valesca percebeu minha contrariedade e na sua experiência, segurou em minha mão me puxando para a cama.

— Não se preocupe. Vou cuidar de você. — Nem sua voz sensual foi capaz de me excitar. Ela fazia tudo devagar e benfeito como sempre gostei e nada, empurrou-me para a cama e sentei na beira, então entrou entre minhas pernas e enfiou os dedos em meus cabelos.

— Estou te achando tenso? — Espalhou beijos pelo meu peitoral, subindo para meu pescoço, rosto, e fazendo o caminho de volta, enquanto suas mãos hábeis abria o cós de minha calça.

Eu travei, parecia um iceberg, uma enorme pedra de gelo, sem vontade de beijá-la ou tocá-la. Ela percebeu, mas nada disse e continuou seu trabalho como sempre, na maior perfeição.

Eu fiquei imóvel, as mãos segurando firme a beira do colchão, tentando me concentrar, olhando Valesca no comando, sabendo que era experiente e conhecia meu corpo, sabia como eu gostava de ser beijado e tocado. Ela gemia excitada, desceu o zíper e puxou minha calça e cueca, eu arqueei o quadril para facilitar para ela.

Nenhuma excitação.

Afastei-me dela antes de colocá-lo na boca, ela sentou-se na cama e ficou me olhando sem dizer nenhuma palavra.

— Me desculpe, Vales, eu não consigo —disse enquanto me vestia.

— Eu não vou questionar você, Chris. Mas fico triste em saber que vou perder você para sempre... — ela falou triste com os olhos marejados.

— Como assim?

— Quando o coração de um homem fica preso é hora de se conformar. — Ela sorriu e eu me sentei ao seu lado, coloquei seus cabelos atrás da orelha.

— Eu não queria magoar você. — Estava sendo sincero.

Afinal, a Valesca foi uma pessoa muito importante nestes últimos anos.

Ela deu de ombros.

— Não se sinta culpado. Eu sempre soube que nunca teria você e me contentava com o sexo. —Respirou fundo e me olhou com pesar. — Mas, pelo que estou entendendo, isso acabou.

Meus lábios se separaram para explicá-la, mas ela me impediu com seus dedos sobre eles.

— Eu prefiro não saber... — A sua capacidade de compreensão era realmente fantástica.

— Tudo bem. — Segurei seu queixo fazendo-a me encarar. — Eu adoro você.

— Eu sei que sim. — Levantei-me e fui embora, me sentindo culpado.

CAPÍTULO DEZENOVE

Susie

O último voo da madrugada estava lotado, foi muita sorte conseguir o único lugar vago na classe executiva, que era uma fortuna... Em outros tempos, com certeza eu hesitaria, não me importaria de aguardar até o próximo voo pela manhã, evitava o máximo o luxo por odiar a ostentação, mas ali, naquele momento, eu não podia olhar para valores, eu precisava sair do Brasil, cruzar o oceano rapidamente.

Peguei o cartão crédito em minha bolsa e sorri com a ironia do destino, era a primeira vez que agradeci pelo limite de crédito nas alturas daquele pequeno cartão magnético.

Enquanto aguardava na fila, o nervosismo era meu companheiro de plantão. Foi quando me lembrei dos remédios prescritos pelo Dr. Giorgi que havia abandonado, eu nunca precisei tanto deles como neste momento. Peguei um calmante, engoli com dificuldade antes de embarcar, que logo fez efeito com o pequeno

atraso do voo. A moleza expulsou a angústia que sentia, afrouxou meu coração apertado pensando em deixar o Chris para trás. Quando sentei na poltrona do avião eu estava anestesiada. Fechei os olhos e rezei para que o efeito durasse o tempo do voo.

Após oito horas de voo, finalmente o avião pousou as nove da manhã.

Pisar em solo americano trouxe-me uma tristeza maior, ao contrário do que imaginei. Achei que me sentiria mais segura, mas não. Com tantos turistas chegando e saindo da cidade era como se eu fosse a única em todo aquele saguão, eu me sentia sozinha, com um vazio enorme no lugar do meu coração.

Respirei fundo e entrei no primeiro táxi da fila. E pela janela na porta de vidro de saída do aeroporto, a Clarinha seguia-me com um olhar triste, com os braços na lateral do corpo, seus cabelos esvoaçando pelo vento fresco da manhã.

Não! Não! Não!

Endireitei-me no banco do passageiro e cobri o rosto com a mão em desespero.

Você não me seguiu até aqui, não pode!

Fiquei ali com o rosto coberto até o carro estacionar em frente à minha luxuosa casa, nem me lembrei de ligar avisando que estava de volta o que poderia resultar em

desencontro. Ver o carro dos meus pais ainda na garagem me fez suspirar aliviada, e entrei em casa correndo.

— Susie? —Minha mãe me olhou surpresa.

Ela e o papai tomavam café na sala de jantar.

Corri para seus braços, ela se levantou de imediato ao ver meu estado. Era como estar num casulo quentinho e protegido.

— Mãe... mãe... — Deitei a cabeça em seu ombro e fiquei ali na sua segurança.

— O que aconteceu, minha querida, por que voltou tão cedo? — Ela alisava meus cabelos olhando para o meu pai ao seu lado, muito preocupado.

Eu não conseguia falar, eu só queria me sentir protegida em seus braços maternos e quentes.

— Pai. — Estendi a mão e toquei meus dedos no rosto do meu pai, que segurou-a e beijou-a com todo o seu carinho.

Ficamos ali abraçados por algum tempo, então minha mãe me levou até o sofá, sentamos. O meu pai sentou na poltrona à nossa frente.

— Eu não preciso perguntar para saber que algo desagradável aconteceu com você no Brasil... —comentou meu pai, sério. Eu levantei minha cabeça encontrando seu olhar especulativo.

— Me arrependi amargamente de ter ido ao Brasil —

admiti com o olhar triste, visualizando os lábios dos Chris devorando os meus. Eu sentia medo, mas a saudade ainda era maior que tudo.

— O que foi? A família da Molly não te recebeu bem? Você não disse nada ao telefone. — Balancei a cabeça negando.

— Não é isso. Eles me trataram muitíssimo bem. A tia da Molly é uma gracinha, uma mulher amorosa, gentil e muito culta. Todos me trataram bem.

— Então, não me diga que ainda está sentindo aquelas coisas e... — falou meu pai, apreensivo. Fitando-o sem dizer nada, ele fez a leitura pelos meus olhos, então se ajoelhou à minha frente e me abraçou.

— Está tudo bem, minha querida. Você fez bem em voltar e ficar perto da sua família, nós vamos resolver isto juntos: eu, você e a mamãe.

— Nós estamos aqui agora. Não se preocupe, minha menina.

Senti uma emoção reconfortante dentro de mim, fazia-me um bem danado ser tratada como uma criança pequena. É tão bom quando sabemos que tem pessoas que podem resolver tudo por nós.

Mas, lá no fundo, eu sabia que ninguém podia fazer nada, a imagem da Clarinha na saída do aeroporto já demonstrou que nem aqui e em nenhum outro lugar no

mundo eu estaria livre.

— Pai, marca uma consulta com o Dr. Gioirgi para mim, por favor.

— Claro que sim — falou ele, olhando para minha mãe.

— Inclusive, ele ligou várias vezes aqui em casa perguntando se a gente teve contato com você, se você havia reclamado sobre as perturbações. — Ergueu as sobrancelhas. — Está muito curioso com o seu caso — concluiu com estranheza.

— Isso só mostra o quanto ele é um bom profissional — interveio meu pai notando sua desconfiança.

Eu respirei fundo, confiante, a informação soou como esperança de chegar a uma definição mais clara de tudo.

Infelizmente, só foi possível marcar a consulta para o final de semana, pois o Dr. Giorgi estava em um congresso médico. Enquanto isso eu me esforcei para não pensar e não consegui êxito com a Clarinha que surgia com frequência diante dos meus olhos, o desespero em seu olhar era de causar pena, porém eu não fazia ideia de como eu poderia ajudá-la. A minha esperança era o Dr. Giorgi, ainda acreditava que ele havia mudado de ideia e resolveu me ajudar, senão por que a insistência na ligação?

E assim foram meus três dias seguintes, tentando

fechar os olhos para a visão, o lado bom foi que não atravessei mais aquele túnel que me puxava, eu conseguia me segurar na realidade quando se iniciava o processo.

O Chris era um caso à parte e a mais dolorosa. Eu sofria e isso *era visível* para *qualquer* um, a saudade me matava aos poucos, comecei a perder a vontade de existir sem ele. Fechar os olhos e visualizar seu lindo rosto já não me bastava mais, eu não me aguentava de vontade de, pelo menos, ouvir sua voz. Foram inúmeras e incontáveis vezes que peguei o meu celular e disquei seu número, mas desisti no último minuto.

E foi justamente neste momento que a campainha tocou, me arrastei até a porta e, pelo olho mágico, vi o Johnny parado do lado de fora, de cabeça baixa e com as mãos no bolso.

— Minha nossa, Susie! O que aconteceu, você está péssima. — Seus olhos percorreram meu rosto, eu apenas sorri fraco e me virei seguindo em direção ao sofá e me joguei sobre ele.

Ele fechou a porta, veio até mim e se sentou ao meu lado, em silêncio. Durante dois minutos permanecemos assim, mudos.

— Acho que nem preciso perguntar como foi a sua viagem de férias — ele quebrou o silêncio.

Virei minha cabeça para seu lado, ele sorriu meio sem graça.

— A realidade é que eu não sei definir como foi a viagem. — Ele encolheu os ombros, sem entender e quem entendia? — Ir ao Brasil se chocou com dois extremos, por um lado nasceu em mim um sentimento bom, maravilhoso, e do outro um sentimento de pavor de algo monstruoso que não queria nunca em minha vida.

— Uau! Intenso isso — grunhiu. Então segurou em minha mão e apertou. — Então eu estava certo, o seu lugar é aqui comigo. — Eu balancei a cabeça negando, não havia mais espaço para nós, ele estava redondamente enganado.

— Não é bem assim...

Ele me interrompeu:

— Eu senti tanto a sua falta, é tão difícil acordar a cada dia e me lembrar de que eu já *não* te tenho *mais*.

— Me desculpa. — Me levantei rapidamente. — Nosso tempo passou, hoje existem outras prioridades que não inclui você... Eu sinto muito!

Ele respirou fundo, derrotado, e baixou a cabeça entrelaçando os dedos, nervoso, quando o meu celular tocou sobre a mesa da sala de jantar.

— Oi, Molly. — Minha voz chorosa fez minha amiga suspirar do outro lado da linha.

Molly me ligou todos os dias desde que cheguei em casa, e o discurso era sempre o mesmo. Que o Chris

estava desesperado à minha procura que ameaçou colocar um detetive atrás de mim.

— Por favor, Molly, eu não posso mais falar com o Chris — cochichei para Johnny não ouvir, com um aperto enorme no peito. — Eu sei que ele se separou, eu também o amo, mas não podemos seguir em frente. Eu não posso. O porquê não vem ao caso. Por favor, não insista, só diga a ele que morri.

Só Deus sabe o quanto doeu em mim quando desliguei o telefone. E quando me lembrei do Johnny e virei me deparei com ele a uma distância suficiente para ouvir a minha conversa com a Molly.

— Que história é essa de amar alguém que conheceu há alguns dias... — Ele ficou visivelmente abalado.

Que eu conheço há muitos anos.

Assustei-me quando descontrolado ele avançou alguns passos e segurou em meus cotovelos, fitando-me, enquanto eu pensava numa resposta.

— Me fale, Susie.

Afastei meus braços de suas mãos, recuando.

— Pare com isso, Johnny.

— É inacreditável o que escutei, é verdade que você se apaixonou por alguém no Brasil? — Aí, riu incrédulo. — Ou você está falando do Flávio?

— Não tem nada a ver com o Flávio, pare com essa

implicância. — Soltei o ar exausta.

— Então, de quem você estava falando, quem é este cara? — insistiu.

Apertei meus lábios, não queria magoá-lo, mas eu não tinha outra alternativa senão finalizar a nossa história. E o olhei séria.

— É uma longa e interminável história, tente entender que não posso falar disso com você e nem mais ninguém.

Ele se recusou a me ouvir e começou a falar:

— Tivemos uma história juntos, não concordo quando diz que não sou confiável aos seus segredos, ou seja lá o que não quer falar.

— Me escuta! — gritei, o interrompendo. Ele engoliu em seco e me olhou sério.

— A minha vida virou um emaranhado, um nó cego, impossível de desatar. Eu preciso ficar sozinha para digerir descobertas que estão engasgadas aqui — falei com a mão em minha garganta.

— Quanto tempo você precisa? — Senti que ali ele se dava por vencido, seu suspiro exausto me dizia isso.

Balancei levemente a cabeça, confusa e dei de ombros.

— Eu não faço ideia... talvez um dia, dois, um ano, a minha vida toda... Eu realmente, não sei.

Ele apertou os lábios, sua expressão suavizou.

— Acha que um dia a gente possa se esbarrar por aí novamente? — Sorri, orgulhosa de sua compreensão.

— Tudo é possível, Johnny.

Então ele beijou minha face e foi embora sem dizer mais nenhuma palavra.

Fiquei ali contemplando aquela porta fechada algum tempo, com um nó no estômago pensando em tudo que virou minha vida. Precisava de ajuda e sabia que não era médica, e pensei na possibilidade de procurar aquele centro de ensinamentos espirituais que dona Maria Eduarda mencionou. No entanto, não tive coragem, jamais enfrentaria sozinha o desconhecido e a minha mãe não me dava espaço para solicitar algo assim. Então, cada vez mais abatida e isolada aceitei a sugestão do meu pai para ir a outro médico, já que o Dr. Giorgi não havia retornado do congresso.

E como todos os outros exames, tudo estava na mais absoluta normalidade, física porque a mental estava um caos. Nem podia contar com os antidepressivos e calmantes, eu me recusava a tomar. Era a única forma de permanecer na realidade: o medo da verdade me assombrava de um jeito absurdo. Me sentia dividida com o presente e um passado do qual não me lembrava ou conhecia. Entendia que ele me puxava de volta e, por alguma razão desconhecida, a Clarinha estava ali em meu

quarto, bem atrás dos meus pais, com aquele semblante de esperança, sei lá o que era aquele jeito de me olhar.

— Olha, minha filha! — começou minha mãe.

Eu perdia totalmente a minha privacidade, fechei os olhos com força na esperança de que ao abri-los ela fosse embora, mas continuava ali na mesma posição pedindo a minha ajuda com o olhar.

— Acho que já passou da hora de se abrir conosco — continuou ela, parada em pé ao lado da minha cama, enquanto meu pai estava ao seu lado.

— Não precisa esconder nada de nós — disse meu pai.

Sentei-me na cama, encostei as costas na cabeceira e olhei para ambos com olhares preocupados.

— Não tenho nada para revelar, estou farta, apenas isso — proferi rispidamente, desviando meu olhar, reação causada por Clarinha.

Deus, eu só quero que isso acabe! Por favor!

— A Molly nos falou do Chris. — Senti como se uma faca atravessasse meu peito, sentindo uma dor dilacerante, com o coração disparado no peito.

— Se abra com seus pais, Susie, não estamos aqui para julgá-la e sim apoiar você — completou meu pai. Ele se sentou ao meu lado e segurou em minha mão. — Não pode passar o dia inteiro trancada aqui neste quarto sem

ventilação.

Olhei ao redor e concordei com ele, as janelas estavam trancadas com as cortinas brancas fechadas na esperança de impedir a entrada daquele tormento da Clarinha, mas, pelo visto, nada adiantou.

Ela continuava em pé me olhando aflita um pouco atrás da minha mãe.

— A Molly não tinha nada de falar dele para vocês! — rosnei pensativa com um olhar enraivecido.

— Nós que insistimos. Sabíamos que algo aconteceu por lá, não voltaria de uma viagem tão longa sozinha se não fosse por algo grave — concluiu ele me olhando especulativo, baixei meus olhos. Meu coração se encheu de emoção ao visualizar o rosto do Chris. Ele me fazia tanta falta!

— O que ela contou? — perguntei num fio de voz com a cabeça baixa.

— O suficiente para nos deixar atormentados — interveio minha mãe com seu tom de voz contrariado. Imaginei que a Molly teria contado sobre a idade dele.

Respirei fundo e levantei a cabeça, fitando-a, tentando isolar a imagem translúcida da Clarinha.

— Foi só um romance de férias. Já passou, nem me lembro mais dele e... — Suspirei e olhei para cima apertando meus lábios a fim de reter a emoção.

— Não precisa mentir, minha filha — meu pai interrompeu ao perceber meu estado. Voltei a ele que sorriu carinhosamente. — Confesso que este seu envolvimento afetivo, mesmo o rapaz sendo mais velho e casado me trouxe certa tranquilidade, pois pensávamos que estava tão abalada, devido aquele seu problema...

Eu vou matar a Molly!

O que ela tinha que dar com a língua nos dentes.

— Da loucura, você quer dizer? — proferi de uma vez.

Mal ele sabia da realidade, o turbilhão de coisas que estavam dentro de mim. Mas eu decidi assumir tudo sozinha, eles não podiam me ajudar mesmo, ninguém podia... Contar a verdade era só uma maneira de preocupá-los sem sentido algum. Eles já tinham problemas demais com os restaurantes, eu não queria ser mais um.

— Bem... de qualquer forma eu apoio sua decisão de se afastar deste rapaz. Afinal, é um problema por ser casado. — Olhei para ele e suspirei.

— Foi só uma aventura como já disse. Acho que já chorei o que tinha que chorar, lamentar o que tinha que lamentar, amanhã cedo eu prometo que volto à minha rotina normal.

Minha mãe sorriu estufando o peito, satisfeita.

— Ai, que bom! Talvez pudesse ir conosco ao restaurante, há muito que fazer por lá, vai ajudar a distraí-la. — Eu assenti com a cabeça forçando um sorriso quando, na verdade, eu chorava por dentro.

— É! Eu acho que vou sim.

Aliviado, meu pai deu dois tapinhas leves em meu rosto.

— É bom ver um sorriso neste rostinho e saber que está enfrentando bem seus problemas.

Olhou-me curioso, meu semblante se fechou e senti meu coração pular.

— Ou não? — indagou com dúvidas.

— Claro que sim, aos poucos estou superando — menti.

— Ah, que bom! Puxa estava me esquecendo de avisar, o Giorgi retornou do congresso hoje pela manhã e me ligou. Disse que está esperando você no consultório dele o mais rápido possível, não precisa esperar a data marcada da consulta.

— O Dr. Giorgi?

De repente, eu me animei a onda de esperança mudou minha expressão e comecei a sorrir involuntariamente. Via nele a minha válvula de escape, um rumo novo em minha vida.

E embalada nesta esperança saltei da cama, rindo

animada, deixando meus pais espantados com a minha reação.

— Acha que se eu for amanhã cedo ele me atende, pai? — Sentado na cama de cabeça erguida, fitando-me perplexo, sorriu e se levantou.

— Eu tenho certeza de que sim. Ele demonstrou muito interesse no seu caso.

— Ligue já para ele — pediu minha mãe.

Ele olhou para o relógio em seu pulso.

— Às nove da noite, será?

Olhou em dúvida para minha mãe.

— É cedo, e além do mais ele é o nosso amigo, nunca é tarde para ligar para os amigos.

Ele inclinou a cabeça convencido e tirou seu celular do bolso. Eu fiquei ao seu lado torcendo por uma resposta positiva, animada e esperançosa.

O meu estado de ânimo mudou o clima ali no quarto, olhei ao redor e nem sinal da Clarinha, de luz, nada. A impressão que eu tinha naquele momento era de que a luz do horizonte se abriu para mim, me chamando para trafegar por ela.

— Ele quer ver você amanhã, às 10h — informou ele alguns minutinhos depois.

Eu dei um salto, rindo, confiante, fazendo meus pais

rirem também.

Minha mãe me abraçou.

— Eu adoro ver a minha filhinha tão animada. — Ela se afastou, olhou em meus olhos e sorriu, carinhosa. — Me lembra dos tempos de criança quando trazia uma boneca nova.

— Ah, mãe! Tempos bons, eu não precisava me preocupar com nada, tinha vocês dois. — Olhei para meu pai ao seu lado. — No comando, eu só tinha que me divertir — falei saudosa e meu pai colocou a mão em meu ombro.

Levantei às sete horas no dia seguinte, ansiosa para a consulta.

Na mesa do café precisei convencer os meus pais de ir sozinha para a consulta, mas não foi fácil porque a minha mãe se recusava a me deixar ir. Ela queria me acompanhar. Com muita conversa e, contrariada, ela acabou cedendo. Aguardei os dois saírem para o trabalho e só então subi para o meu quarto, peguei minha bolsa e saí.

Quando a secretária anunciou que eu estava na recepção, de imediato Dr. Giorgi me mandou entrar, eu travei na porta do consultório ao ver sentado na cadeira à frente da sua um homem calvo, gordinho vestido em um terno cinza-chumbo.

O Dr. Giorgi se levantou assim que fechei a porta e meus olhos ficaram presos naquele homem, ele virou a cadeira giratória em minha direção e sorriu cordialmente com seus lábios finos e olhos pequenos e cinzas, enquanto o Dr. Giorgi apertou minha mão com firmeza dando-me as boas-vindas.

— É muito bom que tenha vindo, Susie.

— Obrigada — agradeci olhando para o senhor.

Sentia-me insegura com a presença dele e por um momento pensei em dar uma desculpa e dar meia volta. Não ia comentar sobre os meus problemas diante do seu amigo.

O homem se levantou, ajeitou o terno no corpo e sorriu para mim. Eu retribuí o sorriso com receio.

— Deixa eu te apresentar — falou Giorgi notando meu deslocamento.

— Este é o Dr. Franklin Clark, ele é um dos médicos de nossa equipe, e renomado na área de Psiquiatria e um grande interessado na área da Paranormalidade. — Ele estendeu a mão para me cumprimentar, eu olhei para Giorgi e estendi minha mão para o médico.

— É um prazer — falei sem tirar os olhos do Dr. Giorgi, ali estavam respondidas as minhas desconfianças.

— O prazer é todo meu, senhorita Susie.

— Então eu estava certa, você viu alguma coisa perto

de mim naquele dia?

O Dr. Giorgi concordou, receoso.

— Sim. — E foi se sentar e depois apontou a cadeira ao lado do Dr. Franklin para que eu me sentasse. — E confesso que fiquei bem assustado — disse ao se debruçar sobre a mesa à nossa frente e movimentar os dedos, ansiosos. — E no mesmo dia, eu entrei em contato com o Dr. Franklin e comentei com ele sobre o seu caso. — O fitou, assim como eu, e ele assentiu.

— É um acontecimento que requer cautela, minha jovem — explicou ele. — A paranormalidade ou médium espiritualista significa comunicação sem os processos sensórios, como podemos dizer: movimentos físicos sem os processos físicos reconhecidos. Fenômenos incomuns que, apesar de haver alguns cientistas interessados e que apresentam suas ideias, elas são rejeitadas diante do ceticismo.

— E peço desculpas pelo outro dia — disse o Dr. Giorgi. — Não que eu seja cético. Bem, na verdade eu tentei ser, na minha juventude eu tive alguns momentos de visões inexplicáveis, mas me deparei com olhares críticos de dúvidas e acabei isolando isso na minha vida. Até você aparecer e acender uma luzinha de curiosidade dentro da minha cabeça — confessou ele.

Fitei o Dr. Franklin com atenção.

— Para falar a verdade, eu preferia me manter firme

com o pé no chão na realidade, e o que vem acontecendo é ao contrário, eu sou levada involuntariamente para um caminho que não tenho controle algum.

Ele franziu a testa com um sorriso de esperança, como se eu fosse para ele o melhor doce do mundo que ele ia devorar com prazer.

— Gostaria que deixasse de lado toda a teoria e fosse o mais claro possível comigo — falei séria e ele concordou com a cabeça.

— Pois bem, então me diga exatamente o que quer saber?

— Acha possível uma pessoa que morreu possa nascer novamente?

— É exatamente este o centro do meu estudo e investigação. Reencarnação — afirmou ele.

— Existem provas? — Ele negou com pesar.

— Provas exatamente, não. Existem relatos e declaração pelo mundo todo de pessoas que dizem se lembrar de suas vidas passadas, inclusive há médiuns espiritualistas que apoiam os estudos. Mas, como eu já lhe disse, são assuntos delicados e que encontram barreiras enormes.

Baixei minha cabeça, pensativa, e por um instante permaneci assim até o Dr. Franklin me interromper:

— Você me daria um enorme prazer se eu puder

acompanhar o seu caso — se ofereceu.

Levantei a cabeça olhando em seus olhos, sentia um arrepio descer por minha nuca, estômago embrulhar, tudo causado por um medo tremendo.

— Poderia ajudar a me libertar de tudo isso?

Ele deu de ombros e abriu os braços.

— Talvez! — ponderou. — O primeiro passo é fazermos consultas periódicas, você relatando o que sente, o que vê, estas coisas, talvez colocar para fora seja uma forma de superar e aprender a conviver e...

Suspirei espaçado e fechei meus olhos por um segundo, era exatamente o que aconteceu com a mãe do Flávio, eu não queria aquilo para mim.

— Eu não quero assim! — falei convicta.

Expor abertamente os meus problemas, contar detalhes era reviver o que eu estava evitando viver. Era literalmente romper a barreira do tempo e voltar ao passado e isso eu sabia que não queria. Acreditando ou não nesta história de reencarnação, eu decidi isolar, bloquear, colocar uma pedra por cima e me levantei. Ambos levantaram a cabeça me olhando perplexos.

— Eu agradeço, Dr. Franklin, pelos esclarecimentos e a oferta de ajuda. Mas eu acho que não estou preparada para nada disso. Eu só quero ter uma vida normal como qualquer outra pessoa, entende?

Ele apertou os lábios e se levantou, pegou um cartão na carteira e me entregou.

— Eu entendo o seu receio. — Seu tom foi compreensivo. — Aqui está o meu cartão, se por ventura mudar de ideia eu terei um enorme prazer em acompanhar o seu caso. Seria uma honra poder partilhar com você, este seu dom é especial, raro no mundo.

A empolgação em sua voz me mostrava o quanto ele se interessava pelo assunto, entendi que o meu caso era uma oportunidade de ouro para ele, mas não poderia dar-lhe esperanças, não queria nada daquilo, dom, verdade, nada! Pesquisar o assunto era assumir, então decidi apenas deixar a vida seguir seu rumo natural das coisas, se o meu destino fosse esse, então que fosse de forma natural, que eu me lembrasse somente o que tivesse que lembrar sem forçar a barra.

— Obrigada — respondi com os olhos sobre o cartão com todos os dados do seu consultório. Estendi a mão para o Dr. Giorgi. — Muito obrigada por me receber.

— Estou à disposição, minha jovem. E pense com carinho na proposta do Dr. Franklin, eu compreendo o seu receio, mas acho que ele poderia te ajudar.

Concordei com a cabeça.

— Eu vou pensar — menti.

Pedi licença e saí do consultório, abalada. Na

verdade, completamente transtornada.

Uma espécie de abandono, em vez de ajuda ele me ofereceu bater de frente, confrontar os meus medos.

Como isso seria possível?

Eu precisava esquecer e faria enquanto havia tempo.

O sol das onze horas estava radiante, o vento calmo, e eu me sentia sozinha, esquecida no mundo, olhando aquelas pessoas passando por mim pela calçada sentia olhares de desprezo. Não via mais beleza na Miami que eu sempre amei de paixão, com seus turistas do mundo inteiro.

Faltava algo, faltava tudo, faltava o Chris.

Mas eu não queria mais pensar nele, ele significava uma influência a voltar no tempo. E a minha vida é hoje e o agora. Infelizmente sem ele não dava para solidificar esta certeza.

Caminhando em direção à minha casa, parecia que eu estava embriagada e perdida, numa explosão de prazer, com as lembranças dominando meu ser, seus beijos, seu corpo... Eu sentia que estava pulsando inteira num mar de desejo, ansiando por mais. As horas foram passando e o sol escaldante que batia inevitavelmente em meu rosto deixou tudo abafado.

O ar não era mais suficiente para os meus pulmões, meu coração batia num ritmo acelerado, sentia uma dor

profunda na minha alma como se a ferida causada pelo nosso encontro se abrisse e uma grande inflamação tomasse conta do meu corpo, ardendo furiosamente enquanto eu me sentia oca, praticamente vazia.

"Chris!", gritei seu nome em meu pensamento.

Levantei a cabeça e acenei para o ônibus que vinha e voltei para casa.

Havia bloqueado o número do Chris, do Eric, do Flávio, de todos que de alguma forma me lembravam ele. E passei o dia inteiro olhando para aquele celular, louca para desbloquear, não estava mais suportando, eu precisava ouvir a sua voz nem que fosse por apenas um segundo, mas eu não tinha coragem.

Como uma desvairada perambulando por minha luxuosa casa, passei o dia todo assim, a única vantagem de ficar livre da Clarinha, de seus tormentos pedidos de socorro. Quando sentia paz nas aparições, então vinham as saudades absurdas.

Abri a janela do meu quarto, e fiquei ali olhando para a rua esperando o dia passar, deixando meus pensamentos tomarem conta, fiquei por horas, pensando refletindo na minha vida, querendo de alguma forma recomeçar, enquanto o vento ia carregando as folhas secas das flores que caíram no chão.

O sol se despedia e a luz da lua tomava seu lugar de direito quando respirei fundo e fechei a janela. Um banho

restaurador talvez me ajudasse a clarear minhas ideias, esfriasse o sangue fervente que circulava por minhas veias.

A estridente campainha soou pela casa. Desanimada, eu fechei o registro do chuveiro, peguei a toalha macia branca ao lado do boxe, me sequei, coloquei meu roupão branco atoalhado, fiz um coque acima da cabeça com os cabelos úmidos com gotas escorrendo atrás do meu pescoço e a passos lentos, eu saí do banheiro.

Girei a maçaneta sem me dar ao trabalho de olhar pelo olho mágico da porta e eis que paralisei com a boca aberta, surpresa. Eu poderia pensar em qualquer pessoa batendo à porta da minha casa, nunca o Chris.

— Susie... — Ele falou baixo com seus olhos repletos de ternura prendendo os meus, com as mãos no batente da porta.

Meu coração disparou e *se apertou* ao mesmo tempo. Tive que me conter para não pular no pescoço dele. Minha felicidade estava ali, diante da minha porta e minha razão gritando lá no mais profundo de mim o que ele significava em minha existência. Eu me acovardava com a verdade, eu não podia.

— C-Chris — gaguejei respirando com dificuldade, ele estava ainda mais lindo do que me lembrava. Seus cabelos estavam desalinhados de quem acabou de acordar, muito charmoso e sexy com uma calça jeans

escura, uma camiseta preta justa e um blazer preto dando um toque esporte.

— Oi, amor, desculpa te chamar assim, mas é que não acredito que a nossa história vai acabar assim. — Seus olhos marejados feriram meu coração colocando em risco minha decisão. — Eu juro que tentei respeitar sua vontade de ficar longe, mas eu não fui capaz de suportar a distância. Tomei coragem e vim aqui te pedir perdão pelo que a Kate te fez — ele falou isso avançando um passo me deixando nervosa.

Recuei e precisei virar de costas para continuar no controle das emoções à flor da pele, eu estava a um fio de me atirar em seus braços e ele sentia esta vibração no ar quando enfiou o rosto na curva do meu pescoço, beijou levemente e subiu até minha orelha.

— Você tá linda. Esse cheiro… — Ele puxou o ar um pouco mais forte. — Que saudade! — sussurrou.

Eu fechei os olhos precisava manter o equilíbrio e com ele por perto sabia que seria impossível.

— Por favor! Eu não posso... — tentei falar quando me virei de frente a ele.

Que inferno!

Não havia como com ele me olhando daquele jeito carinhoso, apaixonado como eu estava.

É muito confusa esta minha vida.

Ele segurou em meu rosto, obrigando-me a encará-lo.

Eu perdia minhas forças com seus olhos mel brilhando de emoção, seu perfume inebriante ativando cada terminação nervosa do meu corpo. E seu hálito quente e sedutor batendo em minha pele, deixando minhas pernas bambas.

Ele balançou a cabeça.

— Não vejo o porquê, Susie. Passamos momentos lindos juntos que não saíram mais da minha cabeça. Você não tinha o direito de fugir de mim daquele jeito, eu não suportei ficar longe!

Balancei a cabeça em negativo.

— Eu não posso. — A tristeza e o medo impregnou meu murmúrio. — Eu estava começando a sobreviver sem você. — Soltei um suspiro baixo, ele me olhava em desolação, em silêncio, analisando cada gesto meu.

Eu não tinha forças para reagir, por mais que minha razão me colocasse numa posição defensiva, minha emoção se derretia ali em seus braços fortes, e foi a emoção que venceu. Ele entrelaçou o braço direito pela minha cintura e com a mão esquerda segurou firme em minha nuca espalhando beijos pelo meu rosto.

— Por favor não me mande embora, eu não conseguiria viver sem você, por favor... — implorou ele com lágrimas nos olhos beijando meu rosto, meu queixo,

meu pescoço e parou em minha boca. Paramos e ficamos por um momento com os lábios unidos em silêncio, cada um sentindo a respiração do outro, era como se nossas almas entrassem num acordo. Ambas precisavam uma da outra e, então, não resisti e abri meus lábios dando passagem a sua língua quente num beijo ardente, urgente, saudoso...

— A sua esposa... — balbuciei quando seus lábios se afastaram dos meus para respirarmos.

— Eu não tenho uma esposa, e não vou desistir de você — disse sério.

Eu baixei meu olhar até o chão, sem saber o que dizer. Eu sabia o que ele queria, era o mesmo o que eu, no entanto havia muitas coisas envolvidas que eu não conseguia esquecer, mas precisava. Almejava muito que as coisas fossem diferentes, o fato é que a realidade era outra e tentei me afastar, e ele impediu me prendendo forte.

— Olhe para mim e me escute — ordenou ele firme. — Não existe mais nada entre mim e a Kate, eu pedi o divórcio.

Então, ele beijou meus lábios com fervor me deixando zonza e me fazendo esquecer o que acabei de pensar, nada em mim era sólido só o que eu sentia por ele.

— Estou livre, meu amor, livre para vivermos nosso amor. Eu te amo!

Eu fiquei em silêncio, sua íris me encarava com intensidade de sentimentos, e a minha com muitos conflitos.

— Por favor, me diga que sente o mesmo por mim, por favor. — Sua voz saiu triste. Suas mãos seguraram as minhas com delicadeza. Aquilo tudo era uma tortura.

Como, como eu poderia resistir àquela promessa?

Não havia como nem tentar, não havia.

Que se dane o passado, que se dane a fantasma, que se dane todo mundo...

Eu precisava dele para ser feliz, eu não sei se ele encantou a minha vida ou arruinou-a de vez. Eu só sabia que o desejava ao meu lado, o queria para mim. Mesmo com tantos obstáculos eu ainda tinha uma suposta certeza de que nasci para ele e ele para mim e já era motivo suficiente para jogar a razão para o espaço e viver este amor dentro de mim.

Mergulhei de cabeça, totalmente apaixonada, joguei meus braços ao redor do seu pescoço. Seus lábios percorreram meu pescoço inclinado, subiam ao meu rosto, roçavam meus lábios entre nossas lágrimas. Nós tremíamos de emoções, era mágico, uma fonte inesgotável de paixão, de um amor reprimido. Ali, naquele momento a granada acabava de ser ativada, logo ia haver uma enorme explosão.

— Eu amo você também — confessei.

Seus braços me agarraram com mais força e ele me arrastou de costas ao meio da sala, esquecemos completamente da porta aberta.

Nos beijávamos e nos abraçávamos com tanta emoção, um se declarando para o outro como se o mundo nos pertencesse, como se nós dois fôssemos os únicos. Um ruído na porta me fez abrir os olhos por cima dos ombros do Chris, enquanto suas mãos acariciavam minhas costas, meus cabelos, e seus beijos percorriam a pele do meu pescoço, eu vi meus pais perplexos nos olhando.

Minha mãe avançou o passo com um olhar chocado, com os lábios entreabertos para nos repreender, mas meu pai, emocionado, colocou a mão espalmada em seu peito e sorriu para mim. Ele entendeu o que acontecia ali. Minha mãe o olhou, insatisfeita, mas com um aceno de não com a cabeça ele acabou a convencendo, e ambos saíram e fecharam a porta nos dando toda a privacidade que necessitávamos.

Chris virou a cabeça para trás com o ranger da porta, ele sequer percebeu a presença então se voltou para mim.

Coloquei minha mão em forma de concha em seu rosto, ele deitou sobre ela, inclinando e beijando-a com carinho.

— Me desculpe pelo que a Kate te fez. — Tentou se desculpar, mas eu não esperava desculpa, eu o desejava

independente de qualquer coisa.

— Eu já superei. — Inclinei minha cabeça, mordi seu lábio inferior e puxei devagar em tom provocador. Eu queria muito matar aquela saudade em meu peito, em meu corpo, ele gemeu baixo e se afastou me olhando com malícia.

— Nem acredito que estou aqui com você novamente. Como eu te amo, meu amor! — E beijou novamente meu rosto antes de se afastar só um pouco com seus lindos olhos mel percorrendo meu corpo de cima a baixo. — Você é linda! — Soltei um risinho lisonjeado.

— Ah, tá bom! Vou fingir que acredito. Acabei de sair do banho e...

Seus lábios encobriram os meus antes que eu pudesse finalizar a frase.

— Você conseguiu ficar ainda mais linda com esse roupão de banho — sussurrou sobre eles.

O vermelho do meu rosto destacou com o branco do roupão.

— Estou com tanta saudade e você está tão sexy... — Aspirou meu pescoço abrindo meu roupão me deixando arrepiada. — Está cheirando a sabonete de rosas. — E beijou o colo dos meus seios e lambeu. — Deliciosa.

Ele provocou baixinho, fechei meus olhos com ondas de arrepios ganhando meu corpo. E subiu roçando com os

lábios, mordendo meu lóbulo enquanto eu deslizava minhas mãos por seu peito até envolver seu pescoço com meus braços.

— Eu não posso e não quero mais ficar longe de você, minha menina sexy.

— Esses dias para mim não foram nada fáceis — admiti, olhando diretamente em seus olhos quando ele uniu nossas testas.

Chris deu um sorriso cheio de carinho, via o desejo em seus olhos mal-intencionado, retribuindo meu olhar com intensidade, e sem demora uniu seus lábios macios aos meus, enquanto soltava meus cabelos úmidos.

Meus dedos embrenharam-se nos seus desgrenhados, acariciando sua nuca. E à medida que o beijo se aprofundava suas mãos ansiosas ousavam mais, atravessaram o roupão acariciando sensualmente minhas costas nuas me pressionando contra seu corpo. Gemi ao sentir sua ereção dura e mordi seu lábio inferior com um pouco de força, e enfiei as mãos por baixo de sua camiseta arranhando suas costas o fazendo gemer. Ele me olhou excitado.

— Me deixa ver você? — pediu tirando meu roupão que deslizou até o chão. Eu estava ofegante, comecei a tremer de prazer com seus olhos percorrendo meu corpo nu.

— Seus seios são lindos — ele falou enchendo suas

mãos pressionando com carinho deixando-os duros de tesão.

— Chris — soltei um gemido estrangulado, ele me olhava com muito amor.

— *Minha doce*, pequena e grande menina! – ele sussurrou contra meus lábios, e moveu sua boca para meu pescoço, sugando minha pele, me agarrei a ele, e seus lábios desceram até o meu peito beijando minha pele exposta.

Ofeguei com seu dedo contornando o mamilo, e estremeci quando seus lábios desceram em direção aos meus seios. Gemi alto ao sentir sua língua lambendo o vale entre os meus seios, em seguida abocanhou um dos meus seios sugando, enquanto apertava um pouco forte o outro, revezando em seguida, sua boca movia de um para o outro sugando, lambendo e mordiscando meus mamilos e fez o caminho de volta até minha orelha.

— Talvez precisamos ir a outro lugar, aqui não é o lugar apropriado para o que estamos prestes a fazer... Pode chegar alguém, eu estou morrendo de vontade de você. — Ele soprou, dedilhando toda a extensão de minhas costas rapidamente enquanto cambaleávamos para trás sem sequer nos darmos conta disso.

— Aqui... — Assenti de leve, sentindo minhas costas colidir com as paredes da sala. — Meus pais vão demorar. — Logo em seguida o corpo quente dele me

imprensou contra ela. Suas coxas cobertas pela calça se misturaram às minhas e uma de suas mãos deslizou até atingir minha perna.

— Tem certeza? — Ele sorriu, sem tirar os olhos de minha boca, e voltou a me beijar com ainda mais desejo. Segurei seu rosto com as duas mãos, sentindo seus dedos apertarem minha coxa e subirem até minha cintura.

— Não se preocupe — tranquilizei com a voz abafada.

Ele começou a beijar o meu pescoço, enquanto eu o arranhava nas costas e começava a tirar seu blazer e segurei na bainha da camiseta levantando-a, ele ergueu os braços me olhando com ternura e joguei a camiseta em qualquer lugar.

Chris desceu os seus beijos para o meu colo, enquanto abria o cinto da calça com uma mão e com a outra passava pela minha coxa e bunda. Eu soltava leves gemidos enquanto ele descia seus beijos para os meus seios, ele terminou de abrir a calça e me deixou no vazio enquanto a descia até o tornozelo, e suspendeu um pé depois o outro até se livrar dela. Em seguida, segurou na lateral do meu quadril pressionando contra sua ereção com força me fazendo gemer ao mesmo tempo que sugou meus seios com vontade, dando pequenas mordidas nos bicos, me fazendo deslizar minhas mãos das costas para sua nuca, entrelaçando meus dedos nos cabelos.

Chris voltou a me beijar ferozmente, eu levei minhas mãos até seu pescoço e comecei a traçar uma linha com as unhas de uma de minhas mãos em seus braços e peitoral bem definidos e totalmente expostos.

Perfeito! Como ele é gostoso.

Desci meus beijos para seu peitoral, fazendo-o retrair cada músculo que eu tocava com meus lábios, e flashes surgiam em minha cabeça. Eu tinha a impressão de que eu tinha algo para lembrar.

Mas o quê?

Sabe quando você quer se lembrar do nome de algum lugar ou de alguém, que está ali na sua cabeça, mas você não consegue, e essa sensação chega até a ser agonizante. É exatamente isso que eu estava sentindo. Chris percebeu minha hesitação e me olhou com dúvida.

— Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou.

Eu neguei de imediato, isolando aquela sensação, e consegui dando prosseguimento.

E sem muito esforço, eu consegui. O prazer era muito maior do que tudo. Seu pênis estava estrangulando dentro da cueca e a cabeça começava a escapar pelo elástico. Desci com a língua traçando o caminho até ele e passei a língua de forma sensual.

— Uau! — Chris murmurou meio sem fôlego, tirando meus cabelos, caindo na lateral do meu rosto, fazendo um

rabo de cavalo.

— Eu quero provar tudo de você. — Coloquei minha mão sobre a boxer, passando a mão sobre o seu membro, então eu enfiei a mão por dentro e comecei a masturbá-lo. Ele gemia com o meu toque, então aumentei a velocidade e comecei a beijar todo o seu pescoço.

Chris gemia alto, apertando minha cintura.

— Eu vou chupar você todinho — alertei-o.

— Delícia... — Saiu como um *grunhiu*, soltando um *gemido* rouco em seguida.

Eu me sentia íntima dele, não tinha vergonha das palavras que saíam de minha boca, eu estava realizada. Desci sua boxer tirando-a até o tornozelo e com os pés ele se livrou dela.

Segurei a glande de seu membro e passei a língua na cabeça e em toda sua extremidade.

— Assim você me tortura — falou entre os gemidos, então eu dei uma chupada com vontade.

— Esta é a ideia — rebati em tom cruel olhando por cima dos olhos.

Ele trincou os dentes eu o chupei com cuidado, mas com vontade, fazendo-a arfar e gemer baixinho.

Eu fazia tudo com prazer sentindo seu sabor, ouvindo seus gemidos de tesão, segurando na lateral da minha cabeça, me ajudando com o movimento e intensifiquei,

sentindo espasmos e contrações que doíam. Molhada, eu chupava e me contorcia de desejo sonhando com ele dentro de mim.

Então seu pênis pulsou, ele ia gozar e suas mãos me puxaram para cima pelos ombros.

Estremeci na expectativa de ter ele dentro de mim.

Ele me guiou até a dobra dos meus joelhos encostarem-se ao sofá e devagar ele me deitou e se deitou por cima de mim, começou a esfregar seu membro na minha intimidade.

— Eu gostaria muito de sentir na pele — Eu arfei. —, mas não podemos arriscar.

Eu assenti com a cabeça sem condições de falar, no entanto eu estava ciente de que precisávamos de proteção. Então, ele correu até onde estava sua calça, pegou um preservativo na carteira e o vestiu tão rapidamente que eu estava respirando tão ofegante que mal percebi sua ausência.

E então me penetrou devagar, me fazendo gemer alto e entrelaçar minhas pernas em sua cintura, diminuindo o mínimo espaço entre nós com movimentos leves e lentos. A cada investida de Chris, eu entrelaçava mais meus dedos em seus cabelos suados. Queríamos sentir toda aquela energia que só eu e ele podíamos gerar.

Ele foi aumentando os movimentos soltando leves

gemidos em meu ouvido enquanto eu o arranhava cada vez mais em seus braços. Chris continuou no mesmo ritmo e, então, começou a apertar de leve os meus mamilos, me fazendo fechar os olhos e morder o lábio inferior segurando um gemido, o que serviu de estímulo para ele me puxar mais para si e me penetrar mais rápido.

Já estava quase lá, então gemia alto assim como ele até que mesmo com o preservativo foi possível sentir seu líquido quente dentro de mim, mordi meus lábios e gozei também abaixando a cabeça na curva do meu pescoço respirando rapidamente. E quando nossas respirações se equilibraram, ele saiu de dentro de mim, deitou-se ao meu lado e me apertou em seus braços colocando a cabeça sobre meus seios.

— Isso é uma loucura. — Sorriu.

— Bota louco nisso! — Concordei e rimos.

Ele ergueu a cabeça me dando um selinho longo e, então, se levantou e começou a se vestir.

— Provavelmente seus pais logo estarão em casa, eu não gostaria de ser flagrado nestas condições — falou preocupado e me dirigiu um olhar bobo quando comecei a rir. — Você ri, né?

— Relaxe. — Me levantei e beijei seus lábios, me sentindo realizada. A felicidade que ele me proporcionou me fez esquecer de tudo, tudo mesmo. Ele parou de se vestir e segurou em meu rosto.

— Eu quero passar a melhor das impressões aos seus pais — a sinceridade exalava dele.

Pendurei-me em seu pescoço, ele alisou meus cabelos ainda úmidos em minhas costas.

— Eles vão adorar você... — Era uma certeza. — como eu adoro.

Ele negou com cabeça.

— Eu quero que me ame e não me adore. — Segurou o riso.

— Eu amo você — corrigi e ganhei mais um beijo demorado, então ele terminou de se vestir.

Enquanto vestia o roupão pensava numa desculpa para quando meus pais entrassem por aquela porta.

— Chris, eu vou subir para me vestir. Você pode ficar à vontade se quiser beber alguma coisa. — Apontei o bar no canto da sala. — Meu pai é um bom apreciador de bebidas, acho que tem coisas muito boas, se sirva à vontade.

— Tudo bem. Obrigado. Ah, Susie, onde fica o banheiro? — Levantou a camisinha usada e sorriu. — Preciso dar um sumiço nisso. — Rimos do seu tom brincalhão.

Desci os degraus novamente e o levei até o banheiro e subi as escadas correndo, pisando em ovos e feliz da vida!

Tomei um banho bem rápido, e na hora de me vestir fiquei em dúvida. O meu desinteresse por roupas rendia várias peças ainda com as etiquetas ali nos cabides no armário. Eram peças que minha mãe me dava de presente na esperança de me animar e me vestir melhor. Esta minha simplicidade sempre a irritou, afinal ela sempre dizia que não trabalhou tanto por nada. Eu nunca concordei com ela, entretanto, desde que conheci o Chris, eu sentia a necessidade de melhorar o visual principalmente no quesito sensualidade.

Não queria exagerar, mas também não queria ficar tão simples. Na dúvida, eu vesti um tubinho preto, quatro dedos acima dos joelhos, com alguns detalhes em pedra transparente — um trabalho artesanal muito delicado. Sequei meus cabelos, deixando as pontas cacheadas, apliquei uma maquiagem leve para não forçar com os acessórios dourados e, para finalizar, coloquei uma sandália meio salto também na cor preta.

E desci.

Com o copo de uísque na mão, Chris caminhou ao pé da escada quando me viu descendo, me olhando com admiração.

— Uau, linda! — Suspirou profundamente e estendeu a mão livre para me ajudar a descer.

Parei em sua frente, enquanto seus dedos da mão livre deslizava pelo meu braço.

— Ainda não estou acreditando que você está aqui na minha casa.

— Não deveria duvidar, levei muito a sério o que aconteceu entre nós.

— Eu fiquei com medo, aconteceram tantas coisas ruins que eu não soube como enfrentar, e... — Parei repreendendo-me no silêncio dos meus pensamentos, eu jamais poderia contar-lhe sobre os meus problemas surreais. A ele e a ninguém, seria um segredo que pretendia levar ao túmulo.

Pretendia.

— Coisas, Susie? Do jeito que falou, me dá a impressão de que não foi apenas a Kate que a assustou. Por acaso, a minha idade pesou? — Eu neguei com a cabeça e beijei seus lábios dedilhando as pontas dos meus dedos em seu rosto traçando sua mandíbula, ele riu meio que confuso.

— Isso não importa em nada...

— Então por que não confia em mim, e me conta o que mais a aflige. Eu sinto que tem algo a mais aí escondido que se recusa a me contar. Tem a ver comigo? — Respirei fundo com sua preocupação e pensei se não podia dizer a verdade, afinal tinha tudo a ver com ele. Só não sabia como entrar no assunto. Ele permaneceu em silêncio, aguardando, era quase uma pressão.

— Eu estou em tratamento, quero dizer... — pensei um pouco procurando as palavras certas, de forma que não o chocasse. — Um pouco antes de ir ao Brasil, eu comecei a apresentar alguns sintomas estranhos, tipo umas alucinações... — Minha voz soou baixa, hesitante.

Ele franziu a testa.

— Tipo assim... você vê as coisas? — Ficou meio indeciso me fazendo gelar com seu julgamento, mas não havia como voltar atrás.

— Sim... Mas espero que logo tudo isso vá embora e me deixe em paz. — *Já demorou demais para passar*, pensei.

Ele sorriu com olhar distante, recordando.

— Isto quer dizer que você ainda é atormentada, então aquele dia do desmaio você viu alguma coisa na porta do banheiro, não viu? — Eu corei, assentindo. Ele passou a mão pelo meu ombro, acariciando meu braço. Eu deitei a cabeça em seu ombro e suspirei.

— Não precisa se envergonhar, comigo já aconteceu algo semelhante — confessou. Eu me afastei olhando para ele curiosa.

— Você já viu espíritos? — Ele não se conteve e riu do meu jeito.

— Não chegou a tanto, só ouvi vozes. Mas por que, o que você vê são espíritos?

Encolhi os ombros, achando aquele assunto muito embaraçoso e fui me sentar no sofá me afastando, ele foi se sentar ao meu lado com seu olhar especulativo.

— Se você não se importa, eu não gostaria de falar sobre isso. Nem sei por que te contei, o fato é que me assusta, mas, enfim, estou superando e acredito que não falar sobre o assunto é a melhor forma de esquecer.

— É claro que não me importo. E o tratamento tem ajudado? — ele insistiu como muito cuidado. Eu respirei fundo antes de responder, fiquei na dúvida sobre o que responder, até o momento o resultado foi aproximado a zero.

— Eu não sei responder, Chris...

— Tudo bem. — Ele me abraçou pelo ombro, acariciando a lateral do meu braço. — Eu não sei exatamente o grau deste seu problema, mas caso o médico não ajude você, existem outros meios de buscar ajuda.

Fechei meus olhos com força e neguei com a cabeça.

— Eu acho que por ora eu prefiro seguir pelo caminho tradicional.

— Você sabe do que estou falando, né? — Fiquei em silêncio e ele continuou: — Já ouvi muito falar sobre mediunidade e lugares apropriados para este tipo de coisa. Se quiser, eu posso te ajudar — ofereceu tão prestativo.

Eu neguei, e acredito que negaria pelo resto da minha vida depois do relato da dona Maria Eduarda.

— Eu acredito que não será necessário, apenas a Clarinha... — parei de imediato.

Que vacilo o meu dizer o nome dela.

Lembrando que ele, com certeza, a conheceu. A minha certeza veio com ele arqueando a cabeça e me encarou esquisito.

— Clarinha? — Eu sacudi minha cabeça de imediato.

— Quero dizer, apenas a Kate me mete medo — tentei consertar e deu certo.

Ele beijou minha bochecha.

— A Kate nunca mais vai aborrecer você, eu prometo. — Sorriu ao falar. — Acabou tudo entre nós.

— E ela aceitou na boa? — perguntei com suspeita.

— A Kate é uma mulher orgulhosa. Ela foi embora de casa no mesmo dia em que conversamos.

— A Molly, viu... Ela deu-lhe o meu endereço...

— Não — falou de imediato em sua defesa. — tem uma amiga fiel, senhorita Susie. — Eu ri do seu jeito. — Eu insisti e ela negou até quando desembarquei no aeroporto de Miami. — Cerrei o olhar.

— Você é um maluco! — Ele riu, assentindo que sim com a cabeça. — Veio assim na sorte? — Seu sorriso

lindo abraçou meu coração. Ele se encaixava perfeitamente em minha vida e agora mais do que nunca, ele não me julgou e isso era o maior alívio para minha alma. — Então, como foi que me achou? — Ri sem entender.

— Eu não precisei perambular pela cidade, se é isso o que está pensando — falou com humor. — Eu liguei para ela e fiz uma chantagem emocional. Ou ela me daria o seu endereço ou eu ia vasculhar cada canto dessa cidade embaixo de chuva ou sol... E tem o agravante de eu ser o pai da paixonite dela, não é? Às vezes, eu sei persuadir as pessoas.

Comecei a rir.

— Ela cedeu a minha pressão, ou talvez tenha se convencido sobre o meu amor... — Estudou meu rosto por alguns segundos antes de olhar ao redor.

— Tem uma vida confortável aqui, sua casa é magnífica. — Sorri com o elogio.

— Obrigada! Meus pais trabalham duro para manter tudo isto — proferi em tom de modéstia e ele riu enquanto fixou seu olhar no meu.

— É engraçado.

— O quê?

— O seu jeito de ser! — Não entendi o que ele queria dizer.

— Que jeito? — Dei de ombros.

Ele balançou a cabeça, pensativo.

— Você é tão meiga, simples e isso me atrai muito.

Embora incomodada com a leve impressão de que ele fazia comparações, aquilo me deixou angustiada. Percebi que ele falava da Lucy e, de repente, comecei a sentir medo e me levantei para me afastar da sensação ruim que me tomou.

Estava difícil conviver com este medo sempre que ele entrava em algum assunto que identificasse comparações.

— Eu vou pegar um suco para mim, aceita uma água gelada? — Ele negou.

— Estou bem aqui no uísque. — Ergueu o copo com a bebida.

Precisei de alguns minutos ali na cozinha para equilibrar as minhas emoções, sentimentos que me confundiam. Eu o queria, mas, ao mesmo tempo, desejava ficar longe com o medo que despertava de forma real com as coisas se encaixando de forma natural.

Agradeci quando meus pais chegaram, eles foram simpáticos com o Chris, até o convidaram para jantar. Eu até tentei evitar este jantar, o convidei para sair, pois conhecia a minha mãe e seus olhares críticos. Porém, não foi nada fácil minha mãe olhando torto para o Chris.

Ela não aceitava o fato dele ser mais velho do que eu.

Chris tentava manter este gesto de minha mãe na imparcialidade, mas senti seu incômodo. Ela não disfarçava sua contrariedade o tempo todo questionando sobre sua vida e falando sobre a minha inexperiência.

Enquanto ele contava sobre sua vida, ela quase surtou quando falou do Eric.

— Quer dizer que o seu filho tem a idade da Susie? — ela perguntou inconformada, parando de cortar seu filé-mignon e largou os talheres sobre o prato, colocando as mãos espalmadas no tampo de vidro da mesa.

Eu a desaprovei com o olhar.

Chris percebeu minha irritação e colocou a mão sobre a minha com os olhos em minha mãe.

— Sim. Meu filho é um menino de ouro — fez questão de frisar com um sorriso orgulhoso. — É o maior presente que a vida me deu. — Ela o olhou surpresa. — Se tivesse a oportunidade de conhecê-lo saberia que não estou jogando confete. Acho que o fato de ter sido criado sem a mãe, ele adquiriu uma personalidade sensata. Quero dizer, nós dois tivemos que nos ajudar.

— Não consigo imaginar ser pai e mãe ao mesmo tempo. Criar e educar uma criança não é uma tarefa nada fácil e não poder contar com a mãe neste processo

realmente dificulta muito! — emendou meu pai em apoio.

E Chris ponderou, balançando a cabeça de um lado ao outro.

— Foi difícil e, na verdade, não foi. Para conseguir lidar melhor com toda essa situação, eu precisei superar minha nova fase de vida, claro que os momentos de angústia foram inevitáveis, mas eu mantive meu lado emocional abalado distante de casa. E o Eric tem avós vivos e maravilhosos de ambos os lados, que estiveram muito presentes em todos esses anos, e a empresa que sou sócio junto com o meu sogro. Com tamanha dedicação, os negócios prosperaram e o Eric participa de tudo desde pequeno.

Os olhos da minha mãe injetaram quando ele começou a falar sobre os negócios sobre o ramo de sua empresa, seu assunto predileto.

Negócios.

— E como está o ramo da construção civil no Brasil? — quis saber toda entusiasmada.

Pela sua espontaneidade, notei que o Chris a conquistou e, de alguma maneira, fiquei emocionada. E o Chris era uma pessoa especial, ele tinha um jeito de falar que encantava as pessoas. Eu já conhecia a sua história então só conseguia prestar atenção nos movimentos dos seus lábios e com aqueles pensamentos eróticos eu viajava literalmente.

E a conversa fluiu de forma saudável e agradável. E após o jantar fomos nos sentar na sala. Sem que tivéssemos tempo de iniciar uma nova conversa, o celular do Chris começou a tocar em seu bolso.

— Com licença — pediu e se levantou após olhar no visor.

— Fique à vontade. — Estranhei a forma gentil da minha mãe se dirigir a ele, acho que ela já havia se acostumado com a ideia de ele ser mais velho. Sua educação e sua posição financeira também pesaram muito na sua decisão e agrado.

Eu conhecia minha mãe muito bem.

— Como assim? — Sua voz aumentou de volume.

Ele quase gritou em pé perto da porta, com seus olhos aflitos olhando para todos os lados, enquanto ouvia atentamente a pessoa do outro lado do telefone. Seu nervosismo chamou a atenção de todos com os olhos sobre ele, enquanto andava de um lado ao outro com o telefone no ouvido, pois era evidente o tremor em suas mãos.

— Sequestro? Não pode ser! — Ele passou a mão livre pelos cabelos, tenso.

Eu me levantei e coloquei minha mão em seu ombro em consolo, pressentindo o pior. Sentia uma angústia dentro de mim, meu coração acelerou e tudo à minha volta

se tornou cinza sem cor com aquele temor repentino.

Naquele instante, eu imaginei que o medo tivesse relação com o seu estado emocional quando a Clarinha surgiu à minha frente. Ela me olhava apreensiva, oscilando seu olhar entre mim e o Chris, ali quase chorando.

— Vocês já chamaram a polícia? — Chris gritava torturado andando de um lado para o outro. — Chame agora, não podemos perder tempo.

Senti meus olhos lacrimejarem.

— É claro que precisa chamar, e agora! Como não pode? Quem vai matar, meu filho? Quem? — ele gritou a plenos pulmões, desesperado com as lágrimas fazendo seu caminho pela bochecha e o celular escorregou de suas mãos caindo sobre o tapete.

Minha mãe correu, pegou o aparelho e estendeu a ele.

Sua mão trêmula não conseguia segurar o aparelho.

— Coloque o viva voz, por favor? — ele pediu a minha mãe, que imediatamente atendeu ao seu pedido.

— Vem para a casa, Chris. Vem logo, pelo amor de Deus! Eles ameaçaram matar nosso bebê.

Mesmo chorosa e desesperada, eu reconheci a voz da dona Lillian, a doce e gentil senhora, e meu coração se apertou. E comecei a chorar com eles em total desespero sem entender aquele sentimento. Era como se eu estivesse

perdendo algo precioso, como se perdesse um pedaço do meu coração.

— Vou pegar o primeiro voo — anunciou entre as lágrimas e então desligou o celular olhando para todos os lados, perdido.

Eu segurei em sua mão.

— Eu vou com você. — Ele balançou a cabeça negativamente de forma frenética.

— Não! Fique aqui, eu, eu... — Suspirou e caiu no choro sem pausa e me abraçou pelo pescoço deitando a cabeça em meu ombro.

— Vai dar tudo certo. — Eu não sabia o que estava falando. Na verdade, sentia sua dor, sua angústia e a presença da Clarinha me alterava. Encarei aquilo como uma premonição, um aviso que me causou um forte calafrio na espinha, me dando a certeza de que o Chris precisava de mim.

— Estou junto com você — garanti segurando em seu rosto, obrigando-o a me encarar e limpei suas lágrimas. Ele sorriu esperançoso com um suspiro profundo como se não pudesse dizer não e afastou para me olhar nos olhos enquanto minha mãe limpou a garganta. Chris olhou-a sem jeito.

— Talvez seja melhor eu ir sozinho.

— Ele tem razão, minha filha, o assunto é familiar e

pode ser perigoso. — Sabia que seu tom era de proteção, portanto nada me faria mudar de ideia.

Era como se a vida do Chris fosse a minha também.

E como uma confirmação, joguei meu olhar para a fantasma e ela andou em direção à porta e ficou ali observando a cena como se estivesse aguardando eu e o Chris sairmos por aquela porta.

— Eu preciso de cinco minutos para arrumar minhas coisas. — E fui em direção às escadas sem aguardar os protestos de minha mãe bufando.

— Espere, Susie...

— Deixe, querida. — Me virei antes de colocar o pé no primeiro de grau.

Meu pai piscou para mim com a mão no ombro de minha mãe, olhando-me aflita. Desviei meus olhos para Clarinha parada à porta e tive a impressão de que ela sorriu e foi a primeira vez. E aquele seu gesto me deu pressa, então corri.

Despedir-me da minha mãe foi a parte mais difícil, ela nos atrasou tentando me fazer mudar de ideia, mas sem sucesso. Eu sabia exatamente o que estava fazendo e não me pergunte como, eu sentia que a minha presença era essencial.

Havia uma voz lá no fundo da minha alma gritando, me chamando.

E após os milhões de recomendações que minha mãe passou a mim e também ao Chris, eu me aproximei da porta. Os olhos da Clarinha brilhavam na luz em volta de seu corpo.

Era a primeira vez que aquela luz brilhou fazendo meu coração apertar, ela se afastou da porta para que eu pudesse girar a maçaneta, então abri a porta e o vento soprou trazendo com ele um cheiro de jasmim ao meu nariz, voltei a ela e sem perceber abri um largo sorriso.

Por que eu sorria para ela? Eu não sabia o porquê.

— Vamos. — As mãos do Chris em minhas costas me trouxeram à realidade.

O olhei assustada e ainda bem que não percebeu.

E assenti.

— Vamos!

Capítulo Vinte

Flávio

— Molly, você está bem? — perguntei para minha filha ao encontrá-la jururu sentada no sofá da sala quando cheguei do hospital. Estranhei o fato do celular estar sobre o estofado ao seu lado ao invés de estar de conversa com aquele moleque do Eric.

Com o cotovelo apoiado no braço do sofá segurando o queixo, ela levantou a cabeça com aquela carinha preocupada.

— Mais ou menos — respondeu soltando o ar com força. Pegou o aparelho, olhou no visor e o jogou novamente no mesmo lugar, desanimada. — Mandei dezenas de mensagens para o Eric e ele não responde.

— Pode ser que esteja dormindo... — Ela balançou a cabeça discordando. — Mas nem é só isso, acho que cometi um erro enorme, estou em pânico, aqui — respondeu entrelaçando os dedos, nervosa.

Eu me sentei ao seu lado, e segurei sua mão fazendo

leves pressões a fim de acalmá-la.

— E qual foi este erro terrível que a deixou tão nervosa, hum?

Ela inclinou a cabeça me olhando por cima dos olhos e suspirou antes de responder:

— Eu traí a confiança da minha amiga, dei o endereço da casa dela para o Chris, eu não podia, ela me pediu tanto! — Sacudia a cabeça nervosa, eu a abracei forte colando nossos ombros.

— Calma, minha querida! Também não é o fim do mundo. E também eles precisam mesmo se acertar, a Susie saiu daqui quase fugida, eu não achei legal a atitude dela.

Ela me olhou incrédula.

— É sério isso, pai, estou ouvindo direito? Você torcendo pelos dois! É incrível...

Eu me remoí durante um período pelo que eu fiz. Dedurar o Chris para a Kate foi mesquinho, doentio. Porém, após refletir, cheguei à conclusão de que foi a melhor coisa que aconteceu, me acordou para a vida.

Aprendi a viver sem pensar no passado e comecei a ter vontade de resgatar coisas que até então ficaram em *stand by* na minha vida. E uma delas é a Jéssica, eu tinha um caminhão carregado de pedido de desculpas e não queria mais perder tempo.

É hora de recomeçar e corretamente.

— Fui um imbecil, Molly. Me arrependo amargamente pelo que fiz com a Susie, quem sou eu para separar duas pessoas que se amam?

Baixei a cabeça, envergonhado, e ganhei um beijo delicioso no rosto.

— As pessoas cometem erros, é natural do ser humano! — Sorri diante da sua inocência e sabedoria e agora eu a beijei no rosto e fitei-a.

— É por isso que agora eu quero consertar, e preciso da sua ajuda. — Ela ergueu a sobrancelha. — Quero começar pedindo desculpas para sua mãe. Acha que ela vai aceitar?

O sorriso dela foi de uma orelha a outra.

— Se ela não aceitar, eu prometo que vou matá-la — disse sem conter sua alegria. E pegou o telefone abandonado ao seu lado no sofá e começou a discar.

— Está ligando para quem?

— Para a mamãe, a esta hora já chegou do trabalho. — Segurei em sua mão, cauteloso.

— Espere, Molly, vamos fazer isso direito, pessoalmente quando chegarmos em casa.

— Eu concordo com você, mas não custa nada já deixá-la preparada, pelo menos saberemos a sua reação quando estiver na sua frente. — Dei de ombros concordando. Espertinha, minha filha.

— Coloque no viva-voz — solicitei quando ela começou a falar com a Jéssica e ela fez na hora.

— Eu também estou com saudade, mamãe — ela respondeu me olhando com um sorriso lindo, eu segurei em sua mão. — Espera, que tem uma pessoa querendo falar com você.

Eu corei com a sua espontaneidade e mesmo sem graça disse:

— Oi, Jéssica.

O telefone ficou mudo por alguns instantes como se ela estivesse processando a informação.

— Tudo bem, Flávio? — Sua voz estrangulada denunciava o quanto estava em choque.

— Sim... Jéssica, eu estava aqui conversando com a Molly, dizendo a ela que a nossa história ficou no ar, que deixamos de dizer tantas coisas...

Ela respirou ruidosamente antes de responder:

— Pois é!

— E nem sabemos de quem é a culpa, eu só queria uma chance de me explicar, consertar os meus erros. Se for possível a gente ser amigos, afinal temos algo em comum e para a vida inteira, não é mesmo?

— Tem razão, Flávio. A gente precisa conversar mesmo. Quando voltarem, vem jantar aqui em casa, vou ter muito prazer em receber você. — Senti muita

sinceridade no tom de sua voz.

E aquilo alegrou meu coração, fazer as pazes com a mãe da minha filha e viver em paz era tudo o que eu precisava, só queria ter acordado para a vida antes da minha mãe cair doente. Ela ficaria muito feliz com esta minha atitude.

— Então está combinado...

— Sim, está. — A Molly saltou do sofá pulando de alegria, decerto imaginando que reataríamos nosso relacionamento. Eu não ousava ir tão longe.

Ser amigo dela já estava de bom tamanho, porém mais do que isso não seria ruim. A Jéssica, além de linda, era uma mulher de fibra, uma profissional competente no que faz e aí vai... Inúmeras qualidades que eu nunca me esqueci.

— Ah, Flávio... eu sinto muito pela sua mãe. — O carinho de sua voz fez meus olhos se encherem de lágrimas e suspirei.

— Obrigado, mesmo...

— Tchau!

— Tchau — respondi e desliguei, e fiquei ali um segundo ou dois olhando para o celular com novas expectativas em relação a minha vida.

— Viu só como eu tinha razão! — disse Molly tirando-me do devaneio. — Agora o reencontro é

esperado e, com certeza, ela não virá com pedras na mão. — Ri do seu jeito

— Você é bem espertinha mesmo.

Nos abraçamos por alguns segundos.

— Pai, você tem fé que a vovó ainda tenha uma chance? — sussurrou ela ao meu ouvido. Eu me afastei, segurando em seus ombros, apreciando cada canto daquele rostinho de fadinha que ela tinha.

— Embora os médicos tenham garantido que não há mais chance para ela — Levei minha mão direita ao peito. —, eu mantenho uma fé muito grande em meu coração.

Ela beijou meu rosto, e ficamos ali abraçados por um longo tempo.

Capítulo Vinte e Um

Susie

No rosto de cada um de nós já se expressava a ansiedade de chegar ao destino final, muitas poucas palavras saíam de nossas bocas, era o medo da possibilidade. Eu sentia um aperto no peito só de imaginar o Eric nas mãos de bandidos cruéis, então imaginei o sofrimento do Chris, que deveria ser muito maior do que o meu.

Deveria não, eu tinha certeza de que sim, porque seu peito subia e descia indicando o seu coração a mil.

Ele segurou minha mão e olhando fixamente para os meus olhos, senti meu coração disparar, e se virou para janela com olhar perdido olhando as nuvens passar pela janela e pelo silêncio com os pensamentos em Eric.

Seu toque foi como se uma televisão tivesse sido ligada, um filme em forma de flashes passava diante dos meus olhos.

Eu via pessoas, homens, mulheres algumas de frente

outras de costas, um bebê...

Ele chorava como uma criança pedindo seu alimento, eu vi o Chris encurvado sobre um berço e vi a moça do espelho, era a Lucy que eu via, mas, ao mesmo tempo, sentia que era eu, uma confusão tremenda. Com a mão sobre seu peito, ela chorava profundamente sentida, ou seja, eu chorava!

Loucura!

Loucura ou lembrança?

Eu não tinha uma resposta, mas sentia toda aquela agonia, uma dor aguda em meu peito vindo lá de dentro do meu coração. Chorei no silêncio.

Era como se visse a minha vida passar num piscar de olhos!

Eu estava sentada no corredor da aeronave e uma mão em meu ombro me tirou dos meus delírios. E meu coração disparou quando me virei e me deparei com a Clarinha ao meu lado, sua cabeça inclinada e seus olhos cheios de lágrimas.

Sua presença causou em mim um imenso mal-estar, para me afastar dela escorreguei para mais perto do Chris, e deitei a cabeça em seu ombro. Ele passou o braço por meu ombro e me apertou junto ao seu corpo, beijando minha testa.

Uma viagem dura, quase silenciosa com apenas

algumas frases de lamentos e de culpa. Depois de muitas horas de voo quase interminável desembarcamos.

Chegamos por volta das oito da manhã em São Paulo, a falta de bagagem facilitou nosso desembarque. Assim que entramos no saguão, ele ligou para o celular do seu pai. Eu quase corria ao seu lado com seus passos apressados em direção a saída.

— Cheguei, pai, tem alguma notícia? — Meu coração se apertou com sua aflição e angústia.

Eu não queria pensar no pior, porém, diante da situação, se tornou impossível. O clima tenso criou uma atmosfera pesada, que se mostrava de muito perigo o que dificultava ter calma, mas compreendia o Chris.

— Está bem. Logo estarei aí.

Eu fiquei um pouco para trás, ele parou para me esperar, então segurou em meu braço para me ajudar a andar mais rápido.

— Alguma notícia? — Ele balançou a cabeça em negativa, nitidamente preocupado.

Aquilo partiu meu coração.

Eu queria confortá-lo, dizer que tudo ficaria bem, mas nem eu mesma acreditava nisso.

A presença da Clarinha estava cada vez mais frequente e cada vez mais perto aumentando a minha descrença. Por mais que me recusasse, eu pensava no pior

como se a sua presença fosse um aviso. Perder o Eric era como perder uma parte de mim e doía como se ferisse minha carne.

Em meio às loucuras dos meus pensamentos e sensação fechei os olhos com força quando entrei no táxi e o Chris entrou logo em seguida e fechou a porta.

Ele respirou aliviado quando o táxi saiu da avenida movimentada e entrou numa rua tranquila, arborizada e deserta com casas de altíssimo padrão. Em cada quarteirão havia uma guarita de formato redondo com um segurança.

De todos os lugares que conheci no Brasil aquele era o bairro mais nobre de todos. E parou um pouco antes do final da rua em frente a uma mansão ao fundo, toda branca com portas e janelas em madeira escura. Do portão de ferro, estilo europeu de bronze, podia se ver o jardim bem cuidado e a varanda mobiliada com móveis rústicos, porém muito sofisticados.

Do lado de dentro havia uma guarita particular, assim que viu o táxi estacionar, um homem de aproximadamente 40 anos alto, forte e usando uniforme de alguma empresa de segurança acionou o controle e o portão se abriu.

— Seus pais moram aqui? — Ele soltou o ar com força como se estivesse com medo de descer, medo da verdade.

— Sim. — Sua voz saiu baixa, tensa.

Inclinou no meio do banco da frente. Enquanto ele pagava o motorista, eu abri a porta do carro, desci e contemplei a beleza daquela casa.

Estava realmente admirada.

Ele desceu do carro, deu a volta e travou olhando para dentro do quintal fixando na viatura policial. Sua expressão já preocupada se fechou e sua respiração acelerou de uma forma que, quando colocou a mão em minhas costas, me guiando para dentro do portão, senti-a fria e úmida, tamanho seu estado de nervos.

— Bom dia, senhor Chris — cumprimentou o segurança.

— Bom dia, Giuliano. Estou até com medo de entrar. — Admitiu com a voz entrecortada.

O homem apertou os lábios, sentido.

— Não entraram em contato até o momento, mas não se preocupe, o seu pai chamou o tenente Abner Silva, e com ajuda da antissequestro estão cuidando de tudo.

Chris balançou a cabeça com lágrimas nos olhos e me guiou em direção a grande porta entrada da sala. Além da viatura policial ainda havia outros carros estacionados na lateral do imenso quintal, imaginei que toda a família deveria estar por ali formando uma corrente positiva, o que normalmente acontecia nestes casos.

Chris respirou fundo, olhou ao redor pela varanda

como se buscasse lembranças em sua cabeça, então com o cenho franzido, nervoso abriu a grande porta de madeira branca e irrompeu a sala, rapidamente avançou dois passos esquecendo-se de mim um pouco atrás dele.

Percorri o olhar ao redor abarcando todo o ambiente, com toda a minha atenção voltada a decoração luxuosa condizente a fachada da casa.

E eu que achava que a minha casa ostentava demais!

Estava cheia e todo mundo olhou em direção à porta, eu corei com tantos olhares curiosos atravessando pelos ombros do Chris. Num relance vi do outro lado da espaçosa sala de dois ou três ambientes não tive tempo de analisar melhor, dois policiais e eles se voltaram para o que estavam fazendo assim que verificaram nossa presença, um dos homens de farda manipulava fios entre um aparelho de telefone e um equipamento que deduzi ser um rastreador de ligação.

Encurvado com as mãos apoiada sobre o tampo da mesa ao lado dos policiais ainda um homem de aproximadamente sessenta e poucos anos, alto e corpo atlético, com a cabeça virada em nossa direção com uma fina linha de um sorriso nervoso dos lábios.

Notei a semelhança dele com o Chris, inclusive nos olhos.

Sentada no sofá de couro preto com almofadas

douradas e grandes na outra parte da sala, uma sala de estar, havia uma senhora da mesma idade do homem, vestida elegantemente com seus acessórios de ouro. Seus olhos inchados e sua bochecha vermelha denunciavam o tamanho do seu sofrimento.

E à direita o Sr. Marcos sentado desolado, em uma poltrona solitária, com os braços cruzados na altura do peito. E em outro sofá a dona Lillian, de cabeça baixa e o rosto coberto com as mãos, chorava, ergueu a cabeça. Sua aparência era de uma pessoa derrotada, arrasada, desolada e muito sofrida. Todos ali sofriam, mas eu me arriscaria dizer que ninguém mais sofria como ela, era algo intenso desesperador. Mortalmente pálida com os olhos inchados de tanto chorar, ela se levantou em prantos e correu abraçando o Chris pelo pescoço.

— Sequestraram o nosso bebê, Chris... — Ela soluçava entre as lágrimas em desespero ali no ombro do Chris, que desabou também e, de repente, todos se emocionaram juntos.

Fechei a porta da sala e fiquei ali em silêncio, encabulada com alguns olhares curiosos sobre mim, mas o do homem ao lado da mesa dos policiais era o olhar que mais me intimidou.

— Já fizeram contato? — perguntou Chris de forma decidida, tirando as mãos de dona Lillian ao redor do seu pescoço e limpou as lágrimas.

Percebi que, a partir daquele momento, ele estava disposto a tomar as rédeas de tudo e se aproximou do homem que me encarava. Um momento sem aqueles olhos me deu um alívio e tanto.

— Infelizmente nada, ainda. — O homem o abraçou e bateu levemente em suas costas. — Mas logo entrarão em contato, meu filho. Eu tenho certeza.

Chris balançou a cabeça, confiante.

— Se Deus quiser... — E se afastou, pegou uma cadeira perdida por ali e se sentou ao lado do policial fazendo suas perguntas.

— E ele quer — emendou a senhora vestida de forma elegante, confirmando o pensamento positivo.

— Que bom que você veio. — Desviei os olhos para dona Lillian segurando meu braço.

— Eu não conseguiria ficar em Miami sem notícias. — Inesperadamente ela me abraçou e beijou meu rosto de uma maneira tão maternal que me deixou sem jeito. E segurou em meus ombros fitando-me com seus olhos tão iguais aos meus, que era como estar me olhando no espelho. E senti uma fisgada em meu coração que precisei travar minha respiração por alguns segundos.

— Olhando para você, eu consigo organizar os meus pensamentos — começou a falar com seus olhos verdes brilhando pelas lágrimas. — Você me traz esperanças,

minha filha. — Chorei com suas palavras, ela sorriu com sinceridade, seus olhos imersos também. — Pode até parecer estranho, mas a sua presença me faz pensar que nada é para sempre, que nossas perdas são apenas por um período curto de tempo.

Gelei com o seu comentário, sabia exatamente sobre o que falava.

Eu não queria aquilo para mim, vinha relutando, relutando... e cada vez mais percebia que remava contra a maré.

Meus lábios formavam um sorriso nervoso, enquanto a encarei em silêncio por um minuto.

— O seu neto está bem — mudei de assunto. — Em breve, eles farão contato, estes bandidos só querem mesmo o dinheiro.

Ela sorriu triste e confiante ao mesmo tempo. Suas mãos desceram dos meus ombros, escorregaram até minhas mãos e ela apertou-as.

— Espero que seja só isso mesmo. — Recomeçou a chorar.

Havia dúvidas em sua voz e eu apertei olhar.

— Eu quero acreditar, mas eu tenho tanto medo que esses bandidos judiem do meu neto. Ele não merece, é um menino exemplar, gentil, bom...

— Como a senhora... — falei apertando sua mão.

Ela sorriu, me olhando e chorando.

— Como a mãe dele era. Ele a puxou em tudo... — garantiu com orgulho.

— E se eles matarem nosso neto? — exasperou a mulher elegante desolada no sofá desviando nossa atenção.

— É a mãe do Chris... — informou dona Lillian. — Vou te apresentar. — Me levou até onde ela sentava, segurando em minha mão.

— Não diga mais isso, Sophia. Precisamos ter fé, pensar positivo — falou Lillian tentando acalmá-la.

De todos ali naquela sala era ela quem estava mais desequilibrada.

— É difícil, o risco existe, é real — disse o homem parecido com o Cris vindo em nossa direção de forma realista, parando ao meu lado e de Lillian. — Eles vão pedir um resgate, afinal é isso que bandidos fazem, ameaçam e podem, inclusive, matar mesmo em posse do dinheiro.

— Eu dou até o meu último centavo para ter meu neto de volta — retrucou o senhor Marcos lá da cadeira.

Chris parou de falar com os policiais, me olhou rapidamente e seu rosto se contorceu em desespero.

Meu coração disparou angustiado em ver ele naquele estado, tudo o que eu queria era puxá-lo para um abraço

de consolo. Ele fungou com seus lábios trêmulos num lamento e, então, se ocupou com os homens preparados para esta situação.

— Bem, deixa eu apresentar a Susie, amiga do filho de vocês. — Lillian colocou a mão em minhas costas e eu sorri para o homem, que me questionava com o olhar.

— Prazer em conhecê-la, Susie, eu sou Pablo, o pai do Chris. — Estendeu a mão gentilmente, quebrando o gelo que sentia em relação a ele e sorri pegando em sua mão.

— O prazer é todo meu.

— Meu filho falou sobre você. — Desci meus olhos para a mãe do Chris quando ela falou, ela sorriu gentilmente, eu retribuí estendendo minha mão.

— Muito prazer, dona Sophia. — Com as lágrimas rolando de seu rosto, ela estendeu a mão.

— O prazer é todo meu, minha filha. Desculpe-me eu não ter dito "oi" antes, é que...

— Não se preocupe, eu entendo — interrompi-a com um sorriso consolador e compreensivo.

Ela bateu no sofá ao seu lado para me sentar, enquanto o senhor Pablo foi se juntar aos homens ao redor da mesa.

— Eu tenho tanta pena do meu filho! — disse ela olhando para as costas de Chris.

Aflito, ele gesticulava nervosamente com os policiais deixando meu coração despedaçado. Eu queria ser útil e fazer algo, mas no momento só podíamos esperar, aguardar o contato dos bandidos e nada acontecia.

Aquele telefone não tocava nunca, deixando a todos em total desespero.

A tensão era tão densa que poderia ser cortada com uma faca, a todo o momento dona Lillian, que se sentou ao meu lado, falava algumas palavras de fé. Encantei-me ainda mais com ela, com seu jeito positivo de ser, diferente dos demais. Apesar da seriedade do senhor Pablo, que deixava qualquer um tenso, notei certa aflição em seus olhos. Ele sofria como os outros, portanto se mostrava sensato, equilibrado e, mesmo sem nenhuma resposta, ele já arquitetava como entregaria o resgate. Chris não dizia nada, sequer se levantou da cadeira com os olhos vidrados no telefone mudo em total silêncio.

Eu permaneci sentada entre as duas avós, ambas muito simpáticas e extremamente preocupadas. Dona Sophia já tinha entregado a Deus a segurança do neto, esboçou alguma coisa sobre vingança de algum amigo ou de alguma namorada rejeitada ou ressentida.

— Por favor, Sophia, não fale besteiras, nosso neto está vivo e bem. Acredito fielmente nisto. — Sua clareza nas palavras me emocionava, assim como ela eu também acreditava, embora sentisse um aperto no peito. Era uma

dor que me incomodava a todo instante desde que saí de casa rumo ao Brasil.

— Eu gostaria muito de acreditar também — confidenciou Sophia em lágrimas quando a porta da sala se abriu com violência e por ela surgiu aquela mulher linda, de cabelos loiros esvoaçantes, seus olhos azuis em lágrimas, inchados, indicando um enorme sofrimento.

— Oh, céus! Vim assim que fiquei sabendo. — Kate passou por todos ali na sala sem olhar na cara de ninguém. Inclinou sobre Chris sentado e o abraçou pelos ombros. — Ah, meu querido, nosso bebê... — Ela chorava muito.

Senti um baque no meu coração, um nó enorme se formou em minha garganta e suspirei com os olhos cheios de lágrimas. Apertei-os para segurar as lágrimas. Eu me senti uma intrusa ali, literalmente sobrando.

Embora o Chris se levantasse rapidamente com os olhos fixos em mim, a Kate se pendurou em seu pescoço.

— Eu não acredito que isso aconteceu, não acredito, nosso filhinho... — ela falava com voz embargada.

Nosso filhinho!

A frase me deu uma sensação horrível, rachou meu mundo, senti como se tudo terminasse ali.

E o medo dos meus pensamentos me dominou, mais do que isso me paralisou e eu não podia pensar em ficar longe, não mais. Senti-me pequena, mas reprimi minha

vontade de chorar e sair dali correndo. Aguardaria somente pelo desfecho daquela história que, com certeza, seria feliz e, então, voltaria para a minha vida de verdade. Já estava na hora de sair da vida de faz de conta e viver a real.

— Estamos aguardando os bandidos fazerem contato — informou Chris se afastando de seus braços com seus olhos fixos em mim, incomodado com a situação.

— Ainda não tiveram notícias? — Lágrimas escorreram por sua face em um espetáculo de sofrimento que doeu em mim.

Meu mundo parou.

O ar estagnou, todos na sala pareciam preocupados com a minha presença e com razão. Quando a loira percorreu os olhos pela sala e me viu sentada entre as duas avós, ela me fuzilou com os olhos azuis assassinos.

— Mas o que significa isso? O que esta vagabunda está fazendo aqui? — Ela avançou os passos escandalizados parando em minha frente. — Eu pensei que depois da coça que te dei, você nunca mais aparecesse por aqui. — Seu tom e olhar ameaçador me fez levantar e me posicionei à sua frente, quando num piscar de olhos a Clarinha surgiu atrás dela.

Rapidamente percorri meus olhos ao redor, com a estúpida esperança de que alguém mais pudesse vê-la.

A falta de reação das pessoas indicava que só eu mesma sofria daquele mal do além.

— Não seja hipócrita, Kate. — Chris passou a mão pelo meu ombro e me arrastou para longe da megera, de forma protetora.

Suas lágrimas secaram de repente e uma expressão de ódio em seu rosto me assombrou. Por cima de seus ombros, notei que Clarinha chorava e, então, meu coração disparou quando ela estendeu a mão em minha direção me chamando!

— Ou você tira esta miniatura de prostituta daqui ou eu não respondo por mim — ameaçou entre os dentes trincados.

Eu não consegui suportar, de repente me senti um problema e isso eles já tinham de sobra. Solucei segurando o choro e nervosa com as mãos da Clarinha estendida em minha direção.

Seu olhar era suplicante, comecei a ficar ansiosa e inquieta.

Chris passou a mão pela minha cintura, colando nossos corpos.

Mesmo ele demonstrando que não estava nem aí com a Kate, que realmente queria a mim e não a ela, eu não suportei. Precisava sair dali, eram muitas coisas envolvidas dentro de mim: um turbilhão de emoções, uma

mistura de intrusa com vítima.

Sim!

Era exatamente assim que me sentia, roubada, como se a Kate estivesse tirando o que era mais precioso para mim.

Mas estas conclusões idiotas não faziam sentido.

— Eu preciso ir, Chris. — Ele não concordou com a cabeça.

— Não precisa — seu tom desesperado na voz me deixou arrasada.

Ele já sofria demais para eu fazer aquilo com ele, mas não tinha escolha, aliás nenhuma escolha parecia existir para mim.

Afastei-me dele e caminhei em direção à porta.

— Pare já com este espetáculo, Kate! — gritou Pablo sério, sempre comandando toda aquela situação tensa.

Ela colocou a mão na cintura, encarando-o com fúria.

— Ah! Onde estão os padrões morais desta família? — hostilizou o senhor Pablo. — Então, agora toda a família apoia a safadeza e a sem-vergonhice do Chris?

Dona Lillian se levantou e parou em sua frente, cruzando os braços, enfrentando a megera com um olhar reprovador.

— Entendi! — ironizou Kate. — Pelo jeito, já

integraram a prostituta no antro familiar de vocês.

Meu chão caiu com tamanha ofensa, fiquei muito mal e não consegui reprimir as lágrimas e deixei que toda a minha emoção fosse mostrada nela.

Lillian estendeu a mão para bater no rosto de Kate merecidamente, mas Pablo segurou em seu braço.

— Não precisa sujar suas mãos, Lillian, em uma pessoa tão rancorosa.

— Por favor, parem com isso, eu não queria causar tantos problemas a vocês. Me desculpem. — Coloquei a mão na maçaneta e girei.

Os braços de Chris circularam por minha cintura, respirando em meus cabelos.

— Espere, por favor! — implorou na curva do meu pescoço, me deixando ainda mais vulnerável e fechei os olhos enquanto as lágrimas rolavam pelo meu rosto.

— É o melhor que você tem a fazer, vai embora! — gritou Kate ferozmente, fazendo um tremendo de um escândalo. Me virei com tanto ódio que logo dissipou quando vi uma sombra como uma nuvem negra carregada pairar sobre ela.

Algo sinistro.

Pisquei algumas vezes para ter certeza de que eu via mesmo aquilo e sim estava acima dela, como a energia que ela carregava consigo. Comecei a tremer e orei para

que aquilo parasse, afinal não desejava mal a ninguém nem mesmo ao meu pior inimigo. Eu estava atravessando o seu caminho e não tinha direito a isso.

— Cale a boca, Kate! — berrou Pablo se pondo à sua frente em minha defesa.

Aquela atitude me emocionou, e solucei como se esperasse por aquilo há muito tempo...

Mas que sentimento estranho!

Achei bonita sua atitude.

— É melhor você ir embora agora, temos coisas mais importantes para resolver do que aguentar o seu mau humor.

— Acha mesmo que podem me dar sermões, senhor Pablo? — Ele arqueou as sobrancelhas. — Você é igual a mim ou se esqueceu do que aprontou com a falecida?

Chris me soltou, mas quando fechou os punhos com raiva, eu segurei em seu braço.

— Por favor! — Ele me olhou por alguns instantes.

Percebendo que as coisas poderiam piorar, Lillian segurou no braço da Kate.

— É melhor você ir embora, minha filha! — pediu com calma, sensata. — Depois, você e o Chris conversam. No momento estamos todos com os nervos à flor da pele e não pode ser assim, precisamos nos concentrar, por favor, vai! — implorou.

Kate revirou os olhos antes de pousar sobre mim. Senti um arrepio, uma sensação horripilante que nunca senti antes.

— Só depois que esta menina idiota for...

Eu olhei para o Chris e me despedi.

— Não — pediu ele.

— Está tudo bem. Orarei com vocês.

Ele respirou fundo concordando comigo, então me virei, a Clarinha passou ao meu lado e atravessou a porta me deixando arrepiada e quando girei a maçaneta e abri a porta, ela estava na varanda com a mão estendida como se estivesse me chamando.

Respirei fundo com o coração palpitante.

— Eu vou levar você — ofereceu Chris e eu me virei para ele. — Pai, empresta o seu carro?

— Não se preocupe, fique aqui. Os bandidos podem entrar em contato com você.

Kate sorriu vitoriosa, mas não me importei com aquilo, eu estava muito mais preocupada com a Clarinha, pressentia algo estranho dentro de mim e sabia que não era nada bom.

— Pegarei um táxi até o apartamento da tia do Flávio. — Sua expressão se fechou em apreensão, beijei sua face e ele fechou os olhos. — Eu ligo depois para você.

— Tome cuidado — recomendou de forma protetora.

Eu assenti, beijei seu rosto quente e saí fechando a porta em seguida.

O tempo havia fechado como o clima do lado de dentro da casa. Não era nem hora do almoço, o céu cinza com todas aquelas nuvens turvas carregadas não cedia espaço para a claridade deixando o dia com cara de noite.

Uma forte rajada de vento esvoaçou meu cabelo, deixando as flores e os galhos das árvores agitadas, meus olhos se prenderam aos de Clarinha, que se moviam freneticamente enquanto seus cabelos balançavam como os meus. Ao ver sua mão estendida, eu comecei a sentir uma sensação de medo. Queria me desvencilhar dela e sair logo daquela casa, mas algo me prendia a ela.

— Socorro... Me ajude!

O som de seu murmúrio se misturou ao trovão repentino, raios riscavam o céu em direção ao solo. Estremeci e num momento de lucidez me desviei e corri em direção ao portão. O segurança muito gentil o abriu para que eu saísse, agradeci e saí com passos apressados em direção à avenida onde tomaria um táxi com mais facilidade.

A Clarinha manteve-se ao meu lado.

Enquanto aguardava, a chuva de vento começou fina e cortante como um véu sujo encharcando meu corpo em

segundos.

— Vai embora, por favor, vai embora, me deixa em paz — cochichei nervosa, apavorada, mas, de repente, todo aquele medo deu lugar a algo diferente.

Senti uma paz, um silêncio que pairou ao meu redor, e repentinamente junto aquela sensação não sentia mais as minhas mãos, nem meus pés, não ouvia mais nada, nem os roncos dos motores do carro em velocidade na avenida movimentada, nem buzinas, nem trovões, raios, nada. Nada se movia ao *meu* comando, *muito* menos uma simples *respiração*.

Divaguei para um mundo que eu sabia que não era o meu.

Ali, agora era só eu e a Clarinha, posicionada à minha frente.

Aquilo era estranho e, ao mesmo tempo, curioso.

Seus olhos desceram e os meus acompanharam para seus pés descalços, era a primeira vez que olhava para seus pés, havia muita lama ao redor deles, senti uma agonia dentro de mim, um aperto em meu peito e uma dor dilacerante que me fez levar a mão ao tórax.

E, de repente, quando levantei minha cabeça, me vi num lugar ermo, e ao longe árvores gigantescas.

Sufoquei com a falta da respiração e fiquei zonza, então inalei muito ar para os meus pulmões a fim de

respirar.

Em equilíbrio, como se estivesse hipnotizada comecei a caminhar em direção àquelas árvores, eu não entendia aquele momento, mas eu era seduzida pela curiosidade, necessidade... eu não sabia explicar exatamente. Não entendia porque eu estava ali tampouco como fui parar ali. Fechei meus olhos sem deixar de andar pensando em minhas últimas ações, o que eu tinha feito antes de parar naquele lugar.

E a certeza de que estava no ponto de táxi ganhou minha compreensão.

— Lucy. — A voz da Clarinha se tornou nítida, clara desta vez, como se ela estivesse próxima, em carne e osso.

Senti um baque no meu peito, como um murro de uma mão muito poderosa que não era da Clarinha, ela estava numa distância impossível de me tocar. A brutalidade fez meu corpo da cintura para cima inclinar para trás, o intrigante era que não sentia dores. Quando olhei para ela, seus olhos fitavam para o vazio ao meu lado. Entendi que não era impressão, havia sim mais alguém por ali e que não estava em meu campo de visão e tentava me desviar do que ela queria me mostrar. Ofegante, eu entrei num estado emocional prejudicial a minha saúde.

Novamente não consegui respirar, à medida que me aprofundava naquele mato, o ar foi ficando escasso e meu

tórax apertado, era impressionante a impressão que eu tinha de estar envolvida nos braços daquele alguém invisível, ele apertava meu peito, propositalmente querendo me sufocar. No entanto, eu estava decidida a enfrentar aquela situação, não ia desistir como era o desejo daquela força invisível.

De alguma forma estava conectada com a Clarinha. Em algum lugar, no recôndito de minha alma, dizia que ajudá-la era uma obrigação que tinha após tanto tempo me pedindo ajuda.

Ela ouviu meus pensamentos, sorriu agradecida e adentrou ainda mais na mata e eu a segui, determinada.

Ela me levava à parte mais fechada, onde se podia ouvir ruídos de água, como se um pequeno córrego estivesse perto.

E, então, ela parou entre as grandes árvores que se fecharam acima de sua cabeça. Estendeu a mão direita e com o dedo indicador em minha direção apontou para o vão entre aquelas árvores, com seus olhos imersos em lágrimas, como se estivesse me mostrando alguma coisa.

As mãos ao qual não vi me empurraram para trás com estupidez, como se estivesse me despertando. E meus olhos começaram a arder, e o ritmo cardíaco chegou a um nível insuportável causando uma dor generalizada em todo o meu peito. Me acovardei.

Desesperada, cobri meu rosto com as mãos.

— O que você quer de mim, eu não posso te ajudar, não percebe? Não querem que eu faça isso! — gritei.

O som do meu grito se misturou ao das buzinas e dos roncos dos motores.

Eu estava de volta do delírio e a Clarinha ali em minha frente, agitada querendo me dizer algo.

— Clarinha? — Suspirei — Seja lá o que você quer de mim, não é possível te ajudar. — Algumas pessoas que passavam por nós fixavam seus olhos me achando uma louca, falando sozinha.

Seus lábios se abriram com sua cabeça sacudindo em sinal de sim enquanto suas mãos estendidas me chamavam.

— Então, me diga o que você quer, me mostra de uma vez.

Um ônibus parou em nossa frente neste instante. E seu dedo indicador apontou para o coletivo, com alguns passageiros em seu interior.

Fiquei sem palavras, com os olhos vidrados naquela figura desesperada, de fisionomia sofrida, como se eu fosse uma única opção. O que me deu ainda mais certeza de fazer o que me pedia, era minha missão.

Seu rosto de dor tinha traços serenos. Linda, ela me olhava com tanto carinho que me emocionei e pensei em tocá-la para sentir sua pele. Mas não me arrisquei, pois

sabia que só encontraria o vazio e isso trazia medo ao meu coração. Embora, desta vez, não sentisse medo, uma sensação emergencial de segui-la dominou meu ser. Então, sem mesmo ver o itinerário, eu entrei no ônibus, até mesmo porque não ia adiantar já que eu não conhecia nada de São Paulo.

Sentei-me logo no primeiro banco ao lado da porta, não imaginava onde eu poderia parar, mas segui o pedido dela, parada ao meu lado com uma expressão de esperança que de alguma forma me deixou feliz em poder ajudá-la. Percebi que, mesmo tentando desviar de tudo aquilo, o destino me encaminhava exatamente para aquele mundo que eu queria fugir.

E por algo divino, de repente veio à minha cabeça que a única forma de me ver livre de todo o tormento seria ajudar a Clarinha e cedi, segui em frente com aquela loucura. Depois de algum tempo circulando pela cidade, ela me olhou diretamente nos olhos e andou em direção à porta do ônibus indicando que eu deveria descer, eu não conhecia nada por ali e senti medo, pensei em perguntar ao motorista onde estávamos, mas como se lesse meus pensamentos, balançou a cabeça de um lado ao outro em sinal negativo.

O meu bom senso me dizia para perguntar, para não acompanhar aquele fantasma, porém eu não podia lutar contra a força que ela exercia em mim, descobri que estava à mercê dela, ela comandava meu corpo e minha

alma também.

Então, dei sinal e desci no próximo ponto.

— Só espero que você não esteja me levando para a morte — falei bem baixinho assim que pisei na calçada, ela sorriu.

Onde descemos era um bairro com casas simples, alguns garotos jogavam bola na rua, eu caminhei em direção a Clarinha que me chamava. Seguimos até o final da rua e, em seguida, descemos a ladeira, embora o bairro fosse simples era movimentado e, devido a isso, me senti mais segura e continuei até o final da ladeira me deparando com uma nova paisagem.

Uma vegetação densa, como uma floresta com árvores nativas e cipós pendurados nessas árvores. Ao longe, eu ouvia o som do córrego e o canto dos pássaros. E me dei conta de que estava exatamente no lugar onde ela me levou quando divaguei no ponto do táxi e me arrepiei dos pés à cabeça quando ela parou e apontou para dentro da vegetação fechada.

Fiquei paralisada sem saber qual decisão tomar: entrar ou voltar pelo mesmo caminho que viemos quando ela se aproximou de mim. Senti um frio na boca do meu estômago que embrulhou causando uma forte ânsia, a bílis logo subiu por minha garganta deixando um gosto amargo em minha boca. Então, ela se inclinou na curva do meu pescoço e sussurrou algo que não compreendi, sentindo

uma leve brisa soprando em meus ouvidos.

E quando me afastei e olhei para ela, ela me encarava séria e tristonha.

— Eu não posso entrar aí... — Sentia o perigo me rondando e um medo absurdo fazia-me recuar, mas ela segurou em minha mão e apertou forte. Sentia minha mão sendo pressionada pela dela, mas não havia sensibilidade em relação à temperatura, textura da pele, nada.

Era como se o vazio pressionasse meus dedos e entrei em pânico, diferente daquelas mãos fortes no delírio, ela era real, e aquilo era, no mínimo, incompreensível.

— Socorrooooo...

Uma veia saltou de sua testa e pescoço como se o esforço para falar aquela palavra fosse imenso e só um fio de voz quase imperceptível soou e foi levado com o vento. A angústia em seu olhar me desarmou e me deixou totalmente entregue ao momento, me convencendo a segui-la.

Assenti com a cabeça.

Eu fechei os olhos e me deixei ser levada por ela mata adentro e só, então, me dei conta do quanto eu era responsável por aquilo, era como se houvesse uma dívida entre nós.

Mas o que eu estou pensando?

Eu não tinha mais controle nem dos meus pensamentos e, de repente, tudo passou a ter uma importância imensa. E aleatoriamente sem que eu percebesse, as lágrimas escorriam por meus olhos e eu me permiti chorar, me permiti mostrar fragilidade na frente dela, a minha sensatez havia sido oprimida pelas minhas emoções, eu era levada por elas.

Algo dentro de mim gritava alto para me apressar.

Eu não entendia aquela urgência e, quando percebi, eu corria puxada pela mão da Clarinha.

E perto de um córrego com um mau cheiro horrível, ela caiu de joelhos sobre a terra úmida e com a cabeça baixa, eu via suas lágrimas caírem sobre a terra. Com a mão ao alto segurando a minha, eu lamentei seu sofrimento, eu não entendia por que ela me trouxe àquele lugar e mesmo não desejando ela puxou minha mão e eu caí de joelhos ao seu lado.

— Por que você me trouxe aqui? — perguntei confusa quando ela ergueu a cabeça fitando-me profundamente. Olhando em seus olhos, eu podia ver além... Era como se visse a mim mesma, mas não era eu que via ou era?

Fiquei confusa com os flashes indo e vindo de minha cabeça.

Eu via tantas pessoas, eu vi muito de relance, Lillian, Marcos, Sophia, Pablo... todos eles mais jovens, um bebê

chorando, que encheu meu coração de um amor incondicional. Eram as mesmas visões que tive em sonho e delírios, mas agora eu via seus rostos.

Eu queria muito ter aquele bebê em meus braços.

Porém, logo a imagem desaparecia como um relâmpago e vinha outra e outra, e vi o Chris chorando sobre um corpo numa cama de hospital e a dor dilacerante no coração me tirou o fôlego e gritei saltando do chão, me soltando da sua mão e fui parar do outro lado, ofegante.

— O que foi isso?! — berrei em prantos. — Eu quero ir embora... — E me virei para ir embora, mas sua mão em minhas costas me paralisou. Então, me virei e ela flutuou ao mesmo lugar onde estávamos, se ajoelhou novamente e simulou cavando aquele chão.

Eu não tive opção, meu coração era puxado para o local onde suas mãos transparentes estavam e corri para ajudá-la. Sentia minhas unhas se soltarem da carne enquanto eu rasgava o chão de terra em total desespero, eu me sentia responsável por algo que não sabia o que era. Era como se alguém ali embaixo daquele solo dependesse de mim para poder respirar.

E com muita pressa cavei.

O sangue dos meus dedos se misturava à terra úmida, o suor explodia dos meus poros e desciam por minha testa, mas eu não parei. Continuei cavando sem parar...

Era impossível continuar com as mãos, olhei ao redor e encontrei um galho, comecei a afofar aquela terra e, aos poucos, eu fui tirando. A um metro abaixo do solo senti algo duro e me ajoelhei ao chão e cavei o restante com as mãos, enquanto Clarinha assistia a tudo com lágrimas e um sorriso aliviado nos lábios.

Enfiei minha mão, a fim de tirar algo sólido do buraco e um soluço intenso surgiu acima de mim, eu sabia que era a Clarinha, mas eu não tive tempo de verificar. Quando minhas mãos tocaram o osso, eu desabei para trás. A luz surgiu à minha frente e se formou um buraco oco e, como sempre, o aspirador gigante me sugou para dentro dele sem que eu pudesse pensar, me defender, não se tratava mais de se manter na realidade, ali dentro daquele túnel agora era a minha realidade. Vi toda a minha vida retornar diante dos meus olhos até o dia do meu nascimento, me vi chorando ao sair do ventre da mamãe.

Mas como isso é possível?

E segui retornando, e vi aqueles homens me segurando pelo braço, um de cabelos loiros e outro de cabelos negros naquele túnel e reconheci o anjo dos cabelos negros pelos seus olhos azuis intensos que esteve em várias situações em minha vida.

Então ele me perseguia mesmo, eu estava certa.

Tudo foi ficando claro à medida que flutuava para

dentro daquele túnel em direção a luz e a dor dilacerante em meu coração, que me impedia de respirar, me acompanhou.

E quando menos esperei, eu caí violentamente no local frio, um piso branco, ouvia ruídos ao redor, recordei aquele dia na escola, onde tudo começou.

A dor tornava cada vez mais forte, quase insuportável. Levei minhas mãos ao peito e gritei, senti meu coração se abrindo, se rasgando, era como se uma caixa trancada, cheias de segredos obscuros guardados há anos, fosse aberta naquele momento.

E vi o Cris se esbarrando com a Lucy...

Não era a Lucy, era eu...

Fiquei confusa, eu sentia todos os seus sentimentos se aflorando dentro de mim, com uma imensa saudade e apaixonada. Eu revivi todos os momentos, o esbarrão, nossas discussões, minhas lágrimas, nosso amor, a rejeição de sua família, a minha gravidez, a Kate... senti o ódio dela sobre mim e me arrepiei.

Vi o meu filho em meus braços, o Eric, a minha partida... Eu vi tudo...

Agora fazia sentido tanta saudade que sentia em meu coração, os motivos que levaram o anjo a minha casa, pois queria me afastar do Flávio; no shopping, me aconselhou a voltar para casa. Sua intenção era pura e

simplesmente me afastar da minha vida anterior.

Resgatar aquelas lembranças era doloroso demais, gritei, chorei de tristeza, de dor, de saudade e do sentimento de perda evocando as dores passadas, a mesma que sentia com a morte da Lucy ou a minha... se aproximando.

Eu não conseguia conter meus gritos de dor, muito próximo ao insuportável, e então tudo começou a girar ao meu redor.

Amargurada, eu sentia que morreria ali com a Clarinha e nunca mais seria encontrada.

E minha visão escureceu, eu não tinha mais forças, cheguei a exaustão. Caí de costas no chão, o ar foi me faltando...

Com muito esforço peguei meu celular do bolso da minha calça onde normalmente ele ficava durante meus dias. Estava desligado... Um facho de uma luz intensa e colorida descia do céu em direção a Clarinha, ela sorria aliviada.

Não sei de onde tirei forças para apertar o botão ligar e quando ligou, disquei para o último número.

— Alô! Alô, Susie! É você? Fala comigo... O Chris ligou aqui, está louco atrás de você... — Ouvia a voz aflita da minha amiga e comecei a chorar no silêncio, não tinha mais forças para nada.

— Mollyyyy... — balbuciei e tudo se apagou em seguida.

Capítulo Vinte e Dois

Despertei sentindo uma pressão sobre minha testa, e um vento frio passando pelo meu corpo causando arrepios por todo meu corpo. As lembranças do que aconteceu vinham à minha mente embalada nos sons agitados das folhas das árvores. Algo havia mudado, me sentia leve, diferente de antes. Era como se uma pedra de concreto tivesse saído das minhas costas.

"Eu morri?", perguntei em pensamento, pois me sentia como nunca me senti antes.

Então, embalada numa emoção diferente, abri meus olhos e logo os fechei com a claridade acima de mim, mas não era o sol, muito rapidamente pude perceber que aquela luz vinha do céu.

Lentamente e, aos poucos, fui abrindo meus olhos, e à medida que isso acontecia, acostumava minhas pupilas à claridade até que finalmente consegui ver. Uma luz descia mesmo do céu à minha direita, o lado em que estava com minha cabeça, porém, lembrei-me que esta luz descia do céu antes de apagar. E virei a cabeça à minha esquerda, sabia que a pressão em minha testa vinha das mãos

translúcidas da Clarinha.

Ela sorriu para mim agradecida, eu sorri para ela, emocionada, me lembrando do nosso pacto da outra vida.

Amigas para sempre, estarei sempre disponível se precisar de mim.

Ela veio me cobrar e eu estava feliz em ajudá-la nesta libertação e feliz por mim, por ter cultivado por gerações uma amizade tão verdadeira.

Sentei-me no chão, com o coração leve, mas com o corpo dolorido e fiz careta com a dor em minhas costas. Ela sorriu quando a luz à nossa direita pulsava como se a chamasse para seguir o seu caminho, agora que seu corpo foi encontrado, ela teria um enterro digno.

Era a sua paz.

— Vai em paz, minha amiga, siga o seu caminho.

Eu a olhei com carinho e ela balançou a cabeça em sinal negativo, entendi que ela não queria partir e não entendia sua resistência quando ela trouxe sua mão sobre meu coração e um flash me mostrou Eric bebê em meu colo. Estremeci ao me lembrar dele e senti um medo angustiante do risco que ele estava passando. E o choro evoluiu para o Eric de hoje: o Eric adulto. Eu saltei do chão com toda a minha força, eu precisava salvar o meu filho.

Clarinha sorriu aliviada e correu à minha frente e eu

a segui até sair do matagal e subimos a ladeira juntas, uma correndo ao lado da outra. Os garotos em sua inocência sequer perceberam nosso desespero e a minha sujeira, meus pés estavam encobertos pela lama, toda a minha roupa estava suja, mas eu não me importei e muito menos os garotos que brincavam correndo atrás da bola.

— Me ajude a encontrar o Eric, por favor? — implorei e ela sorriu e tomou a minha frente.

Eu a segui em direção ao ponto de ônibus.

Dentro do ônibus tentei rediscar o número da Molly, não havia sinal o suficiente, sequer chamava, estava quase mudo, então desisti e coloquei o aparelho no bolso.

A Clarinha me guiava e me fez descer próximo à estação de trem, a placa indicava Estação do Brás, que, aliás, havia um movimento intenso de pessoas circulando por ali tão apressadas que mal tinham tempo de prestar atenção em minha sujeira. Comprei a passagem e ela me guiou a um vagão de trem, eu não sabia exatamente onde desceria, mas tinha convicção de que ela me levaria ao destino certo.

Eu confiei a minha vida a ela.

E descemos algumas estações depois, num lugar onde havia muitos galpões abandonados e próximos a linha do trem.

Caminhei alguns metros por aquele lugar horripilante,

havia muitos galpões abandonados e quando ia me aproximando ouvi um choramingo abafado de alguém amordaçado. Ali, com o coração apertado, eu sabia que se tratava de um cativeiro e que a pessoa presa poderia muito bem ser meu filho...

Meu coração pulou dentro do meu peito.

"O Eric", corrigi em pensamento, afinal eu não poderia misturar as coisas, afinal este mundo é diferente do outro. Deveria ser apenas um segredo meu.

Olhei para Clarinha, ela foi se desmanchando e sumiu do meu campo de visão, senti um vazio dentro de mim, uma impotência generalizada. Mesmo assim peguei o celular, ligaria para Molly chamar a polícia, mas não havia sinal algum de celular, estava distante da civilização.

— Socorro, socorro...

Desta vez, ouvi gritos de homem, não tão abafados, mas me assustei. Eu não tinha tempo de voltar e resolvi investigar melhor sobre o galpão, notei que ali parecia ser uma fábrica no passado, havia maquinários enferrujados espalhados pelo pátio. Meu coração estava a mil quando dei um salto para trás de uma máquina quando a porta do galpão se abriu lentamente.

E novamente alguém gritou e me desesperei sem poder nada fazer.

E quando a porta se fechou sem que ninguém surgisse por ela, pois decerto desistiu, eu fui seguindo em direção à porta, tropeçando em peças de ferro espalhadas no chão. Abri a porta com cuidado sem fazer ruídos, e entrei em desespero ao ver o Eric no fundo do galpão pendurado com a cabeça inclinada ao lado, desacordado, amarrado pelos pulsos por uma corda que vinha do teto do galpão. Seus lábios amordaçados sangravam e vi que, pela sua camiseta branca, minava sangue vivo de sua barriga indicando a gravidade de seu ferimento.

Do outro lado, Kate retirava a mordaça da boca do Chris, sentado numa cadeira com as mãos amarradas pelos pulsos atrás dela e seus pés amarrados juntos pelos tornozelos. Seus olhos ardiam em lágrimas vendo nosso filho ali naquele sofrimento da morte. Solucei alto e profundo.

"O seu filho...", corrigi-me.

Apesar da minha alma ser a mesma, eu continuava sendo outra pessoa, tinha que separar as coisas, mas não sabia como poderia fazer isso após me lembrar de cada detalhe, de tudo.

— Como está se sentindo agora? — Inclinada sobre o Chris, ela gritava ao seu ouvido com os olhos azuis diabólicos e orgulhosos em Eric, preso como uma caça que foi pega numa armadilha.

— O que você está fazendo, sua maluca? Você vai

matá-lo deste jeito! — berrou Chris em lágrimas. — Solte o garoto, pelo amor de Deus!

Senti meu coração despedaçar, o meu primeiro impulso foi correr até ela e jogá-la a distância a fim de libertar o Chris. No entanto, a arma em suas mãos, cravada no rosto dele, me fez desistir.

Ela sorriu mordendo o lábio inferior com prazer.

— Está doendo seu coração, está? — zombou ela, de uma forma que não compreendi.

Chris chorou com os lábios fechados, eu podia sentir sua dor em ver seu filho naquelas circunstâncias, pois era a mesma dor que a minha, porém eu nada podia fazer. Olhei ao redor à procura da Clarinha, mas ela desapareceu e deixou toda aquela responsabilidade só comigo.

— Oh, Deus! — Orei olhando para o céu. — Proteja-os! — implorei.

— Chora, chora mesmo! — gritou Kate com sua voz áspera que ecoou por todo o galpão, pressionando ainda mais a arma fazendo Chis inclinar a cabeça para o lado em que o cano de ferro o empurrava. — Esta é a ideia, eu quero que sofra o que eu sofri, o que você me fez sofrer quando casou com aquela vaca da Lucy, ela nem pertencia ao nosso mundo, era da classe operária!

Meu estômago retorceu com sua cara de nojo.

— Eu garanto que a Lucy era muito melhor do que você — afrontou Chris.

— Seu desgraçado, e*u te odeio* tanto... – ela *gritou* olhando para Chris que permanecia sério. Por isso *merece morrer* — pronunciou com tanto ódio, que me deixou arrepiada.

Ela não era humana, não podia ser, era o demônio num corpo humano, essa era a única explicação.

— Você enlouqueceu, pensa nos momentos bons que tivemos —ele falou em tom de persuasão, mas a sua mão livre voou em direção ao rosto do Chris com toda sua força. O estalo ganhou eco estridente ao redor que doeu em minha alma.

— Seu convencido, acha que está podendo! — Piscou. — Me casar com você foi a única forma de colocar a minha vingança em prática sem chamar a atenção.

Ele a olhou incrédulo, inconformado com sua revelação.

— Já era para ter dado cabo do seu filhinho há oito anos, se não fosse a intrometida da Clarinha. Ela descobriu e ameaçou me denunciar. — Riu, gargalhando, jogando a cabeça para trás, vitoriosa. — Mas eu sou mais esperta do que ela, coloquei-a no seu devido lugar, apertei aquele pescocinho dela até morrer sufocada. — A expressão do Chris era de extrema indignação, como a

minha.

Era difícil entender onde a maldade de um ser humano podia chegar, matar sua própria prima só para conseguir o que queria. Aquilo não entrou na minha cabeça.

— Isso é *cruel*. *Muito cruel*! — disse Chris, exasperado.

— Nem tanto! — disse, sorrindo.

Eu ouvi um estrondo e não uma voz, era a encarnação do mal ali presente dizendo aquelas atrocidades. Eu comecei a chorar chocada, agora eu entendia tudo, a Clarinha foi muito mais do que minha amiga, sua alma de alguma forma está ligada à minha por gerações. Ela tentou de todas as maneiras salvar o meu filho, e o salvou da primeira vez.

"Clarinha, onde você está? Vai buscar por ajuda, por favor!", pedi em pensamento certa de que ela me ouviria.

— Como você pode matar a sua prima, Kate?! — perguntou inconformado.

— Matei. Apertei... o... pescocinho... dela... até... Sufocar... — repetiu alto e pausadamente inclinando seu rosto quase encostando ao do Chris. — Matei e mataria novamente. Como vou matar você, e a semente que você e aquela idiota deixaram aqui no mundo. — Seus olhos foram para o Eric. — E matarei todos que cruzarem no

meu caminho — ameaçou.

Ela colocou o cano da arma na testa do Chris e desceu pelo nariz, peito, abdômen até seu pênis e riu friamente.

— Morrer é pouco para você, primeiro eu vou torturá-lo. — Pressionou o cano no saco do Chris, que soltou um grito de dor intensa.

— Aaaah! Sua louca, me machucou...

— Isto é só uma demonstração do que eu vou fazer com você. — Segurou em seus ombros e olhou para Eric ainda inconsciente. — E aquele garotinho de rosto lindinho ali... Grrr... — grunhiu. — confesso que é uma pena destruir aquele rostinho angelical. Ele lembra muito de você na adolescência... — Soltou o ar com força.

— Você não está no seu juízo, precisa de um tratamento de choque urgente. — Kate ficou transtornada com seu comentário e bateu mais uma vez em seu rosto.

— Eu nunca estive tão lúcida, meu caro. Eu sei exatamente o que estou fazendo, eu sempre soube desde o dia que você me trocou pela Lucy.

— Não culpe a Lucy pelo seu desequilíbrio.

— Tudo bem! — falou ela com as mãos abertas, debochando. — Vamos então mudar o culpado. — Apertou olhar fulminante para ele. — Você me transformou no que sou hoje, é culpado por tudo e um

pouco mais. Tirou a minha oportunidade de seguir minha vida, ter uma carreira. Passei todos esses anos com apenas uma ideia fixa na cabeça: Vingança! — frisou com um tom de voz arrepiante como se estivesse possuída por algo muito ruim.

— Você é maluca! — Chris balançou a cabeça, descrente.

— E tudo por causa daquela maldita que eu odeio mesmo morta. Como também te odeio com todas as minhas forças, eu quero você morto. — Soltou uma gargalhada mortal. Abracei meu corpo arrepiado e não era de frio.

Uma energia muita escura pairava sobre a Kate, a mesma que vi na sala dos pais do Chris.

— Você vai sofrer na pele tudo o que eu sofri. Vai me ver matar o seu filho... — Olhou em direção ao Eric com ódio. — Esta semente horrorosa! — berrou.

— Por favor, Kate, faça tudo o que desejar comigo, pode me matar, decepar qualquer órgão do meu corpo, mas, por favor, poupe o meu filho. Ele não tem culpa de nada, sequer pediu para nascer. Ele já sofreu demais com a ausência da mãe. Não faça nada contra ele. Eu te imploro, te dou o que você quiser, tudo... Pode pedir sem hesitação.

Ela cruzou os braços com a arma apontada para o chão hostilizando seu pedido, se divertia com ele

implorando, pois Chris estava disposto a tudo para salvar nosso filho.

— Faça o que tiver que fazer comigo, eu mereço tudo, fui eu quem te fiz mal, ele sempre gostou de você, Kate, leve isso em consideração, por favor. — Ela continuava rindo e Chris ficou firme na esperança de fazê-la mudar de ideia e eu rezava para que ele conseguisse. — Ele nunca te fez mal, nunca.

— Ahhhh! Que bonitinho o papai tentando proteger o filhinho. — Descruzou os braços e fincou o cano no seu pescoço. — Acha mesmo que vai me persuadir? Tchururu! Tchu! Tchu! Tchu! De jeito nenhum, eu quero mais que ele morra. Ele tem o DNA da maldita, então eu sinto muito — disse ela e caminhou em direção ao Eric deixando Chris em estado de desespero, ele pulava com a cadeira no ar tamanho seu medo.

— Não, Kate, não toque nele, por favor! — gritava em pânico e olhou para o céu. — Lucy onde quer que você esteja, olhe por nosso filho, o salve das garras deste demônio... Por favor, me ajude! — Ele chorava angustiado. — Estou incapaz, preso, estou aqui amarrado, mas você pode, o salve...

"Eu estou aqui!", falei entre o choro, e quando avancei meu passo, não tive tempo de reagir com mãos pesadas e gordas me agarrando pelas costas e me arrastando para o meio do galpão.

— Me largue, me largue! — gritei em desolação porque coloquei tudo a perder.

Kate parou, me olhando incrédula.

— Olha só quem estava ali escondidinha bisbilhotando — falou Ivan agarrado em minha cintura suspensa no ar enquanto eu me debatia.

— Me largue, seu animal! — gritei

— Ora, ora... O destino escreve certo por linhas tortas mesmo... — Ela parou em minha frente, cruzou os braços dramaticamente encarando-me profundamente. Esboçando um belo e calmo sorriso, eu virei o rosto para fugir de seu olhar demoníaco. — Eu não havia reparado na semelhança entre você e a falecida. — Olhou para o Chris olhando para nós, atento. — Por isso ficou caidinho por ela.

— Susie, como é que você chegou aqui? — perguntou Chris ofegante.

— É, Susie, como foi que veio parar aqui? — quis saber Kate. Eu apertei meus lábios, então ela olhou furiosa para Ivan por cima do meu ombro. — Foi tão descuidado a ponto de se deixar ser seguido?

— É claro que fui cuidadoso, ninguém me seguiu, cheguei agora e a encontrei espiando — explicou com um tom de medo na voz.

— Bem que eu desconfiei esta amizade de vocês! —

exclamou Chris. — Sentia algo podre no ar. — Ivan o fuzilou com antipatia e com o punho fechado para socá-lo.

— Nem pense em fazer isso! — urrou Kate. Ivan travou no mesmo instante submisso com o punho a um centímetro do nariz do Chris, que o enfrentou com coragem, o deixando irritado.

— Me deixa bater nele, eu sempre sonhei em desfigurar a cara bonitinha deste playboy rico.

— A vingança é minha, e não sua! — protestou ela. E puxou um laço da corda do ferro e Eric caiu no chão com tudo, desacordado.

— Não toque no meu filho! — berrou Chris a plenos pulmões.

Ela ria alto, gargalhando, fria, com o maior prazer do mundo, como se ele se resumisse a nada. Então, apontando a arma, e com o dedo no gatilho, fixou bem em seus olhos angustiados enquanto abaixou-se e pressionou o cano na cabeça do Eric e engatilhou.

— Não, por favor! — Chris suplicou, era só o que poderia fazer com tantas amarras em seu pulso e tornozelos.

— Não, por favor! Não, por favor! — imitou Kate, debochando cruelmente. — Não adianta, Chris, eu não vou ouvir você, precisa entender que, a partir de agora, a sua opinião não tem qualquer efeito sobre mim. Eu estou

no controle agora.

De seus olhos emanava um ódio de alguém sem qualquer compaixão e toda sua maldade estava impregnada ali na sua pele e também em sua voz... Chris esmoreceu, baixou a cabeça se entregando, acreditando mesmo que ela estava no comando.

— Isto, sofra, eu quero que você sofra, Chris. Quero que se lembre deste dia por toda a eternidade, da morte do filhinho, esta semente maldita que aquela idiota da Lucy deixou aqui.

— Pense bem, Kate, o Eric é inocente nesta história — falei entre as lágrimas.

Ela trincou os dentes, jogando seu olhar azul sobre mim.

— Não se intrometa, estamos num assunto familiar que não lhe diz respeito.

Porém, quando ia apertar o gatilho, arrependido, o Ivan me soltou.

— Não mate o garoto, você prometeu que não teria mais mortes, que a da Clarinha foi a única.

Ela respirou fundo antes de jogar um olhar assustador sobre ele.

— Podemos resolver isso de uma maneira diferente — ele ainda tentou convencê-la.

Não havia nenhuma misericórdia dentro daquela

mulher pavorosa, de repente ela desviou o revólver de Eric e apontou para o Ivan.

— O que está fazendo, Kate? — Ele recuou, assustado.

— Nada pessoal... — Então atirou bem na testa dele, o impacto violento em sua testa abriu um buraco e o jogou para trás.

O eco do crânio no concreto espalhou por todo o galpão e o sangue escorria pela lateral de sua cabeça. Meu estômago embrulhou nauseado. Ao lado dele, ali sem vida, eu gritava de desespero quando ela apontou a arma em direção ao meu peito e engatilhou. Ergui minhas mãos acima da cabeça em rendição, sem vacilar, ciente do que ela era capaz.

— Por favor, não me mate! — supliquei por minha vida, mas um sorriso de prazer em me humilhar surgiu no canto dos seus lábios.

— Você não deveria ter aparecido por aqui, vagabundinha. Agora eu preciso matá-la também! — E voltou seu olhar assassino para o Eric. — Primeiro é o pirralho. Fique na sua, paradinha. — Voltou com a arma na cabeça dele.

Ali eu perdi o meu chão, eu sabia que a vida do meu filho estava em minhas mãos, eu não podia deixá-lo morrer. E o momento era aquele, talvez eu nunca mais tivesse outro, lancei o olhar para o Chris, que sinalizou

que não com a cabeça, o elo que mantínhamos era capaz de entender o olhar um do outro, então suspirei.

— Eu te amo! — articulei com os lábios.

— Não… não! — Sua voz saiu como um murmúrio.

Eu sempre questionei o fato de não ter escolha, entretanto agora tudo mudou: eu tinha uma escolha. E decidi pela vida do Eric. Uma decisão acertada e nada me faria mudar de ideia, nem mesmo o Chris exigindo por minha vida em suas lágrimas de lamento.

O dedo firme de Kate acionou o gatilho sem pensar, eu não tinha mais tempo para pensar, não tinha tempo de mais nada, me joguei sobre o Eric no chão de maneira que o abracei cobrindo seu corpo como um escudo, protegendo-o. Em seguida, um estampido ecoou no vazio do galpão. Ouvi os gritos do Chris ao mesmo tempo que senti a bala perfurar a minha pele e se alojar em meu ombro direito.

O som ensurdecedor acordou Eric, abaixo de mim. Alarmado, ele ergueu os punhos amarrados, me empurrou para o lado, caí de barriga para cima.

— Sai de cima de mim — pediu ele entre um gemido de dor, confuso.

Eu sentia abaixo de mim o gelado do concreto, eu tinha consciência.

Estou viva!

Respirei num sopro de vida, com esperança, quando o clique da arma sendo engatilhada outra vez me fez voltar à realidade. Com uma pequena linha que se abriu em meus olhos, vi a Kate encurvada sobre mim, o revólver em sua mão estava bem na direção da minha cabeça. Eu ainda tinha uma chance, foi a única coisa que pensei naquele momento que considerei crucial, segurei minha respiração e me fingi de morta: uma tentativa que deu certo.

— Sua vagabunda! — insultou, me chutando com seu pé direito acertando em cheio o ferimento causado pela bala em meu ombro. Segurei a dor sem exprimir nenhuma expressão.

— Kate? — Eric se sentou no chão com a mão pressionando o abdômen. Seu rosto estava contraído pela dor, totalmente confuso. Seus olhos se fixaram na arma na mão da madrasta em sua direção. — O que você está fazendo, por que está com este revólver?

Pela frestinha dos meus olhos vi o Chris nervoso e apreensivo com o novo passo de Kate, ele parecia assustado e arriscou no silêncio. Sorri diante da sua experiência, afinal era uma forma de não incitá-la, conhecendo o comportamento tempestuoso dela. Percebi pela sua forma de olhar que analisava o momento, já o conhecendo o suficiente para saber que sua estratégia era despertar nela algum sentimento que desenvolveu pelo garoto. Ela teve participação no seu crescimento, não era possível que não desenvolveu nenhum afeto por ele.

Ela revirou os olhos com impaciência.

— Por que você não pergunta para o seu paizinho? — perguntou com cara de nojo.

Ele não precisou perguntar, seus olhos encheram de lágrimas quando viu seu pai naquela condição sub-humana, finalmente tomou ciência do que acontecia, quando ameaçou se levantar Chris acenou que não com a cabeça, amedrontado em falar.

Eric entendeu e soltou o ar relaxando o corpo sobre o chão. Então, numa tentativa desesperada, Chris acenou com a cabeça em direção à porta aberta do galpão. Eric apertou o olhar sem entender e desviou para o chão no local onde o Ivan estava morto. Seu semblante ficou sobressaltado e seu nervosismo era notável.

— Você matou o Ivan?

Ela se aproximou e inclinou-se sobre ele.

— Sim... Matei ele e a vagabunda. — Novamente deu o chute no mesmo local e prendi a respiração para não gritar. — E você é o próximo.

Aquela última frase despertou em mim meu lado leão, não deixaria que ela tocasse em Eric e, como uma mãe que protege sua cria, agarrei na altura do seu joelho, reprimindo a dor em meu ombro, e puxei com toda a força que existia em mim. E era muito maior do que pensei, a Kate caiu de frente, por cima de Eric, e a arma desabou se

arrastando pelo chão para longe dela.

Eu me joguei sobre suas costas e rolei com ela libertando Eric.

— Sua vadia, sai de cima de mim...

— Solta seu pai! — gritei enquanto prendi-a ali no chão, se debatendo. Não sei de onde eu tirei tanta força, surpreendeu até a mim mesma. O sangue escorria do meu ombro até chão.

— Seja rápido, filho... — incentivou-o Chris.

Eric se mostrava um grande guerreiro. Mesmo com todos os ferimentos pelo seu corpo, ele se levantou e foi cambaleando até o pai e com muita dificuldade, entre gemidos, ele tentava soltar o nó que amarrava o corpo do Chris à cadeira de ferro.

— Isso, meu filho, apresse-se.

— Eu já falei para você sair de cima de mim, sua, sua... — Kate conseguiu me jogar para o lado e se arrastou em direção à arma. E antes dela conseguir tocá-la, o Chris já liberto, com as suas mãos soltas, tirou as amarras de suas pernas e num gesto quase relâmpago, ele chegou primeiro na arma e a pegou apontando na cabeça da Kate.

Ela rolou ficando em frente ao Chris e apoiou os cotovelos no chão arqueando o tronco, fitando-o de forma desafiadora.

Era incrível seu dom de esconder o medo.

— Você nunca atiraria em mim e em ninguém. Um verme não tem coragem para tal!

— Será mesmo? — disse Chris com sangue nos olhos e com o dedo firme engatilhou a arma.

Kate continuou firme, sem pestanejar.

— Não seja covarde. Se quer me matar, então mate logo, porque se eu sobreviver eu vou matar você e o seu filhinho, pode demorar, mas eu juro que um dia farei.

Eric estava fraco, perdera um volume razoável de sangue e veio cambaleando em direção ao pai, e caiu de costas no chão, desfalecido, entrei em desespero.

— Eric, Eric... — Corri até ele, ali no chão, e meu coração estava em Chris. Sentei-me no chão e coloquei sua cabeça em meu colo e acariciei seus cabelos. Ali todo o meu passado retornou, todas as lembranças da primeira vez quando o segurei em meus braços, a dor de partir e deixar minha família para trás. — Por favor, não morra, por favor... — pedia como se ele pudesse me ouvir, seus olhos se movimentavam freneticamente por baixo das pálpebras fechadas.

Assustado, Chris virou de costas preocupado com seu filho e em um segundo de distração, um vacilo que Kate não desperdiçou, ela se levantou e bateu em sua mão para a arma cair. Mas ele segurava firme, com a mão livre

passou no pescoço de Kate dando-lhe uma gravata, estrangulando-a a ponto de ela gemer.

Com suas mãos assassinas manchadas pelo sangue derramado, ela tentava afrouxar o braço em seu pescoço, a cor pálida passou a quase roxo.

— Seu desgraçado! — praguejou ela com a voz estagnada quase sem ar.

A expressão de Chris se fechou, ele não aceitou ver o filho inerte, vi sua intenção de vingança e estremeci. Um arrepio desceu por minha espinha quando ele enfiou o cano da arma na fronte de Kate e acionou o gatilho.

— Sua...

— Você não tem coragem, é um covarde! — Era incrível como a maldade e o ódio em seu coração a fazia ter forças para incitá-lo quase à beira da morte e ela ali, provocando-o. — Vai logo, atira, porque se perder a chance, eu vou matar a família feliz... — ameaçou novamente.

— Eu vou te mostrar quem é covarde! — E toda sua intenção ficou clara em seus dedos pressionando o gatilho, Kate cerrou os olhos com força aguardando o momento que pareceu inevitável.

Um urro ensurdecedor vindo das profundezas ecoou por todo o galpão, senti meu corpo gelar. O canto obscuro de onde provinha o som na quina da parede do outro lado

do galpão me fez tremer.

Fixei meus olhos quando algo de extraordinário e amedrontador aconteceu: sombras negras se soltavam da emenda no chão e da parede como se ali fosse um portal do inferno e se espalhavam pelo chão de concreto em movimentos rápidos e ruidosos, como se fossem gritos e lamentos agonizantes vindo das profundezas, esta era a única explicação para aquela força sinistra se manifestar.

Elas vieram se arrastando em direção ao Chris. Eu queria gritar para ele tomar cuidado, mas alguma força inexplicável me impedia.

O máximo que consegui foi levantar os olhos, ele não percebeu, e continuou ali pronto a acabar com a vida de Kate enquanto ela o provocava o chamando de covarde.

Entendi que somente eu podia ver a manifestação sobrenatural, suspirei em dor quando aquelas sombras negras se concentraram agrupadas e em círculo sob os pés do Chris.

Confusa, levantei meus olhos e, ao ver seu olhar de ódio, meu coração disparou. Senti que algo a mais o impulsionava ao crime, não só a provocação de Kate, gritando em sua voz estagnada que ele era um covarde.

Era como se aqueles gritos sussurrassem em seus ouvidos induzindo-o a matá-la e assim resgatar a sua alma. Eu não sei por que cheguei a esta conclusão, porém era isso que eu sentia e era uma certeza.

E Chris pressionou o cano da arma na cabeça de Kate e então engatilhou.

— Você vai sentir a ira do covarde aqui! — falou com firmeza, decidido, porém sua expressão de ódio doeu em meu coração.

— Não, Chris! Não atira! — gritei quando consegui.

Ele hesitou, afrouxou as mãos e fechou os olhos por um segundo, então as sombras entrelaçaram em seus pés e foram subindo até a altura do joelho. Percebi a intenção que vinha do inferno.

— Não suje suas mãos de sangue — pedi.

Ele suspirou profundamente como se estivesse acordando de uma hipnose e seus olhos se encheram de lágrimas fixo no cano na cabeça de Kate.

Um segundo apenas de distração foi o suficiente para Kate dar um giro e se soltar dos braços dele derrubando a arma bem em seu pé e se abaixou numa velocidade quase sobre-humana enquanto as sombras em gemidos ensurdecedores se jogavam ao chão se arrastando para o local de onde saíram e desapareceram.

Um estalo seco trouxe-me de volta.

— Chrissss! — gritei em prantos enquanto ele caía para trás atingido com uma bala próximo ao coração.

— Agora eu quero só ver onde está a sua coragem — falou Kate encurvada sobre ele no chão com seu sangue

vermelho e quente escorrendo pela lateral de seu corpo. Uma dor profunda tomou conta de mim enquanto ela mantinha o seu sorriso de satisfação e realização.

— Assassina! Assassina! — acusei-a aos berros, dilacerada. Eu não podia acreditar que o Chris estava morto, não depois de tanto tempo longe dele, não agora que o encontrei finalmente.

Não podia ser verdade! Não podia!

Ela desviou sua atenção para mim e uma linha diabólica surgiu em forma de sorriso de seus lábios.

— Assassina! — gritei novamente sem medo dela. Aliás, eu não pensava mais em mim, só nos dois, as pessoas que eu mais amava na vida. Sem eles a minha vida não tinha mais sentido algum.

Coloquei a cabeça do Eric no chão sem me importar com Kate vindo ao meu encontro com a arma apontada para minha cabeça. Se o Chris morresse, eu morreria com ele.

— Agora é a sua vez! — avisou ela quando chegava perto. Seu olhar penetrou minha alma, fechei meus olhos rapidamente me preparando.

Abri no momento em que o Chris abriu os olhos.

Ele está vivo!

Sorri entre as lágrimas sem acreditar naquele milagre.

Meu Chris está vivo!

Ele só tinha olhos para mim, sua expressão estava aterrorizada com a Kate se aproximando, e quando teve a chance ele lançou seu corpo e agarrou na perna dela com força e ela caiu de boca no chão, batendo a testa com tamanha violência que desmaiou. Então, Chris caiu de costas no chão gemendo de dor.

— Su-Susie — balbuciou ele sem forças. — Bus... busqueee ajudaaaa... — Ele fazia um esforço sobre-humano, fazendo o sangue jorrar do ferimento em seu peito formando uma poça no chão.

Joguei-me de joelhos ao seu lado.

Passando a mão em seu peito, chorando sem acreditar, sua respiração ficou fraca e seus olhos não paravam abertos.

— Não fala... Socorro, alguém me ajude... — gritei a plenos pulmões por ajuda com a cabeça virada para a porta do galpão. Só houve o silêncio em resposta, estava ficando agoniada com ele perdendo suas forças. Seus olhos se fecharam e não mais abriram; sacudia-o ansiosamente. — Chris, Chris, não morra, meu amor, não me deixe aqui... Eu não posso ficar sem você — murmurei em prantos, esqueci-me da dor em meu ombro que sangrava muito, porque a única dor era de pensar em perdê-lo. Beijei-o novamente. — Não morra, e-eu te amooo.

Ele conseguiu abrir uma fresta de seus olhos com a minha declaração.

— Eu também te amo... — Ainda conseguiu dizer num fio de voz, e mesmo assim provocou um sangramento intenso.

Estremeci.

— Não diga mais nada. Só me escuta, tá? — Ele concordou com a cabeça, sua respiração ficou irregular e mais fraca. — Meu amor, eu sempre o amei e tenho certeza de que vou te amar pela eternidade. — Eu precisava dizer, ele precisava saber...

Ele sorriu fraco com uma expressão de dor. Eu massageava ao redor do ferimento, minhas mãos estavam sujas com o seu sangue. E chorei muito no silêncio. Eu precisava ser forte para ele. Olhei para Eric que, apesar de desmaiado, sua respiração era tranquila, diferente do pai.

"Eu te amo, você não pode morrer!", gritei no silêncio dos meus pensamentos.

Eu precisava deixá-los para pedir ajuda, pois não conseguia fazer isso, tinha medo.

Ele suspirou profundamente e sorriu como se ouvisse os meus pensamentos, enquanto as minhas lágrimas pingavam em seu corpo ensanguentado.

— Eu não sei como fazer isso, mas preciso ir buscar

auxílio... Porém, eu tenho medo de te deixar sozinho... — balbuciei.

— Talvez seja melhor não o deixar sozinho. — A voz masculina macia e quase angelical que eu conhecia muito bem se misturou aos meus lamentos. Virei a cabeça em direção a ela. Ele, o homem de pele muito branca, olhos como os mares mais lindos neste mundo, vestido em calça e camisa branca estava encostado no batente com os braços cruzados e um sorriso surpreso nos lábios.

— Você? — falei sorrindo, ali nascia a minha esperança: a esperança do Chris. Ele avançou seus passos e parou ao meu lado com a cabeça inclinada para baixo. — Acho que agora eu estou entendendo, você sempre surge nos momentos mais tortuosos. Eu não vou permitir que leve o Chris, me ajude salvá-lo, por favor.

Ele apenas sorriu serenamente e, calmo, *abaixou* lentamente, *dobrando* os *joelhos* ao meu lado, e nesse instante os sons de sirenes se aproximando ecoaram lá fora.

— O destino já cuidou disto... — declarou ele. Voltei o olhar e me deparei com seus olhos brilhando, estudando meu rosto minuciosamente. — A ajuda já está a caminho.

Suspirei aliviada e olhei para Eric, que ainda estava desacordado.

— Graças a Deus! — murmurei em lágrimas.

— É engraçado o destino das pessoas. — Sua voz suave, que murmurava palavras de compreensão, trouxe uma paz momentânea ao meu coração. — Eu lutei tanto para afastá-la da vida passada. Sempre que sua alma era puxada pelo túnel do tempo, eu a trouxe de volta acreditando que era a minha obrigação evitar o confronto.

— Era você? — Fiquei surpresa com a revelação ao me lembrar das mãos penetrando meu peito e me puxando de volta pelo coração. — Eu sentia suas mãos. — Ele concordou com a cabeça. — Eu bem que desconfiei, com o seu conselho de deixar o Brasil. — Ele riu.

— Sim... Eu fiz tudo isso, estava sempre ao seu lado, tentando desviá-la, até em seus sonhos e pensamentos... Trabalhei duro acreditando que eu havia errado quando preparei você para seu novo nascimento. E tudo para não ser punido.

— E você foi punido?

— Não... Nada do que eu fizesse surtiria efeito algum... E sabe por quê?

Eu neguei com a cabeça, olhando-o com curiosidade.

— Porque este era o seu destino, você está onde sempre precisou estar, protegendo a sua alma gêmea, impedindo-o de seguir o caminho das sombras.

— Como assim? — Fiquei confusa e, ao mesmo tempo, com medo.

— A sua alma gêmea é boa, pura, porém fraca e vulnerável ao mal, diferente da sua, que é forte. Por isso você precisou estar nestas duas gerações para impedir que ele fosse seduzido pelas sombras negras. Você o salvou por duas vezes...

Minhas memórias surgiam neste instante, me levando a dois momentos vividos, um no dia que quase acertou jugular do seu pai e hoje, mas a que preço. Eu me sentia culpada, eu o distraí, eu sou a responsável...

O som das sirenes estava perto, talvez dobrando a esquina, era ensurdecedor. Olhamos ao mesmo tempo em direção à porta e ele voltou antes que eu.

— O Chris vai sobreviver? — A frase saiu num fio de voz, temendo a resposta.

— Como eu expliquei, minha jovem... Nós, anjos, somos apenas enviados, não sabemos e tampouco prevemos algo. Apenas obedecemos às ordens divinas.

— Talvez por esta razão eu não tenha lembranças do local onde me levou antes de eu voltar a nascer. — Ele sorriu diante da minha expressão de dúvida.

— São os mistérios de Deus! — ele falou orgulhoso olhando para cima como se visse o céu através do teto cheio de poeira.

Conversar com aquele anjo relaxou meu corpo e com isso comecei a sentir a dor aguda em meu ombro,

pressionei levemente ao redor a fim de aliviar.

— Há muitos mais mistérios neste mundo do que se possa imaginar — concluiu ele. Sua voz se misturou com os roncos de motores e os ensurdecedores barulhos das sirenes preenchendo todo o espaço no lado de fora do galpão e, em seguida, às vozes.

— Deve ser aqui... — Ouvi uma voz grave de homem e depois outras.

Desviei um segundo meu olhar para porta e no segundo seguinte quando voltei ao anjo só encontrei o vazio. Ele não estava mais lá.

— Aqui! — gritei entre as lágrimas. — Estamos aqui...

Em minutos, o galpão ficou lotado com policiais e os paramédicos.

Enquanto alguns paramédicos socorriam Eric, outros faziam a reanimação em Chris. Eu gritava desesperada ao lado deles atrapalhando os procedimentos, então para me afastar um médico me levou para fora do galpão, com uma mão em minhas costas enquanto com a outra segurava uma bandagem em meu ombro a fim de estancar o sangue, eu me arrastava, minhas pernas começavam a ficar bambas com a perda de sangue.

Tudo girava em torno de mim.

Eu comecei a chorar, quando avistei do outro lado do

terreno, onde havia uma barreira para evitar curiosos, Molly com seus olhos imersos em lágrimas gritando por mim e ao seu lado o Flávio.

— Molly... — chamei emocionada.

Os policiais da barreira deixaram que ela e Flávio viessem até mim. Dependurei-me em seu ombro.

— Graças a Deus você está viva — disse ofegante em meu ouvido e choramos juntas em nossa cumplicidade.

Eu estava muito feliz com a minha melhor amiga ali ao meu lado.

— O Chris! A Kate atirou nele... — esbocei entre as lágrimas.

Ela me abraçou novamente. Neste instante, a maca com o Chris recebendo oxigênio passou por nós e o colocaram na ambulância.

Eu corri em sua direção.

— Eu quero ir com ele.

Com as mãos espalmadas em meu peito, o médico me empurrou devagar.

— Desculpa, senhorita, acho melhor não. A senhorita vai em outra ambulância. — Apontou para a outra do outro lado com a porta aberta, enquanto três médicos entraram e fecharam a porta.

Pelo vidro, eu pude ver a agitação lá dentro para

salvar a vida dele.

— Vem, Susie. — Molly me afastou dali segurando em meus ombros. — E o Eric? Ele está tão machucado! — ela murmurou com a voz embargada.

Abracei-a forte como eu, ela precisava de consolo. Conhecia minha amiga e sabia que estava apaixonada, finalmente.

— Eles vão ficar bem — garantiu Flávio.

Molly recuou olhando em meus olhos, incerta.

A gravidade do ferimento do Chris era nítida.

— Seus pais estão a caminho — me informou Molly me abraçando novamente.

— Por favor, senhorita, precisa de cuidados. — Um enfermeiro me tirou dos braços da Molly e me guiou até a ambulância me acomodando na maca ao lado do Eric com balão de oxigênio.

— Eu posso acompanhá-la? — perguntou Molly, ansiosa. Eu sabia que ela queria ficar ao lado dele e abriu aquele sorriso apaixonado quando o médico autorizou que ela entrasse na ambulância.

— Nos encontramos lá no hospital — avisou ao Flávio antes da porta ser fechada.

— Eu não sei como seria se a gente não tivesse o rastreador nos nossos telefones. — Olhei-a surpresa, sentada num banco entre as duas macas. Ela beijou a mão

do Eric com tanta paixão e apoiou-a novamente sobre a maca seguida de um longo suspiro.

— Foi você que me achou?

A lágrima ganhara força novamente, estendi a mão sem alcançar o Eric e segurei a ponta da sua maca, para mim já era o suficiente sentir um pouco do seu calor. A vida ainda estava pulsando em seu coração.

— Quando o Chris me ligou e disse que você havia ido ao meu encontro e não chegou, eu me desesperei. Preocupada, logo acionei o rastreador, mas acho que não tinha sinal, o fato é que não conseguimos, então o Chris resolveu perambular pela cidade à sua procura. Foi quando a minha tia, que chegava em casa, presenciou um sequestro. Ela viu quando um carro parou em frente à sua casa e um homem com capuz e armado rendeu um rapaz que estava ali perto e o colocou dentro do carro. A princípio não demos muita atenção, até que a Gláucia ligou para o Flávio nervosa perguntando pelo Chris. Foi neste momento que a nossa ficha caiu, na hora pensamos no pior e fomos até a delegacia.

Eu comecei a rir e a chorar ao mesmo tempo, ali era o sinal de que o destino conspirava a meu favor. Nasceu a esperança, acreditei que o Chris sairia desta...

— Acredita que o Chris vai sobreviver? — Eu precisava de outras opiniões, não me sentia forte o suficiente para manter minha fé.

Ela sorriu esperançosa e segurou em minhas mãos sob a maca e também a mão do Eric e apertou.

— Eles vão ficar bem. — Olhou para Eric. — Seja forte, lindinho!

Ela levantou e beijou-lhe a testa com carinho, os olhos por baixo das pálpebras responderam ao carinho e sorrimos emocionadas.

Ela segurou em sua mão e voltou a se sentar e ali mergulhamos no maior silêncio em nossas orações pessoais. Observei-a de olhos fechados orando com fervor e não pude deixar de sorrir com emoção ao recordar nossos momentos tristes e alegres, às vezes discutíamos feio por algo sério, mas nunca nos separamos porque nunca houve rancores com a gente. Uma amizade como a nossa só poderia mesmo ser obra do destino.

Eu precisava dela para voltar ao passado e encontrar o meu destino.

Capítulo Vinte e Três

Meu coração doía em agonia e dor como se estivesse sendo arrancado de mim ao reconhecer o hospital, o local onde eu dei meus últimos suspiros na vida anterior.

E comecei a chorar em ver toda aquela correia para reanimar o Chris.

Já havia sofrido duas paradas cardíacas devido a perfuração do seu pulmão, a médica que o atendeu era justamente sua irmã Isabel, que sua tia Sarah criou como filha e que um dia ele a chamou de bastarda. E agora ela estava ali não por acaso, eu desejei que não. Ali não poderia ser o local dos seus últimos suspiros, não ainda, não hoje...

Nós precisávamos de tempo para nos conhecer, o tempo que não tivemos.

Minha maca foi a última a passar pelo corredor de emergência, partiu o meu coração ver o sofrimento dos seus familiares. O senhor Pablo tentava confortar a esposa, abraçado a ela, o senhor Marcos chorava sozinho no canto da parede, com o Juninho ao seu lado, de cabeça baixa. Lillian se debruçou sobre a minha maca e beijou

meu rosto com tanto carinho que não contive as lágrimas explosivas.

O calor de suas mãos e de seus lábios era tão familiar. Olhando em seu rosto, eu chorava com saudade daquela gentil e amorosa mulher, minha mãe! Mesmo sem saber, ela sentia quem eu era de verdade, que um dia eu nasci de seu ventre aconchegante.

— Que Deus a proteja, minha filha! — sussurrou ela e a enfermeira empurrou a maca em direção à emergência.

— Estaremos aqui fora! — gritou Molly com lágrimas nos olhos.

Abri meus olhos e fechei devido à claridade que invadia a janela de vidro.

Movi minha cabeça para a lateral e a dor em meu ombro me fez lembrar do tiro, de tudo o que aconteceu.

— Você acordou, querida. — Suspirei ao ouvir a voz da minha mãe, ela e o meu pai estavam sentados num banco de madeira no pé da cama. Ela se posicionou ao meu lado na cama e beijou minha testa enquanto acariciava meus cabelos. — Graças a Deus, você está bem. — Sua expressão de alívio e felicidade inundou meu coração.

— Quando ficamos sabendo do que havia acontecido, largamos tudo para trás, tudo... — falou meu pai ao seu lado muito emocionado. Estendi minha mão, ele segurou e

levou aos lábios beijando-a várias vezes com tanto carinho que me senti segura.

— Quanto tempo eu estou aqui? — Olhei ao redor confusa, tinha a impressão de que passaram dias.

— Eles fizeram uma cirurgia para a retirada da bala no seu ombro. Está dormindo desde ontem — explicou meu pai, aliviado.

— E o Chris, o Eric, vocês têm notícias? Como eles estão? — A agitação tomou conta do meu coração só de imaginar o pior.

— Se acalme... — pediu meu pai pressionando minha testa no travesseiro, me impedindo de me levantar. — Ambos estão vivos, pai e filho.

Eu o olhei com dúvidas e olhei minha mãe. Ela nunca mente, ela não sabe mentir.

— Eles fecharam o ferimento no abdômen do Eric causado por uma faca, mas graças a Deus não atingiu nenhum órgão vital.

— E o Chris? — gritei apavorada.

— Como seu pai explicou, está vivo... Porém, requer mais cuidado, seu caso é delicado... — Sua voz triste me apavorou.

— Como assim, delicado? — Eu já era o desespero em pessoa.

— Ele está em coma — concluiu meu pai.

Arregalei os olhos e meu coração parou de bater por um segundo.

— É isso.

Seu olhar de "sinto muito" me deixou em pânico e me sentei na cama.

Preocupado, ele segurou em meu ombro me forçando a deitar novamente.

— Depois. Agora você também precisa se recuperar.

Ele tinha razão, eu me sentia fraca e com dores agudas no ombro, e fiquei por ali em silêncio e chorando, orando e me lembrando de todos os momentos de nossas vidas. Das minhas duas vidas.

Eu fui a primeira a ter alta médica, mas sequer imaginei arredar o pé para fora do hospital. O senhor Pablo usou de toda a sua influência para garantir a minha permanência e livre acesso nas dependências do hospital, o que não era nenhum milagre, já que sua filha era quem o administrava. Isso me garantiu que eu não estaria longe nunca e sempre informada de tudo.

Eu não saí do lado do Chris nem por segundo sequer. Ali no hospital eu fiz minha morada, os dias passavam e ele sequer reagia.

Eric teve alta e se acertou definitivamente com a Molly, o amor entre eles realmente era bonito.

Flávio não parava de pedir desculpas, se sentia

culpado por incitar a Kate a ser violenta, eu lhe disse que esta vingança era antiga e que ia acontecer de qualquer jeito. Não poderia dizer-lhe a verdade. Minhas palavras foram evasivas e por isso talvez ele não aceitasse o fato do seu erro e se punia.

Eu o consolei, falando de sua mãe, que ela precisava dele, afinal já tinha muito com que se preocupar. O fato é que dona Celeste nunca se recuperou, de vez em quando eu dava uma passadinha no seu quarto no andar de cima onde Chris estava.

E foi justamente num destes dias que o Flávio comentou sobre o velório dos restos mortais da Clarinha, a minha preocupação com o Chris me fez esquecer de tudo, até da minha antiga amiga. Na verdade, eu estava envolvida até o pescoço. No depoimento que precisei dar ao revelar o local onde o corpo foi enterrado, eu menti para a polícia que a Kate havia confessado enquanto estávamos no cativeiro. Eu nunca poderia dizer a verdade e se fizesse, com certeza, eles ririam de mim. Uma mentira que poderia vir à tona com os depoimentos da Kate, mas eu não queria pensar nisto neste momento, tampouco sofrer por antecipação. Caso a polícia me chamasse para novos esclarecimentos, eu pensaria em algo a dizer.

Eu queria muito estar presente e precisava, afinal depois que me levou ao cativeiro eu nunca mais a vi, e confesso que sentia falta dela. Porém, não me sentia confortável de ir com o Flávio, então a dona Lillian, muito

amiga da família, me chamou para ir com ela.

Quando chegamos, eu parei em frente àquele caixão lacrado, e comecei a sorrir e a procurei pelo ambiente, ela não estava por ali. O que era uma pena, eu queria tanto revê-la mais uma vez, agradecer. Foi quando prestei atenção, pela primeira vez após o ocorrido, no nome: Kate. Eu sequer suportava a ideia de pensar naquele nome maldito. Era como se em outras gerações ela já tivesse me feito muito mal.

Uma das tias da Clarinha, que estava em prantos e sendo consolada pelo rapaz que quase se casou com ela, comentou sobre o irmão, o pai da Kate:

— Tenho tanta pena do meu irmão, coitado! A Kate só trouxe desgosto para a sua vida, desde pequena. Como ela pode fazer isso, se tornar uma pessoa bárbara, matar a própria prima por capricho?!

— Talvez seja porque foi mimada além da conta — tentou explicar o rapaz.

— Você tem razão. Nós sempre o alertamos sobre isto, mas, sabe como é, filha única, muito dinheiro. Acredito até que o seu sumiço tenha relação ao crime da filha.

— Será que ele tinha conhecimento? — Ele encolheu os ombros, indignado.

— Meu irmão é uma pessoa correta, sempre sofreu

com os problemas que a filha causava, porém ele sempre estava ali, dando conselhos... Não ia desaparecer assim sem explicação se não fosse por algo sério. Na minha opinião, ele sabia e preferiu sumir ao entregar a própria filha à justiça.

— A que ponto a Kate chegou! Mas pode ser que agora que ela está presa, ele apareça por aí.

— Susie? — Desviei a atenção de Lillian, que se preparava para seguir o cortejo.

Aquela conversa entre os dois me fez lembrar dos momentos entre as primas, em um deles a Kate ameaçou mesmo a Clarinha. Mas naquela época, ela disse no sentido figurado, tinha certeza. No entanto, eu ainda tinha um certo receio com a ameaça que ela fez no cativeiro de eliminar a família, mas balancei a cabeça para dissipar, afinal ela tinha muito para pagar com seus crimes e ficaria muito tempo enjaulada. Acusada por dois homicídios, ocultação de cadáver além do sequestro duplo.

Eu me sentia muito aliviada e até feliz, afinal agora a Clarinha teve seu enterro digno com a presença de todos seus amigos e familiares.

Até ganhei a confiança do senhor Pablo, na verdade eu ganhei novos pais, e todos abraçaram meus pais dando a eles uma estadia confortável e todos se davam muito bem, eu me realizei em ver todos juntos. Agora eram seis, três mães e três pais, eu realmente era uma privilegiada.

Para completar minha felicidade, só faltava a recuperação do Chris. E eu, somado a todos, orava dia e noite por ele.

***

Um mês depois...

— Tem certeza de que vai ficar bem, minha filha? — Minha mãe chorava enquanto nos despedíamos no aeroporto.

Assenti que sim, nada me tiraria do lado do Chris, nada.

— Eu vou ficar bem. Eu acho... — Ela me abraçou forte e beijou o topo da minha cabeça.

— E aquelas coisas que sentia, filha? — Ela ficou me olhando tensa aguardando minha resposta. Eu sorri tranquilamente.

— Acabou, mamãe, finalmente estou livre — a declaração foi sincera, e ela respirou aliviada.

Depois que tudo foi recordado, eu retornei ao meu estado emocional normal, estava completamente curada, com a saudade sanada, lacuna preenchida, quase tudo, se não fosse o ocorrido com o Chris...

A minha doença agora é única e exclusivamente o medo que sentia de perder o grande amor da minha vida. Da história se repetir de forma contrária.

— Vira e mexe o Dr. Giorgi liga lá em casa atrás de

notícias suas, vou dizer que está bem.

— Quase bem, mamãe, tenho tanto medo que o Chris... — calei com o dedo indicador do meu pai em meus lábios.

— O Chris é um homem forte, ele vai superar, você vai ver. — Ele acariciou-me nas costas com as mãos. Eu soltei da minha mãe, o abracei e beijei seu rosto.

— Eu tenho fé que sim!

— Um dia, vamos todos estar em volta de uma mesa e rindo muito... — Minha mãe era uma fofa, pois a tentativa de me fazer rir deu certo.

— Se Deus quiser!

Fechei meus olhos por um momento conversando com ele para não deixar meu Chris morrer.

— Molly, vamos! — gritou minha mãe.

Nós três rimos da forma carinhosa que ela e o Eric se despediam a alguns metros, eles queriam privacidade. O Flávio já estava nos Estados Unidos, ele precisou ir antes para resolver alguns documentos pendentes da transferência da sua mãe. Ela beijou-o, mais uma vez, e os dois se aproximaram.

Os olhos da Molly estavam imersos em lágrimas.

— Eu queria tanto ficar — reclamou ela.

Com um sorriso apaixonado, Eric apertou sua mão e

os dois se olharam por alguns instantes.

— O amor é lindo! — brincou meu pai fazendo todos rirem, pois os dois estavam tão apaixonados que nem tomaram conhecimento.

— Eu pretendo ir visitar você em breve — disse Eric em mais um selinho na boca da minha amiga, que se derreteu toda.

— Eu vou esperar ansiosa.

Foi um momento de muitas lágrimas na despedida, eu principalmente me senti meio desamparada sem os meus pais, mas logo levantei a cabeça. Pois o momento pedia força e coragem. Mesmo longe eles deram um jeito de permanecer perto, ligavam todos os dias e muitas das ligações era para pedir que voltasse para casa. Eu recusei a me afastar do amor de minha vida.

***

Flávio

Fiquei inseguro com a roupa que escolhi para o jantar na casa da Jéssica, com a sua reação assim que me viu em sua frente. Mesmo já estando preparado, eu ainda sentia muita vergonha do que aconteceu no passado.

Ela abriu a porta com uma expressão séria que não consegui definir. Eu estava muito nervoso, como aquele ditado: “Quem deve teme”.

Ela estava com um ar mais maduro, porém continuava linda como eu me lembrava. Vestia uma calça preta, uma blusa branca com mangas bufantes, e uma bota que, para finalizar... era preta.

— Fico feliz que veio. — Suas palavras serviram como calmantes ao meu coração nervoso. Sorri fechando a porta que ela deixou aberta para mim e me virei para olhá-la.

— Eu nunca deixaria de vir, já faltei muito em sua vida e de nossa filha. — Ela corou de imediato e eu me arrependi. — Me desculpe, eu...

— Está tudo bem — ela me interrompeu e seguiu em seus passos leves quase flutuantes como uma fadinha que eu sempre admirei nela para a sala e eu a segui, me punindo com a mania que tinha de dar um passo maior do que minha perna. Depois de tudo sua cautela era compreensível.

— Você continua linda como sempre — sem saber o que dizer a elogiei, e ela sorriu enquanto se sentou no sofá preto de couro. Notei que toda a mobília foi trocada desde o último dia que pisei aqui. Antes todos os móveis eram de madeira escura e agora tudo era platina bege, contrastando com os estofados pretos, e adornos em tonalidades escuras.

— Obrigada — ela falou baixo. Analisando meu corpo de cima a baixo. Eu estava vestindo uma calça

jeans escura e uma camisa preta. — Você também está muito bem.

Me sentei ao seu lado e inclinei para ela.

— Jéssica? — disse nervoso e ela respirou fundo como se soubesse do que eu falaria. — Eu preciso do seu perdão, eu fui um canalha ao pensar em outra estando com você.

Ela sacudiu levemente a cabeça, se levantou e ficou em pé em minha frente.

— Por favor, Flávio, eu não quero seu pedido de desculpas, eu também errei e feio. Escondi de você sua filha, e menti para a Molly, disse que você sabia dela, e eu não tinha este direito. Fiz todos sofrerem porque estava com o orgulho ferido.

— Não... — Saltei do sofá me posicionando em sua frente e segurei em seu ombro. Seus olhos encontraram os meus e ficamos ali por alguns instantes. — Ambos erramos, não é justo tomar toda a responsabilidade para você.

— O que você fez, mãe? — A voz de Molly veio das escadas e Jéssica começou a tremer olhando-a, temerosa.

— Sua mãe fez o que achou melhor para você, filha — argumentei e ela passou por mim, e parou em frente a Jéssica.

— Você passou a vida me ensinando que não deveria

mentir. Quando, na verdade, mentiu a vida toda para mim... — Balançou a cabeça, decepcionada. — Que exemplo é você?

— Foi a forma que achei que defenderia você — A mão de Jéssica foi ao ombro de Molly que, por sua vez, recuou ficando ao meu lado. — Por favor, me perdoa, minha filha. Eu queria te contar antes, mas já sofria demais com a doença da sua avó.

— Você é uma egoísta.

— Pare com isso, Molly — repreendi-a e ela me olhou indignada.

— Vai defender, ela manteve a gente separado, eu nem tive a chance de conviver com a minha avó, não deveria ficar do lado dela.

— Precisa entender que o culpado fui eu. Eu passei a minha vida preso a um amor do passado e mesmo sabendo, ela me aceitou e na maior covardia eu desapareci sem dar explicações. Então, se existe um culpado aqui, este sou eu. Assumo toda a responsabilidade, eu faria o mesmo no caso dela. E ela fez tudo muito bem feito, e sozinha, olha só para você. — Deslizei a mão no ar na sua altura. — Cresceu linda, bem-educada. Então, sua mãe merece parabéns e aplausos.

Ela refletiu melhor depois de me ouvir e suspirou.

— Vendo por este ângulo, você tem razão. — Ela foi

se sentar no sofá e abriu os braços sobre o encosto e ficou nos observando com atenção.

— Do que adianta remoer o passado se a gente tem um futuro pela frente, não é mesmo? — Jéssica abriu um enorme sorriso de esperança e foi se sentar junto da filha e a olhou, ansiosa

— Eu me arrependo muito da minha decisão, sei que é difícil para você, mas, por favor, me perdoe. Eu preciso do seu perdão.

— Não podemos guardar mágoas, Molly. Aprendi isto da pior maneira — explanei e ela sorriu carinhosamente.

— Bem, eu amo vocês dois, então sejam pelo menos amigos, assim podemos aumentar nosso contato — sugeriu ela.

— Eu estou de pleno acordo. — Jéssica me olhou por um instante em dúvida e eu dei de ombros, então ela sorriu se rendendo.

— Seremos amigos, estamos combinado.

Molly se atirou em seu pescoço beijando seu rosto sem parar e eu comecei a rir, satisfeito com o novo rumo da minha vida.

O jantar foi maravilhoso, o melhor que tive após anos. Eu precisei voltar ao Brasil e convidei a Jéssica, pois infelizmente seu serviço não permitiu e a Molly havia

entrado na faculdade, e eu acabei partindo sozinho. Era engraçado o vazio que senti ao deixá-las, éramos apenas amigos, porém eu já a sentia fazendo parte da minha vida. E estava disposto a conquistá-la novamente.

***

Susie

Meu coração se retorcia em agonia com o Chris ainda em coma e eu não arredava o pé do hospital, confiante, porém aflita.

— Eu admiro o amor de vocês — falou Eric quando eu cobria Chris, a temperatura estava baixa e um ar gelado que vinha do longo corredor entrava por baixo da porta. Eu parei o que estava fazendo, olhei para ele e sorri com um aperto no coração pensando se eu era ou não a mãe dele? Eu nem sabia mais quem eu era na verdade, quero dizer qual identidade usar.

— É mesmo de se admirar — falei com as recordações do passado, analisando seus traços. Seu rostinho era o mesmo que me lembrava de quando ele era bebê, seu narizinho... — Às vezes, penso que este sentimento veio lá de trás... — Saiu sem querer.

Ele me olhou em profunda confusão com um sorriso de dúvida nos lábios.

— E você e a Molly? — mudei na hora de assunto eu não tinha como explicar aquilo.

Seu suspiro apaixonado era cheio de saudades eu senti tanto orgulho dele, afinal os dois eram pessoas que eu amava de coração.

— Confesso que estou morrendo de saudades. — Suspirou lânguido, sentou na beirada da cama e ficou por alguns segundos o olhando com tanto carinho que não resisti estender minha mão sobre a cama e tocar em seu ombro.

Ele ergueu os olhos por um segundo e voltou ao pai.

— Acredita que ele vai sair dessa? — perguntou ele, me encarando com os olhos cheios de lágrimas.

Aquilo doeu tanto, mas reprimi a vontade de chorar por considerar uma fraqueza, eu não desistiria do Chris nem em pensamento, nunca. Fiquei em silêncio por uns três minutos contemplando Chris em cima daquela cama, imóvel, com vários fios ligados a seu corpo.

— Ele vai sair, eu tenho certeza. — Acariciei seus cabelos com os pensamentos negativos querendo se apoderar de mim, mas eu não deixei. — Seu pai é um guerreiro, ele vai superar.

— Eu tenho tanto medo! — Colocou a mão no peito. — Às vezes sinto que ele está indo embora. — Dei a volta na cama e o abracei forte.

— Não! Não pense assim, a gente precisa ter fé.

— Eu mal consigo encará-lo... — Suspirou

profundamente ao se afastar e olhou para o pai. — deitado nesta cama, imóvel, quase sem vida. Sinto muita falta daquele homem forte e decidido ao meu lado. — As lágrimas rolaram de seus olhos. Limpei com as costas da minha mão.

— Seja forte por ele — pedi, sorrindo, e ele concordou.

— Você é muito legal, Susie. — Me olhava com admiração, sorri satisfeita adorando seu elogio.

— Você também é muito legal. — Ele retribuiu com um sorriso franco, antes de continuar: — Meu pai tem sorte de ter você. — Envolvida num anseio enorme, não contive beijar sua bochecha e olhei em seus olhos, louca para dizer-lhe que eu sempre pertenci ao seu pai e a ele. — Ele a ama muito. Desde que a conheceu, ele vive repetindo que você é linda, meiga, inteligente e que lembra muito a minha mãe! — Eu precisei fechar os olhos por um instante, tudo em mim era uma avalanche.

Apertei os punhos me segurando para não dependurar no seu pescoço e gritar para ele, para o mundo que eu era quem ele pensava, que ganhei o maior presente de todos...

Era uma revelação que mudaria toda uma trajetória, eu sabia que não tinha permissão para isso, eu sentia.

— Exagero dele. — Acabei rindo para não chorar, mas de qualquer modo adorei tudo o que ele falou, bom saber o quanto eu era querida por alguém que eu amava de

verdade.

— É verdade! Você foi a melhor coisa que aconteceu na vida dele. — Seus olhos se distanciaram, pensativo. — Até você aparecer, a vida dele se resumia ao trabalho e para mim, é claro! Ah, a moto — falou com um sorriso fraco. — Vira e mexe ele saía por aí com aquela moto antiga, uma rotina que lhe dava muito prazer.

Suspirei, recordando do velório da minha outra vida. E ri para mim mesma, orgulhosa em sua maturidade com o cuidado que ele teve em não mencionar sobre a Kate.

— Eu também amo seu pai — confessei e ele continuou:

— Eu sei disso. Estou acabando de crer que o destino escreveu a página mais linda para vocês. — Desviou seus olhos para o Chris. — Só espero que Deus dê a oportunidade de curtir tudo isso.

Neste instante eu desabei, sentindo uma consternação, um medo de perdê-lo. Mas balancei a cabeça e limpei as lágrimas, eu não podia pensar negativo, precisava manter a fé dentro de mim.

— Vai dar tudo certo. — Beijei sua bochecha novamente e andei em direção à porta. — Vou buscar um café, aceita um? — ofereci.

— Não, obrigado. — E saí do quarto.

Eu precisava respirar ar fresco e, ao virar o corredor

em direção à lanchonete, esbarrei com o senhor Pablo e a Sophia chegando.

— Oi, minha querida. Tudo bem? — Sophia segurou em meus ombros e beijou meu rosto.

— Na medida do possível — respondi com ar triste, tudo estava demorando demais para voltar ao normal.

Mas eu só aceitava o normal com o Chris.

Eu me recusava a ficar sem ele.

— Você está indo embora? — perguntou o senhor Pablo antes de me cumprimentar com um beijo no rosto.

— Estou indo a lanchonete, estou faminta. Eu não vou a lugar algum sem o Chris, tomara que ele não demore muito a acordar. — Minha voz firme e decidida alegrou o senhor Pablo, que sorriu espontâneo.

— Sabe, menina? Eu agradeço a Deus por enviar você, se tornou o nosso anjo da guarda, você me traz uma esperança que talvez eu não teria se não estivesse aqui. — Eu me sentia mais segura com a confiança dos pais do Chris, que se afeiçoaram a mim como eu a eles.

Nesses dois meses chorando juntos, sorrindo formando uma corrente de esperança me tornou parte da família inteira.

E eles me aceitaram de braços abertos.

— Então somos dois — completou Sophia segurando em minha mão na lateral do meu corpo e apertou.

— Logo o Chris vai abrir os olhos, e vai abraçar cada um de nós. — Ambos sorriam felizes, confiantes. — E vamos todos comemorar.

— Deus te ouça, minha filha. — Sophia me abraçou forte, agradecida, e se afastou. — Vai lá comer, precisa mesmo se alimentar. Não saiu deste hospital desde o acidente.

— Como já disse: Eu só saio com o Chris — garanti, ganhando dois lindos sorrisos agradecidos.

— Já percebemos que o seu sentimento por nosso filho é verdadeiro — disse o senhor Pablo com um sorriso convencido e bateu no meu ombro. — Vai lá, já tomamos demais seu tempo. — Passou a mão no ombro da esposa e seguiram em direção ao quarto, enquanto eu fui para a lanchonete.

Já passava da meia-noite quando todos, muito exaustos, foram para suas casas. Eu procurei me manter afastada para deixá-los mais perto do Chris, afinal as noites eram sempre comigo. Era o momento que eu tinha para sussurrar em seu ouvido na esperança de me ouvir e conseguir voltar. Eu sabia que em algum lugar, lá dentro de si, ele estava perdido procurando o caminho de volta. Lembrando-me de mim dentro do espelho eu precisava acreditar que ele voltaria, independente da minha crença ou não.

Como eu, a Isabel permaneceu no hospital em todo

este tempo ao lado do irmão. Ela entrou no quarto, seus olhos profundos e negros, como os cabelos presos num coque, estavam mais abatidos do que o normal.

— Boa noite — cumprimentou-me.

— Boa noite — respondi, me levantando da poltrona e aproximei da cama, observando-a com os procedimentos rotineiros no irmão.

Fiquei em silêncio para não atrapalhar seu trabalho, mas de certa forma sua expressão me deixou hesitante.

— Como ele está, doutora? — perguntei.

Em silêncio, ela pendurou o estetoscópio no pescoço e encarou-me com dúvida no olhar. E aquilo me deixou agitada e trêmula.

— O caso dele é grave, mas está estável. Embora ainda seja muito preocupante, ele tem sorte de estar vivo, a bala perfurou um dos pulmões e deixou fragmentos no outro.

Isabel me derrubou com sua explicação, baixei meus olhos e fiquei quieta e pensativa. Apesar de tudo o que ela falou ser do meu conhecimento, não era exatamente aquilo que eu realmente queria ouvir.

Levantei meus olhos e deparei com ela me olhando com seriedade.

— Ele precisa de muitas orações! Na verdade, de um milagre. — Vi lágrimas em seus olhos, afinal além da

profissional ali estava uma irmã e que, pela sua dedicação, o considerava e muito.

Estreitei meu olhar em sua direção sem vê-la, meus pensamentos vagaram para o passado, recordando um dos momentos mais lindos e tristes que passei com o Chris e o Eric bebê presenciando o milagre da natureza: o pôr do sol. Podia sentir aquela vibração positiva em meu corpo, seu abraço, nossas lágrimas.

E, apesar do meu milagre não chegar, eu sabia que agora a história seria diferente, ele teria mais sorte do que eu tive. E, desta vez, iríamos até a praça e novamente presenciaríamos juntinhos o pôr do sol, a vida nos daria este milagre, eu sei que daria.

— O milagre dele vai chegar — fui convicta com as palavras em meio às lágrimas de esperanças. — Precisa chegar.

Isabel respirou fundo, não tão certa disso. Mas eu preferi dar de ombros, ignorando-a.

Os médicos sabem tudo sobre o coração e quase nada sobre milagres.

Eu sentia a presença de Deus muito próxima, era só acreditar.

Ela pediu licença e saiu fechando a porta do quarto.

Debrucei-me sobre ele na cama, passando a mão em sua testa.

— Oh, meu querido, volta para mim, não me deixa aqui sozinha, não! Por favor. Eu sei que te deixei sozinho um dia, mas não foi minha culpa, eu não tive escolha. E eu voltei para você, não voltei? Não vai embora.

***

Chris

O vento gelado parecia cortar a minha pele como navalhas, estava muito frio e eu correndo sem rumo em uma direção desconhecida, em meio a escuridão, meus batimentos cardíacos a mil por hora, não podia ver nada. Perdido num mundo sombrio, não sabia se o caminho escolhido era o certo, mas precisava encontrar um para poder sair dali.

Ofegante, decidi parar para respirar um pouco. Inspirei o ar fresco com vontade, pois ar tinha de sobra naquele lugar. Algo de estranho acontecia em meu corpo, uma dor dilacerante em meus pulmões e costelas me fez prender o ar. Levei a mão ao peito sem entender por que daquela dor e por que eu estava naquele lugar silencioso, pois eu vagava no nada. As lembranças não me vinham à cabeça. Confuso, enfrentei as dores e continuei a correr em frente.

— Oh, meu querido... — O som daquela voz doce atingiu-me nas costas como um raio.

— Lucy? — Me virei no mesmo instante com meu

coração cheio de esperanças. Só vi a terrível escuridão que me cercava, não era possível ver absolutamente nada.

— Lucy, é você? — insisti seguindo a direção da voz, ansioso, no entanto, ela silenciou. Um turbilhão de emoções tomou conta do meu corpo, com todas as minhas memórias inundando minha mente.

Comecei a rir e, ao mesmo tempo, a chorar.

Respirei fundo novamente quando ouvi o ruído atrás de mim, na direção que corria antes, e me virei.

E lá, bem distante, um ponto luminoso atraiu meu olhar, um ponto que se expandia em suas luzes coloridas seduzindo-me a ir em sua direção. Voltei ao lado da voz e nada, tudo era um silêncio então me virei na direção da luz pronto a seguir até ela.

— Volta para mim... — Agora era a voz de Susie. Virei-me novamente e nesta direção só havia a escuridão enquanto a luz me oferecia um caminho claro e colorido.

Confuso, coloquei a mão à cabeça olhando, oscilando de um lado ao outro, eu queria correr até a luz, mas meu corpo, mente e coração não me deixavam.

— Eu amo você. — Novamente ouvi a voz da Susie, senti uma pressão em meu peito com o meu coração acelerado repleto de carinho.

Fechei meus olhos com força com meu coração palpitando, apenas com a Susie em minha mente e, então,

me lembrei do meu filho, dos meus pais, de tudo que estava deixando para trás, sentia minha vida se esvaindo em direção ao portão da morte.

Eu precisava encontrar um jeito de sair dali, com uma única certeza: “Eu quero a minha vida de volta!”.

Eu amo você também, minha lindinha!

Abri minha boca e gritei.

Gritei o mais alto que consegui olhando ao redor na escuridão, na esperança de ver seu brilho em algum ponto por ali, embora eu não a visse, sabia que ela estava comigo. A sensação de ser observado era uma certeza. Sentia seus olhos lindos verdes esmeraldas sobre mim, o meu sexto sentido me dizia que ela estava aqui. Eu a queria com a força do meu coração e com a respiração ofegante e com lágrimas nos olhos eu corri muito em sua direção, me embrenhando cada vez mais na escuridão, eu sabia que lá eu a encontraria.

— Susie, onde você está? — Minha voz não saía tamanho o meu cansaço, eu corria cada vez mais rápido em sua direção e não chegava nunca a lugar algum até não suportar mais minhas pernas, que perdiam suas forças, meus joelhos se dobraram e caí ajoelhado no chão.

— Susie... — gemi seu nome com a respiração ofegante e com uma dor dilacerante em meu peito, coloquei minha mão no local da dor.

Lágrimas se formaram em meus olhos, conforme o tempo passava com o meu coração se apertando com o esforço que eu fazia para respirar. Sentia um bloqueio em meus pulmões, impediam o ar de entrar e fui ficando cada vez mais fraco, minha visão turva, e à minha frente o que era escuridão, tornou-se um véu branco que se movimentava com o vento.

Ouvi um estrondo vindo por trás do véu e respirei profundamente como se ali fosse o meu limite, tudo dentro de mim oprimiu causando uma dor infinita, algo que pensei nunca passar. Quando visualizei a Lucy atravessando o véu, linda, com seus cabelos voando com o vento formando-se duas asas deltas, lembrei-me de quando sonhei com ela vindo até mim sobre as águas do mar.

Despertou em mim emoções mais profundas, comecei a chorar ali, compreendia que não havia mais volta.

Surpreendentemente ao seu lado surgiu outra figura.

Meu coração se encheu de alegria, a Susie, ambas sorriam olhando para mim, ali ajoelhado ao chão, apaixonado por ambas as figuras que faziam meu coração acelerar e sentir aquele friozinho gostoso na barriga. Eu amava aquelas duas mulheres, eu estava feliz de qualquer lado: vida ou morte.

Ambas vinham em minha direção, com o mesmo sorriso, os mesmos olhos brilhando, Lucy se jogou de

joelhos a minha frente e sua mão macia tocou em minha face. Fechei meus olhos e vi toda a minha vida passar diante dos meus olhos fechados. O pôr do sol, nosso último abraço e sua partida naquele hospital frio, um adeus que eu nunca superei.

Abri levemente meus olhos para dizer o quanto eu a amava, mas não havia como falar porque eu já não respirava mais, e num último suspiro senti o perfume da Susie, o mesmo que me deixava embriagado, que me salvou da solidão, que trouxe um novo sentido a minha vida. Sua mão se afastou do meu rosto, abri meus olhos e como numa mágica, a mais linda que eu poderia ver em toda a minha vida, a Susie se jogou sobre Lucy fundindo-se em um só corpo.

Susie sorriu para mim e, naquele sorriso, a minha nova vida passou inteira diante dos meus olhos.

— Volta para mim...— ela falou tão lindamente me despertando.

Inclinou sua cabeça enquanto seus braços se entrelaçaram por minhas costas, selou meus lábios e deitou a cabeça em meu peito.

— Eu preciso de você... — disse com sua voz doce, macia, e ali eu tive a certeza de que ambas eram a mesma pessoa, eu não sabia como, mas sentia que ela voltou para mim.

Abri minha boca e inalei com força a fim de expandir

os meus pulmões enquanto as lágrimas escorriam dos meus olhos.

***

Susie

Fiquei por alguns momentos em pé, curvada sobre a cama de Chris, deitada sobre seu peito, ouvindo seus batimentos cardíacos, às vezes rápidos ou lentos, implorando em pensamento para ele voltar, mas seu corpo não respondia aos meus chamados. Um lado de mim perdia as esperanças, mas lá dentro, no mais profundo da minha alma, eu ainda acreditava que tudo daria certo.

E era nesta certeza que me apeguei.

Exausta, voltei à poltrona de visitante desabando sobre ela, joguei minha cabeça para trás no encosto confortável, só me restava esperar, mas isto não era um problema, eu esperaria nem que fosse por uma vida inteira.

O silêncio foi quebrado com um estrondo que sacudiu as janelas e uma rajada de vento entrou por debaixo da porta como se uma forte tempestade começasse lá fora. Uma luz branca intensa pulsando na pequena janela de vidro da porta despertou minha atenção. Embora estivesse com medo, eu resolvi averiguar o que significava aquela luz, que não poderia ser de raios, luz natural e energia.

Era diferente de tudo que já havia visto antes, até

mais intensa do que a luz do túnel que me puxava de volta, fato que nunca mais aconteceu depois que tudo se resolveu.

Abri a porta lentamente. À minha frente havia uma concentração de luz intensa e pulsando freneticamente como um coração batendo forte, no formato de uma bola gigante, que irradiava claridade para todo o longo corredor. Cerrei meu olhar surpresa com o fenômeno, quando a bola se esticou até quase tocar o chão mudando seu formato para oval.

O quarto em que o Chris estava era o penúltimo e no fim do corredor havia uma janela de vidro na metade da parede que revelava o breu lá fora; e do outro lado, o longo corredor vazio até a pequena recepção onde permanecia a enfermeira do andar. Lá a iluminação era diferente, amarela como a de um abajur. Tudo estava no mais absoluto silêncio, e, de repente, senti medo da manifestação sobrenatural, pensei em entrar e fechar a porta, mas não conseguia recuar, só me mover para frente.

E numa velocidade imensa a luz pulsante se deslocou pelo corredor em direção à recepção onde ficava as enfermeiras do andar parando antes da luz amarela como se quisesse chamar a minha atenção.

Não só chamou a minha atenção como me puxou em sua direção e num piscar de olhos surgiu à minha frente a Clarinha sorrindo agradecida e com as mãos dadas com

dona Celeste, que também sorria serenamente para mim. Senti uma emoção sem tamanho.

— Elas vieram se despedir de você.

Virei-me assustada ao ouvir a voz do anjo ao meu ouvido, eu nunca mais esqueceria aquela voz calma e angelical. Apertei meu olhar e, intrigada, uma certa angústia despertou dentro de mim, eu não sabia direito o que eu sentia ou sabia e tinha medo de aceitar.

— A dona Celeste mor... — Seus dedos macios de anjo vieram aos meus lábios. Ele sorriu e balançou a cabeça concordando. — E-eu tive alguma coisa a ver com isso?

Ele estudou meu rosto cuidadosamente.

— Não... — respondeu num fio de voz que foi se distanciando à medida que ele se desmanchava à minha frente tornando uma fumaça flutuante. — Cada um tem a sua hora... — Sua voz se arrastou e aquela fumaça subiu ao teto e desapareceu.

Voltei meu olhar para as duas figuras translúcidas sorrindo, elas entraram naquela luz pulsante que se expandiu para dar passagem. E então, antes que eu pudesse agir ou pensar, a luz pulsante se tornou um raio e num piscar de olhos se deslocou como um relâmpago, passando por mim me deixando sem ar e mesmo sufocada me virei.

A luz parou bem na frente da porta do quarto onde o Chris estava.

— Não! — gritei com meu coração ardendo em desespero, eu não poderia perdê-lo, jamais, aquela luz era uma passagem para a morte, eu não podia aceitar, não podia.

Corri na sua direção, mas a luz explodiu clareando todo o corredor.

Empurrei a porta com tudo e entrei.

— Chris! — berrei aos prantos e entrei, os aparelhos mostravam sua pressão alterada e as batidas descompassadas do seu coração. — Chris... — Debrucei-me sobre ele inerte naquela cama, e desabei no choro. — Não morre, meu querido, lute pela sua vida, não vá, por favor. Eu te amo. Volte para mim. — Passei as mãos debaixo de suas costas e o abracei forte beijando seu pescoço. — Volte para mim, volte.

— Ah...

Eu não acreditei que ouvi seu gemido. E levantei a cabeça para ter certeza de que ele gemeu ou se era impressão minha.

— Ah... — Com os olhos cerrados e as lágrimas escorrendo pela lateral do seu rosto, ele gemia, fazia um esforço incomum tentando falar comigo, embora fosse impossível com aquela máscara, respirador, tubos...

Aquele gesto significou o mundo para mim, uma nova chance. Passei a mão em seu rosto, rindo e chorando, ganhando um leve sorriso nos lábios, na verdade um ar apenas, mas a intensidade do momento tomou meu coração apaixonado e aliviado.

— Não fale, querido... — pedi e olhei em direção à porta. — Enfermeira? Enfermeira... — gritei muito alto para ter certeza de que ela me ouvia com a porta fechada.

Os passos apressados no corredor indicaram que sim, ela me ouviu. Fraco, ele fechou os olhos. E, em seguida, eu chorei e fechei meus olhos por uma fração de segundos com uma onda de alegria imensa. *Ele estava vivo!*

A enfermeira entrou com tudo no quarto examinando Chris, embora com seus olhos fechados ele fazia movimentos leves com a cabeça, se esforçando para abrir os olhos. Ela rapidamente passou um rádio chamando os médicos e em questão de um minuto ou mais toda uma equipe estava em volta de sua cama.

— É preciso que saia agora — pediu a enfermeira, segurando em meu braço e me arrastou para fora do quarto.

Eu assistia tudo pelo vidro, o Chris reagia a cada segundo. *É um milagre, eu sei que é!*

Eu não queria perder nenhum segundo dos trabalhos dos médicos e foi a maior alegria quando retiraram os

tubos de sua boca, deixando apenas uma máscara. E quando estava estabilizado foi que um dos médicos que o atendiam se virou em direção ao vidro, sorriu para mim e saiu do quarto.

— Milagrosamente ele saiu desta — falou todo orgulhoso. — Vou ligar para a doutora Sarah — informou ele batendo em meus ombros e seguiu em direção aos elevadores. Foi então que me lembrei de ligar para a família e fiz rapidamente.

Enquanto falava ao telefone, o Chris abriu os olhos. Eu não me contive e entrei no quarto sem mesmo pedir e a enfermeira do plantão veio até mim.

— Será que posso ficar aqui com ele? — Ela sorriu compreensiva e feliz como todos ali ao redor da cama.

— Pode sim... só não o deixe falar muito... — alertou-me e saiu do quarto.

Aos poucos todos os profissionais fizeram o mesmo me deixando sozinha ali.

Seus olhos parcialmente abertos vieram em minha direção e suas lágrimas continuavam descendo pela lateral do seu rosto. Emocionada eu me aproximei ao lado da cama.

— Você voltou... — Acariciei seu rosto. Ele ainda conseguiu esboçar um leve sorriso em meio à expressão de dor.

— Eu ouvi você... — balbuciou ele, embora sua voz estivesse abafada pela máscara eu podia ouvi-lo e entendê-lo bem. — Sonhei com a Lucy... Você... Ela se fundiu em você como se vocês fossem uma única pessoa... — Suspirou olhando em meus olhos confirmando com o sorriso. Ele silenciou e seus olhos se apertaram, confuso. — Vo-você sabia?

— Sim... — Concordei e de seus olhos as lágrimas caíam pela lateral de seu rosto.

Ele começou a rir como se não acreditasse...

— Aquelas manifestações que me falou eram relacionadas a isso? — Assenti mais uma vez.

Choramos, emocionados.

— Sempre foi você... — Ele deu uma pausa gemendo com dores.

— Shhhh... — Acariciei sua testa. — A enfermeira pediu para não deixar você falar muito.

Mesmo assim continuou após alguns instantes:

— Bem lá no fundo eu sempre soube. — Beijei sua testa e naquele instante mergulhei nas lembranças, tudo se passou diante dos meus olhos fechados.

Se eu tivesse alguma dúvida se tudo aconteceu de verdade, que eu atravessei mesmo a barreira do tempo e do espaço, ali se confirmava e quebrava toda a desconfiança que poderia existir.

Eu vi tudo e muito rápido até o momento em que minha alma desprendia do meu outro corpo e, então, mergulhei em seguida naquele oceano profundo e quando quase me faltava o ar, duas mãos lindas, as mesmas que estavam abraçadas ao meu corpo, seguraram em minha mão e me resgatou dando a oportunidade de um novo sopro de vida.

Eu sentia muita paz dentro de mim abraçada ao Chris, feliz até que as enfermeiras retornaram.

Eles tinham muito ainda o que fazer, afinal foram dois meses longe da realidade sobrevivendo com ajudas dos aparelhos.

Saí do quarto muito feliz, era uma nova oportunidade e eu só precisava agradecer, não sei se merecia tamanha felicidade. Enquanto os novos procedimentos aconteciam no quarto no corredor, ansiosa eu liguei novamente a todos contando os detalhes.

O Chris permaneceu no hospital por mais quinze dias, eu só saí de perto dele para acompanhar o enterro da dona Celeste, ao lado da minha melhor amiga que sofreu muito com a morte da avó, ela lamentava profundamente por não ter tido a chance de conhecê-la melhor. Fiquei balançada de contar a minha história para ela, seria o mesmo que dar esperanças de algo muito incerto. Afinal, o que aconteceu comigo, como o Dr. Franklin mesmo disse, é raro.

Ele me ligou pessoalmente enquanto aguardava a recuperação do Chris, me pedindo uma oportunidade para estudar meu caso. Falou sobre alguns amigos que assim como ele se interessam sobre a espiritualidade, e que a minha história poderia quebrar muitos tabus, porém eu recusei com a certeza de que eu quero viver o hoje e com os meus pés bem firmes no chão.

E mesmo com a recusa, ele me fez prometer que pensaria sobre a proposta.

Eu só queria viver esta geração, esquecer o passado se isso for possível. O que estava ao meu redor já estava muito bom, finalmente a Molly perdoou sua mãe, e o Flávio ficou mais próximo a elas.

Eu e o Chris nos completávamos, um amor incondicional como o nosso era algo muito intenso e que não nos permitiu mais nos separar. Nossos planos atingiram meus pais em particular, que não aceitavam a ideia de eu morar no Brasil, mas eles sabiam que, diante de uma decisão tomada, eles só tinham que aceitar. Logo preparei toda a minha mudança e marcamos nosso casamento, a única imposição que os meus pais colocaram era para que não morássemos juntos antes do casamento. Então, em respeito a eles, eu me hospedei num hotel bem próximo à casa do Chris, mas isto não nos atrapalhou em nada de curtir nosso amor.

E, pelo jeito, a Molly não ia só ser a minha amiga,

ela e o Eric se acertaram mesmo ela morando em Miami e ele aqui no Brasil, o romance se tornou sólido com planos de casamento para o futuro.

— Amor, estou te ligando mais uma vez para dizer o quanto *eu* amo *você*, e *não me canso* nunca de dizer: *eu* a amo, *você* é tudo para mim, e estou morrendo de saudade. — Era a terceira ligação consecutiva do Chris, eu já me preparava para deitar.

— Oh, meu querido, eu também estou com saudade — respondi meiga.

— Sério?

— Sério.

— Então vem aqui abrir a porta para mim. — Bem que desconfiei, quando há uma hora ele começou a me ligar com tantas declarações lindas que eu amo ouvir, que estava aprontando. Foi ele quem fechou meu quarto no hotel, por esta razão tinha passagem livre. Saltei da cama toda animada, eufórica e abri a porta.

— Nossa! — Ele mordeu os lábios inferiores percorrendo com seus olhos mel por todo meu corpo com a camisola branca. E passou o braço esquerdo pela minha cintura, me puxando para ele, e me beijou com urgência.

— Eu não consegui sair do trabalho e ir direto para casa como estava previsto, eu precisava vir aqui — sussurrou em meus lábios avançando os passos me

levando para dentro do quarto e fechou a porta com os pés.

— Eu imaginei que viria. — Ele arqueou a cabeça me fitando com carinho, paixão, tesão, tudo.

— Faltava dez minutinhos para o término da reunião quando liguei pela primeira vez, não pretendia demorar tanto, mas surgiu um imprevisto no contrato.

— Que bom que veio, meu corpo estava em chamas pedindo pelo bombeiro.

— É? — Enfiou a língua dentro da minha boca e suas mãos desceram pela minha cintura deixando um rastro de arrepios e subiram por dentro da camisola acariciando todo o meu corpo nu. — Nossa, sua pele é muito macia... — Ele tirou minha camisola, e ficou ali me admirando nua por alguns instantes.

— Vai ficar só olhando? — provoquei segurando meus seios de forma sensual. Ele negou com a cabeça com os olhos enevoados de tesão e tirou minhas mãos e com as dele tomou posse. Beijou um, o sugou e, em seguida, o outro. E, então, me pegou no colo e me levou até a cama.

E começou a sessão *striptease*, com os cotovelos apoiados no colchão eu ria animada do seu jeito lindo e bem-humorado. Ele tirou o paletó preto, girou acima da sua cabeça e o jogou para longe, tirou a camisa, revelando seu tórax definido, me deixando excitada, sentia contrações em meio às minhas pernas e sentia que já

estava toda molhada.

Tirou a calça, fiquei com água na boca. Seu pênis enorme estava duro dentro da boxer vermelha e com seu olhar provocante foi descendo-a até que toda sua ereção pulou para fora, apontando em minha direção. Suspirei alucinada e me engatinhei até a beirada da cama,

— Eu quero sentir você. — Lambi ao redor dos meus lábios e os abri num convite que ele aceitou de imediato. Lambi a cabeça, e o chupei gostoso, sugando com força sem machucá-lo deixando-o alucinado gritando de prazer.

Um relacionamento perfeito, tudo se encaixava em nossa vida e tudo parecia seguir pela eternidade.

— Susie? — ele me chamou após algum tempo deitada em seu peito, descansando.

— Hum...

— Você deve ter sofrido à beça com as alucinações, né? — Eu me joguei de costas na cama, e olhei para o teto com sua pergunta.

— Achei que estava enlouquecendo, não foi fácil conviver com aquilo e ainda em silêncio. — Virei de lado e fiquei de frente a ele já deitado de lado também. — Eu até tentei falar sobre isso com a Molly, e minha mãe, porém ambas já vieram com pedras na mão. — Dei de ombros.

— Se não tivesse acontecido comigo, acredito que

até eu diria que sou cético.

— É... — Acariciei seu rosto. — Nem todo mundo está disposto a entender sobre isso, inclusive eu.

— Não tem interesse de saber por que isso aconteceu com você, estudar? — Eu neguei de imediato.

— Não, Chris. Não estou preparada, hoje eu só quero viver o hoje, juntinho aqui com você. — Me aconcheguei em seus braços.

— Tudo bem, meu amor. — Ele beijou minha testa. — Será o nosso segredo.

— Obrigada.

E depois de um beijo intenso, adormecemos um nos braços do outro.

E então chegou o grande dia, que já começou abençoado por um céu lindo e um sol maravilhoso.

Eu estava tão nervosa quando a porta da igreja se abriu, que quase não me aguentei em pé. Era maravilhoso a decoração linda e ver tantos olhares admirados sobre mim enquanto entrava pelo tapete vermelho com meu pai me levando ao altar onde o Chris, mais lindo do que nunca, me aguardava vestido num terno cinza clarinho. Normalmente as noivas choram neste momento, mas eu não chorei, sorria e muito com todos da minha família presente, e todos os amigos do Chris também, Flávio,

Molly, sua mãe se sentavam nas primeiras fileiras dos bancos.

Tudo foi muito perfeito, a recepção foi no salão da igreja e durou quase o dia inteiro, meus pais se identificaram com a família do Chris em tudo, inclusive já haviam acertado que o próximo Natal todos passariam as férias em Miami. Após cumprimentar a todos, tirar as fotos para o álbum, eu e o Chris nos escondemos no canto morrendo de vontade um do outro, era assim o tempo todo.

— Atrapalho, pai? — Engoli em seco separando-me dos lábios do Chris ao ouvir a voz do Eric com Molly pendurada no braço dele com ciúmes da Renata, que não tirava o olho e sorriu maliciosa para mim.

— Você nunca atrapalha, meu filho, vem cá. — O puxou afastando para abraço forte.

— Eu só vim avisar que vou descer para o Guarujá. — Joguei meu olhar desconfiado em Molly, imaginando que ali tinha o dedo dela.

— Agora, Eric? — Ele assentiu. — Acha que tem algum problema?

— Problema algum, imagina! É que estranhei você sair da festa e...

— Será que posso cumprimentar os noivos? — Gláucia, muito simpática, abraçou o Chris, notei que a

Molly agarrou o Eric pelo braço o afastando da Renata, que estava logo atrás da mãe e ao seu lado a Janette. — Parabéns, meu querido, você merece tudo de bom — falou ela com sinceridade ao se afastar.

— Obrigado, Gláucia, obrigado mesmo.

Ela me abraçou em seguida e depois foi a vez da Janette, ela me abraçou primeiro e depois o Chris dando os parabéns.

— Obrigado por ter vindo, Janette — Chris falou com sinceridade.

— Eu tinha que vir — falou de uma maneira estranha após se certificar de que a Gláucia conversava um pouco distante com o Eric e a Molly e não ouvia o que ela dizia. — Eu sempre soube o que a Kate fez com a Clarinha — começou a falar nervosa. — Por isso, não conseguia encarar você, tinha vergonha da minha covardia. E a Kate vivia me ameaçando, e...

Solidário, Chris colocou a mão em seu ombro.

— Eu nunca entendi a forma de me tratar, mas tenho que dizer que estou feliz, não me sentia confortável achando que você me odiava. — Ela negou com a cabeça.

— É claro que não, Chris. Você é um cara bacana, nunca me fez nada. — Eu ouvia apenas em silêncio. — Me perdoe, por favor.

— Não há o que perdoar, mas agradecer por me

contar a verdade. — Ela sorriu aliviada e, então, beijou seu rosto e olhou para mim.

— Desejo do fundo do meu coração — Colocou a mão sobre o peito. — que vocês sejam muito felizes.

Eu e o Chris agradecemos ao mesmo tempo, ele passou a mão sobre meu ombro enquanto ela se afastava e olhou para mim.

— Bem, eu vou indo, tenho outro compromisso. — Gláucia desviou nossa atenção. —Muitas felicidades para os dois. — E se afastou.

Renata também nos cumprimentou e quando chegou a vez do Eric, ela apenas sorriu.

— Fica bem, Eric.

— Ele vai ficar muito bem sim. — Molly tascou-lhe um beijo daqueles fazendo a moça corar no mesmo instante e, sorrindo, ela seguiu sua mãe e Janette que se dirigiam à porta de saída. Eu comecei a rir, esta era a minha amiga, falava e fazia o que vinha à cabeça e quando se sentia ameaçada, então!

— Molly... — Ela deu de ombros.

— O quê?

— A Renata só estava querendo ser simpática.

— Sei! Eu sei bem a intenção dela. Eu tenho que defender o que é meu — ela falou de um jeito tão espontâneo que nós rimos.

— Minha ciumentinha. — Eric a beijou com paixão e a puxou para o meio do salão e logo desapareceram.

Quando a Jéssica veio cumprimentar a mim e ao Chris, o Juninho, que estava de olho nela, chegou junto.

— Parabéns, Susie, seu casamento foi lindo! — Ela me abraçou com tanto carinho, que suspiramos juntas, e cumprimentou o Chris em seguida. Ficamos conversando até que o Juninho esbarrou seu ombro no Chris.

— Não vai me apresentar sua amiga? — cobrou e Chris, sem jeito, me olhou indeciso.

— É claro que sim, Jéssica este é o Juninho, o cunhado do Chris.

— Prazer em conhecê-la, Jéssica. — Ela apertou sua mão com delicadeza.

— O prazer é todo meu — respondeu ela.

— Você é a mãe da Molly, né? — perguntou ele todo interessado quando o Flávio abraçou a Jéssica com intimidade pela cintura me causando surpresa, ela ficou muito corada, acredito que surpresa também com a reação espontânea dele.

— É isso mesmo, e a minha acompanhante. — Piscou para mim e arrastou a Jéssica para bem longe do Juninho, que ficou ali parado com as mãos no bolso da calça e com cara de bobo. Até que saiu de fininho se misturando aos convidados no meio do salão.

No finalzinho da tarde, eu tirei dona Lillian da mesa, ela protestou, afinal era a mesa mais agitada de toda a festa. Meus seis pais pareciam ter muitas afinidades. Mas eu precisava lhe entregar um presente e sei que ia lhe trazer muita alegria.

— Pra mim? — ela perguntou desconfiada ao pegar o pacote que lhe entreguei.

— É... abre logo.

Seus olhos se encheram de lágrimas com o porta-retratos novo com a foto da Lucy e da Clarinha. Petrificada, ela me olhou sem saber o que dizer.

— A partir de hoje, eu quero que você espalhe quantas fotos quiser da sua filha pela sua casa. — Ela começou a chorar, eu a abracei e beijei seu rosto.

— Você não existe, Susie.

— Susie... — Chris chegou perto todo esbaforido me puxando pela mão.

— O que foi?

— Eu preciso que venha comigo. — Eu mal conseguia falar com ele me puxando pelo salão em direção a saída e foi a maior gritaria dos convidados, todos insinuando que estávamos indo para o quarto.

Entramos no carro, ofegantes.

— Para onde você está me levando? — perguntei, confusa.

— É surpresa! — respondeu, simplesmente causando aquele mistério!

Estava escurecendo quando ele estacionou na praça do pôr do sol, eu não me contive de emoção.

— Você é louco...

— Por você. — Beijou-me e abriu a porta com pressa e desceu.

Deu a volta pela frente, abriu a minha porta e quase me arrancou de dentro. E corremos para não perder o espetáculo, todos nos olhavam admirados vestidos de noivos.

Eu realmente *estava me sentindo* no topo do mundo.

— Eu nem acredito que estamos aqui novamente — falou Chris com as mãos em meus ombros com o olhar perdido no horizonte de São Paulo, apreciando a vista fantástica, aguardando o milagre da natureza: o milagre que aconteceria como aconteceu o nosso.

Suspirei profundamente e olhei em seus olhos.

— Nem eu... — Ele sorriu beijando levemente meus lábios. — Nossa história é surpreendente... — Ele concordou, sorrindo, e voltou a olhar para o horizonte.

— E como! Sabe, às vezes eu me pergunto se Deus se arrependeu de tirar você de mim, confesso que me revoltei contra ele, o acusei de malfeitor e tudo mais...

— Deve ter um motivo que nunca saberemos... — O

olhei séria. — Quer saber, não preciso de respostas para seguir em frente, prefiro que seja assim, tudo em volta de um grande mistério.

— Acredita que existe mais pessoas como nós? — Busquei seus olhos, questionadores, e ele sorriu tão lindamente.

— Eu não sei... — Dei de ombros. — E o que importa isso? Cada um tem a sua história e a nossa foi essa. Cabe-nos apenas aceitar e seguir em frente. — Ele me abraçou bem forte e fechou os olhos.

— Espero que, desta vez, possamos ficar juntos até ficarmos velhinhos. — Ele me olhou indeciso.

— Ele não me traria de volta se não fosse esta intenção... — Na verdade, arrisquei no que eu realmente queria que fosse.

— Susie, acha que nos lembraremos em nossa próxima vida, ou será que esta será a última?

Eu sorri diante de tantos questionamentos sem ter a resposta para ele, mas também não precisava.

— Não sei, Chris... Mesmo não sabendo a resposta queria muito que sempre fosse eternamente eu.

Ele se posicionou na minha frente e beijou minha testa. Fechei meus olhos, e seus lábios tomaram o meu num beijo intenso selando para sempre o nosso amor ciente de que guardaríamos para sempre este segredo: um

segredo só nosso.

FIM

BIOGRAFIA

ELISETE DUARTE



Elisete Duarte, nasceu em 1 de novembro de 1967, na cidade de Osasco (SP), hoje vive em Barueri com seu marido e seu filho.

Descobriu seu dom da escrita em 1998 quando começou a sofrer com a Síndrome do Pânico. Após um

sonho com um senhor de óculos que lhe entregou um caderno de brochura e um lápis já desgastado. Ele pediu que ela escrevesse muito, que assim aliviaria a dor de sua alma. E daí em diante não parou mais.

Escreveu os livros: *Talvez um dia*, *Além dos Olhos*, *Eternamente Eu*, *Príncipe Imortal*, *Meu vizinho, minha perdição*, entre outros.

CONTATO

Entre em contato com a autora através das suas redes sociais:

Site

www.eliseteduarte.com.br

Facebook

www.facebook.com/eliseteduarte01

Twitter

https://twitter.com/elisete_duarte

Google +

https://plus.google.com/u/0/112644688405109628687

YouTube

https://www.youtube.com/channel/UCSnaAMr-CXXZc16VzRoZ7uw

Instagram

www.instagram.com/autora.eliseteduarte

OUTRAS OBRAS



ETERNAMENTE EU

Já à venda: Amazon.com.br

Um romance envolvente, emocionante, hot e

apaixonante.

O que você faria se, de repente, seu coração começasse a bater mais forte pelo homem mais desejado por todas as mulheres, lindo demais, arrogante demais, rico demais?

Foi apenas um simples esbarrão como qualquer outro e o suficiente para virar a cabeça de Lucy de cabeça para baixo. Chris ajoelhou-se à sua frente e enquanto ele a ajudava a juntar o seu material caído pelo chão, ela olhou para as suas mãos tão próximas e não conseguiu conter um calor se espalhando pelo seu corpo. Levantou seus olhos e se deparou com aqueles incríveis olhos de cor castanho-mel tão lindos e brilhantes. Ele olhava no fundo dos seus olhos a deixando nervosa.

Lucy vê sua vida mudar ao se esbarrar com o milionário Chris Caster, um encontro que muda os seus destinos, com apenas um olhar Chris a deixava perdida, excitada.

De repente, toda a arrogância do Chris se transforma em interesse, ele não consegue se manter longe, Lucy desperta nele seus desejos mais profundos, ele a deseja com intensidade e não vai medir esforços para tê-la.

Um relacionamento tumultuado com preconceitos e rejeições. Um amor que, de repente, é colocado à prova pela própria vida, e eles são obrigados a encarar uma verdade terrível.



MEU VIZINHO, MINHA PERDIÇÃO

Já à venda: Amazon.com.br

Quando a gente menos espera, as coisas acontecem em nossas vidas! Destino ou Coincidência?

Foi o que aconteceu com Emily. Morando sozinha desde a morte trágica de seus pais ela se vê deprimida, sozinha. Além do vazio, ainda carrega em seu coração a dor da culpa.

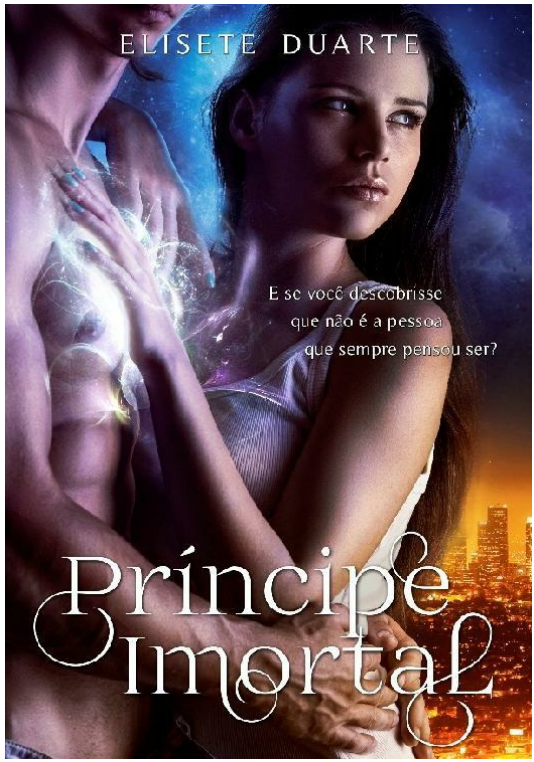
Escritora, ela mergulha de cabeça em suas histórias paralelas, com a esperança de encontrar conforto, sem sucesso. Nada do que viveu nestes últimos anos foi capaz de trazer paz ao seu coração.

E quando decide dar um ponto final neste tormento, eis que surge Dillan, lindo, estranhamente delicioso. Ele a convence desistir da loucura que estava prestes a fazer e a envolve em seus braços despertando nela emoções desconhecidas...

Dillan jamais pensou em se envolver, só queria salvar aquela linda e maluca que tirou dele seu momento de concentração para colocar seus planos em prática a fim de salvar seu pai sequestrado. Sofrendo perseguições e chantagens, ele se vê acuado. E agora o destino lhe prega uma peça dessa!

Sem saber, Emily acaba sendo envolvida nesta rede de intrigas e agora Dillan precisa salvá-la novamente, o difícil seria não se envolver...

Um encontro perigoso, quente! Uma aventura inebriante, *Meu Vizinho, Minha Perdição* é emocionante, erótico e um romance delicioso, totalmente viciante, que vai prender você!



PRÍNCIPE IMORTAL

Primeiro volume da duologia Príncipe Imortal

Já à venda no formato digital: Amazon.com.br

E SE VOCÊ DESCOBRISSE QUE NÃO É A PESSOA QUE SEMPRE PENSOU SER?

Carol mal teve tempo de se recuperar de um rompimento traumático, e sua vida parece querer dar uma nova sacudida. Enfrentando um momento difícil, sentindo-se triste e vulnerável, ela acaba reabrindo uma porta sombria do passado, trazendo à tona fantasmas que a assombraram durante toda a infância, além dos medos e angústias que ela pensava terem sido superados.

Então Nicolas surge em sua vida de forma repentina, seu novo e misterioso vizinho, sexy e incrivelmente charmoso, com hipnotizantes olhos verdes. Quando pensou que ele fosse sua chance de mudar o destino do qual sempre fugiu, Carol tem uma grande surpresa: é o próprio Nicolas quem a leva mais fundo nesse mundo sombrio, onde ela descobre fazer parte de um plano sórdido de assassinos cruéis com planos maquiavélicos capazes de colocar a vida de todos em perigo. Sem estar preparada, Carol embarca numa terrível missão que a levará a decidir entre a luz e as trevas.

A primeira parte da duologia *Príncipe Imortal* é um romance eletrizante, sobrenatural, apaixonante e cheio de surpresas.

***

Confira também outras obras: AQUI!